THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/seroesrevistamen13unse

N.º 73
JULHO 1911

SERÕES

Museu d'arte. — MIGUEL ANGELO (1475-1564). — Cabeça do «Moysés»

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - G. GLORIA, 5

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

SERÕES

SERÕES

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME XIII

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — Rua Aurea — 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1911

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

CABEÇA DO «MOISÉS»
(Frontispicio) 2

A CHÓLERA NA MADEIRA
(14 illustrações) 3

O INFINITO
(2 vinhetas) por LEONARDO COIMBRA 14

ARTE PORTUGUÊSA *(Illustrações)*
Pôr do Sol — CARLOS REIS 15
Retrato da mãe do autor — CARLOS REIS 36

COISA MÁ
(3 illustrações e 2 vinhetas) por M. C. 17

ASTRONOMIA DAS SENHORAS
(7 illustrações e 2 vinhetas) por AFFONSO DE CASTILHO 25

YANAGHIDANI KWANNON
(9 illustrações) por WENCESLAU DE MORAES 29

OS CÃES
(5 illustrações e 2 vinhetas) por VICTOR RIBEIRO 37

O CONCURSO HIPPICO DE MAIO
(7 illustrações) por F. DE L. 43

O CREDITO, ALAVANCA DA AGRICULTURA
(4 illustrações e 1 vinheta) por R. F. MAYER 48

NOITE DE PANDEGA
(4 illustrações e 1 vinheta) adaptado do inglês por MANUEL DE MACEDO 53

RESENHA PORTUGUEZA
(5 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 63

THEATROS
(2 illustrações) por PORTUGAL DA SILVA 71

PELO MUNDO FORA
(2 illustrações e 2 vinhetas) 74

CHRONICA DA MODA
(4 illustrações e 1 vinheta) 77

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia ——
—— Sciencia
Romance ——
—— Arte
Actualidades —
—— etc. ——

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres
e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

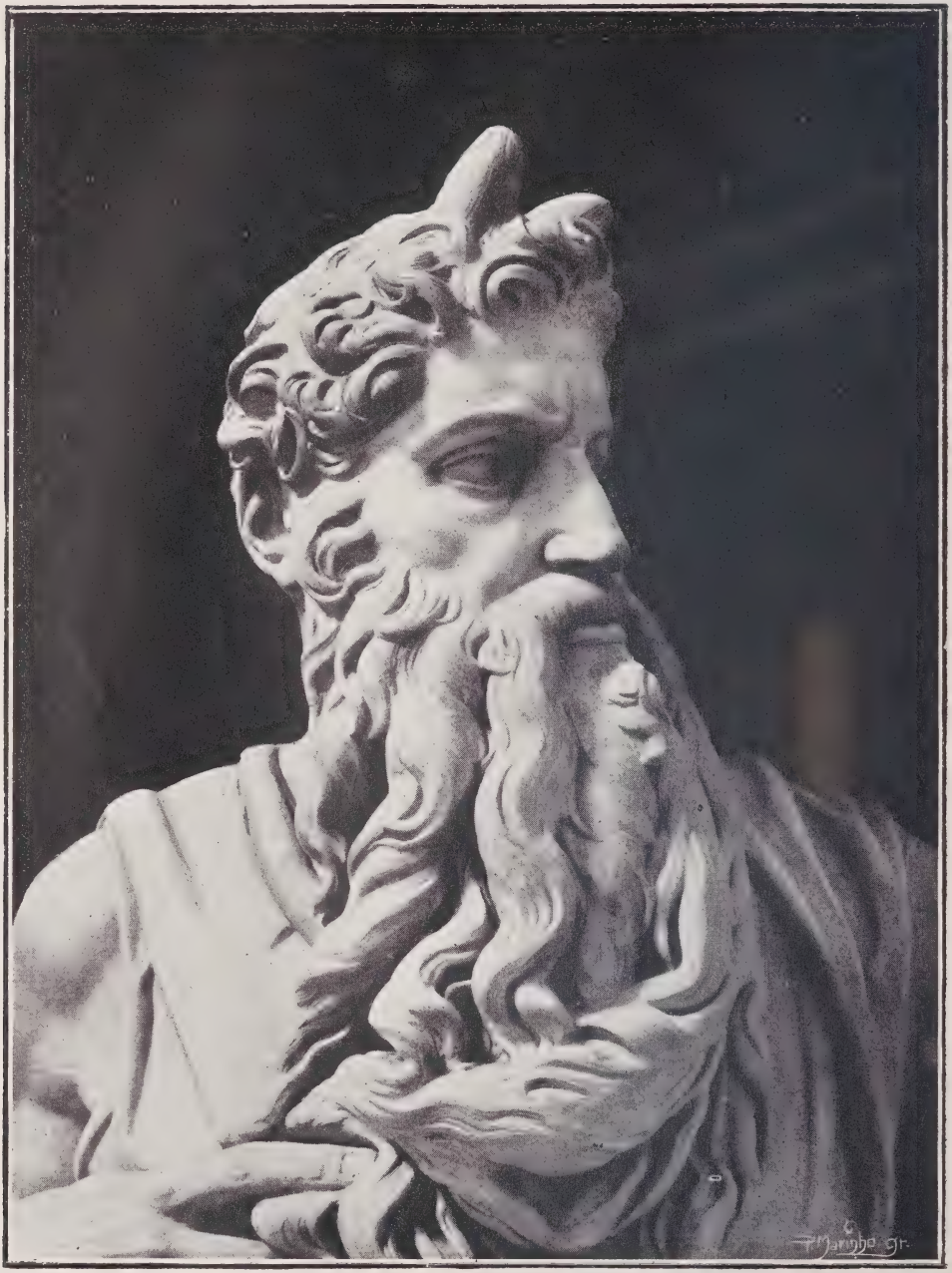
Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 73

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

JULHO 1911



MUSEU D'ARTE. — MIGUEL ANGELO (1475-1564). — Cabeça do «Moysés»

LAZARETO DO FUNCHAL

A chólera na Madeira

A terra e o homem

A entrada no Funchal é uma maravilha: não ha aguas de um azul mais transparente e mais puro, não ha terra tão mimosa como essa montanha de verdes limpos, de casinhas brancas montantes a sorrir entre folhagem.

Diante d'um marchetado de todas as esmeraldas sobre um mar de safiras líquidas pomo-nos a pensar que os habitantes da ilha encantada são os mais felizes da terra, os mais saudaveis e encantados da alegria de vivêr, as almas mais claras nos corpos mais fortes. E comtudo nunca supposição foi mais aventurosa e mais errada: o povo madeirense é fraco, ignorante, supersticioso. Quando descemos da *Senhôra do Monte* nos carrinhos vertiginosos, vemos os pobres guias pararem, e entrarem em algumas tabernas para bebêr alcool que os anime. Esse alcool empana um tanto o prazêr da nossa viagem; lamentamos que o divertimento exija dos desgraçados um esforço tal que só pelo alcool se aguenta. Mas o que não suspeitamos é que seja geral o flagelo, que elle tenha arruinado a velha raça do colono, e que exceda seis milhões de litros o seu consumo annual em toda a ilha! O cavadôr de enxada bebe proximamente uma garrafa de aguardente por dia, e nos campos a ração de alcool é uma clausula do contracto agricola. As consequencias desastrosas apparecem em todos os casos: durante a recente epidemia foram mais flagelados os dois con-

celhos em que é maior o consumo das bebidas *(ponche, grog)* e dos alcoolicos atacados rarissimos escaparam.

O alcool e a deficiente alimentação explicam a creatura franzina em que o vilão se tornou, achando-se de anno para anno, nas juntas d'inspecção aos recrutas, maior percentagem de mancebos sem condições de robustez.

A ignorancia e a superstição vem acabar no moral o abaixamento do homem fisico. Dos 150:500 habitantes da ilha só 15:000 sabem lêr. Na epidemia de 56 diffundiu largamente o morbo uma procissão de penitência, em que a imagem da Senhôra do Monte foi transportada á cidade. Pela mesma época foi a cholera introduzida na freguezia de Ponta Delgada, até então indemne, pelos milhares de devotos da grande romagem ao Bom Jesus. Agora, nos primeiros rebates da epidemia, a familia do doente começava por chamar o padre, o qual, por sua vêz, chamava o medico. Certamente a doença «não era de Deus»: dos homens é que ella era! E que fazêr, senão repôr no seu logar a bandeira «das cinco chagas»? Não teve outro significado o movimento de Machico, o arvorar da bandeira monárquica no forte dessa villa. Dias depois a mesma scena se repetia em Camara de Lobos.

A habitação representa a imagem do atrazo do habitante, e é ainda um factôr da sua decadência. Quando se não reduz a uma lapa, verdadeiro esconderijo de troglodita, é um casalejo terreo, de blocos de basalto cimentados com argila, exteriormente «esbofeteado» a cal, coberto de colmo, geralmente palha de trigo. Portas baixas, janelas acanhadas quando as teem, um unico quarto dividido por um tabique encanastrado, sobre um chão batido na terra estreme. Ahi vive o casal, tendo por unico mobiliario a um canto

TIPO DE CASA DE VILÃO DA MADEIRA

uma camilha para pais e filhos, uma velha arca para roupa e havêres, uma meza e bancos de pinho. A cosinha, independente da habitação, e a esterqueira atrás da casa, em immediata relação com ella, habitualmente.

Não são melhores que as do vilão as condições de vida do maritimo. A industria da pesca é importante. O pescadôr vive numa casa miserável, de pavimento térreo, cada familia em geral num quarto. Os paes teem (nem sempre) uma cama, e os filhos dormem por cima de caixotes, ou deitados pelo chão. Como o vilão, o pescadôr só excepcionalmente sabe escrevêr, fazendo as suas contas por meio de engenhosos sinaes em que teem representação propria os numeros 5, 10, 20, 50, 100, 500, 1000. As outras quantias representam-se todas por combinações d'esses sinaes fundamentaes.

Junte-se agora aos males apontados do definhamento da raça, do alcoolismo, das condições anti-higienicas, da ignorância, da superstição, — uma aguda desconfiança no homem da Madeira, que o leva a suspeitar das intenções mais puras, e calcular-se-á que difficil resulta a missão do médico em occasiões de epidemia, que árdua e brilhante foi a campanha do dr. França, o sabedôr e incansável bacteriologista «que fez maravilhas», na frase expressiva e justissima de um jornal inglês.

As industrias indigenas

O leitôr conhece talvez a delicadêza e o mimo do bordado madeirense. Esse bordado evoca alguma cousa da atmosfera da Madeira. A' porta de uma casa de vilão, uma das nossas gravuras faz-lhe vêr duas bordadeiras. Para cima de 30:000 mulheres se empregam nessa industria, que é de todas a mais importante, ascendendo a muitas centenas de contos o valôr da exportação. Cerca de 600 contos são distribuidos pelas bordadeiras das duas ilhas. Os progressos realizados nos ultimos annos teem sido consideráveis: abandonando os velhos moldes, a industria creou no estrangeiro um mercado seguro para os seus produtos. O commercio dirige-se principalmente para a Allemanha e America do Norte.

Em seguida á dos bordados devem mencionar-se as industrias das obras de verga e a dos embutidos. D'esta ultima é um exemplar artistico a pasta offerecida ao dr. Carlos França pela cidade do Funchal.

Todas estas industrias dão por sua vez o sustento aos *bomboteiros*. *Bomboteiros* são aquellas criaturas gárrulas que ao fundear do paquete o rodeiam de barquinhos, cheios de cadeiras de verga, de cofres de madeira, de bordados, de postaes, chamando-nos a atenção com o caracteristico sotaque do madeirense: «Senhôr, senhôr!», emquanto os rapazinhos nadadôres se atiram á agua límpida, a agarrar no fundo os dezreisinhos que lhes atiramos para o mar. Bohemio, dissipado, palradôr, o bomboteiro ganha bem e melhor o gasta. Vive a crédito, e quando recebe o

PASTA DE MADEIRA EMBUTIDA
OFFERECIDA AO DR. CARLOS FRANÇA

seu dinheiro primeiro paga as dividas, para ir depois sumir o resto na taberna ou no prostibulo.

Esta classe de gente é a que soffre immediatamente e com mais gravidade as consequencias de uma epidemia: fechado o porto, eil-o paralisado o seu commercio ambulante, fugido por completo o seu unico ganha-pão. Por isso foram agora empregados nos serviços de saneamento.

A epidemia

GRUPOS DE HOMENS EMPREGADOS NO SANEAMENTO DA CIDADE

Os progressos da higiene moderna, o apoio das autoridades, a dedicação da classe médica, e a esclarecida assistencia da maioria do clero, coadjuvaram a obra do dr. Carlos França, dando em resultado a differença dos resultados da recente epidemia e os do terrivel flagelo de 1856.

Nesse anno, como se sabe, fez a chólera em Lisboa a devastação que tanto popularizou a figura atraente do rei D. Pedro V. Em Belem, um dos bairros mais atacados, estava aquartelado o batalhão de infantaria 1, que recebeu ordem de partir para a Madeira em 25 de junho. Pouco depois da chegada do batalhão ao Funchal realizava-se a feira annual na praça Academica, feira a que concorreram cerca de 15:000 pessoas, da cidade e das povoações distantes, entre as quaes os soldados recemchegados. Nos principios de julho appareciam os casos de chólera, primeiro em alguns soldados, depois em moradôres das cercanias do Hospital Militar, propagando-se o mal, que em breve se estendeu ás povoações ruraes. Só no concelho do Funchal morreram 2896 pessôas, e 7041 em todo o districto. De 31 de julho para 1 de agosto entraram no cemiterio das Angustias para cima de 300 cadáveres! A differença dos effeitos de então e dos de agora mede o alcance das providencias, o progresso da sciencia e o valôr da bacteriologia.

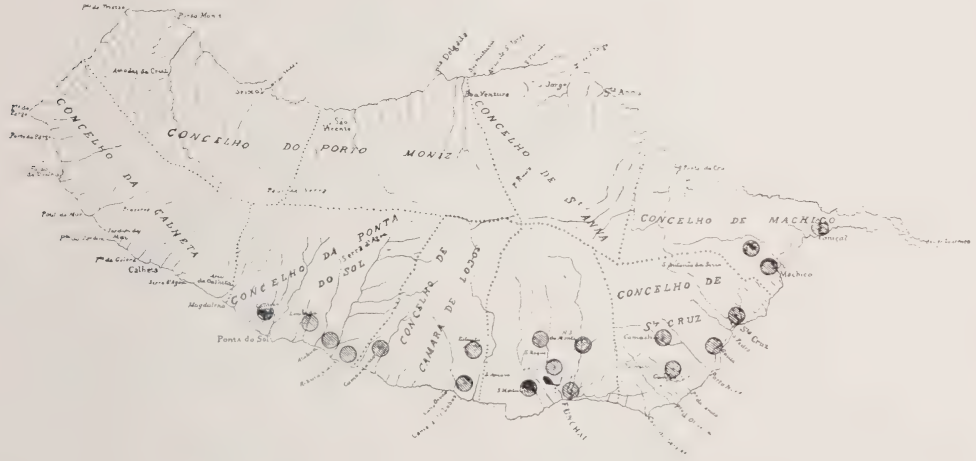
Os primeiros casos que na recente epidemia chamaram a attenção foram os de duas irmãs bordadeiras em fins de outubro. Em 22 de novembro, — data em que chegou o dr. Carlos França, nomeado pelo governo da Republica director dos serviços sanitarios no combate da chólera, — já esta se generalizára na cidade, estendendo-se a dois concelhos ruraes: Camara de Lobos e Machico.

Os recursos para as pesquizas bacteriologicas indispensaveis ao estabelecimento do diagnostico, eram uma positiva desgraça. Num arremedo de laboratorio, com reguladôres que nunca tinham funccionado, aquecidos por gaz que de instante a instante se apagava, os dias passavam-se de uma esterilidade desesperadôra. Finalmente, reparado o gazómetro por um machinista habil, e tendo o dr. Capello ficado no laboratorio durante a noite de 25 para 26 vigiando constantemente a estufa, podia-se no dia seguinte têr a confirmação bacteriologica da epidemia de chólera na Madeira. Proseguiu o dr. França nas investigações complementares, distribuindo-se largamente pela cidade e pe-

los campos uma folha indicativa dos preceitos higienicos de defeza, e pedindo-se aos párocos que lessem essas instrucções aos seus fieis. Para cada uma das 15 zonas em que se dividiu o concelho foi nomeado um subdelegado de saude. Na administração organizou-se a repartição de saneamento, á qual ficavam confiados os varios serviços correlativos, com o transporte de doentes e desinfecções domiciliárias, e emquanto no cemiterio das Angustias se estabelecia um serviço regular de transportes de cadáveres e autopsia de casos suspeitos, o antigo Lazareto era adaptado para servir de isolamento aos casos de chólera e aos contactos. Nos pontos infeccionados instituiram-se postos de re-

SERVIÇO DE DESINFECÇÕES DOMICILIARIAS

visão médica para os contactos não immediatos, e nos concelhos ruraes atacados criavam-se hospitaes em que se pudessem fazêr os isolamentos. O dr. França regulamentou os vários serviços de saude, dispondo tudo de forma que apenas chegasse a communicação de um caso, seguissem para o local os encarregados do transporte de doentes, e logo a seguir uma esquadra de desinfecta-



ILHA DA MADEIRA (OS CIRCULOS INDICAM OS PONTOS ATACADOS)

dôres que beneficiava immediatamente a residencia do cholérico.

Os serviços prestados pelos sub-delega-

PORTO SANTO (OS CIRCULOS INDICAM OS PONTOS ATACADOS)

dos auxiliares de saude foram admiráveis; a sua dedicação breve conseguiu suffocar a epidemia em bairros onde o alargamento era mais de prevêr. A doença só alastrava nas zonas em que se davam casos de sonegação.

Chamam á Madeira «a pérola do Oceano». E a ilha merece-o, o que não impede a existencia dos males que resultam da imperfeição humana. Quem desembarcou no Funchal, tomou apressadamente um sorvête e correu á *Senhora do Monte*, não calcula que a capital da «pérola do Oceano» fôsse uma cidade realmente suja. Contrastes das coisas do mundo. Por isso se impunha uma modificação radical do meio. Os homens que só da navegação se sustentam, lançados á miseria pelo fechamento do porto, foram empregados no saneamento da cidade, e para simplificação dos trabalhos criou-se uma *Repartição dos serviços de saneamento*, dirigida com superiôr dedicação pelo dr. Mello Correia, tendo como attribuições o serviço de saneamento da cidade, o do transporte de doentes e as desinfecções domiciliárias. E assim, a cidade, de immunda que era, tornou-se asseiada e tão limpa que causou a maravilha de nacionaes e de estrangeiros.

A complexa organização adoptada em breve mostrava os seus frutos. O numero dos casos communicados á direcção dos serviços sanitários tornou-se muito maior, começando a sêr hospitalizados muito mais a tempo, e não, como a principio, nos prenuncios da agonia.

Reconheceu o dr. França que eram em grande numero os casos excessivamente benignos que passavam anteriôrmente desper-

SERVIÇO DE REMOÇÃO DE LIXOS

cebidos, — o que explicava não só a rápida expansão do mal, mas tambem a falta de continuidade que se notára nos primeiros casos registados. O combate da epidemia foi orientado de forma a serem hospitalizados todos os casos, ainda os mais leves, até que não revelassem a existencia de vibriões.

A epidemia manifestou-se em 6 concelhos da Madeira (Funchal, Camara de Lobos, Ponta do Sol, Calheta, Santa Cruz e Machico) e tambem em Porto Santo. Para esta ilha, assim como para os concelhos ruraes da Madeira, foi levada por pessôas já atacadas do Funchal.

O que é curiôso, para mostrar a efficácia das medidas, é notar que os concelhos infectados antes de posta em pratica a organização defensiva, apresentaram numero muito maior de victimas.

SERVIÇO DE CONDUCÇÕES

Nos mais tardiamente infectados a mortalidade foi insignificante. Compare-se:

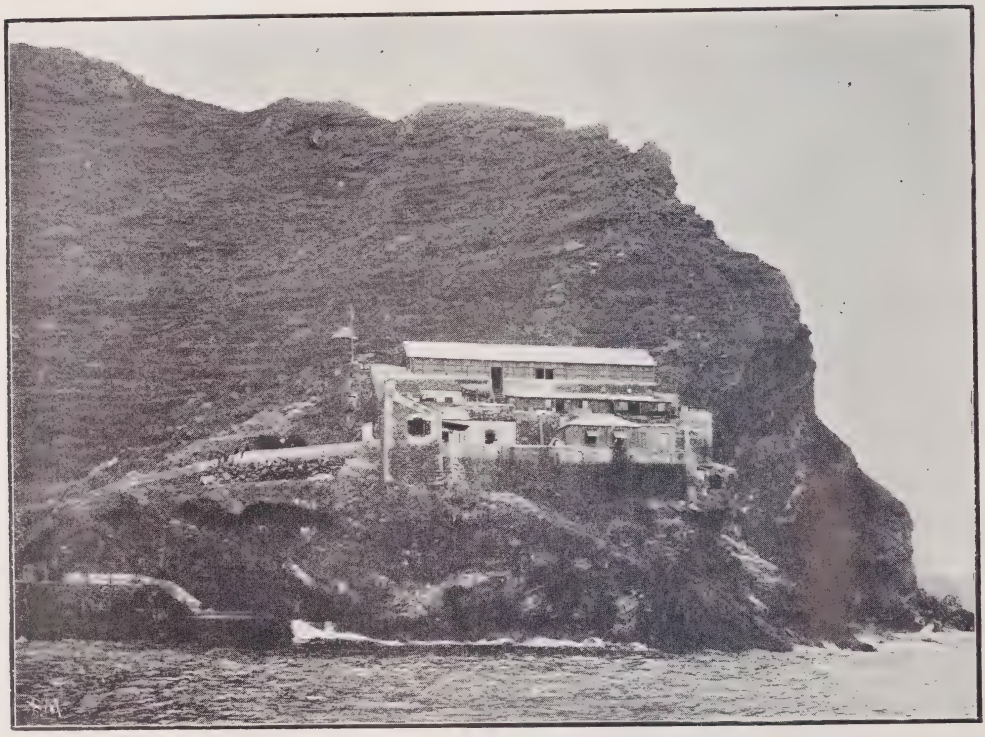
Concelhos	Data da invasão	Casos	Obitos
Funchal.....	Set.	635	210
Cam. de Lobos ..	5 Nov.	513	161
Machico.....	10 Nov.	269	75
Ponta do Sol....	20 Nov.	195	71
Santa Cruz.....	22 Nov.	91	26
Porto Santo.....	22 Nov.	64	13
Calheta.....	19 Dez.	2	—

De todos as partes do districto foi o concelho de Camara de Lobos o que deu mais forte impressão do horrôr de uma epidemia. E' que dos 513 casos que houve no concelho a quasi totalidade succedeu numa freguezia — a de Camara de Lobos, — onde 35 % dos habitantes foram atacados. *A violencia do mal explica-se pelas desgraçadas condições higienicas da vila.* Casas houve em que morreram todos os habitantes! O serviço de saneamento foi perfeito, consistindo na beneficiação das casas pobres, no esgotamento dos poços e sua desinfecção, na limpêza de ruas, na construcção de retretes publicas com canalização para o mar e cuidadosamente desinfectadas. Organizou-se um serviço de visitas domiciliárias para surpreender casos sonegados, tornou-se obrigatorio o internamento hospitalar, e o vigario de Camara de Lobos, pelo pulpito, foi um auxiliar prestantissimo na propaganda activa dos preceitos higiénicos.

O terceiro concelho invadido foi o de Machico. Ahi instalou o dr. França um pitoresco hospital no forte do Caes, em uma ponta de rocha batida pelo mar. Pode vê-lo o leitôr em uma das nossas gravuras. Difficuldades de toda a ordem atrazaram a construcção do hospital, devendo dizêr-se que á indolencia natural do madeirense accrescia a proximidade do Natal — a *festa* — época em que toda a gente se esquiva a trabalhar.

O valôr do asseio na defeza contra as epidemias revela-se impressivamente a cada passo. A freguezia de Agua de Pena está parte no concelho do Machico, parte no de Santa Cruz. Ora, emquanto na parte Ma-

chico se registavam varios casos, não se recebia communicação de novidade alguma em Santa Cruz. A circumstancia era de intrigar e levantar suspeitas: certamente haveductôr da mala postal fazia serviço entre uma povoação infectada e outra ainda indemne. Succedeu ter o dr. Caniço denuncia de que o homem, a seguir a uma embria-



UM HOSPITAL IMPROVISADO EM MACHICO

ria sonegações neste concelho. As visitas domiciliárias dos drs. Pereira, Porto e Plácido explicaram as coisas: separadas por um ribeirinho, estão de um lado casas sujissimas do concelho de Machico, da outra margem casas muito limpas pertencentes a Santa Cruz.

Com um barracão de madeira improvisou-se um hospital em Ribeira Brava, concelho de Ponta do Sol, montando se ao lado para servir de enfermaria de contactos um pavilhão que pertencia aos Sanatorios; outro se criou na Lombada, num antigo palacio do Conde do Carvalhal. Desse velho palacio e da sua bella posição, assim como do barracão de Ribeira Brava, dão idéa as nossas gravuras.

A pratica mostrou a existencia de um perigo a que se tratou de remediar. Foi o caso que no concelho de Santa Cruz, o conguêz que apanhára, tivera desarranjos intestinaes. Observou-o, e apezar de o encontrar de bello aspecto, sempre se resolveu a internal-o até que chegou o resultado da análise bacteriologica das fezes. Tendo provado o exame a existencia da chólera foi o homem para o hospital de Santa Cruz, até que desapparecessem os vibriões. Este acontecimento fez adoptar para o futuro medidas tendentes a evitar que a doença fôsse propagada pelos conductôres de malas postaes.

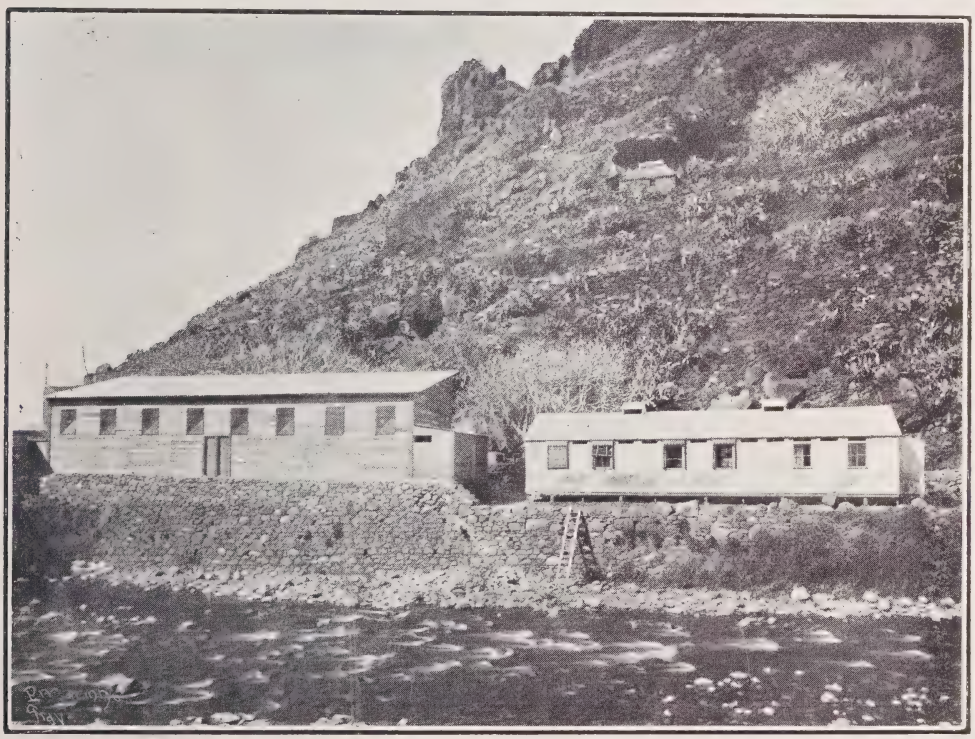
Em Porto Santo, onde, como em todos os concelhos, a epidemia foi importada do Funchal, encontrou o dr. França uma população extraordinariamente inteligente e dócil. As medidas fôram executadas com grande previsão, a defeza individual muito bem compreendida, e por isso a debelação muito rápida.

Uma das nossas gravuras mostra uma planta da ilha, em que por circulos negros se indicam os pontos atacados. A mesma cousa pode o leitôr vêr na planta da Madeira.

No concelho da Calheta apenas dois casos se deram. Este concelho, que tanto soffrêra em 56, deveu a sua quasi indemnidade ás justas medidas que se tomaram. Estabeleceu-se na extremidade leste um cordão sanitário; dos cinco portos de mar do concelho apenas dois ficaram abertos, communicando só com o Funchal pela necessidade de se abastecerem os habitantes de generos da capital do districto: de resto, as medidas ahi tomadas davam confiança ás autoridades do concelho. Os passageiros ao desembarcar eram observados e mudavam completamente

classe piscatória o communicar com barcos dos logares sujos.

Apezar do escasso material, e de só a 19 de dezembro o dr. França têr recebido uma estufa indispensavel, fôram feitas 1071 análises de fezes, das quaes 600 de contactos immediatos, (pessôas da familia dos doentes e enfermeiros). Desses contactos 37 revelaram o vibrião da chólera, ou sejam 6 $^{0}/_{0}$. Verificou-se que é demorada, muito demorada mesmo em alguns casos, a permanência do vibrião no intestino dos convalescentes. Num doente do hospital de Camara de Lobos o vibrião persistiu durante 5 semanas, a despeito da frequente ministração de antisepticos. Não se deve pensar em libertar o doente sem que a análise prévia das fezes indique essa medida: seria pro-

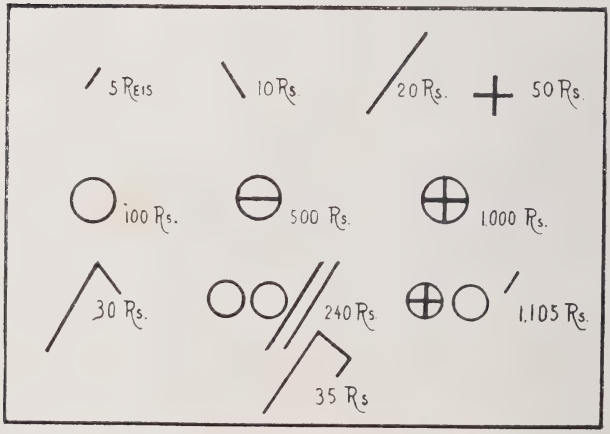


HOSPITAL IMPROVISADO EM RIBEIRA BRAVA

de vestuario, que era desinfectado; durante oito dias soffriam revisão medica e beneficiava-se cuidadosamente a sua bagagem. Foi prohibida aos vendilhões ambulantes e á

longar indefinidamente uma epidemia. Os contactos porta-vibriões não accusam muitas vêzes a minima perturbação intestinal. Em mais de uma occasião se transferiu o

HOSPITAL DA LOMBADA DO PORTO DO SOI



CONTAS DE PESCADOR DA MADEIRA

porta-vibrião da zona dos contactos para a enfermaria dos doentes, em virtude do resultado positivo do exame microscópico, e succedia occorrêr um ataque de chólera immediatamente a seguir á ordem de transferência. Este facto impressionava muito o pessoal, contribuindo para lhes radicar a confiança nas indicações do laboratório.

Ahi está, muito succitamente indicada, a maneira como se conseguiu debelar a epidemia. A obra do dr. Carlos França teve da parte das autoridades e da população madeirense o apreço e o reconhecimento que merecia. Esse reconhecimento revelou-se em actos da maior significação, e traduziu-se em signaes visiveis no offerecimento, pela cidade, da linda taça e da pasta que as nossas gravuras representam, e por parte do districto no de uma salva Luiz XV. Não sabemos se esses factos tornarão devidamente apreciado no paiz esse indefesso scientista, que elle mal conhece e que tanto o honra.

TAÇA OFFERECIDA PELA CAMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL AO DR. CARLOS FRANÇA

O Infinito

(Ao José Mendes Cabeçadas Junior)

O infinito matematico, á primeira vista simplesmente formal e de convenção, não terá raizes na realidade e não será proximo parente do infinito metafisico? Eis um problema interessante n'um periodo em que os filosofos da matematica são uns pela *convenção comoda* (1) (Poincaré), outros pelo absoluto logismo (Couturat). Por outro lado é a entrada triunfante da matematica na estructura das outras ciencias, que lhes dá a suficiencia arrogante com que, suppondo-se exaustivas do real, negam a metafisica.

Procuremos o sentido da formula $\frac{a}{0} = \infty$.

A consideração, em si, dos dois termos do quebrado $\frac{a}{0}$ nada poderia dár. Com effeito: dividir uma quantidade por nada, nada significa. Para que a esta expressão se encontre um sentido é preciso que, sendo *a* um numero, seja *o* um limite inatingido e inatingivel. Então o quebrado indica que o *a* vae sendo dividido por quantidades indefinidamente decrescentes, dando quocientes indefinidamente crescentes. Não indica $\frac{a}{0} = \infty$ a egualdade de duas quantidades, mas a correlação *necessaria* de dois factos (2) envolvendo já o infinito, pois nem d'outra forma ele poderia aparecer.

Onde estava esse infinito? Na continuidade do denominador.

E onde essa continuidade? Será acto de pensamento? Não, porque pensar é determinar. Será a afirmação da actividade sintética do pensamento? Não. Em primeiro logar o continuo é inexgotavel pelo numero. E o proprio numero carece do tempo ou do espaço, ou, fazendo a distinção bergsoniana do tempo concreto e do tempo *espacialisado*, carece do espaço.

A continuidade pertence, pois, ao espaço, ou seja á intuição. A omnipresença do Sêr é a garantia unica da continuidade intuitiva. O real introduz-se pela continuidade (e assim introduz o Sêr de duas maneiras — pela actividade do espirito e pela resistencia da intuição) na mais pobre e afastada das ciencias.

A metafisica é invulneravel e nenhuma abstração a consegue arredar de todo. E nem d'outro modo podia ser: os estados, os actos, os modos são efeitos da actividade omnipresente da creação. A garantia do infinito matematico é, pois, o infinito real. Mas bem insignificante seria esse infinito se o não conseguissemos penetrar de moralidade. Então já não seria o infinito, mas Deus.

Seguindo o caminho já percorrido para achar a substancia do infinito matematico deveriamos procurar na continuidade do facto moral a existencia da absoluta moralidade. Mas a quantidade deu-nos o infinito, porque pertencia á intuição. E' a moral um

(1) A teoria da convenção comoda é muito interessante, mas representa uma primeira étape em qne o espirito não pode parar: E' assás empirica, ainda.

(2) Factos matematicos, da ordem do inteligivel.

CARLOS REIS — Pôr do sol

facto da intuição? Não. E' um sêr da Razão? Não. E' diferente e, abrangendo intuição e Razão, é uma *afirmação de sêr*. Kant distinguiu muito bem entre a intuição e a Razão, mas retirando o noumeno para fora da experiencia scindiu esta e tornou aquele uma duplicação ineficaz. E' na *afirmação de sêr* que se encontra a verdadeira unidade da creação e do creado, da Razão e da intuição, do fenomeno e do noumeno.

A moral não é um dado, mas uma aspiração da Razão a dominar a intuição, do amôr a penetrar as almas, da liberdade a procurar liberdades. E' um facto, não da forma dos outros factos fenomenaes, porque é a creação. E é um facto que aparece excedendo-se e exaltando-se, que se afirma quebrando limites e formulas. Este crescimento moral tem a sua razão unica n'uma *plena* finalidade moral do Universo, isto é, em Deus.

Com efeito: ou o facto moral é um epifenomeno ou um fenomeno.

Qualquer teoria, epifenomenista faltando ao principio da razão suficiente, não faz sentido como explicação. E' um curioso apelo do absoluto determinismo ao milagre salvadôr.

O facto moral é uma afirmação que carece de razão suficiente. Esta pode ser procurada no mecanismo ou no finalismo da vida. O mecanismo tem contra si a possibilidade da indução (Lachelier) e o recurso vergonhoso ao acaso.

O finalismo tem apenas contra si o grosseiro empirismo dos que dão realidade absoluta ao tempo (1) e o receio cauteloso e justo das explicações preguiçosas. O mecanismo é absurdo e, na explicação da moral, serve-se ás escondidas do finalismo. A convergencia das vantagens da seleção e a convergencia de felizes atavismos implicam um finalismo oculto mas eficaz. E o primeiro gesto moral? E' obra do acaso? Milagre.

Resultado de certos arranjos bio-fisico-quimicos? Que de finalidade!!!

A finalidade (não o grosseiro empirismo d'uma causa temporal, actuando antes de existir) e só a finalidade explica o facto moral.

A finalidade ideál da perfeita beleza, do puro amôr, imanente e suspendendo da sua atração a harmonia d'um universo amante. Sim. Só a finalidade perfeita é a verdadeira finalidade. No sentido moral só o infinito amôr póde ser razão intrinseca da ascenção moral, porque só ele é o verdadeiro amôr.

Aqui o limite é a negação.

E tanto que no proprio homem a moral é esforço e não acto, aspiração e não quietitude, excesso continuado do eu creador sobre o eu creado. Todo o universo é suspenso da palavra de Deus, que é essa finalidade d'amôr que o ergue e sublima. Todo o universo é confusão e treva, porque as almas se ignoram ainda, e raras procuram o sentido da vida no esforço moral.

---

(1) E' do tempo extensão que se trata.

Porto, 3 de março de 1911.

LEONARDO COIMBRA.

Coisa má!

ASNEIRAS! atalhou o Silva. Já se vê que deve de ter morrido gente, na tal casa, nem ha predio em que não morra. Lá quanto ao taes ruidos — vento a soprar pela chaminé, ratos nos fórros, são argumentos convenientes para pessoas nervosas, concordo. Dá-me dahi outra chicara de chá, Motta.

— O Costa e o Seabra estão em primeiro logar, obviou o Motta, e tu já te lambeste com duas.

Passava isto num club, cujo nome pouco importa, e que não fazia differença apreciavel de outro qualquer.

O Costa e o Seabra foram engulipando o seu cházinho, com lentidão irritante. estabelecendo pausas entre gole e gole, afim de melhor lhe saborear o aroma, e para destrinçar o sexo e a data dos *intrusos*, a boiarem em relativa abundancia na beberagem. O amigo Motta ia-os desterrando para a borda da chavena, e depois, voltando-se para o enrabujado amigo Silva, pediu-lhe com brandura que tocasse a campainha, para trazerem agua a ferver.

— Far-se-á o possivel para que o prospero estado actual dos nossos nervos não sófra alteração, observou. Eu, por mim, a respeito de coisas sobrenaturaes não sou peixe nem carne. — Nem acredito, nem deixo de acreditar.

— O mesmo acontece a toda a gente que tem caco; sentenceou o amigo Costa. — Tive uma tia que viu uma vez um espectro.

O Seabra aprovou com a cabeça.

— Tambem tive um tio a quem aconteceu outro tanto; confirmou.

— São sempre vistos por terceira pessoa, já se sabe.

— E caso é que o predio para ali está, um casarão com uma renda baratissima, e não ha quem lhe pegue. Tem lá morrido, uma pessoa, pelo menos, de cada familia que lá tem morado — por pouco tempo, até — e desde que está devoluto, dos proprios individuos, incumbidos de o guardar, nenhum tem escapado, até hoje. O ultimo, espichou a canella haverá uns quinze annos.

— Isso é dos livros. O tempo, justamente, que convêm para que a lenda vá tomando corpo, sentenceou o amigo Silva.

— Pois sim, mas aposto uma libra que não eras capaz de ir lá ficar uma noite, sósinho, apezar dessas chibanças, atalhou de golpe o amigo Seabra.

— E dois! accudiu o amigo Costa.

— Lá isso não, replicou o Silva.

— Não acredito em almas do outro mundo, nem nas coisas sobrenaturaes, mas admito que não me atreveria a ficar lá, de noite, sósinho.

— Mas por quê? preguntou o Seabra.

— Por causa do vento que entra pela chaminé, commentou o Costa, sarcastico.

— E dos ratos nos fórros, completou o Motta.

— O que vocês quiserem, respondeu o Silva, com um riso amarélo.

— Olhem lá, e se nós fôssemos todos lá ficar? propôs o Motta. Saímos daqui, depois da ceia, ahi pela volta das onze. Ha dez dias que andamos aos paus, sem sombras de uma aventurazinha, — não metendo na conta aquella descoberta do Silva, que a agua estagnada não cheira a rosas. — Sequer ao menos, sempre será uma variante, e se conseguirmos quebrar o enguiço, sobrevivendo todos quatro, o dono do predio não deixará de fazer a sua acção, presumo eu.

— Não seria mau palpitarmos primeiramente o sujeito, ponderou o Seabra. — Não tem graça nenhuma ir passar uma noite numa casa deshabitada ha tanto tempo. Vejamos, antes de tudo, se na casa apparece, ou não, coisa má.

Tocou a campainha, e mandou o criado perguntar ao porteiro do predio, que ficava defronte, requerendo-lhe, aliás, em nome da humanidade, que dissesse se era verdade, para não expôr quatro mancebos esperançozos a perder uma noite num predio, em que não havia probabilidade de apparecerem fantasmas, ou lobis-homens. A resposta foi satisfatoria. O criado, porém, é que sempre lhes foi lembrando, que não deixaria de ser prudente saldarem a continha do mês passado, antes de se arriscarem a tão perigoza aventura.

— Lá que os senhores levem o caso de pandega, não é para admirar, mas façam de conta que... uma comparação: vão dar com os senhores, todos quatro, sem vida, amanhan de manhan, quem é que responde pela continha atrasada? Ha morrer e viver.

— Mas quem foi o ultimo que lá morreu? indagou o Silva, com um risinho incredulo.

Um vagabundo, foi a resposta. Foi lá dormir, ao cheiro de ganhar uma aposta de cinco tostões, e ao outro dia de manhan fôram encontrá-lo morto, pendurado na grade, que serve de corremão á escada.

— Suicidio, affirmou o Silva. Enlouqueceria com o susto.

O criado fez um signal de acquiescencia.

— A policia, pelo que ouvi, foi da mesma opinião, disse elle, mas consta que, quando para lá entrou estava em seu perfeito juizo. Que eu, conhecia-o de vista, ha muito tempo. Mas, se querem que lhes diga, não era eu que ficava lá sósinho uma noite, nem que me pesassem a oiro.

E repetiu a afirmativa no acto de elles abalarem para a projectada expedição.

Demoraram-se ainda um bom pedaço, a commentar o caso e a ouvirem o creado contar episodios, referentes a almas do outro mundo, dos quaes, pelos modos, o sujeito possuia amplo reportorio, até que despediram por ali fora, em direitura ao predio em questão.

— A final de contas não será estopada, e asneira, ainda por cima, o arriscarmo-nos a perder a noite, sem graça nenhuma, só para convencer o Silva de que apparecem almas do outro mundo? observou o Motta.

— Vamos trabalhar em favor de uma boa causa; e tenho um palpite de que vamos ser bem succedidos. Não te esquéceste das vélas, Costa?

— Trouxe duas, foi a resposta; — não havia mais disponiveis.

A lua estava encoberta, e o ceu muito toldado de nuvens.

A entrada para o predio era por um quintalorio, e elles lá fôram, aos tropeções, na escuridão, até darem pela porta.

— E deixámos nós as nossas ricas caminhas, tão fôfas e quentinhas, para virmos passar toda a santa noite, de vela, e sabe Deus como, lamuriou o Seabra outra vez. Esperem ahi, deixem-me ver; a tão apetecivel residencia sepulcral fica á mão direita, não é isso?

— E' mais para além, se me não engano, affirmou o Motta.

Fôram andando, mais um pedaço, numa calada, apenas interrompida, de vez em quando, pelo tributo prestado pelo Silva á brandura, ao aceio, ao conchêgo do almejado leito, que mais e mais ia recuando na distancia. Guiados pelo Motta voltaram á mão direita, até que lobrigaram o portão.

O predio estava todo elle escondido pelas arvores e a vereda que lá ia dar, obstruida pela vegetação mal tratada, a invadi-la. Com o Motta á frente lá se foram orientando, até que desembocaram em frente do corpo avançado, no qual se recortava o portão.

— Nas trazeiras ha uma janéla, vamos a ver se por lá poderemos entrar, conforme

me disse o creado, observou o Costa quando os deteve o portão.

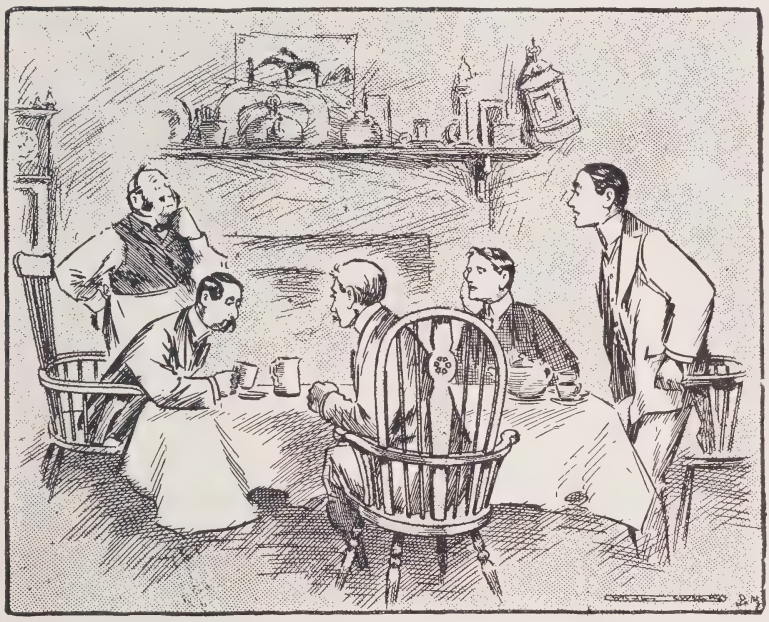
— Janéla? disse o Motta. Qual historia. Façamos as coisas em termos. Onde está a aldrava?

Procurou-a ás apalpadelas e bateu um tá-rrá-tá-tá, trovejante, na porta.

— Não te ponhas com brincadeiras, resmungou o Silva, azoado.

— Os criados fantasmas, a estas horas estão ainda ferrados no somno, affirmou o Motta, muito serio; mas tenciono acordá-los antes de me medir com elles. Para espectros que se prezam, é um procedimento escandalozo, deixaremnos estar para aqui, ás escuras, a rapar frio.

Tornou a vibrar a aldrava, e o estrondo fez éco no vacuo da casa erma, e incontinente, soltou uma praga pouco orthodoxa, estendeu os braços e avançou, aos tropeções.



ASNEIRAS, ATALHOU O SILVA, JA' SE VÊ DEVE TER MORRIDO GENTE, NA TAL CASA

— Ora, sêbo! estava aberta, exclamou, com uma resonancia algo esquisita na voz. — Venham dahi.

— Não acredito que o estivesse, contraveiu o Costa, recuando. E' alguem que se está divertindo á nossa custa.

— Asneira! replicou o Motta, impaciente. Dêem-me cá uma véla. Obrigado. Quem me dá um fosforo?

O Silva sacou da caixinha e acendeu um, e o Motta, defendendo a luz com a mão, abriu o caminho pelo corredor, até á escada.

— Um de vocês que feche a porta, intimou; por causa da corrente de ar.

— Está fechada, disse o Seabra, esguelhando os olhos para todos os lados.

O Motta agarrou a barba entre os dedos — Quem foi que a fechou? indagou elle, olhando fito, para cada um dos companheiros, alternamente. — Quem foi o ultimo que entrou?

— Fui eu, disse o Costa, mas não me lembro de a ter fechado — e dahi, talvez que fôsse.

O Motta, ia para falar, mas reconsiderou, e, attento a defender a luz, procedeu a explorar o edificio, levando os outros na trela. As sombras, a dansar pelas paredes e como que a esconderem-se pelos cantos, á proporção que elles iam avançando.

Lá no fim do corredor toparam com outra escada, fôram subindo, de vagar, e assomaram ao primeiro andar.

— Cautéla! — recommendou o Motta quando alcançaram o patamar.

Avançou a véla, a braço tendido, e mostrou o sitio onde estavam partidos os balaústres do corremão. Depois espreitou, curioso, o vacuo, por ali abaixo.

— Foi aqui que se inforcou aquelle pobre diabo, supponho eu, disse, pensativo.

— E's dotado de um espirito doentio,

observou o Seabra, quando iam andando.— O casarão é já sufficientemente sinistro, sem que estejas a recordar lances tétricos. Vamos a ver se encontraremos um quarto qualquer, mais commodo, onde possâmos saborear uma pinga de genebra e fumar o nosso cachimbo, á espera do que der e vier. A vocês que lhes parece esta?

Abriu uma porta, lá ao fundo do corredor e patenteou-se-lhes um recinto quadrado. O Motta entrou adiante, com a véla, e derretendo um pedaço do topo, pegou-a na pedra do fogão. Os outros sentaram-se no sobrado, e puseram-se de atalaia. O Seabra sacou do bolso uma garrafa de genebra e um copo de fôlha.

— Mau! Lá me esqueceu a agua, exclamou.

— Isso arranja-se, disse o Motta,

Deu um puxão, com força, ao cordão, e retiniu, lá ao longe, da cozinha, o tintinar de uma campainha. Tornou a tocar.

— Não te ponhas com asneiras, atacou o Silva, incanzinado.

E o Motta a rir. Foi para te convencer, respondeu joco-serio. Quer sim quer não, sempre haverá, na cozinha, ou na copa, o fantasma de um creado,

O Silva ergueu a mão a impôr silencio.

— Ouviram? Virá alguem?

— Ouçam lá, exclamou o Silva, de chofre.— Eu por mim não acredito em espectros, mas os nervos não obedecem ao arbitrio de cada um. Podes rir á vontade, mas iria jurar que ouvi abrir uma porta, e uns passos a subirem a escada.

Veiu afogar-lhe a voz uma salva de gargalhadas.

— Vae-se chegando, não ouviram, disse o Motta, com um frouxo de riso. Verão que daqui a nada está tão crente como qualquer de nós. Mas deixemo-nos de contos. Quem é que vae buscar agua? Vaes tu, Silva?

— Eu não.

— Se é que a ha, talvez não seja muito prudente bebê-la. Deve de estar choca, ha tanto anno! — Adeus! Passa-se sem ella!

O Motta cabeceou, assentindo, e, sentando-se no chão, estendeu a mão para receber o copo.

Acenderam os charutos, uns; os outros, o cachimbo e o cigarrinho, e o aroma desinfectante do tabaco atulhou o recinto. O Costa trouxe a lume um baralho de cartas, e dali a pouco a algazarra e as gargalhadas estrugiram no recinto e esmoreceram lentamente, lá ao longe, na vastidão dos corredores.

— Isto de casas vasias incute-nos sempre a impressão de termos uma voz cavernoza. Observou o Motta.— Eu, ámanhan...

Deu um pulo e soltou uma exclamação reprezada, ao apagar-se-lhe a luz, de repente, e ao sentir uma pancada na cabeça.

Os outros puseram-se a pé, de um salto. O Motta deu uma gargalhada.

— Foi a véla, exclamou; — não a peguei com segurança.

O Silva acendeu um fosforo, tornou a acender a véla, pegou-a com mais cuidado, na pedra da chaminé, sentou-se no chão e pegou no baralho.

— Que ia eu dizendo? preguntou o Motta — Ah! já sei; eu, amanhan.....

— Escutem! segredou o Seabra, filando-lhe a manga do casaco, Palavra! figurou-se-me ouvir uma gargalhada!

— Oiçam lá! accudiu o Silva; e se nós nos safassemos — vocês que dizem? A respeito de experiencias, estou satisfeito. Fantasío ouvir tambem o que quer que seja, assim a modos de uma rastolhada esquisita, pelo corredor. Bem sei que é fructo da imaginação, mas hão de concordar que é desagradavel a valer.

— Se te queres pisgar ninguem te péga, replicou o Motta.

Eu, no teu logar, pedia ao inforcado que me desse a mão para descer a escada.

— Vae lá fóra ver: lhe disse o Motta, piscando o olho aos outros dois.— Apósto que não és capaz de ir lá a baixo, ao atrio, e voltar, sósinho

O Silva voltou para trás, e debruçou-se para acender o cachimbo na véla.

— Sou nervozo, confesso, mas razoavel, afirmou baforando uma nuvenzinha de fumo. Os nervos dizem-me que anda o que quer que é a cirandar, para cá e para lá, no corredor, e a razão affirma-me que é disparate.

Onde está o meu baralho?

Voltou a sentar-se, e tomando as cartas, pôs-se a observá-las, e jogou.

E' a tua vez, Seabra, disse elle, em seguida a uma pausa.

O amigo Seabra não deu signal de si.

— Está a dormir; ora esta! disse o Motta. Acordas, ou não, minha azemola, és tu que jogas.

O Costa, que estava sentado ao pé delle, agarrou no braço do dorminhoco e abanou-o com força gradual; o Silva, porém, com as costas encostadas á parede, e de cabeça caída, não buliu, sequer.

O Motta berrou-lhe ao ouvido e depois voltou-se para os amigos, algo intrigado.

— Está a dormir como um porco, esta empada, disse elle, ainda cá estamos os três, para fazermos companhia uns aos outros.

— Pois já se vê; interveiu o Costa:

A não ser que... Santo Deus! Supponham....

— Atalhou-se, e olhou para elles, successivamente, de olhos esbogalhados e a tremer.

— Suppôr quê? perguntou o Motta.

— Coisa nenhuma, gaguejou o Costa. Vamos acordá-lo. Prega-lhe outro safanão. Seabra. O' Seabra!...

— Não vae lá! observou o Motta, muito serio; — um somno assim não é natural.

— Estava a pensar isso mesmo, concordou o Costa; e *elle*, se ferrou no somno, a este ponto, por que é que nós não havemos de...

O Motta pôs-se a pé, de um pulo.

— Asneira! exclamou, zangado.

— Está cançado; eis o que é. Mas espera ahi, carregamos com elle em charola e pômo-nos a andar. Pega-lhe tu pelas pernas e o Silva que vá adiante, com a véla, para nos alumear. *Que é? Quem está ahi?*

Olhou rapido para a porta. — Pareceu-me que ouvi bater alguem, afirmou com um riso contrafeito. Vá, Silva, toca a carregar com este trambolho — Uma, duas — *Costa! ó Costa!*

Acudiu-lhe tarde; o Costa, com a cara escondida nos braços, tinha rebolado pelo chão, ferrado no somno, e os esforços do companheiro foram baldados para o acordar.

— Está... de todo! Dorme como um cêpo! gaguejou! Ora se ha!

O Silva, que tirára a véla de cima do fogão, ficou-se pasmado para os dorminhocos, a entornar o cebo no soálho.

— Mas isto assim é que não está a ca-

O SILVA, QUE TIRARA A VÉLA DO FOGÃO, FICOU-SE PASMADO PARA OS DORMINHOCOS

lhar, disse o Motta. Toca a safar daqui para fóra! Depressa!

O Silva hesitou.

— Mas o que não podemos é deixá-los aqui... observou.

— Que remedio, accudiu o Motta, em tom estridulo. — Eu, cá, se tu adormeces, pirome... — Anda dahi, depressa!

Filou o outro pelo braço e tentou puxá-lo para o corredor. O Silva sacudiu-o de si, tornou a pegar a véla na pedra do fogão, e tentou acordar os dorminhocos.

— Não vae lá, exclamou, e desistindo,

pôs-se a considerar o Motta. — Não adormeças, tu, tambem, exclamou, atrapalhado.

O Motta abanou a cabeça, e ficaram ambos calados, e muito pouco á vontade. — Pelo sim, pelo não, sempre vou fechar a porta, disse por fim o Silva.

Foi-se á porta e fechou-a devagarinho. Incontinente, sentiu barafustar o que quer que era, por detrás de si, voltou-se e viu o Motta feito num feixe, junto á lareira.

Estacou, inerte e sem poder tomar a respiração. Cá dentro, a véla latejante, com a corrente de ar, patenteava diffusamente as attitudes grotescas dos três dorminhocos. Lá fóra, a imaginação escandecida pintiparava-lhe um desasocêgo extranho e como que a furto. Tentou assobiar, mas tinha a bôca sêca, e, com um movimento automatico, debruçou-se, e entrou a recolher as cartas que juncavam o sobrado.

Abaixou-se, uma ou duas vezes, e pôs-se á escuta, de cabeça baixa. O desasocêgo, lá fora, dir-se-ia ir augmentando; ecoou, vindo da escada, um estalejar um tanto rijo.

— Quem anda ahi? gritou com ancia.

Cessou o estalejar. Arremeteu para a porta, e abrindo-a, de repelão, enfiou pelo corredor. Com a investida dir-se-ia ter-se-lhe aplacado o susto.

— Appareça, quem quer que é!

— Vá! Muitos ou poucos!

— Mostrem essas carrancas!

— Para que se escondem?!

E tudo isto com uma gargalhadinha engasgada.

Cascalhou outra vez e foi andando; e o montão dos dorminhocos, ao pé do fogão, a espicharem a cabeça, como kagados, e a escutarem, aterrados, as passadas a affastar-se.

Apenas quando o ringir das botas se esvaíu, lá ao longe, fôram serenando as fisionomias dos trépidos escutantes.

— Santo Deus, Motta, démos com elle em doido, segredou o Seabra, a tremer. Se nós fôssemos atrás delle?

— Nada de resposta. O Motta pôs-se em pé, de um pulo.

— Não ouviram? exclamou. E agora, deixem-se de brincadeiras; a coisa vae estando séria, ó Costa, ó Seabra! Vocês ouvem ou não?!

E debruçou-se a considerá-los, entre assustado e furibundo. — Farçantes, proferiu, com a voz a tremer. — Cuidam que me assustam, esperem por isso!

Largou-os de mão e foi indo, com assumida chibança, até á porta. Atreveu-se a transpô-la, e pôs-se a espreitar por uma greta, mas os dorminhocos nem sequer boliam.

Varou com a vista a escuridão caliginoza, e tornou a enfiar para o quarto, como um foguete.

Espécou-se a considerá-los pelo espaço de segundos. Era lobrego, pavorozo o silencio daquella casa; nem sequer os ouvia respirar. Com resolução subita, sacou a outra véla de cima do fogão e chegou a luz aos dedos do Seabra. Depois recuou atonito e tornou a ouvir as passadas.

Todo elle num tremor e de véla em punho, pôs-se á escuta. Voltou a ouvir as passadas a subirem a escada, mas quando accudiu á porta, cessaram de golpe. Deu umas passadas pelo corredor, e os passos a ringirem pelos degraus, e depois a choitarem pelo corredor do pavimento inferior. Retrocedeu para a escada central, e tornaram a cessar as passadas.

Ficou-se para ali, um pedaço, debruçado no corremão, á escuta e tentando furar com a vista a escuridão, lá em baixo; depois, devagarinho, pé ante pé, foi descendo por ali abaixo e, erguendo a véla acima da cabeça, espraiou a vista em redor.

— Ó Silva! clamou. Onde estás?

A tremer como um vime seguiu pelo corredor, e, fazendo das fraquezas forças, foi empurrando portas e espreitando a medo para quartos vazios. De repente, eis que sente as passadas em frente de si.

Foi indo devagarinho, com receio de apagar a luz, até que o som das passadas pregou com elle na immensidade de uma cozinha, nua de todo e com as paredes a escorrerem humidade, e o soalho em pessimo estado. Defronte de si, uma porta dando para um quarto interior, fechara-se, de repente. Investiu para ella, abriu-a de repellão, e um golpe de ar, frígido, apagou-lhe a luz. Ficou sem pinga de sangue!

— Silva! clamou outra vez.

Não tenhas medo! Sou eu!... o Motta.

Nem palavra! E elle para ali, ás escuras, e a parecer-lhe sempre que o que quer

que fosse lhe seguia no encalço, a vigiá-lo. Eis que de subito torna a sentir as passadas, lá por cima.

Retrocedeu, apressado, e passando pela cançou o patamar, a tempo, justamente, de entrever um vulto a sumir-se por detrás da esquina de uma parede.

Com muita cautéla, para não fazer rumor,

APROXIMOU-SE DO CORREMÃO E OLHOU PARA BAIXO

cozinha, tornou a meter pelos estreitos corredores. Já se ia orientando melhor, nas trevas, e achando-se finalmente ao pé da escada, pôs-se a subi-la sem fazer ruido. Alfoi seguindo o êco das passadas, até que estas o levaram ao andar de cima e fôi-as seguindo até uma volta, que ali fazia o corredor.

— Silva! ó Silva — segredou. Buliu o que quer que fosse, na escuridão. Uma fresta circular no topo do corredor deminuia as trevas e revelhou-lhe os contornos diffusos de um vulto immovel. O Motta, em vez de avançar, estacou para ali, empedrado, e uma duvida horripilante se lhe apossou do espirito. Com os olhos no vulto defronte de si, foi recuando, devagar, e como este fosse crescendo para elle, soltou um berro pavorozo

— Silva! Em nome de Deus, és tu?

O éco da sua voz vibrou no ar, e não obstante, o vulto, defronte delle, nem deu por isso. O Motta, por instantes, tentou fazer-se valente e apará-lo a pé firme, mas, soltando um grito engasgado virou costas e deitou a fugir.

Os corredores eram o proprio labirinto, e elle despediu por elles, ás cegas, em procura da escada. Pudesse elle pregar comsigo lá em baixo e abrir a porta do vestibulo!...

Susteve a respiração, tornara a ouvir as passadas.

Num trote pesado resoavam, para cá e para lá, nos ermos corredores, para fóra e para dentro, para baixo e para cima, como se o andassem procurando. Parou, varado de medo, e como as passadas se fossem approximando, enfiou para um cubiculo, e encolheu-se por detrás da porta, emquanto ellas seguiam para diante. Saíu do coio e deitou a correr, veloz mas sem fazer ruído, em direcção contraria, e acto-continuo as passadas a seguirem-n'o. Conseguiu alcançar o corredor comprido e enfiou por elle, á desfilada. Sabia que a escada éra lá no extremo, e com as passadas agarradas aos calcanhares galgou escada abaixo como um raio.

As passadas ganhavam terreno, coseu-se com a parede para lhes dar campo, sem despegar da corrida acelerada. Mas de repente pareceu resvalar da terra no espaço.

* * *

O Costa acordou no dia seguinte, pela manhan, e feriram-lhe a vista os raios do sol dardejando pelo quarto, e o Seabra sentado e a considerar com tal qual preocupação, um dêdo todo elle esfolado.

— Que é feito dos outros? indagou o Costa.

— Safaram-se, creio eu. Respondeu o Seabra. Adormeceriamos, naturalmente.

Levantou-se o Costa e, espreguiçando os inteiriçados membros, sacudiu o pó do fato e saiu cá para fora, para o corredor. O Seabra seguiu atrás delle. Ao ouvir rumor de passos, um vulto que estivera a dormir, no extremo opposto do recinto, sentou-se e patenteou o semblante do amigo Silva.

— Ora esta, tenho estado a dormir, acho eu! exclamou pasmado. — Não me lembro de ter vindo para aqui. Como é que eu vim?

— Lindo sitio para vir curtir uma raposeira, declarou o Costa, carrancudo, apontando para o corremão da escada. Com mais um metro, e onde estarias tu a estas horas?

Aproximou-se insensivelmente do corremão e olhou para baixo. Em resposta ao seu grito de sobresalto e afflição, os outros accudiram e ficaram todos três, varados, a olharem para o companheiro, estirado sem vida, lá em baixo.

M. C.

Astronomia das senhoras

As constellações

I

Agora, que já sabemos que a Terra é um corpo isolado no Espaço, girando em torno do Sol ao longo de uma linha, traçada á distancia media de 148 milhões de kilometros, para percorrer a qual gasta 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 11 segundos, abandonemos a nossa morada e vamos fazer uma viagem atravez do Infinito, admirando essas estrellas, algumas brancas como o nosso Sol, outras córadas, outras simples como a que nos dá a vida e calor, outras multiplas e vogando todas em differentes direcções com velocidades vertiginosas.

Imaginarão as minhas gentis leitoras que será muito difficil reconhecer as estrellas entre tantas; desenganem-se e verão que, depois de lerem attentamente esta Lição II, assim como leram a Lição I, (1) serão capazes de as reconhecer tão bem como eu. Ha cartas celestes, que nos ensinam os nomes de essas estrellas e não é muito difficil reconhece-las.

FIG. 3. — URSA MAIOR

II

Olhando para o céu, por uma linda noute de verão ou mesmo de hinverno, notamos que as estrellas estão reunidas formando grupos inalteraveis e conservando as mesmas distancias entre umas e outras. Para reconhecer as estrellas, é necessario dar-lhes nomes e os nomes de esses grupos, a que se chamam *constellações*, foram dados pelos antigos e tirados da mythologia, da historia ou dos reinos da natureza. A Biblia mostra-nos o propheta Job fallando já no Orion, nas Pleiades, nas Hyades, ha 3:300 annos. Mais adeante fallaremos mais detalhadamente nestas constellações. As tábuas da Babylonia e os escriptos do Egypto

(1) Vidé numero de outubro de 1910.

mostram uma astronomia já muito avançada nessas épochas longinquas.

Mas as nossas constellações actuaes parecem ter sido fundadas pelo sabio grego Eudoxio de Cnide no anno 360 antes da nossa era. Aratus, no anno 270 antes de Christo, escreveu um poema didactico em que falava nellas. Mas as verdadeiras posições astronomicas foram notadas por Hypparcho de Rhodes no anno 130 antes de Christo; classificou as estrellas por ordem de grandezas, segundo o seu brilho apparente e o seu catalogo, conservado no *Almagesto* de Ptolomeu, contem 1:022 estrellas distribuidas por 48 constellações.

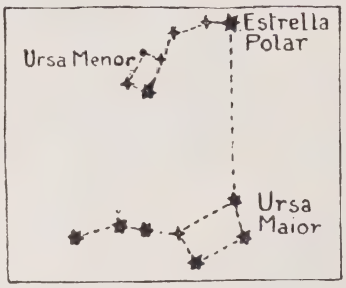


FIG. 4. — MANEIRA DE ACHAR A POLAR

A' noute, em diversas posições do céu, conforme a epocha do anno, nota-se uma constellação, formada por sete estrellas brilhantes, que nunca desapparece abaixo do nosso horizonte e que é conhecida de toda a gente: é a Ursa Maior. E' tambem chamada Carro de David e já os chinezes, ha mais de 4:000 annos, a saudavam como a divindade do Norte. E' muito facil reconhece-la no meio de todas as outras. Na figura da Ursa Maior, figura que só póde achar-se pela imaginação, como era a dos antigos, as quatro estrellas do quadrilatero estão no corpo e as tres restantes formam a cauda; na figura do Carro de David, as quatro estrellas são as rodas e as outras tres são os cavallos.

Tambem alguns lhe chamam a Cassarola e francamente acho que este nome é dos melhores, apesar de ser o menos conhecido de todos. E' difficil saber de onde lhe provém a designação de Ursa, mas foi da palavra grega *Arctos* (ursa) que sahiu a palavra *arctico* para designar o Norte. As estrellas são todas ellas marcadas com lettras do alphabeto grego, que se poderá examinar no fim de esta Lição II; assim, as estrellas α (alpha) e β (beta) são as duas primeiras do carro; γ (gamma) e δ (delta) são as duas seguintes; ε (epsilon), ζ (zeta) e η (eta) são as tres da cauda.

A figura 3 mostra o aspecto de esta constellação, juntamente com as lettras gregas relativas ás diversas estrellas.

A estrella α (alpha) chama-se Dubhe; a estrella β (beta) chama-se Merak; a estrella γ (gamma) chama-se Phecda; a estrella ε (epsilon) chama-se Alioth; a estrella η (eta) chama-se Alkaïd. Todas ellas são de 2.ª grandeza e mais adeante explicaremos o que isso quer dizer, excepto δ (delta) que é de 3.ª grandeza.

A estrella ζ (zeta) de esta constellação, que é a segunda estrella da cauda, tem perto uma outra pequenina e é chamada Mizar; a estrella mais pequena chama-se Alcor ou o Cavalleiro; os arabes chamam-lhe Saïdak, que quer dizer Prova, porque serve para experimentar o alcance da vista; com effeito, só as boas vistas a distinguem. A bella constellação da Ursa Maior pode-nos servir para, pela ajuda de simples alinhamentos, encontrar com facilidade varias outras estrellas e constellações.

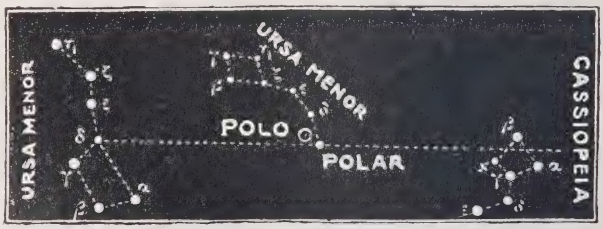


FIG. 5. — MANEIRA DE ACHAR A CASSIOPEIA

Prolongando cinco vezes a distancia que separa as duas estrellas α (alpha) e β (beta), tambem chamadas Guardas da Ursa, para o lado da convexidade da cauda, isto é, para o lado de α (alpha), encontra-se uma estrella de 2.ª grandeza, notavel porque parece estar parada no meio de todas as outras e que é a ultima de uma constellação analoga á Ursa Maior, mas mais pequena e invertida. Essa estrella é a *Estrella*

Polar e pertence á constellação da Ursa Menor; a maneira de a encontrar vem representada na figura 4. Está fixa ou quasi fixa no meio de todas as outras e o eixo da Terra, prolongado para o lado norte, encontra a abobada celeste perto de esse ponto.

Essa estrella tambem nunca desapparece abaixo do nosso horizonte, e no Equador, parece que ella está collocada mesmo na linha onde o céu se confunde com o mar. Essa estrella é a estrella α (alpha) da Ursa Menor; a estrella β (beta) chama-se Kocab.

FIG. 6. — PEGASO, ANDROMEDA E PERSEU

Entre a Ursa Maior e a Ursa Menor, vê-se uma longa fita de estrellas, que formam a constellação do Dragão.

Examinemos agora a Cassiopeia, que está opposta á Ursa Maior, relativamente á Estrella Polar. Tem a forma de um M e alguns tambem lhe chamam a Cadeira. Este nome é mais racional, porque as estrellas α (alpha) e β (beta) são os pés; as estrellas $\varkappa$ (kappa) e γ (gamma) formam o assento e as estrellas δ (delta) e ε (epsilon) formam as costas. Para achar a estrella β (beta) da Cassiopeia, une-se a estrella δ (delta) da Ursa Maior com a Estrella Polar e prolonga-se essa linha, para lá da Estrella Polar, de um comprimento egual; quer dizer, a distancia da estrella δ (delta) da Ursa Maior á Estrella Polar é precisamente egual á distancia da Estrella Polar á estrella β (beta) da Cassiopeia. A maneira de a achar vem representada na figura 5. Esta constellação tambem nunca desapparece abaixo do nosso horizonte. A estrella α (alpha) chama-se Schedir; a estrella β (beta) chama-se Chaph; a estrella δ (delta) chama-se Rucba.

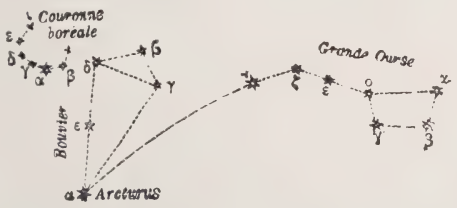


FIG. 7. — MANEIRA DE ACHAR O BOIEIRO E A COROA

Tomando como ponto de partida as estrellas α (alpha) e δ (delta) da Ursa Maior, temos duas linhas, que se encontram na Estrella Polar e que, prolongadas, nos vão dar o Quadrado do Pegaso, cujas estrellas α (alpha) e β (beta) teem respectivamente os nomes de Markab e Scheat O Pegaso está ligado, como se vê na figura 6, com outra constellação de tres estrellas chamada Andromeda, cujas estrellas, α (alpha) e β (beta) se chamam respectivamente Sirrah e Mirak. As constellações do Pegaso e da Andromeda reunidas apresentam um aspecto sensivelmente analogo ao da Ursa Menor, mas em ponto maior. A constellação da Andromeda termina por outras tres estrellas, que formam um arco concavo com uma direcção sensivelmente perpendicular á Andromeda e que constituem a constellação do Perseu, cuja estrella α (alpha) se chama Mirfak. A ultima estrella do Pegaso é a primeira estrella da Andromeda; assim, a linha, que vem da estrella α (alpha) da Ursa Maior, termina na estrella β (beta) do Pegaso; a linha, que vem da estrella δ (delta) da Ursa Maior, termina na estrella α (alpha) da Andromeda.

Continuando-nos ainda a servir da Ursa Maior, podemos encontrar, prolongando a linha que une as duas ultimas estrellas da cauda, as estrellas ζ (zeta) e η (eta), uma

estrella muito brilhante: é Arcturo, pertencente á constellação do Boieiro, que, na antiguidade, representava o guarda dos rebanhos celestes; Arcturo é a estrella α (alpha) de esta constellação; a estrella ε (epsilon) do Boieiro chama-se Isar. Ao lado do Boieiro, como se vê na figura 7, acha-se uma constellação de forma sensivelmente circular: é a Coróa, cuja estrella mais brilhante, ou α (alpha) de esta constellação, se chama Perola.

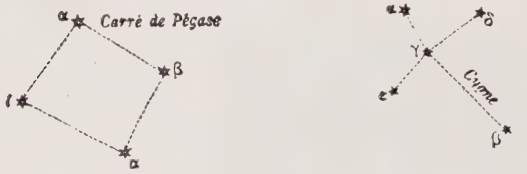
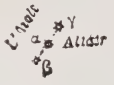


FIG. 8. — VEGA, CISNE E AGUIA



Podemos formar um triangulo com os lados eguaes, juntando a Estrella Polar com Arcturo e com outra estrella muito brilhante: esta estrella é a estrella Vega da constellação da Lyra. Junto da Vega, como se vê na figura 8, ha uma constellação em forma de cruz, chamada Cysne ou Cruz do Norte; a sua estrella α (alpha) chama-se Deneb, a estrella β (beta) chama-se Albireo, a estrella ε (epsilon) chama-se Genah. A primeira estrella, cuja distancia se poude calcular, está nesta constellação; paira a 69 trilliões de kilometros. Perto de esta constellação, mesmo na Via Lactea, encontra-se a Aguia com as suas tres estrellas em linha recta; a mais brilhante é a do meio e chama-se Altaïr; é a estrella α (alpha) da constellação da Aguia; a estrella γ (gamma) chama-se Tarazed.

As estrellas da constellação de Hercules, para onde o nosso Sol nos arrasta no seu movimento proprio atravez dos Espaços, estão collocadas no interior do triangulo formado por Arcturo, Vega e Estrella Polar.

Vega

As estrellas α (alpha), δ (delta) e γ (gamma) do Perseu pódem-nos servir para um novo alinhamento. Prolongando para o lado de δ (delta), a linha que as une, acha-se a estrella Cabra da constellação do Cocheiro. Partindo de δ (delta) para o sul, encontram-se as Pleiades, vulgarmente chamadas o *Sete-Estrello*, pertencentes á constellação do Touro, de que fallaremos mais adeante. Na constellação do Perseu, ha uma estrella muito notavel porque o seu brilho varia: é a estrella β (beta) de esta constellação, estrella que se chama Algol. A variação do seu brilho será estudada mais adeante. A figura 9 mostra a disposição do Perseu, das Pleiades e da Cabra.

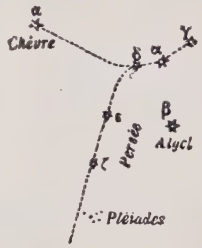


FIG. 9. — PERSEU, PLEIADAS E CABRA

Estas simples e pequenas explicações parecem-me sufficientes para que as minhas gentis leitoras possam achar as constellações mais importantes do nosso céu europeu por uma linda noute de verão.

AFFONSO DE CASTILHO.
Da Sociedade Astronomica de França

VISTA DA POVOAÇÃO

Yanaghidani Kwannon

(Narrativa japoneza)

Não longe da cidade de Kyôto, entre duas estações de linha ferrea — Yamazaki e Mukômachi, — mas muito dentro pelas serras, n'um covão solitario que difficilmente é accessivel, ergue-se, desde remotas éras, um pequeno templo buddhista, chamado Yanaghidani Kwannon, denominação que podemos traduzir por — Nossa Senhora do Valle dos Salgueiros. — Em todo o caso, convem notar, traducção muito livre e porventura irreverente, pois Kwannon não quer dizer Nossa Senhora, — *a nossa;* — Kwannon é a deusa da piedade e do perdão da religião do Buddha, correspondendo assim, de certo modo, á ideia mystica que os povos christãos fazem da Virgem; por isto, para harmonia da phrase e talvez melhor comprehensão, escolhi a traducção christianisada que acabo de apontar.

O templo citado gosa de grande fama em todo o imperio, mercê da benevolencia milagreira que Kwannon alli dispensa aos cegos e a todos que doenças dos olhos mortificam, curando-lhes muitas vezes os achaques. Este templo é pois, para os japonezes, o que o templo de Lourdes é para os christãos; reduzida porém a sua efficiencia a um só genero de mazellas, as dos olhos. Escrevo estas linhas, observe-se, sem sombra de gracejo; não me río dos milagres d'este templo de Kwannon, como igualmente não me río

dos milagres do templo de Lourdes; antes intensamente me enterneço, sem fazer distincção de credos, perante a ardente fé das almas simples e os beneficentes resultados que do fervor das crenças se recolhem.

Mas não philosophemos. Não é para tanto que eu peço ao leitor alguns momentos de attenção.

Diariamente, vindos dos pontos distantes em comboios, vindos das aldeias cerca em diligencias, em palanquins e ordinariamente a pé, affluem os peregrinos, subindo collinas arriba até ao templo de Yanaghidani Kwannon, a fim de implorarem a piedosa divindade que os livre de seus males. E, confesso, vale a pena acompanhar a chusma dos fieis, o bando dos cegos, dos zarolhos, dos ophthalmicos, dos remelosos, mesmo por simples passatempo, sobretudo em abril, quando a natureza, em pompas, se mostra em todo o seu esplendor.

ENTRADA DO TEMPLO

Partindo de Mukômachi, é a principio a aldeia, com a sua longa fila de lojinhas de varia mercancia e de modestos lares de habitação, intervallando verduras de jardins, onde o *yamabuki* em tufos se cobre de florinhas côr de oiro. Avulta a escola, ampla como uma caserna. São raros os transeuntes; brincam, em grupos, as creanças, pelas ruas.

Após, véem as vastas planicies, as veigas vicejantes, onde agora verdeja a cevada, disposta em longas leivas parallelas, onde agora a colza em flôr se estende em largos tapetes amarellos, a rescenderem de perfume. Á borda dos caminhos, desabrocham de mistura os malmequeres, as violetas e outra florescencia rasteira, o *ghengé*, que é a flôr de uma especie de trevo, que as creanças japonezas, onde quer que ella appareça, se aprazem em colher. De quando em quando, ergue-se um albergue rural, de cobertura de colmo, de paredes de barro.

Depois, abruptamente, levanta-se a serra em nossa frente, brava, vestida de matta densa, apenas offerecendo um estreito trilho em ziguezague, por onde urge que investamos.

Vou subindo; vamos subindo, porque o rancho dos devotos de perto me acompanha. Do trilho que seguimos, a scena em roda é imponente, captivante, uma d'estas paizagens rusticas, accidentadas, convulsas, tam vulgares no solo japonez, de caracteristica constituição vulcanica. De um lado, sobe a serra, sobe, perdendo-se de vista. Do outr

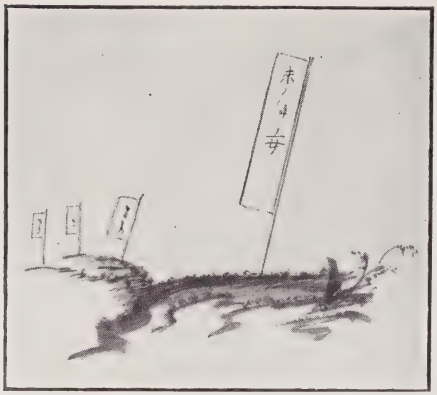
lado, o precipicio: — pedregulhos, covas, corcovas, declives quasi a pino, em baixo as ravinas serpeantes, espumas de aguas limpidas. — Por toda a parte, uma vegetação luxuriante. Verdes filigranas de musgos e de lichens, fetos, lirios bravos em flôr, azaleas em roseas florescencias surprehendentes e uma multidão de outras plantas atapetam todo o solo; abundam os pinheiros, gigantes, seculares, de amplos troncos retorcidos; abundam os carvalhos; aqui, acolá, surge um formoso bambual, agora em tenros rebentos, alimento apreciado, que a gente dos campos se occupa em arrancar, para ir vender pelas aldeias; as camelias silvestres, em profusão, florescem em grandes corollas carmezins. Eis o aspecto geral dos sitios, solemnemente silenciosos; apenas, de quando em quando, o *ugúisu*, o rouxinol japonez, occulto nas ramadas, solta os seus pios de amor.

UMA VISTA DO TEMPLO

Mas a ladeira não tem fim. Sobe-se, sobe-se, seguindo as ondulações serpentinas do terreno, dobrando cotovellos para a direita e para a esquerda, sem que se veja termo á caminhada. Ganha-nos a fadiga. Bagas de suor cahem dos rostos, embora as brisas venham frescas. Temos ancia de chegar. Julgar-nos-hiamos perdidos, na rêde de encruzilhadas das montanhas, se um indicio seguro não nos viesse demonstrar que vamos no trilho certo: ao longo do caminho, sobre o solo elevado, ao alcance do braço, vae seguindo uma multidão de brancas bandeirinhas de papel, centenas d'ellas, milhares d'ellas, colladas a hastesinhas de bambú e espetadas no terreno; são os peregrinos que as espetam, como ex-votos. Todas téem seus dizeres; leio um ao acaso: — *Hitsuji no toshi, onna* (anno do signo do carneiro, mulher); — uma devota menciona apenas o nome do anno em que nasceu e o seu sexo; não é preciso mais, a deusa da piedade distingue bem os seus fieis.

Porem, já começa a ouvir-se, a espaços, o som do sino de uma invisivel bonzaria, magestosamente repetido pelos multiplices échos das montanhas, chamando á prece os peregrinos. Finalmente!... Galgamos ainda, por cerca de meia hora, a ingrime azinhaga, ganhando assim uma eminencia de collina, alargando-se de surpreza o horisonte em circulo, todo envolvido em serranias. Encantador espectaculo, de um encanto paradiziaco, innarra-

vel. O solo desce em nivel, escava-se em concha, ao centro da qual se contorna uma povoação minuscula, de hospedarias e de



BANDEIRINHAS COMO EX-VOTOS

casinhas rusticas; e, por entre espessas verduras de arvores, onde por certo, em justificação do titulo do logar, abundam ou já abundaram os salgueiros, e por entre rosadas florescencias de *sakura* (a deliciosa cerejeira indigena), destaca-se o vulto grave,

OUTRA VISTA DO TEMPLO

todavia gracioso, do templo de Yanaghidani Kwannon.

Corro, commovido, ao templo. Mal guardo de memoria a scena, por estranha. Sobe-se uma longa escadaria de granito. Lá em riba, no adro, agglomera-se o povo, chegado, que chega, ou vae partir. Coisas santas, dispersas; lanternas de pedra, colossaes; a um lado, uma fonte de milagres, onde grupos de peregrinos, em mystico alvoroço, banham os olhos enfermos, ou enchem canudos de bambú d'aquella agua preciosa, que levam para

CEGO DE MACAGEM, EM EXERCICIO

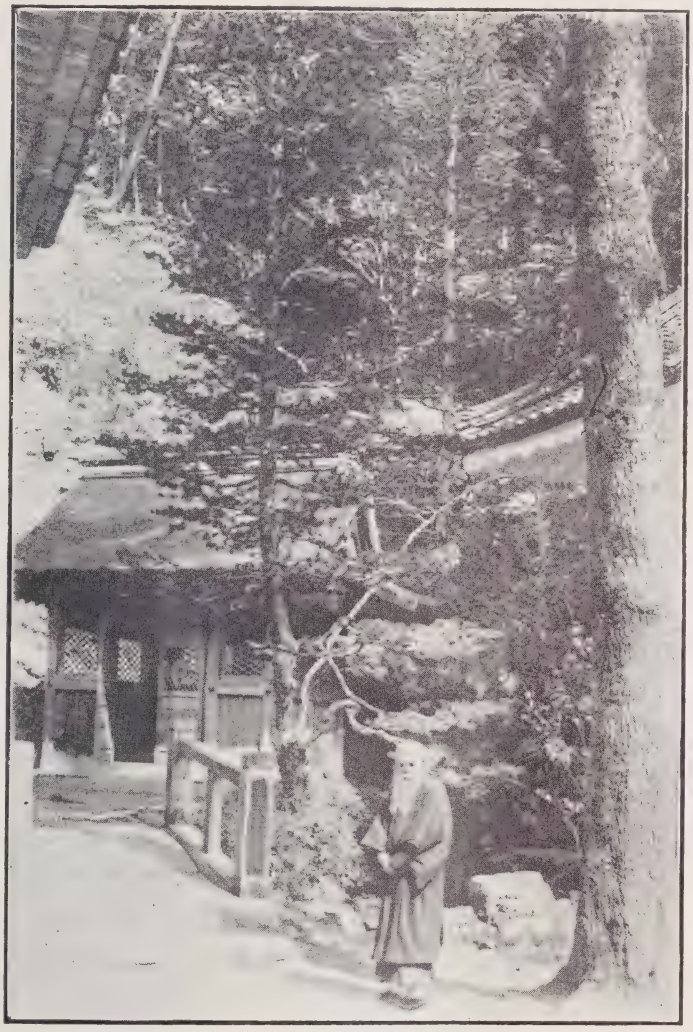
casa. Um moço, de olhos achacados, pés nús sobre o lagedo, entoando litanias, anda á roda, antes corre, em torno do recinto, até completar, informam-me, cem voltas; implora, por aquelle modo, a piedade de Kwannon em seu favor.

A' entrada do templo escancarado, ardem, sobre um supporte, muitas pequenas vellas; quem chega atira um cobre, toma uma vella, accende-a e colloca-a junto ás outras. Dentro, é a reunião cahotica de altares, de imagens, de utensilios de culto, de incensos que fumegam, de jarras com flôres,

de ouropeis de adorno, onde a poeira poisa fartamente; os pombos do templo, sustentados pelo carinho dos fieis, acostumados á balburdia da turba, circulam afoitamente de um para outro lado, vôam de um altar para outro altar, rolando os seus amores.

Lá lobrigo, meio occultos pela penumbra do logar, em bando, ajoelhados em circulo sobre a esteira, os cegos, os zarolhos, os ophthalmicos, os remelosos; uns com grandes oculos verdes ou fumados nos narizes, outros sem oculos, patenteando sem rebuço os seus achaques. Resam todos, em côro, ladainhas. Um joven bonzo — bella figura de asceta, — em amplas vestes rituaes, acha-se ao centro, mãos erguidas, dando a medida ás rezas, regendo o cerimonial. Proseguem, interminaveis, aquellas ladainhas, n'uma cadencia hypnotisadora, que impressiona, que commove, ora em monotonias de queixumes, ora em gritos de desesperos, ora em clamores de fé nascente, ora em hosanas de glorificação; lembrando o som da voz, o som das vagas, no seu marulho eterno ao virem quebrar-se nas areias, ao longo das praias loiras... O mais curioso é que um rosario, de dimensões enormes, de muitos metros de comprido, com contas do tamanho de laranjas enfiadas n'uma corda, vae correndo entre os dedos dos devotos; uma camandula só destaca-se das outras em grandeza, quasi do tamanho de um melão; aquelle que a recebe faz uma grande reverencia, passando-a em seguida ao seu visinho.

Arranco-me a custo do logar. Quizera alli quedar-me tambem por longas horas, ajoelhado sobre a esteira, entre o bando dos devotos, cantando com elles ladainhas, passando-me pelas mãos as contas d'aquelle rosario colossal, passando-me pelo espirito doces effluvios de zelos de proselyto...



OUTRA VISTA DO TEMPLO

Cá fóra, alguem me narra coisas varias com respeito aos clientes habituaes daquelle templo. Os enfermos acodem de todos os pontos do paiz; os que residem cerca véem pela manhã, retiram-se pela tarde, repetem

as visitas; os que véem de longe alojam-se pelas hospedarias, onde passam longos dias, em magotes, pagando infimas pratas pelo sustento e agasalho. Muitos se curam, graças á excelsa misericordia de Kwannon; outros melhoram; outros vivem na esperança.

Quanto aos cegos, é bem sabido que, no Japão, onde abundam, a cegueira é um mister, ou, mais propriamente, um predicado para exercer varios misteres. Sem já falar dos mendigos, que se agglomeram junto aos templos, nas quadras festivaes, estendendo as conchas das mãos á caridade, ha os cegos votados á arte de maçagem; pullulam estes, em cidades e aldeias, fazendo ouvir, pela noite, o seu pregão, ou o melancholico assobio que soltam de uma flauta rustica, e o ruido do bordão a que se apoiam e com que tacteam o terreno; a gente chama-os, dá uns cobres, confia o corpo fatigado á pressão, continuada e paciente, dos seus dedos adestrados. Ha ainda os cegos musicos, alguns de grande fama, professores emeritos, ouvidos nas casas mais distinctas; ninguem como elles sabe fazer transitar a alma aos dedos, quando ferem, tremulos de inspiração, as cordas dos instrumentos favoritos, o *biwa*, o *koto*, o *shamisen*...

CEGO DE MAÇAGEM, NA RUA

No entretanto, nem todos os cegos japonezes encontram vocação para taes officios. Alguns ha, cuja sentimentalidade delicada, desapegando-se da existencia mundial, se encaminha a actos piedosos, á adoração dos deuses, que tudo podem, que podem cural-os de seus males, pelo menos embalar-lhes o espirito em extasis, de grande consolação na sua profundissima desgraça. São os cegos d'esta ultima cathegoria — homens e mulheres — que frequentam Yanaghidani Kwannon. Curam-se alguns? Diz-se que sim. Todavia, outros, que não se curam, estabelecem-se nas hospedarias, por um anno, por dois annos, por toda a vida Sentem-se bem alli, no ambiente beatifico, partilhando a disciplina religiosa com a inteira chusma dos devotos, alizando a pelle das mãos no continuo perpassar das grandes contas do rosario, commum a toda a gente. Vivem-lhes em treva os olhos; mas a alma, educada na pratica das preces e no convi-

vio do mysterio, adquire olhos tambem, com maravilhosos dotes de visão, contemplando, atravez do espaço immenso, Kwannon, na sua suprema apothéose!. .

Ah, Kwannon, doce Kwannon, deusa da piedade e do perdão!... Retirando-me, lanço 2 *sen* (10 réis) a um bonzo do templo, encarregado da venda de amuletos; recebendo em troco um bentinho precioso, uma gentil imagem de Kwannon, ladeada de deuses defensores um dos quaes esmaga um demonio, poisando os pésinhos nús sobre a mystica flôr do lotus e estendendo os seus mil braços em todos os sentidos. A emotividade asiatica, arraigada ao realismo nas concepções, não podendo conceber a ideia sem a fórma, traduziu praticamente a noção dos multiplices dotes de benevolencia de Kwannon, dando lhe muitos braços, dando-lhe muitas mãos, que se alongam em bençãos, em multiplices direcções!...

Kobe, abril de 1911.

WENCESLAU DE MORAES.

KWANNON (COPIA DE UM BENTINHO)

CARLOS REIS — Retrato da mãe do autor

Os cães

Não ha a menor duvida de que o cão representa, como o — *mais fiel, e o melhor amigo do homem*, — (no dizer de Voltaire) um importante papel na vida da Humanidade. Defensores e guardadores da vida e dos bens de ricos e de pobres, unicos amigos dedicados até á morte e além da morte, os cães são, mais ainda do que os gatos, — os animaes domesticos por excellencia.

O cão vive na maior intimidade com o homem, e sendo por natureza e por adaptação, um animal intelligente e docil, o homem aproveitou-lhe as qualidades bôas em seu serviço, empregando-o em mil misteres da mais elevada valia, já confiando-lhe a guarda e defeza dos seus gados, das suas casas e das suas proprias pessoas; já aproveitando-o no salvamento das victimas das neves e das ondas; já empregando-o na caça dos animaes bravios dos bosques e das serras; já na guerra ao inimigo, ou na perseguição e descobrimento dos criminosos; já usando-o nos trabalhos ligeiros, puxando carrinhos e ajudando os donos nas vendas ambulantes das ruas; já exhibindo-o nos circos, executando os crueis combates de cães, tão apreciados em Inglaterra, ou executando artisticos trabalhos acrobaticos e dando provas do mais curioso ensinamento, até ao cumulo do *cão que fala*, phenomeno ha pouco admirado pelas platéas da Europa.

O CÃO QUE FAZ RECADOS

Infelizmente o *cão que fala* constitue uma excepção obtida á custa de trabalhoso ensino, e ainda assim o *cão que fala* — fala tão pouco, que não póde confiar ao homem os seus pensamentos.

Além dos naturalistas, muitos litteratos de todos os tempos se occuparam com grande ternura e desvelo dos amigos e defensores do homem, tecendo-lhes os merecidos elogios e referindo-se nos seus livros á historia pormenorisada dos serviços intelligentes e assiduos dos cães, em geral, e aos feitos particularmente notaveis de certos cães, que por esse motivo teem direito a ser classificados na galeria, já muito extensa, dos cães celebres.

Cervantes, nos seus *Contos*, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas e outros fizeram aos cães amaveis referencias e por fim, alguns outros escriptores da especialidade lhes dedicaram livros, exclusivamente destinados a vulgarizar a historia mais ou menos anedoctica dos bons amigos da Humanidade.

PASTORA DA SERRA DA ESTRELLA COM O SEU CÃO

Os fabulistas escolheram o cão para as suas melhores fabulas e apologos; os romancistas aproveitam sempre este dedicado animal para os seus enredos; os poetas cantaram a sua fidelidade, e nas sociedades modernas os cães são objecto d'uma creação e aproveitamento cuidadoso em *canis*, realisando-se exposições, onde se admiram exemplares notaveis; e, até os mais enthusiasticos admiradores lhes erigem monumentos nas praças e ruas publicas e lhes consagram cemiterios especiaes, com amoraveis e apaixonados mausoleus e epitaphios.

O cão selvagem, bravío, é já hoje exemplar raro no globo; em compensação o cão domestico constitue quasi o commensal obrigatorio de todas as casas. Desde os mais remotos tempos da humanidade, quando o homem era ainda apenas caçador, agricultor e pastor, o cão foi desde logo o amigo e companheiro necessario da tribu. Ajudava-o na caça, defendia-lhe as terras e os rebanhos, e em volta d'este fiel animal teceram os homens d'aquellas edades primitivas as suas lendas e tradições.

Symbolo da dedicação entre os hebreus e egypcios, onde sob a forma de cão se venerava o deus Anubis, resurge nas velhas mythologias o cão Cerbero, de tres cabeças e tres fauces abertas e medonhas, guarda feroz das regiões infernaes. Hercules, o deus da força, quiz penetrar no Inferno, luctou com o horrendo Cerbero e dominando-o, acorrentou-o a despeito dos urros medonhos que o animal soltava. Assim nol-o conta Virgilio na *Eneida:*

E Cerbero, o trifaucio e enorme cão,
Deitado, immenso, na caverna em frente,
Com uivos atordôa a região (1).

Homero immortalisou a lenda do cão de Ulysses, unico que ao cabo de 20 annos de ausencia reconheceu o triste heroe no esfarrapado mendigo. As lendas da Edade Media, pittorescas e infantis, ajuntaram-se ás

(1) *Eneida*, trad. de Coelho de Carvalho.

tradições dos primitivos povos pastores, que ligaram o nome de seu fiel defensor e guarda á nomenclatura dos astros, designando duas das formosas constellações, pelas quaes a terra perpassa na sua longa viagem na ecliptica, pelos significativos titulos de *Grande* e *Pequeno Cão;* sendo por este motivo *dias caniculares* ou *caniculas* os dias 23 de julho a 23 de agosto, em que succede esta passagem, caracterisada no nosso hemispherio pela quadra dos maiores calores estivaes.

Portanto, o cão tem nos annaes da Humanidade uma historia importante: — adorado no Egypto e na velha Roma, sob o nome de Anubis; venerado no Japão, na Ethiopia e na Noruega; astro brilhante do ceu; porteiro dos Infernos; guarda dos templos, do lar, das cidadelas e dos rebanhos; soldado e laborioso auxiliar do homem, o cão, seu companheiro e defensor, foi sempre o seu melhor amigo.

Do cão de guarda, que defende o homem, a casa, o rebanho e os bens, desde a caverna dos troglodytas e dos kraals africanos, são ainda hoje representantes legitimos, os mastins, os molossos, os *bull-dogues,* o nosso bello cão da Serra da Estrella, ou cão de lobo, acompanhando as pastoras nas quebradas das montanhas. E' elle o maior, o unico amigo do pastor, que confia no fiel rafeiro os cuidados do seu rebanho.

OS ESQUIMÓS E OS CÃES

Alguns d'estes cães de guarda, como os *bull* e os *baixotes,* educam-se para caçar ratos e ratazanas, prestando relevantes serviços.

D'entre elles avultam porém o cão da Terra Nova, valente salvador de naufragos, e o famoso cão de S. Bernardo, majestoso e bello, adextrado pelos frades do hospicio situado no cimo do monte denominado de S. Bernardo, nos Alpes, a salvar das tempestades da neve os viandantes transviados. Não tem já contagem o numero de pessoas salvas das ondas ou de sob as avalanches de gelo pelos cães benemeritos da Terra Nova e de S. Bernardo, alguns dos quaes tem a mais honrosa biographia e receberam os titulos, medalhas e caricias que tanto mereciam os seus extraordinarios serviços em prol da Humanidade.

As ruinas de Pompeia, exploradas modernamente, vieram revelar na ossada carbonisada de um perro, amigavelmente encostada á ossatura de uma creança, a historia romanesca e épica do celebre *Delta,* que tres vezes salvára a vida ao dono, e ainda por tal modo se dedicára ao filhinho d'elle, que até na morte o acompanhou, deixando na sepultura, em que as lavas afundaram ambos, a eterna memoria de tão commovedora fidelidade.

Amigo das creanças é deveras o cão, tão feroz com os extranhos, o mais manso, docil e paciente divertimento das creanças, cujas brincadeiras, por vezes inconscientemente incommodas ou dolorosas, elle supporta com carinhosa passividade. E, amigo da creança, o cão é egualmente o amigo do pobre, do invalido, do cego.

Espectaculo egualmente commovedor o do cão do cego, preso por uma cordinha, guiando

e conduzindo o infortunado dono através das ruas, levando-o ás lojas, aos sitios onde costuma esmolar a caridade dos transeuntes. E' o caso de *Fiel-o-molosso*, cantado nos bellos versos de Thomaz Ribeiro:

Cego, tomava a saccola;
prendia ao fiel molosso
uma fitinha ao pescoço,
e ia assim pedindo esmola.

Quem deixaria de os ver
N'essas ruas mendigar?
o cão, tudo a acautelar;
o velho sempre a dizer:

«Desertei do meu trabalho!
agora... quero e não posso!
esmola ao fiel molosso,
que vale mais do que eu valho.» (1)

Amigo do dono, ajuda-o tambem nos seus trabalhos. Junto do rude esquimó, o cão substitue o cavallo, puxando os ligeiros trenós por sobre as extensas planuras dos gelos. O cão é alli uma providencia.

Algumas mulheres esquimós sustentam-os ao peito, com o proprio leite, como se filhos fôssem. Grandes e vigorosos, resistem como as rennas aos rigores da inverneira gélida do norte, e são, para aquelles povos selvagens, escravos fieis e dedicados, sujeitos a crueis e duros trabalhos, a privações e maus tratos, bravíos, bulhentos, obedecendo com mais docilidade apenas ás mulheres que, menos selvagens, os acariciam e tratam, e conseguem por isso, só ellas, atrelal os sem difficuldade aos trenós, ainda quando desesperados pela fome. A brandura feminina vence a ferocidade d'aquelles animaes, que em tiros de 5 ou 6 arrastam as *telegas* russas ou os *trenós* siberianos. Estala o chicote, o cão chefe de fila obedece á voz do conductor; assim percorrem os desertos do gelo, atravez das frias e escuras noites das regiões polares, direitos ao seu destino.

Como animaes de tiro se empregavam antigamente em Paris, atrelados a carrinhos; vimol-os em Portugal puxando os carros dos amoladores ambulantes e vemol-os ainda hoje, em grande numero, na Belgica e na Hollanda, arrastando pelas ruas os carrinhos do leite, do pão, dos legumes e das hortaliças.

Alguns, mais ensinados, fazem diversos serviços, vão ás compras com o cesto ou carregam baldes de agua, ou embalam os berços.

Vêde agora o espectaculo de uma grande caçada na Edade Media, ou nos tempos contemporaneos, em que numerosas matilhas de *galgos*, de *perdigueiros* adextrados e ligeiros acompanham a batida ou a montaria, deante dos senhores e dos altos personagens, armados e equipados para a caça. Levam-os egualmente os caçadores africanos na caçada ao leão e ás grandes féras do deserto.

N'um dos pequenos livrinhos illustrados da *Bibliotheca da Infancia* (o vol. IV — *No paiz do Leão*) descrevi

OFFERECENDO-LHE O BOLO DA PAZ...

(1) *Sons que passam*, pag. 278.

o papel que os cães tomam nas perigosas caçadas ao *rei dos animaes*.

Nos centros civilizados porém, outro papel incumbe modernamente aos cães.

Antigos guardas dos presidios, vigiavam d'antes os escravos, como os molossos ferozes nas roças e nas plantações da ilha de Cuba, ou perseguiam os degredados das nossas colonias, quando estes procuravam evadir-se, para se escaparem ás agruras dos trabalhos forçados; hoje os cães tornaram-se nas grandes cidades preciosos auxiliares dos serviços policiaes.

A LEITEIRA FLAMENGA

O *cão da policia*, ensinado, adextrado, acceite em concursos de provas publicas, onde tem de provar a sua maior habilidade na perseguição dos gatunos e dos *apaches*, é a ultima palavra da historia dos relevantes serviços prestados pelos cães á Humanidade. O cão funccionario publico, agente de segurança, constitue nos grandes centros, as brigadas de zeladores da segurança publica. Mas, ao lado d'estes beneméritos servidores do homem, outras brigadas apparecem — as dos alentados cães da Terra Nova e da Pomerania, que percorrem as pontes e as margens do Sena, tendo a seu cargo a salvação do grande numero de desgraçados que procuram suicidar-se, afogando-se nas aguas do rio.

Os cães de guerra, entravam outr'ora arregimentados, como na Grecia, na defeza das praças, na vigilancia dos exercitos. *Sotér* foi o celebre cão, que correndo a pôr em alarme os sitiados, conseguiu neutralisar o ataque dos inimigos e foi proclamado — *defensor e salvador de Corintho*.

São honrosas as tradições guerreiras dos cães em todos os tempos e em todos os exercitos. Attestam-o bem alto os romanos e os gaulezes, as guerras Napoleonicas e os luctadores da campanha franco-prussiana.

Alguns demonstram egualmente affectividade e carinho para com os feridos acudindo-lhes e latindo por soccorro.

Adeante de um regimento em marcha, de envolta com o rapazio, lá vão sempre, correndo, os cães dos musicos e dos soldados, os *cães do regimento*, acompanhando os donos.

Das nossas campanhas de Africa regressou muitas vezes, com o dono querido, o cão do regimento. Casimiro Delavigne cantou, em magnificos versos, que ficaram eternamente celebres, a fidelidade e o valor do famoso cão do Louvre. Dizia o poeta:

Da batalha era o dia. O canhão trôa;
E o livre corre á morte, e junto d'elle
O seu cão vai;
A mesma bala ambos feriu; o martyr
Não deploreis; o amigo seu que vive
Só pranteai!

Que diversidade de destinos!

Este, o cão heroe. Além, nas praças das villas e aldêas, o seu irmão triste supporta a vida de *saltimbanco*. E' o cão do pelotiqueiro, pertencente á misera familia dos *cães sabios*, que raras vezes sobem á gloria

de artistas, com a classificação graduada de *cães actores,* até ao mais elevado artista d'este grupo — o *cão que fala,* apresentado ha poucos annos na França, na Italia, na Inglaterra, em Portugal, pelo seu educador o brazileiro Gambôa, natural do Rio.

Vermouth, se chamava a maravilha, que muito de alto deveria olhar para os seus camaradas, que as agruras do destino levaram a figurar nos selvaticos e perigosos combates, em que grandes e fortes animaes d'esta especie, são açulados como luctadores de circo, em pugnas ferozes, até que, ensanguentados e dilacerados, algum dos contendores rola morto na arena.

O cão vadio é em compensação de tantos grupos de cães uteis e benemeritos, um flagello temivel de algumas cidades. Nas povoações do norte de Africa, em Constantinopla e noutras cidades turcas, o *cão vadio* é um mal caracteristico, acarinhado pela superstição mahometana. Lisboa teve-os em tempo não mui remoto, até á creação da *carroça dos cães,* medida ácerca da qual se travou rija polemica litteraria dos protectores dos cães, pugna em que tomaram parte Thomaz de Carvalho, Latino Coelho e outros (1870).

O perigo da *raiva* ou da hydrophobia, para que Pasteur achou a solução feliz, aconselha o exterminio dos cães vadios, entre os quaes apparecem, por vezes, é certo, typos notaveis, verdadeiros *typos das ruas,* como foi entre nós o celebre *Price,* o *cão do Chiado.*

Amigos e bons amigos entre os homens, contam-os os cães em grande numero. Uns acarinham-os e recebem-os; outros levantam a favor d'elles campanhas acerrimas, como os que ainda ha pouco (1906) ergueram em Londres uma estatua, em Battersea Park, á memoria de um cão, supposta victima das experiencias e estudos dos laboratorios bacteriologicos ; outros erigem-lhes sumptuosos mausoleus nos cemiterios especiaes para cães, existentes em Londres e em Paris.

Alguns grandes amigos intellectuaes dos cães os adoravam com singular predilecção. Walter Scott e Dumas mettiam sempre nos seus romances algum personagem celebre da familia canina ; Bismarck era sempre retratado com o seu grande cão ; Castilho estava cercado pelos seus cães favoritos nos seus gabinetes de trabalho ; o distincto medico Gama Pinto percorre as ruas com os seus bellissimos exemplares caninos.

Mais largamente coordenei, n'uma despretenciosa compilação vulgarisadora, as qualidades interessantes do bom e fiel amigo do homem n'um pequeno volume illustrado — *Os Cães* — vol. VII da *Bibliotheca da Infancia,* de que sou o director litterario, volume do qual, por obsequiosa concessão do editor, se extrahiram as gravuras que acompanham o presente artigo.

O animal que ajuda, defende e guarda o homem, que o salva em grandes perigos, que vigia os malfeitores, acaricia e ampara os nossos filhos pequenos, que conduz os rebanhos, ajuda o caçador e persegue as féras é tão digno da nossa amizade sincera, da nossa protecção e valimento, como o servo e o escravo, o ignorante e o fraco, a creança e a mulher, todos esses entes desprezados pelas civilizações antigas e bafejados hoje pelo espirito vivificador da Democracia.

VICTOR RIBEIRO.

A VEDAÇÃO DE TABOAS

O concurso hippico de maio

Com extraordinario brilhantismo e interésse sempre crescente da parte do numeroso publico, que accorreu á elegante pista de Palhavã, se realisou o grande concurso hippico promovido pela novel *Sociedade Hippica Portugueza*, tendo-se nelle innegavelmente affirmado as magnificas qualidades dos portuguezes, como cavalleiros de brilhantes dótes, nas duras prôvas disputadas a alguns dos mais conceituados *gentlemen riders* estrangeiros, e nas quaes estes, apesar do seu reconhecido *savoir faire* e não desmentida alta qualidade das suas montadas, não conseguiram arrebatar aos nossos, as primeiras classificações nos percursos disputados.

Forão apresentados, alguns muito bons cavallos, habilmente trabalhados, tendo o publico premiado com numerosos applausos as *performances* exigidas pelos seus cavalleiros.

Foi com legitimo orgulho que constatámos o quanto entre nós se tem progredido, a maneira como se tem conseguido vencer difficuldades e executar prôvas, que até ha pouquissimo tempo, no nosso meio sportivo, eram consideradas phantasias irrealisaveis, e como em successivos, constantes e rapidos progressos, conseguiram os cavalleiros portuguezes com insano trabalho collocar-se a

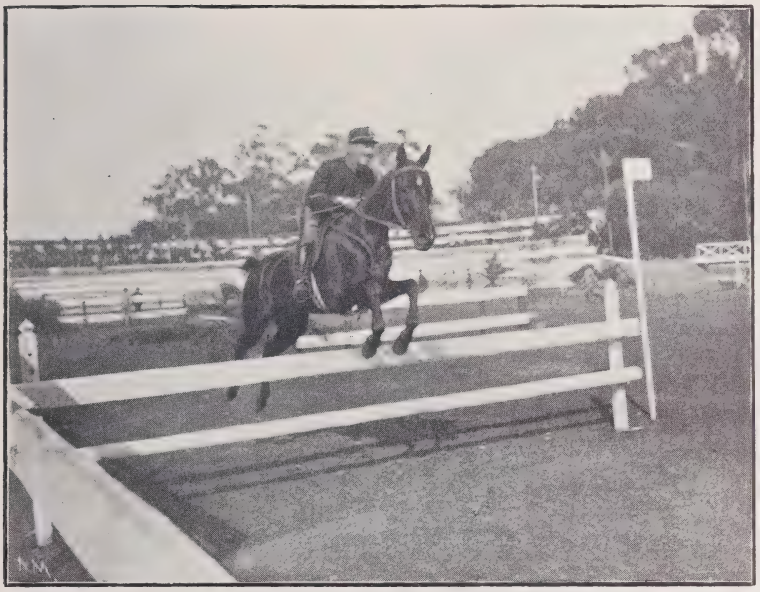
TRANSPONDO O ÓXER

pár d'aquelles que providos de magnificas e numerosas montadas, mais e melhor têem conquistado em identicos *certamens* os primeiros logares.

Se ajuntarmos a estes brilhantes, não sophismaveis resultados das classificações. a correcção e serenidade que alguns, bastantes já, dos nossos concorrentes souberam manter constantemente durante as prôvas, a sua impetuosidade reflectida no atacar dos obstaculos e a vertiginosa, calculada velocidade em que os percursos fôrão executados, teremos assim, e especialmente por estas razões, justificado o orgulho com que avançamos o pensarmos que em Portugal actualmente, se pratica a equitação n'um grau sufficientemente elevado, que não temos já de que nos arreceármos para os cavalleiros portuguezes, do seu confronto com os das demais nações europeias.

De lastimar é que sejão na generalidade de uma muito inferior categoria as suas montadas, as quaes teem tido comtudo o mérito de terem comprovado, quanto a bôa vontade, coragem e persistencia, isto é um *trêno* cuidadoso e racional, póde realisar, embora em animaes cujas qualidades dominantes (se qualidades tem) não são por certo o poder e a elasticidade tão necessarias para a pratica d'esta equitação.

UM SALTO DE BARRA (1.ª FASE DO SALTO)



UM SALTO DE BARRA (2.ª FASE)

Constavam os percursos da transposição por determinada ordem de varios obstaculos, de frente approximada de 5^m e collocados em terreno plano, preparado, sendo o numero, dimensões e natureza d'aquelles, variaveis com a importancia das provas a prestar; alguns de execução bastante difficil e demandando da parte dos que os tinham de transpôr, um cuidado *entrainement* e decidido arrojo afim de serem transpostos.

Como obstaculos de terra eram notaveis pelo esforço exigido ás montadas, a *passagem d'estrada entre banquetas,* composta de duas banquetas de $1^m,50$ de alto, distanciadas 10^m e com os taludes na inclinação de $^3/_4$, bem como a *banqueta de Lisboa,* de 3^m de alto, que por qualquer dos lados que tivesse de ser atacada, só á custa de muita energia e aproveitando a velocidade adquirida, seria convenientemente executada.

Entre os outros, destacavão-se a *ria entre varas,* composto de duas barras collocadas horisontalmente á distancia de 2^m e altura de $1^m,10$, sobremontando pequenos muros de $0^m,60$ d'alto, e que nos facultou o prazer de ver dar alguns esplendidos saltos, e o *oxer* que á altura de $1^m,30$ a que estava a vara superior e espessura de 2^m, tambem já constituia um grosso obstaculo.

A magnifica factura dos varios saltos, o

UM SALTO DE BARRA (3.ª FASE)

bem cuidado da pista e a elasticidade das superficies em que os animaes tinham de se receber, em muito facilitaram o bom resultado attingido, reduzindo ao minimo os riscos de accidentes, que pudessem sobrevir aos concorrentes e suas montadas.

Entre nós, até ha bem poucos annos se não praticava a equitação dita *de exterior* para quasi nos limitarmos á execução de varios, ás vezes difficeis trabalhos de picadeiro; porém com a ida d'alguns dos nossos officiaes a concursos no extrangeiro, as ideias de lá trazidas e a muito bôa vontade de attingir aquelles, que quando em confronto comnosco tão facil superioridade mostravam, conseguiram formar a brilhante pleiade de concorrentes que já hoje constituem um motivo de orgulho para os nossos sentimentos.

Escola d'equitação, com caracteres definidos communs a todos os cavalleiros, ainda (certamente devido á pratica recente d'equitação d'exterior), não a possuimos, sendo comtudo corrente geral, a approximação da *Escola de Caprilli*, praticada pelos italianos.

Assim, o assento de sélla dado do joelho pelos musculos da côxa, especialmente dos que são postos em acção pela fixação d'aquelle e esforço para baixo do calcanhar, o estribo curto, o punho baixo, o corpo avançado e assim mantido durante a 3.ª phase do salto (descenção), a elasticidade do braço, que faz a mão acompanhar os movimentos da cabeça e pescoço do cavallo, afim de não impedir os movimentos naturaes que o animal necessita fazer para manter o seu equilibrio, taes são as caracteristicas apresentadas pela grande maioria dos nossos noveis concorrentes, confórme se póde verificar nas fotografias que publicamos.

ATACANDO UMA BANQUETA (1m,60)

A' commissão organisadora dos percursos, diremos infantis, da tapada d'Ajuda, ao Ex.mo conde de Fontalva, ao ex-commandante da Escola de Cavallaria Ex.mo coro-

nel Ilharco, ao Turf-Club e por ultimo á Sociedade Hippica Portugueza, damos pela ordem d'antiguidade d'esforços os nossos sinceros parabens, pelos fructos optimos que brotaram da sua rude e tenaz campanha, em favor do recente rejuvenescimento do hippismo em Portugal.

Nos mesmos dias se realisáram tambem concursos de obstaculos para discipulos (menores de 18 annos), amazonas, apresentação de cavallos ou éguas de sélla ou carro, e apresentação de equipagens.

Apesar de, na epocha actual, o motor mechanico chamar attenções e capitaes, que sem elle seriam empregados em rivalidades de bom gosto e ostentação na apresentação de equipagens, figuraram comtudo no parque de Palhavã algumas bellas carruagens tiradas por soberbas parelhas, pertencentes a alguns dos mais abastados proprietarios de Lisboa.

Pena foi que reduzido fosse o numero de carros apresentados, inferior bastante ao existente, mas que a ausencia, fóra, dos seus proprietarios, veio justificar.

Um dos dias do concurso, o segundo, estava incluido no programma dos festejos que a cidade offereceu aos touristes estrangeiros que a vieram visitar, tendo estes assim tido occasião de assistir a uma das festas elegantes com que Lisboa na estação radiosa da sua primavera costuma engalanar-se.

E endereçando as nossas felicitações á commissão organisadora do *concurso hippico* pelo seu alevantado emprehendimento e feliz successo, lhe desejamos novos concursos e menos difficuldades no áspero mas brilhante caminho encetado.

F. DE L.

TRANSPONDO O VOL-PUM

O credito, alavanca da agricultura

Sobre uma area productiva que deve exceder 7.000:000 de hectares, exerce-se actualmente em Portugal a actividade agricola de 1.406:054 trabalhadores de todas as cathegorias, que extrahem d'essa superficie «sobre a qual radia a intensa energia do sol meridional, correm os maiores rios da peninsula e se radica uma flora util de grandes recursos, susceptivel de grande aperfeiçoamento», um producto bruto de cerca de 200.000.000:000 réis. Corresponde este valor, em numeros redondos, a 28:500 réis por hectare agricola e a 142:000 por trabalhador. E' uma producção muito fraca, sobretudo se attendermos a que os preços de venda da maioria dos generos agricolas que apresentamos ao commercio são muito superiores em Portugal aos dos similares no estrangeiro.

As palavras que encimam este artigo, extraio-as d'um notavel trabalho do illustre professor Sertorio do Monte Pereira, do Instituto Superior de Agronomia, um dos homens que mais a fundo conhece os problemas complicados da economia agricola nacional. Por ellas se alquilatam, bem nitidamente, as condições de inferioridade em que nos achamos em face do commercio mundial, relativamente aos paizes que bem se pódem chamar as *grandes potencias agricolas,* como a Italia, a França e a União Americana.

Em breves traços, o mesmo engenheiro agronomo passa seguidamente em revista, com uma clareza perfeita, as causas que nos collocam nessa tão desfavoravel situação. «E' a seccura exhaustiva do clima e a sua irregularidade — a inferior percentagem da area productiva submettida ás culturas annuaes — *a carestia do capital,* que obriga o agricultor português a restringir o mais possivel as despezas — as nossas combinações culturaes — talvez uma adaptação defeituosa d'essas culturas — a depressão das qualidades productoras das variedades cultivadas — o exclusivismo cultural — a organisação agraria do paiz — tudo factores, modificaveis felizmente, da exiguidade da producção. Mas a simples correcção da seccura do clima pela irrigação, e uma organisação agraria e bancaria que convidasse e facilitasse o capital ás collocações agricolas, permittiriam mudar inteiramente, e em breve, este aspecto deprimente da agricultura nacional.»

E' este um facto, que poucos evidenciariam com uma tal nitidez, mas de que raros não terão tido ensejo de verificar a exactidão. Por todo esse paiz, sobretudo nas provincias do centro e sul, requeimadas por um sol violento, a agua falta, o trabalho biologico da vegetação é penoso e lento, a creação do gado reveste-se de difficuldades de toda a ordem, as fructas e os primores horticolas não encontram condições que auxiliem o emprehendimento da sua tão rendosa exploração, os milhos escasseiam, a cultura lucrativa da batata é ardua e relativamente limitada. Demais, á escassez reune-se o mau aproveitamento — ou o conhecimento imperfeito das riquezas hydrologicas subterraneas.

A nora mourisca, vagarosa e fatigante para o gado, o rudimentarissimo *cambão*, a *cegonha*, o *chadufeg* das margens do Nilo, deparam-se-nos por todos os campos portuguêses, labutando com uma serenidade virgiliana, que encantaria Ruskin, mas que nada tem de commum com os processos modernos, scientificos e industriaes, de irrigação e elevação das aguas.

E' esta a questão complexa, decisiva para o futuro agricola da nossa terra, de ha tanto debatida, e em tão grande parte resolvida na Italia, em diversos estados americanos, no Mexico, e em tantos outros paizes, muitos d'elles bem comparaveis ao nosso pela feição da sua economia agraria.

TRABALHADOR DO ALEMTEJO

Poucos trabalhadores do mundo terão tão admiraveis qualidades como o operario rural português. Sobrio, robusto, energico, resistente, o nosso camponês merece bem uma educação profissional á moderna, e sobretudo o auxilio do *credito agricola*, que o defenda da avidez da usura.

Ao mesmo tempo, outro problema se ergue, cuja prompta solução se impõe mais terminantemente ainda: o do *credito agricola*.

De facto, a *terra*, em Portugal, é uma materia prima com qualidades de molde a permittir uma larga e ampla utilisação, desde que sobre ella incidam os methodos racionaes de exploração. O *trabalho* português, mesmo desacompanhado, como é, da educação profissional e technica e da utensilagem necessaria, affirma-se como um dos mais valiosos da Europa. Sobrio como um arabe, alegre como um andaluz, rude como um suevo, o trabalhador dos nossos campos é d'uma resistencia physica que assombra. Por vezes a lide, quando aperta a urgencia de terminar uma ceifa, uma debulha ou uma pisa, prolonga-se durante dezesete horas; e quantas vezes, após um dia passado numa sacha ou num alqueive, o jornaleiro trabalha de noute, com desvelado apuro, na geira de terra

que lhe rodeia a modesta e acanhada casa!

Em opposição, porém, com a boa qualidade d'estes dois factores da producção, o terceiro, o *capital*, é apoucado e difficil de obter. Além de diminuto, furta-se ás collocações agricolas, cauteloso em excesso, ou, se se offerece, é em condições a bem dizer inabordaveis. Melhoramentos fundiarios, remodelações nos predios rusticos, acquisições de machinas, de adubos, de padreadores, tornam-se de difficultosa ou impossivel execução. E, para as necessidades urgentes, inadiaveis, que quasi diariamente se antepõem ao pequeno lavrador, apenas um remedio se depara, mais perigoso ainda do que o proprio mal: o recurso á usura, que não deixa de intervir, sempre que as condições de vida de uma população se aggravam.

Os processos usados em todo o país para a captação das aguas são d'um vivo pittoresco, mas revelam um atrazo enorme. No Algarve, onde os arabes deixaram tão marcadas as suas tradições, são os apparelhos mouriscos, de veneravel memoria, que ainda mais geralmente se usam.

«A não ser nos districtos do Minho, escreve o sr. D. Luiz de Castro, «os juros sóbem a vertiginosas alturas, d'onde cahem sobre grandes, médios e pequenos lavradores, inutilisando-os, arruinando-os, esmagando-os...

Mas sobretudo soffre o humilde, o misero trabalhador de enxada, proprietario ou rendeiro, o que dá a mão d'obra ao remediado e ao abastado, aquelle sem o qual estes não poderiam cultivar, sustentar-se, pagar impostos; o rude camponez, por quem tão pouco olham e de quem tão pouco tratam, esses mesmos a quem elle com os seus braços fornece desde o pão nosso de cada dia, e d'ahi até ao superfluo.

Para elle está em cada feira, em cada aldeia, e dizem que até nos presbyterios, o mais feroz dos agiotas...

Pois bem, é este o *pequeno credito agricola* que se encontra nos campos de Portugal! E' o que offerecemos á miseria, á actividade, ao trabalho, ás virtudes do nosso trabalhador do campo!»

Para completar este energico traçado, bastará dizer que no districto de Faro a taxa maxima dos juros mutuados á lavoura se eleva a 50 %. No districto de Bragança attinge a enormidade de 75 %! Quer dizer, a seguir á Russia, onde em certos pontos se exige 100 % de remuneração annual para o capital empatado, é Portugal o paiz onde mais afincadamente se radica esta escravidão economica, tão insultante para um povo que sempre teve a Liberdade como a sua maior riqueza!

Bem terminantemente se manifesta até que ponto se torna indispensavel a creação d'uma fórma de credito adquada ao meio agricola, baseada no interesse, é claro, mas assente sobretudo nos nobres e generosos principios da Solidariedade. Fornecer capital a juro modico — a longo praso — a individuos de solvabilidade garantida — e que se fiscalisem uns aos outros — taes são os fins e os fundamentos d'esse typo de credito, bem individualisádo, bem áparte dos demais, denominado *agricola*.

Para o pôr em jogo, é necessario um agente, a que a agricultura moderna deve a sua magnifica prosperidade, mais do que a nenhum outro — a Associação. A obra associativa rural tem sido admiravel em todos os seus ramos, e isso justifica a sua formidavel expansão. O syndicato, a cooperativa, e por ultimo a caixa de credito agricola teem vitalisado a lavoura de todo o mundo,

impulsionando-a na sua triplice evolução scientifica, industrial e commercial. Revestindo-se de variadissimas fórmas, sempre de caracter local, mas unindo-se, quando é preciso, em poderosissimas aggremiações, todas essas cellulas se consolidam, se multiplicam, actuando de dia para dia com uma intensidade maior. *5.000 syndicatos na França, 15.000 caixas de credito agricola na Allemanha, milhares de cooperativas de producção, transformação e venda de generos agricolas* — eis alguns algarismos, que, mais que todas as propagandas, pódem revelar, da maneira mais absoluta, a triumphante virtude da Associação.

E' pois a organismos solidarios simplissimos, de construcção e funccionamento facil, operando com prudencia e criterio, ligando todos os interesses sob a ideia do auxilio mutuo, que pertence movimentar as sommas que o Estado forneça ou que os particulares se decidam a empregar em collocações de caracter agricola, offerecendo-as á iniciativa, ao labor, á actividade do nosso camponês. Conseguido assim este ideial — pôr á disposição da agricultura nacional uma das mais pederosas alavancas que a pódem impellir com vigôr para o progresso — o caminho para o resurgimento será bem mais breve e mais desafogado.

De resto, da abundancia do indice *capital,* das qualidades a desenvolver na raça, de iniciativa e espirito associativo, depende essencialmente o nosso futuro. Com a transformação da agricultura, a pequena explo-

O trabalho — esse trabalho «que em Portugal parece a mais segura das alegrias» torna-se repetidas vezes d'uma violencia extraordinaria. Nas ceifas sobretudo, debaixo do ardentissimo sol do estio, a resistencia tradicional da nossa grey operaria dos campos vê-se submettida a uma dura prova.

ração, uma vez isolada, está condemnada a desapparecer, como nota Vandervelde, em presença das grandes emprezas agrarias que assumem uma importancia cada vez maior, á medida que se apuram os processos technicos. Simplesmente, ha maneira de resolver a questão: a união entre os pequenos proprietarios, póde, sem lhes fazer perder nada da sua independencia, constitui-los em organisações fórtes, dispondo de quantias avultadas, capaz de empregar as mais completas machinas, e de utilisar os mais delicados processos.

D'estas duas grandes correntes parallelas — formação de grandes emprezas particulares e agrupamentos cooperativos de pequenos productores — nasceram as officinas grandiosas de fabrico de vinhos que hoje funccionam na Algeria, as magnificas leitarias de Dinamarca, as installações de aspecto industrial que hoje preparam os azeites, debulham os cereaes, preparam as carnes dos animaes de talho, os armazens monumentaes, os *elevators*, etc. A esses emprehendimentos está reservado o futuro; a concentração dos capitaes — sejam elles sommas importantes ou peculios minusculos — e a união dos esforços decidirão do successo na lucta economica. E os paises que se não souberem associar, serão infallivelmente esmagados nesse combate. Por isso a Cooperação, outr'ora um simples instincto, impõe-se hoje como um dever, entre todos os homens d'uma mesma patria. Mais tarde, como o annuncia Luzzatti, sê-lo-ha para a humanidade inteira.

R. F. Mayer.

Noite de pandega

A primeira vez que o encontrei foi no comboio. Ia eu para a repartição com o Tanner, meu amigo, no mesmo compartimento, e defronte de nós ia um sujeito, um arganaz de cabeleira comprida, e barbas idem, côr de cidra, com ares de quem estava em convalescença de um ataque de ictericia.

Acenou com a cabeça ao meu amigo, e fez uma observação, a que elle respondeu com outra, e eu meti a minha colherada, e generalizou-se, por assim dizer, a cavaqueira; nem por isso ia muito animada, e eu, a matutar com os meus botões, se o typo já estava de todo bem do tal ataque de icterìcia. Creatura mais azeda nunca eu havia tido o prazer de encontrar. Era eu abrir a bôca, e elle como se me quisesse tragar em vida.

Não me parece que seja acção propria de um cavalheiro chamar tolo a outro cavalheiro, méramente lá porque as opiniões do sobredito não são identicas, más ou boas. Pois foi o que elle me chamou. Fiz apenas uma observação, visando um assunto geralmente tolerado e como que entrando no dominio da politica commum, eis que o sujeito, crescendo para mim, me pespega, alto e bom som:

«Não seja tôlo, seu pimpôlho!» E accrescentou, insolentissimo: «Se tivesse que limitar-se a falar daquillo de que pesca alguma coisa, estou que nunca abria a bôca». Eu, já se deixa ver, não sou cara que engula uma piada daquella força, sem obrigar o sujeito a provar a alegação.

De modo que, zás, piada por piada, desfechei-lhe o seguinte:

«Em logar de estar para ahi a estafar a lingua, eu, se fosse o senhor, apeava-me do comboio, e ia cortar o cabello.»

Amarello, disse eu, mas assim que eu lhe larguei a laracha, era vê-lo: estava côr de abobora menina. A impressão geral em todo o compartimento, é que ia dar-se qualquer scena desagradavel; que elle, lanzoou o que quer que fosse parecido a «pregar-me com os ossos na linha ferrea, interveiu porém o amigo Tanner, e como os ares continuassem um tanto turvos, não se deu caso que mereça menção. Ainda assim, quando nos apeámos na Estação, não se pode dizer que fossemos em termos de absoluta cordialidade.

Calculem pois qual não seria o meu pasmo, quando, havendo-me apartado do meu amigo, me alcançou no caminho o nosso escalpirra, acerta o passo pelo meu, como se levassemos o mesmo destino, e pespega-me:

«Correu animada a cavaqueira, lá no comboio, não acha?»

Eu não podia afirmar que abundava nas suas ideias, mas, ignorando os motivos que o levavam a asseverá-lo, cingi-me a responder.

— Estimo que lhe agradasse.

— E' claro que me agradou, retorquiu.

— E tanto, que annos que eu viva, jámais a esquecerei. Que eu, para um certo numero de coisas, tenho optima memoria, — uma memoria como poucas haverá; e o facto de o ter encontrado, e trocado dois dedos de cavaco com o meu nobre amigo, não é facil varrer-se-me, meu caro senhor... não tenho o prazer de saber a sua graça.

— Briggs, é o meu apellido. — Sou Briggs, e tenho muita honra nisso.

— Ora essa! Pois não! O amigo é uma pessoa notabilissima, senhor Briggs, — uma das pessoas mais notaveis que me foi dado encontrar — e é pelo facto de ser tão notavel, que eu desejo dever-lhe um favor.

E eu a deitar-lhe o rabinho do olho; a dar-me manteiga, ora o figurão!... cheirou-me a encosto — e caso é que a cara não o ajudava; tratei de me ir pondo de capa.

— Depende do que fôr, repliquei.

— Desejo convidá-lo para uma noite de pandega.

Fiquei achatado de todo: depois do que entre nós se passara, o caso não era para menos.

— Agradeço como se aceitasse, mas dá-se um obstaculo, aleguei, e vem a ser que ignoro com quem estou falando; que nem lhe sei o nome, nem onde mora, e o mais, na proporção.

— Isso nada faz ao caso, impugnou o typo, — nem por sombras — e muito menos para um individuo como o senhor. O que eu lhe queria pedir, era que aparecesse esta noite em Hackney Downs, Villa das Violetas, n.º 44, e perguntasse pelo senhor Macfarlane, e tenha a certeza de que ha-de ser recebido como nunca alguem o recebeu, vae passar uma noitezinha de regabofe, que difficilmente ha-de esquécer.

— Em summa, eu, effectivamente, esta noite não tenho destino...

— Posso então contar com o meu amigo — uma patuscada de arromba, ora verá! — Sociedade notabilissima — damas e cavalheiros; uma dellas, muito em especial — uma creatura portentosa. Que o meu nobre amigo só pode ser devidamente apreciado por uma dama; e verá que o vae ser, amigo e senhor Briggs, isto não desfazendo de modo nenhum na amabilidade dos cavalheiros. Então? vá, diga que sim.

— Visto que tanto insta, na verdade. — Faz favor de me repetir o nome?

Saquei da carteira de lembranças.

— E' isso mesmo, assente-o na carteira, para se não equivocar. — Macfarlane — Villa das Violetas, 44 — Hackney Downs.

— A que horas?

— Eu lhe digo: depois das sete, a qualquer hora que lhe convenha.

Mas veja lá, não se demore, que a patuscada principia ás sete, em ponto, e é pena se não assistir ao principio.

Prometi que não faltava, e o prometimento era sincero. Estava-me pulando o pé para o regabofe — confesso o meu fraco. — E dahi, elle instava tanto comigo!

A' despedida trocámos um aperto de mão, como eu estava longe de antever, quando elle ia sentado em frente do meu amigo Tanner. Mais uma prova, disse eu comigo, apressando o passo, pois já ia um tanto retardado, de que não ha meio de adivinhar a indole de qualquer individuo, á primeira vista.

Succedeu haver pouco que fazer na repartição, e portanto, pude saír cedo, e como tivesse tempo de sobra, fui a casa mudar de farpéla.

Uma volta para aqui, outra para acolá, já eram mais que horas quando tornei a pôr o pé na rua, e como eu tivesse pouco conhecimento daquelles sitios, cheguei a Hackney Downs mais tarde do que suppunha; e quando lá me achei, mal sabia onde estava. Ninguem me sabia dizer onde ficava a Villa das Violetas. E eu já meio arrependido de ter calçado as botas novas.

Estão justinhas, lá isso estão. Um sujeito dizia-me que lhe parecia que era para aquelle lado; e depois de eu ter apanhado uma estopada, outro parceiro declarou-me que lhe parecia ser para o lado opposto, e lá apanhei eu nova estopada; apuradas as contas, ainda nem sequer estava orientado, e já ia andando a pé-coxinho.

E quem me diz a mim que não será partida, que o typo me quiz fazer? reflecti — mas se a coisa se prolonga, passo-lhe o pé e meto-me em casa.

E a bota do pé direito cada vez a parecer que encolhia mais; tive que me amparar a uma grade de ferro, para aliviar o pé. Eis que passa um sujeito já edoso.

— O cavalheiro não me saberá dizer para onde fica a Villa das Violetas?

E elle a varar-me com os olhos, como se quisesse ficar-me conhecendo, quando me tornasse a encontrar.

— Venha comigo, respondeu — Sabe ler?

— Está visto que sim, repliquei.

Apontou-me para a parede.

— Olhe para ali; V-i-vi, l-a, la, Villa; d, a, s, das; V-i Vi, o; l, e, le, t a, s, tas,

Violetas. Para outra vez, sirva-se dos olhos, meu menino.

E elle ahi vae, sem me dar tempo a dizer-lhe «muito obrigado»; que, tambem, pouco se perdeu. Mais para além, estava um policia. Que eu, se querem que lhe diga, não vou lá muito com policias, geralmente falando; não os considero um modelo d'intelligencia. Quer sim quer não, fui ter com elle.

— Camarada, saber-me-á dizer onde móra o senhor Macfarlane?

— Guilherme Macfarlane?

Arrebitei ao ouvir aquillo; ainda ha policias com caco, no fim de contas.

— Vê aquelle predio? E' ali que elle móra — naquella casa com os postigos vermelhos. — Chamam-lhe por aqui a *Casa assanhada*, e verá que não é sem motivo, visto que vae para lá.

UM ARGANAZ DE CABELLEIRA COMPRIDA...

Olhou para mim, a rir, e meteu rua abaixo, ás patadas, ou elle não seria policia; e eu ás aranhas, sem saber a que é que elle acharia graça. Mas não tenho outro remedio senão confessar, ainda assim, que as palavras e os modos do patusco me deixaram aprehensivo, um poucochinho. A Casa assanhada — disse elle? Casa assanhada. O titulo nem por isso era muito atrahente, pois não acham? Fiz mal em o não preguntar ao policia, lá isso fiz, e ainda estive, vae não vae, para o chamar. Andei mal, em não lhe puxar por a lingua.

Porque eu, apuradas as contas, não sabia quem éra o tal espilracanivetes; e lembrando-me da impressão que me fizera, ao dar com os olhos nelle, lá no comboio, e as observações nada agradaveis com que me mimoseou, palpitou-me, assim a modos, que teria sido melhor não lhe aceitar o convite para a tal noite de pandega. Ao mesmo tempo era asneira não tentar a sorte, tendo aliás palmilhado meia Londres, lá por causa das baboseiras do policia.

Fiz tenção de contar o caso aos patuscos, para se rirem á custa do representante da autoridade. Subi pois a escada do predio e bati á porta.

Nada de resposta. O meu palpite foi esgueirar-me pela escada abaixo, e safar-me como se nunca tivesse batido a argolada; mas, se me apanhassem com a bôca na botija, podiam desconfiar de que era partida, e não lhe quis correr o risco. Não tinha geito inaugurar uma noite de pandega com qualquer peripecia desagradavel; fui pois ao extremo opposto — deitei mão á aldrava e deixei-a caír.

Abriu a porta, qual relampago, um sujeito, com a cabeça mais assanhada que eu tinha visto em minha vida. Dava-lhe um aspecto sinistro, palavra de honra!

Não se cançou com preguntas nem me deu tempo para abrir a bôca; filou-me pela gola do casaco, com uma ancia, que me deixou pasmado.

— Com que, então, é você? Já não é sem tempo! Que precisão tinha você de fazer um estardalhaço, que por pouco não prega com a porta em terra! Venha dahi!

Entrei, ou antes, arrastou-me elle; agarrando-me pelos hombros e fazendo-me girar que nem um pião, a ponto de que, quando verifiquei onde estava, fechara-se a porta, e elle e eu lá iamos enfiando pelo corredor.

— Mora aqui o senhor Marfarlane? indaguei.

— Guilherme Marfarlane? Com que, então, é isso que o traz aqui? Nós lhe daremos o Marfarlane, deixe estar. Nós lhe diremos. Passe para cá chapeu e bengala. Que a bengala vem mesmo ao pintar. Não fui eu que lhos dei, foi elle que m'os arrancou das mãos, floreando o rotim no ar, com um rompante, que me fez recuar de um pulo, apezar do aperto das botas.

— Entre para ali!

Abriu a porta de um quarto, lá ao fundo, e empurrou-me por ali dentro. Depois, atirou com a porta, que abalou a casa toda. Estou que não serei cara para ir ao arame, sem motivo, mas sempre lhes direi, que o modo porque aquelle trastinho me tratou não concordava com as minhas ideias, no tocante a encetar uma noite de pandega.

Coisa que menos se parecesse com uma reunião de pandegos, do que o quarto para onde elle me tinha desfechado — isso é que nem padece duvida — creio que não seria facil encontrar. As fotografias, que enfeitavam as paredes — não fazem ideia! — olhar para ellas era o sufficiente para me esfriar o gosto de saborear a folia. E eu a descompôr-me a mim mesmo, por ter caído em vir, eis que estruge um som por todo o predio que — não direi que fiquei sem pinga de sangue, mas que me senti esquisito, lá isso senti. Era assim um meio termo entre o bramir de um toiro e o silvo de uma machina de vapor; e seguiu-se-lhe um estrondo, como se alguem, lá em cima, de empreitada, estivesse a atirar pedregulhos para pregar com o predio em terra. E eu a scismar se teria vindo parar a um hospital de doidos, e a pensar em armar um pulo, dar cebo nas botas e despedir por ali fóra, emquanto era tempo, eis se abre a porta, e enfia por ali dentro um dos typos mais mal encarados que tenho encontrado em minha vida. Um calmeirão, taludo, largo dos encontros, nutrido, sem pescoço e com uma cabeça redonda, pequena para o corpo, cabello côr de gingibre, e uns olhos, conforme pude observar, não só injectados de sangue mas ainda esquisitos a valer. Não abriu bico, ao entrar, mas plantou-se defronte do fogão, e pôs-se a varar-me com a vista, calado. Tentei dizer o que quer que fosse, mas — com aquella almanjarra, de olhos fitos em mim, daquelle modo — nem sei para onde se me tinham sumido as palavras.

Até que por fim explicou-se.

— Sou o Ebenezer Posford, não sei se sabe, disparou elle n'uma voz, que mais parecia um grasnido.

— Ah! sim? repliquei; pois senti que devia dizer alguma coisa. — Estimo immenso conhecê-lo, senhor Posford. O meu appelido...

— O appelido pouco importa; estou informado a seu respeito. O que eu quero é que fique sabendo alguma coisa a meu respeito. O meu nome é Ebenezer Posford, repito.

— Sim, sim — já m'o disse.

— Ah! elle é isso? Quer môlho, muito bem, ha-de prová-lo. Só o que lhe digo é, que se torna a abrir bico, sem que eu acabe de fallar faço-lhe saltar essa pinha fóra do corpo — com estes, e estendeu-me o punho, e declaro que nunca vi punho daquelle tamanho e daquella côr, e rijo, ao que parecia; fascinou-me aquelle punho — parecia uma perna de vitella, em sangue.

— Torno a repetir-lhe — sou o Ebenezer Posford, jogador de socco, de uma canna, nomeado por toda essa Inglaterra; não deixará de me ter ouvido nomear; nem falta quem o ficasse sabendo de côr, á propria custa, E, eu se lh'o digo, é para que fique sabendo, á justa, onde é que se acha; não sei se me intende?

Dava alguma coisa para me poder escoar d'ali para fóra, á surrelfa; e palpita-me até que o demo da bota apertada não me serviria de impecilio para me safar, com vento fresco; de tudo aquillo foi o que eu percebi.

Mas o que eu não percebi foi porque era que elle me falava daquella maneira, e aquelle trambolho daquelle punho a ameaçar-me tirava-me a vontade de lho preguntar.

Elle, proseguiu:

— E agora, que ficámos intendidos, offerece-se-lhe dizer alguma coisa?

Coisas que lhe dizer não me faltavam; mas o que eu não sabia era o modo de as dizer.

E só a custo consegui gaguejar:

— Eu... eu... estava um tanto incerto, quanto ao caminho para a estação do caminho de ferro, senhor Posford.

— Deixe lá isso. Quando eu o tiver largado das mãos, não precisará de saber o caminho, seja para onde fôr. Vae apanhar uma lição, esta noite, que, comquanto me palpite que já andava a precisar della, ha que tempos, agora que a vae apanhar, ha-de lhe ficar lembrada para todos os dias da vida.

Eu, sem saber o que é que elle queria dizer na sua — esperançado em que assim fôsse, pelo menos; mas, assim que olhava para elle, parecia-me sentir uma carapinhada a correr-me pelas veias. Senti-me, apezar de ninguem me ter offerecido uma cadeira; mas a verdade é que já nem pernas tinha para estar de pé.

— Estou persuadido, consegui expectorar — de que haverá equivoco. Não direi que seja sua a culpa, estimabilissimo senhor Posford...

— E faz bem; arrependia-se, com certeza.

— Mas não me recordo de haver tido o prazer de encontrar com a sua pessoa...

— Prazer que, agora que chegou a occasião, me palpita que não se repetirá.

— E o facto... é que, a quem eu vinha procurar era ao senhor Macfarlane.

— Não tardará muito que o não veja, não tenha cuidado.

— Que foi aquillo?

Tornou a estrugir o mesmo estampido de indágora, mas muito mais estridulo, sem falarmos na terramotada que se lhe seguiu.

Dir-se-ia uma explosão de dynamite!

Dei um pulo na cadeira, que nem um boneco de sabugo.

— Aquillo é o Macfarlane.

— Elle... estará incommodado?

Depende do que será a que o senhor applica o termo «estar incommodado». Está com ganas de se atirar ao senhor, e elles, tentando contê-lo, e por conseguinte, é assim que elle exprime os seus sentimentos.

— Mas se elle me convidou para uma noite de pandega?

VENHA COMIGO, RESPONDEU. — SABE LER?

— Uma noite de pandega, disse-lhe elle? O Macfarlane tem ideias muito especiaes a respeito de pandega.

Hade ver o que é uma noite de pandega, quando elle o tiver soltado das unhas, espere-lhe pela pancada!

— Permitir-me-á que lhe declare, respeitavel senhor Posford, que tambem tenho as minhas ideias — e consinta-me que lhe observe...

Eu ia azoando, e dispunha-me a informá-lo, de que desistia de me demorar no predio, um só minuto, eis se escancara a porta, de repelão, e espicha por ali dentro o mostrengo da grenha côr de cenoira.

— Vão-se dando lindamente, hein? commentou.

— Uma belleza, pois não? declarou mister Posford — vamos estando unha com carne.

— Não é coisa que se veja, não é verdade? indagou o pinha de açafrão, a medir-me de alto a baixo como se eu estivesse em exposição.

— Precisa a gente de olhar para elle duas vezes, primeiro que o veja, de uma dellas. Não é typo que dê cuidado.

— Cuidado! Isto! Parece mais um sagoim que uma alma christan, e um sagoim de mama, com tudo isso!

— E' extraordinario o que enche o olho a umas certas sujeitas!

— Se é isto que lho enche, com certeza!

— Extraordinario!

Palpitou-me que aquellas observações eram aduzidas para meu beneficio; não pude deixar de o perceber; eram tão directas! Ora eu, sou um homem que, quando as coisas excedem um certo limite, embirro os pés á parede, e procedi a patentear-lho.

— Consintam-me que lhes advirta, cavalheiros, encetei; que é a primeira vez que tenho a honra de gozar a sua companhia — pouca sorte da minha parte, e dahi, talvez que não, — mas, nesta occasião, não vim aqui para os encontrar. Vim aqui para disfructar um serão aprazivel, por convite especial do senhor Macfarlane.

— Muito bem, replicou o homem da grenha ruiva; está principiando a passar a primeira parte do programa, comigo. — Sou seu filho,

— Seu filho! exclamei, pasmado. Nunca suppus que elle tivesse edade para ser pae de um filho tão novo. Queria dizer, talvez, aventurei-me a sugerir — que é seu irmão?

Quero dizer o que digo; sou um delles, pelo menos, pois tenho quatro irmãos, e sou o mais novo — estão tentando apaziguar o pae, neste momento, aliás tê-lo-ia já morto ao senhor, ha que tempos.

E agora, creio que ficaria percebendo os meus sentimentos, ao lembrar-me de que um misero e mesquinho animalculo meio medrado, mal cozinhado tem andado a fazer-se fino com minha irman.

— Eu!... fazer-me fino — com sua irman! Com sua irman! repeti, boquiaberto. E não admira, pois me occorreu, de repente, que devia de haver um equivoco qualquer. — Mas se eu, que me lembre, nunca, em minha vida, pus os olhos em sua irman!

O pinha assanhada olhou para o Posford. — Ouve isto? Cara estanhada, até aqui!

— E' claro que sim! Mas havemos de estragar-lha, e não hade tardar muito — isto, se é que se poderá estragar uma insignificancia destas.

— Permitam-me que lhes explique... clamei. — Fá-lo-ei com clareza.

— Ahi vem meu pae — elle aclarará o negocio, deixe estar: encarregar-se-á das explicações de que você está a precisar, e mais um nadinha.

Lá fora ouvia-se um terramoto, como se meia duzia de pessoas baldeassem de escantilhão pela escada abaixo; escancarou-se a porta, e enfiou por ali dentro o que me pareceu serem meia duzia de pessoas, á bulha. O quarto, a propria inferneira, e mister Posford empolgou-me pela gola do casaco, antes de eu começar a perceber do que é que se tratava. O homem mais taludo que meus olhos jámais tinham visto — estava-se comportando como se estivesse doido varrido. Cabello, barba, e a propria cara, tudo assanhado como uma fogueira, mas com algumas brancas, aqui e acolá, pois se percebia, logo á primeira vista, que já tinha sido mais novo. Outros quatro trangalhadansas, mas um tanto mais baixos do que elle ainda assim, pendurados nelle, com quanta força tinham; não havia que duvidar de que eram seus filhos, a côr do cabello e da pelle, davam-n'o bem a conhecer. E quando um mulherão, que estou que orçaria pelos cincoenta, entrou pela porta do fundo, com o cabello de outra variedade de vermelho, fui percebendo porque é que a policia declarou, que aquella casa era conhecida por «casa assanhada»; eu nunca acreditaria, se o não tivesse presenceado, com meus proprios olhos, que houvesse gente com o cabello daquella côr. E o gigante da grenha côr de lagosta a bravejar e a luctar e a barafustar, como um orate, abanando o predio de alto a baixo cada vez que se mexia.

— Onde está elle? bramia. Deixem-me deitar-lhe as unhas! Deixem-me haver á mão esse patife, que se ludibriou de affecto de minha filha!

— Está seguro — deitei-lhe o gatazio, declarou mister Posford, affirmativa que, se é que se referia á minha pessoa — se confirmava, pois estava filado com muita mais segurança do que de facto me convinha.

Macfarlane senior não tirava os olhos de mim.

— Quê? ejaculou — Quê? — Aquillo!

Cuidei que ia ter um vágado — E como elle berrava, cada vez mais de rijo, não sei como o tecto não vinha abaixo. — Essa miseria — esse microbio — fazer-se fino com uma filha minha!

— Não me fiz fino com a sua menina! bali eu. — E faça favor de não me chamar microbio.

O grenha ruiva, que abrira a porta, meteu a sua colherada,

— Deixe lá, pae, não se esteja a inquietar, que eu tomo o sagoim á minha conta, e

Nunca tive senão um desde que na pia do baptismo me pregaram uma constipação — Briggs, Samuel Briggs, um seu criado.

Briggs? E nunca teve outro?

O caso vae estando divertido. Você, quando fez pé de cantigas a minha irman, disse que se chamava...

— Mas se eu nunca fiz pé de coisa nenhuma a sua irman, já lhe disse!

— Posford, você não fará calar a busina a essa empada, a ver se eu acho meio de lhe dizer duas verdades?

— ESTA' SEGURO, DEITEI-LHE O GATAZIO, DECLAROU MISTER POSFORD

depois, se quiser, passo-lho para as mãos. Tenha a bondade de me escutar, senhor Curling.

Curling? Pareceu-me que me estava a chamar Curling.

— O meu appelido não é Curling, atalhei.

— Com que, então, agora, já se não chama Curling? Você tem mudado tanta vêz de appelido, que não é facil acertar. Qual é então o que está de semana?

Vamos, desembuche!

— Elle que torne a abrir bico, torço-lhe o pescoço como quem torce uma rodilha.

— Você impingiu a minha irman que se chamava Montgomery; e ella só por acaso veio a saber, que o seu appelido era Curling; e foi com esse appelido que trataram casamento, e que você lhe passou o pé; e foi em vista do seu comportamento, com um nome supposto, seu refinadissimo intrujão, que meu pae, aqui presente, lhe escreveu a pedir-lhe que comparecesse e se desse a conhecer, como cumpre a todo o homem de

bem, aos parentes e amigos da noiva, afim de apresentar as devidas justificações, que ella sentia, e nós, egualmente, serem indispensaveis, e portanto, é na qualidade de Augusto Curling que você aqui se acha.

— Peço perdão... Não pude continuar, a peste do Posford tirou-me o fôlego.

— Espere um instante; e depois falará. O que nós pretendemos saber, com franqueza e sem rodeios — e antes de irmos mais longe — é quaes são as suas intenções, com respeito a minha irman.

— Deixa-o responder, Posford.

— O Posford soltou-me as valvulas — que eu ainda estive dois segundos sem poder tomar a respiração.

— As minhas intenções! assoprei.

Para que é que quer saber as minhas intenções? Não tenho intenções de qualidade nenhuma,

— Não tem intenções?!

— Não tem intenções! berrou o mastareu dos seis pés e seis polegadas; e armou outro pulo; Larguem-me, larguem-me!

Mas não o quiseram soltar, e para mim foi uma pechincha. Mais uns minutos de tremor de terra; e depois, calmaria. Sae-se dali o grenha assanhada, outra vez.

— Veja se socega, pae, que eu, em elle me saindo das mãos, cedo lhe a vez.

E voltou-se para mim:

— Se me não engano, ouvi-lhe declarar, que não tinha intenções de qualidade nenhuma, com respeito a minha irman?

— Mas se eu nunca a vi!

— Nunca viu minha irman?

— Nem pintada!

— Pedaço de intrujão! Desprezivel microbio! Como diz o auctor de meus dias.

— Não me chame microbio, já lhe disse! Que eu, ainda assim, antes me queria chamar microbio, do que ter o cabello da côr de alguns que estou vendo!

Nisto, entrei a pensar que principiaria a festa.

Mas foi maior a calada do que até ali; estou em dizer, até, que ficariam tão embatucados, que a ideia de darem cabo de mim se lhes varreu de todo, com a embatucadéla. Entra em scena outra vez o grênha de açafrão:

— Tem uns modos muito insinuantes, senhor Curling.

— Não me chame Curling! E elle a darlhe!

— E ainda tem cara para insistir, na presença de todos que aqui estamos, que nunca viu minha irman! Está me cheirando, a que por aqui anda mysterio, e estou resolvido a profundá-lo. Ha marosca, seja ella qual fôr, olé se ha! ou eu estarei muito enganado.

Voltou-se para o marimacho já maduro e disse:

— Mãe, veja se vae lá acima e mande cá abaixo minha irmã,

— Raspou-se o marimacho. Dali a pouco sentiu-se um rumor, escancarou-se a porta, de repelão, e desfecha por ali dentro uma fêmea, com mais de seis pés craveiros de altura, e com cabello ainda mais assanhado. Se era nova ou se era velha, não me sinto habilitado a affirmá-lo; que, mulher com o cabello daquella côr, para mim não tem edade.

— Augusto! uivou a creatura, levando o lenço a cada olho, por sua vez; — por que me estás tratando deste modo?! Depois do que entre nós se deu, e de quanto me prometeste, nunca pensei, que me havias de roer a corda!

— E agora? disparou o pinha de acafrão, n.º 1. — Ainda quer negar que é o tal sujeito?

— Qual sujeito nem qual demonio! esganicei; deixe-se de estar a metter os pés para dentro. Veja se resolve essa senhora a tirar o lenço dos olhos, e olhar bem para mim.

— Ouve lá, Flora, — pôr o nome de Flora a um mulherão daquelle feitio, nem ao diabo lembra! — Olha bem para elle, e diz-nos se é elle, ou não.

A sujeita tirou o lenço dos olhos, e pôs-se a olhar, em redor, pasmada, que nem um vitelo a olhar para a lua.

— Onde está o meu Augusto? preguntou a deusa.

— Não será este?

— Este! E pôs os olhos na minha pessoa; a julgar pelos tregeitos, não me pareceu agradar-lhe o meu todo, muito mais do que o della me agradou. — Isto! o meu Augusto! Como te atreves a insultar-me! E talvez não queiram crer, mas, tão certo como dois e dois serem quatro, deu uma pernada e levantou-me do chão, mantendo-me sus-

penso no ar — e por aqui verão de que calibre era a sujeita!

— Que fizeram ao meu Augusto? preguntou; e abanou-me com tanta força, que eu quasi que senti os dentes a tocarem castanholas.

— Se me não põe no chão, casco-lhe, ouviu?

Bater-lhe, eu! Era o mesmo do que tentar bater no zimborio de S. Paulo; eu era tal qual um menino na mão das bruxas.

Precalços de quem tem boa figura, mas um tanto maneirinha.

Assim Deus me accuda, e não venham para cá falar-me em terramotos! — Nem sei como não pregaram com o predio em terra. O que foi que me aconteceu, ainda hoje estou para o saber, era o proprio jogo de empurra num hospital de doidos! Cada qual a molhar a sua sôpa! Só do que me lembro é de pregarem comigo de trambolhão pela escada abaixo, no olho da rua, e o chapeu e a bengala pelos ares, atrás de mim. Estou em dizer que o fariam, com tenção de me salvar a vida.

Mas fiquei tão moído, que durante muito tempo não fui capaz de me por em pé, e quando o consegui, estava tão encarangado, e quasi que sem poder mexer um dedo, que, com as dores e o formigueiro, e o raio da bota apertada, meti por ali fóra, muito encolhido, a pé-coxinho. Levei um bom quarto de hora para voltar a esquina, e quem heide eu ver aproar para mim, ora imaginem! O tal sujeito, lá do comboio, tão quezilento, gadelhudo e de cara estanhada, como dantes, mas umas natas, todo elle.

— Muito boa noite, senhor Briggs, prezadissimo amigo, pespegou-me o patife, todo elle a derreter-se em amabilidade,

Fiquei de boca aberta, e sem a poder fechar; e dadas as circunstancias, acho que toda a gente faria outro tanto.

— O senhor! gaguejei; o senhor! Ora, se ha!

— Que tal foi a patuscada, amigo e senhor Briggs? Estou certo de que ficaria encantado com a recepção cordial do amigo Guilherme Macfarlane e sua amabilissima familia — Uma gente muito divertida e que vende saúde, segundo me consta. E a menina Macfarlane — não deixaria de a ver, acho eu? Espero que, como eu sempre futurei, não deixaria de o apreciar conforme merece?

INVESTI PARA ELLE, COMO UM TOIRO...

— Refinadissimo patife! trovejei; — não estivesse eu a caír da boca aos cães — e veria como... como...

E como eu estivesse a parafuzar, para desencantar vocabulos apropriados, afim de exprimir os meus sentimentos, eis que ouço uma voz por detrás de mim, que eu tinha ouvido, havia pouco.

— Augusto! o meu Augusto!

E' elle que ali vae!

Elle, ouviu-a tambem, e deu um pulo.

—Seu sagoim de uma figa! clamou; com que então, armou-me a ratoeira?

Isto, já com differente metal de voz.

E despediu por ali fora, tal qual um carro electrico descarrilado.

Olhei em redor, e dei de cara com a donzella Macfarlane, com o Posford, e alguns dos irmãos da sujeita, mas agarrá-lo, isso, sim!

—Voltaram para trás, cedo de mais para fazerem o seu pésinho, no regabofe.

—Sua ratazana de sargêta! explodiu o Posford, você a affirmar que nunca tinha visto o tal sujeito, e elle a rondar-nos a casa, á sua espera. Estavam combinados, olé; isso é que estavam, e o que você estava a pedir é que lhe fizessemos esses ossos num feixe.

Enfeitava-se para pôr mãos á obra; tão certo! E podia ter-se saído bem, a não apparecer o policia, de quem eu tinha indagado o caminho, e que lho impediu.

— Olá! Que vem a ser isto aqui? preguntou o anjo da paz.

O Posford, que pelo nome não perca, deu explicações.

— Só policia, este malandro deste pimpôlho portou-se vergonhosamente, infamemente, com uma senhora! O que elle merecia é que lhe arrancassem a pelle!

O policia, com a amostra de bom senso, peculiar á classe, acceitou os factos, na fé dos padrinhos.

— Vi-o a rondar por aqui, ha pedaço, e fiquei a scismar no que é que elle andaria a armar.

E agora, o melhor que tem que fazer, é ir-se miscando.

— Fui-me miscando, sem esperar por mais, e como lá se diz. de rabinho entre as pernas — como se tivesse perpetrado qualquer delicto! Até que por fim, cheguei a casa, conforme pude. O que eu sei dizer é que, quando lá cheguei, não estava capaz, fôsse para o que fôsse. Santo Deus! Que noite que eu passei!

No dia seguinte, de manhan, quando cheguei á estação, o meu amigo Tanner tudo era perguntar-me, se eu tinha batido com o olho n'alguma porta aberta, ou coisa que o valha, eis que chega o comboio, e quem hei de eu ver? — Aquelle patife a deitar a cabeça pela portinhola e a berrar por mim.

— Olé! Briggs! berrou elle com quanta força tinha, a ponto de toda a gente voltar a cabeça. Como vae essa bizarria, amigo Briggs? Chegue aqui, Briggs, e conte-me a patuscada de arromba, lá em casa do Macfarlane!

Investi para elle, como um toiro, simplesmente.

— Soltem-me, que quero ensinar aquelle patife!

Mas não me soltaram — não se atreveram; um carregador deitou-me as unhas, o comboio abalou da estação, e eu fiquei para ali, com cara de asno, na plata-fórma. Boa colher de hervas, não tenha duvida! E a consequencia foi eu chegar tarde ao escriptorio, e apanhar um raspão — além das piadas pouco agradaveis, com respeito ás nodoas e perpelões, que apresentava na cara.

E já lá vão dois mêses.

Hoje á noite recebi um embrulho, em minha casa. Continha uma caixa de papelão, e dentro della um pedaço de bôlo nupcial, e no topo do bôlo um cartão, e no cartão o dizer seguinte: Augusto Curling, e sua esposa cumprimentam... — isto em gravura; e por baixo, em letra de mão, o nome de mistress Curling — em solteira, era Flora Marfarlane. Em memoria de uma noite de pandega.

Ponham na sua ideia o eu tocar com um dedo, só que fosse, naquelle bôlo de noivado! Nem que me esfolassem em vida! Uma migalha que eu tentasse engulir, ficar-me-ia entalada nos gargomilos! Elle sempre ha gente muito descarada, neste mundo!

Dei-o a minha irman. Disse-me que não se podia levar. Estou em dizer que falaria verdade. — Não admira. — Vindo de semelhantes mãos!

Adaptado do inglês, por MANUEL DE MACEDO.

Exposição de rosas

A Associação Central de Agricultura Portugueza, inaugurou uma linda exposição d'estas flôres, sendo as medalhas d'ouro concedidas ao Instituto Superior d'Agronomia, ao sr. Marcolino Teixeira Marques e Camara Municipal de Lisboa Hoje contam-se por milhares as variedades de rosas. Todos os annos combinam-se umas com as outras, obtendo-se as creações por meio de mesclas. Como a rosa é uma flôr docil e amavel não resiste, e consente que a forcem.

A imperatriz Josephina, que tinha paixão pelas flôres e dispendia, para a sua cultura, enormes quantias, não conseguiu, apesar dos esforços do seu jardineiro que era um homem habil, a arte de as multiplicar com resultados proficuos. Deve-se-lhe a rosa, hoje considerada como vulgar: *Souvenir de Malmaison*. Foi no principio do seculo XIX que começou o grande esforço da cultura floricola. Mas que de trabalhos, quantas combinações, desde ha meio seculo, para se conseguirem os resultados de hoje!

O interessante a estudar no combate que se estabelece entre as rosas, é que á maneira que surgem novidades, as que ficam vencidas no terreno da fórma ou da côr, retiram-se timidamente á franceza. Cultivam-n'as menos, esmagadas pelas suas congeneres triumphantes, depois, a pouco e pouco, tornam-se tão raras, que nunca mais são vistas. Lembro-me de ter admirado uma linda rosa d'um encarnado sangrento chamada a *Gigante das Batalhas*. Brilhava, orgulhosa e soberba, reinando sem rival, só consentindo a seu lado as rosas pallidas, que ainda mais faziam resaltar a sua purpura.

Decorridos alguns annos, apresentou-se uma rival d'um vermelho-violaceo. Esta entrava na liça, de cabeça levantada, altivamente, sem periphrase. O seu nome era mesmo uma provocação, visto que lhe chamavam:

— *Leão dos Combates.*

Foi uma lucta aberta. Mas uma bella manhã sobreveiu terceira rival, de folhas avelludadas, d'uma rica coloração, fórma irreprehensivel, d'uma elegancia sem egual, denominada:

— *General Jacqueminot.*

E ante esta *Gigante* e *Leão* foram obrigadas a retroceder, declarando-se vencidas.

Hoje ninguem as conhece.

Pois a propria *Jacqueminot* tende a desapparecer.

Porque? talvez perguntem, uma rosa tão admiravel!

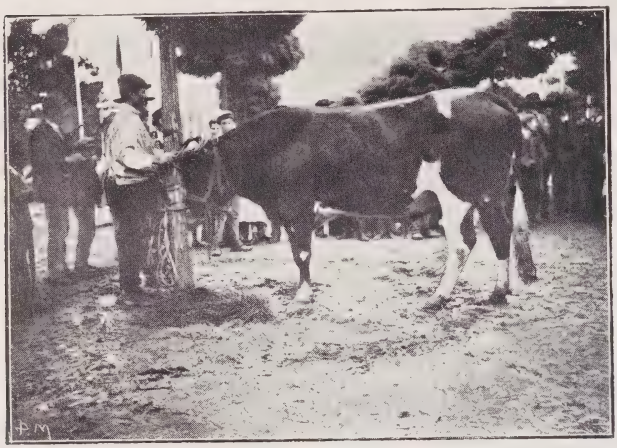
Porque ha já melhor, porque a triumphante *Jacqueminot* foi empregada em novas combinações, e estas deram resultados maravilhosos, rosas incomparaveis, d'um encarnado tão intenso que os olhos a custo supportam o seu fulgor. A pobre *Jacqueminot* suppunha-se invencivel, e foi dominada pelas succedaneas, devorada pelos filhos. O contrario d'Ugolino!

Mas o que não comprehendo bem é que exposições d'esta ordem não sejam feitas em muito ar livre, dando-lhes um tom pittoresco, o que, em recintos pequenos, lhes falta em absoluto.

E um espectaculo tão agradavel para os olhos, assim não é nunca completo.

Um concurso pecuario

No Campo Grande effectuou-se o 3.º concurso pecuario promovido pela Associação Central de Agricultura Portugueza.



«EURICO», TOURO DE RAÇA HOLLANDEZA, 1.º PREMIO

Mais uma vez esta sympathica aggremiação demonstrou os relevantes serviços que presta, promovendo d'estes certamens que tanto teem d'util, constituindo motivos para futuros engrandecimentos.

Os dois primeiros premios foram concedidos á Coudelaria Nacional e ao sr. José Marques Pereira, pelos magnificos exemplares que apresentaram: um touro de raça hollandeza e uma vacca turina.

«JOIA», VACCA TURINA, 1.º PREMIO

Manuel d'Arriaga

Um grupo d'amigos sinceros quizeram prestar não uma homenagem, porque entenderam que essa palavra vae-se polluindo em demasia, mas a verdadeira consagração a uma creatura toda bondade, alma cheia de mysticismo, espirito ponderado, e que tem visto o mundo sob um prisma falso — muito azul, abundancia de côr de rosa...

No mal, se o chega a analysar, busca sempre encontrar alguma attenuante; no criminoso vê apenas um grande desgraçado, embora não seja essa a melhor maneira de purificar uma sociedade, mas devem-se desculpar esses espiritos superiores que só querem encarar a humanidade em tudo quanto n'ella póde haver de bello!

A festa celebrou-se no Coliseo dos Recreios, e embora aquelle a quem era dedicada não podesse comparecer, devido ao seu estado de saude, nem por isso deixou de ser menos brilhante.

Presidiu o sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior.

Falaram, entre outros, o sr. dr. Magalhães Lima, que disse que «a nossa missão é essencialmente purificadora acima e fóra de todas as paixões».

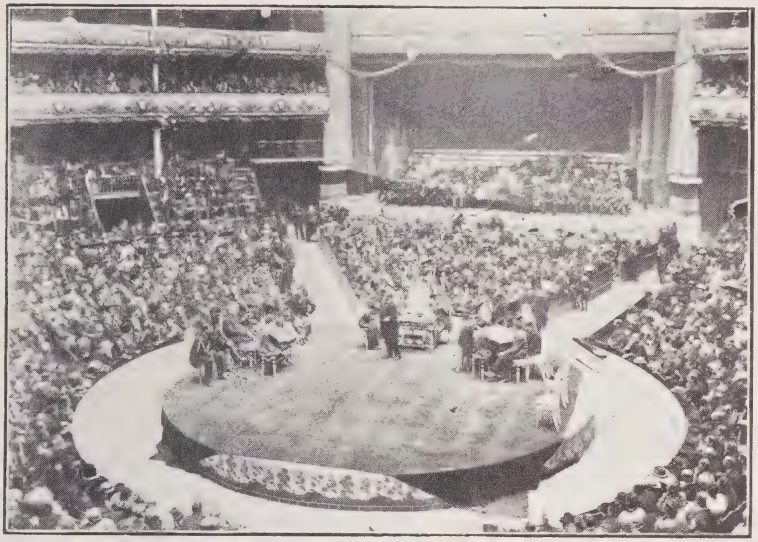
Que os tempos heroicos da democracia tinham sido quando Theophilo Braga comprava ossos para fazer um caldo, quando João Bonança empenhava o pouco que possuia para fundar em Lisboa um dos primeiros jornaes republicanos, quando Manuel d'Arriaga vivia em Coimbra com seis vintens diarios.

E saudando a patria, saudou a de Oliveira Marreca, de Elias Garcia, de La-

tino Coelho, de Rodrigues de Freitas, de José Falcão, de Horacio Ferrari, de Cecilio de Sousa, de Teixeira Bastos...

Compraz-me deixar aqui registadas as altissimas demonstrações de apreço que áquelle verdadeiro homem de bem, e sempre consequente, foram dadas.

Que a mocidade nunca esqueça o nome de Manuel d'Arriaga, uma alma immaculada e cheia de enthusiasmo juvenil.



UM ASPECTO DO COLISEO DOS RECREIOS

Luiz de Camões

A 10 de junho de 1580, Luiz Vaz de Camões, sentindo que se acercava o seu final, escrevia a D. Francisco d'Almeida:

Ao menos morro com a Patria

O odio e a inveja que tinha provocado a publicação dos *Lusiadas,* a miseria, o escolherem Diogo Bernardes para cantor dos futuros triumphos de D. Sebastião, arrematados a 4 d'agosto de 1578 no tremendo desastre de Alcacer-Kibir, onde uma espada traçou nos desertos ardentes da Lybia o epilogo tristissimo d'uma grande epopeia, obrigando a nacionalidade portugueza a descer ao tumulo amortalhada na purpura d'um velho cardeal, tudo isto annuveou a fronte do poeta.

Serviu a sua patria denodadamente, sacrificando-se, tanto a amava, como elle proprio nos diz:

Para servir-vos braço ás armas feito,
Para cantar-vos mente ás musas dada.

Na celebre gruta que em Macau perpetúa o seu nome, compoz os *Lusiadas,* que constituem uma verdadeira gloria nacional, a Biblia d'um povo.

Foi obscuramente sepultado na egreja de Sant'Anna, da irmandade dos sapateiros.

O Atheneu Commercial, que se fundou em Lisboa por occasião do tricentenario de Camões, tomou d'esta vez a iniciativa de realisar uma romaria á estatua de Camões que foi concorridissima, mas a que faltou a parte esthetica, visto que uma agglomeração de gente, empunhando estandartes a passar durante horas assume o tom da monotonia.

Junto do monumento falaram varios oradores, emquanto a base do pedestal ficou juncada de flôres.

Eis duas quintilhas do genial cantor de *Nathercia* e que são primorosas:

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos,
E para mais me espantar
Os maus vi sempre andar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado
Assim, que só para mim
Anda o mundo concertado.

E para provar o seu espirito epigrammatico:

Encontrando-se Camões com o duque de Aveiro, como este soubesse que o poeta não tinha nada para comer, perguntou-lhe o que desejaria da sua mesa, respondendo-lhe que bastava uma gallinha.

Só quando acabou de jantar é que o duque se recordou da promessa, e mandou-lhe uma porção de vacca, recebendo de Camões os seguintes versos:

Já eu vi o carniceiro
Vender vacca por carneiro;
Mas não vi, por vida minha,
Vender carne por gallinha
Senão o duque de Aveiro.

NA PRAÇA LUIZ DE CAMÕES

Exposição de quadros

A Sociedade Nacional de Bellas-Artes inaugurou a sua 9.ª exposição e n'ella se demonstra que o pintor portuguez é, com poucas excepções, estudioso e trabalhador, maneja bem o pincel, não desdenha o colorido, embora por vezes abuse, é correcto, mas falta-lhe inspiração.

Nas telas que revestem as paredes, encontram-se algumas conhecidas de Velloso, Salgado, Malhoa e Carlos Reis.

Entre as novas, e que é forçoso distinguir, depara-se-nos a de Alves Cardoso — *Uma lição antes da festa*—de Garcia d'Araujo — uma *Cabeça de preta* — onde o traço é seguro e fino.

De Luciano Freire, notei o *Bucolismo facето*, de Ernesto Condeixa, a *Volta do trabalho*, de José de Brito, *A cozinha do sr. abbade*, e o *Pego escuro*, de Antonio Sande.

Das senhoras, o que mais chamou a minha attenção foram os *Chrysanthemos* de D. Guilhermina Costa.

Na esculptura ha muito a admirar e a citar e deparam-se-me os nomes de D. Christina Villarinho, Ferreira Moutinho, Simões d'Almeida, Costa Motta, Julio Vaz Junior e Torquato Pinheiro.

Tambem Columbano Bordallo Pinheiro, que de vez em quando consegue que respiremos um tanto livremente no campo da arte, apresentou no seu *atelier* da Academia umas quarenta telas, na maioria retratos.

Tendo a sua maneira, é sempre um enorme prazer ir alli, onde se encontra um taciturno, que consegue com os seus processos, que são só d'elle, acorrentar os criticos mais exigentes.

O *Christo crucificado*, que tenho a certeza ficará constituindo a obra mais completa do grande artista, que deve ser considerado por Portugal como uma gloria, embora incompleto, denota desde já o que virá a ser e revela o enorme estudo, a extraordinaria observação de Columbano. No que acolá se vê tudo é flagrante de verdade, — a carne, a posição, os musculos, o

peito saliente, a expressão do rosto, constituindo um d'esses trabalhos colossaes, onde não se sabe o que ha mais a elogiar.

E' uma familia privilegiada esta dos Bordallo Pinheiro, constituindo uma formosa dynastia — a do talento.

Os mortos d'este mez

No seu solar de Pindella falleceu o conde de Arnoso, general de brigada, secretario particular d'el-rei D. Carlos, com 55 annos.

Escriptor muito intelligente, publicou as suas *Jornadas pelo mundo*, relacionadas com uma viagem que fez a Pekin; são umas notas cheias de bom humor, os *Azulejos*, recordações da vida de Coimbra; *De braço dado*, contos de parceria com o conde de Sabugosa; para o theatro escreveu a *Primeira nuvem;* e com Alberto d'Oliveira extrahiu do conto de Eça de Queiroz, *Suave Milagre*, a peça que se representou em 1901 em D. Maria.

Após os acontecimentos de 1 de fevereiro de 1908, o conde cahiu n'uma profunda tristeza de que ninguem nem cousa alguma o conseguia afastar. Com a saudade a corroe-lo, um sorriso amargo a transparecer, uma desillusão das cousas e um aborrecimento pela humanidade, desde então assim se cifrou a sua vida.

Amigo leal e sincero do seu soberano, a magoa que sentira pelo seu desapparecimento não minguou nunca, e se uma complicação cardiaca não vem pôr termo áquella existencia, é crivel que o conde de Arnoso, n'um futuro não muito distante, fosse ao encontro da morte.

E como nunca a diplomacia palaciana o conseguira invadir, deixou o desgosto profundissimo que se sente ao ver desapparecer um homem de bem e que allia a essa qualidade o caracter do portuguez antigo.

*

Ruy Barbo já hoje pouco diz ao espirito do leitor.

E comtudo com esse pseudonymo, Alfredo Ribeiro teve uma grande aura, porque o seu espirito scintillava todas as semanas n'um jornal humoristico, o *Pimpão*, deixando alli artigos esfusiantes de graça, impregnados d'um bom senso, e que deram nome ao seu auctor.

A malicia brilhava-lhe através os vidros da luneta, a sua conversação era primorosa e tanto mais que o seu reportorio anecdotico era inexgottavel, e no seu humorismo um tanto á Rabelais havia um tanto d'indifferença pela humanidade, o que o obrigou a deixar dito que as pessoas que assistissem ao seu enterro não deviam tirar o chapéo durante a cerimonia.

*

Com 34 annos apenas morreu Manuel Penteado.

Era um tuberculoso, com muito espirito, de voz estrangulada, um sorriso que lhe animava as feições, e, como medico, conhecendo bem a doença que o dominava, não quiz prescindir na vida do que considerava uma distracção ou um prazer, visto que precisava não deixar perder uma hora, por que bem sabía que não soariam muito tempo para elle.

No *Jornal do Commercio* deixou uns pequeninos artigos que são impeccaveis tanto era o cuidado que presidia á sua confecção, e alguns chamaram por vezes a attenção, entre elles o publicado ha poucos mezes em que dizia verdades amargas ás actrizes, o que bastante as melindrou, porque ellas são... *Noli me tangere.*

Traduziu para o theatro o *Cyrano de Bergerac* e o *Amor não dorme*, e com Luiz Galhardo fez o original *Aguas de S. Chrispim*, peças que não obtiveram successo.

E não quiz exercer a sua profissão, embora o considerassem um medico habil.

*

Era um professor muito distincto Francisco da Fonseca Benevides que a morte levou tambem nas suas garras, succumbindo com 76 annos a uma melindrosa operação.

Fôra director do Instituto Industrial e Commercial tendo alli occupado a cadeira de physica com muita distincção, sendo tambem professor na Eschola Naval.

Escreveu muitos artigos scientificos, e entre varias obras interessantes deixou o *Real*

Theatro de S. Carlos de Lisboa, as *Rainhas de Portugal* e *No tempo dos francezes*.

E' dos que morrem sem inimigos, e n'essas palavras encerra-se um volume.

Semana d'armas

A primeira prova da Semana d'armas foi organisada pelo Centro Nacional de Esgrima.

O jury compunha-se dos srs. Visconde de Reguengo, como presidente, capitão Vieira da Rocha, Frederico Paredes, José Martins e Alberto Machado.

GRUPO DE ATIRADORES DO CAMPEONATO ESCOLAR

A classificação dos concorrentes foi por esta ordem:

Fernando Correia, Celestino Henriques, Craveiro Lopes, Freitas Beirão, Ferreira dos Santos, Joaquim Feliciano Padrel, Angelo Pontes Leite, Antonio Amaral e P. Quaresma, sendo o 3.º, 4.º, 5.º e 9.º alumnos do Collegio Militar.

O vencedor d'esta prova poz o premio que ganhou á disposição d'um campeonato inter-escholar, ao florete.

O verão

Para responder aos mil e um reclamos que revestem as paredes das estações dos caminhos de ferro, convidando os habitantes da cidade a irem passar o verão nas praias ou nas thermas, lembra-me ter visto ha muitos annos um cartaz d'um gracioso com estas simples palavras:

O verão em Paris.

E essas palavras concisas e phantasistas trouxe-me a lembrança de parisienses inveterados que nunca se afastaram do *boulevard*, nem por um só dia, como o compositor Auber, que deixou Paris uma unica vez, 1871, para se refugiar em Versailles durante a communa; o romancista Xavier Aubryet que tendo-se deixado arrastar por uns amigos para o campo, voltou no dia seguinte a Paris furioso porque, dizia, os rouxinoes tinham-se *esganiçado* toda a noite; Nestor Roqueplan, um homem espirituoso, que não admittia que um parisiense ultrapassasse as fortificações.

E o mais parisiense de todos, Monselet, o jornalista gastronomo, que não podia despegar-se do asphalto de Paris!...

Um verão, como a sua casa precisava de reparações urgentes, viu-se obrigado a abandona-la. E lamentando-se:

—Para onde irei?... Que ha-de ser de mim?...

— Vae fazer uma viagem, disseram-lhe os amigos, distrahir-te-ha.

— E' uma idéa! exclamou elle. Vou... visitar Paris.

Arranjou a mala, comprou um fato em quadradinhos e um *bonnet* como o dos inglezes, e hospedou-se n'um hotel. Durante quinze dias, visitou os monumentos, os museus, as egrejas, as catacumbas... E quando alguem perguntava por elle, o porteiro respondia:

— O senhor anda viajando.

E foi uma *viagem* encantadora. Monselet ficou encantado. Na verdade, vira uma porção de maravilhas de que nunca suspeitara, porque de todos os francezes e mesmo de todos os habitantes do mundo, o parisiense é quem mais mal conhece Paris.

Porque é que Lisboa não tem habitantes como esses que parece deitaram raizes no solo?... Eu lhes vou dizer... Porque nunca houve aqui ar puro e arvores frondosas, porque a atmosphera está envenenada com

uma porção d'industrias que cheiram mal e a que se addicionaram os automoveis. Lisboa fede, e a tal ponto, que em certos bairros não se podem abrir as janellas á noite, porque é o mesmo do que se deitassem para uma cloaca... e cada vez vamos a peor.

E' verdade que outr'ora não havia commissão d'hygiene... Hoje, Lisboa tem uma... E como veem, serve de muito á cidade.

Os tres santos populares

Não será facil desenraisar do povo a sua sympathia, a sua devoção por Santo Antonio, S. João e S. Pedro, porque a tradição deu-lhes uma extraordinaria fama e na maneira de os festejar ha uma tal ingenuidade, que é até um erro destrui-la.

João de Lemos, o notabilissimo poeta que a actual geração desconhece e que tem todo o direito a tambem ser apreciado pelo seu theatro, escreveu estas quatro adoraveis decimas que são, no genero, tudo quanto ha mais encantador.

O meu padre Sant'Antonio
E' Santo de Portugal,
Livra a gente do demonio,
E' remedio contra o mal;
Elle acha as cousas perdidas,
Aplaca as ondas erguidas
Nas tempestades do mar,
E até mettido n'um poço,
Com agua até ao pescoço,
Faz muitas moças casar.

Sant'Antonio é o grande Santo
Dos rapazes, oh! se é!
Gosta de ve-los a um canto
A brincar em santa fé,
Soffre-lhe os tratos devotos,
E aquelles travessos votos
D'um throno de papelão;
Ama as festas galhofeiras,
Os foguetes e as fogueiras
Da folgada devoção.

Sant'Antonio é de Lisboa,
E filho da capital,
Mas de Padua inveja boa
Quer furta-lo a Portugal;
Não lhe deixemos leva-lo,
Antes leve S. Gonçalo,
Que só velhas faz casar;
Sant'Antonio é todo nosso,
Seja-o sempre, e um padre-nosso
Vamos-lhe agora rezar.

Padre nosso... e se consagre
N'esta efficaz oração;
Que pedimos um milagre,
Que salve toda a nação,
Se milagres são precisos,
Mudem-se os prantos em risos,
Sant'Antonio os fará já;
Sant'Antonio, Sant'Antonio
Enxota o vivo demonio
Da tua patria... e longe vá!

*

Os jornaes não relataram a recepção que os chafarizes fizeram na vespera de S. João. Fizeram mal em se calar, porque a concorrencia foi enorme e a dona da casa, *Madame* Cybeles, é deusa por direito proprio e não pela nomeação de qualquer.

Vi por alli muitas meninas que dedicam essa noite a lavar a cara para que o Santo as cumule de prosperidades durante os mezes que se seguem.

Com ellas foram muitas outras pessoas, das que acreditam piamente na virtude mysteriosa da ablução á meia-noite e no seu poder curativo.

Formaram nas ultimas filas varios curiosos que não iam lavar-se, o que é natural sendo curiosos, e julgando-se limpos porque deitaram para a cara pela manhã uns borrifos d'agua.

A' hora classica annunciada pelos relogios, os crentes immergiram as encrespadas cabeças ou as mãos sujas no liquido, com regosijo e algazara dos presentes, coros de ambos os sexos e sob a benevolencia dos olhares paternos.

A lenda perpetuada assim publicamente fez-se tambem em particular pelas raparigas casadouras as quaes, ao darem as doze badaladas, deitaram uma clara d'ovo n'um copo d'agua, esperando pacientemente que os filamentos agrupados a capricho dessem semelhança com um rapaz guapo, de bigode retorcido ou barbinha ponteaguda, o signal exacto d'um *elle* que lhes reserva o futuro, prova acreditada por varias regras cons-

tantes da tradição e de muitos milhões d'ovos quebrados.

Satisfeito o desejo deitaram-se as candidas donzellas, pensando no possivel *elle*, e os grupos espalharam-se por outras ruas em direcção á praça da Figueira, comendo pevides, amendoim, queijadas da *legitima* Sapa, até verem chegar a hora suave da madrugada em que nos encontrámos todos por ahi como gente que faz alcova ao ar livre, alheia a preoccupações, porque o *hoje* é o unico positivo e o amanhã alguma cousa que ha-de tambem chegar, mas despido de cuidados...

•

Versos populares a S. Pedro, que eu colligi n'uma das minhas digressões pelas provincias:

Se S. Pedro me não casa
N'este domingo de festa,
Hei-de-me ir á sua egreja,
Hei-de-lhe chamar careca.

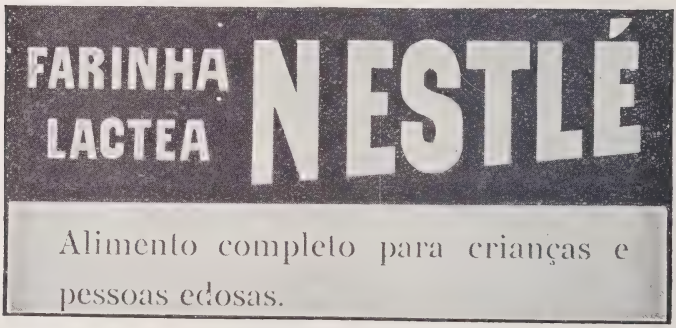
O S. Pedro é homem velho
Homem de muito juizo,
Por isso o Senhor o fez
Chaveiro do Paraizo.

De S. Pedro hoje é dia
Ailé,
Toca-me n'esse pandeiro,
Que o pandeiro é um filé.

Ai! S. Pedro é careca,
Careca, não tem cabello;
Quando voltou do Egypto,
Montava um burro em pello.

S. Pedro subiu ao céo
P'ra regar o seu jardim;
S. João colheu um cravo
Para dar a S. Joaquim.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

O ter concluido a epocha theatral permitte que faça algumas reflexões sobre um assumpto interessante e que poderia denominar — Noites d'estreia.

Aqui, como em Paris e em Madrid, o publico elegante tem os seus habitos, que ninguem que se preze póde ou deve infringir. O codigo do bom tom, diga-se em honra da verdade, é mais respeitado que todos os outros codigos, incluindo o penal. Ninguem se animaria a praticar uma d'essas irregularidades que mereciam ou deviam ter o seu castigo com a prisão, e não sería capaz de se apresentar de fraque, onde as leis da boa sociedade exigem a casaca. E é o que prova, sem precisar mais exemplos, que uma cousa é a moral e outra a elegancia.

Mas deixem que ponha a um canto estas philosophias baratas.

Em primeiro logar, um certo publico, *toda Lisboa,* só deve assistir ás estreias. Attrahe-o a *sangrenta ração* da carne fresca. Depois, d'aquella solemnidade, embora *a peça figure cincoenta vezes no cartaz*, não é *chic* tornar a vê-la...

Repito, o que pretenda passar por pessoa distincta, é obrigado a assistir ás estreias, inda que o cumprimento d'este imperioso dever lhe custe um olho da cara. O que, devido a razões d'economia involuntaria, não póde n'essas noites comprar um *fauteuil,* evitará a falta recorrendo a um meio muito simples. Eis a receita. Paga simplesmente a entrada, emquanto se representa fica no salão lendo um jornal, e depois, nos intervallos... adivinha-se... obstrue as entradas que conduzem á sala e d'ahi é lançar olhares incendiarios ás senhoras que estão nos camarotes. E assim sahem-lhe as estreias por uma bagatella.

•

Nenhuma pessoa *comme il faut* deve apresentar-se no theatro antes da hora marcada pelos cartazes. Está annunciada a recita para as oito e meia? Pois a empreza principia-a cerca das nove e as elegantes chegam ás nove e meia. Esta demora, propria de gente distincta, produz no publico um effeito seguro.

Que satisfação para o espectador pontual que está ouvindo a Adelina Abranches n'uma scena capaz de commover as pedras, ver que n'aquelle momento entram, como n'uma manifestação pacifica, tres ou quatro senhoras, espalhando perfumes caros e fazendo barulho, acompanhadas d'um individuo já edoso, investindo por uma fila de cadeiras, pisando este, mettendo um cotovello pela cabeça d'alguem que está na frente, e amolgando o chapéo do espectador inadver-

tido que teve a imprevidencia de o pôr no *fauteuil* d'alguma das *manifestantes!*

O rumor que esta entrada triumphal produz, reunido aos *schius* com que o publico da geral e das varandas a acompanha, enche *d'alegria* os actores e o auctor, que está curtindo o maior tormento por entre os bastidores.

Não será de mais deixar aqui alguns avisos uteis.

Os recem-chegados, antes de se dignarem fixar a attenção no espectaculo, devem falar uns quantos minutos como se estivessem em casa e cumprimentar expressivamente os conhecidos. O senhor d'edade, uma vez repimpado no seu logar, perguntará ao vizinho:

— Como correu isto? Gosta? O que é que se tem passado?...

O interpellado explicará então em voz bastante alta, para que a familia do seu interlocutor possa ouvir, o que no palco occorreu durante as primeiras scenas, e d'esta maneira os espectadores proximos escutam duas vezes a exposição da comedia, o que é muito util, sobre tudo se o enredo é um tanto complicado.

Convem que nos pontos mais culminantes, quando o galã solta enormes gritos e a ingenua chora como um chafariz, que a pessoa que não quer confundir-se com o vulgo sensivel, escolha esses momentos para rir estrepitosamente ou dizer algum dito opportuno. Commover-se... é de muito mau gosto.

Assim aconselharei as senhoras que estão em camarotes que, se por acaso teem coração sensivel, só olhem para a scena quando entre a primeira actriz afim de lhe examinar o vestido, e durante a representação, o binoculo deve andar n'uma dobadoura, menos para o palco.

Signal de talento e de pessoa atilada é ir fazendo em voz alta a critica que poderiamos chamar *interlineal:*

— Que barbaridade! Mas que tolice! Lá lhe cahiu um dente com a graça!

Estas exclamações e outras que deixo ao cuidado do leitor levam a pensar que aquelle que as faz é um espirito arguto. Se por acaso uma parte do publico, enganado ou seduzido pelo auctor ou os artistas, desata a applaudir, o critico *interlineal* deve voltar a cabeça para os ignorantes, envolvendo-os n'um desdenhoso e severo olhar que significa:

— Imbecis!

*

Inda que as manifestações de desagrado costumam começar desde a primeira scena, devido a essa faculdade d'adivinhação que, segundo respeitaveis auctoridades, o publico possue, convem que os espectadores que não tenham grande fé na sua opinião, esperem, para a formar, que decorra o primeiro para saber o parecer dos criticos. Não faltará algum que convertendo em cathedra o pedaço de qualquer corredor, ponha o panno no pulpito, rache o auctor e retalhe a peça.

Mercê á influencia de tão auctorisado parecer, o espectador que estava, talvez, contentissimo cóm o decorrer do acto, adquire a convicção que se deve aborrecer nos seguintes.

Oh! e como lhe fica na cabeça tudo o que acabou de ouvir!

Não, não se esquecerá que a acção é inverosimil, que o enredo é plagiado, que os caracteres são falsos e que o dialogo é de lyrismo rançoso. E tão firme está nas suas novas opiniões, que na primeira scena d'esse acto, quando o pae nobre, para justificar a sahida, diz que vae tomar o fresco, o que é natural, sobre tudo se a acção se passa no verão, o tal inclina-se para o seu vizinho e diz-lhe com toda a philaucia:

— Já viu um lyrismo tão insupportavel?

*

E o auctor entretanto?

Passa as de Cain, já sentado n'um sophá, á guiza de réo condemnado, já como um *animado morto* collocado ante o primeiro bastidor. Que consolações tão humilhantes as dos actores! Com que desprezo o olha a turba de carpinteiros, de costureiras, d'alfaiates! Que troças se accentuam no ar!

E nos intervallos, quando os amigos veem com caras de caso, estiradas, e lhe apertam a mão como que dando-lhe pesames!...

— Nada de desanimar... E' tratar de outra, diz-lhe um d'elles, que momentos an-

tes no salão propalava que Deus não chamara o desventurado escriptor para o caminho da dramaturgia.

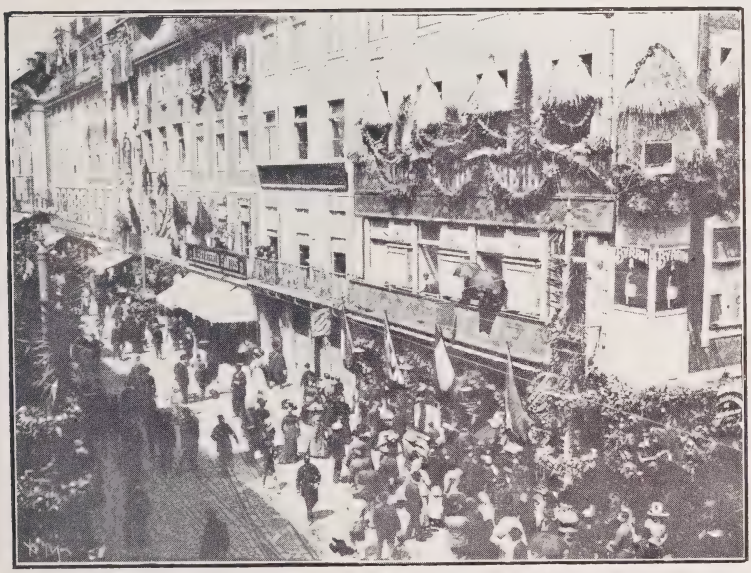
— E' uma injustiça o que o publico está praticando, opina um amigo que quasi pedira a cabeça do auctor.

— A peça, accrescenta um terceiro, é boa, não tenha duvida! Com umas pequenas modificações o exito era seguro. Se refunde o segundo acto, supprime duas personagens, modifica as posições, varia o modo, e a faz em verso, tinhamos drama para lavar e durar...

Chega-se ao final, mas antes do panno cahir levantam-se os espectadores, particularmente os que chegaram mais tarde, para que se cumpra que os *ultimos serão os primeiros*, a *claque* applaude, os amigos do auctor fazem-n'a calar, os actores apparecem puxando o pobre auctor, que se farta d'ouvir pateada, e no dia seguinte a imprensa põe-o... a pão e laranja.

De maneira que o dramaturgo se não conquista na noite da estreia as palmas de gloria, alcança, como desforra, a palma do martyrio.

PORTUGAL DA SILVA.

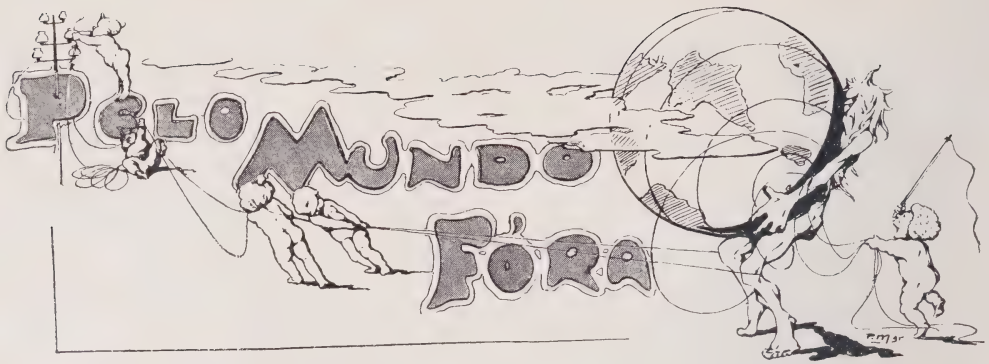


UM ASPECTO DA RUA DO OURO NA FESTA AOS CONGRESSISTAS

NEURASTHENICOS, *fatigados — por excessos de trabalho — mentaes —* **DEBILITADOS**, *por esforços physicos e musculares, curam-se com a* **Somatose**

em pó ou liquida (dôce ou secca)

Vende-se nas pharmacias e drogarias



Curiosidades do tempo

A situação na Turquia

As dissenções entre os membros do Comité de União e Progresso agravaram-se cada vêz mais, o que faz recobrar terreno ao Turquismo á custa do Ottomanismo.

Os jovens turcos teem diante de si a tarefa de resolvêr as relações da Turquia com as nacionalidades do Imperio, e é na Macedonia e na Albania que o problema se apresenta especialmente delicado e de importancia europeia. Ao que parece, a politica dos governos turcos tornou muito difficil a situação, e o periodo de esperança no principio do novo regime foi seguido de successivas desillu ões, chegando a um geral desapontamento. Ha, diz um publicista francês, uma só maneira de os jovens turcos restabelecerem a paz na Turquia europeia, que é cumprindo as promessas feitas e realizado concessões de autonomia; mas é justamente isto que a Joven Turquia se mostra resolvida a não fazêr. A Macedonia e a Albania reclamam e insistem por essa autonomia.

A triplice alliança ganhou, ao que parece, com o novo estado de cousas, porque nunca se deixou illudir com as promessas dos jovens Turcos, nem tem maior interesse na sua realisação. A Italia continua a têr na Albania a influencia que nos tempos do velho regime ali tinha, e o mesmo acontece com a Austria. A Allemanha ha mais de dez annos tem constantemente sacrificado os interesses dos christãos e dos eslavos á influencia que pretende obtêr em Constantinopla. E'-lhe completamente indifferente que a Macedonia proteste e se sinta lograda.

A triple *entente* tem perdido com os ultimos acontecimentos, por acreditar nas promessas dos jovens turcos. Sob o sultão, a França, a Inglaterra e a Russia eram protectôres dos christãos da Macedonia, e á sua acção commum se deveu um certo progresso no sentido da liberdade que se ia vagarosa mas seguramente realizando. Os consules da triple *entente* exerciam na Macedoñia uma permanente influencia, proficua para os christãos, mas desde que os governos de Paris, Londres e São Petersburgo deram grande credito á nova Turquia,

AS COLHEITAS DO KAISER

A Paz: Quando me tirará a espada da mão e m'a substituirá pelo ramo de oliveira?
O Kaiser: Por mais que faça não ha meio de me crescerem oliveiras no romano jardim.

(Tasquino, Turim.)

a situação variou. Os consules da triplice *entente* receberam ordem formal das suas embaixadas em Constantinopla para presencearem os acontecimentos sem intervirem, e d'ahi o desprestigio das potencias protectôras. Evidentemente não haveria que lastimar essa perda de prestigio se os jovens turcos tivessem cumprido as suas promessa , mas succedendo o que está succendo em Constantinopla, e a tendencia para o turquismo dos ministros mais ou menos favoraveis ao ottomanismo, faz-se temêr uma dictadura militar que seria a bancarrôta da joven Turquia. Nesse dia a questão da Albania e da Macedonia exaspêrar-se-á, e a França. Inglaterra e a Russia ver-se-ão obrigados a intervir de nôvo.

O sufragio universal em França

Na *Nouvelle Revue* trata M. E. Heurtault do sufragio universal em França. Não ha muito Jacques Restillon? escreveu um artigo tendente a mostrar que três quartos da populacão da republica estavam excluidos da representação politica, concluindo por opinar que o chefe de familia deveria ser investido de poderes eleitoraes em proporção com a grandeza da sua familia. Entre as vantagens de tal systema apontava a de que a introducção do espirito familial na vida politica a tornaria muito mais apta para tratar certos problemas sociaes, como o do alcoolismo. A França, diz M. Heurtault, tem sessenta annos de experiencia do sufragio universal e do governo da maioria. Mas as formulas de um voto por homem e lei da maioria não são necessariamente tão justas como simples. Numa centena de eleitores podem cincoenta e um sêr tudo e quarenta e nove serem nada.

Segundo o articulista, o sufragio universal sómente será valioso quando representar a capacidade e os interesses da familia. Segundo o censo de 1901 havia em França cêrca de 8 milhões e meio de chefes de familia representando uma população de uns 35 milhões e meio. Compare-se este numero com o dos 2 milhões e meio de celibatarios que segundo o mesmo censo gosavam de direitos eleitoraes, e proporcionalmente muito maior podêr politico do que os chefes de familia que representam uma população 15 vezes maior. Mas bem maiores anomalias apparecem se os chefes de familia forem classificados segundo o numero de filhos que tiverem. O sufragio universal francês ignora por completo a familia: para elle não existem a mulher e a criança. Pois ha 11 milhões de mulheres a quem as leis affectam como affectam os homens, e não é exagerado dizêr que uma grande porporção d'ellas apresenta um intelecto mais cultivado e uma melhor compreensão das necessidades e interesses sociaes que um grande numero de jovens cidadãos de vinte a trinta annos de idade. O celibatario representa-se só a si mesmo, o pae representa-se a si, á mulher e aos filhos. O pae representa porisso tambem o futuro, e a nação deve reconhecer os seus melhores cidadãos, aquelles que asseguram o seu futuro pela prole.

Mas uma nação pede mais alguma cousa do que grandes familias: necessita de homens de intelligencia, sabêr e carácter. O articulista reconhece que seria impossivel classificar os eleitores segundo a intelligencia e o carácter, mas julga possivel classifica-los segundo a sua

SOCEGANDO A FRANÇA

Nicolau: Perdôe, mas preciso de acenar com este chapeu á Marianna, não tema ella que se desvanecem a minha confiança nos sentimentos republicanos.

(Kladderadatsch.)

cultura. Se se dão diplomas em varias carreiras, porque se não poderia estender o sistema a todo o eleitorado? O resultado mostraria que o numero de cidadãos realmente educados é muitissimo menor que o dos eleitores ignorantes, e que o poder politico pertence principalmente aos que não teem educação alguma.

Segundo o publicista, *o Senado deveria em parte sêr eleito pelas camaras de commercio, sociedades scientificas e sindicatos profissionaes.* Os homens de mais de quarenta e cinco annos deveriam ter dois votos, e varios os chefes de familia.

Vida na arte

Tolstoi e a Musica

Romain Rolland escrevendo na *Revue de Paris* sobre Tolstoi, tenta destrinçar a attitude de Tolstoi para com a musica.

Tolstoi, diz Rolland, não só amava a musica, mas sobretudo a temia. Basta recordarmo-nos o logar que a musica occupa nas suas mais afastadas reminiscencias. Em certas epocas da sua vida dedicou-se apaixonadamente a ella, e em 1858 fundava em Moscow uma sociedade musical destinada a tornar-se eventualmente o Conservatorio da cidade. Seu cunhodo, nas *Recordações* allude aos effeitos da musica em Tolstoi. «Tolstoi amava a musica, diz elle; tocava piano e admirava os grandes mestres. Muitas vezes antes de se sentar ao trabalho se entretinha no piano. Provavelmente encontrava inspiração na musica.

Acompanhava sua irmã mais velha, muito apreciava ouvir. Reparei que as sensações que a musica lhe produzia eram acompanhados de pallidez da face e de uma imperceptivel careta que parecia exprimir sobresalto.»

O titulo da *Sonata a Krentzer* é, segundo Rolland, pouco apropriado, por a musica têr no livro uma parte accessoria. Se a sonata fosse supprimida, nada mudaria no romance. Tolstoi fez mal em misturar duas questões que o vempavam, — o podêr malefico da musica e do amôr.

O demonio musical merecia uma obra propria, mas o logar que Tolstoi lhe concede na *Sonata a Krentzer* é sufficiente para demonstrar o perigo que elle denuncia. E porque escolheu o mais puro de todos os musicos? Por sêr o mais poderoso. O grande russo sempre adorou Beethowen. As suas primeiras memorias apparecem associadas com a sonata patetica, e quando, já velho, escreveu a *Resurreição*, elle faz Nethludov no fim ouvir o andante da sinfonia em C menor, accrescentando que difficilmente retinha as lagrimas. Entretanto na obra *Que é a Arte?* refere-se com grande animosidade ás obras de Beethowen. E porquê? Pelo seu podêr. A sinfsnia perturba-o, o que lhe dá um sentimento .de irritação contra o mestre poderôso que assim o podia dominar.

O que Tolstoi temia era o poder misterioso do musico, que faz de nós o que lhe apeiece, e não obstante a sua injustiça com Beethowen, sentia a musica mais profundamente do que muitos que hoje professam exalta-la.

Vida na Sciencia

Novo tratamento das doenças nervosas

Tem sido experimentado no Hospital de John Hopkin um novo tratamento dos desarranjos nervosos, baseado numa teoria de dupla personalidade do sêr humano, uma consciente e outra inconsciente. O metodo é o resultado das investigações feitas pelo dr. Sigmundo Freud, de Vienna. O fim do tratamento é unificar as duas personalidades, por meio de conversações com o doente, das quaes subtilmente se deduzem as tendencias da personalidade inconsciente. Uma curiosidade deste tratamento é a verificação assidua da revelação na personalidade inconsciente, de associações antigas que a personalidade consciente ha muito havia esquecido. Assim, um homem mostrou têr, não sabia porquê, antipatia por pessoas altas e trigueiras. A personalidade subconsciente, investigada, veio a revelar a causa num facto da meninice ha muito esquecido pelo individuo: em criança fôra insultado por um rapaz mais alto, mais forte, e moreno.

A moda, na sua alteração constante, parece querer-nos impôr a todo o momento novas fantasias, salientando-se em cada estação por um traço mais ou menos profundamente caracteristico.

As ultimas criações são baseadas no estilo dos trajos das mulheres do seculo XVIII, representados em varias telas de Romney.

Eis, caras leitôras, a ultima novidade, da qual nos apressamos a esclarecer-vos. Alguns são extraordinariamente graciosos com os seus delicados *fichus a Charlotte Corday*. De resto, como tecidos, são os semi-transparentes e flexiveis que presistem, o que facilmente é de comprehender pelo muito que elles se prestam a obter um admiravel effeito. Esses mesmos tecidos produzem sempre notavel contraste quando applicados sobre qualquer côr differente, dando com o mais pequeno movimento da pessoa, um delicioso attractivo á *toilette*.

Apontaremos alguns modelos dignos de serem copiados. Eis uma *toilette* de *voile* preto sobre seda branca, tendo na extremidade da saia e das mangas uma linda guarnição estilo oriental, mas em tons muito pallidos. No corpo, umas leves guarnições pretas, de *filete*, tendo as mangas a mesma guarnição. Como para dar uma nota de distincção, uma larga faixa em volta da cintura, sendo esta de *liberty* preto debruado de um estreitissimo vivo de setim asul palido.

N.º 1

Outro modelo muito elegante, feito em *crêpe météore chartreuse* muito palido, guarnecido tambem de bordado estilo oriental, em harmoniosos tons asul e rosa, sobre um fundo de brocatel. A tunica forma uma pequena abertura ao lado pela qual se vê uma saia em *chartreuse ninon de soie*. Os mesmos bordados orientaes apparecem tambem no corpo, e este finda no pescoço por meio de um pequenino cabeção de renda crúa. Na cintura, um grosso cordão dourado tendo as pontas caídas ao lado.

A *broderie anglaise* será o enfeite predominante na presente estação, tanto mais que os vestidos de linho vão reinar como nunca, e para estes é essa uma guarnição lindamente apropriada.

Os vestidos de cambraia sobre seda serão a suprema elegancia este verão. Os *foulards* de côr, com pintas brancas, tambem são muito modernos. Para *tailleurs*, temos o linho, *tussor* e *thantung* que são os tecidos de novidade.

N.º 2

Apesar de tantas profecias contraditorias, as blusas continuam triumfantemente o seu caminho, porque além de praticas estão mais ao alcance das pessoas que não pódem possuir muitas *toilettes* completas. Algumas tambem de *broderie anglaise* são muito leves e combinam lindamente com um *tailleur* de linho. A forma japonêsa continua a estar em voga. As saias vão-se tornando um pouco mais largas, a ponto de já se verem algumas de pregas, mas estas tão imperceptiveis que só levemente se conhecem por qualquer movimento.

Para praias e campo, são os vestidos de algodão os que mais dão a nota de frescura e simplicidade, e por conseguinte esses os mais apropriados. Devem ser levemente enfeitados; prestam-se as guarnições feitas á mão e tambem alguns motivos de rendas *Valencienne* e de *Cluny*.

Para jornadas de automovel, e mesmo para o comboio, é indispensavel um guarda-pó; o *tussor* e *shantung* são os tecidos apropriados para esse effeito. Alguns modelos muito elegantes são de extrema simplicidade, um pouco sobre o largo, cahindo direitos até abaixo para que cubram o vestido por completo. Fecham ao lado por meio de tres botões de madreperola, e poderão ter uma simples gola de velludo, como os sobretudos de homem. A côr beije é a melhor para a poeira.

Das gravuras que apresentamos representa a primeira uma *toilette* de *voile ninon* azul escuro e barras de xadrez da mesma côr. O quadrado de renda em volta do pescoço é avivado aos lados, com uma estreita tira côr de cereja sobre a qual vem assentar um estreito galão dourado. Uma especie de *bretelles*, como indica a gravura, são feitas de setim preto, findando as pontas sobre as mangas e á frente com pequeninos botões, e *soutache* preto.

A gravura n.º 2 indica um vestido *tailleur* que poderá ser executado de *tussor, shantung* ou de linho. Na saia e no casaco uns largos entremeios de *broderie anglaise* da propria côr do vestido. O casaco abotôa até abaixo com uns botões feitos da propria fazenda. O cabeção da gola remata com um laço de seda preta.

N.º 3

A terceira gravura é um vestido demais *toilette* feito de *ninon de soie bordeaux* muito palido, guarnecido de tecido da mesma côr, com pintas brancas. O corpo fórma uns *revers* de seda tendo á borda um estreito galão de fantasia, mas pouco mais ou menos

A alegria de vêr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

no mesmo tom do vestido. A' frente, e sobre os hombros, umas guarnições de renda *point de Venise*. Um tulle muito transparente forma o peitilho rematando com um vivo preto em volta do pescoço. Na cintura, uns grossos cordões de seda.

Finalmente, damos um modelo de um guarda-pó que só tem a recommendal-o a sua muita simplicidade, condição da sua elegancia.

Joias raras usadas na coroação do Rei Jorge V

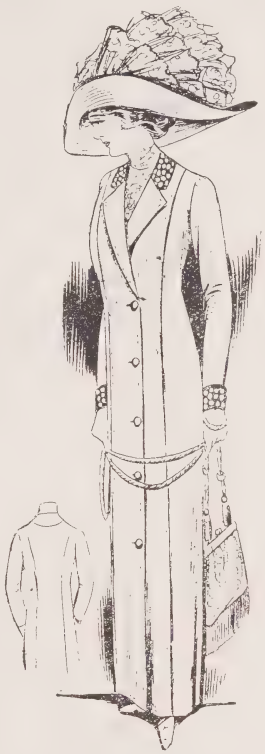
Lady Dudley, esposa do par do reino Lord Dudley, possue os mais lindos rubis conhecidos em toda a Inglaterra. Fazem parte de uma magnifica collecção conservada pelo ultimo Lord Dudley, o qual era tido como grande conhecedôr dessas pedras. Ficou de memoria o deslumbramento da joven Condessa, quando ella appareceu em um concerto de gala, ostentando uma rica *toilette* amarello palido e larga faixa da mesma côr, resplandecendo-lhe dos braços, collo e dos seus negros cabellos, o lindo adereço de rubis. A côr dessas pedras sobresaía extraordinariamente no seu typo um tanto oriental, e a sua bella figura, os seus olhos e negros cabellos, e o rosado dos seus labios tornaram sempre a Condessa Dudley uma das mulheres mais admiradas da actualidade.

A Duqueza de Portland é hoje a possuidôra de uma riquissima joia conhecida pela *Portland Stone*, considerada como uma reliquia que ha longos annos enthesoura o castello de Welbeck; no entanto, por largo tempo esteve essa joia conservada sem que nenhuma *lady* a usasse, e só agora a actual Duqueza a tem ostentado.

Pedras preciosissimas, rubis e esmeraldas, etc., são as da familia Beaumont, actualmente Lords Allendale. Algumas dessas magnificas esmeraldas fôram em tempo roubadas, quando um dia Lady Margaret Beaumont as trazia, e foi por essa epoca que, como consolação, o opulento Mr. Beaumont comprou a sua esposa a maravilhosa colecção de rubis que hoje ainda existe na familia.

As celebres perolas Orloff, fôram outr'ora umas das mais preciosas joias do Imperio Russo; fôram essas mesmas perolas que os seus estadistas noutro tempo offereceram de presente á grande Catharina e que depois de muitas vicissitudes e aventuras vieram para a posse dos Duques de Marlborough, em Inglaterra, e em cuja familia ainda hoje existem. Estas lindissimas perolas fôram alvo de muita admiração quando a Duqueza de Marlborough, ha nove annos, as ostentou pela coroação do Rei Eduardo VII.

O famoso diamante Nassak pertence á familia Grosvenov cujos principaes representantes são os Duques de Westminster. Esta antiga e maravilhosa pedra foi primeiramente trazida para a familia pelo Marquez de Westminster, por occasião da primeira recepção dada pela Rainha Victoria apoz a sua accessão do throno em 1837.



N.º 4

Ostentava elle esse esplendido diamante no punho da sua espada, que offuscava os espectadôres com o seu extraordinario brilho; e sua senhoria sentia-se tão orgulhoso do seu Nassak, que tinha um excessivo cuidado com elle, não consentido, por muito tempo, que as *ladies* da familia o usassem. No entanto, passado tempo, elle cedeu o seu thesouro para fazer parte do guarda-joias da marqueza.

Umas das mais ricas joias em Inglaterra, exceptuando as da familia Real, são as da familia Beresford-Hopes. Lady Strathenden e Miss Milicent Beresford-Hopes possuiam soberbas gargantilhas de rubis.

Os magnificos diamantes da Duqueza de Norfolk são de antigo renome e admirados pelos maiores entendedôres dessas pedras.

Lady Craven possue admiraveis joias que lhe fôram offertadas por seus paes Mr. e Mrs. Brodley-Martin por occasião do seu casamento.

Nenhuma lady em toda a America foi tão celebre pelas suas joias, e os seus rubis gosaram uma grande fama entre a alta sociedade de Nova York. Ficou de memoria a enorme sensação causada por Mrs. Bradley-Martin em um dos bailes no tempo da Rainha Victoria, em que o seu vestido estava litteralmente coberto de magnificos brilhantes e rubis; por ahi se avaliará o apparato da actual Condessa sua herdeira, ostentando essas mesmas joias.

Receitas culinarias

Pudim de laranja

Ingredientes necessarios: Um pacote de farinha *Cakeoma,* duas laranjas, 120 grammas de manteiga, dois ovos, um copo (dos de agua) com summo de laranja, e um pouco de sal. Processo: Deita-se a farinha *Cakeoma* e o sal dentro de uma tigela, e junta-se-lhe a manteiga mexendo-se bem até ligar tudo. Ralam-se as cascas das duas laranjas e mistura-se ao conteúdo da tigela. Batem-se os dois ovos, e juntamente com o summo de laranja juntam-se aos ingredientes da tijela, mexendo-se muito bem. Deita-se tudo para dentro de uma fôrma untada de manteiga, cobrindo-se com um papel tambem untado, e deixa-se cozer no fôrno.

Filhós

Ingredientes necessarios: Um copo (dos de agua) com leite, dois ovos, quatro colheres (de sôpa) de farinha, uma colher (das mesmas) de agua, e uma pitada de sal. Processo: Põe-se em uma tigela, o sal e a farinha a qual se deverá amolecer com um pouco de leite; batem-se separadamente os ovos, e junta-se depois á farinha e mexe-se tudo bem; no fim, deita-se-lhe o resto do leite e a agua. Fregem-se em pouca manteiga, e salpicam-se de assucar, podendo ser servidas com rodas de limão.

Processo de coser legumes

Depois de convenientemente lavados, quando frescos, deitam-se os legumes para dentro de uma caçarola com agua quasi a ferver, juntando-se-lhe uma mão cheia de sal.

Caso os legumes não sejam bem frescos, devem ser postos de môlho, com um pouco de sal, algumas horas antes de se cozerem. Durante a fervura e para que conservem uma bonita côr primitiva, deita-se-lhe um pouco de soda.

As ervilhas devem ser cosidas em um lume brando, com um pouco de assucar e junta-se-lhe tambem uma pitada de carbonato de sal para as conservar com uma bonita côr verde. E' necessario todo o cuidado para que seja só uma porção diminuta de carbonato, aliás estalariam e perderiam o bom gosto; sè as ervilhas são tenras é desnecessario o carbonato.

Os espinafres são cosidos com o seu proprio suco, sem agua nem soda.

Todos os legumes devem ser cosidos em uma caçarola destapada.

As batatas devem sempre ser descascadas tenuemente, ou então, sendo novas, deverão ser raspadas e nunca cortadas de lado a lado. Para as batatas velhas o processo é pô-las ao lume em agua fria para que se cozam gradualmente, ao passo que as batatas novas deverão ser mettidas na caçarola quando a agua esteja a ferver. E' necessario que estejam tapadas, e basta que fervam durante vinte minutos. Para vêr se estão cosidas faça-se a experiencia com um garfo.

Pescada Ericeirense

Corta-se uma pescada em postas grossas, e salpica-se de pouco sal. Cozem-se seis batatas, passam-se pelo passador, deitam-se dois ovos, uma colher de queijo parmesão, sal e pimenta, de maneira a ficar uma massa espessa. Cobrem-se as postas com esta massa. Deita-se manteiga bôa em um taboleiro de fôlha, salsa picada, e deitam-se por cima as postas regando-as ligeiramente com vinho branco. Vão ao forno até corar as batatas.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas. nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Siol,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol – Lindacutis – Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

N.º 74 **SERÕES** AGOSTO 1911

CARLOS REIS — Retrato a crayon do dr. B.

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - R. GLORIA, 6

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typográphia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE PAG.

RETRATO A CRAYON DO DR. B. — CARLOS REIS
(Frontispicio) 82

FLORENÇA A AMOROSA
(5 illustrações e 2 vinhetas) por JUSTINO DE MONTALVÃO 83

D. JOÃO I
(6 illustrações) por DAMIÃO PERES 93

ONDE EDUCAR AS NOSSAS FILHAS?
(9 illustrações) por AGOSTINHO DE CAMPOS 102

O ESTRATAGEMA DE ROSA
(4 illustrações e 1 vinheta) 115

UM DIA EM S. JULIÃO DA BARRA
(8 illustrações) por MAXIMILIANO DE AZEVEDO 125

ARTE PORTUGUÊSA *(Illustrações)*
Retrato de Silva Porto — VELLOSO SALGADO 135
Feira no Minho — SILVA PORTO 139

UMA CAÇADA NOCTURNA 136

RESENHA PORTUGUEZA
(5 illustrações) por PORTUGAL DA SILVA 141

THEATROS 147

PELO MUNDO FORA
(9 illustrações) 150

SERÕES DAS SENHORAS
(4 illustrações) 157

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia ——
—— Sciencia
Romance ——
—— Arte
Actualidades —
—— etc. ——

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

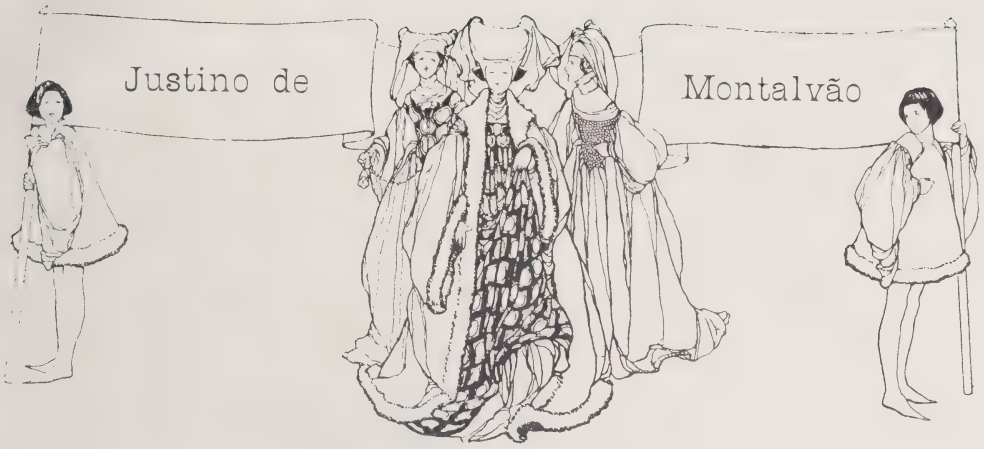
Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 74

AGOSTO 1911

CARLOS REIS — Retrato a crayon do dr. B.



Florença a amorosa

A paisagem toscana

O genio esthetico e a ethnologia singular do povo que creou a mais requintada civilisação do mundo antigo, depois do grego, compreendem-se melhor ainda que nos muzeus, no meio meio da paisagem de encanto sob cuja influencia directa ella germinou e floriu.

Pelas condições especiaes de solo e clima, a Toscana representou sempre um papel autonomo, na historia da Italia. A' graça ambiente da natureza devem os toscanos a superioridade do gosto, o sentimento attico da belleza, a finura da imaginação creadora, o culto das nobres formas e das linhas harmoniosas.

O impulso mais generoso e a melhor herança da Italia veio deste povo admiravel, que dois mil annos já antes do christianismo attingira o predominio da intelligencia.

Quando a acção centralisadora e absorvente de Roma, depois da tomada de Veies, começou a latinisar a primitiva confederação etrusca, a sua fisionomia ethnica não se transfigurou.

O poder de assimilação d'este povo excepcionalmente cultivado exerceu-se sempre sobre os extrangeiros que o dominaram. Duques godos e lombardos, ou condes francos, foram-se tornando successivamente toscanos, pela acção mysteriosa d'esta terra incomparavel.

Emquanto o resto da Italia era dilacerado pelas ambições dos *condottieri* que a mutilaram, na edade-media, as republicas toscanas illustravam-se de monumentos. Assim, sob a dynastia magnifica dos Medices, favorecendo com a mais sabia administração o bem estar do povo, animando os artistas, os sabios, os poetas e os humanistas, a hegemonia de Florença estava assegurada. E a Renascença brotava naturalmente, como a floração expontanea d'este solo privilegiado.

*

A partir de Pisa, a região que o Arno banha tem a fertilidade d'um pomar e a elegancia d'um parque.

Mais graciosa do que exuberante, a na-

tureza revela aqui o mesmo caracter de harmonia e proporção que a arte toscana, Ao passo que a paisagem venesiana, toda em espelhamentos irisados d'aguas, vapororidades fluidas de nuvens e reflexos cambiantes de tintas continuamente fundidas, inspirou a pintura voluptuosa dos maiores coloristas, a Toscana, com suas esculpturaes collinas d'um relevo de curvas nitidas e seus horizontes de contornos solidos, produziu os maiores architectos e estatuarios da Italia.

Com valles viçosos e vertentes suaves de outeiros arborisados de amoreiras e oliveiras, sulcada de fillas parallelas de vinhas, esta paisagem mais fresca e unida que no resto da peninsula, lembra um pouco, pela patriarchal abundancia, a do Minho idylico. Mas ha n'esta alguma coisa de mais fino, de mais estylisado, com os pinheiros abertos em paleo, e os cyprestes esbeltos que se perfilam, em tão hieratica delicadeza, nos terraços das villas elegantes e nas ruinas dos castellos cheios d'heras e de lendas.

Plano e fertil, avivado d'aguas, azulado d'hortas, emoldurado de arvores em cujos ramos, agora desfolhados, se enroscam as videiras que no outono as engrinaldarão de corymbos de rubis e d'ambar, entre os pampanos viridentes, o valle desenrola ao longo da linha ferrea a sua doçura pacifica e risonha.

Apesar de ser inverno, está tudo verde, d'um verde limpido, claro e tenro como na primavera. Nem um retalho que não dê amplamente ao lavrador o preço do seu trabalho. A terra é aqui tão generosa, que no mesmo campo fructificam a seara, a vinha e o olival.

Como na vespera choveu, a natureza inteira parece lavada, envernisada de fresco. Sob o ceu de aço pallido, as hervas dos prados reluzem, as arestas dos montes apparecem recortadas em metal, as folhagens finas das oliveiras fremem como rendas de prata brunida.

A esquerda, deliciosos de curva, suavemente arredondados, os Montes Pisanos dirse-iam, na nitidez da atmosfera, modelados no mesmo bronze de que foram feitas as estatuas de Donatello.

Altas medas, a espaços, erguem pyramides, blocos de contornos architecturaes em que o fêno foi de tal modo acamado, que forma pastas espessas que os lavradores talham em fatias verticaes, com as longas fouces afiadas.

As herdades de tijolo roseo, com arcos, alpendres, escadas exteriores, parecem pintadas com tanta graça primitiva, como no fundo dos quadros de Fra Fillippo Lippi ou do Ghirlandaio.

Pelas estradas rectas, entre oa campos sulcados e os prados humidos onde pasta o gado, lavradores de casacões ruivos ou verdes, com espessas gollas de pelle de coelho, guiam os bois brancos jungidos aos carros de feitio ancestral. Ou, curvados sobre as estreitas carrozellas d'altas rodas, chicoteiam os cavallos galopantes, ajaezados de campainhas, abrigados por mantos de lã amarella contra o frio vivo e fino.

Os signaes da prosperidade e do bem estar são por toda a parte visiveis, tanto nos campos bem lavrados, como nas casas das aldeias e nas granjas que se avistam ao passar. Porque nada mais falso do que a ideia tão espalhada de considerar os italianos como camponezes d'opereta, travestidos de trapos coloridos, estendendo a mão á *mangia* do forasteiro, e vivendo na indolencia lyrica dos lazzaroni, entre uma canção e um bailado.

A Toscana é uma das provincias mais activas da Italia. Ao contrario do que se dá no sul, não é roida pela miseria e pela emigração. A fertilidade da terra, a liberdade relativa sob que viveu sempre, favoreceram o desenvolvimento d'esta população laboriosa. O seu caracter pacifico contrasta com o das meridionaes, onde o solo accidentado, as florestas densas, os campos incultos e o ardor do clima já africano determinam a insubmissão e a revolta.

Emquanto o lavrador da Lombardia e do Veneto se alimenta quasi exclusivamente de polenta, n'um regimen de vegetarismo forçado, na mesa do toscano ha sempre pão alvo, vinho e carne.

Toda divida em pequenas propriedades, cultivadas por familias submettidas á auctoridade do pater, de geração em geração, como os arias primitivos, a Toscana vive ainda na serenidade patriarchal que Virgilio cantou nas Georgicas.

Esta terra de fertilidade e de graça feliz foi no entanto, outr'ora, a mais revolvida pelas luctas dos homens.

Depois do campo romano, nenhum mais cheio de recordações historicas. Todas estas paisagens d'ecloga, onde só se evocam as suavidades d'uma existencia placidamente monotona, estão impregnadas da memoria tragica das mais sangrentas carnagens da edade-media. Todas estas povoações, tão pittorescas de mancha, ao longe, no alto dos veres rolaram, trucidados, entre o fero tumulto dos gritos de guerra e o choque barbaro das lanças.

Sobre a alta torre medieval de San Miniato al Tedesco, que foi a residencia do vigario do imperador Frederico II, as pombas fazem ninho onde fluctuava o estandarte de combate e onde o *vigia* soltava o seu brado d'alarme, ao avistar ao longe, as flamulas e gonfalões das hostes inimigas, avançando n'uma nuvem de poeira. E essa erma Empoli, em cuja gare os carros aguardam em vão os viajantes que não descem, teria sido

FLORENÇA — PONTE DE S. TRINITA E LUNGARNO

montes, d'uma silhueta tão poetica com seus campanarios roseos e suas calmas ruasinhas sinuosas que se apercebem ao passar, com seus castellos romanticos dominando o valle, foram marcadas a fogo por alguma estrofe de Dante. E é talvez por ter sido tão profundamente regado de sangue, que este humus é tão fecundo.

N'este bucolio valle de Cascine, que agora o comboio atravessa, o sombrio poeta do capuz vermelho tomou parte na batalha em que os pisanos foram derrotados pelos florentinos. E nas aguas do Arno, que hoje corre tão liso e sereno, banhando os prados onde pastam as ovelhas, milhares de cadade certo a Athenas latina, tão animada e rica de monumentos como Florença, se a energia heroica de Farinata degli Uberti se não tivesse opposto ao projecto dos gibelinos que para ella queriam mudar a séde da republica, depois de arrazar os muros e palacios da cidade do lyrio vermelho.

Para além do rio Pesa, elevava-se na melancolia da tarde a molle negra do castello de Montelupo, que os florentinos fortificaram para combater Capraia. O comboio entrou no desfiladeiro sombrio da Gonfalina onde o Arno cachoa, entre ravinas eriçadas de pinheiros esgalhados. A aldeia de Signa, pouco depois, surgiu com as muralhas amea-

das que a sombra esculpia já em negro no ceu onde a luz bruxoleava.

E, rapidamente, a noite desceu quasi sem a transição do crepusculo, como uma mancha de tinta alastrando sobre o valle que de novo se dilata, plantado de vinhas e amoreiras.

Vidraças começaram a reluzir nas villas mais numerosas, annunciando a approximação d'um grande centro populoso. Uma immensa nuvem lactea de claridade fluctuou na penumbra. Cada vez mais, os pontos d'oiro se multiplicaram, enxames flamejantes na sombra informe onde em vão tentei distinguir a visão da nova cidade que me attraia com seu mysterio. Lanternas de trens correram, entre filas parallelas de candieiros electricos, ao longo de ruas um instante entrevistas, logo sumidas. Jactos de clarões escarlates e brancos dardejaram. O tumulto confuso d'uma vasta gare echoou sob o immenso *hall* de ferro e crystal... E de repente, cantaram-me nos ouvidos, cantaram-me na alma, as syllabas d'este nome de doçura e d'encanto, que nunca ouço sem a suggestão d'aroma, de brilho, de luz e de voluptuosidade elegante d'um claro e nobre parque da Renascença, todo illustrado d'estatuas esbeltas:

— *Firenze! Firenze!*

A alma de Florença

Toda a reluzir da chuva da noite, sob os raios louros do sol matinal, Florença appareceu-me, ao abrir a janella, com a graça rejuvenescida d'um rosto de mulher que sorri, atravez das lagrimas.

No ar fresco e ligeiro, a luz resplandecia sobre os telhados roseos e as vidraças limpidas das casas amarellas da Piazza Madona, com uma doçura desconhecida dos invernos do norte.

E na alegria facil e no calor suave que pairava sobre a cidade, era deliciosa a sensação de contraste entre o lustro azul d'aquelle ceu de primavera precoce e o fulgor branco da neve coroando as collinas que a circundam, como uma taça burilada.

N'alguma das torres onde outr'ora os sinos tocavam a rebate, nos seculos heroicos, oito horas vibraram, com um som que me pareceu mais musical na pureza da atmosfera que envolve a cidade feliz, em que as flores dos jardins e as ideias dos homens desabrocham mais expontaneas que em nenhuma outra.

Ao fundo da praça, a Sagrestia Nuova de San Lorenzo elevava a cupula aureolada de reflexos, com a harmonia que Miguel Angelo lhe deu para abrigar nobremente a Noite, que com tão divina melancolia sonha sobre o mausoleu do *Pensieroso*. N'um terraço, sobre a typographia d'um jornal, duas estatuas velhas brilhavam ao sol como remoçadas. Os cartazes illustrados d'uma exposição de pintura e d'uma-opera nova faziam manchas vivas na esquina d'um palacio côr d'ocre, com seu grande brazão de pedra sobre o portal esculpido. Parados no passeio, dois namorados, um adolescente esbelto como os pagens de Masaccio e uma rapariga em cabello, fallavam, riam, com a elegancia de gestos e attitudes, a expansão terna e instinctiva d'esta raça naturalmente amorosa. Uma carreta alongada em forma de barco, pintada de vermelho, passou carregada de laranjas e de flores...

E n'esse estado de plenitude em que uma immediata concordancia se estabelece entre o nosso espirito e as coisas ambientes, todas estas pequenas notas colhidas de relance, na claridade da minha primeira manhã florentina, bastaram para me revelar, n'uma instantanea synthese, a alma d'esta cidade que atravez dos seculos christãos permaneceu alegremente pagã, e onde a vida teve sempre um sabor mais intellectual e voluptuoso.

*

Saí. E demorando insensivelmente os passos, detendo-me a cada instante deante d'um novo aspecto, flanando ao acaso pelas ruas lageadas de largas pedras polidas, e que de repente se entreabem sobre a delicada curva d'um monte com uma egreja no alto, entre finos cyprestes, compreendi o encanto que a Athenas latina exerce inevitavelmente sobre as almas artistas.

Como uma nympha da Hellenia resuscitada no solo itallico, ella canta a alegria de viver n'uma atmosphera dyonisiaca d'arte e de belleza creadora.

Nenhuma outra cidade mostra tanto como

Florença o culto da fórma. Por toda a parte o passado apparece ligado ao presente, quasi sem lacunas, sem que o nosso sentimento estetico seja chocado por violentas desharmonias.

Emquanto as cidades toscanas que ella combateu e anniquilou, offerecem o aspecto de necropoles inertes, Florença conserva como outr'ora o aspecto de uma grande cidade viva.

Apesar de não ter já o movimento e a população da capital do reino que foi de 1864 a 1870, é das mais animadas da Italia. Pelos monumentos, pelos muzeus em que o genio dos seculos reuniu em maior numero as obras primas da pintura e da esculptura, é das primeiras do mundo.

O contraste entre a architectura antiga e a moderna é aqui menor que nas outras, onde o mau gosto das construcções destaca, como nos bairros da Roma nova, com tão brutal insolencia. O gosto natural dos florentinos, alliado a um exemplar orgulho civico, não deixou que os seus palacios caissem em ruina e fossem demolidos, ou deploravelmente modernisados. Muito são habitados pelas familias senhoriaes que os herdaram, ou foram transformados em muzeus E nas edificações novas, os architectos visaram a manter a tradição de elegante e solida simplicidade que caracterisa o estylode Brunelleschi, de Michelozzo, e de todos os seus grandes continuadores.

Mesmo nos mais antigos, como o Bargello, o Pallazzo Vechio, o Pitti, o Spini, construidos á moda etrusca, com rudes blocos de granito mal esquadriado, que lhes dão o aspecto de fortalezas inabalaveis, se revela esta harmonia perfeita de proporções. A' medida que o gosto se foi polindo, a arte mais fina do renascimento ornamentou as frontarias com uma fantasia mais graciosa, decorando-as de pilastras e janellas esculpidas, coroando-as de cornijas, como no palacio Riccardi, em que Michelozzo começou a modificar a ordem rustica nos andares superiores, e no Strozzi, o mais expressivo

FLORENÇA — FACHADA DO DOMO

typo da architectura florentina. Alguns conservam as torres macissas, de solidas janellas gradeadas, onde nas eras feudaes se entrincheiravam as familas guelfas ou gibelinas para as longas defezas, quando as ruas eram fechadas por cadeias de ferro. Nas fachadas de pedra a que o tempo deu tons trigueiros, vêem-se ainda chumbadas as argolas de bronze que nas noites de festa sustentavam os archotes ou as lanternas maravilhosamente forjadas de seculo quinze,

E nos pateos vastos, sob as galerias de columnatas, estão expostos os mausoleus de marmore ancestraes.

*

Por toda a parte, os vestigios da vida artistica d'este povo em que a pratica dos negocios e da politica nunca fez degenerar o gosto do prazer e das coisas bellas, apparecem na predilecção pela pureza das formas classicas.

Esbeltas loggias, nas praças claras, abertas ao sol sob columnas corintias, abrigam estatuas nuas. Marchetadas de marmores polycromos, revestidas de baixos relevos, de majolicas, de figuras de Donnatello, de João de Bolonha, de Verrochio, com portas de bronze buriladas de miniaturas biblicas por Ghiberti, as egrejas são enormes joias, illuminuras de missal, d'uma riqueza e d'um brilho de côres e ornatos que exprimem mais o sentimento da belleza que o da tristeza do cristianismo.

Pinturas a fresco, mosaicos rutilantes, cobrem as paredes das capellas e dos claustros cheios de flores. A agua canta nas taças dos chafarizes rodeados de tritões e de naiades. Nos tympanos das portas, sobre as arcarias dos hospitaes, ceramicas azues e brancas, as lindas Virgens e os santos que os Lucca del Robbia modelaram em terra cota esmaltada, sorriem entre grinaldas de flores e fructos. Ladeadas de officinas d'esculptores, de lojas de bric-a-brac, as ruas são verdadeiros muzeus ao ar livre, com as vitrines recheadas de gravuras antigas, de camafeus, d'estatuetas de albastro e bronze, deante das quaes se passam horas maravilhadas. A photographia, mesmo, é aqui uma arte nobre. Em vez dos retratos pornograficos das grues e *gommeuses* de café concerto, mostrando as coxas e os seios, que as montras dos boulevards parisienses ostentam, as de Florença expõem reproduções de quadros dos grandes mestres. Em vez da Otero, da Gaby, ou da Arlette, a Fornarina de Raphael, a Simoneta de Botticelli, a Venus do Ticiano. Em vez do cantor Mayol, rebolando os quadris equivocos, Petrarcha ou Dante. E como a civilização não anda em atrazo nesta cidade tão ecletica e cosmopolita, ao lado do *Fuoco* e do *Piaccere*, de Gabriel d'Annunzio, o *Humano, demasiado humano*, de Nietzche, e as *Claudines*, de Willy, esse Epicuro da *blague* e do *calembourg*, que é a personificação mais typica da philosophia archimoderna. Nas livrarias, edições de luxo de todos os autores celebres, italianos ou extrangeiros, exprimem a vida intellectual d'um centro cosmopolita.

Como paginas de pedra do maior poema, as paredes de Florença estão cheias de estrofes de Dante evocando episodios da sua historia. Inscripções de marmore, em muitas casas, commemoram a religião da cidade pelos filhos illustres que fizeram a sua gloria. Os extrangeiros que a amaram são egualmente lembrados. Na casa onde morou a escriptora Elisabeth Barret Browning, que como Byron, Schelley, Keats, Rossetti, Ruskin, e tantos outros da sua raça, celebrou a irresistivel fascinação d'esta terra suprema, uma lapide diz a gratidão de Florença por aquella «que fez da poesia um aureo annel entre a Italia e a Inglaterra».

E lendo os jornaes, alguns dos quaes fazem tres edições quotidianas, e todos os dias publicam artigos de litteratura, de critica, de sciencia; visitando as exposições d'arte moderna, os salões de conferencias, os concertos, os teatros, onde são representados com prestigio os maiores dramaturgos e comediographos contemporaneos; ou mesmo atravez da simples conversa, n'um café, com algum florentino, a impressão que se tem é a de que a Florença d'hoje continua a do passado. Pela paixão da cultura e da intelligencia, é ainda uma verdadeira capital, embora sem o fausto que a magnificava.

Falta-lhe, certamente, o movimento, a turbulenta animação de Napoles, que é a cidade mais populosa e alegre da Italia. Ao cair da noite, a vida extingue-se, concentrada apenas nos teatros, nos salões, nos cinematographos, e n'um ou n'outro café da Praça Victor Manuel, sob as arcadas.

Aos que tiverem a nostalgia da multidão, á hora vertiginosa em que nas terrasses rutilantes dos boulevards parisienses guincham as czardas tziganas, entre o tumulto aboiante dos automoveis, o rolar interminavel dos fiacres, os riso das cocottes e os pregões dos camelots, Florenca parecerá desoladamente monotona e triste como uma cidade d'exilio.

Nostalgicamente, as almas inquietas dos noctambulos, n'esses desolados corredores das ruas, onde apenas flamejam tristes *bars* honestos e burguezes, em que os retardarios se embebedam de café com leite, a dois soldos, evocarão Montmartre, a *butte sacrée* da Luxuria, á hora hysterica em que Paris, maquilhada e decotada até á cintura, ergue nos dedos chammejantes de anneis a taça de champagne, n'um brinde em *argot* a Lilith, deusa das nevroses, sacerdotiza dos ricos impuros.

Mas durante as horas de sol, uma onda humana povoa a via Calzaioli, da piazza del Duomo á della Signoria; a Tornabuonni, onde os tea-rooms são o *namoradoiro* elegante das norte-americanas e inglezas que aqui vêm passar o inverno; os muzeus, as egrejas, o jardim Boboli, cheio de murtas, de estatuas, de rosas e de fontes; o Lungarno que como uma nobre avenida orlada de hoteis monumentaes margina o rio doirado; e o parque das Cascine, onde ás tardes, na esplanada do Piazzone as damas da aristocracia florentina recebem as visitas e as homenagens dos sigisbeus, reclinadas nas carruagens floridas, como n'um salão sem par, ao ar livre, entre a moldura d'essas colinas que a Natureza esculpiu com arte mais perfeita que as do resto do mundo.

A voluptuosidade florentina

N'esta luminosa Florença em que o amor da intelligencia se não esterilisou nunca, e os olhos são attraidos a cada instante por imagens de belleza, a alma dos habitantes lê-se claramente como n'um livro aberto.

Na confusão dos grandes centros cosmopolitas, como Paris ou Londres, a fisionomia e os costumes do povo não se distinguem logo. Só decorrido longo tempo é possivel ao viajante analysal-os. Aqui não. Desde o primeiro dia, é-se immediatamente conquistado, seduzido por esta cidade que nos sorri e abre os braços, sem hipocrysia, sem mysterio, como uma bella mulher que ama o prazer, e não se envergonha de o confessar.

Mais ainda que em Veneza, a que a nostalgia da gloria morta dá uma poesia feita de sonho e tristeza, ha na doce Florença não sei que feminino encanto, que allicia.

Uma voluptuosidade esparsa fluctua n'esta atmosphera, n'esta luz subtil e ligeira, que alegra o céu e as almas. O Oriente começa aqui. Qualquer coisa assignala já o seu contagio peturbante, no aspecto das casas brancas e amarellas, nas verduras vivas que destacam sobre os muros dos jardins fechados, na abundancia das flôres, no aspecto de certas ruas, na indolente elegancia das mulheres, nos costumes e nos typos d'esta terra, que não é exclusivamente latina.

Como nos seculos quinze e dezeseis, a concepção dominante da vida é a d'uma sensualidade delicada e finamente pagã.

FLORENÇA — CASA DE DANTE

Todas as noites, os teatros numerosos se enchem d'um publico avido de vêr bellas mulheres decotadas, flamejantes de joias, ao esplendor das luzes, e de ouvir os largos periodos sonoros, constellados de imagens raras de d'Annunzio, ou as musicas apaixonadas e ardentes de Verdi, de Puccini, de Leoncavallo, de Mascagni, de todos os interpretes d'esta raça essencialmente amorosa, para a qual a melodia e o canto são as expressões supremas.

Mesmo durante o dia, cinematografos

inumeraveis attraem o povo incessantemente desejoso de divertir-se. Ao domingo e ás quintas feiras, em que os museus se abrem gratuitamente, diante dos quadros e das estatuas, os devotos desfilam. Em qualquer parte onde se vejam mulheres ou se exponha uma obra d'arte, os florentinos accodem.

FLORENÇA — PRAÇA MIGUEL ANGELO

Por este gosto innato da belleza e do prazer, são bem os descendentes directos dos epicuristas que não acreditavam no outro mundo, sabiam que a existencia n'este é curta, e queriam gosal-a o mais possivel, poetando, amando, dissertando sobre filosofia e arte, na côrte academica e nos banquetes platonicos de Lourenço o Magnifico; ou sob os arvoredos da villa Palmieri, durante a peste, escutavam para esquecer a morte os contos lascivos de Boccacio.

A tolerancia foi sempre aqui extrema na voluptuosidade, na expansão do instinto, alliada ao culto pelas manifestações do espirito.

*

O amor do prazer sincero e consciente é uma prova de superioridade dos povos bem organisados, uma faculdade caracteristica das raças eleitas. A alegria é a expressão viva da força e da saude, tanto nas nações como nos individuos. Só as decaidas são tristes, as que agonisam, ou se resignam á humilhação da miseria, porque perderam a fé e a esperança. Quando os homens se desinteressam da natureza e da arte, e se preoccupam só com a politica e o negocio, a vida social decae. Os que pensam em coisas bellas e sãs tem a alegria de viver. O gosto natural do prazer dá-lhes uma facilidade de comprehensão superior. As intelligencias são mais ricas e brilhantes.

Sempre que abria o «Janeiro» que todas as manhãs, como um velho amigo cheio de amargura, vinha contar-me n'estas terras alheias o triste fado de Portugal, que bandos de politicos (que n'outro paiz não passariam de traficantes vulgares ou de fantoches grotescos) andavam explorando como uma pobre terra de escravos, a impressão que tinha era a do desalento. E ao ler em seguida os jornaes da Italia, em que via o reflexo d'uma intensa vida intellectual, a expressão de interesses mais elevados que os da *mediocracia* deprimente que nos estava corrompendo, reconheço a verdade d'estas palavras de Taine: «Ha raças tão finas que não podem decair completamente. O espirito é n'ellas innato, pódem ser corrompidas, mas não anniquiladas; produzirão dilletantes ou sofistas, mas não mudos ou imbecis.»

A alma do homem é quasi sempre analoga, de resto, á terra em que nasceu. A alacridade da luz e a graça da paysagem de Florença revelam-se na idyosincrasia dos habitantes. Depois do grego, nenhum povo foi mais favorecido pela natureza. As ideias offerecem-se ao seu espirito com o relevo e a nitidez das fórmas que os rodeiam, n'este horisonte circunscripto por collinas elegantes.

No dominio psychico, ignoraram sempre as obsessões espiritualistas do *au-dela*. A alma italiana não compreende o mysterio e o fanatismo. Mesmo na edade-media, as convulsões mysticas determinadas pelo chris-

tianismo, não destruiram n'ella a serenidade classica.

A tendencia natural para a realidade, para a belleza do mundo visivel, isola-a das divagações idealistas dos povos do norte.

O amor da vida e da natureza predominou sempre na sua imaginação. E' por isso que este povo se manifesta em tudo artista: na filosofia como na sciencia, na vida publica como na intima, na religião como no amor.

*

Nas ruas, nos teatros, nos cafés, entre a multidão, o typo florentino destaca por não sei que de mais puro de linhas e attitudes, pela expressão eminentemente impressionavel do olhar e do sorriso, que caracterisa estas cabeças de raça. Vestidos á moda dos grandes seculos, poderiam figurar ao lado dos que se vêem retratados por Andréa del Sarto e Bronzino, nas tellas dos muzeus, nos frescos dos clautros.

Nenhum espectaculo mais nobre que o d'estas intelligencias sempre em vibração.

D'uma urbanidade e polidez extremas com os extrangeiros, poem na conversa a seducção, o desejo instintivo de agradar.

— *Permesso! grazia! favorisca!* são palavras que a cada momento se ouvem. Ao segundo aperto de mão, o desconhecido d'hontem chamar-vos-ha *carissimo* com a familiaridade comunicativa e expontanea que é um dos grandes encantos da vida italiana.

E' verdade que esse mesmo «carissimo amico» não hesitará em pedir-vos, com egual cordealidade effusiva, o quadruplo do legitimo valor pela copia d'um quadro, invocando descaradamente todas as *Madone del cielo* para lhe affirmar a originalidade authentica. Mas a ternura cariciosa do gesto e da voz com que vos dará as suas *lire* falsas em troco dos vossos *luigi* verdadeiros será tão encantadora, que ninguem poderá preferir-lhe a bronca e austera seccura do saxão mais escrupuloso.

A predilecção pelas phrases bem buriladas e empoladas, pelo luxo da linguagem e pelas methaphoras cheias de emphase, mesmo entre a gente do povo, dá a sensação singular de nos imaginarmos n'uma cidade onde todos fossem egualmente latinistas cultos.

A multidão dos que se nos apresentam como *preffessori* e *avocati* é de resto tão extraordinaria como em Roma a dos *principi*, e em Napoles a dos *cavallieri*... geralmente de Industria.

A doçura do dialecto toscano, o mais harmonioso da Italia, e aquelle que o extrangeiro logo compreende sem difficuldade, por ser o que mais se assemelha á lingua escripta moderna, augmenta ainda o prazer (ás vezes demasiado caro) de os ouvir.

A elegancia do espirito é n'elles completada pela do corpo. Com os cabellos negros alisados e frisados, anneis antigos nas

FLORENÇA — PALACIO VELHO E PRAÇA DA SENHORIA

mãos finas de prestimanos ou de violinistas, as lapellas floridas, de rostos glabros como os moços patricios retratados pelos pintores do Cinquecento, os adolescentes florentinos mostram no vestir uma selecção de gosto superior aos das outras cidades.

Nos grandes capotes azues claros, que lhes modelam os bustos e as cintas, os officiaes são impecaveis de garbo militar, sem a rigidez automatica dos allemães.

Mesmo entre o povo se nota o instincto da elegancia. Logo de manhã cedo bem penteadas, as mulheres que se veem passar tém a ligeireza de movimentos que vem do habito de caminhar sobre as lages polidas das ruas planas, sem esforço, sem o ar desengonçado de pêgas saltitantes que as calçadas de pedras meudas dão ás que nascem nas cidades ingremes.

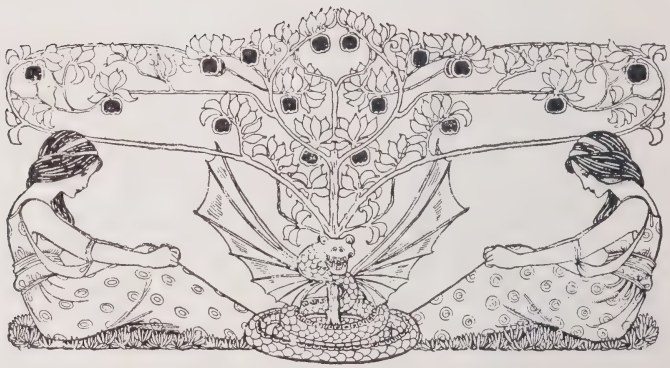
A Toscana é a provincia italiana onde o typo da familia etrusca que povoou a parte meridional da Europa, desde a Grecia á Hespanha, se manteve quasi puro.

De cabellos e olhos pretos, com carnações firmes, d'um moreno roseo, as florentinas não tém a estatura um pouco macissa das louras mulheres da Lombardia, onde o cruzamento do sangue germanico com o celta produziu uma raça de talhe mais elevado; nem o aristocratico elançamento das venezianas, tão esbeltas nos longos chales ondulantes que fazem lembrar já o féredgé das orientaes.

O seu caracter distintivo está mais na expressão que na regularidade e na pureza dos perfis. Instintivas, sentimentaes, d'uma indolente morbideza, as suas attitudes encantam inolvidavelmente, quando a aura lyrica das operas, á noite, na «Pérgola», lhes vela de amoroso extase os olhos sonhantes.

Pela graça, essa melodia dos gestos; pelo nimbo de ternura intima e pensativa; pela nervosa e espiritual formosura, algumas figuras de grandes damas florentinas ficaram-me na memoria, como os mais puros modelos da raça que deu ao mundo a *Beatrice*, a *Simonetta*, a *Mulher veláda* e a *Venus deitada*.

(Continúa.)



D. João I

I

O homem

Individualidade complexa, o Mestre de Avís tem sido apreciado por formas varias, algumas diametralmente oppostas, desde a admiração maxima até á maxima depreciação. Um exame imparcial, se exclue a apreciação em absoluto deprimente, não repelle menos o elogio quasi incondicional; mais talvez que a de qualquer outro monarca português a actividade de D. João I foi consequencia do seu meio. Creio que a febril vitalidade nacional emprestou de si alguma cousa ao valor do imperante e o intenso brilho da época offuscou algum tanto os criticos do monarca.

Tres traços fundamentaes caracterizam esta tão curiosa quão importante personagem, traços tão profundamente vincados que, encontrando-se já nas primeiras manifestações da sua personalidade, o acompanham até o tumulo. Essas tres caracteristicas, ligadas pelos laços de uma successiva dependencia, são: o espirito de prudente previsão, o animo conciliador, e a hesitação prolongada sobretudo tratando-se de factos graves.

Este espirito de cautelosa previsão, que o fazia pensar longamente as consequencias possiveis dos seus actos, é o traço mais profundo e mais caracteristico da sua psychologia, por elle se explicam e delle dependem todos os outros, elle lhe deu, durante a vida de D. Fernando, todo o aspecto de um fidalgo de côrte em muito pouco, ou em nada talvez, diverso dos restantes, elle explica como o Mestre foi durante o periodo revolucionario um perfeito *meneur de foules*, e como durante toda a sua vida publica o Mestre foi joguete de influencias de varia origem cujo embate explica nos seus multiplices aspectos o caracter do reinado do primeiro rei de Avís.

Lendo uma descripção minuciosa dos feitos do Mestre, como a que nos deixou Fernão Lopes, a impressão que se tem é a de que se está em frente de uma creatura dotada de uma prudencia extrema, exagerada até por vezes.

Esta prudencia trouxe para o caracter do Mestre varias consequencias e, levada ao excesso, deu-lhe em algumas ocasiões a côr da covardia. No ataque a Coria, o rei, visivelmente descontente com os seus e, portanto, com intuito offensivo, lamentava-se de que alí tivessem faltado os bons cavalleiros da Tavola Redonda; Mem Rodrigues de Vasconcellos, o da Ala dos Namorados, homem indubitavelmente valoroso, sentindo-se melindrado por esta apreciação, replicou logo que o que faltara fôra o bom Rei Arthur, senhor delles. D. João, attingido directamente, retirou logo prudentemente, explicando que não tinha excluido o proprio Rei Arthur que era, como os outros, companheiro da Tavola Redonda. De outra vez, indo em marcha com o duque de Lencastre e Nun'alvares, declarou o rei ao seu condestavel *que lhe aprazia e tinha em talante* que o duque commandasse a vanguarda, vista a sua qualidade de pessoa mais qualificada abaixo do Rei; o Condestavel replicou que era sua vontade *nunca leixar a vanguarda a nenhua pessoa* e D. João, prudentemente, cedeu de sua vontade.

Contudo, ás vezes, — muito raramente —, dava-lhe para mostrar firmeza de resolução e não ceder a pedido algum: certa era en-

tão a tolice. Durante o cerco de Villalobos faltou certo dia a herva no acampamento e, como se tivesse espalhado infundadamente o boato de que a povoação se renderia no dia seguinte, varios dos do Mestre foram apanhar quanta herva encontraram nas proximidades. Quando o soube, o Mestre ficou

O MESTRE D'AVIZ

irritadissimo porque suppunha, não sem razão, que os cercados, sabendo-o em difficuldades para alimentar o gado, se não rendessem tão depressa. Os factos desmentiram esta supposição, visto a povoação se ter rendido poucos dias depois, mas ella não deixava de ser até certo ponto logica. O Mestre, irado, sem attender a que a culpa fora impensada, e olhando só ás consequencias della, que suppunha pessimas, ordenou que prendessem os culpados e que lh'os trouxessem. Apresentaram-lhe seis rapazes: sem hesitação, mandou que os degolassem.

Debalde, as lagrimas a bailarem-lhe nas palpebras, o Condestavel busca movê-lo á piedade; debalde, tacitamente invocando os seus serviços, um Escudeiro, que sempre o acompanhára e servira bem, lhe pede misericordia para um dos condemnados, seu irmão; o Mestre, frio, impassivel, inabalavel, não cede. A sentença é executada.

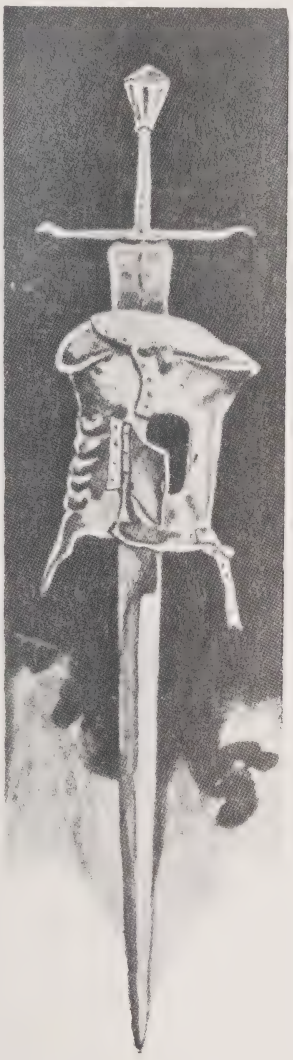
O Condestavel satisfez-se chorando, de bruços sobre o leito, por *tal justiça como aquella*, mas o Escudeiro, irritado com o Mestre, ferido por uma crueza tamanha, fez alguma cousa mais: abandonou aquelle que sempre acompanhára e que mostrava agora não merecer os seus serviços, passou a Castella e, pondo-se ao serviço do rei castelhano, para sempre ficou adversario de D. João I. Fazendo-o, buscava, por ventura, que os acasos da guerra lhe deparassem ainda ocasião asada para vingar a morte do irmão, vingando-se a si proprio.

Nas sessões do seu Conselho, como em muitas outras ocasiões, o Mestre revelou um cuidado constante em tudo conciliar e em conciliar-se com todos.

Este espirito de conciliação póde considerar-se consequencia da prudencia extrema de que acaba de ser feita menção, visto que

no desejo de conciliação vai implicito o de evitar consequencias más que de um desacordo poderiam resultar.

O desejo de ver tudo e todos conciliados deu ao Mestre a possibilidade de ser o excellente politico que foi, não no sentido largo e grande do termo, como homem que organizasse e procurasse executar largos planos de administração, na significação mais lata do termo, mas no sentido rasteiro e comezinho do homem que procura agradar a todos para sobre essa estima geral cimentar uma gloria e um poder pessoaes.



ELMO E ESPADA DO MESTRE D'AVIZ

Faltava ao Mestre, ás vezes, a energia necessaria para se oppôr a actos violentos ou criminosos — e como tal por elle reputados —, se a execução da sua vontade pudesse ter como consequencia a alienação de algum alliado. Contemporizava logo. Esta contemporização excessiva é, como facilmente se vê, uma affirmação sob nova côr do seu fundamental desejo de conciliar tudo e todos. Um caso bem typico della é o do assassinato do bispo D. Martinho pelas turbas allucinadas de Lisboa. Morto o Andeiro, dirigira-se o Mestre a casa do conde João Affonso Tello, irmão da Rainha, para jantar, quando vieram dar-lhe a noticia do perigo que corria a vida do bispo e pedir-lhe que lhe acudisse; o primeiro impulso do Mestre foi de generoso desinteresse: quiz ir salva-lo; do lado, porém, o Conde acudiu: «*não pense nisso, Senhor, se elle morrer não se perde grande cousa, haverá muito quem o substitúa!*» e tanto bastou para que o Mestre, pensando talvez então já a frio que a vida de um homem não valia o incommodo da indisposição com o povo, a qual podia tirar-lhe as esperanças de mandar, se aquietasse. — São um libello terrivel as palavras friamente simples de Fernão Lopes: *E estando elle por sse asseentar aa mesa diseron ao Mestre como os da çidade queriam matar o Bispo, e que faria bem de lhe hir acorrer; e o Mestre quizera allo hir. Disse estomce o Comde: nom curees disso, Senhor, se o matarem, quer o matem quer nom, ca posto que elle moira, nom mingoará outro Bispo portuguees que vos serva melhor que elle. Ao dito do Conde cessou o Meestre de sua boa voontade e o Bispo foi morto desta guisa que se segue...*

Antes de tomar uma resolução qualquer, o Mestre pesava bem o pro e o contra: de aqui uma hesitação mais ou menos prolongada, que sobretudo se accentuava se o facto revestia um caracter de gravidade.

Tres factos, como nucleos de actividade, dominaram de alto a vida do Mestre. Um introduziu-o no tumultuar da vida publica, outro garantiu-lhe o throno, outro colocou-o na galeria dos iniciadores do imperio ultramarino português. Em um jogou a vida: morte do Andeiro; em outro jogou a corôa e talvez a liberdade: Aljubarrota; no terceiro jogou o descanço de uma velhice gloriosa: Ceuta.

Porém, uma hesitação prolongada antecedeu cada uma destas arriscadas provas; resoluções contradictorias precederam a resolução final.

E' de notar ainda uma certa analogia na evolução de cada um destes tres casos.

Na morte do Andeiro vê-se uma hesitação profunda que se manifesta por resoluções contradictorias alternadamente:

a) acceita o encargo de matar o Andeiro;

b) hesita;
c) acceita;
d) nega-se a cumprir o promettido;
e) fazem-lhe segunda proposta;
f) hesita de novo;
g) torna a acceitar;
h) parte para o Alemtejo já sem tenção de cumprir a promessa;
i) volta e cumpre-a.

A primeira proposta foi-lhe feita por Nun'alvares indirectamente. O futuro Condestavel contou o seu plano a Ruy Pereira que, por seu turno, o participou ao Mestre, o qual antes de acceitar fez notar que já se não falava tanto no adulterio da Rainha. Comtudo, encarregou Nun'alvares de juntar gente de guerra, mas quando este se dispunha a fazê-lo chegou-lhe ordem do Mestre para sustar por então todos os preparativos.

A segunda proposta foi-lhe feita por um burguês muito importante de Lisboa, Alvaro Paes. O Mestre mostrou difficuldades que o seu interlocutor reduziu a nada; acceitou o encargo, mas, nomeado fronteiro do Algarve, partiu *sem levando já nenhuua teemcom de matar o Conde.*

No caminho, porém, *tornou a cuidar como esta cousa fora fallada com tantos... da quall cousa descoberta se seguia a elle e aos seus gram cajom e perda.* Voltou e só então levou a cabo o emprehendimento.

Em Aljubarrota a evolução foi:
a) resolve dar batalha;
b) resolve não a dar;
c) arrisca o lance sob o impulso da vontade energica do Condestavel.

Estando, em meiados de julho, o rei em Abrantes concentrando forças para se oppor á marcha sobre Lisboa emprehendida pelo monarcha castelhano, os do seu Conselho foram de opinião que, enquanto este entrava em Portugal pela Beira, elle descesse ao Alemtejo e entrasse pela Andaluzia, obrigando assim o rei castelhano a retirar-se de Portugal para ir defender a sua propria terra e desviando assim, de uma maneira indirecta, de Lisboa o perigo que a ameaçava; o alvitre foi acceite.

Acceitando-o, D. João voltava atraz com a resolução tomada de dar batalha ao rei de Castella.

Chegou, porém, o facto ao conhecimento do Condestavel que se indignou: fazer similhante cousa era, além de mostrar covardía, provocar o perigo de deixar perder Lisboa, se o rei de Castella proseguisse, apesar de tudo, na marcha sobre esta cidade e *perdida Lisboa, perdido era todo o reino;* procurando ferir a nota da dignidade, lembrou ainda que o rei promettera por escripto a Lisboa impedir a todo o transe a marcha de forças castelhanas e não devia faltar agora á sua promessa.

D. João I ficou indeciso; os do Conselho não mudaram de parecer. Exaltado como era, o Condestavel retirou-se bruscamente para o seu acampamento e no dia seguinte pôs-se em marcha com os seus a caminho de Thomar, ao encontro do exercito inimigo.

O rei, em quem tinham calado as razões do Condestavel, mandou-o chamar por duas vezes para terem nova conferencia; elle, porém, negou-se abertamente a tal e mandou-lhe participar que levava tenção de ir dar batalha ao inimigo e que, se elle quizesse fazer-lhe companhia, se dirigisse a Thomar, onde o esperava.

Vencido, D. João I logo no dia immediato emprehendeu a marcha no encalço de Nun'-Alvares.

Na empresa de Ceuta os estadios da questão fôram:
a) desconhecimento do alcance da empresa, real ou simulado;
b) apposição de difficuldades;
c) acceitação do alvitre;
d) interposição de prolongadas e complicadas difficuldades;
e) organização e effectivação da empresa.

Primeiro, quando o seu conselheiro João Affonso de Azambuja lhe apresentou o plano da empresa e quando — por conselho deste — seus proprios filhos lh'o apresentaram, *El Rey cujo coração não se movia assi ligeiramente começou de se rir contra elles mostrando que tinha em jogo suas palavras (Azurara).*

Mas os Infantes não desanimaram; voltaram á carga uma e mais vezes; fôram combatendo vigorosamente os argumentos que o pae, então já a serio, lhes oppunha. Por fim o rei cedeu depois de consultar os letrados e os confessores que o aconselharam a accometter a empresa.

Não cessaram, comtudo, as difficuldades,

e só depois de obtido o voto favoravel da Rainha e do Condestavel se começaram systhematicamente os preparatorios para a tomada de Ceuta.

A hypocrisia adornou tambem o caracter do Mestre. Revela-se em muitos dos seus actos e nomeadamente nas suas relações com Leonor Telles.

Antes, porém, de proseguir, porque este termo *hypocrisia* sôa mal e porque desejo prevenir a justificação, tantas vezes allegada, de que é preciso ver as cousas com o espirito da epoca e não com o moderno, e apezar de que se deve notar que a epoca tratada avista já o pleno desabrochar do Renascimento, direi que não se procura aqui senão mostrar que o Mestre teve tambem um traço especial caracteristico a que hoje se dá o nome de *hypocrisia*.

Pedindo perdão a Leonor Telles por ter dado morte nos seus paços ao Conde de Ourem, o Mestre não podia ser sincero. Se realmente o arrependimento, não da morte do Andeiro, que elle proprio declarava não ter, mas da fórma como fôra feito, o tocava, não se comprehende que ficasse indifferente á phrase sincerissima, talvez a unica completamente sincera, que Leonor Telles soltou quando elle e os que o acompanhavam saíam: «*Que crueldade tamanha! Nem tendes agora dó desse homem que ahi jaz, morto tão deshonradamente!*»

Pouco depois, sabendo que a rainha já nenhum poder tinha no povo de Lisboa, quando os judeus ricos, vendo-se prestes a ser roubados, lhe fôram pedir protecção, considerando-o — como todos — o unico chefe da cidade, o Mestre aconselhou-os a recorrerem á rainha, sendo necessario que Affonso Tello e Alvaro Peres lhe pedissem que lhes acudisse para elle o fazer.

Mais tarde — já depois de Leonor Telles ter sido encerrada no mosteiro de Tordesillas, quando o Mestre havia muito já que era regente — tendo-lhe os moradores de Alemquer participado que desejavam seguir o seu partido com a condição de elle entregar a villa a Leonor Telles logo que esta readquirisse a liberdade e o poder, o Mestre respondeu que *desi como elle tiinha a Rainha em logo de madre pera a honrar... praz̨ia-lhe de lhe otorgar o que pediam*. O Mestre honrando Leonor Telles...

Por occasião da acclamação o Mestre que desejava ardentemente ser eleito rei e que, vendo a opposição pertinaz de Martim Vasques da Cunha, chegara a pedir contra esta um novo esforço a João das Regras, de-

RETRATO DE NUN'ALVARES.
DA «CHRONICA DO CONDESTABRE», ED. DE 1526

pois que se resolveu acclama-lo rei é que se lembrou de oppôr difficuldades, recordando os seus votos religiosos na Ordem de Avís, que o impediam de casar, e outras substanciosas razões de equivalente peso.

II

O chefe militar

Como soldado, pessoalmente, o Mestre era um optimo elemento: em combate, quando era preciso jogar a vida, afastado o politico,

reaparecia o monge-cavalleiro, o chefe de uma das mais poderosas ordens monastico-militares, e, confiada a parte technica e scientifica da batalha ao genio de Nun'alvares, a personalidade combativa do Mestre de Avís desenrolava-se em toda a sua inexcedivel pujança. O clamor surdo do combate; os gritos de guerra; o estertor dos que agonizam num mar de sangue; aqui um elmo aberto á machadada; além um arnez que lançadas formidaveis impiedosamente despedaçaram; acolá um moribundo sobre o qual, debruçando-se, um sacerdote faz á pressa um derradeiro signal da Cruz; tudo o que de sanguinolento e brutalmente épico tinha um combate á arma branca, parecia encher de febre e de louco enthusiasmo o Mestre de Aviz que entre tantos rasgos de rara altivez e de sublime loucura se guindam a uma altura difficilmente attingivel.

O que lhe sobrava, porém, em valor pessoal, faltava-lhe como dirigente. O Mestre, sendo um valente, nunca foi um audacioso, e não o foi por ser extremamente prudente — é obvio que audacia característica e prudencia até o excesso são cousas que se excluem.

Por isso, correndo a lista dos feitos do Mestre, nós vê-mo-lo constantemente cercando ou assaltando villas e castellos, tomando umas e outras por assaltos violentos, por preitezia, por assedio, ou utilizando traições; nunca, porém, o encontramos entrando á frente de um corpo de tropas maior ou menor pelo territorio inimigo e talando-o, como constantemente fazia Nun'alvares.

Mas não necessitamos de comprovações indirectas desde que Fernão Lopes nos deixou archivado o modo de pensar do Mestre sobre o assumpto, referindo uma polemica havida entre elle e o Condestavel. Aquelle, á mingua de razões mais fortes, escudava-se com a honra que de tal processo de combate advinha aos que o usavam, este combatia com numerosos e bem mais solidos argumentos:

a) necessidade de maior material e consequente aggravamento financeiro;

b) desenvolvimento de doenças perigosas no local do cerco;

c) tornarem-se muitas vezes as terras, depois de tomadas á custa de esforços de toda a ordem, aos seus primitivos senhores;

d) terem as batalhas alcance mais largo e influencia mais duradoura;

e) serem os cercos, ás vezes, de resultados contraproducentes, como fôra o de Chaves, do qual o rei castelhano dizia que lhe servira ás mil maravilhas porque emquanto o rei português lá estivera detido não lhe fizera o mal que lhe poderia ter feito se lhe entrasse pelo reino.

A estes argumentos de peso não encontrou resposta o monarcha, mas não cedeu. Não podia evidentemente luctar comsigo mesmo.

O arrojo das batalhas campaes nunca o seduziu, proferiu-lhes sem hesitação o processo mais terra a terra, sempre identico e sempre mais seguro, da tomada successiva de castellos e povoações, e, se algumas raras vezes em uma larga vida de guerra nellas se encontrou, foi arrastado por Nun'al-Alvares; assim succedeu em Aljubarrota.

III

O chefe de estado

O caracter do Mestre, que de uma maneira geral, mas quanto possivel exacta, atraz fica esboçado, revela-se como alguma cousa que estava bem longe de ser larga, franca, nobre e desinteressada; mas foi justamente esse caracter assim que o fez ser um bom governante, permittindo-lhe evitar questões, sempre más, e, naquellas circunstancias, altamente perigosas. A sua prudencia levou-o até a escolher para mulher D. Filippa só porque, sendo filha do primeiro matrimonio do duque de Lencastre, nada tinha que ver com a questão de Castella.

Foi bem pequena a iniciativa propria do Mestre nos actos grandes da sua vida politica; jámais se lhe deveu um destes rasgos que immortalizam um homem ou ao menos uma destas medidas que destacam um nome. Este facto é perfeitamente explicavel por duas ordens de motivos qualquer dellas capaz, por si só, de o provocar: a constituição propria do Mestre e as circunstancias occorrentes.

O caracter do Mestre, que nunca se revelou um audacioso, mas antes e sempre um

harmonizador, já por si lhe não consentiria largos vôos de imaginação, largos planos, em materia politica.

Mas mesmo que assim não fosse, não lhe permittiria grandes liberdades o seu *meio*. E' preciso não esquecer que o rodeava um grupo de homens que não seriam facilmente excedidos ou dominados, e que a crise nacional tinha um fito, um rumo certo.

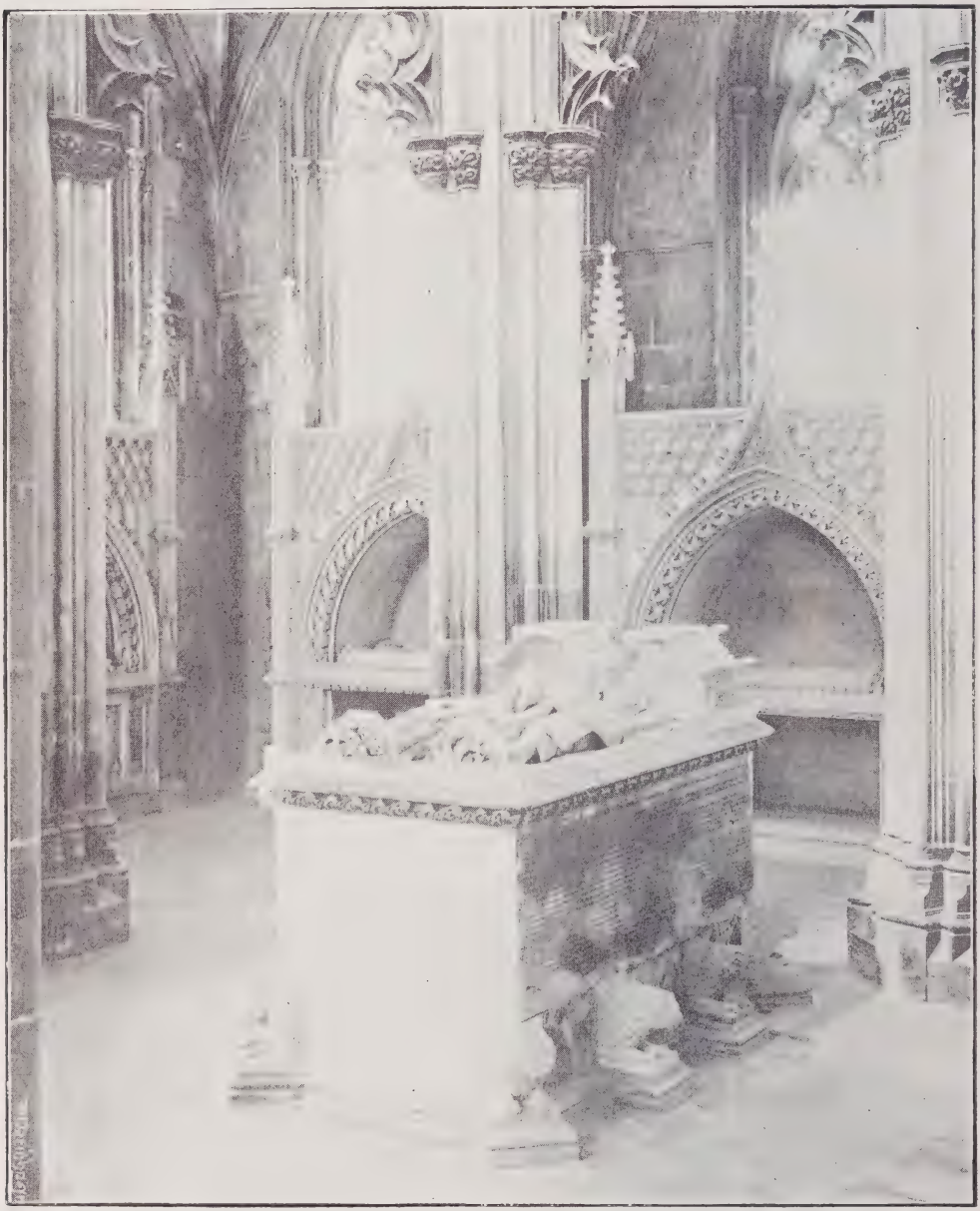
Producto do seu meio, D. João I nunca poderia ter sido o que foi sem essa pleiade brilhante cuja diversidade de elementos — a audacia de Nun'alvares levando aos quatro cantos do país o credo patriotico symbolizado no Mestre de Avís, a argucia de João das Regras escavando na sombra os alicerces da monarchia absoluta, e o senso burguêsmente pratico de Alvaro Paes, — completando-se uns aos outros, contribuiu para a tornar ainda mais preciosa.

Sem aquelle brilhante grupo de homens a que mais tarde se substituiu outro não menos illustre — o dos Infantes — e sem a intensissima actividade nacional e os sacrificios do povo, nunca D. João I poderia ter sido sequer um pallido reflexo desse monarcha feliz, que os proprios adversarios ajudavam (o rei de Castella, quebrando as condições dos tratados permittiu e justificou a illegalidade da eleição do Mestre para rei; Nun'alvares, doando terras aos seus companheiros d'armas, abriu o caminho da reversão para a coroa de muitos bens por esta alienados), desse monarcha feliz que conseguiu ver amplamente realizado tudo quanto a sua restricta ambição lhe fez desejar, e a quem entregaram uma nação na apparencia agonizante e poude cobrir-se com a gloria de a deixar florescentissima, prestes a tomar entre as demais o logar primacial que occupou bem antes de volvido um seculo.

NUN'ALVARES QUANDO ESTAVA EM RELIGIÃO NO CARMO.
(DA «CHRONICA DO CONDESTABRE», ED. DE 1526)

O inicio da organização systematica do poder real sem restricções ha-de ir buscar-se ao seu reinado, e nelle não á iniciativa

do monarca mas aos trabalhos dos jurisconsultos das escolas de Italia, que as côrtes rei e a permittir o estabelecimento da monarchia absoluta, centralizada.



TUMULO DE D. JOÃO I E D. FILIPPA

de 1385 lhe collocaram no Conselho, e que sobre a indole do direito romano jizaram um plano de providencias conducentes a abater os poderes que limitavam a acção do

Os chefes de Estado não teem um valor absoluto. Valem evidentemente o que a contingencia do momento permitte. O seu valor maior ou menor depende da fórma melhor

ou peor por que souberam consubstanciar em si as aspirações da nação que dirigem, unificando-as, coordenando-as e transformando-as de desordenadas, vagas e inconscientes, como em geral são, em um corpo de aspirações ordenado e coherente.

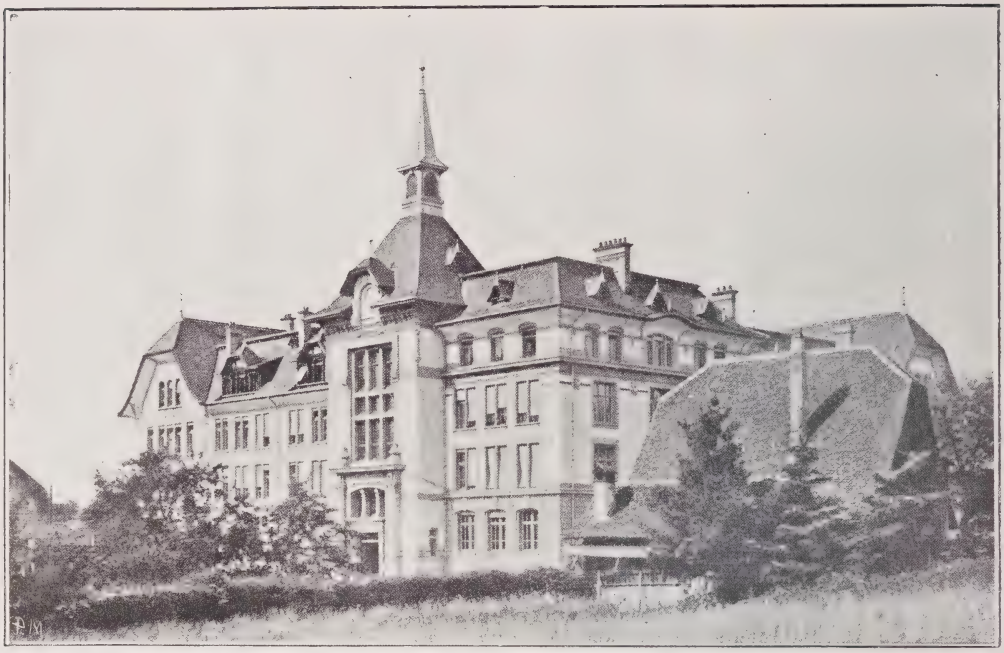
Foi esse o papel reservado ao Mestre na scena politica e desempenhou-o cabalmente.

Quando os ideadores da Revolução buscaram alguem que sentassem no throno, em substituição dos que punham de lá para fóra, e pensáram no Mestre de Avís, tiveram um achado precioso; ninguem melhor do que elle estava, pelo seu caracter, armado para a tarefa que lhe incumbiam.

Tornando-se fito das aspirações nacionalistas que irrompiam de todo o país e seu guia, descendo ao contacto da populaça, desfazendo attritos, harmonizando e conjugando energias não concordes, o Mestre não pouco trabalhou para tornar possivel o definitivo triumpho da causa portuguêsa, triumpho que ainda em vida logrou ver alcançado compléto no dia em que João II de Castella, assignando em Medina del Campo o tratado de paz perpetua com Portugal, reconhecia, em nome da sua nação, a dynastia de Avís.

DAMIÃO PERES.

RETRATO DE D. JOÃO I, PELO GRAVADOR HARREWIN (1730)



UMA ESCOLA PRIMARIA SUISSA (BRUNNMATTSCHULE, BERNA)

Onde educar as nossas filhas?

PARECERÁ decerto razoavel que um professor, escrevendo para esta revista, cujo titulo suggere ou presuppõe a vida de familia, escolha para tarefa de um serão lançar sobre o papel algumas impressões, quando não algumas ideias, acerca da educação feminina.

Creio bem que assim é; e creio mais que o momento é essencialmente asado para que os paes e as mães cuidadosos da sua missão de formar homens e mulheres, reflictam um pouco sobre as perspectivas abertas diante de si pelos acontecimentos de natureza politica que abalaram o paiz e que não deixarão de resentir-se profundamente no dominio da educação e do ensino nacional.

Providencias de energia revolucionaria trouxeram o encerramento brusco de dezenas de collegios que as classes medias preferiam para a educação das suas filhas e que não estão ainda substituidos, nem parece que o sejam tão cedo; leis civis innovadoras, bulindo com a propria organização da familia, deram n'esta á mulher uma situação que já se não compadece com a velha educação feminina de prendas e bugigangas, pois que a facilidade do divorcio e a influencia d'elle no regime financeiro do casamento obrigarão a preparar as raparigas para responsabilidades, prevenções e defezas, que a lei até aqui tomava a seu cuidado e d'ora avante ficarão principalmente confiadas ao juizo das proprias interessadas.

Pelo que respeita aos rapazes, tenhamos

presente que um diploma da dictadura revolucionaria, dos mais educativos, nos approximou juridicamente da liberdade plena de testar, elevando a metade a antiga terça disponivel, e trazendo assim comsigo o germe de reformas de ensino inevitaveis, e concordes com a necessidade que dentro em pouco se imporá aos filhos, de contarem na vida mais com o proprio esforço do que com a herança dos paes. Outras leis, tornando em certo sentido verdadeiramente superior o que d'antes não passava de ensino secundario para homens feitos, instituiram nas Universidades a liberdade de frequencia, o que torna indispensavel que os rapazes saiam dos lyceus para as Faculdades verdadeiramente *sui juris*, isto é, capazes de comprehender a liberdade de que vão dispor, e de fazer d'ella um uso mais fecundo que o de esbanjar o tempo e a saude, a paciencia dos paes e o seu dinheiro.

Tambem não constituirá decerto surpreza para os burgueses intelligentes e reflectidos a opinião, que julgo defensavel, de que as correntes de electricidade social d'onde resultou a reviravolta de outubro ultimo constituiram um movimento de deslocação de forças collectivas, religioso na forma e no fundo economico, analogo ao que ha dezenas de annos se vem desenhando e accentuando por todo o mundo civilizado, e tendente a dar ás classes chamadas trabalhadoras ou proletarias, soberanas pelo numero, a effectividade cada vez maior da soberania politica. Christianismo ha dois mil annos, socialismo na França e na Allemanha, republicanismo na Peninsula — são formas e nomes diversos da mesma eterna lucta do homem contra o homem, na mesma ancia tragica de ascender da fome e da desgraça ao Paraizo das illusões religiosas ou politicas (1). E a lucta será mais feroz e mais longa nos países em que uma instrucção collectiva imperfeita ou viciada contribua para acirrar a desorganização, impedindo o desenvolvimento de riqueza, diminuindo a capacidade administrativa ou dirigente, e prolongando assim o quadro tristemente grotesco da casa onde nem sequer ha pão e onde todos reclamam perdizes trufadas...

(1) Leia-se Gustave Le Bon, *La psychologie politique et la défense sociale*, Flammarion, Paris, 1910.

* * *

Já sabemos que um terramoto legislativo, com o seu epicentro no ministerio do Interior, revolucionou por completo a instrucção primaria e a superior. Pelo que respeita á primeira, embalemo-nos todos na esperança de que dentro em pouco o país inteiro saberá ler e escrever, e dos antigos 70 % de analphabetos restará apenas um casal para estudo, que o regulamento em projecto mandará decerto installar n'uma gaiola do Jardim Zoologico, ao lado daquella onde hoje vemos os animaes limitrophes, Faustino e Catharina. Quanto ao ensino superior, foi todo reorganizado na fé official de vir a produzir-se d'ora ávante em Portugal a verdadeira sciencia. Para isso os lentes cathedraticos passaram a chamar-se *professores ordinarios*, á moda da Allemanha — o que não é talvez formidavel como revolução; mas consignou-se, por felicidade, em todas essas leis, embora ainda timidamente e com variantes inexplicaveis de Faculdade para Faculdade, o principio que em 1903 defendiamos por estas palavras:

«Deverá pôr-se termo á pratica injustificavel de prover as cathedras do ensino superior em estudantes da vespera, deixando assim conquistar de assalto e no verdor dos annos, uma posição que só merecem o longo estudo e um nome scientifico feito á custa d'elle (1).»

Pena é que, para inspirar aos jovens sabios o amor exclusivo da sciencia, a lei nova lhes dê apenas, com o titulo de assistentes, tresentos mil réis por anno, isto é, metade do que recebe um amanuense do ministerio das Finanças; e ainda com a differença de que o assistente pode ser posto na rua ao cabo de dois annos, ao passo que o amanuense tem segura a sua promoção a segundo official, com vencimentos superiores ao ordenado de categoria de um professor ordinario de qualquer universidade portuguesa! Desde que esta iniquidade seja reparada e que na execução da lei não vamos importar os tristissimos costumes franceses, revelados agora brutalmente por uma

(1) *Educação e Ensino*, do Autor, Porto, Magalhães e Moniz, vol. I, cap. I, pag. 47.

testemunha ocular (1), é de esperar que vejamos o nosso amor á sciencia elevar a sua temperatura um pouco acima do zero em que ha centenas de annos congelou.

blicos portugueses, forçados a procurarem no Estrangeiro o ensino de mestras... religiosas.

E' pois indispensavel que a educação

ESCOLA FEMININA DE HIRSCHENGRABEN, ZURICH

A educação secundaria official, masculina ou feminina, não foi ainda reformada, se bem que a segunda tenha verdadeiramente de ser criada, pois o que existe é pouco e pessimo — e apesar da urgencia que o encerramento das casas religiosas de instrucção impunha, moral e politicamente, ao governo que as encerrou. Urgencia que nada melhor define do que este facto entre comico e triste: officiaes do exercito, aquartelados em Valença, mandavam diariamente as filhas a Tuy, acompanhadas por impedidos, com o fim de receberem lição nos conventos de freiras da cidade gallega. Não pode haver maior vexame para o Estado laico, nem mais risonha desforra para os seus irreductiveis adversarios, do que este espectaculo inesperado de funccionarios pu-

secundaria feminina seja organizada devidamente, mas apenas para servir de guia e incentivo ás criações da iniciativa particular, e *nunca com o intuito de dar n'este ponto ao Estado o mais largo papel.*

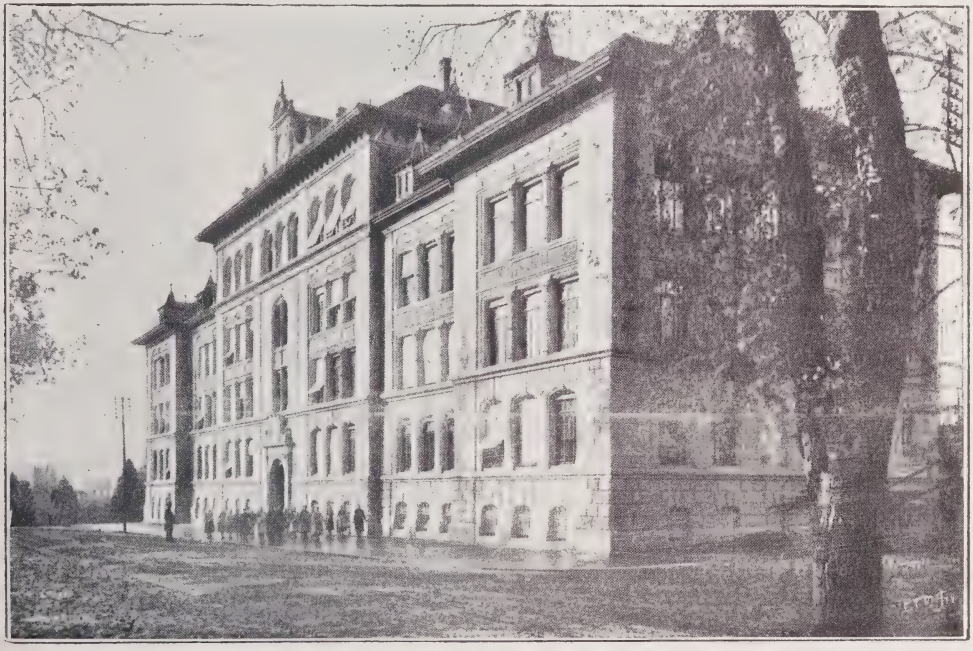
A elevação recente de alguns lyceus nacionaes masculinos da provincia a lyceus centraes, com a clausula *sine qua non* do estabelecimento de internatos annexos, é particularmente assustadora para quem conhece a triste eloquencia do exemplo alheio. De todos os países civilizados da Europa, a França é o unico que se deixou adoecer quasi incuravelmente da molestia terrivel do internato escolar official generalizado. D'esse erro gravissimo soffre ella as duras consequencias, que são geralmente conhecidas, para que seja necessario insistir na vantagem nacional de as evitarmos aqui. A praga entra com pés de lã, e um bello dia, tornada endemica, já não ha forças

(1) H. Bouasse. *Bachot et Bachotage,* Paris, P. Lethielleux, pag. 64 e seguintes.

humanas capazes de a expellir. E se, como regime educativo de rapazes, o internato official está absolutamente contra-indicado, inutil accrescentar que não ha palavras de sufficiente energia para o condemnar, tratando-se do outro sexo. E' tão evidente a inadmissibilidade do systema, que nenhuma cabeça de dirigente, por maisôca, se lembrará de o adoptar; mas o bom instincto das familias conjuraria o perigo, se elle, por disparate, viesse a dar-se.

Voltemos, pois, as costas a esse phantasma e encaremos a hypothese do lyceu feminino official no regime de externato ou de semi-internato, unica susceptivel, nas condições actuaes, de transformar-se proximamente em realidade.

Em 1905 dizia eu, em conversa com D. Anna de Castro Osorio, que por essa epocha dera á estampa um livro sobre educação feminina: «Não confie ao Estado a missão de educar a mulher portuguesa. O Estado, educador mediocre em toda a parte, é em Portugal absolutamente incapaz de educar, porque é, elle proprio, a negação de toda sinceridade e de toda a moral. Nas suas escolas, de alto a baixo, elle não tem feito senão desmoralizar e inutilizar os nossos filhos. Deixemo-lo entregue, já que assim é preciso, a essa meritoria tarefa, mas não o encarreguemos tambem de polluir-nos as filhas (1).» Seis annos volvidos, tendo eu sido. e deixado de ser director geral da instrucção publica, e havendo-se dado na governação do paiz uma mudança radical, o meu sentimento de descrença relativamente á efficacia da acção do Estado centralista na educação secundaria feminina é ainda o mesmo que ditou aquellas crueis e desconsoladas palavras. Os lyceus femininos que o governo crie, organize e administre á semelhança dos masculinos, poderão povoar-se de raparigas de familias pobres, das classes operarias ou da mais pequenina burguesia, sobretudo se a matricula fôr gratuita ou muito módica, e se lhes acenarem, como é costume indigena, com a vantagem final de qualquer colloca-



ESCOLA SECUNDARIA FEMININA MONBIJOU, EM BERNA

(1) *Diario Illustrado*, de 23 de outubro de 1905.

ção, mais ou menos parasitaria ou burocratica. A clientela burguesa mais elevada, a das *melhores familias,* como é de uso dizer-se, isto é, aquella que ao Estado democratico mais convem n'este momento atrahir para uma educação moderna e laica que elle oriente e vigie de alto — é inutil contar com ella, porque fatalmente preferirá tudo, á contingencia de entregar as filhas a educadores que não escolheu e em que, por bom instincto, não confia. Ora ás classes pobres o que convem não são lyceus, mas escolas de typo mais modesto e de feitio accentuadamente profissional, onde as raparigas possam habilitar-se a exercer, sobretudo no commercio de escriptorio ou retalho e em algumas industrias, empregos que hoje são entre nós, ao contrario do que acontece em quasi todo o mundo civilizado e com grave damno da nossa economia geral, occupados ainda por homens.

Quanto á educação secundaria feminina, destinada a dar á menina burguesa uma preparação geral paralella á que recebem, ou devem receber, os rapazes da mesma classe, equilibrando, como necessario é, a cultura dois dois sexos e habilitando a mulher a conhecer-se, a valorizar-se e a defender-se — quanto a essa, ha duas maneiras de resolver o problema: ha a maneira *politica,* isto é, espectaculosa, consoante com o meio em que vivemos, viciosa desde a origem, e portanto errada e contraproducente; e ha a maneira *sincera,* que é a unica efficaz, mas que é ao mesmo tempo impopular, impolitica, e por isso mesmo se não adoptará.

*
* *

Vejamos primeiro a maneira politica.

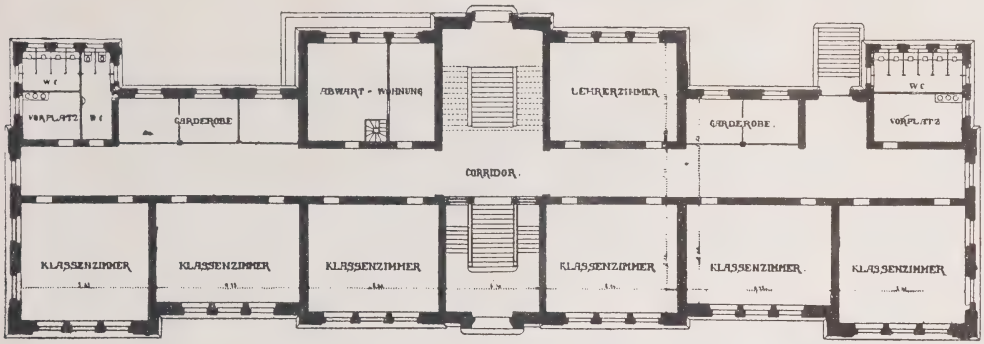
O Ministro da Instrucção, X, chega ao seu gabinete uma bella manhã, e, depois de ter mandado sentar o Collaborador convocado, diz:

— Fulaninho: vamos a essa coisa dos lyceus femininos. Preciso do projecto, sem falta, depois de amanhã. Não esqueça a Historia das Religiões, por causa do Comité do Livre Pensamento. E leve estas cartas dos governadores civis de Oliveira, de Freixeneda e de Rio Torto, que pedem lyceus femininos nas sédes dos tres districtos, como compensação de se lhes não terem dado divisões militares, universidades e portos artificiaes. Não ha remedio. Adeus, e faça-me isso bonitinho!

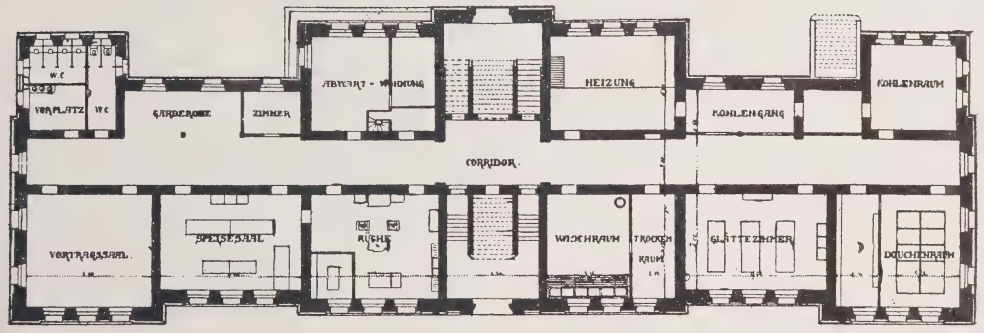
O Collaborador, o homem de genio, o algibebe incomparavel de leis bonitinhas, conhecido entre os intimos por não ter absolutamente nada dentro da cabeça, vae para casa, e tira logo da cabeça um longo relatorio e uma enfiada de artigos e paragraphos. Criam-se lyceus femininos em todos os districtos do país, não esquecendo Oliveira, Freixeneda e Rio Torto. Manda-se estudar tudo quanto prega a ultima pedagogia de cartaz: lá vem a Historia das Religiões, a moral pratica, a economia domestica, a jardinagem, a gymnastica, esgrima, modelação, pintura, gravura, musica, canto coral, a hygiene, a culinaria, a escripturação, a physiologia, o direito usual, a instrucção civica... O ensino ha de ser muito pratico, todo pratico, incrivelmente pratico, com excursões, campos de experiencia, laboratorios, aulas-escriptorios, officinas, jardins, torreões para astronomia, docas e caes para ensinar as meninas a embarcar e desembarcar sem enjôo; linhas de electricos para as habituar a subir e descer com o carro a andar, tudo consoante as regiões, havendo annexos um oceano privativo do lyceu na zona maritima e cordilheiras com amostras de todas as altitudes imaginaveis nos parques lyceaes da região montanhosa. Um paragrapho explicará — ó candido paragrapho! — que todas estas maravilhas se irão pondo em execução á medida que os recursos do thesouro o forem permittindo, e outro ha de estatuir que, provisoriamente, os lyceus se installarão onde fôr possivel, aproveitando-se os edificios do Estado disponiveis, como os conventos encerrados, os paços episcopaes vazios, os quarteis condemnados pela nova estrategia, as penitenciarias abandonadas em obsequio ás mais lyricas, pastoris ou bucolicas escolas criminalistas.

Para ensinar nos novos lyceus, determinar-se-ha que haja um pessoal macho e femea, escolhido de entre os diplomados para os magisterios primario e secundario, e nomeado, promovido e pago pelo governo, nas mesmas condições vigentes para os mestres e mestras das escolas primarias supe-

riores e dos lyceus. E como a verdade se impõe e infiltra atravez de todas as muralhas com que procuram tapá-la as conveniencias inconfessadas mas soberanas da Politica, haverá na lei ou no projecto uma disposição sincera, perdida no areal das hypocrisias e das mentiras: será permittido ao governo contratar no estrangeiro professores ou professoras de tal ou tal disciplina, claramente impossivel de ser bem regida com a prata da casa. Mas tal disposição diverso do outro no aspecto e nas maneiras, mas levará o país, por analogas vias, aos mesmos tristes effeitos de desgoverno. O velho caciquismo tinha as grossas raizes na inercia do povo campesino e na sua ignorancia total; o outro vae bustar seiva ao fanatismo politico, á effervescencia revolucionaria e ao semi-analphabetismo das populações dos grandes centros. O antigo encarnava facilmente em senhores feudaes de districto ou concelho, habeis na arte rudi-



2.º PAVIMENTO



1.º PAVIMENTO

PLANTAS DE UMA ESCOLA FEMININA SUISSA (JULGENECKSTRASSE, BERNA)

nunca ou difficilmente se cumprirá; e assim o pequenino oasis de sinceridade ficará tão esteril como o deserto enorme que o rodeia.

A Monarchia, pseudo-representativa e pseudo-democratica, tinha o seu caciquismo rural, que criava e sustentava os politicos, tornando-os ao mesmo tempo prisioneiros das suas estreitas conveniencias e vaidades. A Republica, terá que contar tambem, por sua vez, com o caciquismo urbano, que é mentar de conduzir á urna o gado eleitoral, apascentando-o com a palha chilra dos pequeninos favores e jornas materiaes; o moderno alimentará os rebanhos civicos com o pasto mais nobre das *ideias,* ingerido em discursos, artigos de jornal, conferencias, cortejos, festas e protestos, manifestações e saudações. Mas diffuso e amorpho, é no entanto pessoal como o outro, apesar de o não parecer. Bachareis sem emprego, professo-

res sem alumnos, medicos sem doentes, envenenadores de grande e pequena circulação, jornalistas a dias, proletarios e especuladores intellectuaes de todas as origens e feitios, com todas as fomes e todas as audacias, constituem, com muitos ingenuos bem intencionados, o estado maior do caciquismo urbano; e são os peiores d'elles quem governará os governos, governando as turbas gritadoras e movediças, tão soberana e tão facilmente, como os caciques ruraes dispunham das multidões estagnadas e mudas. Uns e outros, sem differença sensivel, consideram os serviços publicos, por mais melindrosos, asylo facil e commodo para elles proprios ou para os seus protegidos, e não um instrumento da organização e do progresso nacional. E contra o pequenino artigo sincero e timido, onde a importação de um outro mestre estrangeiro ficou autorizada, erguer-se-ha a celeuma de associações e cenaculos varios, em nome do patriotismo, da dignidade nacional, do amor á Republica *que é preciso fazer bem portuguesa e bem nossa,* isto é, em nome da falta de comida e de consciencia, que improvisa e impõe as competencias onde quer que haja ordenados, pequenos ou grandes, a comer e a digerir...

... Não se espere attrahir para escolas organizadas e dirigidas de tal geito, a frequencia das raparigas cujos paes estejam em situação de garantir-lhes uma melhor hygiene physica e moral.

* * *

Vejamos agora uma maneira sincera de atacar o problema da educação secundaria feminina. Póde ser boa, póde ser má, mas é uma. Outras pessoas sinceras apresentarão outros alvitres, decerto melhores. O essencial é que cada um diga de sua justiça e o diga com boa fé.

A acção inicial e immediata do novo regime, destinada por um lado a preparar desde logo em bases serias a solução definitiva do problema, e, por outro, a preencher de modo transitorio, mas rapido, a lacuna resultante do encerramento dos collegios religiosos, — poderia ter sido a seguinte:

Dia 8 de outubro — Decreto dictatorial autorizando o Governo a contrahir um emprestimo especial de 600 contos de réis e a mandar construir em cada uma das tres cidades de Lisboa, Porto e Coimbra um edificio destinado a lyceu feminino, no meio de um terreno amplo e tendo annexo um outro edificio destinado a internato;

— Convocação e reunião de architectos, professores, governadores civis e presidentes dos municipios interessados, para estudarem o meio de dar a mais rapida e mais economica execução á autorização anterior;

— No dia 10 ou 12, passada a primeira lufa-lufa da expulsão de jesuitas e freiras-professoras, entendimento com o ministerio da Justiça, para se averiguar quaes os collegios religiosos de meninas que a execução brusca das velhas leis liberaes fez encerrar;

— Averiguado isto e apurado em que localidades ,teriam ficado orphãs de escola as tres ou quatro mais numerosas frequencias, estudar, assentar e decretar que o governo seria autorizado a pôr em funccionamento provisorio por dois annos, nas mesmas casas, com pessoal nacional ou estrangeiro, os collegios encerrados;

— Convocação e escolha de pessoas, masculinas ou femininas, nacionaes ou estrangeiras, existentes no paiz e capazes, intellectual e moralmente, de assumir a direcção, tendo ampla liberdade quanto á escolha de professores e de programmas, devendo preferir na matricula as filhas de familias residentes nas Colonias ou no Brasil, e manter a escola neutral em materia religiosa, sem impedir das praticas de qualquer confissão, salvo prejuizo do ensino, as alumnas que a ellas quisessem entregar-se. Subsidio do Estado a cada um dos collegios, nunca superior á quarta parte da despesa respectiva.

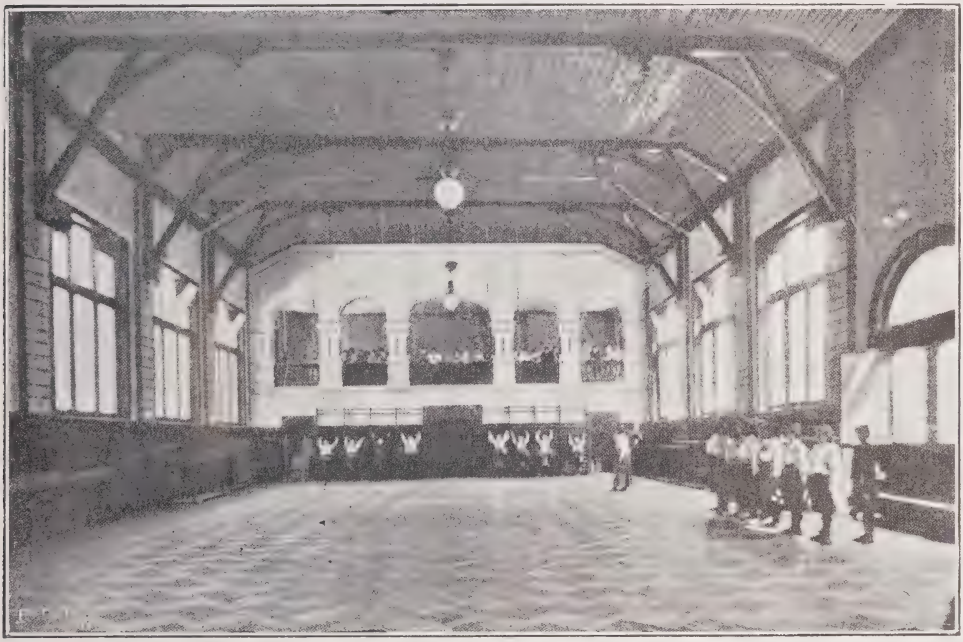
— Encontrava o ministro estes directores necessarios com os requisitos indiscutivelmente sufficientes para assumirem o encargo? Ou tinha apenas, no Porto, a veneranda viuva de Rodrigues de Freitas, e via se em difficuldades para acudir do mesmo modo a outros pontos? Conferencia immediata com o Ministro de Inglaterra, e pedido instante para auxiliar o Governo Português a contratar sem demora duas ou tres professoras inglêsas, protestantes, que viessem, por dois annos, encarregar-se de dirigir outros tantos collegios.

D'esta maneira se acudiria á urgencia de preencher os maiores vazios deixados pela expulsão das freiras e se ia preparando em socego a installação definitiva do ensino secundario feminino entre nós.

Dentro de dois annos poderiam e deveriam estar construidos os tres lyceus e internatos-typos de Lisboa, Porto e Coimbra. Escolas sem casas são verdadeiras burlas: ou ficam no papel, e é ainda o melhor serviço que pódem prestar aos seus ex-futuros alumnos; ou são açougues de pupillos, ofdelar e perfeito, melhor então, infinitamente, é que não faça nada.

Ha trinta annos, ou quasi, o dr. Manuel d'Arriaga, discutindo no Parlamento o projecto governamental de reforma da lei secundaria de 80, exclamava: «Se todos os lyceus do país, se encontram no estado do de Lisboa, não serei eu quem aconselhe jámais os chefes de familia a mandarem alli os seus filhos!»

E, depois de referir-se *áquelles immundos corredores* e a *scenas que não dão lustre a*



GIMNASIO DA ESCOLA SECUNDARIA DE MONBIJOU (BERNA)

ficinas de desmoralização d'elles e dos mestres, padrões da incuria e da hypocrisia dos governos. E para um genero de ensino como este, que, por toda a parte e aqui mais que em parte alguma, melhor ficaria entregue á iniciativa particular que á direcção e cuidado do poder central, importa que o Estaco tenha autoridade para inspeccionar e nortear as criações da actividade privada, e essa autoridade só póde vir-lhe de mostrar, pelas suas proprias obras, que tem categoria para vigiar e corrigir as alheias. Se está disposto a não fazer alguma cousa de mo-

um estabelecimento do Estado, proseguia: «E' por esse motivo, além de outros, que alguns paes fazem enormes sacrificios para educar os filhos em casa ou nos collegios particulares.»

Egual recepção está destinada aos lyceus femininos officiaes — e com muito mais fortes razões — se elles não forem, de principio, organizados com o mais judicioso cuidado, convencendo os paes de que não será preferivel dar ás filhas, a par de uma instrução menos acabada, uma educação moral feita sob as suas vistas directas.

* * *

A organização do ensino popular, recentemente decretada, estabeleceu o ensino primario superior, transformando em escolas d'esse typo, e de co-educação dos sexos, as escolas normaes e de habilitação para o professorado primario, existentes no paiz, e promettendo a criação de outras em todas as *povoações de população aglomerada* superior a 10:000 habitantes. Isto quer dizer que teremos no país, — desde que a lei entre em execução n'esta parte — vinte e tres estabelecimentos officiaes onde as raparigas poderão receber um ensino geral, de cuja extensão deverá fazer-se ideia pela simples enumeração das materias professadas: — português, francês, inglês; historia e geographia; moral, instrucção civica, direito usual, economia; arithmetica, geometria, algebra, agrimensura, contabilidade; sciencias physico-chimicas e historico-naturaes e suas applicações; hygiene, desenho, pratica em aulas-escriptorios, stenographia, officinas, campos experimentaes; exercicios militares, gymnastica, jogos physicos, natação, remagem, etc.; musica e canto coral.

ENTRADA DA ESCOLA FEMININA INGLESA DE SPANGE HOWE, SURREY

Basta ler esta extensa e minuciosa lista, para se perceber que o legislador se esqueceu, no momento em que a considerou completa, de que estava organizando escolas não só para rapazes, mas tambem para raparigas, e destinadas principalmente, como elle proprio diz, a estimular, desenvolver e educar, por uma aprendizagem conveniente, nos alumnos que as frequentem, *as aptidões naturaes que possuam e que desejem valorizar para a vida.* Umas das aptidões mais naturaes da mulher, e das mais valorizaveis para a vida da mulher pobre, é, como o leitor terá talvez notado, a da costura, que não vem mencionada, como disciplina, no aliás já bem abarrotado e encyclopedico elenco acima transcripto. Mas este, como outros muitos esquecimentos e erros da lei, explicaveis pela precipitação, velocidade e fecundidade com que se legislou, será facilmente emendado; e, se o não fôsse, teriamos em breve uma geração de donas de casa incapazes de pregar um botão, visto que a absorpção escolar lhes não haveria permittido sequer, quando meninas, aprender isso em casa, com as mães.

Pelo seu conteúdo e desenvolvimento, o ensino primario superior representa já, como se vê, uma somma de conhecimentos e um grau e intensidade de educação, muito sufficientes para a generalidade das meninas burguesas de um país onde ellas teem sido até aqui tão pouco ou tão mal instruidas. E assim é possivel que o leitor de boa-fé, convencido da vantagem de que a mulher se eduque, mas impregnado tambem da conveniencia de que o país se não arruine, pergunte a si proprio se não poderemos contentar-nos, emquanto

se não descobre outra vez a India, com o ensino primario superior floreado que acima lhe deixámos entrever, e addiar para muito mais tarde o *luxo* da educação secundaria feminina, organizada como deve ser.

Em primeiro logar, Portugal não se arruina facilmente, como o teem provado os esforços n'esse sentido baldadamente feitos pela Monarchia em oito seculos, e em oito meses pela Republica.

Em segundo logar, é preciso não esquecer: — que o ensino primario superior corre dos 12 aos 15 annos, ao passo que o ensino secundario terá de começar aos 9 ou 10 para acabar aos 16 ou 17, sob pena de não ser ensino secundario; que o regime de co-educação dos sexos a que aquelle ensino primario superior fica submettido contribuirá para afastar das respectivas escolas a clientela feminina que justamente se trata de servir e attrahir, isto é, a das meninas da mais graduada burguesia; que, por isso mesmo e por outros motivos de psychologia nacional, que não é opportuno desenvolver agora, o destino proximo e fatal d'essas escolas é, ou serem extinctas, ou reintegradas na sua anterior categoria de escolas normaes, ou pouco a pouco transformadas, de facto ou de direito, em outros tantos lyceus ou prelyceus, exclusiva ou predominantemente masculinos, se o não fôrem em institutos de caracter profissional accentuado; que, por ultimo, o ensino que n'ellas se vae ministrar terá de ser por varios annos ainda, e por mais phantasmagorias e maravilhas que no papel official se promettam e desenrolem, deficiente e mal feito, viciosa a educação ministrada, e muito suspeitas a disciplina, a hygiene e a moral internas dos respectivos pardieiros. O sr. dr. Manuel de Arriaga não permittirá que em qualquer d'elles se matricule nenhuma das suas netinhas.

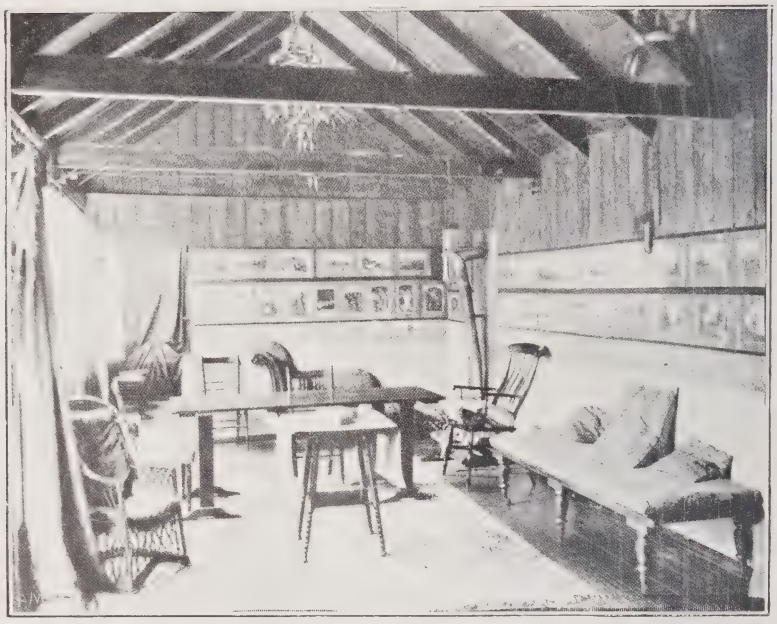
ESCOLA DE SPANGE HOWE, CAMPO DE LAWN-TENNIS

* * *

Portanto o governo da Republica vae, mesmo antes de descobrir outra vez a India ou de reconquistar o Brasil, decretar a organização do verdadeiro ensino secundario feminino. Mas como n'elle ha homens que sabem o que é educação secundaria de meninas, que discernem a grandeza da responsabilidade que o Estado assume encarregan-se d'ella, e amam a nova fórma de governo com sufficiente intelligencia para saberem evitar que as instituições actuaes caminhem em assumpto tão grave para um inevitavel e estrondosissimo fiasco — o Governo da Republica procederá decerto mais ou menos da seguinte maneira, ou então benzer-se-ha, acção ritual que no Estado laico equivale precisamente a quebrar os narizes:

Primeiro mandará construir dois ou tres edificios *comm'il faut*, e como acima ficou

dito. Emquanto os pedreiros trabalham, o Governo, de seu vagar, medita e estabelece o plano dos estudos e da educação, se o não fez já ao projectar os edificios; e quando a conclusão das obras se avizinhe, escolhe, em Portugal ou no Estrangeiro, por convite, contrato ou concurso, os directores ou directoras. E' preferivel que sejam mulheres, mas o que é acima de tudo indispensavel é que a sua respeitabilidade seja indiscutivel e o seu *savoir-faire* absolutamente comprovado. Se não, não, e não!



UMA AULA NA ESCOLA DE SPANGE HOWE

Providas as direcções, o Governo diz ás directoras por melhores palavras do que as que vão ler-se, mas com o tom conselheiral inevitavel, mesmo em Republica, o que é que quer.

Fala o Governo, salvo a redacção e um ou outro algarismo:

A instrucção secundaria feminina tem por fim ministrar ás meninas portuguesas uma educação geral conforme ao seu sexo e á sua missão na familia e na sociedade, secundando-lhes o desenvolvimento physico normal, formando-lhes o coração e o caracter, cultivando-lhes o espirito.

Esta educação ministra-se em dois cursos, geral e complementar, organizados pelo systema de classes.

O curso geral tem por base o ensino primario elementar completo e reparte-se por quatro annos ou classes, comprehendendo a lingua e litteratura portuguesa, a lingua franceza, a inglesa ou allemã, a historia, o direito usual e a instrucção civica, a mathematica, a geographia, as sciencias physico-chimicas e historico-naturaes, a hygiene, a psychologia infantil e pedagogia, os trabalhos domesticos, o desenho, os trabalhos manuaes, a musica e o canto choral, a gymnastica e os jogos physicos.

O curso complementar tem por base o curso geral, reparte-se por dois annos ou classes, e comprehende as mesmas disciplinas, com o devido desenvolvimento, accrescendo á instrucção civica noções de assistencia social á mulher e á criança, especializando-se a hygiene no sentido da hygiene infantil, juntando-se ao desenho as noções de esthetica e de historia da arte, ficando facultativa a educação physica e permittida a escolha entre as mathematicas e o latim.

O ensino de trabalhos domesticos comprehende theoria e pratica da culinaria, da economia e previdencia, e da limpeza e ornamentação domestica. O ensino e a educação secundaria feminina dirigem-se acima de tudo a desenvolver as qualidades moraes da mulher e da boa dona de casa, e devem por isso evitar cuidadosamente os perigos da educação luxuosa, a tendencia para as carreiras liberaes e todos os processos ou praticas que possam desviar as alumnas da modestia e da simplicidade.

São obrigatorios em todas as classes os trabalhos praticos e o ensino objectivo e experimental, as excursões e visitas pedagogicas, as festas escolares educativas, os concursos de floricultura e congeneres, as iniciativas beneficentes, e á medida que a edade das alumnas assim o indique, a participação d'estas nos serviços administrativos da escola, como ensinamento pratico da contabilidade, da economia domestica, da pedagogia e da hygiene da habitação e da infancia.

Para este effeito a escola dispõe de jardins, gymnasio e parque de jogos, officinas de costura, locaes de trabalhos domesticos (cosinha, copa, despensa, casa de jantar, lavandaria, quarto de engommar, quarto de banhos) collecções de historia natural, laboratorios, ambulancia, bibliotheca das alumnas, etc. — e deverá relacionar-se com as instituições de ensino e assistencia da visinhança — escola infantil, lactario, créche, dispensario, asylo, cosinha economica e congeneres, para que todas as alumnas do curso complementar, por turnos e com a necessaria effectividade, pratiquem n'esses estabelecimentos, recebendo a lição utilissima que elles podem fornecer.

COSINHA DA ESCOLA FEMININA DE WOLFBACH, ZURICH

O regime normal de frequencia é o semi-internato, isto é, a população discente conserva-se no edificio do lyceu de principio a fim dos trabalhos escolares internos do dia, confiada á guarda do professorado, ou, pelo que respeita ás alumnas das primeiras classes, á das discipulas das classes mais avançadas, e nunca á de quaesquer subalternos.

O trabalho lectivo caseiro deve ser reduzido ao minimo, e o horario dos exercicios escolares organizado por fórma que o numero semanal de lições, propriamente ditas, diminua no curso complementar, para que as alumnas possam dedicar-se aos exercicios praticos externos e aos deveres de familia.

O ensino secundario feminino official é, no ponto de vista religioso, absolutamente neutral, isto é, não adopta por si, nem procura abalar no espirito das alumnas, qualquer crença ou confissão religiosa.

Não ha desdobramento de turmas. A lotação do lyceu é de 400 alumnas, a do internato de 100. Acima d'estes numeros serão recusadas as admissões, estabelecendo-se, quando necessario, um concurso para a entrada no primeiro anno.

A directora admitte ou rejeita as candidatas á matricula e afasta as alumnas que perturbem a boa ordem do estabelecimento. N'este caso deve proceder discretamente, se não houver facto de caracter criminal, e escudar-se com o voto de quatro professores, pelo menos.

A direcção estabelecerá o regime interno de exames, que não pódem ser mais de dois. O Governo, em diploma especial, decretará as condições em que as alumnas habilitadas com os cursos geral ou complementar poderão transitar para outras escolas officiaes.

O professorado deve ser, na sua grande maioria, do sexo feminino.

Todo o pessoal, docente ou auxiliar, é livremente escolhido e demittido pela directora.

Os programmas são submettidos por esta á approvação do Governo, assim como a organização do quadro de professores, pelo que respeita ao seu numero e horas de serviço.

A directora tem residencia no proprio edificio do lyceu ou no do internato.

E' ella quem fixa as propinas de matricula e as mensalidades do internato. Administra como entende o respectivo producto, bem como o subsidio annual de 10:000$000 que o Governo lhe entrega, e da somma de todas essas receitas faz todas as despezas de pessoal e material, sem obrigação de prestar contas.

O regime financeiro estabelecido não poderá ser alterado pelo Governo antes de tres annos, findos os quaes toda a organização será revista e modificada como o Estado entenda conveniente.

O Governo reserva-se o direito de fazer inspeccionar permanentemente, sob o ponto de vista medico e pedagogico, e por pessoal de sua confiança, o funccionamento do lyceu e do internato.

Junto de cada um dos tres lyceus femininos funccionará um conselho de protecção e garantia, composto de sete vogaes, dois dos quaes eleitos pela collectividade dos paes das alumnas, dois escolhidos pela respectiva camara municipal e tres nomeados pelo Governo. Um dos vogaes, pelo menos, dos designados por cada uma d'estas tres entidades, deverá ser uma senhora, escolhida entre as mais respeitaveis e consideradas da localidade.

O conselho de protecção e garantia, cujas funcções são gratuitas, vigia pela boa ordem e efficiencia da educação ministrada no Instituto, pondera á direcção o que entenda conveniente para tal effeito, e representa ao Governo, sempre que o julgue necessario aos interesses da educação e do ensino, podendo dar publicidade ás suas representações.

O Governo poderá demittir e substituir a directora, se o conselho de protecção, por maioria de votos, o aconselhar n'esse sentido, em parecer fundamentado.

* * *

Tal deveria ser estabelecida, em pleno regime republicano, a monarchia absoluta do lyceu feminino.

Chamo-lhe assim, prevendo que á critica nacional não escaparia este simile, e que ella não deixaria de arregalar o olho sobretudo á lista civil dos dez contos. O nosso systema administrativo está paradoxalmente organizado por fórma que a uma fiscalização e regulamentação apertadissima no papel, corresponde, nos serviços publicos, a liberdade de cada um fazer de mau o que quiser, e a impossibilidade de fazer qualquer coisa de bom.

Por outro lado, e pelo que respeita ao numero de estabelecimentos officiaes de ensino feminino que convém criar, nunca é de mais insistir: quanto menos, melhor. Se o poder central se limitar, como deve, a dar o exemplo e o estimulo á iniciativa particular, é possivel que esta desperte; se quiser substituir-se a ella, a sua acção será a um tempo ruinosa e suffocadora.

E aqui o perigo é evidente, seja qual fôr o poder do Estado que no futuro venha a dominar. Se fôr o executivo, como até agora, a pressão dos lettrados sem emprego forçar-lhe-ha a mão, como sempre, para que os asyle no Orçamento; se o poder legislativo tomar o logar áquelle, a sua composição actual, com perto de 90 % de bachareis, de medicos, de jornalistas e de funccionarios, é sufficientemente promettedora do mesmo mal.

Portanto, se a iniciativa particular se mantiver no seu somno de pedra, e o Estado continuar a revelar-se incapaz de despertá-la — é facil responder, concluindo, á pergunta que intitulou este artigo: as meninas da burguesia continuarão a receber em casa ou em collegios maus uma instrucção deficiente, ou serão educadas no Estrangeiro, e muitas d'ellas talvez pelas mesmas professoras que a Revolução expulsou de Portugal...

Junho, 1911.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

NO CAMARIM, DEFRONTE DO ESPELHO ...

O estratagema de Rosa

ROSA MELVILLE ia representar o principal papel na proxima peça, mas queria um reclame maior para a sua pessôa do que o vulgar em taes casos. Escolhêra a primeira personagem feminina em vez do *travesti,* pensando que uma brilhante *toilette,* com um rapido mostrar de meias arrendadas, faria bem maior *successo,* e seria bem mais fascinadôra do que o garbo convencional do Principe encantado.

Era o seu primeiro contracto na capital, e tendo produzido grande exito na provincia, anciava por conseguir qualquer cousa que excitasse a curiosidade e o seu prestigio no publico, rodeando de uma certa auréola a sua estreia.

D'ahi a sua decisão de se servir de qualquer diplomatica mentira para conseguir o fim ambicionado.

Ora, que mais atractiva circumstancia para uma actriz do que serem-lhe roubados os seus brilhantes? Era um expediente banal talvêz, mas uma carta a jogar sem risco. Para muitas das suas colegas tinham sido as joias o trunfo, e ella decidiu-se a seguir-lhes as pisadas. A unica difficuldade no seu caso era que ella não possuia diamantes de que pudesse sêr roubada.

Comtudo, para uma mulher esperta, e principalmente para uma actriz dos recursos de Rosa Melville, não constituia essa circumstancia uma difficuldade insuperavel.

Sentada no camarim defronte do espelho discutia com a sua bonita pessôa a maneira de executar esse desejo. Um sorriso lhe encovava as faces e descobria a fiada de pérolas dos seus dentes, quando lhe acudiu a maneira de conseguir o seu fim.

«Sim», disse para a sua gracil figurinha reflectida no espelho: «mãos á obra; ninguem poderá descobrir, e darei um salto de primeira ordem».

E porisso aconteceu que na tarde seguinte o sr. Barclay Blake, o famoso *private detective,* teve a felicidade de recebêr a visita da recemchegada *estrella.*

Os trabalhos e a experiencia de Barclay Blake tinham sido até ahi relacionados com tramas de investigação criminal commum, e tratára sómente com individuos completamente ordinários. Nunca a elle, impressionavel criatura, a sorte proporcionára occasião de tratar com tão resplendente beldade como Miss Rosa Melville.

Quando a rapariga, tendo-lhe enviado o seu bilhete, entrou no escritório, a formosa apparição quasi lhe tirou o fôlego.

E a falar verdade, estava ali uma filha de Eva realmente encantadôra.

Alta e loira como uma seara ondulante, de olhos azues, com o frescôr da saude nas faces róseas, era uma figura muitissimo fascinadôra, — e antes de lhe ouvir uma palavra, já Barclay Blake era seu devoto admiradôr.

Trazia um vestido de veludo castanho, orlado de peles, um pequenino chapeu sobre o cabello ondeado, e as pequeninas mãos perdidas num grande regalo.

Blake sacudiu o pó da grande poltrona estofada, rolou-a para junto do fogão indicando-a á visitante, e voltando-se na cadeira perguntou-lhe em que poderia têr o prazêr — e a accentuação d'esta palavra foi bem pronunciada — de lhe sêr util.

Depois de uma pausa momentanea replicou ella:

— «Ouvi dizêr que o senhôr é um homem muito hábil, sr. Blake.

Este esboçou um gesto de modestia.

— . . .e porisso venho têr comsigo. Preciso do seu auxilio.»

— «Com a maior bôa vontade e satisfação, minha senhôra», — respondeu num tom de profunda sinceridade.

— Estava certa já de que assim seria, disse ella, com a confiança de uma mulher bonita consciente da impressão que faz. Preciso de que o senhôr me encontre os meus diamantes.

Quasi escapou a Blake um sorriso involuntario, logo reprimido. Assim a mais encantadôra das mulheres se saía agora com o mesmo gastissimo *truc* das actrizes para adquirir notabilidade. Tinham-lhe roubado os brilhantes. Já via, com os olhos da imaginação, as noticias sensacionaes nos periodicos da noite.

— «O collar, continuou ella com perfeita simulação, vale approximadamente mil libras. Guardava-o num cofresinho em minha casa, e foi-me hontem roubado quando eu estava no ensaio.

— Quando deu pelo furto?

— Quando hontem á noite voltei para casa fui ao cofre por uns papeis que precisava, e dei então pela falta do collar.

— «Deixou o cofre aberto?» perguntou elle esforçando-se por achar alguma cousa a dizêr á rapariga, que estava certo de não têr sido roubada de joia alguma.

— «Oh! não! Fechei-o logo antes de sair para o teatro, e abri-o com a chave quando cheguei. Era esta». E pousou uma chave sobre a meza.

— E tem só esta chave o seu cofre?

— Sim; só essa.

— Quem ficou em casa durante a sua ausencia?

— Só a criada.

— Tem confiança nella?

— Absoluta.

— Pois eu não, decidiu elle pela necessidade de dizêr qualquer cousa.

— Oh, por amôr de Deus, sr. Blake, a Celestina é a honestidade em pessôa.

— Não tem outra criada?

— Não senhôr.

— Só ella ficou em casa?

— Só ella.

— Toda a noite?

— Quasi toda.

— Que significa esse «quasi toda»?

— Saiu durante cêrca de meia hora. Veiu um telegrama para mim depois de eu têr saido para o teatro, e pensando que poderia sêr urgente ella trouxe-m'o.

— Poderia o telegrama têr alguma relação com o furto?

Rosa quasi córou. O telegrama tinha uma relação perfeita com o ficticio roubo: enviara-o ella a si mesma para que Celestina saisse e deixasse a casa por uns momentos, dando assim uma circumstancia de possibilidade á historia.

— Não, de maneira alguma, retrucou ella ligeiramente atrapalhada, atrapalhação que Blake notou sem commentar. «Só tratava de negocios particulares.»

— Tem toda a confiança na rapariga?

— Absoluta. Certamente não suspeita d'ella, não, sr. Blake?

— «Deve-se suspeitar de todos em casos d'esta ordem», redarguiu elle evasivamente. «Gostaria de vêr a rapariga».

— Pois decerto; chame quem quizer.

— Poderá sêr ámanhan á noite, não?

— Como queira, mas tenho pena de não podêr estar em casa para o recebêr; estamos muito occupados agora com os ultimos ensaios.

— Naturalmente, é claro. Mas um encontro com a rapariga é-me a mim indispensavel, e dirme-ia tudo de que preciso. Posso por exemplo passar por lá e deixar um recado para si, ou escrevêr em sua casa uma carta, o que me daria tempo de a estudar com cuidado. Póde sêr assim, não é isto?

— Muito obrigado, sr. Blake.

— E diga-me uma cousa, perguntou este, emquanto ella se levantava para sair, deu á policia uma descripção do collar?

— Não, ainda não.

— «Pois não seria mau. Ainda que não julgo que elles possam fazêr grande cousa no assumpto, e depois» — não resistiu á tentação de lh'o dizêr «não lhe poderá fazer mal nenhum — não é verdade isto — como réclame...

E ESTENDEU-LHE A MÃO

— Como réclame? Porquê como réclame? exclamou ella sem pestanejar.

— Pois então? E' um bom réclame para uma actriz o terem-lhe roubado as suas joias. Pelo menos eu sempre cuidei que assim se considerava na profissão.

Por um momento pensou se lhe teria descoberto o jogo, e se a estava desfrutando; mas conservava uma cara tão impassivel, com um ar de solicitude tão apparentemente verdadeiro, que de todo lhe afastou tal idéa.

— E a minha divida, sr. Blake? perguntou ella, encovando num sorriso os cantos da sua bôca.

— Ora, uma bagatela: as despezas que se fizerem, se nada conseguirmos, e se alguma cousa conseguirmos...

— depois veremos.

— «Então adeus.» E estendeu-lhe a mão. «Fará tudo o possivel, não?»

— Com toda a minha vontade, respondeu elle acompanhando-a á porta.

— Naturalmente não tenho de guardar segredo de que o senhor se occupa do meu caso?

— Para me fazer réclame tambem a mim? perguntou-lhe sorrindo.

— Naturalmente.

Ia ella entrando no trem, quando Blake exclamou:

— Esquéceu-se da chave do seu cofre. Deixou-a na minha mêsa. Um momento, eu vou busca-la.

Correu para o gabinete, rapidamente tomou a impressão num bôlo de

cêra, e num momento estava outra vêz á porta da carruagem.

— Muito obrigado. Vamos para o teatro. Bôas tardes.

— «Boas tardes», repetiu elle; — e para si mesmo, quando a carruagem voltou a esquina: «Ora que mentira tão corriqueira...»

Rosa Melville não perdeu tempo sem espalhar e tornar conhecido o supposto roubo de que fôra victima, e o facto de se têr Barclay Blake encarregado das respectivas investigações. Os jornaes da noite transbordavam de pormenores, teorias, condolencias. Os collegas no teatro encheram-na de commiserações. Foi-lhe necessaria toda a cautela em si para os ouvir com semblante apropriado ao caso, tanto mais que, não acreditando elles no estratagema, via Rosa que a suppunham agora possuidôra de joias preciosas que ella jamais tivera.

Barclay Blake suppunha o mesmo. E planeava que quando tivesse uma chave mandada fazêr pelo molde que tomára, acharia o collar escondido no cofre quando fosse com o pretexto de vêr a criada. Era muito versado em questões de crime ordinario, mas um neófito em astucias de mulher — e especialmente de uma actriz esperta.

Rosa Melvile tinha muitos admiradôres. Celestina, a criada, tinha um. O primeiro e mais assiduo dos admiradôres de Rosa era Filipe Farley, que várias vezes lhe propuzéra casamento; mas Rosa, segundo ella dizia, estava casada com o palco, e não se sentia disposta a deixar-se prendêr pelos laços nupciaes.

Filipe Farley conhecêra-a havia annos em Manchester — patria dos dois — onde elle se tornára um prospero joalheiro antes de vir para Londres desenvolvêr os seus negocios e a sua fortuna; e fôra com enorme satisfação que soubera que ella vinha representar em Londres no proximo Natal.

Quisesse Rosa casar com Filipe e teria quantos brilhantes fossem necessarios para a satisfazêr; mas, posto que gostasse d'elle, preferia a sua liberdade, e assim as magnificas joias que a Princêsa Rosalina ostentaria na noite da estreia não passavam de vidros teatraes.

Filipe teve um sobresalto quando leu nos jornaes o roubo do collar de Rosa, — cujo valôr o palavrôso jornalista exagerára naturalmente para duas mil libras — e uma idéa subtil se formou no seu espirito. Estava-se justamente nas vesperas do Natal, época apropriada para presentes.

Achava-se rico, os negocios floresciam, bellas perspectivas se lhe abriam. Ahi estava certamente uma bella occasião de atrair as bôas graças de Rosa. Na verdade, intrigava-o que ella possuisse brilhantes no valôr que os papeis lhe attribuiam, e ciumentamente começou a roer-lhe o coração a idéa de que elles indicassem a existencia de um rival mais feliz.

Mas, afinal, quem nunca aventurou não perdeu nem ganhou. Sabia que d'antes Rosa não desgostava d'elle; déra mesmo a entender que se jamais lhe viesse o desejo de se casar — o que os deuses não permittissem! — certamente elle lhe não desagradaria; e portanto Filipe determinou-se a um grande *coup de théâtre*, compensando-a da perda das suas joias por uma dádiva magnifica.

Deve dizêr-se que, apesar de apaixonado, fez uma pausa, considerando se se não trataria de uma espectaculosa mistificação, sendo muitissimo possivel que lhe não tivessem roubado cousa alguma. Conhecia um pouco das trapaças do rèclame teatral, e, além d'isso, poderia tratar-se, não de brilhantes, mas de simples vidro.

«Ora, seja como fôr, dar-lh'os-ei», — concluiu elle, — e tendo escolhido um collar na sua provisão, e lançando a um bilhete de visita algumas palavras de condolencia e desejos de bom successo em Londres, rogava-lhe o obsequio de acceitar esse presente de Natal do seu velho amigo, Filipe Farley.

Foi esta a primeira consequencia do estratagema de Rosa.

Por casualidade, a hora escolhida por Filipe para entregar o seu presente foi a mesma que a de Barclay Blake para a sua visita de investigação, e as duas coincidiram com uma terceira, a de Ricardo Darton, o porteiro de um predio visinho, desesperadamente apaixonado por Celestina, e que lhe fazia visitas clandestinas nas ausencias da patrôa.

Assim, entre as oito e meia e as nove, três pessôas de três differentes direcções dirigiam os seus passos para o andar em

que morava a adoravel Rosa Melville que, ignorante da complicação que o seu estratagema iria causar, estava ensaiando a essa hora o seu papel no teatro.

Ricardo foi o primeiro a chegar, e mal houvera tempo de receber as bôas vindas de Celestina, quando uma campainhada os veio interrompêr.

«Olhe, faça favôr, vá lá, Ricardo. E' com certêza o carteiro», — e estendeu a

— Perfeitamente, meu senhôr.

Com uma palavra de agradecimento, Filipe partiu, deixando o seu presente de Natal nas mãos de Ricardo, que, conhecendo de vista o joalheiro, e conjecturando que o embrulho conteria alguma cousa de valôr, promptamente o annexou á sua pessôa, tendo idéas originaes sobre os direitos de propriedade, e não se lhe dando das apoquentações de Celestina no caso.

CAIU NUMA CADEIRA, ATORDOADA

toalha para a sua ceia em *tête-a-tête*, emquanto Ricardo ia á porta.

Abriu-a, e deu com um sujeito bem posto que lhe perguntou:

— Miss Melville?

— E' aqui, sim senhôr, mas não está.

— Foi para o teatro, não é isso?

— Sim senhôr.

— Faz favôr, entrega-lhe este pacotezinho mal ella chegue? pediu Filipe Farley tomando o homem, aprumado no seu uniforme, por criado de Rosa.

— Então que era?

— Um sujeito qualquer que se enganou no andar, respondeu sentando-se e dispondo-se a fazer justiça aos petiscos e á bôa pinga que se apresentavam diante d'elle.

Barclay Blake, depois de entrar no predio, seguira na esteira de Filipe Farley — e tão de perto que o viu subir ao andar de Rosa e, de um angulo da escada, entregar o embrulho. Ouvira uma voz de homem em conversa com elle, e assistira depois á partida do joalheiro.

Parou intrigado.

«O caso está exquisito» pensou comsigo. «Julguei que os brilhantes não tivessem sido roubados. Mas que diacho faz aqui Filippe Farley, e por outro lado quem é este homem em casa, tendo-me ella dito que só tinha uma criada? Teria ella comprado outras joias a Farley, ou teria dado talvez com o ladrão, trazendo-lhe por isso o collar? Vamos a seguir este negocio. Promette sêr mais interessante do que eu esperava.»

Por instantes discutiu comsigo se iria acima, bateria e se asseguraria de quem era o homem, mas por fim decidiu aguardar os acontecimentos. Não havia outra porta no predio, e portanto o sujeito não poderia sair sem sêr visto.

Teve que esperar quasi uma hora antes de se dar qualquer novo acontecimento. Abriu-se a porta do andar. Darton desceu vagarosamente com as mãos na algibeira. Tinha quasi alcançado a porta da rua quando Blake lhe appareceu pela frente, o que o fez sobresaltar-se quando o *detective* se lhe dirigiu.

«Vá de brincadeira, Dick Darton, dê-m'o para cá.»

Ia ao acaso, mas surtiu effeito. Muitas vezes Blake tinha obtido bons resultados pelo subito e paralisante sistema de ataque que adoptára; o choque de surpreza tão profundamente desconcertou Darton que este, machinalmente, estendeu o embrulho.

— Você é uma bella peça, Dick Darton. Cuidei que depois do seu ultimo mau bocado se teria emendado, mas pelo que vejo...

Antes que elle tivesse acabado o seu discurso Darton recobrou o seu espirito e com um movimento rapido e inesperado empurrou Blake, e sem diligenciar apanhar o embrulho precipitou-se para a rua, evitando encontros, e desappareceu.

O *detective*, um tanto abalado pela subitaneidade do ataque, esfregou a espadua, que batêra numa quina da hombreira, e attentou no embrulho cuidadosamente feito, dirigido a Miss Rosa Melville.

«Assim, Dick Darton andava mettido no caso. Não me admiro agora de que haja realmente diamantes, e fui injusto com a rapariga.»

Começou pois a ruminar no assumpto e no estranho ponto em que o negocio estava, e essas ruminações decidiram-no a abrir o embrulho, não obstante o facto de elle sêr evidentemente dirigido á actriz.

«Vejamos o que aqui ha» — e arrancou o papel exteriôr, o interiôr com o seu cordão de cautchu, descobrindo o estojo de veludo carmesim.

«Cáspité!» exclamou elle quando tocou na mola e a caixa se abriu. «Brilhantes,— reaes, genuinos, de primeira agua!»

Tomou o cartão que no meio estava, leu as linhas escritas por Filippe Farley, e o seu espanto subiu ao cúmulo.

«De todos os bons réclames que uma mulher jámais fez, porventura é este o mais rendoso. Não ha perigo de que estes sejam roubados. Vou espera-la e entregar-lh'os eu proprio», — e com esta resolução foi subindo a escada.

A porta foi aberta por Celestina, e explicando que tinha um recado para a dona da casa, desejando esperar pelo seu regresso, foi introduzido num quarto meio biblioteca, meio *boudoir*, por onde se entrava á direita da porta.

Celestina retirou-se, e Barclay Blake deu uma volta de inspecção. Com a chave que mandára fazêr abriu o cofre que estava a um canto, e em duas caixas de joias encontrou sómente umas pedras falsas, bem diversas das que elle tinha na algibeira. Arrumou os estojos, fechou o cofre, e sentou-se a esperar.

Tudo lhe parecia clarissimo agora. Rosa Melville não tinha feito mais do que imitar outras actrizes, tal qual elle primeiro conjecturára, atirando um réclame com uma pêrda de brilhantes; e um fervoroso admiradôr enviava-lhe, para compensar uma supposta pêrda, o collar que ali guardava, o qual estivera por um triz a sêr verdadeiramente roubado por Dick Darton.

Por longo tempo Blake ali esteve sentado batendo os calcanhares com impaciencia, e subitamente escapou-lhe uma risada: uma idéa lhe occorreu que muito o divertiu. Porque não teria a satisfação de fazêr uma pequena partida a Rosa com o seu estratagema? Ella quizera-o enganar com o roubo dos brilhantes: porque se não divèrtiria elle vendo a sua cara quando muito seriamente lhe dissesse que dera com o ladrão, de quem recobrára os brilhantes? Riu ainda com a idéa, e abrindo o estojo tirou o bilhete de

Filippe, que guardou num livrinho de algibeira.

Depois examinou os brilhantes á luz electrica. Eram sem duvida verdadeiros e flamejavam vivos e numerosos raios de luz irrisada á medida que elle os voltava para um e outro lado.

«Tem sorte a rapariga» pensou — e nisto o toque da campainha annunciou-lhe o regresso da actriz.

Ella entrou, parecendo um pouco cansada do longo ensaio, mas sempre encantadôra, e deu-lhe amaveis «boas noites».

«Muito prazêr em o vêr aqui», exclamou um pouco nervosa. «Foi muito bondoso da sua parte o têr esperado».

«Esperei porque lhe trago muito bôas novas».

«Bôas novas? gritou num tom de surprêsa. Bôas novas sobre...»

«Sobre os brilhantes».

Ella olhou-o com um espanto que não pôde escondêr.

— Quer dizêr...

— Que consegui, minha senhôra.

— Conseguiu?

— Sim; consegui apanha-los.

Era demasiado. Mas os seus olhos abriram-se mais e mais quando elle tirou da algibeira o estojo de veludo, carregou a mola, e lhe apresentou o collar flammejante.

Ella simplesmente caiu numa cadeira atordoada.

«Bem, eu» — e desatou uma gargalhada irreprimivel á qual se associou Blake.

«Pois na verdade não é magnifico?» conseguiu este dizêr finalmente. Mas ella não lhe podia respondêr, porque o riso entrava agora nos limites do histerismo.

«Diga-me então, pediu Rosa quando acabou, sentando-se com os brilhantes no regaço — diga-me então como os conseguiu encontrar?

«Isso agora é o meu segredo, bem vê. O que importa é que conseguimos, é que os tem outra vêz, pois não acha?

Por instantes deixou-se ficar silenciosa e pensativa, e depois, num arranco subito de franquêza, voltou-se para elle:

— «Sr. Blake: supponho que nunca me perdoará o tê-lo enganado, mas tenho agora de lhe dizêr a verdade. Ora eu não perdi brilhantes nenhuns...

— Sei isso muito bem. Quiz fazêr um réclame, — isso é velho.

— Mas nesse caso — santo Deus! — aonde foi buscar estes?

— E' o meu segredo, Miss Melville. Digo-lhe que são seus.

— Ah, isso não, protestou ella.

— São-no realmente, se é que os acceita — são um pequeno presente de Natal.

Ella encarou-o como se elle tivesse perdido o juizo, e voltou depois os olhos para o esplendido collar que lhe jazia no regaço.

— Mas, — sim, compreendo. Está a divertir-se commigo; o senhôr percebeu logo que o roubo era fingido — e para me punir trouxe-me estes brilhante falsos para me fazêr envergonhar de mim mesma. E estou envergonhada, sr. Blake, estou realmente envergonhada. Foi decerto feio da minha parte. Terá a bondade de me perdoar?

— Falsos? gritou elle. Falsos? Isto não são pedras falsas: são genuinissimas, de primeira agua!

— Não, não, por amôr de Deus. Não prolongue a brincadeira. Metta-os na algibeira; já pregou a sua peça, e eu dou-me por ensinada.

E fechando o estojo restituiu-lh'o.

— Pois bem: fique com elles, ainda que sejam falsos.

— Falsos bastam-me os meus, muito obrigada, respondeu Rosa com dignidade. Está esse cofre cheio d'elles.

— Bem; mas se os não acceita, quererá guardar-m'os por alguns dias? Valem mais do que julga.

— Pois sim, tudo que quizer, respondeu petulantemente; e depois, caindo em si: falo-ei, se o deseja. Devo fazêr alguma cousa para expiar o meu crime de hontem.

— «Obrigado — e então eu vou-me andando. Virei por elles em dois ou três dias; e até lá poderá resolvêr se se decide ou não a ficar com elles. Bôa noite.

— Bôa noite. E queira perdoar-me.

E Barclay Blake saiu para a rua pensando no que diria Rosa quando no dia seguinte viesse a sabêr que os brilhantes eram verdadeiros.

Mal a porta se fechou, esta abriu outra vêz o estojo. Achou-os a melhor imitação que jámais vira. Depois, por curiosidade, abriu o cofre, tirou os seus ornamentos tea-

traes, e collocou-os ao pé do collar. As suas falsas eram bôas imitações, mas as pedras do collar apresentavam um brilho que produziu um estranho e vivo estremecimento no seu coração. E se fossem verdadeiras? Mas não; era impossivel. Eram imitações esplendidas. E depois, elle havia de vir buscalas.

E assim as pedras reaes e as falsas ficaram juntas no cofre. Rosa dormiu um somno agitado, sonhou que se casára com Sinbad o marinheiro, que passavam a lua de mel no Valle dos Diamantes, um sitio maravilhoso...

No dia seguinte contemplou outra vêz o collar antes do almoço, e os brilhantes ainda lhe pareceram muito superiôres ás suas pedras de palco, fazendo-lhe sentir aquella anciosa espectativa de que afinal poderiam muito bem sêr verdadeiros...

E como têr a certêza? Ponderou por alguns minutos e depois a inspiração surgiu. Iria têr com o seu velho amigo Filipe Farley, e perguntar-lhe-ia se o collar tinha valôr.

Seriam perto de onze horas, e Filipe Farley estava magnificamente disposto. Rosa occupava toda a sua fantasia, cheia de visões encantadas, — quando a grande porta de vidro se abriu e entrou a dama dos seus pensamentos.

Viu-a através a porta do escritorio interior onde estava, e correu a cumprimenta-la.

Ella seguiu-o para o escritorio e sentou-se na poltrona que elle lhe offereceu. Nunca lhe parecêra tão fascinadôra. De repente, olhou para o pequeno pacote na sua mão e o seu esperançado ardôr ficou gelado por uma onda fria de senso-comum.

«Vem restituir-me os brilhantes, pensou. Não os acceita.»

Por mau que fosse o choque para Filipe, algo peor ainda lhe estava destinado.

Ella tirou o elastico ao seu embrulhinho.

— «Venho pedir-lhe um obsequio...»

— «Com todo o prazêr», respondeu elle, apesar de temêr que o obsequio fosse o de sujeitar-se á recusa do presente de Natal.

Rosa abriu o estojo, pôs-lh'o adiante, e deu-lhe o maior choque da sua vida com estas simples palavras:

— Queria pedir-lhe que me dissesse se isto é verdadeiro ou falso.

— Verdadeiro ou falso?! Verdadeiro ou falso?!

— Sim. Quanto valem?

Verdadeiros ou falsos! Se eram verdadeiros ou falsos! E quanto valiam! Esta era unica! Quando tinha acontecido neste mundo vir-se têr com o dadôr de um presente para lhe perguntar quanto elle valia?

E um delirio de desespero frenetico se apoderou d'elle.

Era essa a mulher que tanto amava, a quem tinha enviado, para a consolar da perda que soffrera, um presente de mais de mil libras, e que agora vinha têr com elle para lhe perguntar se o seu presente valia alguma cousa, ou era falso! Que mercenaria criatura! Que formidavel descaramento!

Tomou o estojo e olhou para as pedras com o ar do conhecedôr.

— Então?

— Falsos. São falsos!

— Ora! disse ella rindo. Exactamente o que eu pensei esta noite!

— Pensou então que eram falsos?

— Sim, claro está, apesar de elle me ter dito que eram verdadeiros.

— Elle? Que elle? Quem lhe disse que eram verdadeiros?

— O sujeito que m'os deu.

Filipe encarou-a estupefacto.

Tentou penetrar o misterio, achar palavras de resposta, mas a situação era tão extraordinária que elle ficou mudo e em pasmo. O homem que lh'os déra dizia que eram verdadeiros. Tudo isso era fantastico, e antes que elle pudesse recobrar os sentidos e dizer uma palavra, Rosa, percebendo a má impressão que lhe fizera, deslisou um agradecimento suave, os cumprimentos do Natal, e partiu com os brilhantes que elle, um perito, declarára falsos.

Por todo o resto do dia remoeu no caso, como num sonho. Rosa foi para o teatro, entreteve-se no ensaio, pensando de vez em quando na partida que Barclay Blake lhe pregára como castigo da sua duplicidade.

Era meia-noite. A estreia da peça fôra um successo brilhantissimo. As principaes personagens tinham sido reunidas para ceiar pelo emprezario, que convidára tambem alguns amigos, e entre elles um magnata sul-

africano, mettido em negocios de teatros e mais ainda de minas de diamantes.

Sentava-se elle em frente de Rosa Melville, e no decorrêr da conversação, olhando para o collar que ella trazia, felicitou-a por que tivesse conseguido rehavêr os seus brilhantes.

— Brilhantes . . . São falsos . . .

— Falsos? Esses não enganam. E eu tambem me não engano facilmente. Se esses são falsos, não sei onde os haverá verdadeiros.

nura feminina a fez sair do embaraço. Não ousava contar a verdadeira maneira por que os brilhantes lhe vieram parar ás mãos, e então decidiu-se a confessar o seu estratagema, já que um silencio absoluto se fizéra na mêsa e todos os olhos se pregavam n'ella.

— Pois bem, disse com um fingido desprendimento que estava longe de sentir — confesso que me não roubaram joia alguma.

Estrondeou uma formidavel gargalhada,

CONFESSO QUE ME NÃO ROUBARAM JOIA ALGUMA

Os dedos de Rosa tocaram nervosamente o pescoço e carregaram na mola do collar. Desapertou o circulo flammejante e apresentou-o ao seu visinho:

— Diz isso a serio? Tem a certeza? perguntou ella córando.

O homem pegou no collar e examinou-o cuidadosamente.

— Absolutamente. São mesmo muito bôas, muitissimo bôas.

Rosa ficou perplexa, mas logo a sua fi-

e levantaram-se de um extremo da mêsa a outro vivas, palmas, batêr de copos.

— Foi um réclame que eu quis fazêr.

E os vivas e palmas redobraram.

— Espero que guardarão segredo . . .

Todos os homens o juraram firmemente, e roeram-se de ciumes todas as mulheres não possuidôras de brilhantes, logo pensando em ir espalhar a mentira aos quatro ventos.

— Vou mandar para os jornaes que Bar-

clay Blake m'os encontrou, declarou ella, entre um estrondear de novas acclamações.

Mas quando Rosa chegou a casa essa noite, estava-lhe reservada outra surprêza. Encontrou um bilhete que Blake pessoalmente deixára, confessando que lhe fizéra uma partida — uma innocente vingança da mentira com que ella o tentára embair, e que elle logo de começo percebêra. Incluso deixava o cartão de Filipe Farley, que acompanhava o collar de brilhantes.

Pobre Rosa! Sentiu-se terrivelmente humilhada. O estratagema fôra logo descoberto por Blake, e da vingança d'este resultára ella ir fazêr a figura mais desgraçada para com Filipe Fareley, com quem se portára vergonhosamente. Sentou-se com os bilhetes na mão, o collar ainda ao pescoço, e desatou a chorar.

Que faria agora para remediar o mal? Percebeu que gostava de Filipe, e a fórma como recebera o seu presente encheu-a de vergonha.

Que pensaria d'ella? E que havia de fazer?

Teve uma temivel insomnia todo o resto da noite, e quando na manhã seguinte se dirigiu ao estabelecimento de Filipe, ia tão palida e cansada, que parecia o fantasma da sua propia pessôa.

Filipe não chegára ainda, e porisso sentou-se esperando-o impacientemente por alguns minutos, martellando com os dedos sobre o estojo de velludo.

Quando elle chegou e a cumprimentou delicadamente, Rosa simplesmente começou num chôro inesperado, e foi aos poucos contando ao admirado joalheiro toda a historia desde a invenção do roubo das joias até á partida que lhe fizéra Barclay Blake e ao aclaramento de todo o embroglio que se seguira, acabando por depôr o estojo na mêsa que estava diante d'ella.

— Trago-lh'os agora, Filipe

Era a primeira vez que o tratava pelo nome proprio.

— Agradeço-lhe sinceramente, mas bem vê que não posso usá-las.

— E porque não?

— Porque me portei miseravelmente para com sigo.

Filipe segurou-lhe ambas as mãos.

— Acceite-os, Rosa; acceite-os como um presente de Anno-Bom.

— Não, não. Gostaria muito de os possuir — e um sorriso atravessou-lhe as lagrimas — mas quero sêr castigada da minha maldade. Fique com elles.

— Só com uma condição.

— E qual é?

— Que eu os guarde até lh'os podêr offerecêr como presente de nupcias.

Rosa córou.

— Filipe!

— Acceita?

— Sim.

Elle entregou-lhe o estojo.

— E quando?

— Quando quiser...

E foi essa a final consequencia do estragema de Rosa.

Um dia em S. Julião da Barra

(24 de Julho de 1833)

Estava ferida mortalmente, em Portugal, a causa do despotismo — do despotismo declarado, entende-se. O golpe decisivo dera-lh'o a esquadra de Carlos Napier, ganhando, a 5 de julho de 1833, a batalha do Cabo de S. Vicente.

Não temendo já que os navios inimigos lhe impedissem a passagem do grande fosso aquatico, para além do qual encontraria Lisboa, cobrou alento o duque da Terceira, e sahiu de Loulé a marchas forçadas, com os mil e seiscentos homens apartados da escassa guarnição, que, havia um anno, galhardamente defendia o Porto sitiado.

A' retaguarda tinha deixado as numerosas mas pouco disciplinadas forças do visconde de Molellos, que nenhum damno lhe causaram durante a longa travessia do Alemtejo; pela frente só encontrou inimigos na Cova da Piedade, e facilmente os levou de vencida até o caes de Cacilhas, onde os fugitivos, em medonha confusão, se precipitaram para quantas embarcações lhes deparou a sorte, e onde foram levar aos seus camaradas da guarnição da capital o terror contagioso que os dominava.

Nem toda a força em debandada conseguiu, porém, escapar-se atravessando o Tejo. O brigadeiro Telles Jordão, seu commandante, foi um dos que perderam a vida no instante de embarcar. Reconhecido por um soldado constitucional, choveram-lhe logo para cima cutiladas sem conto, vibradas á porfia pelos que, ha muito, odiavam de morte o famoso carrasco dos presos politicos de S. Julião da Barra.— Era tamanha a aversão, que nem depois de enterrado teve socego aquelle cadaver, pois que da cova o tiraram, a fim de que novas testemunhas pudessem verificar a morte do façanhudo absolutista, e maiores desprezos se cuspissem contra seus restos informes e retalhados.

Flagrante contradicção a do procedimento d'este homem nos campos de batalha da Guerra Peninsular, onde heroicamente alcançou mais de um posto por distincção, com os seus actos como governador da fortaleza assente na margem direita do Tejo, á entrada da barra.

A que deve attribuir-se a repugnante selvajaria, com que Telles Jordão, durante os dois periodos em que ali governou (1), consentiu que fossem tratados, e elle mesmo tratou os presos politicos? A' paixão do sectario? A' maldade innata? Ao odio que mostram sempre os apostatas pelos que se manteem firmes na crença que elles renegaram (2)? A' estupidez? A' ignorancia?

(1) Desde janeiro de 1829 até outubro de 1832, e durante o mez de maio de 1833.

(2) Telles Jordão, commandando em 1820 a brigada do 3 e 15 de infantaria, aquartelada em Braga, abraçou em 28 de agosto a causa revolucionaria, por que o Porto soltára o grito em 24, e foi durante o regimen vintista um exaltado constitucional. Muitos outros apaixonados liberaes vieram a tornar-se ferrenhos absolutistas. De mais a mais, Telles Jordão fôra levado talvez a adherir ao movimento de Vinte menos pelo seu amor ás ideias novas, que mal comprehen-

Todas estas causas concorreriam certamente para aquella serie de barbaridades vilissimas, que João Baptista da Silva Lopes relata minuciosamente nos quatro volumes da sua *Historia dos presos da Torre*, escripta dia a dia, sob as frias abobadas da velha praça de guerra, e quasi por milagre salva das constantes pesquizas feitas pelos esbirros miguelistas.

Da intelligencia e illustração do *Bachá*, alcunha que os presos davam constantemente ao brigadeiro, faz-se idéa perfeita pelo seguinte caso, referido pelo visconde de Villa Maior, testemunha presencial, no curioso livro (1) em que prestou carinhosa homenagem a seu tio, o bom e illustre general Antonio José Claudino de Oliveira Pimentel.

A TORRE DE S. JULIÃO DA BARRA VISTA DE OESTE

Preparava-se em S. Julião da Barra uma grande parada, com que devia solemnisar-se o anniversario de D. Miguel, e, como parecia avisinhar-se temporal, Telles Jordão temia que a festa não pudesse levar-se a effeito.

Estando, uma manhã, reunidos na secretaria da praça varios officiaes da guarnição, um dos quaes era segundo tenente de artilharia e havia concluido pouco antes o curso da sua arma, o brigadeiro, depois de manifestar as suas inquietações e querendo deixar de sentir duvidas, perguntou ao moço artilheiro se para aquelle dia poderiam contar com bom tempo. E, como o interrogado lhe dissesse que não adivinhava, Telles Jordão, voz em grita e sobrecenho carregado, disparou-lhe esta objurgatoria:

— Então para que estudou você mathematica, se não sabe o tempo que ha de fazer em certo dia? Ora ahi está porque eu não quero que o meu filho aprenda mais do que a ler e escrever. E' o bastante para ter religião e servir o Senhor D. Miguel, nosso legitimo rei.

D'este filho de Telles Jordão, como elle chamado Joaquim, garoto de quatorze ou quinze annos em quem a villeza egualava a inconsciencia, e de um sicario infame, que dava pelo nome de João da Cunha Maia, refere a *Historia dos presos* numerosas façanhas, capazes até de excederem as do brutalissimo governador.

Maia foi quem a todos levou a palma em requintes de malvadez. Antes de sujar a farda praticando na Torre innumeras prepotencias contra os presos politicos, já a tinha emporcalhado com acções indignas, que os commandantes dos regimentos onde elle servira não occultavam, e até censuravam com severidade nas «informações semestres», a despeito de serem bons realistas. Homens de bem, não antepunham a paixão politica á verdade, nem á justiça.

Um d'elles, Francisco Henriques Teixeira, que era ajudante de ordens do soberano,

---

deria, do que pelo desespero que nas fileiras do nosso exercito lavrava desde o fim da Guerra Peninsular, em virtude de continuarem n'ellas muitos officiaes inglezes, a quem Beresford distribuia os cargos mais ambicionados, em detrimento dos portuguezes.

(1) *Memorial biographico de um militar illustre, o general Claudino Pimentel*. Lisboa, 1884.

opinava, em 1 de janeiro de 1833, que o tenente Maia não merecia accesso por ser caloteiro e incapaz de commandar uma companhia, tendo retido em seu poder dinheiro dos soldados. Tambem o declarava immorigerado, até ao excesso de desprezar esposa e filhos para estar com certa mulher de má vida.

Este homem, cujos conhecimentos não iam além do ler e escrever, o que sabia apenas soffrivelmente, era pouco exacto ainda mesmo quando o vigiavam, e só tinha mediana instrucção a respeito dos regulamentos militares. Consideravam-n'o seus chefes como indigno de se lhe entregar uma companhia, porquanto já fôra convencido, na presença de officiaes, de ter retido em seu poder pret de soldados, e inculcado como distribuidos generos que não entregára aos seus subordinados.

Mas se para commandar tropas lhe faltavam predicados, sobejavam-lhe os que podem exigir-se a um carcereiro despotico e desalmado. Nunca afrouxou na perseguição, nem mesmo para com os homens de alto valor que a intolerancia politica lançára nas masmorras de S. Julião, a despeito dos importantes serviços que Portugal lhes devia.

O BRIGADEIRO TELLES JORDÃO

Borges Carneiro, a quem o Maia chamava boçalmente *Bodes Carneiro,* era por elle votado a especial rancor, não obstante o miseravel haver sido, como seu amo Telles Jordão, constitucional exaltado. — O mesmo exaggero inseparavel d'estas apostasias.

Uma vez — é caso referido por Silva Lopes — entrou o tenente na casamata onde jazia encarcerado o fogoso tribuno das côrtes de Vinte, e, depois de lhe dizer mil insolencias e desconchavos, sem conseguir arrancar ao offendido uma palavra, nem um gesto, foi a um bahu em que o preso guardava os papeis e livros, seu entretenimento de captiveiro, e atirou tudo para cima do lagedo humido e infecto.

Não se julgue que estes dois adjectivos estão aqui postos como redundancia de phrase.

Do que eram as masmorras da Torre faz-se ideia pelo seguinte pormenor: quando, pela manhã, lhes abriam as portas, os officiaes realistas, que assistiam ao acto, davam prudentemente alguns passos para a retaguarda, tão empestado era o bafo que vinha de lá de dentro. Havia claraboias no alto de algumas das abobadas, mas sempre se fechavam antes do entardecer.

O facinora, depois de praticar aquella brutalidade, parece que ainda mais se enfureceu, talvez porque não conseguia exgotar a paciencia da victima, e, crescendo para esta, bradou-lhe:

— Perfile-se, una-me bem esses calcanhares, e peça já perdão do que disse contra El-Rei!

O menino Telles Jordão assistia á scena cheio de ineffavel encanto, como se estivesse na Rua dos Condes ouvindo a Marianna Torres ou o Theodorico.

Borges Carneiro respondeu que nunca tinha offendido a D. Miguel, e logo o cobarde o forçou a ajoelhar e a dizer, batendo no peito:

— Peza-me haver offendido a el-rei, e supplico-lhe perdão!

As violencias não foram mais longe, n'aquelle dia, porque interveiu o filho do governador, talvez instigado por uns vislumbres da generosidade natural em gente moça.

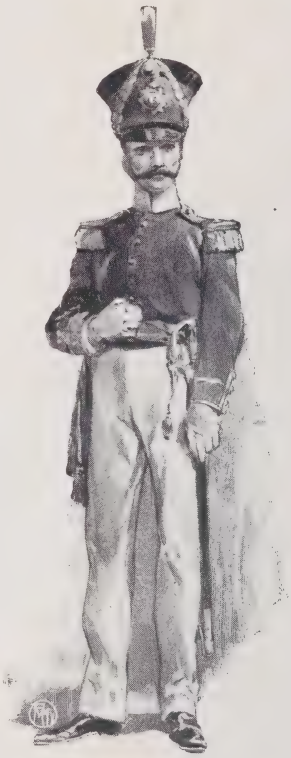
Em outras façanhas do nojento persevejo de tarimba, apparece-nos, todavia, como

importante collaborador o *Menino*, producto de uns amores de Telles Jordão com a lavadeira Marianna da Faya, antiga amásia de um tambor. Sempre armado com um cacetesinho, o alabregado moçoilo, tendo certos os amens paternos e anciando por merecer os applausos da soldadesca analphabeta que enxameava na Torre, entretinha os constantes ocios a atormentar os reclusos. A um d'elles chamado Caldeira, que procurou no suicidio o termo dos seus infortunios, tinha o garoto esbofeteado e dado uma sova na vespera do dia em que o infeliz se enforcou com os lenços da cama (1).

O pae, que dizia frequentemente, enlevado na sua embófia de pascasio: «Todos os liberaes d'este mundo não valem um dedo do Telles Jordão», rir-se-hia talvez, todo satisfeito, com esta e outras facecias do pimpolho.

A's vezes, fraquejava no meio de uma infamia, receioso de exaggerar o abuso dos poderes que lhe estavam confiados; logo, porém, se abalançava aos actos mais despoticos.

Acaso não lhe viria de cima o estimulo?... O insignificante e truculento ministro João Antonio de Oliveira Leite de Barros, guindado a conde de Basto pela munificencia de D. Miguel, alto e bom som apregoava a necessidade de que *os liberaes apodrecessem nas masmorras.* — Bem moidos de pancadas, mais depressa apodreceriam, não ha duvida.



UM TENENTE DE INFANTERIA 13, EM 1833

Em certo dia, o governador mandou chamar ao seu gabinete o preso Antonio Candido de Miranda, a fim de o castigar por causa de varias queixas que elle fazia á familia n'uma carta, que, segundo a pratica usual, fôra violada na secretaria da praça. Esbofeteou-o, e já ia dar-lhe com uma bengala, quando Miranda lhe notou que estava, como preso, sob a protecção da lei e que era infamia punivel o espancarem-n'o. Assim conseguiu abrandar as furias do brigadeiro, que o mandou logo embora, mas que d'ali a dois dias lhe deu uma sova, ajudado pelo filho e por alguem mais que estava no gabinete. A victima correu para a janella e gritou:

— Aqui d'el-rei contra o governador d'esta praça, que me quer assassinar!

Applacado o *Bachá* com esta coarctada, Miranda poude lançar-lhe em rosto as incoherencias politicas, e lembrar-lhe que elle, em 1820, era partidario de uma revolução democratica, da qual, no caso de bom exito, sahiria muito mal ferida a soberania de D. João VI.

Respondeu Telles que fôra enganado por homens a quem attribuia excellente coração, mas que se arrependera logo que viu quaes eram as intenções dos «pedreiros livres».

Sabem qual foi o castigo d'aquella audacia? Ser o preso mettido, pelo espaço de oito dias, em uma das casamatas escuras, onde, com o frio e humidade, colheu um rheumatismo, de que teve de ir tratar-se no hospital.

Muitas outras barbaridades se registam na *Historia dos presos da Torre*, escripta por um homem qualificado, que tambem fôra deputado das nossas primeiras côrtes constituintes.

Lê-se a narrativa, prejudicada infelizmente por uma orthographia abstrusa, e ninguem deixará de sentir frémitos de repugnancia e indignação. Embora se lance á conta de justo resentimento boa parte do azedume que d'ella resumbra, ainda sobram motivos para eterno vilipendio dos algozes.

O labeu indelevel que lhes suja a memo-

(1) Mais feliz do que o progenitor, conseguiu o rapazelho atravessar o Tejo em 23 de julho de 1833, e fugiu de Lisboa em 24 com as tropas do duque do Cadaval. E' o ultimo pormenor de que temos conhecimento a respeito d'aquella creatura tão pouco interessante.

ria, deve recordar-se para escarmento de quem se lembrasse, quando investido em poderes semelhantes áquelles de que os miseraveis tanto abusaram, sentisse tentações de exercer, contra vencidos, crueldades e violencias como as que então se praticaram em S. Julião da Barra.

Felizmente, o regimen em que hoje nos achamos torna improbabilissima uma tal hypothese.

Para se ver que os exemplos de Telles Jordão teem ás vezes encontrado imitadores, póde servir um facto succedido ha poucos annos — uns dois ou tres — no forte de Caxias.

O CORREDOR DAS CASAMATAS DE S. JULIÃO DA BARRA

Chegou ali uma enorme leva de presos, apanhados na vespera, em Lisboa, durante um motim de caracter politico, e despejados n'aquella obra de fortificação, construida para fim mui diverso. A escolta era constituida por duas companhias da extincta Guarda Municipal, commandadas por um capitão já entrado em annos, de rosto avincado e farto bigode — um todo de cabo quarteleiro, com tres ou quatro readmissões em cima das costas.

No meio dos presos, sustinha-se a custo um homem, cujo rosto emaciado e livido traduzia agudo soffrimento. Um lenço branco, manchado de vermelho, suspendia do pescoço o braço direito, de onde a espaços cahiam gotas de sangue.

O official superior de artilheria, que governava o forte e que hoje occupa um cargo de confiança da Republica, vê o infeliz e, voltando-se rapidamente para o capitão da Guarda Municipal, pergunta-lhe cheio de espanto e indignação:

— Pois o capitão traz-me para aqui, e de tão longe, um homem n'este estado?

— Assim m'o entregaram, assim o entrego, redarguiu o outro, atravez da espessa bigodeira, muito satisfeito comsigo mesmo.

— Para fazer isso, bastava um cabo de esquadra! observa-lhe promptamente o artilheiro, virando-lhe as costas e indo em busca do medico em serviço no forte, emquanto o discipulo do *Bachá*, talvez cahindo em si, unia os calcanhares, e tomava instinctivamente a posição de sentido.

* * *

De cinco annos foi para muitos dos presos de S. Julião o insupportavel martyrio, exarcebado com requintes de perversidade, que nos fazem lembrar do que Suetonio attribue a alguns dos doze Cesares cujos reinados historiou; a Caligula, por exemplo, esse degenerado, que, ao fitar os olhos na amante, alardeava o seu poderio, exclamando: «E pensar eu que posso mandar cortar esta linda cabeça!»

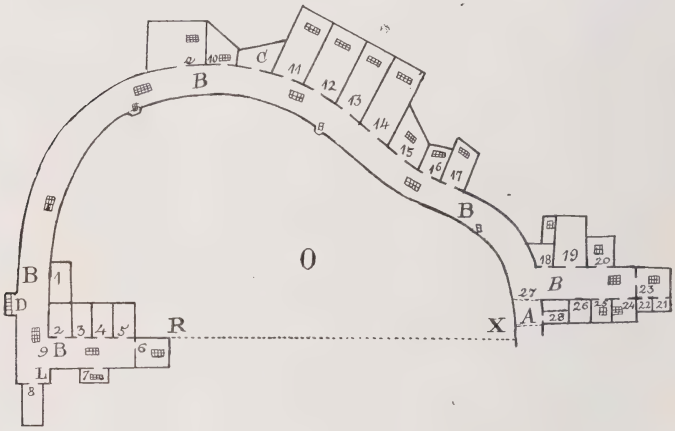
Telles Jordão e os seus compartes, posto que não lhes fosse concedida uma tal faculdade, tambem estariam atacados da mesma nevrose de ferocidade bestial.

E' ver o que faziam padecer ás victimas que, durante aquelle interminavel pesadelo,

só tinham deante dos olhos, quando se abria a porta das casamatas de irrespiravel ambiente, o lampejar do aço das espadas e bayonetas, e que ouviam a cada instante o som dos ferrolhos movendo-se nos enferrujados anneis, o ruido das cadeias a arrastarem-se no lagedo, de mistura com os gritos de «Mata-malhados!» e outros, soltados

Quando aos presos politicos se distribuiam os alimentos, não perdia o Maia occasião de mostrar a baixeza do seu caracter, e com a ponteira da bengala, atolada previamente em immundicie, remexia as vasilhas onde ia a comida, que, por um requinte de maldade, era deixada muito tempo á porta das masmorras, para que arrefecesse de todo e se

Planta do Subterraneo



A e 27 Cancellas da entrada
BB Corredor
n - Porta da cisterna por onde se arrombou
C e 15 Casas desabitadas
D Xaminé
6 Torneiras tapadas
e - Escadas
RX Parede da egreja
O Massiço que é occupado pelas cisternas
1 até 28 Quartos
Claraboias

NB Os quartos que não teem claraboia são segredos escuros

ESTA PLANTA É COPIADA DA «HISTORIA DOS PRESOS DA TORRE» CONSERVANDO-SE PARTE DA ORTHOGRAPHIA DE SILVA LOPES

pelos carcereiros e sentinellas, cujas espingardas talvez se fizessem prestes para lhes tirar a vida.

Ainda mais: aos perseguidos eram dados por companheiros os peiores facinoras, que passavam os dias espiando-os para os denunciarem, muitas vezes falsamente. Um d'estes criminosos, João dos Reis, famoso entre a ralé da sua laia, espancava-os, ameaçava-os com uma navalha, mas nem por isso chegaram a apartal-o, o que parecia justificar a connivencia de Telles Jordão, apregoada pelo meliante.

tornasse repugnante ao paladar. Por ordem do Maia, o pão era partido em pedaços, sob o pretexto de que podia occultar uma faca, uma lima ou algum papel, e atirado para o humido lagedo, onde á lama se juntavam os escorralhos fétidos dos barris de limpeza. Mais fedorenta ainda a alma do bargante, o qual obrigava os presos a beijar, ao levantarem-n'o, o pão contaminado, que tinham de comer para não morrerem de fome.

Outra brutalidade: quando os encarcerados se barbeavam, o Maia e, ás vezes, o garoto passavam-lhes na cara a extremi-

dade da bengala, indicando ao barbeiro o sitio por onde havia de levar a navalha.

Sujeitos ás humilhações estavam, além de Borges Carneiro, individuos que tinham occupado altas posições sociaes, taes como Pedro de Mello Breyner, membro da regencia no tempo da primeira invasão franceza, o marquez de Niza, o conde de Subserra, o marechal Carlos Frederico de Caula, conselheiro de Estado, o brigadeiro Claudino Pimentel, os desembargadores Pessoa e Manoel Duarte Leitão e muitos outros homens illustres.

Soffriam caladas as victimas, pois entre ellas corria o boato de que Telles Jordão pretendia, com tão cruel pertinacia, arrastal-as a algum acto de desespero, que lhe fornecesse pretexto de mandar fazer descargas de fuzilaria para o interior das prisões.

D'estas eram mais repugnantes e insalubres as das casamatas, cujas portas se abriam para escuros corredores abobadados, até onde a luz exterior a custo penetrava.

Se ainda hoje, quem ali vae na certeza de que sahirá quando quizer, sente o coração opprimido com a afflictiva impressão de que póde ficar longamente sepultado n'aquelles covis medonhos, qual seria então a angustia de quem lá permaneceu annos e annos, torturado pelas mais sinistras aprehensões, quasi convencido de que nunca mais gosaria um instante de liberdade!

Um ministro do partido que se denominou «regenerador liberal» mandou, ha poucos annos, murar, a pedra e cal, as portas de algumas das masmorras, como se não fosse de lição muito mais proveitosa ellas permanecerem expostas ao exame de quem visitasse a Torre, e decoradas com lapides que lembrassem os soffrimentos ali padecidos pelos martyres do despotismo.

As prisões situadas no revelim do forte, em razão de ter mais luz e menos humidade, afiguravam-se aos presos como ceo aberto comparadas com aquellas, onde, em pouco tempo, a roupa se cobria de bolor e apodrecia, mas a que ainda levavam a palma os *segredos*, verdadeiros antros de insalubridade e horror.

Para estas succursaes do inferno imaginado em plena Edade Media pelo poeta florentino, era enviado todo o preso politico a quem os maus tratos recebidos fizessem desentranhar-se em queixas nas cartas, que, aos sabbados, elles podiam mandar a suas familias e que eram sempre violadas.

Como se o destino quizesse provar áquelles tristes que o soffrimento poderia ser ainda muito maior, um dia rebentou nos carceres a epidemia do cholera. A fim de atalhar-lhe os progressos assustadores, cem dos presos foram transferidos para a cidadella de Cascaes. No momento da partida, alguns dos que ficavam cahiram atacados do terrivel morbo, e o mesmo aconteceu a mais de um dos que deviam marchar, o que augmentou ainda a lancinante magoa da separação nos que a desgraça encadeara com vinculos inquebrantaveis.

O auctor da lugubre narrativa foi um dos que partiram. Para furtar ás pesquizas dos esbirros o manuscripto da sua obra, que já era volumosa, havia-o enterrado, no chão, ao pé da cabeceira do leito onde dormia. Valendo-se da escuridão da noite, pouco antes de raiar a madrugada em que sahiram de S. Julião, tirou os papeis do esconderijo e, tendo feito uma pequena abertura no colchão que lhe pertencia e que devia acompanhal-o, teve artes de occultal-o tão bem entre a lã, que o poude salvar. Tremendo castigo receberia, sem duvida, se lhe houvessem apanhado o libello implacavel.

Em 9 de julho de 1833 voltaram os presos politicos para dentro das lobregas muralhas da Torre, havendo deixado para sempre em Cascaes, durante os quarenta e um dias que lá estiveram, quinze companheiros de infortunio. Um d'estes foi Borges Carneiro, prostrado pela morte quando já o arrebol do triumpho brilhava para a causa de que fôra admiravel propugnador.

Sommado aquelle numero ao dos fallecimentos occorridos na Torre (34), e ao dos havidos no hospital da Feitoria (25), obtem-se a totalidade de 74.

Tantos foram os presos que ali perderam a vida, além de mais 4 que vieram morrer no hospital do Limoeiro, para onde os tinham transferido.

Na acintosa perseguição tambem se deram casos macabros, que despertariam o riso se não fôra a miserrima situação de quem n'elles tomou parte. O preso Velho Costa, por exemplo, tinha na tampa do bahu e na coberta da cama as lettras iniciaes dos seus dois appellidos. Pois os innocentes *V* e *C* foram interpetrados como significando *Viva a Constituição*, e estiveram quasi a acarretar serios dissabores ao pobre do homem. Outro dos encarcerados pediu, por escripto, que lhe restituissem a navalha de barba, e Telles Jordão lançou no requerimento o seguinte despacho: «O supplicante reze amiudadas vezes o responso de Santo Antonio.» Nunca, de certo, a não ser d'esta vez, se attribuiram á famosa oração propriedades depilatorias.

Despacho analogo deu certo chaveiro — quereria imitar o governador? — a um recluso, que solicitava um baralho de cartas, para jogar com os companheiros: «mande buscar umas contas e reze.»

UMA ENTRADA PARA AS MASMORRAS DAS CASAMATAS

Sem embargo, os presos lá conseguiam inventar maneiras engenhosas de tornar menos crueis e enfadonhas as horas interminaveis do captiveiro: a par do trabalho, as distracções sempre lhes dulcificaram um tanto a dorida e monotona existencia.

Foi assim que um amador de xadrez fez de cartão um taboleiro para o jogo, e de miolo de pão amassado e envernizado as figuras, que, posto não fossem primores artisticos, tinham fórma assaz definida, para que um peão se não confundisse com um rei, nem um cavallo com uma torre.

Tambem com miolo de pão modelou, o mesmo preso, uma reducção do monumento do Terreiro do Paço.

Outros dedicavam-se a trabalhos de cartonagem, alguns dos quaes ostentavam tamanho luxo que os ferros eram de marroquim, de seda e até de velludo. Mas lá veiu um dia em que Telles prohibiu que entrasse na Torre mais papellão — para papellão bastava elle, diria certamente algum preso galhofeiro — e por um triz deixou de acabar a industria.

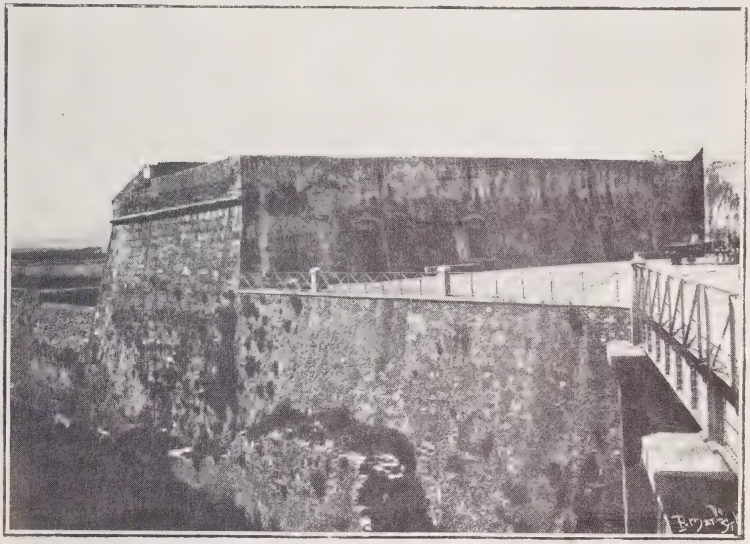
Todavia, as faculdades inventivas dos presos derrotaram o mau humor do desmancha-prazeres, e d'ahi em deante o cartão foi substituido por folhas de papel pardo, colladas umas ás outras até se obter a espessura necessaria.

Para substituir o baralho, cuja entrada o tal chaveiro prohibira, fabricou-se outro, ou mais, sendo as cartas pintadas com vinho, sumo de limão, de cebola ou de salsa, e outros ingredientes.

Dentro das masmorras tambem se faziam trabalhos de papel picado, fundições de chumbo e estanho, obras de torno, assim como pulseiras, collares e cordões fabricados com cabello vindo de Lisboa e de outros logares, occulto dentro das mangas das camisas engommadas, nas quaes se dava um ponto para se não ver o conteúdo. A's vezes o cabello era cortado aos proprios encarce-

rados, que para este fim o deixavam crescer muito.

Alguns dos improvisados artistas dedicaram-se a trabalhos em madeira, que aplainavam com pedaços de vidro, e cortavam com um canivete e uma faca, transformados em serrote. Um d'aquelles artefactos representava a masmorra onde penava o seu auctor, com as grades, as portas e as tarimas. Quiz vel-o Telles Jordão e escangalhou-o. Não dava para mais o seu apoucado bestunto.



O REVELIM DE S. JULIÃO DA BARRA

Outra occupação de alguns dos presos eram as obras de alfayate e sapateiro. Quando alguem estreava fato novo, ia mostrar-se a todos os companheiros, ladeado por uma escolta improvisada, que não parava de bradar: «Mette gente! Mette gente!» A' brincadeira, nem as pessoas de mais respeito escapavam.

Um ferrador hespanhol fez-se barbeiro e auferiu lucros razoaveis.

Dentro das masmorras viviam alguns animaes, que os donos amestraram, chegando até a ensinar-lhes diversas habilidades. Uma cadelinha, chamada *Revelina* e por ter nascido no revelim, fingia-se morta; um coelho puxava-a ao longo do lagedo, emquanto um pombo saltava ora para cima d'um, ora para cima do outro. Havia gatos que se faziam mortos, davam a mão ou saltavam para o hombro do dono; perdizes, que deixavam embasbacados a quem as via *trabalhar*.

N'um ambiente em que tudo parecia falar de morte, alguns entes começaram a viver: diz-nos Silva Lopes que uma gallinha chocou e tirou pintos.

Varios presos dedicaram-se ao desenho, fazendo retratos, traçando quadros a carvão, pelas muralhas. Um representava Ignez de Castro e os filhos ajoelhados aos pés de Affonso IV, e foi elogiado pelo proprio Telles Jordão, o que certamente não queria dizer muito sobre o seu merecimento. Apesar d'isso, o *Bachá* mandou apagal-o. Acima do critico, o governador!

Os trabalhos litterarios tambem ajudaram muitos a padecer mais resignados a perda da liberdade. Borges Carneiro escreveu em S. Julião um tratado de grammatica portugueza e traduziu algumas das *Cartas a meu filho,* do conde de Chesterfield, nas horas que não consagrava ao ensino da musica vocal.

Lições de musica instrumental dava-as o professor Costa Lami. Dois dos seus discipulos tão anciosos estavam por aprender a tocar piano, que construiram um teclado de papel, onde conseguiram exercitar-se.

As poesias e outros trabalhos compostos sob aquellas abobadas tão más inspiradoras, eram lidos a um cenaculo de entendidos e, ás vezes, emendados de accordo com o parecer dos ouvintes.

Presos, que para ali tinham entrado analphabetos, aprenderam a ler e a escrever, e prestaram-se depois a instruir outros no que

se lhes havia ensinado. Para o leccionamento do francez e do inglez, organisaram-se vocabularios, visto não os haver, nem os deixarem entrar na Torre. Até novembro de 1829 permittira-se que de fóra viessem livros, mas n'aquelle mez terminou a concessão, o que não impediu que os trabalhos espirituaes proseguissem activamente.

Para o Natal d'aquelle anno planeou-se a representação de um entremez, genero litterario então muito em moda. Pintou-se o scenario com uma mistura de vermelhão e carvão, principiaram os ensaios, mas como Telles Jordão chegou para governar a praça, os planos goraram, e só puderam ter a execução no entrudo de 1833, porque o *Bachá* estava longe. A representação fez effeito e devia repetir-se na páschoa immediata. Tal não succedeu. Porquê? Antes d'isso, tinha voltado o execrando emprazador.

(Conclue no proximo numero.)

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.

D. MIGUEL DE BRAGANÇA

VELOSO SALGADO — Retrato de silva porto

Impressões de viagem de Mark Twain

Wimpfem—Uma caçada nocturna

ssim que chegámos á hospedaría, dei corda ao pedómetro e meti-o na algibeira, pois tinha que o levar no dia immediato, para ir notando as milhas que conseguiriamos galgar.

Estavamos na cama, ás dez horas, porque nos queriamos levantar de madrugada e palmilhar por ali fora, a caminho de casa. Espertinei, mas o Harris, meu factotum, ferrou logo no somno.

Abomino um sujeito com o somno fulminante, ha nisso um não sei quê, indefinivel, que, suposto não chegue a involver um insulto, não deixa de ser insolencia; e que custa a tragar como a breca. E eu, para ali, a rabiar com o caso e a querer chamar o somno; mas quanto mais me esforçava mais ia espertinando. E a sentir-me tão só, na escuridão, tendo por companhia unica um jantar por digerir. Pôs-se-me a cabeça a trabalhar, a emprender nos primordios de todo e qualquer assunto; mas nunca passou dos primordios; era pegar e largar; voava de assunto para assunto com velocidade frenetica. Decorrida uma hora, andava-me o cerebro numa dobadoira, e eu, morto de cansaço, estafado de todo.

Era tal a fadiga, que afinal principiou a reagir contra a excitação nervoza; imaginando estar acordado, dormitava, effectivamente, com momentanea inconsciencia, abalada, de vez em quando, por um estremeção fisico, que por pouco me não escanchava as juntas — com a illusão instantanea de que me ia despenhando da beira de um precipicio. Depois de haver dado o meu trambulhão nuns oito a dez precipicios e de ter descoberto, assim, que ametade do meu cerebro dormitava oito ou dez vezes, sem que a espertinada e azafamada metade sequer o suspeitasse, as inconsciencias periodicas principiaram a estender o seu marasmo, gradualmente, por maior porção do meu territorio cerebral, até que porfim imergi numa somnolencia, cada vez mais funda e estava, sem duvida, a ponto de descambar num solido, bemaventurado e insonhifero lethargo, quando... que foi aquillo?

As minhas lubrificadas faculdades sacudiram-se parcialmente, recuperando vitalidade, e assumiram uma attitude receptiva.

E agora, lá de uma distancia illimitada, incommensuravel, veiu o que quer que fôsse a crescer, a crescer, a aproximar-se, e que a breve espaço era um som reconhecivel — dir-se-ia, antes, uma sensação, ao principio.

E agora, o som estava distante uma boa milha — o borborinho de uma trovoada, talvez, — e a ouvir-se, agora, mais proximo, — não chegaria a um quarto de milha; seria acaso o roçar estridulo, aspero das peças de qualquer maquinismo, lá ao longe? Não era, e sentia-se, agora, de mais perto; seria o tropel compassado de um regimento, a marchar? E a aproximar-se, mais, mais — até que por fim era dentro e muito dentro do aposento: um rato a roer o forro do sobrado. E eu a tolher a respiração, por semelhante ninharia?

Em summa, o que lá vae, lá vae; toca a dormir outra vez, e a recuperar o tempo perdido. Pensamento inconsiderado, comtudo. Inconsciamente, maquinalmente — pus-me a escutar, attento, o tal som, e não menos inconsciamente, a contar as investidas do quebra-nozes daquelle ratinho. Dali a pouco, todo eu em afflicções, incomportaveis, com aquelle meu recreio, e comtudo, é possivel que eu as pudesse supportar, se o rato houvesse attendido, firme, á sua empreitada; mas, qual historia! Parava, de vez em quando, e eu, de ouvido á escuta, á espera de que elle principiasse outra vez, e a padecer muito mais do que no acto de elle estar para ali a tasquinhar.

E neste comenos, a offerecer mentalmente, um premio de cinco — seis — sete — dez dollares, a trôco daquelle rato; mas por fim já ia offerecendo alviçaras inteiramente além das minhas posses. Calafetei as orelhas, — isto é, dobrei as abas para baixo, revirei-as em cinco ou seis dobras, apertei-as contra o orificio auricular, — mas não serviu para nada: tão aguçada se achava a faculdade perceptiva, pela excitação dos nervos, que se tornára o proprio micróphone, a ponto de poder ouvir, sem embaraço, através das camadas sobrepostas.

A raiva tornou-se-me em frenesi: Até que, finalmente, fiz o mesmo que toda a gente, antes de mim — a encabeçar com Adão, — resolvi-me a atirar-lhe com qualquer coisa. Debrucei-me e deitei mão aos çapatos de jornada, depois, sentei-me na cama, e pus-me a escutar, a ver se pescava donde viría o ruido. Mas não consegui; era tão ilocalizavel como o fretenir de um grilo; e quando uma pessôa suppõe que é para ali, é sempre esse o ponto onde menos será. Assim, pois, atirei o çapato, ao acaso, e com vigor retrincado. Foi bater na parede, por cima da cabeça do Harris, e caíu sobre este. nunca imaginei ter pulso para alcançar tão longe. Acordei o Harris, e fiquei satisfeitissimo até que percebi que se não zangara. Depois, tive pêna. Não tardou em ferrar no somno, o que muito estimei; acto-continuo, porém, o rato outra vez na faina, e eu, como uma bicha, outra vez. Não queria acordar novamente o Harris — a roedela ia porém continuando, até que me vi obrigado a atirar com outro çapato. Parti o espêlho, desta feita, — havia dois, no quarto — acertei no maior, já se vê. O Harris tornou a acordar, mas não se queixou, e eu cada vez com mais pêna.

Resolvi aguentar com o auge do tormento, antes do que incommodá-lo, terceira vez.

Miscou-se o rato, eventualmente, e eu ia já a pegar no somno, eis que um relogio entra a dar horas; contei-as, até que se calou, e estava a ponto de caír em somnolencia, eis que outro relogio se põe a badalar; contei: depois, os dois anjos do relogio da Casa da Camara pegam a soprar nas immensas trombetas, uns sons meigos, ricos, melodiozos. Não me lembro de ter ouvido toada de tanto encanto, tão sobrenatural e misterioza — mas, quando pegaram a trombetear os quartos de hora, quis-me parecer que estavam a repisar a coisa, um tudo nada. Cada vez que eu ferrava o nariz no travesseiro, nova bulha a acordar-me! Cada vez que acordava, notava a ausencia da colcha da cama, e lá tinha que me debruçar para o chão, a pescá-la.

Até que por fim me desamparou de todo o somno. Reconheci o facto de estar permanentemente, desesperançadamente acordado. Farto de dar voltas e viravoltas na cama, e sem já poder conter-me, occorreu-me que talvez não fôsse má ideia o vestir-me e ir lá fóra, até á praça, proceder a uma boa refrescadela, na fonte, fumar e reflectir, até ver o fim áquella noite aziága.

Parecia-me que poderia vestir-me ás escuras, sem despertar o Harris. Tinha desterrado os çapatos em perseguição do rato, mas para uma noite de verão, remediavam os chinélos. Ergui-me, pois, devagarinho, e gradualmente, fui achando o preciso, — á excepção de uma peúga. E eu a ver que

não havia meio de achar o rastro áquella peúga, por mais que tentasse orientar-me

Mas havia de encontrá-la, quer sim quer não; assim, pois, fui andando, de gatinhas, com um chinélo calçado e outro na mão, e pus-me a apalpar, de mansinho, de roda de mim, a tactear o soalho, mas sem resultado. Alarguei o meu circulo de acção, e continuei a apalpar, a tactear. E como estalejava o sobrado, a cada pressão dos meus joêlhos! E cada vez que eu embicava em qualquer objecto, a parecer-me que fazia trinta e cinco ou trinta e seis vezes mais bulha, do que o teria feito, de dia. Em taes casos, esperava sempre, contendo a respiração, até me convencer de que o Harris não tinha acordado — depois, eu lá, ia outra vez, a rastejar. Fui indo, indo, mas sem poder encontrar a peúga; dir-se-ia não poder encontrar fôsse o que fôsse, além de mobilia. Que eu me lembrasse, no quarto nem por isso abundavam moveis, quando me deitei, e comtudo, o recinto estava a abarrotar de trastes, actualmente — cadeiras, muito em especial — cadeiras por toda a parte — haver-se-iam acommodado ali varias familias, neste entretanto, porventura? E a parecer-me que não podia affirmar se era ou não qualquer cadeira, sem lhe ir logo marrar, de chapa! Foi-se-me alterando a bilis, por graus firmes e seguros, e á proporção que se iam multiplicando as apalpadelas, descambei em fazer commentarios, pouco confessaveis, de mim para mim.

Até que finalmente, com um virulento accesso de irritação, protestei prescindir da peúga; pús-me a pé, e investi para a porta — segundo eu suppunha — eis que, de subito, difusa, espectral, me acho em confronto com a minha imagem, no espelho intacto. Tolheu-se-me a respiração, com o sobresalto; manifestou-se-me, aliás, que estava perdido e sem ter a minima ideia do sitio em que me achava. Quando tal percebi, incanzinei-me, a ponto, que tive que me sentar no chão, e deitar a mão ao que quer que era, para não aluir o tecto com a explosão das minhas opiniões.

Se acaso ali houvesse um espêlho, é possivel que tivesse ajudado a orientar-me; mas havia dois, e era o mesmo do que se fôssem um cento; e demais, occupavam dois sitios oppostos, de cada lado do quarto.

E eu a ver a difusa claridade das janélas, mas, nas condições de inversão em que me encontrava, estavam exactamente onde não deviam de estar, e assim, pois, em vez de me ajudar, muito mais concorriam a confundir-me.

No impeto de me pôr a pé, atirei ao chão um guarda-chuva; fez um estampido, tal qual um tiro de pistola, ao bater naquelle sobrado rijo, liso e virgem de alcatifa; ringí com os dentes; e sopeei a respiração — o Harris nem buliu, sequer. Ergui devagarinho e cautamente o guarda-chuva e encostei-o á parede, mas, assim que o larguei, escorregou-lhe o calcanhar e foi-se abaixo, com outra explosão. Encolhi-me todo, e púsme á escuta, um momento, com silenciosa furia — não houve novidade, tudo em absoluto socego. Com o maximo esmero, solicitude e cuidado, tornei mais uma vez a erguer o guarda-chuva, encolhi a mão, e elle ahi vae, outra vez.

Fui educado com decencia e carinho, e não obstante, a não serem a solemnidade e o pavôr, que me infundia a solidão daquella vastissima quadra, palpita-me que houvera soltado qualquer coisa, que nunca poderia figurar num manual de civilidade, sem lhe prejudicar a venda.

Se o meu podêr de raciocinio não se achasse absolutamente estancado pela estafa que apanhara, não era eu que jámais tentaria pôr a prumo um guarda-chuva, ás escuras, num daquelles sobrados allemães, lisos como vidro; ninguem é capaz de o conseguir, de dia, sem quatro estenderetes por um exito feliz. Valia-me uma consolação, ainda assim — o Harris, sem tugir nem mugir — nem sequer deu signal de si.

O guarda-chuva não me podia orientar — havia quatro, encostados ás paredes, no quarto, e todos semelhantes. Pareceu-me, pois, que poderia ir apalpando a parede, até dar com a porta. Pús-me a pé, e encetei a operação, mas preguei com um quadro em terra. Nem por isso era muito grande, mas fez uma terramotada nem que fôsse um panorama. O Harris não emittiu o minimo som, e eu a sentir que, se continuasse as experiencias com os quadros tinha a certeza de o acordar. O melhor era desistir de me ver dali para fóra. Sim! topava outra vez com a Tavola Redonda delrei Arthur — já a ti-

SILVA PORTO — Feira no minho

nha encontrado, mais de uma vez — e servir-me-ía como que de ponto de partida, na minha viagem de exploração em busca da cama; que eu, se topasse com ella, não deixaria, talvez, de encontrar o jarro; lograria estancar a ardente sede e enfiar-me em valle de lençoes. E lá fui indo outra vez de gatinhas, visto que assim podia ir mais depressa, e com mais confiança, tambem, sem pregar com coisa nenhuma no chão. Dali a pouco, encontrei a mêsa, com a testa — esfreguei o galo, um nadinha, pús-me a pé, com as mãos no ar e os dedos espalmados, para me equilibrar. — Tropecei numa cadeira; depois embiquei com a parede, e depois com um sofá, depois com um bordão de alpinista, depois com outro sofá. Atarantei-me de todo, — se eu estava persuadido de que não havia ali outro sofá! Tenteei caminho para a mêsa e meti noutra direcção; embiquei com mais meia duzia de cadeiras.

E agora, occorreu-me — o que já me devêra ter occorrido, isto é, que a mêsa era redonda, e portanto, de valor negativo como base de operações; assim, pois, tornei a meter-me ao caminho, á ventura, por entre aquella brenha de cadeiras e sofás — mas vagueei a esmo através de regiões infamiliarissimas, e a pouco espaço preguei com um castiçal, de cangalhas, de cima da prateleira do fogão; tataranhei para apanhar o castiçal, tombei um jarro, com um fragôr de caqueirada, e pensei de mim para comigo, «ora até que te encontrei — bem me parecia a mim que te tinha á mão de semear!» E o Harris a vociferar «assassinos, ladrões!» rematando com «Quem me accode, que morro afogado!»

O estampido acordara o hotel, em pêso. O senhor X investiu por ali dentro, em camisa de noite, talar, e de castiçal na mão, o joven Z, atrás delle, com outro castiçal; desfilou por outra porta outra procissão, com castiçaes e lanternas, o dono do hotel e dois hospedes allemães, em roupas nocturnas, e uma creada, em eguaes circunstancias.

Olhei em redor; achei-me ao pé do leito do Harris, a uma excursão domingueira do meu ninho de repoiso. Havia apenas um sofá, encostado á parede; havia só uma cadeira, em que uma alma christan pudesse embicar; — e eu a revolutear de roda da mesma, como qualquer planeta, e a collidir com ella, tal qual um cometa, toda a santa noite.

Expús a fórma porque empregara o meu tempo, e o motivo.

Depois, retirou-se o dono do hotel, e o sequito respectivo; e os restantes, e eu na conta, fômos tratando de nos paramentarmos para o almoço, visto que o dia estava prestes a romper.

Deitei o olho, de sorrate, para o meu pedómetro, e verifiquei ter andado quarenta e sete milhas. Mas não me inquietei; eu, no fim de contas, andava a gosar uma excursão pedestre.

Versão do inglês por MANOEL DE MACEDO.

O parlamento

Afim de se tratar da Constituição, abriu a camara dos deputados, e no momento em que escrevo, discute-se na especialidade o respectivo projecto.

A opinião de muitos, e entre elles o relactor o sr. dr. José de Castro, é que o projecto buscando agradar a todos, deu em resultado não agradar a ninguem.

Depois, houve uma abundancia referente á Constituição, e oxalá que de tantos, se consiga obter o que quer que seja de perduravel, com vida, porque enxertos não costumam, em politica, provar bem.

Mas as sessões na camara não teem corrido como seria para desejar, isto é, com a maxima serenidade.

Ha alli muito sangue novo, e a mocidade é sempre irreflectida, e realmente para discutir o codigo fundamental de um paiz necessita-se de sangue-frio, pesar bem todas as opiniões, e não se deixar, sob nenhuma fórma, desorientar nem perder o seu ponto de vista.

O momento que se atravessa é grave, o peor periodo para o actual regimen.

As nações estranjeiras não desfitam de nós os olhos, esperam que se approve a Constituição para reconhecerem a republica portugueza, qualquer desacerto, qualquer falta de tino, um excitamento de paixões, póde trazer consequencias perigosas.

Se todos se compenetrarem dos seus papeis, se não houver a pretensão da saliencia, de se derramarem ondas d'eloquencia, se á uma pensarem, mas a valer, no paiz, evidentemente a arvore plantada dará fructos, e tanto mais que se póde dizer que o grito é geral:

UMA SESSÃO DAS CONSTITUINTES

— Politica a menos, e trabalho ponderado é o que se deseja.

Para festejar este acontecimento, n'algumas ruas houve festejos e illuminações, mas a verdade é que a tudo continúa a presidir um mau gosto, que quasi não se chega a perceber.

Não vejo nada d'original, quando se tratava apenas de chamar um artista de valor — embora raros, ainda os ha — de o remunerar lindamente e entregar-lhe a execução de projectos que se confiam a creaturas inexperientes ou que são tudo quanto ha de mais incompetentes.

Manuel Gustavo

E' um brilhante artista, e bastava dizer que pertence á familia Bordallo Pinheiro, que no caricaturismo, na pintura, na medicina, tanto se tem distinguido, e, facto extraordinario, quasi sempre, quando os paes teem talento os filhos degeneram.

NA EXPOSIÇÃO DE MANUEL GUSTAVO

Não tem acontecido o que se tomou por axioma n'esta raça privilegiada, e é assim que Manuel Gustavo, um talento superior, evidenciando-se d'anno a anno, buscando vencer a rotina, inaugurou a sua quarta exposição em trabalhos de faiança.

Mas aqui, onde para as emprezas inuteis ha logo capital, onde todos como que teem uma enorme tendencia para perderem o que lhe custou ou a seus paes tanto trabalho a juntar, não ha maneira de convencer que se deve dar a mão a estes uteis emprehendimentos, e que fallecem tantas vezes devido á falta de dinheiro.

Pois quem tem ido a essas exposições — e console-se a rotina nacional porque provavelmente não mais as verá, visto que Manuel Gustavo se sente cansado d'essa lucta esteril, e de não ver afinal resultados praticos, a alma encheu-se-lhe de desanimo ante a falta de concorrencia, a ausencia d'estimulo, — vê que lá fóra não ha melhor.

E tudo se traduz n'este pequeno caso occorrido ha annos n'uma exposição.

Um endinheirado visita uma exposição de pintura; e pára ante um quadro emmoldurado.

Consulta o catalogo e lê 2$000 réis.

— Não é lá muito barato, mas a moldura vale.

Dirige-se para o adquirir, quando lhe objectam, com o melhor sorriso, que ha engano da parte do comprador, porque o custo é de 20$000 réis.

E o nosso homem, indignadissimo:

— Então o senhor julga que eu sou algum tolo? A moldura não custou mais de 2$500 réis. E como é em segunda mão...

Este é dos taes que nunca mais foi a uma exposição.

Sousa Bastos

Os leitores d'esta secção nada teem com os sentimentos que animam a pessoa que mensalmente se corresponde com elles por este meio; o seu dever é apenas transmittir-lhes os factos que entende registar n'este *magazine*, tirar illações, e nada mais.

Se o chronista está alegre, torna-se-lhes indifferente, se anda triste, não é cousa que os incommode, se um d'esses violentos ata-

ques de neurasthenia o assalta nada os levará a perder o appetite ou a tirar-lhes o somno.

Mas vendo-me hoje obrigado a noticiar mais um fallecimento, e infelizmente o mez dá sempre margem a que não consiga eximir-me a esta tarefa, o meu coração confrange-se como poucas vezes me tem acontecido, visto tratar-se d'um amigo dilecto.

Refiro-me a Sousa Bastos.

Não conheci nunca uma vida tão accidentada como a sua, nunca vi um homem possuindo hoje contos de réis, e mezes depois não ter um real; mas com a sua vastissma imaginação, os seus enormes recursos, conseguia immediatamente pôr-se ao lume d'agua.

Basta citar este exemplo.

O Theatro da Rua dos Condes inaugurara os seus espectaculos a 23 de dezembro de 1888 com uma allegoria de Baptista Machado, *Hontem e Hoje,* e a operetta em 2 actos, as *Duas Rainhas,* com musica de Luiz Dalhaunty.

Não se podia escolher nada de mais desastrado, e assim era uma empreza ao mar, constituida por Salvador Marques, um excellente caracter, e Casimiro d'Almeida, mas que pareciam uns inexprientes na pratica, quando Sousa Bastos se lembrou, afim de ver se attrahia publico, d'escrever a continuação d'um *vaudeville* que obtivera grande exito, intitulando-o o *Casamento da Nitouche.*

Concluiu-o e ensaiou-o em quinze dias, obtendo um grande exito, obstando a que a empreza fechasse as portas não solvendo os seus compromissos.

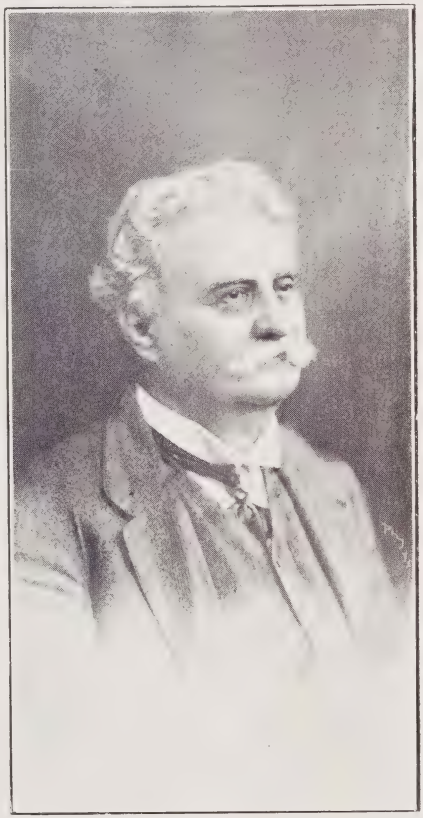
No sorriso de Sousa Bastos havia como que dobres funebres, por aquella cabeça intelligente perpassavam sombras de melancholia, n'aquella fronte elevada tocavam as azas da tristeza, como se no berço fosse embalado pela Dôr e pela Alegria, n'uma lucta, vindo afinal na vida a predominar um só d'esses sentimentos.

Nunca vi tantos, depois de o explorarem, fugirem do seu lado, suppondo que o tinham illudido, desconhecendo a bondade do seu coração.

O caracter de Sousa Bastos era frouxo, o que não lhe permittia conservar rancores, e a todos os serviços que prestou nunca acudiu a idéa como a um politico velhaco, que em seguida ao favor accrescentava:

— Agora espero que o meu amigo não se esqueça que se eu precisar alguma vez de si...

Ha quarenta e tantos annos atraz, Sousa Bastos foi alanceado por enorme desgosto.



SOUSA BASTOS

Alguem a quem elle queria, que constituia parte do seu ser, partira para Africa, uma viagem d'onde, devido á edade e ás circumstancias especiaes em que ia, não mais devia voltar.

Mas elle queria ver esse alguem.

Não se calcula os milagres que fez para alcançar o dinheiro com que podesse pagar uma passagem de 3.ª classe, e ao chegar lá, como elle beijou essa creatura, e as lagrimas que derramou, constituem sentimentos tão preciosos, prantos d'um tal valor,

que eu, relembrando-os, não conheço nenhum cofre digno de as encerrar, por maior que seja o seu trabalho de joalheria, por mais trabalhado que sejam os seus rendilhados, por maior preço que se dê á sua antiguidade...

E sobre este assumpto detenho-me, porque entendo que não me é licito avançar mais...

Foi emprezario, livreiro, editor, jornalista, auctor, traductor, fundou uma agencia d'annuncios—o verdadeiro homem dos sete officios.

Como editor, lembrou-se um dia, pela diminuta quantia de vinte réis, de fazer chegar aos assignantes d'uma empreza litteraria, diariamente, oito paginas d'um romance em quarto, a duas columnas, fornecendo-lhes bastante materia por preço diminuto.

Outra vez fundou a *Gazeta do Dia*, que dava quotidianamente aos seus leitores e annunciantes duas libras, extrahidas por meio de sorteio.

Passando no theatro o seu exito foram as revistas.

D. MARIA PIA

Apanhava os typos em flagrante, transplantava-os para a scena — e a verdade era que os interpretes para essas suas peças eram de primeira ordem e mesmo os maus convertiam-se em razoaveis — fazia a critica leve sobre os acontecimentos, punha de lado as grandes phrases e os palavrões d'effeito, e com inexgottavel humorismo, beliscava sem offender, criticava não ferindo, obrigando a franca gargalhada a despertar sã, sem o menor resaibo de doença contagiosa.

E ante os meus olhos perpassam, entre outras, *Coisas e Loisas... Tim Tim por Tim Tim... Tam Tam... Sal e Pimenta... A nove...*

Como lamento a sua morte, que pena tenho d'este homem que passou a vida a praticar o bem, a ser um perdulario, mas todo altruismo, e se teve inimigos, foram exactamente aquelles a quem elle mais beneficiou...

D. Maria Pia

Ao vê-la nas ruas de Turim, todos diriam que era uma sombra.

D. Maria Pia de Saboya curvada pelos annos, desventuras, recordações e tristeza incuravel, confrangia.

Ao entrar na Italia devia ter sentido uma punhalada agudissima no coração, e aos logares que com certeza o tempo não riscara da sua memoria, volveu os perspicazes olhos do pensamento.

Que de caminho percorrido, brilhante no principio, quanto sombrio depois! Em Lisboa echos de triumpho, acclamações da multidão, homenagens de subditos, a riqueza, tudo novo, tudo esplendido.

Mais tarde vem o desmoronamento, a cidade em revolta, a enorme angustia de sentir como se vae o poder por entre os dedos tremulos, a invasão do vencedor que sobe como a maré, a fuga d'aquella segunda patria, tudo desfeito entre sangue e polvora,

como um quadro de batalha theatral por detraz d'um panno de gaze negra.

Tanto luxo a hombrear com a dôr, tantas vezes aquelles olhos azues se afogaram em pranto, quantas não se desejou a humildade em vez da grandeza!

E a partir d'ahi a saudade que produz a morte, o sentimento de não encontrar um logar gratamente melancholico onde espancar um pouco a terrivel tristeza, o buscar afastar-se sem treguas de si mesma, e após vencida, occultando os cabellos brancos sob o louro simulado, as innumeras rugas sob cosmeticos, mas não podendo esconder os desgostos, regressou ao seu primitivo paiz, e onde com certeza ao entrar de novo, todas as pedras do palacio em que nascera se voltaram para ella como perguntando-lhe com ternura de mãe:

— Porque estás tão triste, minha filha? Tinhas-nos esquecido?

Se, como disse o poeta latino, a alma das cousas tambem choram, como devia ter chorado esse palacio, ao ver passar aquella sombra enlutada e curva!...

Leal da Camara

Encontra-se em Lisboa o distincto caricaturista Leal da Camara, que com o seu lapis revolucionario se viu obrigado a homisiar-se de Portugal.

Sahindo d'aqui occultamente, refugiou-se no estranjeiro, e lá conseguiu crear um nome, ser alguem, e no *Assiette au Beurre*, as suas caricaturas, obedecendo apenas á sua arte pessoal, grangearam-lhe uma fama que, se continuasse em Portugal, nunca obteria.

O ALMOÇO A LEAL DA CAMARA

E' caso para se dizer: *ha males que veem por bem.*

A sua exposição no Theatro Nacional tem sido concorrida, e Leal da Camara muito festejado.

Muitos dos seus admiradores offereceram-lhe um almoço, que teve apenas o defeito de não ser sufficientemente annunciado, porque bastantes gostariam d'alli ir prestar a sua homenagem ao talentoso — e o adjectivo póde applicar-se sem escrupulo, — caricaturista, não o tendo feito pelo motivo acima enunciado.

Carlos Reis

Foi nomeado director do Museu d'Arte Contemporanea, um artista distinctissimo, Carlos Reis, que exerceu com tanto relevo o cargo de director do Museu das Janellas Verdes.

Sendo um dos artistas mais estimados de Silva Porto, vimo-lo como pensionista do Estado, em Paris, em 1889, onde estudou, mas a valer e conscienciosamente, a sua arte.

E da sua obra vastissima recordarei um *Pôr do Sol,* e que nunca mais ninguem verá, porque se perdeu no naufragio do *Saint-André,* um retrato do Rei D. Carlos, e comprehendem bem os leitores que cito estes dois, ao acaso, para não alongar um artigo de simples notação.

As suas decorações no Bussaco, nos palacios Palmella, Valle Flôr, Julio Seixas, demonstram bem o seu altissimo valor.

Instituiu a Sociedade Silva Porto, e, entre outras recompensas, recebeu as medalhas d'ouro nas exposições de Dresde e de Barcelona, e a d'honra na Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

Foi uma escolha acertadissima, e das que se registam com o maior louvor.

As bebidas no verão

O regimen hygienico que se deve adoptar é assumpto de capital interesse para a saude.

A absorpção d'agua no organismo na epocha actual, se não se effectuar com moderação attendendo ao que a hygiene dispõe nos seus preceitos mais vulgares, accusará grandes perturbações no funccionamento do corpo humano.

Beber agua logo que se tenha sede, é prejudicial, sobre tudo para o apparelho digestivo.

A grande questão consiste em se fazer uso d'uma bebida que seja capaz, em certa quantidade, de mitigar a sede, de refrigerar o organismo e de diminuir a abundante secreção do suor, augmentando compensadamente a secreção da urina, e é com esse fim que se aconselha uma bebida altamente hygienica que conserva essas propriedades e que se prepara da seguinte fórma:

Tintura alcoolica de café, 8 grammas; essencia de limão, 10 gottas; cognac puro, 30 gr.; agua de flôr de laranja, 90 gr.; xarope de baunilha, 60 gr.

Enche-se uma colher de sobremesa e deita-se n'um copo d'agua fresca, tomando uma vez ao dia, de tarde, tres horas depois de comer.

E' uma bebida ao mesmo tempo agradavel e um excellente refrigerante e diuretico; com o seu uso diminue a sede e o suor, produzindo um bem estar geral.

Deviam os cafés adopta-la, e o seu consumo traria mais beneficios á saude que todos os refrescos que alli se vendem.

Attendam os seguintes preceitos:

Sem terem decorrido duas horas depois de comer não se deve beber agua nem nenhum outro liquido;

Para diminuir a sede basta humedecer as faces e gargarejar com agua;

Entre todos os refrescos o melhor é a cerveja, por ser um tonico e diuretico;

A gazosa e a orchata tambem se podem utilisar;

Os gelados e os sorvetes só são beneficos como refrigerantes e digestivos, se tomados após a comida;

Em seguida a comer fructas, pimentos, tomates, pepinos, não bebam mais do que vinho.

E eis a que se reduz o regimen hygienico das bebidas durante os mezes de verão e é crivel que os leitores agradeçam estas indicações, tanto mais que seguindo-as em nada se arrependerão.

PORTUGAL DA SILVA.

DEBILITADOS *por* **EXCESSOS** de forças physicas e musculares, **pessoas excessivamente NERVOSAS,** *curam se completamente com a* **Somatose** *em pó ou liquida (dôce ou secca)* **Vende-se** nas pharmacias e drogarias

Trindade

A peça actualmente em scena n'este theatro, *Gente Miuda,* constituiu um grande exito em Madrid.

Os que ultimamente estiveram n'aquella cidade contavam maravilhas, que nunca se tinha escripto nada tão interessante, que era um genero completamente novo, que se ia dar um outro impulso ao theatro hespanhol.

E' claro que para estes enthusiasmos, a pratica theatral serve de muito, e, assim, não me exaltaram os elogios, escutando os apenas com o sangue-frio habitual.

Porque, — e ainda hei-de tratar n'esta secção dos varios theatros da Europa, e das suas phases, das suas transformações, da maneira como o interpretam, demonstrando a claro a difficuldade que ha em trasladar tudo onde reside o regionalismo e quando se tem um theatro seu, como a Hespanha, é um erro desvirtua-lo.

Gente Miuda padece d'um grande defeito: o ser uma peça typica, que nunca se poderia adaptar a portuguez.

Mudar algumas personagens, transmittir-lhe a nossa descolorida acção, pôr typos que não teem aquella energia brilhante, viva, ardente, caracteristica da nação hespanhola, é um erro, e o paiz visinho, que tem os seus actores, que tem os seus auctores, que tem os seus maestros, — oxalá nós podessemos dizer o mesmo, — como que se enfastiou do seu reportorio tão interessante, tão cheio de côr, para explorar um genero em que tão descabido fica.

A verdade é que nunca uma peça hespanhola typica conseguiu agradar em portuguez.

Falta-nos tudo para interpretar as respectivas personagens, ignora-se em absoluto a maneira de lhes dar alma, e d'ahi, com a falta d'animação da comparsaria, com a ausencia d'interesse dos coristas, peças d'esse genero são sempre falhas.

E a tentativa tem sido sempre infructifera.

Recordo-me do insuccesso do *Duo da Africana,* da *Marcha de Cadiz,* d'uma comedia encantadora, *Genio Alegre,* e digam o que disserem, da *Manhã de Sol,* embora confiada a dois grandes artistas portuguezes.

Não ha outro remedio senão enveredar pela operetta franceza, e vamos lá pelas austriacas, sendo, porém, de receiar que o publico se sacie d'estas com mais rapidez do que as emprezas desejariam.

Coliseo dos Recreios

Funcciona actualmente n'este theatro uma companhia italiana, que tem variado os seus espectaculos e attrahido immensa concorrencia.

Alguns artistas são de valor, embora o comico abuse um tanto, como succede na *Viuva Alegre*, inda que o publico, na sua parte grosseira, goste. O reportorio é variado, alegre, e, além d'isso, aquella casa de espectaculos, com as melhorias que ultimamente alli se introduziram, converteu-se n'um magnifico local, onde se desconhece por completo o calor.

Theatro da Natureza

Assim o appellidaram os seus iniciadores em Portugal, e sinto muito dizer-lhes que é um erro, e de primeirissima ordem.

Theatro ao ar livre, concordaremos todos, agora chamar da natureza a uma scena onde vemos lonas pintadas, a um espectaculo dado á noite, é violar em demasia a nota.

Recitas d'aquella ordem são comprehensiveis no declinar da tarde, em que tudo em volta toma um aspecto diverso, em que o sol a pouco e pouco vae deixando de aquentar a terra, em que a folhagem assume um outro aspecto, em que o céo nos apresenta cambiantes diversas, em que tudo se conjuga para dar um aspecto novo ás cousas.

Mas merece-nos todo o applauso esta tentativa.

E' gente que busca sahir da rotina, que não se importou com umas criticas descaroaveis, porque se é facil o censurar, o difficil é produzir ou assimilar bem, e obedecendo a propositos que os frequentadores de theatro não desconhecem. O publico parece que comprehendeu a arrojada iniciativa, porque tem correspondido, indo ao Passeio da Estrella em grande numero e applaudindo o sympathico grupo d'artistas, que bem merecem que os coadjuvem nos seus honestos esforços.

Apollo

O sr. João Bastos imitou um *vaudeville*, que actualmente se representa n'este theatro, e que denominou *Fura-Bolos*.

E' uma peça alegre, um tanto livre, mas que se deve perdoar, attendendo ao enorme calor que, por vezes, temos atravessado.

A musica é do maestro Carlos Calderon, sendo o scenario d'Augusto Pina, Viegas e Machado.

No Theatro Nacional

Realisaram-se no theatro Nacional Almeida Garrett as provas d'exame dos alumnos do 3.º anno do curso dramatico do Conservatorio.

Assim, ouvi varias scenas das peças de Ibsen, Strindberg, Maëterlinck e Maximo Gorki, referentes ao *Peer Gynt*, á *Saga de Pedro o Afortunado*, á *Intrusa* e á *Escoria*, pelas alumnas Ilda Ferreira, Marina Rodrigues, Sara Lima, Beatriz d'Almeida, Justina de Magalhães e os alumnos Reynaldo Azevedo, Joaquim Almada, João Henriques, Othello de Carvalho e Felix do Amaral.

Quando estas provas praticas eram dadas no Conservatorio, o pequeno salão enchia-se... porque a entrada era gratuita, agora, com os logares pagos, a indifferença foi enorme, e o resultado da bilheteira um desastre, e tanto mais que os espectadores que assistiram a uma recita no mesmo genero, e em que se interpretaram os classicos portuguezes soffreram tão grande desapontamento, que a ausencia de publico era de prever.

* * *

Ha um artigo a fazer sobre theatro, attendendo á crise porque todos elles estão passando.

Na epocha finda os lucros das emprezas não foram para ninguem os invejar, e o que mais se accentua é a falta d'artistas, e bem evidente é que deu a fallencia nos dramaturgos, tanto nacionaes — tão poucos elles eram! — como nos estranjeiros.

Mas com maus artistas e com peças detestaveis, as exigencias d'aquelles foram n'um crescendo, e d'ahi ordenados hoje extraordinarios... e que na verdade não chegam para satisfazer as exigencias das *toilettes*.

Alexandre Dumas, filho, interrogado uma vez sobre a causa porque as mulheres de theatro não podiam ser honestas, respondeu

que era devido ao luxo com que se apresentavam em scena.

Realmente o auctor do *Demi-Monde*, da *Francillon*, da *Princeza George*, elle, que transplantou para o palco creaturas elegantes, d'alta sociedade, que deviam vestir primorosamente, podia falar assim . .

As emprezas estão sobrecarregadissimas: contribuições, sellos, alugueres, ordenados e falta de concorrencia, nem tantos factores seriam precisos para as arruinar.

Depois, o que entende que deve ir de graça ao theatro generalisou-se, dando em resultado que uma pessoa que não janta no Tavares, *porque não tem dinheiro*, entende que deve abusar da amizade ou do conhecimento que tem com um jornalista, para lhe pedir uma entrada de favor, visto *que não tem dinheiro* para gastar em divertimentos.

O Apollo, a Trindade e o Coliseo dos Recreios inauguraram esta epocha os seus espectaculos a meios preços, e parece que a tentativa não é para desprezar, porque as enchentes succedem-se, e realmente com bilhetes baratos não é muito facil pedir entradas gratuitas.

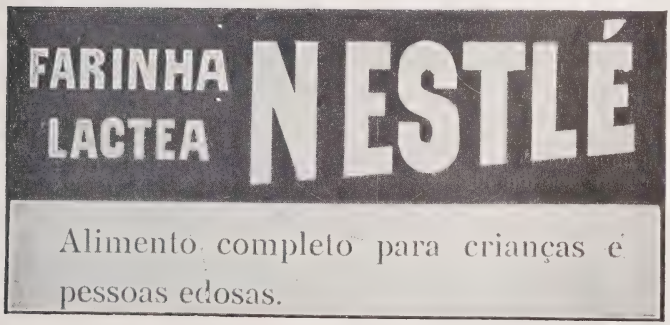
Creio que entre as soluções para resolver o problema theatral no futuro tem de se attender:

A condemnar desde já dois theatros que não se encontram em condições de funccionar e onde se dará, se não se attender este aviso, alguma hecatombe como a do Baquet: o Avenida e o Rua dos Condes;

Os artistas limitarem as suas ambições quanto aos ordenados, e o publico não exigir rigorosas *toilettes;*

E as emprezas reduzirem os preços dos logares, o que lhes dará um resultado superior ao que teem mantendo os habituaes.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Curiosidades do tempo

Duas autobiografias femininas

Publicaram ha pouco tempo as suas autobiografias duas grandes notabilidades femininas, uma europea e outra americana, de um grande humanitarismo ambas, uma nos seus escritos e propaganda, outra na sua acção social: Jane Adams e a baronêsa von Suttner.

Jane Adams é a mais notavel das mulheres americanas. Nem bella, nem rica, nem altamente collocada, não procurou a celebridade, que com ella veio têr. Modesta, retirada, simplicissima nas maneiras e no falar, tornou-se a «uncrowned queen» do mundo feminino americano.

Nasceu em 1857. Ainda muito pequena perdeu a mãe; era uma criancita doente, corcunda, descrita, quando contava seis annos, como feia, de pés tortos, obrigada pela curvatura das costas a andar com a cabeça toda inclinada a um lado. O pae era digno de tal filha, lavradôr simples, honesto, intelligente, altruista. Jane foi a mais nova de uma numerosa familia, sensitiva, emocional, de uma consciencia moral precoce, com uma intuição profetica das necessidades do futuro. Quando, com menos de 10 annos, viu as casas miseraveis da cidade proxima, parece têr tido a primeira noção do seu destino, perguntando insistentemente ao pae porque viviam assim aquellas pobres criaturas, e pensando que quando fôsse crescida teria talvez uma grande casa, não construida ao pé das outras casas, mas sim ao pé das pequeninas e mais escuras...

Quando cresceu, o seu alimento espiritual foram as obras de Carlyle, Ruskin, Browning, e o Novo Testamento. Fascinava-a um ideal de cultura, piedade e trabalho fisico que Port-Royal exemplificára melhor que qualquer outra seita. Em 1881 decidiu-se a estudar medicina e a ir vivêr entre os pobres, mas só em 1889 encontrou a sua real vocação. «Durante-a mór parte d'esse tempo estive espiritualmente desgovernada, só sentindo um grande desejo de um mundo verdadeiramente vivo, não me

JANE ADAMS

contentando com uma obscura reflexão intellectual ou estetica».

A historia de como encontrou a sua vocação é muitissimo interessante. A sua doença de espinha obrigou-a a estar de cama durante seis

mêses pouco depois de têr entrado para o Collegio feminino de medicina em Filadelfia. Feito o seu exame no primeiro anno, mandaram-na passar dois annos na Europa. Soffria extraordinariamente de neurastenia. Uma das mais pungentes das suas experiencias deu-se no East London, quando viu pela primeira vêz, á meia-noite, os casebres abarrotados dos bairros pobres da grande cidade.

Essa visão passou a sêr a sua preoccupação constante.

A Italia trouxe-lhe algum allivio moral e fisico.

Voltou para a America, onde foi baptisada aos vinte e cinco annos, entrando para a igreja presbiteriana. Fê-lo por uma granda aspiração a um simbolo exteriôr da união e fraternidade, e convicta de que a igreja christan era uma enorme força no sentido dos ideaes democraticos.

«Apesar de não consciente de qualquer conversão emocional, diz ella, impus-me todas as expressões exteriôres da vida religiosa com a maior humildade e sinceridade.»

Após dois annos de permanencia em Baltimore e Illinois voltou á Europa. Chegava no momento da greve dos operarios dos fosforos em Londres, e foi então a sua iniciação no mundo das *trade-unions*.

Sentiu-se depois alternadamente attraida pelos positivistas e pelos velhos católicos, escrevendo por essa epoca nos seus apontamentos a esperança de se realizar uma Catedral da humanidade bastante vasta para abrigar todos os homens de um commum proposito, e bastante bella para convencêr a todos a dedicarem-se á visão da solidariedade humana, — uma previsão do que haveria de sêr Hull House.

O impulso final que a lançou na sua carreira destinada foi o espectaculo de uma tourada em Hespanha. Caíra doente com uma sciatica em Roma, e após a convalescença na Riviera, veio parar a Madrid. Até ahi não falára a ninguem das vagas idéas que trazia em mente.

Era em abril de 1888. «Com grande surprêza e horrôr percebi que vira com relativa indifferença matar cinco touros e não sei quantos cavallos.» Os seus companheiros não puderam supportar o espectaculo, mas ella ficou até ao cabo, encarando a scena como um torneio.

Quando no fim os seus companheiros a increparam, não pensou muito no sanguinario da festa. «Mas á noite veio a inevitavel e natural reacção, e com grande tristeza me senti condemnada, não só por essa repugnante experiencia, mas tambem pelo estado moral que ella significava. Vi que me estava alheando da minha consciencia profunda no meio dos meus estudos e viagens.»

No dia seguinte tinha tomado a sua resolução, e quando foi visitar a Alhambra o plano tornara-se convincente e tangivel, posto que nebulôso ainda nos detalhes. Um mês depois estava em Londres visitando Toynbee Hall e o People's Palace. De volta a Chicago escolheu Hull House para ahi fundar a sua obra. Nesse velho edificio decidiu vivêr e «estabelecêr o centro de uma vida civica e social mais alta, instituir e mantêr emprezas de educação e filantropia, e investigar e melhorar as condições do mundo industrial de Chicago. Desde o principio se viu qne estavamos promptas a executar os serviços mais humildes. Pediam-nos para lavar os recemnascidos como para preparar os mortos para o funeral, tratar os doentes, dirigir as crianças».

Fizeram, ella e as suas companheiras, tudo isso e mais: tornaram Hull House um centro social para tudo que anima e illumina a vida. Fundaram clubs, bibliotecas, salas de leitura e museus de arte. Organizaram cooperativas, casas de hóspedes, gimnásios. Numa época em que chamar a um homem anarchista em Chicago era atira-lo á perdição, Hull House abria as suas portas hospitaleiras a todos os sonhadôres e a todos os réprobos do mundo. Todos os reformadôres encontraram em Hull House a sua Meca, um refugio onde pudessem abrigar-se e d'onde saiam com o ânimo refeito, a coragem renascida. E no meio de todos os seus multiformes trabalhos, Miss Adam era o confessôr, o amigo, a conselheira de todos os necessitados, consoladôra e guia. Ella e as suas coadjutôras estavam sempre promptas para todas as obras. Jane Adams pouco a pouco tornou-se um verdadeiro podêr, podendo dizêr-se que realizou em Hull House o seu antigo sonho de uma Catedral da Humanidade.

Emquanto Joanna Adams é uma democrata por convicção e nascimento, a outra mulher celebre que ha pouco publicou tambem a sua biografia, Bertha von Suttner, é uma aristocrata pelo seu nascimento e pelo seu matrimonio.

Filha do Conde Kinsky, foi a leitura das obras de Spencer, Buckle e Hodgson Pratt que abriu o seu espirito á causa pacifista. Começou por sonhar em pequenina que seria noiva de Francisco José. Passou-lhe a mania quando este casou com Isabel. Depois apaixonou-se por um rapaz que lhe não correspondia a essa paixão. A primeira proposta de casamento foi-lhe feita aos 13 annos. Aos desasete esteve para casar com um milionario já entrado em annos, projecto que elle desfez. Apaixonou-se depois por um principe do Caucaso, mas essa idea tambem não proseguiu. Dedicou-se então ao canto, na esperança de vir a sêr uma prima-donna, apaixonando-se pelo principe Wittgenstein com quem estudava musica. O principe morreu quando estavam noivos. A mãe jogou tudo quanto tinha, e Bertha foi ganhar a sua vida, acceitando um logar em casa dos Von Suttner. Bertha e o joven barão apaixonaram-se um pelo outro. A mãe do barão oppôs-se ao casamento, decidindo-se Bertha a ir como secretaria e governanta para casa do celebre Alfredo Nobel, fundadôr dos premios conhecidos por todos. Por pouco tempo, comtudo, porque os namorados resolveram unir-se e fugirem, vivendo desde então bastante felizes. Eram muito pobres, mas tinham amigos no Caucaso, onde ella ganhou alguma cousa com os seus escritos, até que alguns annos depois a familia Sut-

tner perdoou, voltando os jovens para a casa da familia em Harmanstadt.

Durante todos esses annos, apesar de contemporanea das guerras italiana, dinamarquêsa, austriaca, francêsa, não se interessou por ellas. E' curioso que uma mulher destinada a sêr tão celebre pela sua acção na cruzada pacifista, vivesse até aos quarenta annos absolutamente alheia ao assumpto que tão em destaque a collocaria. A idéa acordou no seu espirito quando soube que havia homens no mundo que olhavam a guerra como um mal que era preciso a todo o transe combatêr. Um amigo disse-lhe um dia casualmente que Hodgson Pratt fundára em Londres uma Associação da Paz. Indagou interessadamente do fenomeno, dedicando-lhe um capitulo num dos seus li-

BARONESA VON SUTTNER

vros. Já nesse tempo os seus livros eram apreciados, escrevendo ella com udo anonimamente, pelo que os attribuiam geralmente a um homem. Um d'elles mesmo foi attribuido a Max Nordau. Subitamente principiou a escrevêr o seu romance *Abaixo as armas*, conhecido hoje no mundo inteiro. «Queria servir a Liga da Paz, diz ella, e como melhor do que escrevendo um livro que propagasse as suas ideas?»

Difficilmente encontrou quem lh'o editasse. Andou o manuscrito de Herodes para Pilatos, recusando-o todos. Um editôr declarou-lhe que o acceitaria se supprimisse todas as passagens que atacavam o militarismo. Por fim encontrou um homem que ousou acceitar a obra: o exito foi immediato e universal.

A passagem mais interessante da sua autobiografia é talvez a que descreve as suas relações e a sua amizade com Nobel, que culminaram a quando a instituição dos premios. O começo d'essa amizade foi curioso. Bertha estava desesperada pela impossibilidade do seu casamento com o barão. A mãe d'este, na esperança de a affastar, chamou-lhe a attenção para o seguinte annuncio de um jornal: «Cavalheiro rico, culto, e já edoso, deseja encontrar uma senhora tambem não nova, que saiba linguas, para sua secretária e governanta.»

Ella respondeu. O homem rico era Alfredo Nobel. Sobre elle escreve a autôra: «Falar com Nobel sobre o Universo e a humanidade, sobre a arte e a vida, sobre os problemas do tempo e da eternidade era um intenso goso intellectual. Estava cheio de fé no ideal abstracto de uma futura humanidade mais alta, quando os homens viessem ao mundo com uns cerebros melhor desenvolvidos, — mas repleto de desgosto, e desconfiança pela maioria dos seus contemporâneos, pois conhecêra muitos caracteres baixos, egoistas, insinceros. Desconfiava de si mesmo, e era excessivamente acanhado. Achava-se repulsivo, julgando-se incapaz de inspirar sentimentos de simpatia».

Depois da publicação do romance *Abaixo as armas* escrevia Nobel á baronèza: «Acabo de lêr a sua admiravel obra-prima. Dizem-nos que ha duas mil linguas: portanto mil novecentas e noventa e nove a mais. Mas certamente nenhuma ha em que não devesse sêr traduzido, lido e estudado o seu maravilhoso trabalho.

Quanto tempo levou a escrevêr essa maravilha? Dir-me-á na proxima vez que eu tiver a honra e felicidade de apertar essa mão de amazona que tão valentemente faz a guerra á guerra».

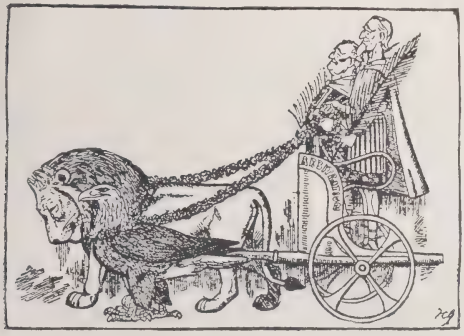
Cinco annos antes (1885) escrevêra-lhe: «Que lhe direi de mim, — naufrago da mocidade, da alegria, da esperança? Coração vazio cujo inventario é uma pagina branca, — ou cinzenta?»

Em 1891 Nobel felicitava-a pela sua campanha contra «esse horrôr dos horrôres», e aventava as seguintes ideas: «Seria demasiado pedir, por exemplo, que por um anno os governos europeus se compromettessem a submetter a um tribunal, qualquer difficuldade que se levantasse entre elles; ou, se se recusassem a dar esse passo, a addiar todo e qualquer acto de hostilidade até que expirasse o periodo estipulado? E, suppondo que uma questão grave se levantasse, não pensa que nove vezes em cada dez ella se resolveria durante o armisticio obrigatorio que elles teriam de respeitar?»

Em 1892 Nobel veio ao Congresso da Paz em Berne. Aberto o Congresso a Baronêsa e seu marido visitaram Nobel em Zurich. Ella sustentava então numa revista a causa da paz, e promettia enviar-lh'a com outras publicações, para lhe dar não só informações mas enthusiasmo. Nobel respondeu: «Muito bem, procure fazê-lo. Nada aprecio mais do que sêr capaz de sentir enthusiasmo, uma capacidade que a minha experiencia da vida e os meus semelhantes os homens muitissimo enfraqueceram.» Fa-

lando da maneira como a guerra poderia acabar dizia:

«Talvez as minhas fabricas deem fim á guerra mais depressa que os vossos Congressos; no



A MARCHA DA PAZ

(Westminster Gazette.)

dia em que dois corpos de exercito puderem anniquilar-se mutuamente em um segundo, talvez todas as nações recuem com horrôr e licenceiem as suas tropas.»

Foi nessa visita em Zurich que Nobel pronunciou pela primeira vez a idea de um premio de paz. «Gostaria de consagrar uma parte da minha fortuna, disse elle, á fundação de um premio a sêr concedido todos os cinco annos, — por seis vèzes, porque se em trinta annos os homens não tiverem conseguido reformar o presente sistema, terão infallivelmente caído na barbaría. O premio seria concedido áquelle ou áquella que tivesse levado a Europa a um maior passo no sentido das ideas da pacificação universal. Não tenho falado propriamente do desarmamento, que só se poderá obter muito lentamente, nem da arbitragem obrigatoria entre as nações. Mas o resultado que tenho em

Com estes dois em sentinella da paz os outros todos terão de estar quietos.

(Minneapolis Journal.)

vista conseguir-se-a cêdo, — quero dizêr, que todos os Estados concordem solidariamente em atacar o primeiro aggressôr. Então as guerras ter-se-ão tornado impossiveis. E o resultado será forçar ainda o mais contencioso Estado a recorrêr a um tribunal ou a conservar-se quieto. Se a Triplice Alliança, em logar de compreendêr sómente três Estados os incluisse a todos, a paz estaria por todos os seculos assegurada.»

A Baronêsa conservou Nobel sempre ao corrente dos progressos do movimento pacifista. Na sua ultima carta para ella, datada de 21 de Novembro de 1896, escrevia-lhe: «Estou encantado de vêr como o movimento ganhou terreno. E isso devido á civilização das massas, e principalmente aos destruidôres dos preconceitos, entre os quaes tem tão alto logar.»

Alfredo Nobel morreu a 12 do mês seguinte. Foi enviada á Baronêsa uma copia do testamento, e imagine-se a sua satisfação ao sabêr que elle deixára um quinto da sua enorme for-

O ISOLAMENTO DA AUSTRIA

(Pasquino, Turim.)

tuna para o estabelecimento de um premio annual a sêr concedido «ao homem ou mulher que trabalhasse com mais efficiencia para a fraternização da humanidade, a diminuição dos exercitos e a promoção de Congressos de Paz.» A Baronêsa viu a bella colheita da semente que lançara: se não fôra ella não haveria o premio da paz de Nobel.

Em 1905 era-lhe concedido o premio — tardio reconhecimento do valôr da sua obra.

De então até hoje não tem ella arrefecido. Com inabalavel perseverança, acompanhando a vanguarda da cruzada humanitária, assistiu ás conferencias da Haya, a quasi todos os congressos da paz que se realizaram na Europa, e visitou a America, onde a sua autobiografia foi agora tambem publicada em traducção inglêsa.

Mais do que nunca, a mulher pode hoje representar um papel importantissimo no movimento civilizadôr; mais do que nunca as suas qualidades são utilizaveis no periodo critico em que as sociedades vão entrando; — e como poucas excellentemente o comprehenderam Jane Adams e a baronêsa Von Suttner, a autora de *Abaixo as armas* e a fundadora de Hull House.

O feminismo no Japão

O feminismo faz no Japão importantes progressos. O movimento começou por volta de 1870. As jovens japonêsas começaram então a ir estudar para os Estados-Unidos, onde se contam annualmente mais de 5:000 raparigas estudantes japonêsas. De volta á patria dedicam-se principalmente ás letras. E crevem para grande numero de jornaes e revistas, e teem um periodico especial *O seculo XX*, que é o orgão do partido feminino avançado e reclama para a mulher liberdades juridicas e o direito de voto.

A vida em Marrocos

O visitante de Tanger pode muito bem nada vêr que não seja plenamente europeu. Os guias indigenas são profundamente europeizados, os hoteis todos modernos, as pessôas de alguma importancia todas sob a protecção de algum governo europeu, isto é, livres de sêrem presas, torturadas, despojadas de tudo que possuirem por algum cobradôr de impostos. Mas um passeio de 40 milhas para Tetuão leva-nos para um ambiente completamente mouro.

Diz um padre inglês que um franco pode ahi livrar da fome durante um mês uma das mil e cem crianças mouras que a peste e as depredações do governo deixaram a cargo d'elle. Morrem aos centos, porque em Marrocos não ha ninguem para combater as epidemias e a fome, e restringir as naturaes tendencias das tribus guerreiras e do governo a saquearem o territorio. Claro que essas crianças crescem sem amparo, e quande mais tarde começam a ganhar a vida como agricultôres ou commerciantes a sua ambição não é amontoar riquêzas (nos de baixa origem) mas simplesmente evitarem o morrer á fome. A sorte é invariavel: em um anno a sua loja ou o seu campo são saqueados por uma incursão tribal; em outro é igualmente assaltado por uma calamidade natural que, como a primeira, ninguem encontra que a procure evitar; outro anno, cae-lhe em cima algum sujeito bastante rico para peitar os juizes; outro anno traz-lhe um poucochinho de prosperidade que, descoberta pelo governante local, torna o seu estado mais miseravel ainda. O governante comprou o seu logar, que mantem até que ao sultão convenha vendê-lo a outro: portanto tem de fazêr e esconder rapidamente o seu peculio. Vende a propriedade do nosso amigo, mete-o na prisão até que elle largue para ali

GUILHERME: — Quando vocês estiverem embrulhadas será tempo de eu affirmar os meus direitos!

(Pasquino, Turim.)

A DIPLOMACIA A' FRANÇA: — Está-se tornando pletorica, Marianna; deve tomar alguns saes de Marrocos.

(Pasquino, Turim.)

o ultimo ceitil. De resto, um dia a tortura levará esse mesmo dinheiro das mãos do governante para as do sultão.

O caracteristico da vida marroquina não é a incerteza da propriedade, mas a certeza da espoliação. Ninguem trabalha, porque ninguem tiraria disso outra vantagem que não fosse o sêr torturado e roubado. A mendicidade é o melhor estado, e a protecção estrangeira o ideal de todos.

Vida na Sciencia e na Industria

Os poços de petroleo na California

De onde procederão os jactos de petróleo das regiões petroliferas? Quanto tempo continuarão a correr esses mananciaes, que fizeram a fortuna de muitos e a ruina de não poucos? O problema está inquietando profundamente os commerciantes de petroleo californianos.

Muitos poderão proclamar os seus poços praticamente inexauriveis. Mas não teem a certeza d'isso, e ninguem a pode têr. Não ha duvida de que todos os jactos dos grandes campos da California estão sobre a mesma fonte subterranea. Mas é de extrema difficuldade para os geologos o certificarem-se da exacta natureza e extensão da camada geologica que encerra e d'onde brota o petroleo. Este poderá percorrêr, antes de chegar aos poços, centenas de kilómetros. Por seu lado os engenheiros preoccupam-se com outro problema: o determinar a quantidade de petroleo que deverá sêr explorada, pois a grandissima fonte obriga a despezas enormes de exploração, de armazem, de embarque, e ainda de seguro contra o fogo, perigo imminente e reconhecido.

Um outro problema importantissimo é o da collocação do petroleo. Apesar de um dos jactos têr fornecido mais de 700 mil libras de liquido, de que se armazenou grande parte, a Companhia ainda não distribuiu dividendo, pois o enormissimo caudal, inteiramente inesperado, antecipou-se a quaesquer combinações mercantís que se poderiam têr realizado. A producção d'esse poço está em mais de 100 mil libras de armazenagem, transporte e conservação. Tem 12 metros na bôca, e o petroleo sáe como um *geyser* impetuoso.

Entre as varias teorias sobre a fonte mencionaremos a de Morsehead, que a julga influenciada directamente pelas aguas do Oceano, que está a umas 60 milhas de distancia, mas que poderá com ella communicar por canaes subterrâneos. Effectivamente, o jacto varia em intensidade com as marés. Outras auctoridades, porém, contestam esta teoria, dizendo que a mesma causa que produz as marés pode occasionar o levantamento e abaixamento de um grande lago subterrâneo de petroleo. Segundo alguns engenheiros o jôrro dá vazão a um pôço alimentado por pequeninas correntes muito extensas, podendo as origens estar muito longe do ponto de afloramento; segundo outros o petroleo forma uma corrente arteziana, e jaz a grande profundidade sobre um lençol de agua, de forma que quando se tiver esgotado completamente será seguido de um enorme jacto de agua simples.

Esta teoria approxima-se da de Morsehead. O facto é que o poço já lançou dentes que parecem de tubarão e foseis da era terciária.

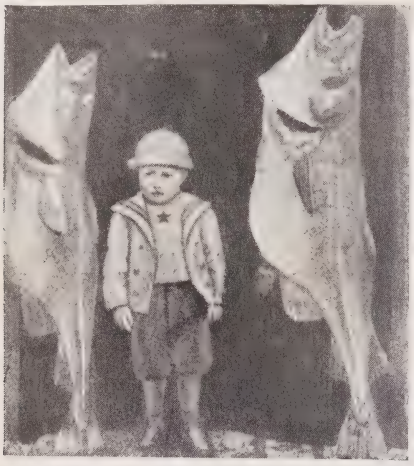
Effeitos da electricidade nos rebanhos de carneiros

Varias experiencias feitas pelo professor Wentworth, um especialista californiano, demonstram os extraordinarios effeitos da electricidade sobre as culturas e os rebanhos. No anno passado provou-se que duplicou o numero de nascimentos e augmentou consideravelmente a quantidade de lan obtida, em virtude dessa influencia. No seu campo de experiencias em Tyler Place Roseville (California) o professôr dividiu um rebanho de duas mil cabeças, mandando metade para campos que estavam sob a influencia dos fios da grande Companhia de Electricidade do Oeste, e conservando a outra metade em sitio fóra de qualquer influencia electrica. Nos primeiros campos obteve-se uma media de mais de dois cordeiros para cada ovelha, e no segundo uma media de menos de um. Semelhantes differenças declara o prof. Wendworth que se notaram na lan tosquiada. A do primeiro rebanho pesava mais vinte por cento que a do segundo.

Estão-se preparando ambos os campos para a cultura da aveia, augmentando-se ainda a intensidade da corrente electrica. Segundo o professôr ha todas as razões para crêr que a colheita do campo electrizado será dupla da do outro. Estas experiencias estão sendo seguidas com o maior interesse pelos agricultôres e commerciantes da California, bem como pelos scientistas e pelo publico em geral. Já varias experiencias se tinham feito nestes ultimos tempos para determinar a influencia da electricidade sobre as plantas, mas o professôr Wentworth foi o primeiro a descobrir os seus curiosos effeitos sobre os animaes.

Tres gigantescos animaes marinhos

Mostram as nossas duas gravuras juntas tres gigantescos habitantes do oceano. Na primeira vemos um rapazinho entre dois respeitaveis bacalhaus, tidos como os maiores pescados até hoje. O da direita mediu 1m,70 de comprimento pesando



DOIS BACALHAUS GIGANTES

nada menos que 27 kilos; ambos foram pescados nas aguas de Battle Harbour, na costa do Lavradôr, por pescadores da Terra Nova.

UM GIGANTESCO CARANGUEJO

A segunda gravura mostra um caranguejo japonês que mede 4 metros de extremo a extremo das suas patas. O corpo tem 30 centimetros de largura. A especie encontra-se perto das costas japonèsas, algumas vezes a uma profundidade de 300 metros.

A proposito de caranguejos do Japão, lembremos os originaes caranguejos de Dan-No-Ura, de que tão interessantemente falou aos nossos leitores o illustre autôr dos *Traços do Extremo-Oriente* nos *Serões* de fevereiro d'este anno (pag. 101).

Vida na arte

Schubert e Gœthe

Escrevendo numa revista inglêsa sobre Schubert, Mr. Basil de Selincourt diz que Schubert seguiu Gœthe o mais que um musico pode seguir um poeta, e que entre umas cincoenta das suas peças das quaes a letra é de Gœthe, pelo menos umas vinte são consummadas obras-primas. No lirismo amorôso e no lirismo naturista Schubert iguala a exactidão e a envergadura de sentimento do poeta. Tratando outros temas de Gœthe a replica de Schubert é igualmente rica, e a musica do rei de Thule, diz Selincourt, e mais pungente e apaixonada do que a poesia de Gœthe.

Interessante descoberta em Corfu

Sob a direcção do sr. Doerpfeld, encarregado de missão pelo imperador da Allemanha, foram feitas importantes pesquizas na acrópole de Corfu, pesquizas que trouxeram a lume belas esculturas coloridas de um templo a Apolo datando do VI seculo antes de Jesus Christo. Estas esculturas são do maior interesse para a historia da arte.

Um grupo central representa Perseu degolando a górgona Medusa, de cujo sangue nasce o Pégaso. A Medusa apresenta a particularidade de sêr enorme em proporção com o heroe e o cavallo.

Serões das senhôras

Chronica da moda

Um encanto particular se desprende nesta quadra do anno, em que a atmosphera dourada pelos raios do sol forma um quadro deslumbrante para a elegancia e para a graça feminina.

As cassas, as musselinas, as gazes, as nanzouks e os *linons*, são finalmente toda essa variedade de tecidos leves e vaporosos, que reinam em toda a sua belleza e com todo o fugôr, por essas praias, thermas e campos para onde se refugia a sociedade elegante, para se divertir e se tratar.

Os bordados são o supremo chic e estão largamente em evidencia, sendo applicados sob varias formas, em vestidos, como indicam duas das nossas gravuras.

As rendas nunca estiveram tanto em realce, apresentando muita novidade alguns modelos de cabeções, fichus, *jabots* todos confeccionados de lindas rendas valencianas de *torchon*, de crochet, etc.

A predilecção pelos tecidos de riscas pretas e brancas continua invariavel, e com tendencia a persistir por algum tempo ainda.

Os vestidos de taffettá e de *moirée* surgem novamente depois de terem estado um pouco em decadencia. Serão estes os tecidos procurados para as *toilettes* de outomno; por ora são os linhos de côr e os *voiles* que dão toda a nota de leveza e frescura que o estio requer.

As saias continuam com o corte de macho á frente e atraz, sendo os pannos dos lados lisos; outras porém já trazem algumas pregas para as favorecer em largura.

Em todas as *toilettes* se nota uma mistura de qualquer côr viva para lhes dar um certo realce. O vermelho encarniçado, o verde, e o *vieil or* são tons que se prestam sobre a maioria dos tecidos, e que ligam bem com a maior parte das côres.

O preto é no entanto o que dá a nota de mais distincção, quando introduzido em qualquer vestido, casaco ou chapeu, e que fica sempre em harmonia.

A sarja é sempre usada para vestidos *tailleurs*, e terá tambem grande moda para o proximo outomno. Para os vestidos *tailleurs*, a mais completa simplicidade nos feitios, é sempre o caracteristico meio attractivo da mais completa distincção. Os casacos continuam sobre o curto, e guarnecidos na gola e nos canhões por qualquer especie de renda.

Para as bluzas a forma japoneza está sendo cada vez mais introduzida.

Os galões entrançados estão sendo novamente usados para guarnição de vestidos. Os botões oxydados são tambem um enfeite muito moderno e que só por si dão um certo realce a qualquer vestido *tailleur;* outra qualidade de botões tambem de novidade são em ambar defumado, outros ainda de esmalte preto e que ficam sempre bem em qualquer vestido de côr, principalmente azul escuro.

Uma manifestação da moderna elegancia são os sapatos

de côr de linho, ou de suede. A côr cinzenta é extremamente chic, posto que já um pouco mais vulgar. Em geral, a novidade consiste na côr do sapato igual á do vestido, ou a qualquer enfeite deste.

Duas das nossas gravuras representam a forma de applicar os largos bordados que são a maior novidade da presente estação. O vestido é formado na parte inferior do corpo e superior da saia pelo bordado. As mangas a parte superior do corpo e a segunda saia são feitas de cambraia fina com preguinhas e entremeios *valencianos*.

Como se vê, são de uma inteira simplicidade tanto o vestido como a bluza, mas não ha *toilette* mais mimosa e fresca para qualquer praia. O vestido é completado por uma fita de veludo preto em volta da cintura, tendo as pontas cahidas atraz. Poder-se-ha variar, substituindo a fita preta por uma de côr.

A nossa 3.ª gravura representa um vestido de setim *eolienne, popeline* de *soie*, ou *crepe* da China, porque qualquer destes tecidos se presta á sua confecção. O corpo de forma japoneza é aberto á frente deixando vêr um peitilho de largo bordado estylo oriental, sendo as mangas guarnecidas do mesmo bordado. A *guimpe* deve ser feita de *filet* dourado.

A saia forma um avental á frente, levemente franzido e findando por entremeio bordado, egual ao das mangas. Na cintura um grosso cordão de seda.

Finalmente damos um modelo de um chapeu de palha tagal, tendo a aba forrada por dentro de velludo preto, e sendo apenas enfeitado por elegantes laçadas de fita e fivela formada de flôrsinhas meudas, e que pela gravura se poderá copiar facilmente, visto tão simples ser a sua execução.

Vade-mecum da mulher

Toda a mulher, mesmo a mais rica, deve dedicar-se ao culto da simplicidade, tanto pelo lado da estetica como pelo da economia que, só por si, conjura a ruina, a desgraça, e... muitas vezes a deshonra.

Acostumemo-nos a apreciar as côres suaves, o branco e o preto, que são sempre duraveis; a preferir sempre as formas simples, os enfeites sobrios, e graças a esta nobre e altiva simplicidade, nunca nos succederá ser humilhada pela riqueza e pelo luxo, nem jámais nos tornaremos ridiculas.

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE.**

Não é pelo sentimento e pela comprehensão do bello que a mulher obedece variando continuadamente a sua *toilette;* é pelo contrario, por um espirito de futilidade, uma inconstancia, — o que lhe faz merecer a designação de frivola, e o desdem dos filosofos.

Nada denuncia tanto a nossa pobresa como os vãos esforços que fazemos para mostrar uma riqueza que não possuimos.

Nada nos torna tão respeitadas pelas pessôas de bem, (as unicas cuja opinião devemos apreciar), como a franqueza da nossa vida, e o despreso de falsas ostentações.

A mulher intelligente não se limita aos encantos do seu vestuario. Ella deve cultivar tambem o seu fisico: mesmo trabalhando, póde conservar as suas mãos delicadas, cuidar um pouco no seu cabello, pensar na conservação dos seus dentes; e pelo exercicio, e por um regimen dietetico apropriado, impedir a deformação do seu corpo, quer tornando-se pesada e grosseira, quer excessivamente delgada.

Não que a mulher pense em tudo isto como objecto principal da sua vida, mas, pensando assim, ella cumpre um dos seus deveres humanos.

Os exaggeros da moda, fazendo desapparecer completamente a graça feminina sob os atavios de uma pura convenção, despojam-na do seu maior encanto.

Nenhum vestido se adapta tão bem a uma mulher como o que é feito por ella propria.

A natureza pôz nos dedos da mulher uma arte encantadora, que ella tem por instincto, uma arte tão puramente sua, como a seda é para o bicho de seda, ou a teia é para a ligeira e fina aranha.

O espirito da simplicidade não é um dom que se herda, mas sim o resultado de uma conquista laboriosa.

A mulher japoneza

E' graciosa a mulher japoneza?

Eis uma pergunta que terá varias opiniões, havendo, no emtanto, quem affirme que não ha figura mais perfeita, nem mais graciosa, do que a delicada figura das raparigas do Extremo Oriente.

As creanças attingindo a edade dos quatorze annos, ou quando já tenham o desenvolvimento pleno, são verdadeiros modelos de symetria. Chegadas, porém, a essa edade, começam a ligar fortemente os seus vestuarios em volta dos quadris, impedindo-lhes quasi os movimentos, no intuito de interromper todo o desenvolvimento.

Entre as classes pobres, augmentam a deformidade, obrigando as creanças desde

tenra edade, a carregar fardos sobre as costas, sendo estes seguros por meio de umas largas correias, que passam sobre os hombros, e atravessam á frente.

Quando uma rapariga japoneza attinge a edade dos dezeseis annos sem progresso de deformação, é um caso tão pouco natural, que cáe no desagrado em tudo, excepto quando tem uma fina educação.

Com a edade porém, tornam-se novamente tão graciosas, que não ha quem tenha uma expressão mais dôce nem mais suave do que uma japoneza de cabellos brancos. Um constante sorriso de felicidade lhes illumina o rosto, porque são sempre muito queridas e respeitadas pelos novos.

Seja qual fôr a sua condição, ella sabe sempre insinuar-se, e suggerir a idéa de pertencer á mais alta nobreza.

Gelados, sorvetes e refrescos

N'estes dias de calor insupportavel, nada se torna tão apreciavel como um agradavel refresco ou uma sobremesa gelada.

As seguintes receitas, além de faceis, são tambem pouco dispendiosas.

Limonada

Fervem-se dois copos d'agua com 250 grammas de assucar, de fórma a ficar um xarope. Vasa-se esse liquido por cima das cascas de seis limões, deixando-as de môlho durante duas horas. Em seguida junta-se-lhe o summo esprimido dos limões e quatro copos de agua. Côa-se tudo por um panno fino, e serve-se por uma caneca. Esta porção dará para quatorze copos. Deitando-se-lhe um pouco de gelo, será preferivel.

Gelado de morangos

Tenha-se meio kilo de morangos, e depois de se lhes tirar o pé, esmaguem-se dentro de uma tigela, até ficar como uma pasta; passe-se por um passador, e em seguida, junte-se-lhe duzentas e cincoenta grammas de assucar, o sumo de um limão, e uns pingos de cochonilla para avivar a côr. Dissolvem-se tres folhas de gelatina em dois copos de agua, e uma vez dissolvidas, junte-se-lhes a massa dos morangos. Estando quasi gelado, deita-se-lhe um copo de qualquer licôr, e deixa-se acabar de gelar.

Serve-se em pratinhos ou copos de vidro.

Gelado de bananas

Descascam-se e esmagam-se dez bananas, espreme-se bem todo o summo de duas laranjas, adoça-se ao gôsto da pessoa. Gela-se ligeiramente, e juntam-se-lhe duas claras de ovo bem batidas, com um pouco de assucar. Torna-se a gelar, mas sem ficar muito duro.

Serve-se n'um prato de vidro.

Ponche Romano

Corta-se em tiras finas, a superficie da casca de 4 limões, deitando-as para dentro de uma tigela.

Fervem-se dois copos de agua com meio kilo de assucar, e, ainda a ferver, vasa-se para dentro da tigela onde estão as cascas. Juntam-se-lhe tres folhas de gelatina préviamente dissolvidas em um pouco de agua, e o summo de seis limões.

Quando estiver quasi gelado, junta-se-lhe dois copinhos de rhum, e deixa-se acabar de gelar. Serve-se em copos.

Receitas uteis

Para fortificar o cabello e torna-lo solto, esfregar o casco duas ou tres vezes por semana com a seguinte loção: Agua de colonia 30 grammas, espirito de vinho rectificado 60 grammas, bicarbonato de soda 15 grammas, agua distillada 180 grammas.

Aquecendo o limão antes de o espremer obtem-se muito maior porção de summo.

Para as pessoas que tem a pelle lustrosa, recommenda-se a lavagem com sabonete de borax.

Pensamentos

A simplicidade é para a vida uma carta de seguro contra o infortunio.

C. Wagner.

Os livros são para a mocidade um guia, e para a velhice uma distracção.

Jérémy Collier.

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ié qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Poe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol — Lindacutis — Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

N.º 75
SETEMBRO 1911

SERÕES

MUSEU D'ARTE — Leonardo da Vinci (1452-1519). Escola italiana — A Gioconda

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, [illegible]

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

RETRATO DE MADAME VIGEE
(Frontispicio) 162

FLORENÇA A AMOROSA
(1 vinheta e 5 illustrações) por JUSTINO DE MONTALVÃO 163

OS MOLEIROS
(8 illustrações) por ALFREDO GUIMARÃES 173

O PORTO
(9 illustrações) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR. 179

ARTE PORTUGUÊSA *(Illustrações)*
Na arribana — SILVA PORTO 187
Conduzindo o gado (Ribatejo) — SILVA PORTO 196

VISÃO DE DEUS
Versos por AUGUSTO CASIMIRO 188

O THEATRO DA NATUREZA
(8 illustrações) por VICTOR RIBEIRO 190

UM DIA EM S. JULIÃO DA BARRA
(7 illustrações) por MAXIMILIANO DE AZEVEDO 197

O NOSSO INIMIGO: O ALFERES
(7 caricaturas) por JOSÉ FRANCEZ 205

A CATADUPA ARDENTE
(4 illustrações) por FRANK LAVILLE 213

RESENHA PORTUGUEZA
(4 illustrações) por PORTUGAL DA SILVA 223

THEATROS 230

PELO MUNDO FORA
(7 caricaturas) 233

SERÕES DAS SENHORAS
(3 illustrações) 237

Serões

Historia —— Sciencia
Romance —— Arte
Actualidades —— etc.

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o compradôr indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

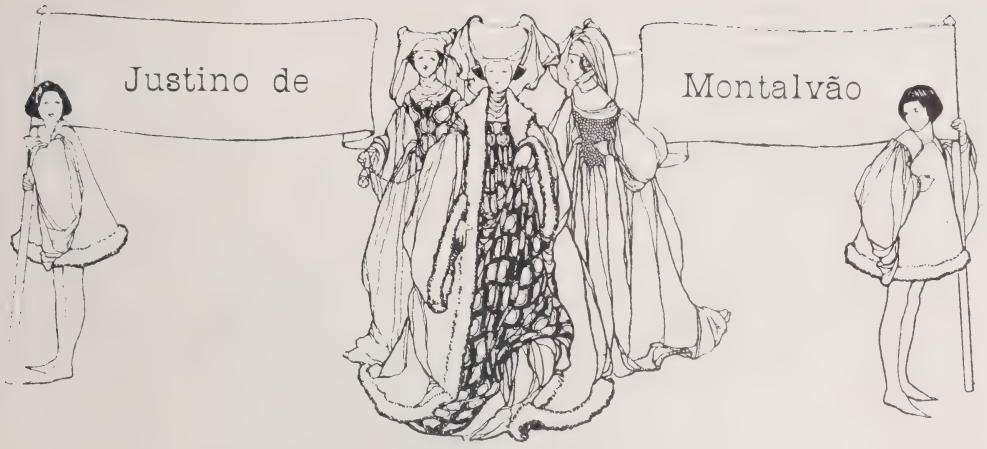
N.º 75

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SETEMBRO 1911

MUSEU D'ARTE. — MADAME VIGÉE (1755-1842) Lebrun. — Retrato da autôra



Florença a amorosa

(Conclusão)

A minha fé

Encanto das manhãs florentinas, no fino ar frio que esperta os nervos e as ideias, dá uma rosea frescura ao rosto das mulheres que caminham em eurytmias de movimentos mais vivos, e espalha as nuvens do azul limpido em que os campanilhos e os domos se elevavam em linhas tão nitidas!

As horas corriam para mim n'um d'esses sonhos acordados em que as sensações e as imagens, como nas que se fazem dormindo, vôam com azas mais ligeiras que as do tempo.

Nunca como aqui comprendi este verso de Homero: «Feliz o homem que pode gosar a mocidade florescente até ao limiar da velhice!» Em Veneza, o que sentia era ao mesmo tempo pathetico e triste. Mas n'esta clara cidade onde nada é vago e indeterminado, a alma desperta. Os pensamentos são tão nitidos como os contornos, e desabrocham no cerebro com não sei que de triunfal, de são e alacre, que electrisa como uma symphonia que tivesse ao mesmo tempo a amplitude heroica de Wagner e a fresca de Mozart.

Sob este ceu, ao sentir-me livre, desprendido de todos os laços, compreendia a existencia com a serenidade feliz d'um patricio requintado e sensual do Cinquecento.

A pouco e pouco operava-se em mim uma metamorphose espiritual. O esplendor e a nobreza das coisas ambientes actuavam sobre todos os meus sentidos. Não era já como um forasteiro e um espectador que eu contemplava a elegancia das formas; mas como se renascesse florentino d'outrora e ouvisse as Musas cantar no meu coração, como n'uma lyra, um hymno de alegria, de felicidade, de prazer.

Logo de manhã cedo, abria as janellas para commungar a divina luz do sol que entrava no meu quarto, ás ondas, vibrante de pregões, de chilreios de passaros voando sobre as estatuas do terraço fronteiro e sobre a cupula da Sagrestia Nuova.

Uma visinha que penteava os cabellos castanhos na janella defronte, sorria com a bocca florida da Primavera de Botticelli ao

«*buon giorno*» alegre com que a saudava, no meu italiano de estrangeiro.

Saia para almoçar n'um restaurant da Piazza del Duomo, onde havia sempre flôres frescas em jarras esguias de crystal, sobre toalhas immaculadas. Atravez dos vidros, avistava o Baptisterio de San Giovanni, com as maravilhosas portas de bronze de Ghiberti, que Miguel Angelo dizia dignas de fechar o Paraizo, a frontaria rutilante de mosaicos polycromos de Santa Maria dei Fiori, o perfil de tão elançada elegancia do campanario de Giotto.

E emquanto, á volta, soavam em todas as linguas as vozes das mulheres de todas as raças a quem este ar da Italia embriaga, lia as cartas de longe, que me traziam o eco das vozes familiares que ha tanto não ouço, mas nunca emudecem no meu coração.

A minha saudade, voando leguas e leguas n'um segundo, ia bater á porta d'uma casa vermelha de Leça, á beira do mar azul que s'espraia, coalhado d'azas de gaivotas e de velas latinas de lanchas, até á ermida solitaria da Boa-Nova; entrava no quarto silencioso onde o retrato de minha Mãe me fitava com os olhos profundos dos que nos vêem d'além da morte; beijava as mãos de meu Pae solitario: atravessava depois os Oceanos, n'um vôo mais rapido que o do vento, e ia seguindo, atravez das cidades longiquas da Africa e da America, meu irmão Manuel, nos azares da sua vida, como a minha, errante.

N'uma mesa, ao lado, dois noivos inglezes, na primeira fase encantada da lua de mel, conversavam rindo, d'olhos nos olhos, bebendo pelo mesmo copo o leve vinho de Chianti, que sabe a flôres. E a linda palavra *dearling* que ás vezes cantava nos labios d'ella, como uma caricia melodiosa, fazia-me um instante pensar com nostalgia na sonhada ventura dos que, n'esta terra d'amores, não vivem sósinhos.

Mas logo que saia, o simples espectaculo da vida e do movimento que animava a longa via Calzaioli, cheia de gente indo e vindo, e dos carros rapidos cujas campainhas tilintavam alegremente, me fazia esquecer d'esse desvaneio sentimental. E o brilho da luz nas pedras, a novidade das coisas que via, o aroma já oriental da cigarrilha toscana que fumava, o proprio ar que respirava, tudo me parecia d'um sabor differente, e se fundia n'esse prazer docemente egoista que nos faz experimentar a sensação ardente e pueril de possuirmos a vida nas nossas mãos, como um bello fructo.

Ao sol que a doirava como um precioso relicario de pedra cinzelada, com os santos de broaze nos nichos goticos, a linda egreja Or San Michele enchia-me os olhos d'extase. E ao entrar depois na admiravel Piazza della Signoria, onde as sombras dos palacios construidos por Raphael, Miguel Angelo e Palladio se projectavam nas lages lisas em manchas violaceas, tudo me parecia miraculosamente animado de vida eterna, como se os seculos tivessem passado em vão sobre as nobres architecturas que conservam intacta a elegancia d'outr'ora.

Em frente do Palazzo Vecchio, elançando sobre a gigantea molle quadrada das espessas muralhas ameadas a esbelta e estranha torre do relogio, no mesmo logar onde Savonarola foi queimado, os tritões e as nereidas da grande fonte de Neptuno, cambrando os corpos ageis, pareciam mover-se, latejar de juvenilidade animal sob os jactos de prata espumante da agua que jorra em torno da concha tirada pelos cavallos marinhos.

Ao lado, a Loggia dei Lanzi abria deante de mim um sacrario de arte, onde cada santo é uma estatua glorificando na sua nudez a ardente paixão da vida.

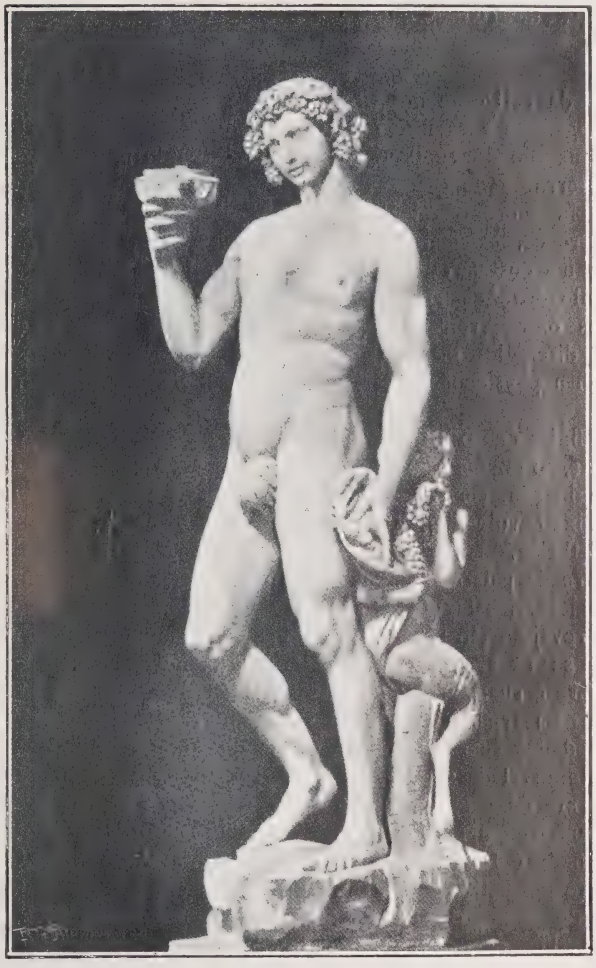
*

Deante da immortal graça da Sabina de João de Bolonha, da Judith de Donatello e do Perseu de Benvenuto Cellini, a impressão que logo resalta é que n'esse prodigioso seculo dezeseis a estatuaria attingiu em Florença o esplendor supremo. Nada, desde então, se creou de novo, d'um garbo tão vigoroso e são. Depois da Renascença as mais famosas estatuas parecem tristes. Estes florescentes corpos de marmore e bronze, ao mesmo tempo robustos e esbeltos, evocam o deslumbramento d'uma civilisação de luz, de grandeza e de força, uma religião da vida tão profunda como a que só, seculos antes, animara a alma dos homens, na Grecia do quarto seculo.

O amor da forma em si mesma, a adora-

ção da livre naturesa, o orgulho sereno da força, a alegria luminosa da saude e da adolescencia, tal é o ideal que manifestam as obras dos artistas que fizeram renascer a moral e a esthetica da Hellade.

Por esta concepção renovadora, os esculptores da Renascença são talvez ainda mais dignos da admiração que os gregos. A obra d'estes nascia sem esforço, da visão incessante dos corpos nus dos gynastas, nos jogos olympicos. A concepção derivava directamente das formas mais perfeitas que jamais contemplaram os olhos dos homens. Tudo facilitava a creação artistica n'um povo que deificava a perfeição corporal. Ser bello, são e robusto era o principal objectivo da educação. Sparta e Athenas tinham concursos de belleza, como hoje se fazem concursos de virtude. A fealdade physica inspirava uma repugnancia menos hypocrita do que hoje inspira a monstruosidade psychica, porque os gregos sentiam a intima correlação que existe entre uma e outra.



BACO *(Miguelangelo)*

O cuidado das gerações futuras era uma religião civica. E as estatuas mais bellas ornavam as camaras nupciaes, para que as esposas, contemplando-as durante a gestação, dessem á luz filhos similhantes aos deuses.

Mas os primeiros esculptores florentinos tinham atraz de si seculos de barbaria, de lucta, de bestialidade, em que a guerra era considerada heroica. A religião grosseira mandava quebrar as estatuas. Em vez do amor da vida, o ideal christão proclamava o da morte, a dôr, a piedade, a tristeza e a humilhação que deprimem. Os pregadores, dos pulpitos, anatematisavam o prazer como um crime e a formosura como um peccado.

Libertando a esculptura da sombra das catedraes, onde as multidões boçalmente fanatisadas se prostravam no pavor do julgamento final; glorificando a natureza e a vida, estes percursores crearam para além da sua época, déram á humanidade a consciencia de si mesma, o nobre orgulho de ser livre, o fizeram, pela arte, a mais fecunda das revoluções sociaes.

Era com o espirito illuminado por estas ideias, que na nitida Florença emanam naturalmente da visão das formas, que eu entrava nos museus, cheio do mesmo fervor,

do mesmo fremito de devoção profunda com que os catholicos entram nas egrejas.

A amargura de Miguel-Angelo

A memoria de Miguel Angelo é tão viva em Florença como a de Dante, que pelo genio violento foi na voluptuosa Italia o seu irmão sombrio.

Além do retrato da collecção dos Uffizi, pintado pelo seu biographo Vasari, do admiravel busto em bronze do «Bargello», feito por Daniel de Volterra, e do que Battista Lorenzi lhe esculpiu sobre o tumulo, na egreja de Santa Crocce, existem na casa que habitou e onde um dos seus descendentes fundou no seculo doze um curiosissimo muzeu intimo, dois outros retratos e um busto em que os discipulos mais amados devotamente fixaram a physionomia do Mestre Incomparavel.

Em todas essas efigies que o representam em edades diversas, o Buonarotti revive para a minha imaginação, como se o animasse ainda a paixão vulcanica que lhe calcinou a alma protheica.

Na atmosphera creada pela contemplação da sua obra prodigiosa, n'esta cidade que entre todas amou, revejo-o tão allucinantemente vivo, como se os seculos tivessem passado em vão sobre a sua morte — egual a um dos collossos de marmore que divinizou e atravez das edades ficaram emergindo, na soberania intangivel da sua força.

Eil-o, eterno, diante de mim, vestido de burel rude, como um monge ascetico, com a energica, descarnada cabeça saturniana, tão feia e no emtanto tão bella, d'uma fealdade que a magia do genio transfigura. A barbicha rala e grisalha, as maxillas salientes, a testa vincada de rugas, amolgada de bossas, sob o cabello aspero e curto, a boca crispada no rictus amargo, o nariz esmagado n'uma disputa com um camarada, dão-lhe ao mesmo tempo o ar d'um fauno doloroso e d'um velho pedreiro mendigo. Mas nas orbitas profundas, os olhos videntes, que parecem fitar para além da terra, absortos nas regiões inexploradas da alma, illuminam-lhe o rosto de Vulcano de uma claridade mythica.

Essa fealdade physica, o aspecto irascivel e taciturno que inspira a todos antipathia e faz exclamar á bella Imperia: «Que homem desagradavel!» mantem-no casto até á morte, encarcerado na fulgurante caverna do seu orgulho de solitario.

— «A esculptura é minha mulher, e a pintura a minha amante. Ambas me têem dado bellos filhos!»

Que amargura latente sob a ironia altiva destas palavras! E como a sua bôea de desafio e de sarcasmo devia crispar-se n'um rictus mais doloroso, ao dizel-as aos raros que admittia na initimidade.

*

A falta do amor é na vida de Miguel-Angelo a chaga occulta, a tragedia intima que lhe dá á obra tal expressão de feroz rudeza, de selvagem melancolia.

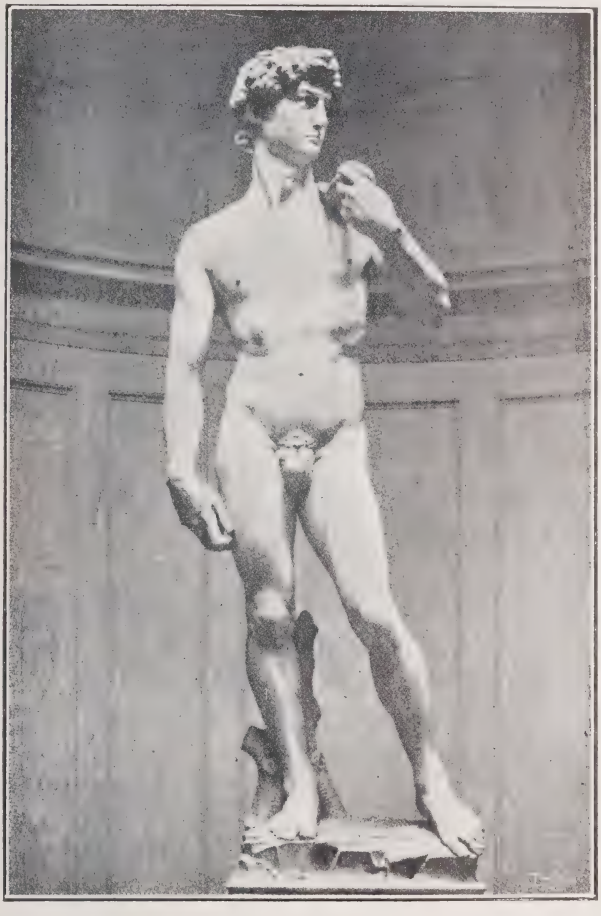
Nenhuns homens tém mais necessidade de ser amados do que os artistas e os poetas.

Para esquecer a dôr da vida que lhe nega a unica compensação que a redime, refugia-se na arte, trabalha com febre, com furia, dias inteiros, noites inteiras, creando incessantemente, encarnando em pedra dura, em lagrimas ardentes, em fél e em sonho as suas amantes brancas, até cair extenuado, quando o ultimo clarão bruxoleia na lampada de cobre e sobre a cidade adormecida a luz rompe, a luz benefica e germinal que ri ás arvores verdes, ás aguas alegres, ás aves cantantes, á vida para todos tão clara, para elle tão sombria,

Na treva profunda, no mysterio da creação nocturna, que radioso mundo de ideias se agitaria dentro da sua alma oceanica! Que estranhos dialogos se travariam entre o asceta visionario e as formas exteriorisadas do seu pensamento — todas essas creaturas sobrenaturaes em que encarnou as suas chymeras, as suas aspirações e as suas amarguras: a adolescencia victoriosa no *David*, a embriaguez do invencivel desejo no *Bacco*, a luxuria dolorosa na *Léda*, a humilhação no *Guerreiro moribundo*, a força moral no *Moisés*, a melancolia do ideal inattingivel no *Pensieroso*, o desespero da lucta contra a fatalidade no *Laoconte*, a suprema majestade do soffrimento humano na *Noite*.

Amar e ser disforme! Amar e inspirar a repulsão e o riso! Sentir no coração todo o ardor da paixão e ser só! Ser uma voz divina no universo, uma lyra vibrante, e agonisar no silencio, com uma mordaça na bôca convulsa! Aspirar á felicidade, como uma fonte occulta aspira á luz, e referver e estancar se contra um rochedo esteril!

Expulso da ventura, todo o amor repellido, toda a paixão de lava que lhe arde na alma, como n'um vulcão suffocado, elle a offerta, em holocausto, á patria e á arte. Mas a Patria, corrompida, vilipendiada, deixa-se escravisar sob o jugo do extrangeiro. Depois de a fortificar, de a defender em vão, Florença prostra-se diante do vencedor, como uma cortezã sem vergonha. E é tanto a ruina da liberdade vencida como a do seu destino, do seu desespero impotente, que fremem na dôr petrificada d'essas silenciosas figuras de marmore, nascidas do seu mystico noivado com a Arte, que não engana, que não trae nunca.



DAVID *(Miguelangelo)*

Uma unica mulher, Vittoria Colonna, marqueza de Pescara, faz brotar as nascentes secretas de poesia no seu coração, illuminando-lhe a velhice com a luz do seu sorriso — luz divina, mas pallida e triste como a do sol de inverno, que brilha sem aquecer. Viuva do unico homem que amou, fiel á sua memoria, Vittoria Colonna passa na vida de Miguel-Angelo como a doce figura d'uma Egeria espiritual, immaterialmente casta. O sentimento que os liga é a admiração reciproca, não o amor. O seu primeiro beijo é o ultimo, sagrado pela morte, na fria sala rutilante de tocheiros do castello de Pescara, onde Miguel Angelo se ajoelha diante do cadaver da mulher admiravel a cuja belleza moral diz, n'uma das suas extraordinarias poesias, dever o sentimento da perfeição que o guia.

A Arte que consola e faz esquecer a dôr de descrer, a Arte é verdadeiramente a sua unica amante, até á morte. Como o Prometheu mythico no alto da montanha sobranceira aos homens que despresa, conheceu como elle a angustia glacial do isolamento.

D'ahi, o drama interior que sua obra reflecte, com uma continuidade e intensidade que faz d'ella o mais sublime poema da dôr e da revolta d'uma alma contra o Destino.

*

No fim da vida, nonagenario, unico sobrevivente da phalange heroica, surdo, sem vista, misero esqueleto descarnado pela paixão, ao sentir a morte aproximar-se, pede que o conduzam ao belvedere do Vaticano onde se ergue, na sua belleza eterna, o torso de Hercules, esculpido por Apollonius. E extaticamente, as pobres mãos que já não podem crear, tacteiam n'uma caricia errante o marmore divino, em quanto as lagrimas, uma a uma, rolam dos seus olhos cegos...

O Mausoleu dos Medices

Foi na Sagrestia Nuova que tive a primeira revelação fulgurante, o primeiro choque d'assombro ante a divina alma tragica de Miguel-Angelo.

Depois de subir da crypta onde a penumbra e o silencio dos seculos se adensam sobre os tumulos, e de atravessar sem interesse a ostentosa Capella dei Princinpi, toda rutilante de marmores e pedrarias, foi como se um manto de subito me pezasse nos hombros, ao entrar no mausoleu sombrio onde foram esculpidas as mais prodigiosas figuras da escultura moderna.

A luz que sob a cupula de pedra cae das janellas estreitas, é fria e livida como a d'uma gruta, d'um limbo, já fora do mundo. Tudo alli é magestosamente lugubre. Apenas duas côres, o branco e o nego — alvura espectral do marmore, negrura fluctuante da sombra.

A claridade dir-se-ia não vir de fóra, do ceu, mas irradiar sobrenaturalmente das proprias figuras mudas, em vagos nimbos de sonho, em reflexos lunares d'allucinação

E é tal a harmonia severa das estatuas, dos sarcofagos, dos nichos, da cupula, dos detalhes architecturaes, que tudo parece amassado e modelado pela mão do Titan encarcerado, n'uma noite de febre, de dôr e de solidão. Nada alli rutila, nada alli canta o triumpho da vida, n'aquella caverna de sombra gelada como a da sua alma deserta.

Sob as estatuas de dois Medices, orgulhosos e concentrados, os tumulos, quasi sem ornatos, têm uma sobriedade que faz parecer mais colossaes as estatuas do Dia, da Noite, do Crepusculo e da Aurora.

A tragedia estatica que ellas representam, e no seu silencio exprimem ao espectador preparado para a compreender! E' preciso vêl-as de perto, sentil-as tão vivas sobre a morte, tão latejantes apesar da immobilidade, tão eloquntes apezar da mudez, para perceber o drama immenso de que são os personagens eternos.

A dôr, a tortura cerebral e sentimental do genio que encarnaram, fal-as immortalmente symbolicas.

Enorme, nua, no somno prostrado, com a cabeça escondida no braço como se nunca mais quizesse tornar a vêr a luz do mundo, que ancia profunda de aniquilamento, que desespero sem redempção ella interpreta, a sublime *Noite dolorosa!*

A sua muda bocca de esphinge, paralysada n'um rictus d'amargura, parece cerrar-se sobre a revelação do enygma eterno.

Que formidavel grito de maldição, se de repente os seus labios de marmore se entreabrissem! Dormir, dormir, sem despertar...

Ser de pedra, de dura pedra insensivel, para não sofrer a vergonha de viver n'uma terra d'escravos.

Non vedere, non sentire m'é gran ventura
Peró non mi destar; deh; parla basso!

N'estes versos gravados sobre o marmore, toda a sua alma apaixonada e desolada lateja, como n'uma suprema confissão convulsa.

*

E' talvez n'estas figuras da capella de San Lorenzo onde se enclausurou solitario, taciturno, depois da derrota de Florença, da derrocada de todos os sonhos heroicos de liberdade, que Miguel-Angelo poz o maximo do seu genio.

Fel-as ja desenganado, desiludido de tudo, tão longe do tempo em que no jardim dos Uffizi, entre a corte academica de sabios, poetas e artistas que rodeava o Magnifico, começara a sua carreira esculpindo, sem nunca ter tocado no cinzel, a cabeça d'um fauno rindo — como a imagem juvenil do alegre desejo.

Na attitude crispada d'essas sobrehuma-

nas creaturas que parece irromperem, brotarem do bloco bruto de marmore, ainda informes (como os primeiros seres deviam ter surgido do caos) exprimem-se os seus mais intimos desprezos, o desanimo depois da acção esteril, o esforço anniquilado sob a mentira, a traição, a vulgaridade, a humilhação. Luctara e fôra vencido. Como *David*, desafiara a fatalidade obscura que se vingara d'elle como a Nemesis antiga. Foi com uma torrente de fel no coração que as creou, refugiado no mundo do seu sonho, maior que o real. Absorvido n'um pensamento constante de desespero, alheio á natureza que o rodeava, dir-se-ia que quiz attingir um ideal desconhecido da humanidade.

TUMULO DE LOURENÇO DE MEDICIS *(Miguelangelo)*
(Capella dos Medices em Florença)

Por isso os que o não comprehendem, não podem amal-o. Violento, inquietante, sem sorrisos, sem doçuras, escandalisa e choca com a sua brutal virilidade as almas femininas e ordenadas. Como todos os percursores, incomprehendido na sua solidão, com sentimentos e ideias differentes dos outros homens, não pode verdadeiramente ser amado senão pelos violentos, pelos apaixonados.

No meio da sua alegre e voluptuosa raça parece um barbaro sublime, um profeta visionario e flagelador. Na sua alma, continuamente agitada, ha todas as revoltas d'um libertario moderno, de um atheu desesperado. Emerge da Renascença, solitario e altivo, sem laços de parentesco com as escolas do tempo e sem filiação nas do passado.

Não se assemelha a ninguem, nem mesmo aos gregos. As figuras allegoricas do mausoleu dos Medicis são inspiradas pela mythologia. Mas com as suas formas exuberantes, a violencia das suas attitudes contorsionadas, como differem das calmas deusas olympicas!

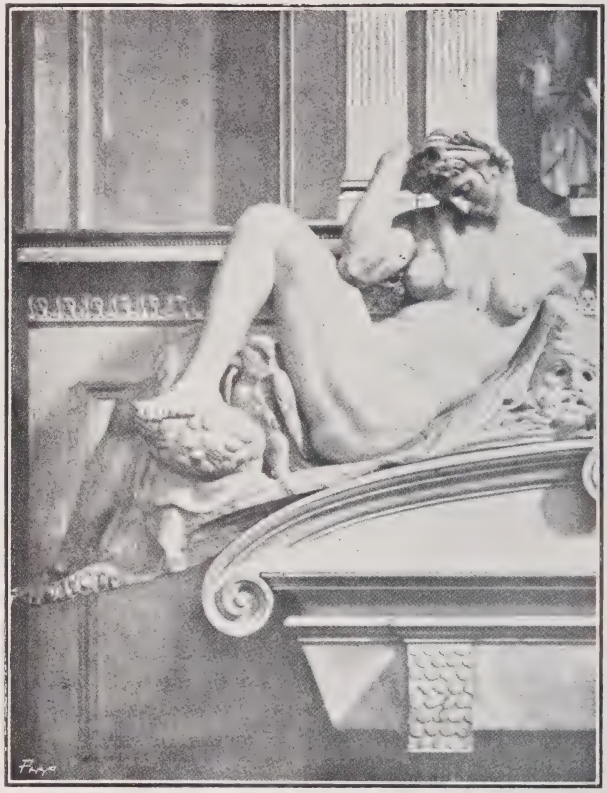
Da arte hellenica apenas toma o culto do nú — não a serenidade essencial da expressão e da fórma. A formusura das suas estatuas não é physica, á maneira das pagãs. Vem dos sentimentos que exprimem, das paixões que as animam.

Nenhum genio rompeu mais violentamente com a Tradição. Muitas vezes, no seu desdem de creador d'uma arte nova, esquece ao mesmo tempo a verdade historica e a verdade natural. Mas é tal o milagre do seu genio, que mesmo o monstruoso e o disfome parecem, sob as suas mãos de gigante, sublimar-se e ter belleza.

Só Dante póde ser considerado na Italia o seu ascendete. O seu culto por elle era tão profundo, que n'um soneto diz invejar-lhe até as proprias desgraças e o exilio.

A *Divina Comedia* era o seu livro d'horas, o unico em que rezava. No seu Juizo Final, sente-se em toda a composição a influencia directa do poeta sobre o pintor. Mas, irmão de Dante pela violencia, diverge d'elle pela sua concepção anti-christã do universo.

Em toda a obra de Miguel-Angelo não ha uma figura alada, uma cabeça nimbada da aureola mystica. Formas vivas dos seus pensamentos filosoficos, as suas estatuas contemplam o infinito e interrogam o mysterio da vida profunda, para além dos ceus e das nebulosas.



A NOITE *(Miguelangelo)*
(Estatua do tumulo de Juliano Medicis)

David

Para levar de Florença uma visão suprema, á hora vinciana em que o poente a nimba de clarões, no seu circo de collinas esculpturaes, subo a San Miniato pela ladeira que ascende em espiral da porta torreada de San Niccoló, cujos frescos as chuvas e soes dos seculos diaphanisaram em cambiantes vaporosos.

Na tarde secca, o ar gelado parece estalar como um cristal nitido. O duro vento da tramontana, que dir-se-ia soprar contra os olhos uma poeira cegante de vidro, dá attitudes tranzidas aos arbustos arroxeados, ás oliveiras lividas, cujas meudas folhas metalicas luzem e fremem como rendas rigidas de prata. Das murtas que se azulam, exalam-se aromas acres. Os sons dos sinos, ao passo que vou subindo, vibram em tinidos mais argentinos, no vasto silencio do espaço limpido e azul — d'este liquido e rutilante azul dos seus florentinos, que mesmo sob as neves d'inverno parecem de primavera.

A espaços, ageis, airosas contra o vento que lhes molda os vestidos curtos sobre os corpos solidos, e agita em torno dos rostos roseos e das nucas fulvas longos véus iluctuantes, descem aos pares inglezas ou norte-americanas, das tantas que aqui vêm hibernar, copiando as figuras subtis de Botticelli, flirtando nos *five o'clok tea* do Dgerini, e sonhando, á noite, ao embalo das operas patheticas, na Pérgola.

Ao chegar ao Pizzale Michelangelo, os meus olhos vão logo para o *David*, erecto ao meio do vasto terraço sobranceiro ao valle suave como um leito, em que Florença parece offerecer-se aos beijos mordentes do sol e do vento, com a mesma indolencia lasciva com que a *Venus* de Ticiano espera, nua e enfeitada de joias, os beijos do amante ducal.

Vigoroso e bello, o heroe adolescente ergue a colossal nudez de bronze sobre o bloco de marmore rodeado pelas quatro figuras que allegorisam a dôr, o sonho, a tor-

menta e a revolta do escultor do tumulo dos Medices.

A consciencia da força invencivel, a certeza da victoria proxima animam-lhe o garbo olympico, irradiam-lhe dos membros tensos, dos musculos vibrantes, de todo o vigor esbelto do corpo preparado para o ataque. N'uma das mãos, erguida até ao hombro, segura a funda; e na outra, pendente ao longo da coxa, a pedra com que matará o gigante. O desdem da bocca voluntaria e dos olhos audazes sorri da morte. Sobre a cidade pagã, dominando o espaço, confiante na vida, desafiando o destino, dir-se-ia o symbolo triumphal da mocidade, do instinto livre, do pensamento juvenil e immortal que se ri do poder, das leis, das tradições, de todas as forças tyranicas e hostis.

LOURENÇO DE MEDICES *(Miguelangelo)*
(Estatua do seu tumulo)

*

A toda a roda, o panorama das collinas que como as rondas de nimphas nas anforas etruscas rodeiam o valle, é d'encanto inolvidavel a esta hora, n'esta luz florentina que cinzela as coisas com nitidez estatuaria.

Aqui, o maravilhamento não vem como nos poentes alcyonicos de Veneza, da cambiante magia das côres, mas da eurithmia das linhas, da architectura perfeita das formas.

Nem a pintura, nem as palavras, demasiado densas e sem vôo, podem exprimir a musical pureza de curvas d'esta paysagem suprema, quando o sol em declive faz ondear sumptuosas tapeçarias scintilantes sobre as montanhas que docemente se curvam para a cidade d'onde ascendem, em columnas fluidas, em gazes espiralantes, centenares de fumos azulados.

E' n'este instante ambiguo, intermezzo lyrico da luz e da sombra, em que não é já dia e não é noite ainda, quando apenas magicamente as montanhas fulgem nos cumes, diademadas d'oiro, como as rainhas hieraticas da natureza, emquanto nas vertentes os arvoredos se esfumam, e os planos inferiores se vaporisam em neblinas rôxas que lhes da mysterio.

Alongada, Florença alastra ao fundo do valle do Arno que sob os arcos das pontes se estira e sinua, verde, irizado, como uma faxa de setim que a cinge, espelhando lá ao longe, por entre a bruma violacea dos choupaes das Cascinas, os ultimos reflexos roseos e sulfureos do crepusculo.

Da massa plana da casaria amarella, esbranquiçada, cinzenta, vermelha, lampejante de claraboias e vidraças candentes,

emergem as silhuetas aerias das torres e cupulas — Santa Crocce, San Lorenzo, Santa Maria Novella, Santa Maria dei Fiori com seu domo egual a uma mitra bysantina, o campanario esbelto de Giotto, as ameias e o torreão do Palazzio Vecchio, com seu ar sombrio de fortaleza medieval.

Das egrejas, como um côro de vozes de noviças, sobem os angelus finos dos sinos tintinantes. Marulhos do rio, sons distantes de carros rolando, chegam filtrados pelo ar, em vibrações atenuadas. Antes de adormecer, Florença parece segredar, balbuciar mais docemente, sob o sol que se inclina sobre ella — como o rosto de Pan amoroso.

No alto, o ceu é uma abobada de éther azulissimo que se volatilisa, listrado de lilaz ao occidente, e para o ocaso de grandes manchas ardentes, de labaredas purpureas e alaranjadas.

Cada vez mais a paisagem se attenua, sob a claridade que vai voando para o alto. Começam as collinas a picar-se de luzes, Bello Sguardo, Monte Oliveto, o Belvedere, com suas muralhas, á esquerda, Fiesole, em frente, sintilante de villas entre olivaes, como uma pinha de escamas flamejantes.

Umas por traz das outras, as ondulações dos Apeninos vão-se degradando em azues alvadios, de mais em mais diluidos, até ás ultimas, lá ao longe, com as cristas rutilando de neve, como se não fossem feitas de rocha, mas de crystal.

Ineffavel psalmo, sonata enebriadora dos effeitos da luz expirante que vae imaterialisando esta paysagem de chymera! Como a alma, pairando sobre os montes, mais perto do infinito mysterio, entre a majestade das coisas naturaes, entre o côro universal das fórmas eternas, se liberta das vulgaridades humanas!...

... Já ao longo do Arno fumegante de nevoa se vae estirando a fieira das luzes, a pouco e pouco, como uma cobra dourada que se desenrosca.

A maravilhosa Ponte Vecchia, toda carregada de casebres multicores, tão velhos que parece vão desabar sobre o rio, a custo sustidos por escoras, como por muletas, está toda salpicada de vidros reluzentes. Corre o vento dos montes niveos. Um arripio transe o ar que se contrae como a epiderme. Uma immobilidade absoluta extasia a paysagem Como no fundo dos frescos de Andrea del Sarto, os cyprestes destacam com uma finura esguia de pinceladas, lapidados, esculpidos, dir-se-hia, em bronze, sobre o horizonte luminoso. Sob os enxames das luzes, Florença, ao fundo, lembra um jardim d'oiro, no meio das collinas diluidas na mancha de sombra unica, em que se não distinguem já as côres e as linhas. E na immensa bruma que emfim dilue, esfuma todos os aspectos, apenas no alto do Vialle dei Colli os perfis das arvores destacam um momento, nitidamente gravadas no céo pelo ultimo reflexo do sol já desapparecido, que emfim se apaga, de repente.

Na vastidão do Piazzale, agora deserto, o vento faz rodipiar em bailados freneticos as folhas seccas e vergar os cyprestes flagelados, com fremitos de sedas rasgadas. Um sino grave começa a tocar a trindades, em San Salvatore del Monte, «la bella villanella» do convento dos franciscanos, a meio caminho da encosta coroada pela fortaleza de S. Miniato, d'onde Miguel Angelo dirigiu, durante onze mezes, a defeza de Florença contra os lansquenetes tudescos e os arcabuzeiros hespanhoes do condestavel de Bourbon.

Emergindo dos caos das sombras fluctuando sobre a velha cidade pagã, como a imagem victoriosa do Instincto livre, desafiando os deuses e os destinos, assestando contra todos os gigantes da oppressão e do preconceito a sua pedra de fundibulario, o *David* nú parece clamar os mandamentos do seu irmão moderno, Zarathustra, o pastor das almas novas: — «*Faze o que quizeres, mas sabe querer!... Não acredites nos que te fallam em esperanças sobrenaturaes!... A grande blasphemia, é blasphemar da Terra!*»

E sobre a sua cabeça audaz, no céo immenso, arde a primeira estrella — emquanto o vento parece envolvel-o d'um fremito de estandartes heroicos, d'um côro de vozes clamando a eterna aspiração dos homens, para uma illusão eternamente renascente...

BOM CAMINHO!... *(Cliché de José d'Aguilar)*

Os moleiros

(Carta a Manoel de Souza Pinto)

Querido amigo:

Parece que ainda o estou a ver, de sombrinha cinzenta, sorrindo amigavelmente ás faias verdes, e batendo as suas botas inglezas, por aquela estrada de Caneiros, no Estio preterito.

O nosso arrojo tambem ainda agora me admira, cortando em pleno meio dia de agosto caminhos e caminhos de poeira secca, sufocada pela burnaceira atroz do ar pesado e forte. O seu braço, sob aquelas canicúlas, agitava instintivamente a sombrinha parda, a qual mais me parecia, de tão inquieta, um balão veneziano em marcha *aux flambeaux;* e eu, cicerone nas terras verdes e assoalhadas da minha aldeia, batia com vigor e contra as suas guélas de alfacinha, o pó monotono da estrada, nos meus butes de bezerro, cardados.

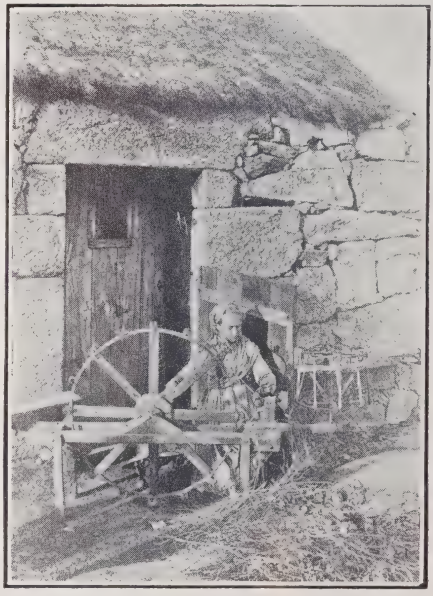
Não deixando de lhe recordar quanto divagadoramente nos sentimos felizes, revolvendo pela estrada dos pecegueiros e das uvas padeiras a velha historia mutilada dos ligures e dos phenicios, sei dizer-lhe, ainda, que outras recordações me ficaram d'esse dia de estiagem e distracção, as quaes restam sendo perenemente agradaveis ao meu

sentimento de minhoto comtemplativo e amigo.

Como me não havia de recordar vel-o curvado ao postigo dos tecelões, no caminho da *Conceição de Fóra,* recolhendo para o seu *block-notes* a indomentaria inédita do velho tear de pesos, caseiro. O meu amigo sorria? De mofa não era, por certo, o seu sorriso constante. Antes (e sem duvida) o poderia dizer um sorriso amoravel e profundo, despertado por essas revelações, e do facto do seu convivio com rusticos. A denominação pictoresca dos objectos tradiccionaes, marcada pelo camponez, devia trazer-lhe um pouco de sabor e perfume e graça

MILHO A' RAZA

latinas, no vigôr primitivo e fresco d'essa linguagem campreste, tão rudemente feliz. De modo que, contentes, hospede e hospedeiro que nós eramos, egualmente sentimos prazer e orgulho d'esse pouco de terra escolhida, na qual vimos que o nosso espirito



A DUBADOURA DE ENCHER CANÉLAS

entrou e deliciosamente mergulhou, como num hospitaleiro lago de paz e de frescura!

Bello dia, bello dia, amigo meu! As suas barbas estrangeiras, para cujo *tipo* somente lhe faltava o *kodak*, as polainas e um *waldeck,* a quantos casaes de moças lembraram o *Senhor da Canna Verde*, voltado ao mundo para ir visitar os moleiros das insuas do *Selho*, n'aquela manhã de 21!... As raparigas do rio, com o chapeu de palha derrubado e todas abrazadas da estiagem, davam-lhe os bons-dias entre os risos de intrigadas. cobrindo mais no lenço mouro a péle sardenta dos dois seios pesados de crias barrosas; e Manoel, de flôr côr de violeta ao peito, levantava pedantemente as barbas nazarenas, banhava-se nas grandes sombras meigas e rendadas de oiro, que traziam comsigo o aroma doce dos pecegueiros; e continuava caminhando, sereno, a falar do ceu, das areias do rio desesperadas, e d'aquella difusa, secca e fulminante poalha de cinzas vezuvianas, que lá ao longe barravam o craneo rapado das pedreiras e outeiros abandonados á canicula!...

Linguas d'agua, em magnificas ondulações de serpe escamosa de prata e de verduras, coleavam e abandonavam, negligentemente, as raizes disformes dos amieiros, á polpa da corrente.

Sob a camada das folhas verde-oiro, postas nos barrotes vermelhos das latadas em toldo de côr tão fôfo e morno e socegado que as avelhas zumbiam em torno indiscrétamente, os meios cantaros quebrados, sob cachoros de pedra, jorravam para a face da parede uma batega de sangue em cravos mordidos do sol e da aragem quente.

Havia um cheiro pesado e azedado de estrumes, junto da aldrava de cada córte de gado, nos silenciosos eidos das quinta ; e logo, subindo as ladeiras onde a tulha vermelha se entoldava de grades ao sol, mêdas, caniços sobre quarteirões de ervilha aromatica, pesadas e folhudas terras de abobora, a doirada carapinha dos castanheiros — como crespa e irta de uma passagem de verniz, — a rede chineza das folhas dos alperces, as leiras, a ceára, a serra, tudo, como imaginado, se desdobrava em frente, mostrando e arvorisando terras á fartura !...

E então, a baixo, num pontilhão romano, — sob cuja corrente cerce aos limos e gorda, os peixes negros e miudos coleavam — nós

A MENINA DAS MAÇAS ROUBADAS

vimos emfim, extaticos, a Casa do Moleiro !

— Eil-a no bosque ! !!

Era lá adiante, ao fundo de uma renda-da, amarelada e alegre multidão de folhas, que a casa principiava a mostrar a pedra dos seus quatro primeiros degraus de fron-

PÃO NOSSO DE CADA DIA !...

taria, os caixilhos vermelhos das vidraças de que ninguem se lembrava que vidros houvessem tido algum dia, e o telhado derrubado em biseira, partido, onde as ervas dos invernos seccavam e se suspendiam como se fossem as barbas ruivas de algum fauno que d'ali tivesse desertado, abandonando toda a tralha da caracterisação.

Do pontilhão á casa, pelos ramos esgalhados das oliveiras (asperas de côr e forma), lançava-se a rêde sensual da vinha, que a toda a parte trépa e sobre todos os outros ramos se esperguiça; fustes verde-claro de amieiros, ábeira-d'agua, amarelecíam e brincavam ao sol; o ceu corria alto,

azul e todo aberto sobre o vergel, como um grande toldo de bazar turco; e sobre os planos verdes de arvoredo, para um córte de paisagem que subia álem, por detraz do moinho, os pinheiraes empoados das encostas ligavam-se uns aos outros, em redor da aldeia, como num grande cinto militar.

— Salve-os Deus!... disse-nos aquelle homem de suissas crespas e brancas, que apertava um cigarro nos dedos grossos, serenamente, como depois das horas do officio.

E dentro em pouco nós subiamos os cinco degraus de pedra, cruzavamos a porta do moinho, ouviamos a *corredoura* roer e correr, monotonamente, e viamos, em redor, que tudo estava escuro, soturno e empoádo.

A mim vieram-me lembranças de Daudet e das suas cartas e do seu moinho!... Uma onda de frescura doce e leve, mais grata no seio d'aquellas sombras recolhidas e serenas, tornava brilhante e quasi agreste o quadrado verde e cheio de sol, de vegetação, que se alcançava pela janella.

Apetecia ficar ali!...

— O tempo vae contra a muedura. Agora raro se móve a azenha. Só lá ao nascer é que se amánha um pouco d'agua na poça, que, afinal, não arranca mais que dois alqueires...

E o homem sentou-se calado, e a *corredoura* continuou a triturar, a quebrar, a moer, sob todo o seu peso de grande mó empedrada e empoáda.

Eu voltei a pensar no meu caro sr, Daudet e nas suas cartas e no seu moinho memoravel. Assim, a umas sombras, com uma *borracha* gorda e nada que se parecesse com papel ou tinta, deveria imaginar-se, delinear-se e, emfim, crear-se, um grande, sereno e epicurico volume.

Depois quantas paginas nos daria aquela azenha de rusticos, ás margens do Selho, entre cerejeiras e prateados ramos de olival! Mesmo a monotonia da *corredoura*, rodando e rodando — como o burro pachorrento ao redór da nóra — tinha a sua poesia, a sua musica, o seu *estado d'alma* e mesmo um pouco de tragedia, na presistencia do esforço em tempos de tanta estiagem. Dava-nos uma canção feita de evocações, de notas batidas e repetidas, somnolenta, sequiosa, pesada — monotona, emfim. E aquele cavouqueiro do campo, a periscar com fastio e a abandonar sobre os joelhos as mãos grossas de animal indifferente, na selva, tambem nos enriqueceria o motivo, dado o somno e o desdem que o minavam.

O MOINHO DE SECHO (VISTA PARCIAL)

— Bonito, este aspecto!... disse você, Souza Pinto.

— Acolá álem, poz-se o homem a explicar, é Santa Eulalia. Ali em baixo vae a estrada de Braga... Os senhores conhecem; já por lá passaram...

E de novo as suas mãos cahiram sobre os joelhos e o homem ficou a rever as folhas verde-doirado que se mostravam pelo quadro rôto da janela.

Então, o petiz que pouco antes tinha chegado poz-se-nos a explicar todos os elementos do moinho. Com uma isitação risonha, de rustico desconfiado, principiou a apontar e a dizer que aquele deposito de forma triangular se chamava *moéga;* a cavilha que a meio da face central regulava o andamento da *mó,* era conhecida como *quitadouro;* a especie de pá de madeira que fendia no extremo a moéga e pela qual a farinha cahia, *biqueira;* a haste de madeira que ao lado da biqueira se arrastava sobre a mó, *chamadouro;* e a pedra da muedura ou seja aquela grande borôa que em primeiro logar é rolada pela azenha e tritura o pão, *mó* ou *corredoura.* Depois tinhamos as *cambeiras* de pinho, arqueadas, dentro das quaes a mó corria; e, finalmente, o *sarilho,* pesado monte de ferraduras velhas, que cahia á lage e despertava uma campainha sempre que o pão em greiro se tivesse extinguido dentro do deposito triangular da moéga.

— Coisas velhas... rosnou o velho, enfastiado, sem tirar os olhos dos taleigos e sacos, cheios, que encostavam aos cantos do moinho fresco, sombrio e enfarinhado.

OSSOS DO OFFICIO

Viémos á azenha, depois, onde as aguas referviam em tumulto á volta do eixo e das *pennas* de madeira, que espadanam!

Uma latáda de uvas brancas fazia toldo ao quinteiro, esfarrapada a todo o panno pelo sol, e na qual as teias d'aranha lançavam redes pardas e bem urdidas, de folha para folha verde.

— Prendem-se as aguas álem, no tabuão; e quando soltas, com ellas rodam as *pennas,* a *réla,* a *estrella,* o *eixo,* da azenha; e a mó principia a correr, lá em cima!... Que tal?...

— Bonito!... Bonito, e adeus!

— Vão com o Senhor.

Voltamos.

Logo adeante, pela volta de cima, de Santa Eulalia, apareceu-nos uma rapariga que trazia da cidade os taleigos de milho, carregados e arroxados no macho galego. Vinha vermelha do sol e do caminho, e rilhava, do avental em saco, as maçãs *su-*

priégas de alguma colheita longe das vistas dos caseiros usurarios. Risonha, a moleira passou dando as boas tardes e chamando o macho. E d'ali em deante, seguindo quasi sem palavras, eram as grandes telas do campo alegre, arejadas e animadas, quem melhor do que a historia dos ligures e dos phenicios nos divertiam!

Lembra-se você, Souza Pinto?

Pelos quintaes, á falta de grandes rosas cláras e espigadás de oiro, sorriam-nos e coloriam-se, com a grande réssa ardente da tarde, as dalias-cátus que os brazileiros e os morgados, curiosos, já vão adquirindo. Sobre alguma latáda, perfilado e vestido de azul, apontava-nos um *soldado* de folha. Os teáres dos lavradores arredados dos campos, martelavam infatigavelmente em casas de um só andar, onde as galinhas debicavam á porta e a céga-réga da dubadoira enchia as canélas de algodão. Não bolia folha verde sob o azul do ceu! De vez em quando ouvia-se, lá distante e quasi rouca, a cantiga desgarrada de alguma lavadeira, a bater as roupas á sombra quente dos olmeiros, n'uma lage de poça. Zumbiam e batiam-nos, como loucos, os bezoiros doirados e perdidos dos pomares. A poeira subia dos nossos pés, crespa, morna, pesada. Ceáras e ceáras, quebradas, já, da sazão, como que mantinham irsurta e ougada a cabelleira côr de oiro tostado. Tudo parava, em redor. Os grilos cantavam cega e impertinentemente. E o sol parecia que — como um gladiador victorioso — tomava, quieta e esmorecida nas suas mãos, para uma posse violenta e carnal, a terra toda!

Duas horas!... Todo o calôr!!!!

ALFREDO GUIMARÃES.

AZENHAS NO «AVE»

UM TRECHO DOS GUINDAES

O Porto

A Eduardo de Noronha

Tem este interessante mensario publicado artigos devidos á penna dos nossos mais brilhantes escriptores ácêrca de varias cidades e villas portuguesas, destacando-se mesmo algumas monographias soltas de locaes typicos, edificios e antiguidades portuenses; o que é certo, porêm, é que não appareceu ainda noticia alguma especial sobre a *antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto a cidade da Virgem*. Ora é isso justamente, o que vamos tentar fazer e resumidinho, visto que a monographia da capital do Norte só em grossos volumes poderá ser devidamente tractada.

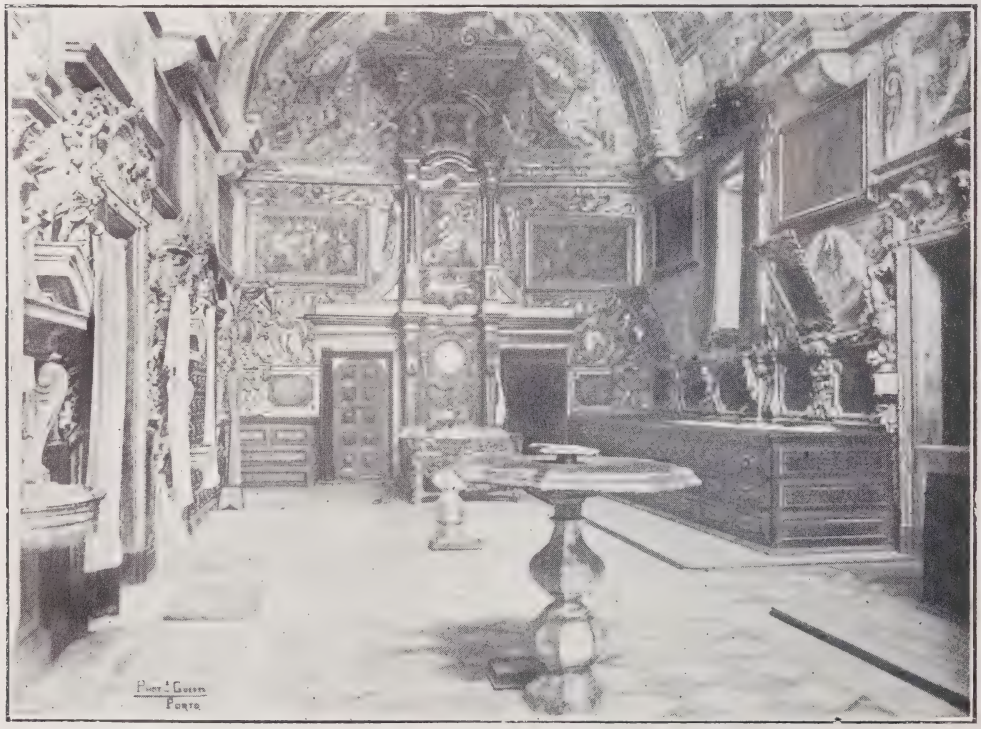
. . .

Segundo se infere de velhos alfarrabios, antes de ser fundado o condado portucalense, existia na margem esquerda do Douro um castello chamado *Calle*, em cujas circumvisinhanças se formou uma pequena povoação que se foi alongando até o formoso Douro, onde fundeavam as varias embarca-

ções que alli iam dar, e por essa circumstancia se lhe deu o nome de *Portu Calle;* na margem fronteira formava-se e desenvolvia-se outra povoação egualmente em torno d'um castello chamado de *Pena-Ventosa,* que é o sitio onde hoje se ergue a Sé. Essa povoação tomou para si o mesmo nome da primeira: *Portu Calle*, e parece ser esta a proveniencia do nome de *Portugal* por que a nação é conhecida. A margem esquerda chama-se agora Villa Nova de Gaya, e constitue um lindo arrabalde do Porto — que fica na margem direita — e que tem communicação directa pela ponte D. Luiz — de dois taboleiros — ou então em caminho de ferro pela ponte Maria Pia.

Até o seculo XII nada se conhece da sua vida historica. Sabe-se apenas que em 937 os arabes derrubaram o castello de Penates, que pouco a pouco se foram livrando da tutella ecclesiastica. Quando occorreu a morte de D. Fernando — d'onde advieram as intrigas de Leonor Telles e conde de Andeiro — o Porto adheriu a D. João I que — após a sua subida ao throno — augmentou as regalías aos *Tripeiros,* nome por que vulgarmente são conhecidos os portuenses, attribuindo-se essa alcunha — nada deshonrosa por signal — ao seguinte facto que passa por historico: para abastecer a marinha que se havia organizado para uma das aguerridas expedições do citado soberano, os portuenses mataram todo o gado bovino existente na cidade é arredores, e aproveitaram para sua alimentação apenas os meúdos *(tripas)* de que fizeram um prato que ainda hoje tem fama.

Quando D. Affonso V quiz enfeudar o Porto, os burguezes recalcitraram e não



SALA DE CERIMONIAS DA SÉ DO PORTO

Ventosa e bem assim o burgo que o rodeava. No seculo XII, D. Tareja doou essa cidade ao cardeal D. Hugo que, por seu turno, concedeu foral, em 1173, aos seus habitan- houve remedio senão manterem-se-lhes as anteriores regalías.

Mais tarde — quando D. Manuel quiz reformar os foraes das cidades e villas, cor-

tando-lhes as franquías populares — o Porto foi honrosamente poupado, ficando com as mesmas regalías, se bem que augmentadas.

Quando D. José creou — em 1750 — a

Eis em quatro traços a noticia dos factos historicos que mais renome deram á formosa cidade do Porto.

Vamos agora passar uma rapida vista aos

RUAS DE S. JOÃO E MERCADORES

lei da monopolisação dos vinhos do Alto-Douro — questão que durou vinte annos — os portuenses repelliram tal attentado á liberdade economica do paiz. Ao tempo de reinar D. Maria I, foi a *invicta* que deu o exemplo da creação de uma junta de Defeza Nacional, a quando da invasão franceza.

Foi tambem n'essa nobre cidade que Fernandes Thomaz iniciou o celebre movimento de 24 de Agosto de 1820.

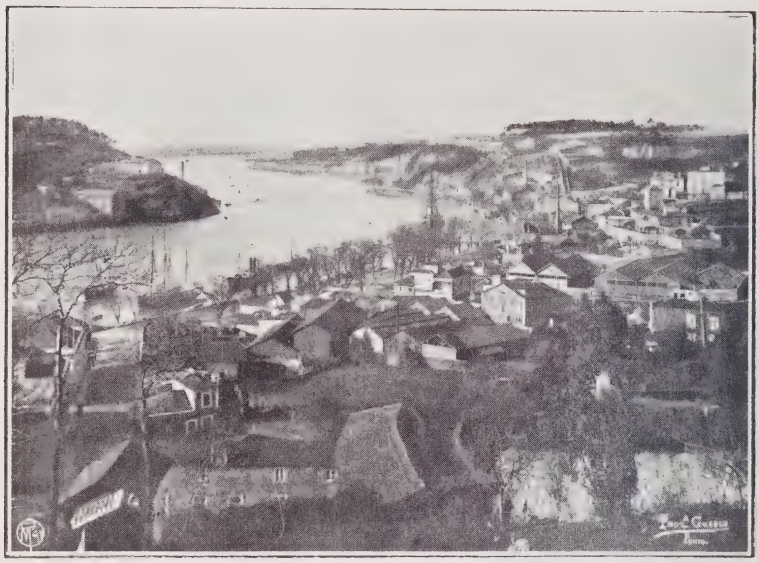
D'ahi por deante, o que tem havido de factos historicos n'essa cidade — que sempre constituiu um baluarte de liberdade — toda a gente o sabe, parecendo-nos ocioso dar mais algumas notas, salvo a de relembrar que foi tambem no Porto que se realisou o movimento revolucionario de 31 de Janeiro de 1891, que, por então, fracassou.

monumentos, edificios e jardins mais importantes d'essa linda terra essencialmente commercial e industrial — que é tida — e sem contestação alguma merece essa honra — como uma das mais lindas cidades de Portugal, não só pela sua boa situação topographica, como ainda pela belleza dos arrabaldes que possue e que em nada se parecem com os de Lisboa, em geral áridos e escalvados.

* * *

A praça de D. Pedro — antiga das Hortas, por haver sido traçada sobre o primitivo local assim denominado — mais vulgarmente conhecida por *Praça Nova* — é a mais bonita do Porto, lembrando — pelo empedrado — o nosso Rocío. Ao centro ergue-se a

estatua equestre de D. Pedro IV, que tem no pedestal dois magnificos baixo-relevos representando um d'elles a entrega da bandeira bordada por D. Maria II ao batalhão



VISTA DA BARRA, TOMADA DO PALACIO

voluntario da rainha, e o outro a entrega do coração do dador da Carta Constitucional. A estatua é de bronze, cinzelada por Calmels e foi fundida em Bruxellas. O palacio da Camara Municipal — que lhe fica ao norte — é um edificio simples, realçado apenas pela figura tôsca, collocada no tympano, representando um guerreiro empunhando uma lança e escudo com as armas e que symbolisa a cidade. Diga-se de passagem que o cartorio da Camara do Porto é valiosissimo e encerra documentos que datam de 1390.

Ao sul da praça, começa a subir, para a direita, a calçada dos Clerigos, avistando-se ao topo a egreja que lhe dá o nome e se torna notavel pela sua situação no centro da cidade e pela elevada torre que se vê a grande distancia, servindo até de phanal aos mareantes que a avistam a 60 kilometros. E' muito elegante esta torre e mede 75 metros d'altura. O edificio começou a construir-se em 1732 e a torre em 1748, ficando prompta em 1762, tendo sido executada sob a direcção do architecto italiano Nicolau Mazoni. Vê-se de todos os pontos da cidade e póde visitar-se — mediante pequena gorgeta ao sineiro; — é toda em cantaria e tem 8 campanarios com os respectivos sinos. Da varanda — em columnas de pedra — desfructa-se em toda a volta um soberbo panorama.

N'uma esplanada, a algumas dezenas de metros dos Clerigos, ergue-se o soberbo Hospital da Misericordia, que principiou a construir-se em 1770. E' um magestoso edificio de tres andares, com muitos salões, grandissimo numero de enfermarias e tres mil degraus. As paredes-mestras têem — em alguns pontos — a espessura de onze metros. A invocação de Sancto Antonio que lhe foi dada, é devida a um caso curioso, consoante refere o *Diccionario Popular,* de Pinheiro Chagas, de onde respigamos algumas notas para a factura d'esta breve resenha de edificios, e que passamos a referir: A mesa da Sancta Casa reuniu em 15 de junho de 1770 para resolver qual fosse o padroeiro d'este hospital; uns optavam por que fossem S. José, S. João de Deus e outros por Sancto Antonio. Sendo impossivel accordar-se n'uma opinião tão desencontrada, procedeu-se á votação e saíu eleito Sancto Antonio. O provedor, porêm, que se chamava D. Antonio de Lencastre, objectou que poderia dar-se essa eleição como combinada vista a homonymidade sua e de mais alguns mesarios e aconselhou a que se fizesse nova eleição. Realisado novo escrutinio, saíu outra vez eleito Sancto Antonio, e assim se ficou chamando essa instituição.

O convento do Carmo — que fica situado na praça de Carlos Alberto, um pouco áquem do Hospital da Misericordia — foi creado em

1619 a expensas da Camara e da cidade, e pertenceu aos frades carmelitas, acabando de construir-se em 1628. E' n'este edificio que está installado o hospital da Ordem Terceira.

O palacio de Crystal é uma das obras modernas mais importantes do Porto. Lançada a primeira pedra em 1861, no formosissimo local da Torre da Marca, d'onde se gosa uma vista deslumbrante, foi feito pelo risco do architecto inglez Schields e dirigido pelo architecto portuguez Gonçalves e Sousa. O edificio mede cento e dez metros de comprimento e setenta e dois metros e trinta e quatro centimetros de largura, tendo a cupula, de crystal, no ponto mais alto, dezoito metros e noventa. Possue quatro fachadas, e entrando a fachada principal — onde se lê a palavra *Progredior*, lemma d'aquelle edificio — vê-se, á esquerda, o theatro Gil Vicente. Os jardins são lindos, aformoseados ainda pelo lago e suas grutas que dão um aspecto feerico a essa estancia; é n'esses jardins que fica a capella de Carlos Alberto; ainda n'esse parque existe uma curiosa, posto que resumida, collecção do animaes vivos.

A egreja de Cedofeita é o monumento mais antigo da cidade. Foi fundado em 559, por Theodomiro, rei dos Suevos, sob a invocação de S. Martinho de Tours. Ha em volta d'esta egreja uma lenda que, por curiosa, não deixamos de a referir: este monarcha, tendo um filho muito enfermo, submetteu-se ao catholicismo, mandando a França uma embaixada para trazer as reliquias d'esse sancto, com quem tinha a maior fé, e n'essa occasião fez construir a basilica para as receber, e tão depressa foi feita que lhe pôz o nome de *Cito-facta* (Cedo-feita). E' um edificio de tosca architectura gothica.

Digno tambem de vêr-se é o jardim da Cordoaria, um dos mais arborizados passeios publicos da capital do Norte, embora fique collocado entre tres fócos pouco agradaveis: a cadeia da Relação, o mercado do peixe e o hospital da Misericordia. Dentro d'esse jardim foi erigido um modesto monumento a um distincto filho do Porto: Marques Loureiro, um grande floricultor; é obra de Teixeira Lopes, o notavel esculptor de quem teremos o prazer de falar no fim d'este artigo, quando nos referirmos a alguma cousa d'arte. No socalco do monumento, vê-se um busto do propugnador da horticultura, e em cima uma figura de camponeza — *A Flora* — com um mólho de plantas na mão.

A cadeia da Relação — que fica á esquerda d'este passeio — é um grande e desengraçado edificio construido por D. Filippe II, de Hespanha, em 1583, a instancias das Côrtes de Thomar, sendo demolida por João d'Almada e Mello que, em 1765, a mandou reconstruir. Num dos seus quartos, escreveu

PALACIO DE CRISTAL

Camilo as *Memorias de Carcere*.

Mas o edificio mais sumptuoso do Porto é o palacio da Bolsa, mandado construir em 1841 pela Associação Commercial sobre as

ruinas do convento de S. Francisco. Tem uma soberba escadaría e dois salões: o nobre e o de recepção, que é d'um gôsto luxuoso requintadamente artistico. Para melhores e mais detalhados pormenores veja-se os artigos de João d'Oliveira Ramos e Joaquim de Vasconcellos na *Arte e a Natureza em Portugal*, em que se refere á egreja de S. Francisco e á estatua do infante D. Henrique, e que por esse motivo nos abstemos de referir aqui.

A egreja dos Congregados — que fica ao fundo da rua de Sancto Antonio e perto da Praça Nova — data de 1680, epocha em que foi introduzida no Porto a Ordem dos Congregados de S. Filippe Nery. Ficava outr'ora extra-muros da cidade; a egreja de Sancto Ildefonso — ao cimo da citada rua — encerra bellos ornatos, bons altares e tem a celebrisál-a as escadas, com suas setteiras, d'onde a guarda municipal, entrincheirada, fazia fogo sobre os revoltosos do 31 de Janeiro de 1891.

EGREJA DA TRINDADE

Caminhando para a direita, encontra-se a praça da Batalha — um largo muito arborizado — onde se ergue um singelo monumento a D. Pedro V, mandado erigir pelo operariado. Foi executado pelo velho e fallecido esculptor portuense Teixeira Lopes.

Dirigindo-nos para o lado de S. Lazaro, depara-se-nos um lindo jardim — e perto um largo terreiro em que costuma realisar-se a feira de S. Lazaro. Ao norte do jardim vê-se a Bibliotheca Publica, um edificio enorme, primitivamente o convento de Sancto Antonio da Cidade; é mais ampla do que a de Lisboa. Para mais indicações, leia-se o precioso artigo de José Pereira de Sampaio *(Bruno)* — o erudito director d'esse estabelecimento scientifico — inserto nos n.os 16 a 18 e 20 da 2.ª série d'esta interessante revista.

A ponte D. Luiz — que dá accesso a Villa Nova de Gaya — foi construida em 1881, sob a direcção de A. Maury, sendo o projecto actual de Th. Séyrig que tambem coadjuvou G. Eiffel no projecto da de Maria Pia. Teve um outro projecto, devido ao fallecido general João José de Mattos. E' elegante, espaçosa e d'ella se abrange a vista de toda a cidade até á foz do rio Douro; a ponte Maria Pia é mais antiga, pois foi inaugurada em 1877, sendo a sua construcção feita sob delineamento e direcção do celebre engenheiro francez Gerardo Eiffel, o que deu o nome á notavel torre de Paris. Tem cêrca de quatrocentos metros de comprimento, é construida n'um só arco e destina-se á passagem dos comboios do Sul.

Ainda uma das obras mais dignas do Porto e que merece ser visitada é o celebre Hospital dos Alienados, que mais tarde to-

mou o nome do seu principal instituidor, o benemerito Joaquim Ferreira dos Santos, mais tarde Conde de Ferreira, que — por sua morte — lhe legou duzentos contos. Está installado no largo da Cruz das Regateiras, ao Costa Cabral, proximo a Paranhos. Os directores têem sido — entre outros, cujos nomes de momento nos não occorrem — o dr. Antonio Maria de Senna e dr. Julio de Mattos, que ainda exerce essas funcções.

EGREJAS DO CARMO E CARMELITAS

O Porto possue dois importantes cemiterios: o de Agramonte — proximo á Boa-Vista — e o do Prado do Repouso — juncto a Campanhan. N'esses logares de respeito — verdadeiros jardins dos mortos — vêem-se alguns tumulos de merecimento, destacando-se: no do Prado do Repouso, o monumento aos vencidos de 31 de Janeiro; e no de Agramonte, o erigido ao Conde de Ferreira e o que foi consagrado ás victimas do incendo do theatro Baquet.

Não nos davamos por satisfeitos se não fechassemos este resumido artigo com a indicação de uma visita que todo aquelle que vá ao Porto não deve deixar de fazer, e bem assim indicar alguns dos estabelecimentos artisticos e commerciaes que o Porto possue e que merecem menção especial. Principiemos por atravessar a ponte D. Luiz, para visitar o museu de arte — a casa de trabalho dos grandes artistas Teixeira Lopes, ao topo das Devezas, em Gaya. Essa casa de trabalho, cujo aspecto exterior é bello, e que encerra verdadeiros primores d'arte, é de construcção muito original e mesmo rica para artista portuguez, e foi delineada por José Teixeira Lopes, ir-

PONTE DE D. LUIZ E CAES DA RIBEIRA

mão do celebre estatuario. Por uma larga porta, de magnifico desenho, penetra-se n'uma grande sala, que — segundo Gandarella, a cujo artigo nos reportamos para fazer referencia a estes dois extraordinarios artistas — se poderia chamar *sala dos modelos velhos,* mobilada com preciosos e velhos moveis e decorada a faianças, tapetes, quadros antigos e, principalmente, *maquettes* das valiosas obras de Antonio Teixeira Lopes, os gessos da *Viuva,* da *Rainha Sancta* e de varios bustos encantadores. Pegada a essa, n'outra grande casa, trabalha o artista e em cima, n'um andar um pouco recuado, ficam as salas destinadas á bibliotheca e iconographia, e gabinete do artista. Da casa de trabalho passa-se, por uma especie de quinteiro com um telheiro, para a casa de moradía dos Teixeira Lopes — casa d'uma encantadora apparencia rustica. Teixeira Lopes, pae, deixou cousas primorosas, como um *Christo* em bronze; o tumulo da familia Campeão, no Repouso, onde tambem se vê uma bella figura da Caridade; o baptisterio da Sé e uma estatua de D. Pedro V, em Braga.

José Teixeira Lopes — álêm de ter delineado — como dissémos — a sua casa de trabalho, teve tambem excellente collaboração na *maquette* da porta da egreja da Candelaria, no Rio de Janeiro, e outras obras primorosas que nos não recordam; crêmos, porêm, que mais tem produzido Antonio Teixeira Lopes que — álêm da *Viuva,* da *Rainha Sancta,* de um busto da *Republica,* da estatua a Eça de Queiroz, no Largo do Quintella, aqui em Lisboa — tem a *Historia,* que figura no tumulo de Oliveira Martins, *Caridade, Caim, Sancto Izidro,* e tantas obras-primas que não as podemos mencionar todas.

PONTE DE FERRO D. MARIA PIA

Cabe agora a vez de — para fecho — indicar algumas casas importantes no Porto e que merecem visita especial: as photographias Biel, na rua Formosa, e Guedes, na rua de Sancta Catharina, propriedade do nosso querido

amigo e distincto escriptor Guedes d'Oliveira, a quem devemos a amavel cedencia de algumas das photographias que illustam o nosso despretencioso artigo; a fabrica de camisas *Confiança*, de Antonio R. Cunha, na rua de Sancta Catharina e que tem agora em Lisboa uma succursal na rua Augusta installada n'um magnifico edificio; a filial dos Armazens do Chiado, na praça dos Voluntarios da Rainha; e, no genero litterario, o lindo edificio manuelino em que está montada a Livraria Lello, nos Carmelitas, ao topo da calçada dos Clerigos.

* * *

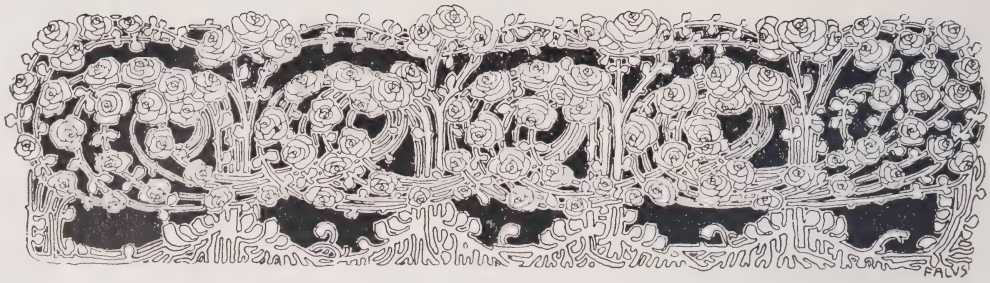
E por aqui nos quedamos hoje, deixando para artigo de maior folego o que ácêrca da linda capital do Norte se poderá dizer ainda e que — desenvolvida, como se póde e deve escrever — daría margem a longos estudos.

X — VIII — CMX.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Arte portuguêsa

SILVA PORTO — NA ARRIBANA



Visão de Deus

A minha mulher

Brumas ao longe... Sementeiras feitas...
Névoa sobre os pinhaes, de mãos erguidas...
— E as sementeiras falam de colheitas,
— Nas leivas, a sonhar, germinam vidas.

Olho a paisagem com meus olhos vagos,
Ondeantes de névoa, sonho, e scismo...
— Ergue-se a alma, em candidos afágos,
— Como névoas á beira dum abismo.

Olho e sonho, no meu deslumbramento
Extasiado, — e pérco-me sentindo,
N'uma ascenção p'ra Deus, meu sentimento
Em oração de névoa aos céus subindo...

E em mim mesmo renasce o antigo culto,
Em minh'alma na doce claridade,
Passa o inefavel, piedoso vulto
De uma oculta distante divindade.

Neste silencio, altissimo e profundo,
Em que o ruido sonha e adormece,
Como um sol novo sobre um novo mundo,
Uma visão de Deus sobre mim desce.

E em mim, sobre a paisagem reflectida
Em meu Amor, num comovido abraço,
Sinto Deus na visão da minha vida,
E a minha vida emflóra todo o espaço!

Como n'um coração que resumisse
Toda a Beleza em si, num grande Amor,
E em Amor se nos désse, e nos cingisse
No seu regaço immenso todo em flôr,

Minha Alma sonha, ondeia na paisagem,
E' silencio e perfume e névoa, assim
Como tudo o que eu sinto é pura imagem
Do meu perfeito Amor resando em mim.

Sinto a piedosa, a intima bondade
Das coisas ao redor, numa ascenção...
E o coração da terra é claridade
A iluminar de Amor meu coração...

Nesta piedade que me exalta e é
Piedade nas coisas, luz nos ceus,
E Beleza e Amor, visão e fé,
E comoção e pranto, eu sinto Deus!...

Ergue-sê em minha Alma revelando,
Num momento de assombro, a sua essencia
E deslumbra e comove dilatando
A Alma além das trévas da apparencia...

E sinto Deus em mim, sentindo a Alma
Harmoniosa e intima de tudo...
— Erguem-se cantos sobre a terra calma,
— Extatico de Amor, sonha o ceu mudo...

Sinto Deus e sorrio,.. Em meu sorrir
Entreabre a Alma as pétalas do pranto,
E na visão de Amor do meu sentir
Tudo é divino e amoroso e santo...

Deste mirante aonde Deus se sente
E a nossa alma se repoisa em Deus,
Viste a paisagem, piedosamente,
Com teus olhos de Amor. Irmãos dos meus.

E a tua voz de prece, enternecida,
Que tem silencios p'ra dizer melhor,
A Beleza indizivel desta Vida,
E os misterios sagrados deste Amor,

Tua voz pequenina, em oração,
Disse o que o teu sentir melhor sentia,
E os olhos da tua comoção
Viam melhor que a tua vista via...

Minha Mãesinha, meu Amor... Assim
Esta paisagem me diz tanto agora,
E se revéla Deus e se ergue em mim
Sua visão de Amor branca de aurora.

O caminho do Amor, que bom caminho!..
A que alturas supremas nos eleva,
Que bom olhar no olhar do mais ceguinho,
Que diluvios de luz na maior tréva!..

Sentir a Deus, sentir, extasiado,
Teu olhar de Alma a reflectir o meu,
Olhar e ver o ceu todo estrelado,
Sentindo dentro de Alma o proprio ceu...

Avistar Deus no nosso Amor. senti-lo
Para além da apparencia, em mais verdade,
Num horisonte ideal, claro e tranquilo,
De névoa incerta e doce claridade...

Sentir a Deus levando-te nos braços
E as lagrimas nos olhos, e a ternura
Da tua alma a florir nossos abraços,
E meu pranto a florir em formozura...

Meu Amor e meu Deus! Visão perfeita
Do nosso Amor em corpo florescida,
Alma livre da fórma que a sujeita,
Fórma a viver mais elevada Vida..

Se olho os teus olhos fico-me scismando...
E meu o scismar é névoa que se ezala,
Da tua Alma em teu olhar resando,
E a sorrir, a resar na tua fala...

Névoa que mostra Deus e que deslumbra
Meu ser divino escravo da aparencia,
Luz ideal de ternura e de penumbra,
E de Amor e visão e transcedencia.

E' bela, meu Amor, porque te vejo
Com meus intimos olhos deslumbrados,
Não com meus olhos cégos de desejo,
A' iluzão e á aparencia acostumados.

E's bela, meu Amor!... Tua Beleza
Vejo-a sentindo a tua Alma... Assim
Como sinto perfeita a Natureza
Animizada, emocionada em mim!

Ancias de polen tateando ramos
Numa cegueira, procurando a flôr,
Tambem nós, meu Amor, nos procurámos,
Para sentirmos Deus no nosso Amor!

Quero-te como o Sol deseja ás flores,
E a madrugada ao Sol, e a noite ao dia,
Como a alegria pura quér ás dôres,
E o pranto que sorri quér á alegria!

Quero-te, meu Amor, porque te amava
Bem antes do momento em que te vi,
Por este Amor que em mim se levantava,
Desde o principio, em oração, p'ra ti!...

Amo-te meu Amor, — como a luz ama
O seio imenso e maternal dos céus!
— Amo-te como a alma, a névoa, a chama,
— E a luz, e o Amor, e o Bem se amam em Deus!...

AUGUSTO CASIMIRO.

THEATRO DE DIONISOS EM ATENAS

O theatro da Natureza

(Revivescencias do antigo)

AMIUDADAS vezes as necessidade modernas da Arte e dos costumes, recorrem ás antigas usanças tradicionaes cuja memoria se perpetuou até nós pelas ruinas dos velhos edificios, e d'este modo revivem usos perdidos havia muitos seculos, operando-se uma verdadeira reconstituição archeologica.

E' este phenomeno de revivescencia que ao presente se está observando, pelo que respeita os theatros.

Uma corrente forte se vai formando, principalmente nos paizes do sul, movida pela necessidade hygienica, social e artistica de mudar as condições dos espectaculos actuaes.

Em vez de se exhibirem em salas acanhadas, quentes anti-hygienicas e perigosas, a arte e a poesia acharão melhor scenario nas collinas e nos valles, onde a natureza a todos faculta os seus adornos naturaes, a pureza do ceu, a folhagem tremula das plantas, as nuvens, o vento, os campos e as praias,

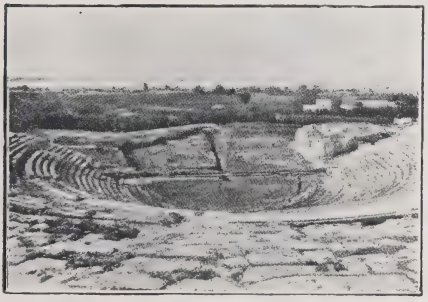
Volvemos pois á fórma primitiva dos theatros da antiga Grecia, como os de Athenas e de Syracusa, como o de Taormina, restau-

rados e aproveitados pelos romanos, onde a multidão de dezenas de milhares de espectadores presenciavam o espectaculo, numa confraternidade democratica, naquelles immensos amphitheatros situados nas encostas de collinas coroadas de oliveiras, tendo em face a vastidão azul do mar.

Ainda hoje se encontram em muitos logares da Europa as ruinas destes vastos amphitheatros, restos gloriosos das antigas civilizações grega e romana. De todas estas ruinas, as do antiquissimo theatro de Taormina, na Sicilia, são as que mais inteiramente nos revelam a fórma original e as particularidades especiaes de tão curiosas construcções.

Edificado ha cerca de 23 seculos na encosta septentrional do monte Tauro, é um vasto *auditorium* circular de bancadas em degraus, defrontando com o grandioso e indescriptivel panorama do mar Jonico, da costa oriental da Sicilia, e do monte Etna. Tem 336 pés de diametro; era todo forrado de marmores, muitos dos quaes os duques de Santo Estefano aproveitaram depois no seu palacio, espoliando vandalicamente aquellas veneraveis ruinas.

Ampliaram e restauraram os romanos a velha construcção grega, já grandemente arruinada, mas a restauração ficou muito longe da majestade e bom gosto da decoração grega. O palco é a parte mais impor-

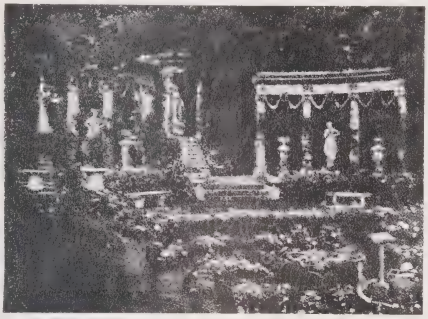


THEATRO GREGO DE SIRACUSA

tante que hoje resta do theatro, conservando-se intacto o plano fundamental do grandioso edificio. As ruinas dos theatros de Siracusa, de Segesta e de Taormina, completam-se de modo que o conjuncto dellas dá a idéa perfeita do theatro grego.

Em Taormina vê-se o grande portico com columnas, tendo nas paredes os nichos para as estatuas dos deuses e dos heroes.

Os actores representavam deante deste portico, num proscenio que ía até á orchestra, tendo duas portas lateraes commu-



O THEATRO DAS ROSAS

nicando por corredores com os camarins. No tempo dos romanos o theatro, augmentado com duas grandiosas galerias, comportava 40:000 espectadores.

Um viajante e escriptor illustre, contando a sua visita a estas ruinas, diz-nos que ante aquella obra de genio artistico e poetico da civilização grega, ficou subjugado e reconheceu a inferioridade artistica do famoso Colyseu de Roma, monumento estupendo da força bruta dos vencedores do mundo.

Alli em Taormina encanta a inspiração artistica, a calma e pura influencia de uma estirpe de homens, que acima de tudo prégava a arte e adorava a belleza. Do theatro grego disfructava-se o suave esplendor do mar, o maravilhoso scenario da costa, do Etna coroado de fumo, e alli Eschylo, Sophocles, Euripides e Aristofanes receberam durante seculos o tributo das lagrimas e do riso, dominando multidões enormes.

Assim declara as suas impressões o illustre viajante inglez W. Paton, deslumbrado pela magnificencia e indizivel belleza das ruinas, da vista panoramica que se desenrolava deante d'elle, debaixo do azul limpído e maravilhoso da Sicilia!

Renasce hoje, transcorridos tantos seculos, como idéa nova, a idéa dos *theatros ao ar livre* e *Theatros da Natureza*. Esta

idéa não é mais do que a revivescencia archeologica do theatro grego e das antigas representações medievaes, em que se exhibiam os *mysterios* e os *autos* nas cathedraes e nos tablados erguidos nas praças, por occasião de festejos publicos.

Assim na egreja ou capella do Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa, ao Rocio, representava-se em 1518, pelas matinas do Natal, perante a rainha D. Leonor, o *Auto da barca do Purgatorio,* de Gil Vicente, e annos depois, em 1521, pelas festas da solemne entrada da rainha em Lisboa, era o mesmo Gil Vicente encarregado de mandar levantar os *catafalcos,* nas ruas, para n'elles se representarem *autos* de sua composição.

Só mais tarde se realizaram os espectaculos dramaticos nos famosos *Pateos das Comedias,* no *Pateo das Arcas* e nos theatros do Bairro Alto.

Os espectaculos nos logares publicos, apenas cobertos por um toldo, faziam-se de

THEATRO GREGO DE TAORMINA

dia, havendo a platéa ou *popularia* para o povo e os *palanques* e *tribunas* para a côrte e para a nobreza.

Ainda hoje temos uma reminescencia d'estes espectaculos antigos nas ruas e nas praças, nos palcos em que, na pittoresca Coimbra e suas cercanias, se exhibem pelas populares festas do São João, as encantadôras *fogueiras,* nas quaes dá largas ao seu estro a musa popular, ora sentida e triste, ora faceta e ladina, como a musa velha do sempre inimitavel Gil Vicente.

Os modernos theatros populares tiveram inicio recente em França, pela ressurreição do theatro romano de Orange, devida ao zêlo de Paul Mariéton e de Mounet-Sully. Alli se representou em 1888, pela primeira vez, o *Œdipo-rei,* seguindo-se-lhe uma serie de tragedias antigas, nas quaes todos os annos os actores exhibem perante numeroso publico, debaixo do ceu luminoso da Provença, o *cothurno* e o *peplum* dos antigos.

Annos depois, em 1895, um novo apostolo, M. Maurice Pottecher, creou o theatro popular em *Bussang,* perto da fronteira alsaciana, onde se representaram com enorme exito diversos dramas simples, rusticos, purificantes, em que a arte, longe de se manifestar encerrada em salas estreitas, n'uma athmosphera mephitica, sob o imminente perigo de pavorosos incendios, e analysando casos sordidos de adulterio e de crime, desabrocha e se purifica n'um ambiente largo, perante a multidão sadia, e o aspecto sincero e grandioso da natureza.

O apostolo de Bussang foi ouvido com agrado; por toda a parte se improvisam theatros ao ar livre, em Gérardmer, em la Mothe-Sainte-Herave, no Poitou; em Plonjean, na Bretanha, em Paris mesmo, o theatro de Verdura do Pré-Catalan; e semelhantemente á tentativa de Orange, em

muitas cidades da França, em Ardes, Champigny, Nîmes, Luchon, Bézieres, se procuraram utilisar as velhas ruinas romanas, ainda melhor ou peior conservadas, ou se aproveitaram simplesmente quaesquer sitios proprios para a representação das velhas tragedias classicas.

São estas as que, pela sua simplicidade, melhor se podem adequar ao *theatro da Natureza*.

Companhias de famosos artistas teem dado magnificos espectaculos n'estes theatros da Natureza, de preferencia nos pittorescos sitios dos baixos Pyrineus.

O «SIEGFRIED» NO THEATRO DA NATUREZA (CAUTERETS)

Em França a iniciativa tem applausos e conquistou razoavel exito. Em 1906 outro benemerito, M. Jules Gravereaux, fundava em uma collina proximo de Fontenay-aux-Roses, (poetico povoado, de tão poetico nome, onde por tanto tempo viveu e porfim morreu o notavel romancista e academico francez, André Theuriet, um fanatico amador de rosas) um theatro de Verdura, destinado a glorificar a rainha das flôres.

Fundou ali pois a celebre *Roseraie* e o *Theatro das Rosas;* no roseiral creou cêrca de 7:000 variedades de rosas; no theatro dava a recita inaugural com os *Rosati*, sob o ceu purissimo e sereno; a encantadôra mademoiselle Sandrini, bailarina da Opera, e as suas companheiras reproduzindo entre o arvoredo, as bellas e plasticas posições das dansas gregas, deixaram aos espectadores inolvidaveis recordações. «Era, diz um critico que assistiu á recita, a graça antiga resuscitada, ante um publico de artistas, que se miravam, surpresos de não estarem egualmente revestidos á antiga com a toga e com o *peplum*. E' difficil, continua o mesmo critico, M. Chapelle, tornar comprehensivel aos que não o presencearam, a magía indizivel do aspecto d'aquelle espectaculo. A scena — um hemicyclo — emmoldura-se em dois porticos semi-circulares, ao centro dos quaes está lançada a escadaria que conduz ao templo de Venus, formando uma graciosa reprodução do templo do amor, no Trianon.

Entre as columnas, grandes vasos com rosas; estatuas de nymphas. A orchestra de 12 figuras, encoberta no rosal; a sala com suas bancadas de relva; e no palco um grupo de amadores representando com arte o *Triumpho do Deus Pan*, opera mythologica de M. Alexandre Michel.»

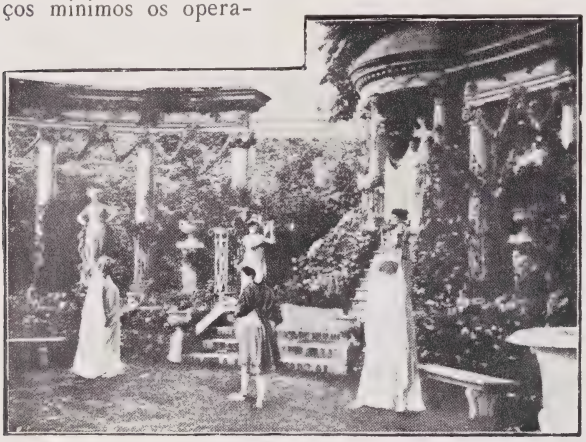
*

Não possuimos já, infelizmente derruidas e sotterradas, as ruinas do antigo theatro romano, na rua de S. Mamede, á Sé, das quaes nos deu interessante noticia o estudioso Luiz Antonio de Azevedo, na sua memoria, publicada em 1815, e da qual se extraíu ultimamente um artigo illustrado, da *Illustração Portugueza*, assignado Rocha Martins.

A iniciativa da restauração d'este costume archaico, das representações ao ar livre, tem obtido numerosos adeptos.

«Estes espectaculos ao ar livre, diz Jean Frollo, o elegante e erudito articulista do *Petit Parisien* (cujo artigo vamos extractando), estas interessantes renovações artisticas,

crearam uma atmosphera de sympathia á roda de um vasto projecto: — o de crear no centro de Paris, um immenso theatro popular, onde, por preços minimos os operarios, os empregados, a gente miuda, que pela exiguidade dos seus recursos não podem frequentar os theatros, verão representar as melhores obras dramaticas antigas e modernas Eis aqui o primeiro resultado obtido pela propaganda dos theatros ao ar livre; outro resultado porém, mais elevado, pelo qual Michelet pugnava com todas as suas forças, é o de se elaborar uma arte dramatica nacional, feita de ideal e de verdade, em que se agitem os grandes problemas que devem interessar um paiz, e na qual revivam as nobres figuras que lhe proporcionaram um logar invejavel na historia do mundo.»

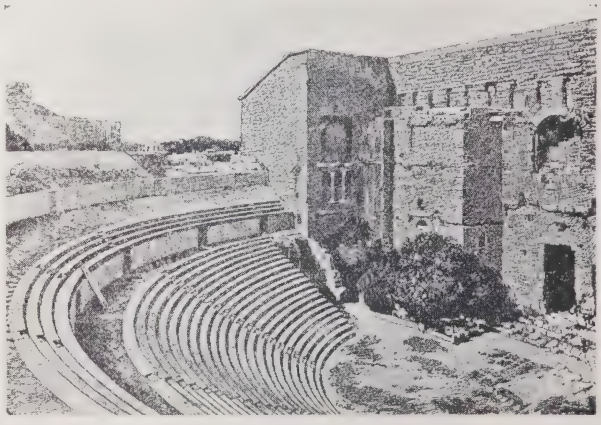


UMA SCENA DO «TRIUNFO DE PAN» NO THEATRO DAS ROSAS

Como se vê, esta revivescencia archeologica dos processos theatraes visa a um intuito elevado, de grande alcance social e educativo. Entre nós tambem teve echo a cruzada. Ouvimos falar já ha tempo de um grandioso sonho do sr. Marcellino Mesquita, para se effectuarem n'um vasto amphitheatro natural, á beira-mar, com o scenario soberbo que a Natureza do nosso bello paiz porporciona, recitas ao ar livre, de um grande drama historico sensacional, sobre a *Perda da nacionalidade,* em 1580, revestido de extraordinario apparato scenico.

Não vingou o intento. Reviveu agora porem a idéa, na empreza do sr. Alexandre de Azevedo, animada pelo conselho e auxilio tão valioso do sr. Coelho de Carvalho, alto espirito e illustre escriptor dramatico, enthusiasta pela idéa, e que para o novo *Theatro da Natureza,* inaugurado no Jardim da Estrella, a 2 de julho, expressamente ordenou uma traducção adaptada do *Orestes,* a formosa peça da trilogia grega de Eschylo.

A idéa de Coelho de Carvalho, tende a reconstituir o verdadeiro theatro da Natureza, sem o theatro material, como nos colyseus e circos romanos; não pretende só o theatro ao ar livre; quer o verdadeiro theatro tendo por scenario um jardim. Algarvio illustre, o sr. Coelho de Carvalho foi buscar a tradição remotissima das *Mouriscas,* ainda conservada nos mais reconditos dos montes algarvios na representação bailada e figurada da *Mourisca de Casamento,* em



THEATRO DE ORANGE

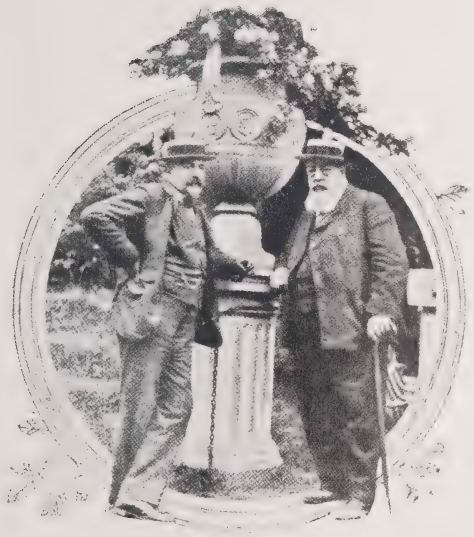
que, elle proprio o diz, o poeta — «se reproduzem os motivos movimentaes e dramaticos do famoso *Cantico dos Canticos,*

o poema dramatico do sabio rei Salomão».

Esta velha *Mourisca* popular, conceituosa, com os seus cantos bailados, com os seus monologos, dialogos e córos, é no dizer abalisado de Coelho de Carvalho, o verdadeiro ideal do theatro da Natureza. E n'esta orientação scientifica e artistica, o sr. Coelho de Carvalho, ao passo que apresentou ao publico o *Orestes,* deseja preparar o *Cantico dos Canticos,* e aconselha aos auctores portuguezes a creação de um theatro nacional, que seria tão interessante e educativo, dizendo: — «procurem, na tradição das nossas lendas, motivos dramaticos para reconstituirem, de fórma a interessar o publico, mas sem lhe tirar o ingenuo sabor primitivo, as antigas *mouriscas*, tão populares outr'óra, e dando á peça mais concentração, de sorte que a acção se dispa de incidentes e fique, por isso, mais integral e suggestionante. Farão assim theatro popular, para ser representado ao ar livre e com o scenario da *Natureza*».

E assim conseguirá Portugal aproveitar, nacionalisando-a, a tão sympathica idéa dos theatros da Natureza, para os quaes tanto se presta o incomparavel clima da nossa terra.

VICTOR RIBEIRO.



ANDRÉ MICHEL, AUTOR DO «TRIUNFO DE PAN», REPRESENTADO NO THEATRO DAS ROSAS

SILVA PORTO — Conduzindo o gado (ribatejo)

Um dia em S. Julião da Barra

(24 de Julho de 1833)

(Conclusão)

Telles Jordão, cuja grosseria alvejava os proprios officiaes da guarnição da praça, deleitava-se em tornar a reclusão tão incommoda quanto possivel para as victimas da intolerancia politica, e assim, durante os ultimos nove mezes de 1832, não lhes permittiu que tivessem um só leito, cadeira ou meza, razão por que ao longo das prisões se alinhavam os colchões unicamente, que, enrolados durante o dia, simulavam fardos de fazendas.

Se nas tres casas abobadadas do revelim a vida era supportavel até certo ponto, dando a labutação dos duzentos (1) presos ali aferrolhados o effeito de «um bello e interessante painel», segundo a phrase de Silva Lopes; nas outras masmorras, em algumas das quaes não entrava um unico livro, passavam os dias, escreve elle tambem, «com monotonia e enjôo».

Das almas dos seus forçados hospedes cuidava, porém, o brigadeiro com attenção especial, como se prova pela ordem que deu para que não pudessem durante a quaresma comer carne.

A' obra dos sanhudos carcereiros oppunha-se a dos perseguidos, que a mais e mais se uniam, conseguindo illudir a tal ponto a vigilancia do Bachá e dos seus acolytos que se estabeleceu correspondencia de umas para outras masmorras. Um dos processos, para o caso de duas prisões contiguas e de se ouvirem as vozes de uma para outra, consistia em se substituirem as lettras de cada palavra pelos numeros que lhes correspondiam na ordem usual do alphabeto. Por conseguinte em vez de *a* dizia-se *um*, em vez de *b*, *dois*, e assim por deante. Para se significar que a palavra tinha acabado, pronunciava-se: *Dama*.

Com o fim de obstar a enganos e de se falar expeditamente, os interlocutores observavam as casas de um jogo de damas, onde estavam marcados os numeros seguidos, desde um, e as lettras correspondentes a esses numeros.

Se as prisões eram distantes entre si, exprimiam-se os numeros dando outras tantas pancadas na parede.

Idearam ainda outro meio, não accessivel para todos. Era o de assobiarem, aproveitando os andamentos da musica para as transmissões. O *alegro* significava chamada; o *andante*, repetição da chamada; o *presto*, attenção, indicando-se as lettras de cada palavra pelo numero de compassos do *moderato*.

Como o pessoal da cadeia tivesse, por fim, desconfiado, foram prohibidos os assobios e estabeleceram-se rondas amiudadas para caçar algum desobediente.

Muito convencido da efficacia de taes ordens, Telles Jordão repetiria de certo a sua costumada e cruel graçola: «Esperam o seu

(1) Em 24 de julho de 1833 eram 202.

Pedro, mas ficarão empedrados». Vingava-se tambem obrigando os detidos a gritar: «Viva D. Miguel, rei absoluto de Portugal!», talvez na esperança de que assim manteria solidamente no throno a seu amo, que por duas vezes o foi visitar á Torre (1).

Ouviria o filho de Carlota Joaquina alguns d'aquelles vivas de tanta espontaneidade?

* * *

Approxima-se a hora em que a bandeira branca deixará de tremular sobre as muralhas de S. Julião.

Já no dia em que para ali tornaram, vindos de Cascaes, tiveram os presos politicos alguns minutos de esperança. Cuidando que seguiriam por mar, como na ida, formaram um plano atrevido. Se os soldados da escolta enjoassem, conforme succedera aos que os tinham acompanhado áquella villa, tirar-lhes-hiam as armas, e, senhores das faluas, em 16 ou 18 horas chegariam ao Algarve, para ali se juntarem ao duque da Terceira. Não os amedrontava a difficuldade de guiarem as embarcações, porque entre elles havia peritos na especialidade, mas preoccupavam-se com um possivel ataque da esquadra realista, ignorantes, como ainda se achavam, do destroço padecido junto ao Cabo de S. Vicente. Não obstante, estavam decididos áquelle acto de extremo arrojo, e haviam-se até munido do pão e da agua necessarias para a viagem, eis que de repente os sonhos se desfizeram como por encanto: o regresso ia fazer-se por terra. E com effeito percorreram a pé as duas estiradas leguas de caminho, por cima de má calçada e de areia, amarrados aos dois e dois, levando ás costas a sua roupa, n'um bornal, para que lh'a não roubassem, como tinha acontecido ás bagagens. Exasperou-os tanto a jornada, feita debaixo de um sol abrazador, que Silva Lopes referindo-se, a tal proposito, aos carcereiros da cidadella de Cascaes e de S. Julião, os mimoseia com os seguintes epithetos: «ladrões, descarados malandros, estupidos sandeus com cara de cão, cabeça de burro e coração de tigre».

UM ASPECTO DO CORREDOR DAS CASAMATAS

Estamos a ouvir o suspiro de alivio que este desabafo certamente lhe arrancou do peito.

Não foram como os antigos os vexames dos dias subsequentes, por isso que Santa Barbara, longe de se parecer com o seu abominavel predecessor, nunca deixava de fazer justiça ás reclamações que lhe dirigiam.

Porém a impaciencia continuava a mesma, atiçada pelas noticias que a todo o momento se espalhavam nas prisões: a 16, a da victoria alcançada pelo almirante Carlos Napier; a 22, a da occupação de todo o Algarve pelas tropas commandadas pelo duque

(1) A 18 de agosto e a 2 de setembro de 1831.

Terceira, e da marcha d'este general atravez do Alemtejo.

Ainda mais se excitaram os animos quando, no dia 17, foram corridos os ferros de todas as janellas, cuidado que nunca tinha havido durante aquelles cinco annos.

Estavam imminentes, sem duvida, acontecimentos decisivos, mas ao certo ninguem sabia nada. Tudo eram duvidas, incertezas, conjecturas.

*

Chegamos finalmentes ao dia 24 de julho de 1833.

A's cinco horas da manhã, recebeu o governador Pedro José de Santa Barbara uma ordem circular do duque de Cadaval, governador militar da capital, preceituando-lhe que fosse encravada toda a artilheria, e que a guarnição marchasse immediatamente para Queluz, a reunir-se com as forças que tinham evacuado Lisboa. Determinação egual fôra expedida aos commandantes de todas as fortificações da margem direita do Tejo.

Tal era o desatino que no espirito d'aquelle general, riquissimo de bens de fortuna mas pauperrimo de talentos militares, causára a derrota soffrida na vespera pelas forças realistas, na Cova da Piedade!

O governador de S. Julião convocou logo os officiaes da praça a fim de pedir-lhes conselho, e mandou o barão de Tondella, coronel do regimento de milicias da Guarda, que para isto se offereceu, a saber noticias positivas, duvidando ainda um pouco de que fosse verdadeira aquella prescripção.

Pois não estaria até fóra dos limites do crivel o pretender-se que uma força, composta de mais de oitocentos homens, abandonasse uma praça onde existiam, montadas, 74 peças de varios calibres, 8 obuzes e 9 morteiros, bem como larga copia de balas, granadas e bombas para estas boccas de fogo, havendo portanto a possibilidade de se offerecer energica resistencia a qualquer atacante habil e numeroso?

OUTRO ASPECTO DO CORREDOR DAS CASAMATAS

A ordem, porém, era terminante, e o successor de Telles Jordão nunca fôra homem para grandes resoluções, e muito menos para uma d'essas desobediencias heroicas, a que se tem devido mais de uma victoria e a salvação de um exercito. Apenas se certificasse, cumpriria tudo submissamente. A demora nasceu da duvida, e não de ter vislumbrado mais sensata resolução.

Emquanto esperava, a noticia foi se alastrando na fortaleza, e logo a soldadesca, para não deixar aos inimigos o vinho que por lá não faltava, se entregou a copiosas libações. Quasi nada tardou, egualmente, que os voluntarios realistas de Portalegre e os milicianos da Guarda começassem a percorrer quarteis e baterias, gritando confusamente:

— Viva o nosso rei!

— Viva o senhor D. Miguel!

— Viva a santa religião!

— Morram os malhados, os herejes, os pedreiros livres!

Alguns dos realistas alemtejanos, acaudilhados por um dos seus capitães, levavam a todos a palma na violencia, e bradavam furiosos:

— Vamos já matar os presos!

— Não se dá quartel a nenhum!

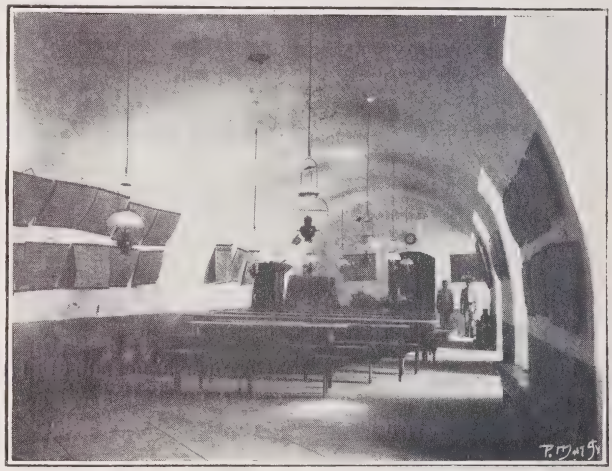
— E' acabar com esses cães!

— Vamos a elles!

Com a facilidade que teem sempre as multidões em seguir um ruim alvitre, a restante soldadesca repetiu enthusiasticamente:

— Vamos matar os presos!

Ouviu a celeuma o tenente de infanteria 19 Francisco Soares da Gama Lobo. Homem digno e generoso, treme pela sorte dos presos politicos, e começa por desviar uma parte dos energumenos, destacando-os, como piquetes, para um logar fóra da praça. Não acabava de o fazer, quando lhe dizem que os grilhetas se estão armando, com aquelle mesmo perverso intento, e que um tenente, chamado Freitas, trata de carregar com metralha uma das peças, na tenção de a disparar contra as masmorras. A seguir, ouve a conversa de officiaes da guarnição, e conhece, indignado, que, longe de os reprovarem, applaudem os infames preparativos. Tendo appellado immediatamente para o governador, é incumbido, por este, de evitar o attentado, e corre para a guarda do revelim, a cujo commandante pede as chaves das prisões, a fim de leval-as a Pedro de de Santa Barbara. Ao passar na guarda principal, topa com os grilhetas, já todos armados: ajudado pelas praças da guarda, desarma-os e mette-os de novo nos carceres, sem evitar, comtudo, que um dos facinorosos descarregue a espingarda, sem felizmente ferir pessoa alguma.



A ANTIGA «PRISÃO DO MEIO» DO REVELIM

Perdida a esperança de que pudessem escapar os presos da fortaleza, lembra-se de um irmão, que tem doente e sob clausura no visinho hospital da Feitoria, e acode lá, no empenho de salvar, não só a elle mas tambem aos medicos e a outro doente que lá se encontram. Pedem-lhe estes que volte para a Torre, e evite a grande atrocidade fazendo com que se não abram as portas das masmorras para a entrada dos almoços, pois que os malvados não deixarão de aproveitar este ensejo para irem perpetrar os assassinios. Condescende, tendo deixado na Feitoria o irmão e companheiros, todos transidos de medo, tanto pelo perigo que os ameaça, como pelo que, na Torre, estão correndo os seus duzentos e quarenta companheiros de desgraça, a quem não podem soccorrer, nem ao menos prevenir.

A' sua entrada na Torre, succedida a tempo de evitar-se que fossem abertas as masmorras, é espantosa a confusão. Já certo o governador da authenticidade da ordem do duque de Cadaval, mandou encravar a artilheria, com que poderiam atirar-lhe, e vae sahir á frente de toda a guarnição.

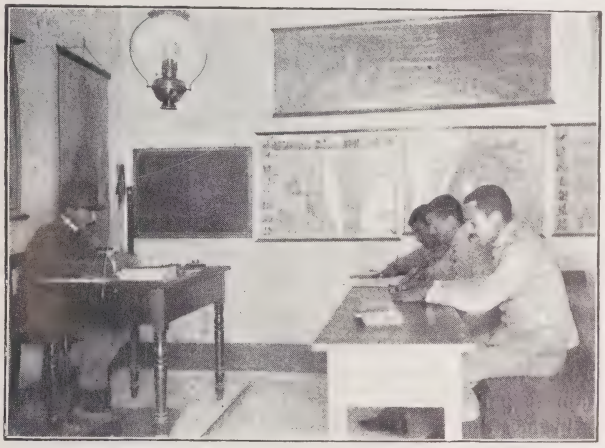
Todavia Gama Lobo consegue ficar, sob o pretexto de forçar á partida a algum retardatario; mas, tanto que vê longe os que retiram, vae ajudado por tres homens de sua confiança arrombar as prisões do revelim.

Voltemos aos presos politicos.

Já sabiam que da batalha de 5 de julho só duas corvetas e um brigue de D. Miguel tinham conseguido voltar para Lisboa, e não

ignoravam que a nau D. João VI, uma fragata e um brigue, onde pouco tempo antes se desfraldava a signa realista, acabavam de apparecer deante de Cascaes, arvorando a bandeira azul e branca, por terem cahido, tambem n'aquella batalha, em poder da esquerda liberal: ainda assim, mal se atreviam a crer no boato que, a 21 de julho, fôra alegral-os, e segundo o qual a divisão do duque da Terceira tinha já entrado em Palmella e em breve bateria ás portas de Lisboa.

Na tragica manhã, em que tinham as vidas suspensas de um fio, ouviram a grita dos voluntarios de Portalegre, mas vagamente, sem perceberem bem quaes fossem os designios dos sinistros fanaticos. Depois, tudo cahiu em silencio, e o tempo foi andando lentamente.



UMA DAS ANTIGAS PRISÕES DO REVELIM,
HOJE ESCOLA DE PRAÇAS DE ARTILHERIA DE COSTA

Ás sete horas, era costume o pessoal da cadeia ir abrir a porta e a janella da prisão do meio do revelim. Pois n'aquelle dia conservaram-se ambas fechadas até ás nove horas. Ouviu-se então, vindo de muito longe, o som da artilharia. No meio da crescente anciedade, cruzam-se explicações do facto, qual a qual mais phantasiosa ou disparatada.

Caluda! Chega de fóra, e de muito mais perto, um ruido estranho. Percebe-se que é o do bronze ao ser percutido fortemente. Alguns presos vão espreitar á janella e vêm em frente, na bateria do Perdigão, artilheiros encravando á lufa lufa as boccas de fogo.

— Vão fugir os miguelistas! diz uma voz, meio em segredo.

— Mas antes que fará esta soldadesca desenfreada?...

Dos liberaes que a si mesmos fizessem esta pergunta, nenhum deixaria de empallidecer, por maior que fosse a energia do seu coração. E' que o ser trucidado n'aquelle instante excedia em horror a tudo o que se imaginasse de mais funesto. Perder a vida ás mãos de inimigos desmoralisados, quasi fugitivos, quando a causa da Liberdade estava já tão perto do seu definitivo triumpho!... E na vespera de poderem gosar a ineffavel delicia de esteritar nos braços os entes queridos, que tanto os tinham chorado e por quem derramaram tantas lagrimas!...

Foram passando as horas com vagar desesperador: as dez, as onze.

De repente, alguem bateu com força á porta da casa da guarda.

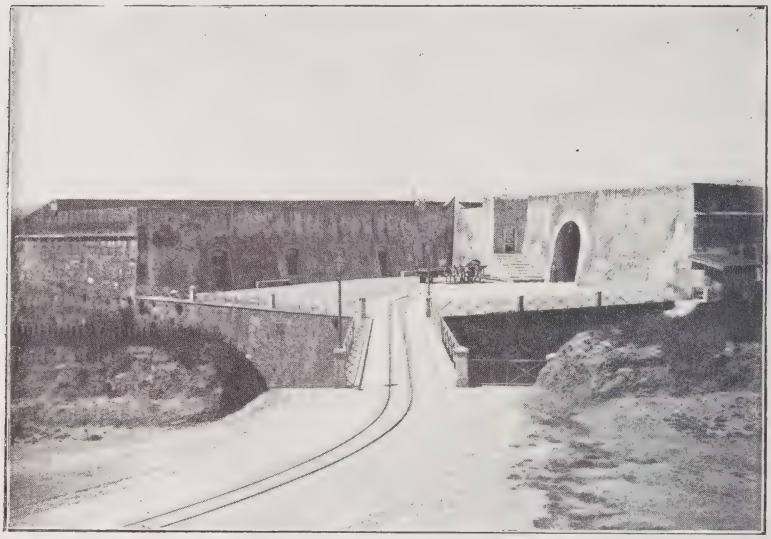
— Estão a arrombal-a, os assassinos! E' chegado o instante de morrer. Ao menos, vendamos a vida bem caro!

Quando estes e outros semelhantes pensamentos despertavam no cerebro de alguns dos desgraçados, fóra da prisão estrugiram brados clamorosos de «Viva D. Maria II! Viva D. Pedro IV! Viva a Carta Constitucional!»

Foi como se todos elles tivessem repentinamente enlouquecido, mas enlouquecido de alegria. Na prisão do meio, uns corriam para a porta, anciosos de arrombal-a, e mal a conseguiam abalar; outros arremessavam-se para a janella; alguns andavam á tôa, d'aqui para acolá, como embriagados, chorando e rindo.

Gama Lobo appareceu por fóra da janella, apresentando-lhes dois machados, e logo o aço principia a morder a madeira. Trabalha-se com ancia, mas a porta, rija e espessa, continúa resistindo. Os primeiros braços deixam a tarefa, e veem outros, e outros. Do lado exterior, mais alguem for-

ceja por destruir a barreira maldita. São os enclausurados das outras casas do revelim, cujas portas, mais fracas, resistiram menos. Empunhando dois pés de cabra, fornecidos tambem pelo official de infanteria, suam por arrancar dos gonzos os batentes.



O PATEO DO REVELIM (O ARCO QUE SE VÊ A' DIREITA É OBRA MODERNA)

Ao cabo de uma hora de lucta, a porta cede, e os presos precipitam-se para fóra, de tropel, indo cahir nos braços dos outros com quem o infortunio os irmanára, e do seu libertador.

Estão loucos! Estão loucos! Beijam-se, abraçam-se, dão vivas estrepitosos.

Livres!... Livres, finalmente!...

Mas não será tudo um sonho? Quanta vez, durante o encarceramento de cinco annos, haviam sonhado aquillo mesmo, para depois, ao accordar?...

Não! Não estão sonhando.

Longos dias tinham vivido sob aquellas frias abobadas, cogitando na sua desdita, antevendo que só a morte os arrancaria d'ali; pois nenhum, certamente, lhes ficou gravado mais fundo no espirito, do que este em que viram escancaradas as portas da prisão, e lá fóra, a esperal-os, não os esbirros do despotismo, mas os correligionarios que vinham libertal-os.

Conhecemos um homem que estivera prestes a ser victima das luctas politicas de 1828 a 1834. Era o tabellião João Baptista Scola. Já vestido com a alva dos condemnados á morte, aguardava no oratorio o instante de o conduzirem ao cadafalso, quando viu de subito irromper o povo, que ia soltal-o. Por isso festejou sempre com febril enthusiasmo, até chegar a muito velho, a data em que o duque da Terceira tinha entrado em Lisboa.—Outro tanto fariam os libertos de S. Julião da Barra.

A alegria teve em breve de ceder o passo aos deveres que impunha a situação, ainda melindrosa.

Urgia preparar tudo para o caso de um possivel regresso dos miguelistas, e, emquanto uns vão fechar as portas da praça, outros formam-se militarmente no pateo do revelim e elegem para chefe o brigadeiro Carreti, visto o marechal Caula estar muito doente.

Como a longa permanencia debaixo das abobadas lhes embranqueceu a pelle; e quanto os olhos se lhes contrahem, tão deshabituados estão a receber directamente a acção do sol estivo, que inunda a atmosphera!...

Para se armarem, lançam mão aos machados, aos pés de cabra, e até a pedaços de madeira... Dividem-se, depois, em pelotões, para que tambem se escolhem commandantes, e tomam pela ponte, em direcção ao corpo da praça, onde ficam as peores masmorras, já felizmente desertas. E, emquanto uns se espalham pelas baterias maritimas e pelas terrestres, os restantes encaminham-se para o posto da guarda principal, no intuito de reforçal-a.

Foi então que se vingaram de um seu

antigo perseguidor, unico, entre tantos, que ali pagou com a vida as passadas infamias. Chamava-se Luiz Pineti de Aranda, e a miude os tinha denunciado. Apenas os viu triumphantes, sahiu-lhes ao encontro, dando, com o mais nojento desplante, os mesmos vivas que tinha acabado de ouvir-lhes. Mataram-n'o junto do pharol. Menos hypocrita, haveria talvez escapado, como escapou Antonio da Horta Branco, outro miseravel, tambem dos mais vis, que, de joelhos, pediu e alcançou misericordia.

Das baterias maritimas avistaram os liberaes a esquadra do seu partido, pairando, em calmaria, á entrada da barra. Para lhe darem noticia da conquista, arranjaram, cosendo pedaços de fazenda azul e de fazenda branca de antigos *signaes*, duas bandeiras do typo decretado quatro annos antes pela regencia da Terceira, e, tendo-as içado, deram uma salva de vinte e um tiros.

A' posse de S. Julião seguiu-se a do Bugio, do que resultou ficar a entrada do Tejo absolutamente livre para os navios do almirante Napier.

De participar ao governo de Lisboa e ao commandante d'aquella esquadra os factos recentemente acontecidos na Torre, bem como de procurar em toda esta as espingardas por ventura lá existentes, trataram os subordinados de Carretti durante o final do memoravel 24 de julho, cujo pôr do sol foi saudado com outra salva de artilheria.

Era o primeiro dia que, havia annos, muitos d'aquelles homens viam acabar sem terem a alma opprimida pela tristeza e o desespero, pois não pode sentir alegria nem esperança quem perdeu a liberdade. Socego é que nenhum poude ainda gosar, nem mesmo durante a noite seguinte, que todos passaram de vela, guardando ciosamente as portas e olhando vigilantes a campanha, para que, se o inimigo intentasse reoccupar a fortaleza, encontrasse toda a possivel resistencia, não obstante a nova guarnição ser improvisada e já estar soffrendo fome, por terem d'ali desapparecido todos os viveres juntamente com os donos das casas onde se vendiam.

Para acompanhar o jubilo que transbordava dos corações, os flautistas, cuja musica havia, tantas vezes, temperado a melancholia do captiveiro, juntaram-se para tocar os hymnos liberaes, e os companheiros, a quem não cabiam encargos na defesa, formaram circulo em redor, sonhando todos um ridente futuro para si, para suas familias e para Portugal.

No dia 25, pela tarde, vieram rio acima os antigos presos politicos de S. Julião da Barra, e foram desembarcar no Caes do Sodré, a fim de se apresentarem ao libertador de Lisboa, então alojado em uma casa da rua do Alecrim.

A TORRE DE S. JULIÃO VISTA DO MAR

Mal tinham saltado em terra, cercou-os grande multidão, que, em clamores de con-

tentamento, felicitava os resuscitados. Não foram só as mães, as esposas, as filhas que n'esse momento supremo choraram lagrimas suavissimas, ao apertarem contra o peito e cobrirem de beijos os entes adorados, que tinham julgado perdidos; até os estranhos se enterneceram. Perante estes dramas não ha espectadores indifferentes.

Borges Carneiro

O MAIS ILLUSTRE DOS PRESOS POLITICOS DE S. JULIÃO DA BARRA

Contraste flagrante: n'aquelle mesmo logar, tinha sido, dois dias antes, executado um homem, por motivos politicos. Já nos degraus da forca, alongou a vista por sobre as aguas do Tejo, que o sol de julho incendiava, e em vão procurou os soldados da Liberdade, que elle sabia virem já perto, mas que não chegaram a tempo de o salvar. — A'quella hora, as forças do duque da Terceira ainda trilhavam o caminho de Azeitão á Cova da Piedade. — E o infeliz foi morto, sem que os seus brados afflictivos lograssem revoltar a numerosa plebe agglomerada no largo, nem os soldados que rodeavam o patibulo e que dentro de poucas horas fugiriam de Lisboa, acossados pelo medo. Má escola de valentia o serviço em volta dos cadafalsos.

Quando as victimas de Telles Jordão passaram no Caes do Sodré já os madeiros ignominiosos não manchavam o lindo espectaculo de luz e vida que a natureza ali patenteava ao homem.

E todos sem duvida esqueceriam os passados tormentos, e os dariam até por bem empregados, pensando que essas e muitas outras violencias tinham concorrido immenso para que baqueasse o governo por elles odiado com sobeja razão, e triumphasse definitivamente o regimen que nunca admittiria, justo é dizel-o, a forca no arsenal das armas defensivas da sua politica, nem reputaria meio efficaz de convencer adversarios o afogar-lhes a voz na garganta com o laço de uma corda.

Com a recordação dos factos lastimosos acima contados, não levámos em mira fazer reverdecer a seara de odios que, por effeito das prepotencias do miguelismo, brotou em Portugal. O tempo seccou-a ha longos annos, havendo a critica de taes acontecimentos passado do turvo ambiente das paixões para os dominios serenos da historia.

Outro foi o nosso intento, já o dissemos.

Mais ainda: a luz que norteava aquelles martyres — luz de que hoje os vêmos aureolados — era então duvidosa, bruxoleante; mas, augmentando sempre de intensidade e esplendor, e espancando trevas de innumeros cerebros, foi o alvorecer da antemanhã que precedeu o formoso dia em que vivemos, banhados pelo alto e rutilante sol da liberdade.

Portanto, rememorar os trabalhos dos primeiros batalhadores d'essa causa redemptora, é cumprir tambem um dever de gratidão.

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.

Immensa pena aquela morte subita do major Saturnino, em tão *verdes annos!*...

A nova irreparavel, escrevia o «Seculo», *abalou o orbe das suas relações.*

Certamente, effectivamente... O *orbe* ficou, sem duvida, muito abalado!...

Porque o major era um homem de extraordinario numero de relações. Desde o presidente do Supremo, o dr. Cerveira, ao lapuz que vende as cervejas no Jansen, o major todos conhecia, parava em todos os estabelecimentos, entrava em todos os teatros, cumprimentava todas as pessoas e *pedia lume* a todos os transeuntes, somente por espirito de afabilidade.

Que immensa perda!...

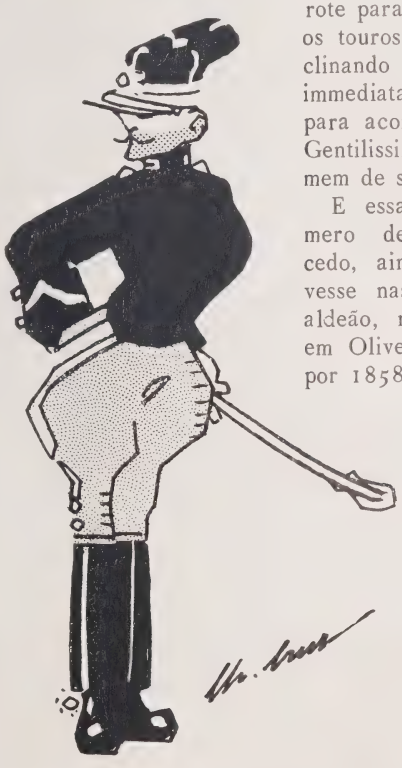
Como seu primo e alto funccionario, o Pacheco, este homem grado produzia em toda a parte um immenso respeito e uma não menos extatica admiração.

— Villaça!

Era porque o major tinha surgido com a sua enorme barriga e o seu bigode arqueado.

Em toda a parte era soberano, este Villaça.

Porque ninguem sentiu em vida o desgosto do major se ter negado a acceitar um convite de jantar ou almoço, e antes espontaneamente os recordava. Nem tão pouco ninguem, em dia algum, abriu serenamente a cigarreira, que o major não fosse gentil em servir-se do primeiro cigarro. Nem familia alguma falou de um camarote para o *Republica* ou para os touros, que o Villaça, inclinando a cabeça, não fosse, immediatamente, «um creado, para acompanhar as damas». Gentilissimo! Um perfeito homem de sociedade.



ALFERES VILAÇA

E essa cortezia, esse esmero de trato, ganhara-o cedo, ainda que Villaça tivesse nascido de um tronco aldeão, na *Aldeia das Dez*, em Oliveira do Hospital, ahi por 1858.

*

Tenho, entre os meus papeis, algumas das notas intimas do morto ilustre.

Ha um mez, ainda, que o major, triste de ver Lisboa despovoar-se para a vida do campo, veio a esta sua casa — onde o jantar é pobre e a cama é fraca — «para desabafar um pouco» commigo.

— Que diabo... Eu sei, sim, eu sei que

me deve doer um tanto a consciencia por vir aqui encommodal-o, quando eu, conservadôr por principios, tanto mal disse de você, como poeta, a varias senhoras e entre va-

— Não, eu sei. N'esta ultima tarde da vida, confiar a você os meus males, a minha má sorte e, afinal, a minha revolta contra esta sociedade ipocrita, ventre porco de

TORTURAS DO NOSSO MAJOR

riadissimas familias. Você comprehende que a sociedade está mal educada. Essas mulheres que ahi estão (ainda os restos do meu tempo) ficaram-se pelo *Dom Jayme* e pela *Paquita*. Que quer você!... Eu, como major, não me podia revoltar contra o existente... Concordava, portanto... Você perdôe. Mentiras sociaes, indeclinveis no momento psychologico.

E cofiava a fimbria triste do seu bigode arqueado e branco.

— Porém, você não é tolo. Cavaqueia e escreve bem...

— Favor, major...

— Não, senhor. Eu sempre disse... Ou, perdão, eu sempre entendi, hein!... Eu sempre entendi! E vinha, portanto (n'esta ultima tarde da vida...)

— Exagera...

onde brotam todos os vicios, e ruina formidavel da humanidade, caramba!

— Temos, então, umas memorias!

— Memorias!... Quem fala n'isso... Memorias, para quê? Isso era o meu ideal; mas não posso vel-o realisado. Sim, eu queria publicar as minhas memorias!... Porque eu sei de muita pouca vergonha, de muito escandalo, de muito nojo; mas tenho de calar... Compreende!... E' outro o fim da minha visita. .

— Perdão, desculpe interrompe-lo. O major janta commigo. Ha-de desculpar a modestia dos meus dois pratos...

— E o senhor que pensa que se come em muita casa?... Janto cá, sim, senhor. Mas fique sabendo que ha por ahi muita miseria, muita barriga accilhada e muita vida escura... Fique sabendo!...

E o major, apoiando as duas mãos sobre o castão d'osso da bengala, caiu emfim no assumpto da sua visita...

Aquele filho matava-o. O ordenado ou, melhor, o *pret*, derretia-se-lhe mais facilmente do que o cebo. Eu, que conhecia o alferes, é que podia recommendar-lhe um pouco mais de prudencia e de generosidade pelo pae. Que posesse á prova de fogo o meu valôr de amigo *intimo*... Que, emfim, lhe prestava uma altissima fineza.

Durante o jantar, o major aqueceu, generosisou-se. Sim, que diabo, o *filho fôra fino*. Procurava o dinheiro. Errou?... Espetou se?... Não havia duvida. Mas n'uma aventura quem se não mette, n'este mundo! Até Vasco da Gama, Colombo, o Belchior de «certa fama, para manter a sua linha».

A' noite saimos. Logo ao dobrar da minha esquina o major preteistou uma ida á feira da Rotunda, para não passar commigo nos logares mais concorridos. Deixei-o. Lá o vi trepar para um carro. E logo pensei — por amôr do proximo — em falar sinceramente ao alferes, embora na espectativa de apanhar uma descompustura.

*

Eu não resarei, com gravidade, do que, nacionalmente, representa a Escola do Exercito. Afigura-se-me, somente, poder dizer ao grave individuo que se reporta a estas

...O NOSSO ALFERES ENTROU CEDO NA VIDA AMOROSA...

do balão. Porém, que ao menos n'estes mezes, em que as melhores familias não estavam em Lisboa, lhe deixasse dinheiro para, uma vez ou outra, jantar n'um *restaurant* paginas, que o exercito portuguez é magnifico, explendido mesmo, como exercito de braços, vindo directamente de Entre Douro e Minho; e nunca como guisado, apare-

lhado e guarnecido na cosinha nacional da Escola.

Um exercito que fornece azedumes e combates, entre Cupido e Venus, nas *quartas-feiras* do Campo Grande e quando caçadores 5 toca aos cysnes do Lago da Estrela, pode ser um exercito *d'inter-mulieribus*, mas nunca um exercito com competencia scientifica para tranquilisar a gente.

A AIDA PREGO

Vejamos, um pouco, onde o exercito se faz e aparece. Villaça pode ser-nos o typo social; pode servir-nos de modelo.

Não afirmará o leitor circumspecto que a mais forte corrente de ensino e moral se alcança abancado no *Gelo*, entre duas cervejas, e pelas conversações banaes que ali, facilmente, se ouvem.

Desde o gorduxo Carreira ao mais imbecil dos seus camaradas de serviço ao *café-restaurant*, todos os socios do folgado *club* escolar que é o *Gélo* sabem as preoccupações *lectivas* do exercito que ali aregimenta.

Ali se vê o afinco com que a força armada distroe as ilusões amorosas de todo o paisano sentimental. Ver-se-ha como o exercito, força activa, conquista todos os logares *de coração* onde um mortal *civil* faz os olhos da sua fantasia. Ver-se-hão, rolando no «pó inutil», as nossas *mais verdes esperanças*. O leitor circumspecto verá, finalmente, que o nosso maior inimigo é o alferes.

Se a sciencia pesadamente problematica das Escolas estivesse em correspondencia directa com o seio das familias, eu afirmaria ao leitor paciente que me escuta, que o exército, pela sua parte, estava realisando o seu programma escolar. Mas, ai!... não... O exercito não realisa. Esta fracção do exercito paralisa, pelo menos, a acção moral da domestecidade das familias. Porque é certo, e bem certo, que onde entra alferes sae asneira.

Para concluir, sobre o assumpto, qualquer coisa que, innabalavelmente, persuada o leitor, crêmos não ser mais necessario de que uma simples visita ao café onde a mocidade esperançosa se localisa diurna e nocturnamente.

Lá se vê o que se pede, como se pede, e do que se fala. Não creiam que o *Francez* que estas palavras assigna detesta o exercito ou foi por elle, algum dia, preterido, em casos onde o amôr e ambição legislam e ordenam. Não. O *Francez* tem uns olhos de vêr; e assim como vê esta desordem escolar ou, melhor, scientifica, onde a disciplina diz ser orientadora, comprehende e troça e *guerreia* todos os outros elementos escolares do paiz onde, sem consciencia e sciencia, se estuda *para passar*.

Este ramo d'arvore social, enxertado em *Villaça*, pode dizer-nos claramente em que circunstancias profissionaes, moraes e sociaes se pode sair, algum dia, da Escola militar. Pobres livros, inuteis tipographos, tristes escriptores. Para que serve tanto livro? Quando me recordo d'esses compendios tão tristemente inuteis revejo n'elles, sem exageros, o quadro ihumano dos christãos lançados ás feras, no colyseu romano.

*

Estranho romance o d'esse alferes!

Estranho?...

Não, afinal é um romance parecido com

o de todos os amanuenses, bachareis e rapazes tauromachicos *(sic)*, d'esta Lisbôa tão trigueiro e de bigodes irtos, foi n'um inverno, na *hall* de passeio de um theatro.

... AO FIM DE ALGUNS MEZES A NOTICIA FATAL ...

mentirosa e tão pequenina d'alma.

Quando eu conheci aquele alferes Villaça, Era então um cadete aflanado, de olhar curioso, inquieto e atrevido. Representava-se.

e o cadete não via os actores; havia attenção, e o cadete desattendia. Sómente, quando o publico ria ou os braços se erguiam para aplaudir, o cadete, retirando os olhos dos camarotes, atirava uma gargalhada disparatada ou batia as mãos com um calôr exagerado.

Instrucção? Não tinha.

Nem instrucção, nem educação.

Sempre que algum camarada lhe fallava, perto de mim, n'uma licção ou em qualquer assumpto do curso, o Villaça, atirando-se para uma parede, engelhava a cara, mal disposto, mal educado.

— Raio!... Importa-me lá saber o que é balistica ou para que isso serve... Irra, que massadôres!...

— Mas, ó menino, vem ahi o exame... Não estudas, não sabes...

— Sim, isso e depois... Raio! Importunos que vocês são.

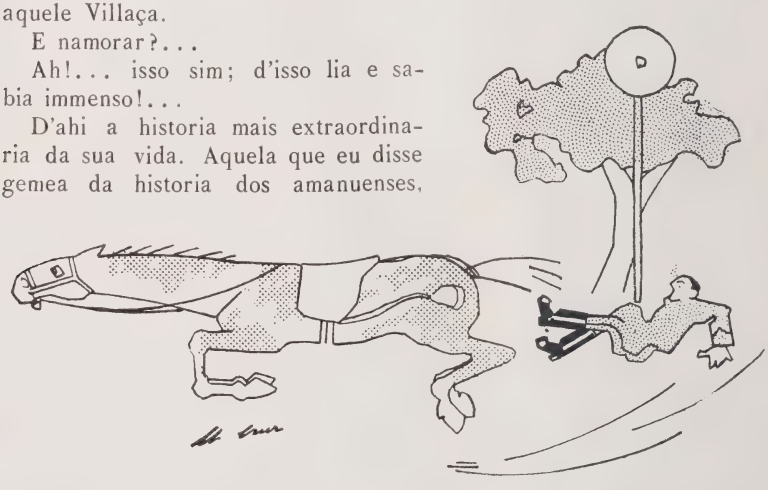
E letras?

Tambem não conhecia. A's vezes, ironico, perguntava-me elle como diabo se podia chegar a ter *amôr* á letra redonda. Transferia o padre José Agostinho para o seculo XIV; punha o Sá de Miranda a glosar motes, no seculo XVII... Era o diabo, aquele Villaça.

E namorar?...

Ah!... isso sim; d'isso lia e sabia immenso!...

D'ahi a historia mais extraordinaria da sua vida. Aquela que eu disse gemea da historia dos amanuenses, dos bachareis e rapazinhos tauromachicos, quando creaturas aventurosas.



N'ESSE VERÃO O NOSSO ALFERES FEZ DUAS EXPLENDIDAS QUEDAS NO HYPICO

O nosso alferes, entrou cedo na vida amorosa.

Teve immensos namoros. Uns a ferver; outros frios de gelo. Mas namoros de perfeita feição lisboeta, cocotes, frivolos, atracados á porta das pastelarias e binoculados, indiscretamente, nos theatros.

Na sua gaveta da Escola do Exercito, aberta a todos pela leviandade d'aquele moço curto de vistas, nadavam cartas e photographias com todos os segredinhos perversos das crias a desabrocharem na efervescencia picante do sexo, e ternuras de uma delicadeza de choro menineiro.—«*Nunca pensei que fosses tão ingrato, meu feio!...*» E logo, n'outra pagina, toda desenhada com uma caligrafia ingleza, muita aguda:— «*Que queria dizer aquele signal que me fizeste? Não comprehendi bem... Mas... como ias a rir-te... Dizia respeito áquela conversa de ha dias, quando tu estavas muito meigosinho?...*»

Os rapazes da Escola, postos em massa atraz do conquistadôr, rematavam estas leituras com uma gargalhada enorme, troçando d'esse *peccado* de que todos elles, a um por um, possuiam tambem provas admiraveis.

Villaça teve, como disse, infinitos namoros. Riu muito e — contava elle — chorou muito. Um estudo de campo de defeza custava-lhe immenso a delinear e apresentar. Mas, em compensação, uma carta de namoro — lamexas, romantica, frivola — corria-lhe no bico da penna o mais espontaneamente que era possivel.

*

A's noites, n'um rez-do-chão da rua de S. Domingos á Lapa, o nosso alferes lançava os seus braços engaloados por sobre as grades da janella e Aida, recolhida na meia sombra das cortinas em arco, olhava de lado, extaticos ao luar que brunia as paredes e os vidros.

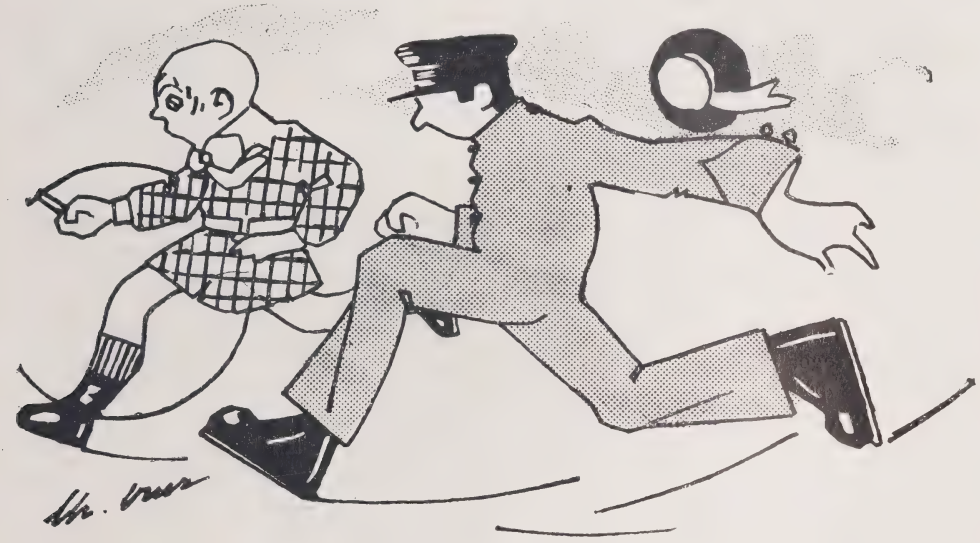
Não se diria que a conversa dos dois

fosse coisa de toda a gente não comprehender.

— Aqueles — dizia uma noite um saloio, que passava — falam cá como uma pessoa.

— E eu gostava immenso que tu soubesses. E' muito engraçado, pois não é? E até é bom saber-se...

— Muito!



O IMPEDIDO E O MENINO

Pois então. Não que elles não são mais do que a gente. E inda a *Republica* não chegou.

O alferes e a noiva ficaram um pouco a escutar. Era pasmoso!...

— A culpa foi tua!

— Minha?!

— Sim, tua. Pois não foste tu que dissestes ahi «dois butes na guitarra»?

— E que tem?

— Que tem... E' calão. Já se vê que é calão.

— Deixa lá. A prima Galveas tambem assim fala e a mãe até gosta. Se tu soubesses o que ella sabe. E' muito engraçado. Quem lh'o ensinou foi o Xico Sabugosa, quando nós iamos ás ferras, em Cintra. Até o rei gostava de a ouvir.

— Ora conta lá, dizia o Villaça, todo á curioso.

— Quando chegava a casa sentava-se á meza, traçava a perna e batia as palmas: — *E' lá; dois curtos.* Isso é que a gente ria!

— E' engraçado. Has-de apresentar-me á tua prima, no domingo. Gostava de aprender.

Previa-se que este rapaz, quando cadete, possuia explendidos exercicios da arte de guerra... cupidicia.

Mas — ó pedras do caminho — certo festival no jardim dos ursos e das fócas, preparou o trambulhão monumental, d'este Villaça manhoso, videirinho e arranjadinho, como o senhor seu pae.

A Aida, filha do Conselheiro Prego — juiz na Boa Hora — vendou-lhe os olhos como o Amôr e obrigou-o a tropeçar, para lhe cair nos braços.

Quanto se vingou a honesta sociedade e, muito mais, a sociedade orgulhosa, com este Quixote de calções á *Chantili*, sempre prompto a roubar-lhes a primeira *Graça* enamorada!

Villaça, cadete, apresentou-se possuidor de bens. Tinha, tinha alguma coisa, «*um rendimento bem bonito.*» Esta mentira funesta, agravada por uma responsabilidade de amôr levado a serio, comprometeu-o d'alma e coração. Era, afinal, como um depoimento de reu, que d'uma só contradição

mete os pés em Africa ao aludido cavalheiro. Villaça só tarde reflectiu; mas como heroe moderno, fortalecendo-se com certa doze de audacia que é como bronze no animo de certos homens, tomou a responsabilidade do erro e... caminhou!

— *Le monde marche!* Era o estribilho com que se fortalecia.

E marchava...

E marchou...

O major Villaça, que vivia da economia dos cigarros, dos jantares e dos theatros — pobre homem, triste velhaco — é que sabe dizer porque processos e á custa de quem Villaça *junior* marchou...

Aida e Villaça casaram em S. Domingos. Que luxo, meninos! Sedas brancas, novas em folha e armando, ainda, em concha. O *mereticimo* Prego, gordo, no ar soberbo de um dos altos poderes constitucionaes. Sua esposa, erguendo os olhos, orgulhosa, por sobre todos os vultos de passagem. E atraz o major Villaça, palido, atrapalhadissimo da sua vida. Coitado!...

Março corria fresco e alegre. Os noivos fizeram pé em Cintra. Despezas extraordinarias, monumentaes, para Villaça major. N'esse verão, o nosso alferes fez duas quedas soberbas, no hypico. Mas quedas, despezas, suores, tormentos, nada d'isso tirou ao chronometro militar aquela certeza caracteristica de, nove mezes passados, um Villaça e Prego, côr de rosa, entrarás barreiras humanas.

Um anno depois, outro.

E outro, ao fim de mais dez mezes.

E o major a economisar nos cigarros. E a nóra, já senhora do commando das forças (porque pertencia á *arma*), a bater o pé, resolutamente.

.

Em tal estado ficou a casa do major,... quando os olhos se lhe fecharam para o mundo. Dividas, cabellos brancos, já o afastamento de muitas familias e a preseguição de muitos credores, foram as suas ultimas impressões... Por isso o *Seculo* afirmou, e justificadamente, ter-se dado um grande abalo no *orbe das suas relações.*

A terra lhe seja leve...

Comeu-me dois jantares e uma ceia. Creio que os cigarros não subiram, todos, acima da conta de meia duzia de maços...

Mas que é um grão d'areia ao sopé da cratera formidanda do Vezuvio?

A alta sociedade, sim.

Essa é que soffreu um grande *abalo* — ficou, como se usa dizer, entre brazas!...

(Caricaturas de Christiano Cruz.)

José Francez.

O reconstituinte por excellencia!

Somatose liquida

Em todas as pharmacias e drogarias

A cataduna ardente

POR

Frank Laville

Rem por isso tenho a sua botanica em muita conta, replicou Beatriz.

Streathfield, a embaloiçar-se na rede, pachorrento, e saboreando o gostinho de questionar — a sério — com o objecto da sua devoção.

Adorava-a, havia já dois annos, puxadinhos, e todavia, as opportunidades em manifestar-lho tinham-se limitado a poucas horas, ou, quando muito, a um que outro dia, — com intervalo de mêses, ou ainda mais.

Agora, comtudo, graças a um acesso de febre regional, e á hospitalidade do seu commandante, passara uma semana inteira a aquentar-se á luz radiante do expressivo rosto do seu idolo, — semana deliciosa, que os trouxera a um acúme de familiaridade, concorrendo para tornar possivel uma questiuncula.

Sorriu, contentissimo.

— E não obstante, impugnou elle, tenho-me farto de estudar a vida das plantas, por esses montes, ha mais de cinco annos.

— E com tão pouco resultado, que eu, em menos de dois, tenho feito muito mais descobrimentos do que o senhor. Asseverolhe que o *graphalium* abunda para baixo da linha da neve — o caso é sabê-lo procurar.

Streathfield abanou a cabeça,

— Ver... e crer, adversou. Eu, por mim, nunca o encontrei.

— E eu repito-lhe que sei onde se encontra, em espaços de milha — tenho a certeza.

— Onde, se me é licito a pregunta, e se é que a informação não representa monopolio?

Elia, riu-se para o pae, como este assomasse á varanda e se sentasse numa poltrona de verga.

— Saberá que o capitão Streathfield teima em acreditar, que aquelle ramo sêco de *graphalium,* pendurado ali, na moldura do espelho foi creado por estes sitios, disse ella.

— Asneira, amigo, replicou sir Robert. Não viva na illusão de que aquelle seu esteril districto de Kotal açambarcou por junto á flora e a fauna de todo o Kust hindustanico. — E' uma planta silvestre, que cresce espontaneamente acima da cascata da Ferradura Ardente.

— Da Ferradura Ardente? Streathfield ficou-se um instante a cogitar. Isso fica-lá para o districto de Kalentar, se me não engano?

— Fica. Meia duzia de milhas além da fronteira.

— Não é ali que o Futteh Khan?... encetou o capitão.

— Tal qual, atalhou o commandante Ha dez annos era esse o theatro das suas proezas. Agora, comtudo, é um sitio tão seguro como a rua mais concorrida, lá em Londres.

Streathfield acenou com a cabeça.

— Assim me consta, respondeu. Mas... Ferradura Ardente? Qual será a origem de um titulo tão esquesito?

Sir Robert Grey pôs-se a rir.

— Não faria essa pergunta, se o tivesse visto em pleno dia. A agua despenha-se da

altura de uns cem pés sobre uma rocha, que é tal qual uma ferradura. Quando o sol lhe bate em cheio, e a refracção dos penhascos vermelhos vem tingir o lençol de agua, dir-se-ia uma catadupa de bronze em fusão. E' uma garganta extraordinaria, e lá quanto a *graphalium*, abunda em qualquer das vertentes.

— E agora — está convencido? preguntou a joven, quando o pae se pôs de pé, internando-se no edificio. O capitão, comtudo, é que não era sujeito que desistisse, assim, facilmente do gostinho de discutir.

— Ver e crer, insistiu com teimosia, e um e outro lá foram continuando a esgrimir frases, até que o crepusculo e a pancada no gongo lhes veiu lembrar que o jantar mantem o seu posto, ainda na mais elysiaca ordem de coisas.

No dia immediato, assim que a alvorada despontou na fimbria das montanhas, o capitão desceu pela escada da varanda, muito de seu vagar. A rir, lá comsigo, a caminho da estrebaria. A discussão concorrera para estreitar a intimidade entre elle e miss Grey, na vespera: a si comtudo parecia-lhe havê-la levado um tanto aos extremos. «Hoje, dizia comsigo, tratarei de mudar de tactica.» Tencionava montar a cavalo, galopar até á garganta de Kalentar, alcançar um espécime da tão discutida planta, e com o signal patente da sua penitencia fazer jús á graça de um prolongado perdão, que elle receberia contrito e submisso, antevendo que viesse a render-lhe uns longes de ternura. — Bateu palmas, afim de acordar o somnolento curador indigena.

Este, accudiu ao chamado, a esfregar os olhos, e sumiu-se na estrebaria.

Decorridos uns três minutos, o nosso capitão, impaciente, foi ter com elle.

De repente, notou que, em um dos compartimentos, faltava um caválo.

— Onde está a egua da *mem sahib*? indagou, abrolhando-lhe, de subito, uma vaga desconfiança.

O curador, muito encolhido e mesureiro, respondeu que a dona, já tinha vindo mandá-lo aparelhar, para fazer o seu bocado de exercicio.

— Com escolta? preguntou o capitão, de chofre.

— Não, *sahib*, sósinha; respondeu o afghan.

Streathfield não esperou para ouvir mais' galgou para cima do seu alazão, e meteu a trote pela estrada da Residencia. — Parou á porta da casinhola da guarda, que marcava o limite do exiguo acantonamento.

— Viu passar a menina, cabo de esquadra? preguntou ao cabo, perfilado, e a fazer-lhe continencia; o alazão, aos corcovos, e a sarilhar, com a aragem esperta da madrugada.

— Saberá que vi, meu capitão; e apontou para o norte, onde a linha das montanhas, encerrando o vale, demarcava a fronteira; — haverá meia hora.

Vibrou a chibata na garupa do alazão, e o official despediu como um raio, através das terras cultivadas, para a beira do rio. O instincto segredava-lhe o que succedera.

O pensar de Beatriz Grey e o seu haviam coincidido e tambem se levantara cedo a joven, com o fito em apresentar provas da sua afirmativa, e agora, levava-lhe duas milhas, ou mais, de avanço, galopando para a garganta da Ferradura Ardente, resoluta em trazer comsigo um testemunho, para lhe lançar por terra a incredula teimosia! E elle, carrancudo, a prever que os seus brilhantes planos de submissão se arriscavam a sossobrar.

Um breve instante de reflexão, comtudo, veiu trazer-lhe novo alento. Conseguisse elle alcançá-la, antes de que ella chegasse ao seu destino, e alegaria aquella sua perseguição como prova de penitencia e de affecto dedicado.

A festo do leito do rio o trilho era menos mau. Os calhaus, soltos, espadanavam sob a pressão das ferraduras de animal, o saibro, porém, acamado, facilitava a andadura. Tinha ainda outra vantagem. De espaço a espaço, observava vestigios de ter passado por ali outro cavaleiro. Galgada obra de uma milha, a impressão das patas de um caválo seguia a eito para a esquerda, e elle, a abençoar a sorte que lh'as tornava visiveis. A não serem aquelles vestigios, haveria talvez errado caminho.

O piso cada vez se ia tornando mais escabrozo. Em alguns pontos, uns penedos enormes, pardacentos, entaliscavam a vereda, e as neves invernaes haviam arrastado detritos que atulhavam o algar.. Os regatos a esfervelharem por debaixo dos penhascos

mal se viam, actualmente, de fundas que eram as rachas. O caválo já principiara a arrifar.

Trepou a uma rocha, quasi que a prumo, que escondia a perspectiva do barranco, e antolhou-se-lhe, lá ao longe, alvejante e a scintilar, ao clarão do sol nascente, o ponto que devia encerrar a solução das suas duvidas — a catadupa da Ferradura Ardente.

Um immenso lençol de agua, rompendo da crista de um precipicio e despenhando-se sem intermitencia na furna de um valle subjacente. Era tal qual a cauda pujante de um corcel gigantesco, branco de leite, a scintilar d'encontro aos penhascos umbrozos, e descrevendo uma curva de primoroza gracilidade.

Brandiu no ar o capacete e clamou. Mas não foi apenas com a satisfação do descobrimento. A uns quatrocentos passos, em frente, guiando o caválo com destreza por entre os matacães de granito, distinguira um vulto indeciso. Beatriz ia ali, na sua frente! As coisas iam correndo bem!

BRANDIU NO AR O CAPACETE E CLAMOU

Ella, ouviu-lhe a voz. Voltou-se no selim, e o éco debil da voz da joven veiu ferir o ouvido do apaixonado capitão. Ella, acelerou o passo á montada.

Elle, percebeu-lhe a intenção. A caprichosa menina espertava a egua para ser a primeira a alcançar a prova impugnada. Tratava-se de um certame hippico, afinal? Pois bem, elle apostava por o seu alazão, apezar dos premios que a egua tinha ganho á dona, lá nas proprias corridas, em Simla. Soltou novo clamor, e meteu o poldro pela encosta abaixo a galope desfeito.

A principio, a joven, menos pesada, levou-lhe vantagem. A montada do capitão, aliás, ia esfalfada com a ladeira, ao passo que a sua já encontrara dez minutos de descida para se refazer. Gradualmente, porém, á proporção que o poldro ia tomando fôlego, e a boa mão de redea, e a cauta destreza do cavalleiro entravam em jogo, foi deminuindo o intervallo. Streathfield expediu através do espaço um desafio faceto.

Teve resposta, mas não da joven. Estrondeou um tiro, lá de um pincaro, á esquerda, repercutindo-se de penhasco em penhasco, até ao fundo do barranco. O caválo deu um galão, convulsivo, recuou, barafustou no ar com as patas dianteiras, e baqueou, inerte, despedindo o cavaleiro do selim a rebolar, atordoado, pelos penedos.

Streathfield ouviu um grito, e em seguida, o tropear das patas de um caválo voltando para trás. Pôs-se em pé, a cambalear, ao tempo que Beatriz arretava a égua, junto delle, escorregava do selim, — e acto continuo, retumbava outro tiro no silencio do barranco.

— Está ferido? — Está ferido? inquiria ella, anciosa, e os dedos a tremerem-lhe, asidos ao braço do mancebo. Elle, disse que não, cabeceando. A bala silvara, inocua, ao longo do barranco, a egua, porém, incolume mas assustada, arrancou as redeas da mão da dona, e incontinente, ella ahi vae, a galopar, desatinada, a caminho da estrebaria. Zuniu outra bala que se chapou perto delles, com um estalido.

Streathfield travou da mão á joven, e puxou-a para trás do penedo mais proximo. Abrigando se com a rocha pôs-se a espreitar o fraguedo.

O tisnado rosto de um *pathan*, a arreganhar um riso maléfico, surgiu acima das restevas, e resoou nas alturas um clamor triunfante.

Streathfield olhou para cima e patentearam-se-lhe uns vinte vultos, e saltar de fraga em fraga, velozes, para se reunirem ao vigia, no algar. Tratou de pôr em acção o revolver, que todo o individuo de raca branca nunca deixa de usar, naquellas paragens fronteiriças.

O vulto isolado impinou-se de encontro ao horizonte, engatilhando a comprida escopeta *jézail*, que ferira no coração a brioza montada do official. Este, tomou o fôlego dispondo-se para o que desse e viesse. O *pathan*, pelos modos, suppunha-o inerme.

Com a firmeza de homem afeito a trilhar fragas e alcantís, o bandido veiu vindo, aos pulos, de penhasco em penhasco, ancioso em ser o primeiro a assenhorear-se da preza, que a sua bala certeira lhe havia grangeado. Streathfield, agachado, sem bulir, á espera de o apanhar ao alcance.

Então, ao erguer-se, retumbou novo tiro. Sem se lhe ouvir um brado, o homem despenhou-se n'uma fosga. Um clamor de raiva ecoou cá em baixo, entanto o capitão, aferrando pelo pulso a joven, despedia ás carreiras pelo barranco além, furtando-se, agil, a coberto das anfractuosidades da rocha, arrastando comsigo a companheira.

Não havia meio de escapar, quanto a isso, demais o sabia elle; homem algum, de botas e esporas, póde ter esperanças de competir com o *pathan*, de babuchas, nas suas proprias fragas. E comtudo, havia a sorte de topar com uma qualquer posição — uma lapa, o pincaro de um rochedo, um nicho entre os penhascos de granito — onde pudesse aguentar-se com o seu revolver, até sobrevir auxilio.

Pois devia de vir, affirmava elle a si proprio. Dois regimentos indigenas e meio batalhão inglês podiam lá consentir, que uma mulher de raça branca fôsse raptada naquelles alcantís, sem que se procedesse a uma pesquiza, feroz quanto insistente? Conseguisse elle aguentar-se, até ao escurecer — até á tarde, quando menos, — e o soccorro não deixaria de vir.

Galgaram meia milha, ás cegas, por assim dizer. As balas, a lascar os seixos, por pé delles; e os bramidos de raiva, por detrás das suas costas. O lôdo mole do rio a pegar-se-lhe ás botas de montar: Beatriz, aos tropeções á saia de amazona. Mas corriam com teimosia, o attrito dos estilhaços de pedreneira a torturar-lhe os pés, e elles, anciados, e respirando a custo.

Depois, um subito desgarrão, a mão da joven como que arrancada do aferro do companheiro. Ella, baqueou, sem fala, a arfar. Escorregara-lhe o pé nuns seixos, e a queda acabara aquillo que a estafa de meia milha tinha encetado. Streathfield percebeu que a joven de modo nenhum podia dar nem mais um passo.

Espraiava a vista com desespero, em derredor, a praguejar, raivozo, entre dentes, ao ouvir o uivo de triunfo dos perseguidores. A umas cincoenta braças, para além da torrente, uma lasca de rochedo resvalara lá de cima, ficando encostada á base, a um angulo deixando um intervallo de uns cinco palmos. E elle, a varál-la com os olhos.

Chapou-se uma bala, aos pés de Beatriz, arremessando-lhe a areia ao rosto. Ella deu um grito. Streathfield girou sobre si, cingindo-a nos braços, e deitou a correr com desespero, através do leito do rio. O frouxo baluarte era bastante defêsa contra aquelles cães da fraga. Aprenderiam á propria custa quanto custaria ao primeiro que tentasse forçar a enesgada órreta. Arrostá-lo-ia até que soasse a hora da libertação. Volvido um instante, tornejara o parapeito de pedra, a cujo abrigo conseguiu depôr a pesada carga.

Olhou para fóra e viu a chusma dos perseguidores investir para a frente, a ceu aberto, trepar pela encosta, e estacar. Avaliavam, afinal, a posição que tinham que levar de assalto.

Falazavam gesticulando, e fôram-se ajuntando, a um e um, como se aquelles fojos e algares vomitassem gente. Depois um dos bandidos conseguiu ser escutado, — o caudilho, ao que parecia — e aprovado o seu alvitre. Retiniu do auditorio uma gargalhada estrepitoza, e dois bandidos apartando-se da chusma, enfiaram de corrida pela gar-

ganta além. Os outros para ali se postaram a expectorar chufas contra os defensores da improvisada fortaleza, comquanto parecessem ter sustado a qualquer tentativa de a accommeter.

— Se elles se limitarem a vociferar e a ameaçar-nos, de punho cerrado, ainda poderemos escapar desta, dizia Streathfield. Daqui a uma ou duas horas, assomam ao barranco uns quinhentos homens, a suar e a arfar. E a praguejar como uns damnados. — Pudera! accrescentou o moço, tentando levar o caso a rir.

Beatriz não abriu bôca, por instantes, limitando-se a abanar a cabeça.

— Não me fio nestes malvados, declarou. Deixe ver o que fará aquella cáfila que meteu a correr pelo vale; elles têm um qualquer plano — tão certo! Intentam armar-nos para ahi alguma cilada, que não podemos prever.

O official engatilhou um sorriso implacavel.

— De uma coisa tenho eu a certeza, affirmou elle. Restam-me cinco cartuxos. Os cinco primeiros que se atreverem a enfiar pela ôrreta, vão-se abaixo, — e estou convencido de que já o avaliaram.

Ella fitou-lhe os olhos, interrogativos.

— Quatro? perguntou; quatro?

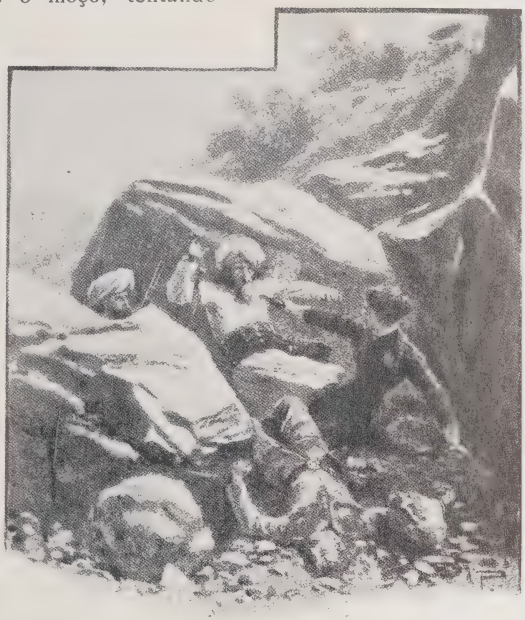
Elle, hesitou um instante, antes de responder; depois olhou para ella com resolução

— Desejaria que eu conservase um cartuxo, na espectativa do peór?

Viu-a empalidecer por baixo do crestado do sol, mas leu-lhe nos olhos resolução egual á sua.

— Sim, respondeu ella com firmeza — sim, com certeza que o desejo; e durante dez minutos, nem um nem outro abriu bôca, vindo apenas quebrar o silencio o rugido distante da torrente ou o grito de um milhano a esvoaçar.

Então, como que por subito instincto. Beatriz ergueu os olhos para o docel de penhascos. Soltou um grito; Streathfield voltou-se de repelão, seguindo-lhe a direcção do olhar, a tempo, justamente, de a atirar ao chão e erguer o braço á laia de escudo. Uns doze rostos tisnados á espreita por cima da penedia, e um clamor da chusma postada além do rio; o cotovêlo do official aparou o matacão de granito que haveria acertado na cabeça da companheira. Bateu-lhe numa fonte novo projectil, deixando-o atordoado e inane.



BEATRIZ LANÇOU MÃO DO REVOLVER QUE O OFFICIAL LARGARA, NA QUEDA...

Os serranos, com um berro, ergueram-se de pé e investiram pela encosta. A luctar, oprimida pelo pêso do corpo inerte de Streathfield, Beatriz lançou mão do revolver que o official largara na queda, ao tempo em que a mão de um *pathan* a aferrava pelo pulso. Sentiu-se um arranque, um puxão, e com o som abafado de um tiro, o corpo de um *pathan* baqueou sobre as pedras e ficou inerte.

Aos atacantes a victoria, aliás, não deixara de custar sangue.

Dali a meia hora, Streathfield recuperava os sentidos, a pouco e pouco, com um fragôr de aguas revoltas a azoinar-lhe os ouvidos, e a dôr aguda nos pulsos e nos tornozêlos, das cordas de estopa com que o ataram, a atormentá-lo.

O balanço rytmico de uns homens marchando a compasso levava-o por ali fóra.

Eram meia duzia, segurando a extremi-

dade de cada liame, e a par delle, outros tantos levando em charola Beatriz. Ia da côr da cêra o semblante da joven, examine e de olhos cerrados. E elle a dizer comsigo que estava morta, e a dar graças ao Ceu por ella haver tido animo de lhe ter poupado o alvitre para que elle haveria appelado. Fôra aquelle tiro, sem duvida, que lhe retumbara aos ouvidos, no acto de elle perder os sentidos, atordoado com a pancada.

Acto-continuo, porém, morria-lhe a prece nos labios, Beatriz abriu os olhos, infitou-os nelle e a expressão de um e outro era do mais intenso desespero. E elle, sem poder conter um gemido, que os *pathans* que o levavam em charola acolheram com gargalhadas de escarneo.

Lançou a vista pela senda escabroza, e percebeu a causa daquelle estrondo atroador das aguas que estava ouvindo. O prestito dos seus portadores ia avançando firme para a catadupa, — achavam-se a uns cincoenta passos da queda de agua da Ferradura Ardente. O resurtir da espuma até já lhe inundava o rosto; moveu a custo a cabeça, em redor, e olhando para baixo, contemplou, lá no fundo, o torvelinho das bolhas de agua a esfervelhar.

Era aquella a sorte que a ambos esperava — era o desenlace da tragedia. Elle e Beatriz haviam de ser arremessados para aquella voragem férvida, espumejante, esmagados e triturados por aquella mó implacavel da rocha.

Estremeceu, e depois de reflectir, tornou a dar graças ao Ceu. Havia de ser breve, sequer ao menos — uns instantes de agonia, e depois, o olvido total. E dahi, comparado ás possibilidades da selvajice *pathan*, era ainda um acto de misericordia.

E não obstante, desviou a vista. Sentia-se capaz de arrostar com a morte, — no momento dado — e pedia a Deus que lho não prolongasse, — ao contemplar, porém, aquelle abysmo, os nervos como que se-lhe afrouxaram. E o pensar em Beatriz era a propria agonia, esfacelava-lhe o coração. Se a espectativa o aterrava, a si, homem que tanta vez tinha arrostado com a morte, a que ponto a aterraria a ella, que vivera, até ali, ignorando o que fôssem perigos ou lances desesperados ?

Achavam-se agora ao alcance de uma pedrada — parados á propria sombra do lençol da agua da catadupa.

O estrondo era ensurdecedor; as rochas a pingar com o esparrinhar da agua.

A uma voz do cabecilha, estacaram os portadores, depondo a carga sobre uma lage, mesmo em frente do sorvedoiro.

O bandido acenou a dois sequazes, uns tições robustos, athléticos, de musculos salientes, arreganhados num riso cruel, implacavel. Debruçaram-se, um aos pés de Streathfield, o outro á cabeça. Ergueram-no em peso. Devagar, a principio, depois com impeto crescente, puseram-se a embaloiçá-lo, para trás e para diante, ganhando impulso, dizia elle comsigo — afim de o arremessarem, com um ultimo empuxão, para o proprio amago da cataracta, para ser triturado numa polpa informe pelas prezas dos penhascos que lhe serviam de alvéo.

E a abanarem-n'o, para lá e para cá, outra vez.

E repetiu-se — accelerando o impulso, — uma, duas, — três vezes — e elle a sentir afrouxar o aferro, o que significava o preludio da solução final — agora — era chegado o fim — com tremendo impeto voou por ali fóra — crente em que o amargor da morte havia passado, finalmente — e estacou.

E aquelles verdugos sem o largarem, offegante, ao passo que a cafila dos bandidos ululavam com alegria diabolica. Pudera — que optima patuscada — o estarem gozando aquelle espectaculo — o *giaúr* — o christão odiado, em transes de agonia — estarem-lhe lendo nos olhos o desespero da espectativa do lance final — cada vislumbre de esperança alternando com um arranque de pavôr — que riquissima folia! Facecia das taes que é raro apanhar; que devia de repetir se, até se haverem esgotado de todo os recursos da tortura.

Empurravam-se aos pares, afim de não perder um só instante daquelle recreio de enthusiasmar, a rosnarem uns para os outros que era pena ter desmaiado a mulher, perdido assim o ensejo de se renovar, duplicando-o, o gozo requintado do tormento.

E, durante minutos sem fim de agonia se foi prolongando jogo tão deshumano.

Retiniu pelo valle subjacente um tiro de refle. O cabecilha, um latagão de barba gri-

salha e aspecto bravío, trepou a um penedo pondo a mão em pala sobre os olhos. Expediu uma ordem breve. Os prisioneiros fôram levados em charola, muito á pressa. Amparados aos penedos com uma das mãos, e aguentando o frete com a outra, os carregadores lá fôram trepando, de fosga em fosga, engatinhando, a arfar, magoando e lacerando os captivos, na ancia da subida. Dir-se-ia quererem internar-se na propria catadupa; as delgadas torrentes que a flanqueavam despenhavam-se em pêso em cima delles, ensopando-os até aos ossos.

E A ABANAREM-N'O, PARA CA' E PARA LA', OUTRA VEZ

Estacaram, por instantes, numa lage estreita, saliente, depois, com veloz investida, transpuseram uma densa cortina de agua, e no mesmo instante, acharam-se numa lapa, aberta no rochedo, caverna espaçosa por detrás do proprio centro da cataracta. Ali, chegados, pararam.

A luz solar dardejava ao través em milhares de raios de arco iris.

Deitaram os dois prisioneiros na rampa alagada. Então, a um sobranceiro aceno de mão do chefe, retiraram-se os portadores. O bandido, para ali ficou, debruçado sobre ambos, a rir, tal qual um fauno maléfico. Levantou a voz num clamôr, afim de que o ouvissem acima do rugido da cascata.

— O *sahib* e a *memsahib* aprenderam um dos segredos da serra! vociferou. O proprio misterio da catadupa da Ferradura Ardente!

E agora, oiçam outro! Quem é que lhes está falando? — Mas não, é escusado estarem a cançar o cerebro. A noticia é demasiado recente e não póde ter-lhes chegado aos ouvidos. — Sou Futteh Khan — que encaneci, dez annos a fio, longos e fatigantes, lá na prisão, em Agra. — Futteh Khan, legitimo senhor destes alcantís, que, tal qual um pombo caseiro voltei a buscar o meu ninho — e que em boa hora voltei, para encontrar recompensa dos longos tormentos infligidos pelos meus grilhões! E' digna de ouvir-se a historia, não é assim?

Responde, filho dos meus carcereiros! clamou, imprimindo a sola da babucha no rosto de Streathfield.

Este, olhou para elle com firmeza e o rubro estigma da pancada a afoguear-lhe a face livida. Mas dominou-se, impassivel.

— Pouco aprendeste do nosso regime, em dez annos, Futteh Khan, retorquiu; se julgas que este teu atentado ficará impune. Antes de que se esconda o sol, dois mil homens haverão levado de escalada o pincaro mais alto das vossas serranias, para vos obrigarem a dar contas. Solta-nos immediatamente, se desejas preservar das chammas as tuas aldeias, e os teus sequazes do presidio e do tributo de sangue.

O afghan soltou uma gargalhada maligna.

— Elles já ahi vêm, *sahib* — elles ahi vêm! As vedetas apontam ao extremo do barranco. — Por que os não chamas de rijo — vá, grita — e verás que, nem o troar do canhão poderá suplantar o estrondo da queda de agua. Assolar as nossas moradas? Em nome do santo profêta de Allah, muito embora reduzam estas nossas serranias a um deserto esteril e desolado, não prescindo de um atomo, sequer, da minha vingança. — Vêm combater-nos? Um milhar dos meus não conhecem maior alegria do que matá-los por detrás de cada farelhão dos desladeiros.

Que nos persigam e tornem a perseguir! Crês que insistirão, quando virem que são baldadas as pesquizas?

Vêm ahi, sim, e hão de passar rente de nós — a meia duzia de passos, e podiam, até, estar mais perto — e hão de ir-se embora, sem saber coisa nenhuma. Pensa nisto, *sahib*, pensa nisto! A dois passos da salvação, e ella a vir ter comtigo; e tu, a saberes que se afastará, que lhe has de passar despercebido. — E depois, *sahib*, e depois...

E lambia os beiços, implacavel.

Streathfield não pestanejou, sequer.

— E depois, Futteh Kan, e depois?

O afghan riu-se, feroz.

— E depois — sim, os dias do meu exilio hão de ter recompensa! Eu, gemi, por ventura, sob os lategos do azorrague? Não! Supportei os tormentos sem abrir bôca. Mas tu chorarás, bem alto, homem dos meus oppressores, quando sentires nas tuas carnes o meu ferro. Acaso as minhas esposas e os meus innocentes filhos carpiram a implorar o meu perdão? Lamuriaram á altura das tuas botas, conforme tantas o têm feito? Não, que o orgulho da serra estava com ellas, a tua irman, comtudo, derramará lagrimas, e mais do que lagrimas, até, antes que a minha faca lhe conceda a mercê de a libertar. Vingança? Pelas barbas do Profêta, hade ser digna de mim — vingança que será cantada, ainda, quando tu e eu e todos que trilham estas fragas estiverem reduzidos a pó, em outras tantas sepulturas! E agora, tenho que haver-me com aquelles que andam em vossa procura, *sahib* — que haver me com esses torpes cochinos desses Sikhes, e desses inglêses, que, na busca, nada mais encontrarão, além das balas da minha jezaíl. Tem paciencia, *sahib* — custa-me o deixar-te sósinho, mas não tardarei em voltar. Jaze para ahi e medita — cogita no salvaterio, no limiar da propria jaula, e convence-te de que é em vão, *sahib* — de que é em vão!

Disse, e, com um acêno de escarneo, abalou.

Sósinhos, com aquelle intermino ronquido a azoinar-lhe os ouvidos, com aquelle alude incessante de agua a deslizar-lhe ante os olhos; manietados, impotentes, perdida de todo a esperança, para ali ficaram, ambos, ao desamparo, a cogitar na morte, ou naquillo que é ainda peór, talvez — orando, afinal, a' implorar o misericordioso livramento da propria loucura!

A' proporção que iam deslisando as horas, veiu vindo a reacção do estupôr. O rugido incessante, o fuzilar daquella myriade de luzeiros da espuma, a fome, a dôr — tudo junto completou a sua obra. Pois que ao mancebo a propria vida se lhe prefigurava ter chegado ao seu termo, e o futuro, um vacuo, apenas, indeterminado e ignoto. A pouco e pouco, foi-se afundando num estado de semi-inconsciencia, a ponto de quasi que nem sequer sentir a propria dôr.

De repente, como que uma ferroada aguda, num braço, um esticão afflictivo, a espicaçar-lhe os atrofiados nervos, chamando-os á vida. Abriu os olhos, e ficaram deslumbrados por um clarão obcecante. Apezar da frescura das correntes, emanadas pela agua a caír, o ambiente era de suffocar. O penhasco em que elle jazia, o proprio fôrno.

Pôs-se a observar a vasta extensão de granito corroido pelas aguas. Já não luzia, como que polvilhado pela chuva. Ella, caía, mas no acto de caír transformava-se em vapôr. Ainda mais, num ponto, a menos de uma braça do seu poiso, onde um fio de agua caía do tecto da caverna, referviam os pingos e chiavam ao tocar na lage. Mexeu-se e a carne da mão nua achou-se em contacto com a pedra. Por pouco não gritou. Estava quente, — a escaldar, como se por baixo estivesse ardendo uma immensa fornalha! Aquelle misterio da fraga seria mais impenetravel do que elle proprio suppunha?

Dar-se-ia o caso de que o fraguedo fôsse a expansão eventual dos eternos fogos vulcanicos?

Então, de subito, ao reportar a vista, ou-

tra vez, para o clarão que penetrava a torrente, aclarou-se-lhe o segredo. A fornalha era por cima, — e não por baixo, no interior.

Aquelle immenso arco de agua concentrava os raios do sol, estabelecendo um fóco, tal qual um botão luminoso, na rocha, ao pé delle. Achava se por detrás de uma lente, ignea, estupenda!

A FAIXA VERMELHA, O QUAL RELAMPAGO INSTANTANEO, LISTROU A PAREDE VERDE DA AGUA

Por instantes, como que respirou, aos sacões. E elle a encolher-se todo, — a retrahir-se do ponto deslumbrante. Faria aquillo parte dos tormentos evolvidos pelo cerebro bravio do afghan? — Havê-los-ia atirado para ali a sorte, de proposito, no seu caminho, afim de serem escaldados, torrados em vida por aquella chamma implacavel?

No mesmo instante, elle lá ia avançando, a custo, de rojo, para o proprio fóco, forçando a quanto musculo e a quanto nervo tinha no corpo. Tal é o poder da esperança, do instincto de vida, de liberdade! Com a ancia do desespero imergeu os manietados pulsos no disco refulgente, esticando a corda de estôpa com quanta força tinha.

Gemeu; o fóco esbraseado concentrava-se no nó, atado entre as palmas das mãos, os raios incandescentes, comtudo, escaldavam-lhe a propria carne. A pelle encrespou-se, esfolando-se, a empolar a olhos vistos. Fincou os dentes, a transpirar por quanto póro tinha no corpo.

E as pulsações do coração quasi que a afogarem-lhe a garganta. E as cordas a denegrir, crestadas, mas só á superficie, ao que parecia. Escanchou os braços, num frenesí de dôr, e os liames ainda sem quererem cedêr, ao passo que a carne, queimada, refervia até ao osso.

O que quer que era, — um qualquer vislumbre tenue de som — pareceu-lhe filtrar-se através do fragôr dominante da catadupa. — Seria um tiro de espingarda? — achar-se-iam os seus á porta d'aquella sua masmorra? E elle, aos puxões ás cordas, convulso, desatinado, e as cordas sem quererem ceder!

Sentiu o chape-chape de umas chinelas. Alando-se nas mãos coactas acima da lage candente, ergueu a vista. Emergendo da cortina de espuma, eis-lhe surge outra vez Futteh Khan.

E o afghan a contemplá-lo, com expressão de implacavel contentamento. Não suspeitara de coisa nenhuma, até ali. Soltou uma gargalhada.

— Acham-se a uns cem passos, os teus amigos, *sahib*; tão perto, que eu, homem pacifico, tive que vir ter comtigo, para lhes escapar.

Grita, clama por elles, não consintas que se afastem sem gozar a tua hospitalidade. Em nome de Allah, convida-os a entrar.

Não foi verbal a resposta. Com um arranque, partiram-se os denegridos fios, e Streathfield, aos puxões aos liames que lhe tolhiam as pernas. Futteh Khan bramiu uma feroz blasfemia e armou um pulo, desembainhando o facalhão que trazia á cinta.

Alou-se a meio o inglês, fingiu querer mandar-lhe um murro, e chapou-se em frente do bandido, a tolher-lhe o passo.

Deu-se a collisão. As sólas das babuchas escorregaram na lage alisada pelo sol, e o golpe da lamina encontrou o vacuo.

Voou pelos ares a zunir a propria arma, entanto o dôno baqueava a pêso sobre os cotovêlos, atordoado pela pancada contra a lage granitica.

A bota de montar do official caíu pesada sobre a trunfa do facinora. O miseravel, a barafustar, desesperado, na pedra brunida, e as mãos sem encontrarem prêza. Foi escorregando, ganhando impulso a cada alo. O berro, que estrugiu pela lapa, dir-se-ia sobrepujar o proprio trovejar soturno da catadupa; e as mãos enclavinhadas, num desespero, a aferrarem... o nada. A faixa vermelha, qual relampago instantaneo, listrou a parede verde da agua, sumindo-se, depois, como poderia ter-se sumido uma palhinha, no torvelinho de férvidos borbotões da voragem subjacente.

Ainda sob a acção lubrificante de quem acorda de um sonho, Streathfield deu por si a erguer da lage a lamina rutilante e aos golpes ás cordas que manietavam Beatriz, e como que numa visão, lá a foi amparando através do veu aquatico, descendo pela fraga por entre um bolcão da espuma, e caíu, por assim dizer, nos braços de uns vinte aguerridos Sikhes, azafamados, a espreitarem em vão pelas sanjas e algares, expectorando horridas blasfemias e ameaças, e despedindo balas ineficientes contra os pathans, a mofarem delles, lá dos pincaros. E as explicações que lhes deu fôram vagas, incoherentes.

Quando sir Robert Grey e outros quinhentos sadios rostos inglêses assomaram ao barranco, retumbou um clamor de jubilo. Strathfield sentiu como que um baque no cerebro, e ficou-se, para ali, mudo, e com os olhos fitos em Beatriz, desmaiada, nos braços do pae.

Foi-se abaixo das pernas, e, na queda, sentiu nas mãos o contacto de qualquer coisa macia como veludo; verificou que, em torno de si, se espraiava uma como que alcatifa de plantas, de fôlhas acinzentadas, e de flores, lanigeras, penugentas.

Entrou a rir, num riso estranho, impessoal; abaixou-se e arrancou um punhado das mesmas.

— *Graphalium!* murmurou; riu-se outra vez e caíu para trás, examine, como morto.

O luar banhava a varanda, naquella noite, com uma luz vívida, imprimindo ás sombras o aspecto de faixas de veludo, e transformando o terreiro em frente do edificio num lago de prata. Streathfield, absorto pelo encanto daquelle magico scenario, voltou-se ao roçagar de um vestido. Defrontou-se-lhe Beatriz, com o semblante illuminado pelo luar e os cabellos immersos na sombra.

Tinha os olhos marejados e os labios num tremôr. E ambos permaneceram silenciosos um instante.

— No fim de contas, prorompeu elle, de golpe — tinha razão, Beatriz.

Tirou do seio o molho de fôlhas amarfanhadas, alisando-as com as mãos envoltas em ligaduras.

— Quer aceitá-las? preguntou o moço; e guardá-las? acrescentou, com os olhos fitos nos olhos della.

No semblante da joven, a expressão lagrimoza deslisou num sorriso.

— Com o seu acto de penitencia? respondeu, estendendo-lhe a mão.

Elle, voltou a cabeça.

— Não — mas sim com toda a minha alma, exclamou; e cingiu-a nos braços.

Versão do inglês por MANUEL DE MACEDO.

Bartholomeu de Gusmão

A 6 d'agosto celebrou em Paris a Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão uma data gloriosa: o 202.º anniversario em que o celebre inventor portuguez realisou no pateo da Casa da India o seu primeiro vôo, na presença do Rei, da côrte e de muito povo.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos, Brasil, em 1685.

Antes, porém, d'elle tinham tentado *vencer o espaço* Bacon, Lana e Galliano, mas infructiferamente.

Durante muito tempo suppoz-se que a tentativa de navegação aerea se devia aos irmãos Montgolfier, mas basta saber que estes fizeram subir um aerostato em 1783, quando em 1709 o nosso compatriota realisara a sua experiencia.

Tinha a machina a fórma d'um passaro crivado de muitos tubos pelos quaes passava o vento para encher uma especie de bojo, que servia para a elevar, e se faltasse o vento, conseguia-se o mesmo effeito por meio de folles interiores. A ascensão devia tambem ser promovida pela attracção electrica de peças d'ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete.

Embora o Monarcha protegesse o infeliz Bartholomeu de Gusmão, nem por isso elle deixou de ser alvo das chufas dos engraçados da sua epocha, e tambem o accusaram de pacto com o diabo.

Falleceu, depois de tanto desprezo, — e Portugal ainda não resgatou a sua enorme divida — no hospital de Toledo, a 18 de novembro de 1724, sendo enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro.

A vida na praia

O mez d'agosto é o que a sciencia mais recommenda para banhos de mar.

A' maneira que a medecina progride, a nossa vida e os nossos costumes soffrem modificações por ella aconselhada. Preconiza-se muito o banho do mar, o ar salino e a demora prolongada nas praias.

Mas tem que se attender a varias precauções, porque esse banho nem sempre é proveitoso, excitando por vezes a gente nova e as pessoas fracas ou nervosas.

Evitem os esfriamentos, porque estes degeneram, quando causados pela fresca e humida brisa salina, em doenças d'estomago, doenças de garganta e até accessos febris.

E' um erro julgar que a humidade salina não encerra perigos. Os fatos impregnados em agua do mar, devem-se trocar por outros seccos o mais rapidamente possivel, pois podem causar alterações seja qual fôr o temperamento.

A quem observar os costumes dos habitantes da costa não passará despercebido o especial cuidado que elles teem em se livrar da humidade e do frio, e assim, seja qual fôr a epocha, usam fatos de lã, dando-se o caso que na Bretanha e na Galliza as mulheres põem duas ou tres saias de panno forte, e os homens nunca tiram a camisola de flanella.

E se o traje varía segundo as localidades, a base é sempre a lã de tecido apertado.

Nas praias convem que as creanças andem com as pernas nuas e descalças, porque o calçado nas margens do mar fica sempre humido; o resto do corpo é preciso conserva-lo bem abafado. E a mais apropriada veste é um *maillot* grosso, bem cingido ao pescoço, e por cima do qual é conveniente pôr uma camisola de flanella.

FEIRA D'AGOSTO — 1.º PREMIO

Quando as meninas teem mais d'oito annos, aos corpos de lã põe-se-lhe uma saiasinha, ficando a cintura coberta com uma blusa de marinheiro, e como os grandes chapéos são sempre incommodos por causa do vento e preservam tanto como um d'abas curtas, é melhor recorrer a estes.

Estes conselhos, sempre uteis d'attender, dedicam-se ás senhoras que buscam um pouco de tranquillidade nas terras maritimas, no fim de descansarem das agitações da vida moderna. Mas tambem podem ser prestadios ás que concorrem a pontos onde o mar é só um accessorio do casino e alli continuam a vida mundana com todos os seus resaibos d'elegancia e côr local.

Ha um grande numero de pessoas que procuram no verão o isolamento, e o grande *sport* é actualmente um recanto ao pé do mar, isolado de verdura e onde a voz do Oceano faz esquecer o nauseante rumor produzido pela agitação em que se vive nas grandes capitaes.

Para concluir, voltando ás creanças, tenham todo o cuidado em as livrar do relento da noite, mas durante o dia, emquanto o sol aquecer com os seus raios d'ouro as areias da praia e faz resaltar a alvura e o brilhantismo da espuma das ondas, deixem-nas em toda a liberdade, que corram, que brinquem, alli ou em jardins ou alamedas proximo da casa.

Tomem todo o cuidado na sahida do banho.

Apenas fóra d'agua, vistam-lhes uma camisola de flanella, comprida e secca, e assim se evita o tremor que as accomette quando sahem para o ar livre.

Depois do banho o repouso, e ás creanças mais que aos adultos.

E se as leitoras quizerem recobrar a energia que se perde nas cidades precisam nas praias adoptar um genero de vida especial.

As feiras

Deriva-se a palavra *feira*, segundo uns da latina *forum*, que significa praça publica; outros, porém, originam-na em *feria*, porque não costuma haver feiras senão nos pontos onde se celebra alguma festa, e ha quem opine que procede de *fezendo*, porque todo o commercio levava alli as suas mercadorias.

Os lithuanos tinham uma festa annual a que chamavam a *festa dos avós;* reuniam-se n'um templo em volta dos seus sacerdotes, evocavam as almas dos mortos e offertavam-lhes orações e iguarias.

Mais uma vez a feira d'Agosto, que acaba d'abrir, me recordou uma epocha feliz.

Aquella em que eu percorria o calendario para ver quando se realisava a das Amoreiras, a de Belem ou a do Campo Grande.

E então sonhava com uma espada de pau, com uma espingarda de cano de folha, com uma caixa de bonecos de chumbo...

N'esse tempo os rapazes não andavam de relogio nem com luvas, nem se entretinham em escrever cartas petulantes ás raparigas de pouca edade, nem se faltava ao respeito aos velhos... nem se sabía arranhar no francez! E' verdade que se era menos *civilisado*... mas não se perdia com a facilidade d'agora um anno de latim ou de philosophia...

Vestido com uma jaqueta que antes fôra um casaco do pae, contemplava-se embevecido aquelles pedaços de cartão, mais pesados que uma coroa, aquelles bonecos, que pareciam idolos tartaros, aquelles pedaços de madeira pintados com vermelhão, e a que os vendedores chamavam casas...

Tudo isso passou para nunca mais voltar.

A mocidade progride, e não se detem em insignificancias.

As feiras são umas veneraveis antigualhas, que se toleram pelas suas recordações d'hontem, pondo de lado a consideração que merecem pela sua curiosa chronologia.

Com o tempo desapparecerão dos nossos olhos, não creiam, porém, que será devido a desfallecerem por fim, mas porque nós é que nos iremos para não voltar mais.

Tal é a sua condição e tão fundas as raizes que no nosso caracter deitam os classicos costumes d'um paiz.

FEIRA D'AGOSTO — 1.ª MENÇÃO HONROSA

Os crimes da paixão

Nas terras de Sant'Anna um rapaz de 17 annos matou a tiros de revolver a namorada, de 18 annos, e de seguida pretendeu suicidar-se.

E' claro que os nomes são indifferentes para uma chronica d'este genero, mas o que pergunto é se não é já tempo de pôr termo a estes delictos apodados com o pomposo titulo de *crimes da paixão*.

E logo ao animo de todos surgem duas compaixões: uma para a victima, outra para o assassino. O desenlace tragico do drama, em vez d'horrorisar, commove, desentranhando-se n'uma tristeza intima; e dos labios não se escapa um grito d'indignação, mas a phrase piedosa:

— Rezae pelo morto e que Deus perdõe ao assassino.

Lentamente, o crime da paixão foi adquirindo fóros de cidade em Lisboa e Porto, até constituir uma manifestação endemica de criminalidade; sabem-n'o todos os que matam mulheres: é crime que não infama, e assim repetem, como cylindro phonographico, esta phrase justificante do acto que praticaram:

— Queria-lhe tanto!...

O publico commove-se pensando no tremendo desequilibrio que esse homem terá experimentado nos seus sentimentos, nas incruentas luctas entre o amor e a fereza instinctiva porque terá passado até chegar a matar a mulher a quem amava...

Muito bem. Interrogo com toda a sinceridade, sem me referir a nenhum caso concreto. Não ha muito de comedia nas declamações lyricas d'estes criminosos por amor? Não ha entre os motores impulsivos do seu crime um sentimento repugnante de coragem, um convencimento de superioridade do homem sobre a mulher, a detestavel opinião que ella não passa d'uma femea, sem vontade, sem paixão, sem liberdade, sem sentimentos proprios?... E esta crença, este falso conceito, acha-se arreigado, não só entre a gente baixa, não só no povo illetrado, mas tambem, e ás vezes com mais força, nas classes instruidas; que o digam as pobres mulheres que arrastam os restos da sua vergonha e da sua dignidade pelo arroyo, ellas que digam quem é que possue a crueldade mais requintada, quem abusa mais da sua condição inferior.

N'esse sentimento de superioridade absoluta sobre a mulher tão inveterado no homem, acha-se o germen do *crime apaixonado*, como se diz vulgarmente, quando não é mais que o crime do orgulho insano, da força bruta, da mentira convencional...

O saneamento da cidade

Será verdade que regressamos afinal ao senso commum? Parece, e não me atrevo a acredita-lo.

Diz-se que a camara municipal vae fazer guerra aos papeis que se distribuem por essas ruas. Sabem? são os prospectos annunciando *tudo* — e propositadamente mando pôr a palavra em italico — e que constituem a vergonha dos nossos passeios e transformam Lisboa em cidade suja.

E' preciso libertar-nos d'esse pesadelo, d'essas immundicies anti-hygienicas e propagadoras de microbios, que não servem para nada nem para ninguem.

Se os commerciantes que empregam este meio de publicidade, imaginam que é efficaz, basta passarem pelos locaes onde elles se distribuem para se convencerem do contrario. A mór parte das pessoas recusam se a recebe-los. E aquellas que os acceitam, indolentemente, não os leem, e pouco depois eil-os no meio da rua.

Bem sei que me podem objectar com duas razões, uma legal, e outra sentimental, embora tanto n'uma como na outra não haja nenhuma seriedade.

E são: a lei não se oppõe a esta distribuição, mas é facil a resposta: a salubridade publica está acima da lei; e attendendo a sermos um povo eminentemente sensivel, objecta-se que se vae privar do seu ganha-pão muitos desgraçados que não teem outra maneira de ganhar a vida.

Embora me enterneçam com o argumento, a verdade é que me não convencem. A sociedade, por acaso, tomou o compromisso de fazer viver, por privilegio, tal ou tal corporação? E todos nós não estamos submettidos aos accidentes da vida? Para fazer viver uma centena d'individuos ha direito a contaminar uma cidade? Que os distribuidores de prospectos procurem outra maneira d'empregar a sua actividade... No dia em que a tracção mechanica supprimir a tracção animal os cocheiros ficarão com os braços pendentes? E a sociedade commover-se-ha pela sua sorte? Dirá simplesmente:

— Tratem d'outra maneira de ganhar a vida.

Não acho que estes sejam menos dignos de dó do que os distribuidores d'impressos pelas ruas.

Quando uma pessoa vae a Vienna, a Berlim, a Hamburgo, a Stuttgard, e outras cidades que calo, ao voltar a Lisboa sente um verdadeiro constrangimento no coração ao ver como é suja e mal tratada uma capital que podia ser elegante e artistica, devendo-se acolher, com reconhecimento, toda a reforma que tem por fim sanear, aformosear e limpar as nossas ruas.

Já agora permittam — porque resolvi fazer este mez uma resenha d'observações — que aponte ainda algumas reformas, e entre ellas... a do revolver.

Não lhes parece que ha um certo tempo para cá, esta arma se tem popularisado mais do que convem? Introduziu-se nos nossos habitos, installou-se, e tomando muitas vezes a palavra, tornou-se d'uso vulgar.

Toda a gente tem um revolver no bolso, para pontuar uma conversação viva e animada.

E assim tornou-se muito facil comprar uma arma, que serve mais para o ataque que para a defesa.

Dizem que o seu uso é prohibido, mas sendo assim como é que se tolera que se venda por toda a parte, com a maxima liberdade, a qualquer que tenha dinheiro para a adquirir?

O que eu vejo é que é mais um excellente pontapé n'esta pobre logica tão vilipendiada, tratada com tanto desprezo, e violentada a cada momento!

A cholera

Longe de mim a idéa d'assustar, mas não devem levar a mal o registar aqui que a cholera se encontra em Marselha, e que tudo indica que nos devemos precatar.

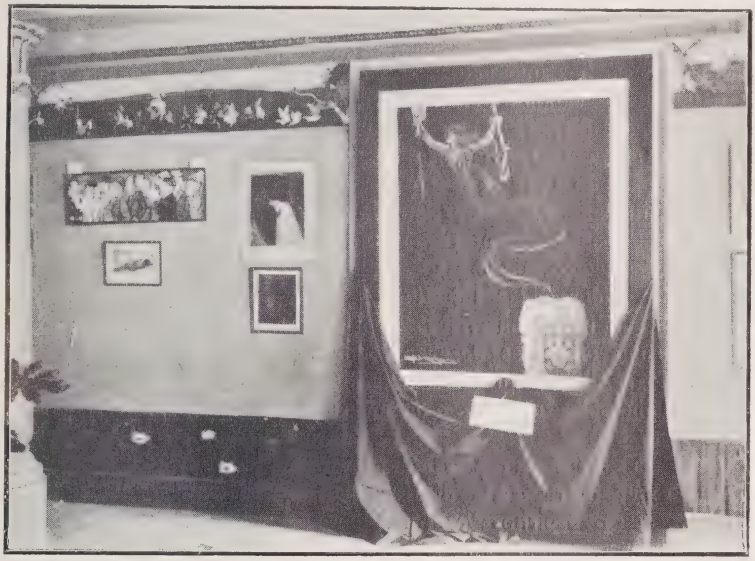
Mas o peor é que o patriotismo local sendo uma excellente cousa, não o devemos comtudo levar muito além.

Quando uma epidemia se declara, como a febre typhoide, a variola, etc., não é nada d'extraordinario. Estes accidentes produzem-se em todos os tempos e em todos os paizes. E livramo-nos d'elles tomando as precauções necessarias, combatendo o mal pelas medidas mais energicas.

As povoações é que não o entendem assim, mancommunadas com quem devia desde principio respeitar a lei... embora admittindo que conhecessem o *Inimigo do Povo*, d'Ibsen. Ao manifestar-se algum caso suspeito, do que se trata logo é furta-lo á publicidade. Mandam-se telegrammas cheios d'indignação affirmando que são invenções calumniosas e que nunca por lá foi melhor o estado sanitario.

Um pouco mais e avançar-se-hia que alli não morre ninguem, e mesmo não houve nunca nenhum doente.

As razões d'este patriotismo exagerado são facilimas d'adivinhar. Não se trata apenas d'uma questão d'amor proprio. Os interesses locaes em jogo são: o receio do desvio de viajantes, o prejuizo que póde acarretar aos commerciantes. E' muito digno de consideração, talvez, mas os interesses particulares devem ceder o passo ao interesse geral. O melhor é extinguir o mal e quanto mais depressa melhor. Proceder d'outra fórma chega a ser perigosissimo. E não se deve para esconder os mortos obrigar os vivos a morrerem...



EXPOSIÇÃO LEAL DA CAMARA — QUADRO OFFERECIDO AO MUSEU DA REVOLUÇÃO

Os rebeldes

Pelos livros que ultimamente teem apparecido vejo que a rebeldia está accommettendo a mocidade d'agora. Nenhum dos novos escriptores se conforma com o que possue nem acredita que seja bom o que existe. Para elles, tudo necessita d'uma transformação funda, radical, porque o que está estabelecido não vale a pena um tanto de respeito.

E allegam que possuem, quanto a arte, um programma deslumbrante, onde se apreciarão os meritos dos homens. E — sempre acreditando a sua palavra — sabe-se com certeza mathematica que elles vão transformar a litteratura, e até que não triumphem ninguem gosará das bellezas d'um bom livro, e nada existirá que valha a pena ser respeitado e exalçado. Os rebeldes, casta privilegiada, resolveram todos os problemas da vida, e basta le-los para se chegar ao convencimento que a humanidade é idiota.

Na phalange d'esses rebeldes, nem todos são homens. Ha mulheres que tambem não se encontram á vontade na actual sociedade e no existente, e suspiram melancholicamente por um amor que não é o amor que se conhece e umas leis que não são as leis que actualmente se acatam e uns homens que não são os homens d'agora.

Para esta gente bravia, orgulhosa e resoluta, o mundo compõe-se de farçantes: politicos, litteratos e artistas. São elles apenas os que podem ostentar o titulo d'honestos, de sinceros, de prosadores, d'estudiosos, affectados pelas injustiças sociaes. Ante um quadro de miseria só elles é que sabem commover-se, as desgraças do proximo apenas elles é que as sentem, e se o mal triumpha sobre o bem são os unicos que se affligem.

Como os annos não passam em vão e a vida exige outra cousa diversa de rebeldias, esses espiritos acabam por se accommodar ao meio em que vivem, e assim atravessam a existencia, succedendo-se as gerações d'incomprehendidos, que appareceram um dia nas columnas d'um jornal e disseram tudo n'um primeiro artigo, e não deram á arte nem á litteratura o *alguma cousa de bom* que deve existir mesmo em toda a obra má.

Dolores Rentini

Era uma bonita mulher que appareceu ha uns dez annos nos nossos theatros, e que principiou a sua vida de palcos por um rapto, tendo d'ahi por diante uma vida em extremo accidentada.

A critica exalçou-a muito, chegando, por vezes a um exagero que quasi custava a conceber.

Chamaram-lhe mesmo a primeira artista d'operetta, — não sei se a infeliz actriz acreditou, — e não querendo discutir a leviandade d'esses processos que dão em resultado levar tantas vezes a crystallisar, a verdade é que o publico via-a com agrado em scena, e — insistindo sempre — attendendo á falta d'elementos que ha no theatro, Dolores Rentini não era para desprezar.

Faltava-lhe o jogo physionomico, a inflexão amoldara-se no mesmo tom, e, comtudo, dando o seu nome a uma *tournée* percorreu essas provincias com grande applauso, e foi este anno para o Brasil, cheia d'alegria, porque esperava que os resultados da digressão fossem altamente renumeradores.

DOLORES RENTINI

Estivera no Pará, em Manaus e em outras cidades do norte, e alli nunca a doença a affligira, e se alguma vez se avizinhou, vendo-a tão nova, formosa, não quiz cevar-se n'aquelle corpo gentil, e como que recuou.

Mas em Pernambuco a traiçoeira febre amarella, á douda, não teve a minima consideração, e sacudindo-a violentamente, pouco depois depunha-a nos braços descarnados da Morte, que teve um estremecimento ao sentir um cadaver resumando mocidade tão brutalmente arrancado a esta vida.

Foi desgraçada esta *tournée* morrendo no Brasil varios dos seus contractados, e para coroar é agora a pobre Rentini que abala d'este mundo.

Adularam-n'a muito, festejaram-n'a, aos

seus ouvidos a lisonja nunca se calou, e afinal para quê?

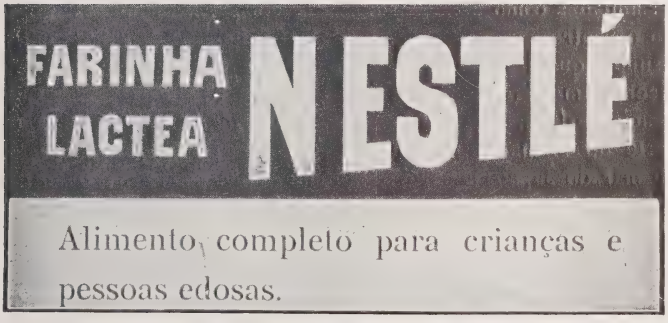
D'aqui a mezes — dias mesmo — já ninguem se lembrará d'ella, e as adulações, os applausos, as palavras lisonjeiras irão para outras que as acceitarão... e o que é mais acredita-las-hão... *Se o mundo assim é... assim seja...*

Francisco Teixeira

Victimado pela tuberculose falleceu no dia em que completava 46 annos o caricaturista Francisco Teixeira, director artistico da *Illustração Portugueza* e que durante muito tempo encheu com os seus desenhos as paginas das *Novidades* e do *Noticias*, do Rio de Janeiro.

Muito insinuante, excellente espirito, causa pena ver o desapparecimento d'este rapaz, que tinha um bello futuro ante si, não permittindo, porém, a impiedosa morte que elle cumprisse até final o seu desejo, que era deixar uma obra inconfundivel, e d'onde resaltasse nitidamente a sua figura artistica.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

O theatro japonez

O horrivel realismo

Eu prometti tratar aqui — agora que os nossas casas d'espectaculos estão fechadas — dos theatros estranjeiros, resolvendo occupar-me n'este numero do theatro japonez, pouco conhecido entre nós, e que é interessantissimo.

Vulgarmente são muito frequentados, e teem por habito representar incidentes sangrentos, scenas simuladas como a de se suicidarem, abrindo o ventre.

Poder-se-hia suppor que durante a guerra com a Russia, fechariam as portas, ou pelo menos, a assistencia sería menor, visto que uma grande parte do elemento masculino assistia, além do mar do Japão, a carnificinas que não eram simuladas.

Querem acreditar que as receitas duplicaram? A razão? é porque só se occuparam de batalhas e de matanças que o publico tanto aprecia.

Não conheço theatro onde mais reine a ferocidade. No palco vê-se gente batendo-se, cravando facas no ventre e morrendo com a maior naturalidade do mundo, isto é, uma agonia, signalada por horriveis convulsões, deve, pelo menos, durar cinco minutos. Principalmente um certo estremecimento nos pés e nas mãos antes do ultimo suspiro é estudado á perfeição.

Pelo fato escorre-lhes o sangue, bem sei que basta ter uma esponja no sitio do coração embebida em agua avermelhada, mas ninguem finge a morte como elles, e as europêas não poderiam assistir a esse espectaculo sem perderem os sentidos.

Ora, no Japão, não só as mulheres, mas até as creanças a quem amamentam (e fazem-n'o até aos cinco annos, porque lhes é prohibido o leite de vacca) acham tudo isto naturalissimo!

Os pequenos japonezes, mesmo n'essa edade, já comprehendem perfeitamente.

E' uma raça intelligentissima para tudo que é massacre, e bem preparada desde a tenra edade para esta arte da guerra que é a verdadeira industria nacional do Japão!

E n'esse theatro ha mesmo uma cousa que elles podem aprender: é a que consiste em uma pessoa simular de morta, e cravar de subito o punhal no ventre do adversario, que por tal não esperava.

No palco

Os theatros abrem ás dez da manhã e fecham ás sete da noite; mas tambem cada um está alli á vontade, e sobre esteiras, come-se, bebe-se, fuma-se.

A fórma é uma especie de telheiro rectangular. Ao entrar deixam-se no vestiario... os sapatos, e em troca recebe-se uma senha. Depois cada qual dirige-se para

o seu compartimento separado do do vizinho por umas pequenas tabuas e acocora-se.

As peças são enormes, sem interesse, insipidas, odientas.

Nas russo japonezas, quando em moda, os officiaes d'aquella nação representavam um papel ignobil, alcunhando-os de devassos e de cobardes, e a sala enthusiasmava-se se um só japonez matava meia duzia d'inimigos.

Como se comprehende não era a derrota dos russos que os japonezes acclamavam, mas tambem o anniquilamento da raça branca.

Confesse-se, entre essas peças escandalosas, ha por vezes algumas que encerram magnificas scenas patrioticas, e são admiraveis quando falam do seu paiz, assim como quando combatem por elle.

Varios dramas

Tenho uma peça que se representou em Tokio: a morte de dois officiaes japonezes disfarçados em sacerdotes para penetrarem nas linhas russas.

Presos, comparecem ante os russos que os condemnam á morte.

No momento em que vão ser espingardeados expressam-se com uma grandeza á Corneille. Depois de cuspirem o seu desprezo em face dos juizes, declaram com altivez que essa sentença é para elles a maior das honras, e que se sentem orgulhosos de derramar o seu sangue pelo grande Japão. E accrescentam que a vida para elles de nada vale senão pelo sacrificio que fazem por uma causa nobre, e dignamente apresentam os peitos ás balas.

A scena na verdade é esplendida, e tanto mais commovente quanto é veridica; occorreu na Manchuria.

O final é atroz. Os russos disparam sobre os officiaes ligados a postes, e lentamente assiste-se a essa morte, vendo-se o sangue a escorrer-lhes dos peitos. E' d'um espantoso realismo.

E' assim que as creanças que assistem a estes espectaculos, mais tarde se convertem em verdadeiros fanaticos, e é esse mesmo o fim que se busca.

O *Hari-Kiri* exprime a antiga maneira do suicidio japonez, e é como denominaram um drama onde se reflecte a alma japoneza.

Baseia-se n'uma d'essas luctas e vinganças tão frequentes no territorio do Japão. Um cavalleiro da edade media parte, disfarçado, no intuito d'assassinar um general que deshonrara a sua familia. Acompanha-o uma *geisha* e um fiel creado. Os inimigos surprehendem-n'o e aprisionam-n'o. O servo bate-se como um leão para o libertar, mas não o conseguindo, resolve suicidar-se. E quando o cavalleiro é posto em liberdade, jura pelas cinzas do seu servidor, renunciar ao mundo, e entra para um mosteiro budhista.

Não ha duvida que para a Europa é um drama muito extraordinario; cá os creados são incapazes de morrer em defesa dos patrões, e o desempenho tem de ser d'um realismo violento e que exceda toda a imaginação.

A senha

Se o espectador sahe durante o espectaculo não lhe dão senha.

Mas carimbam-n'o na palma da mão, e quando torna a entrar apresenta o cunho official.

De maneira que, se o assim marcado experimenta a necessidade — e ninguem de tal está livre — de lavar as mãos durante o intervallo, se o sinete vae por agua abaixo... para entrar tem de pagar novo bilhete.

A antiguidade do theatro

Embora seja o divertimento predilecto dos japonezes, é claro, que se encontra muito atrazado. Em Tokio ha umas vinte casas d'espectaculos.

O theatro japonez tem mais de mil annos.

A principio representava-se n'um estrado, e em volta collocavam-se bancos para a assistencia.

Só se exhibiam mulheres. Depois substituiram-n'as os homens.

Como peças européas representa-se o *Hamlet*, que é o filho d'um nobre japonez, estudante na Universidade. A apparição do phantasma é no cemiterio, mas o famoso monologo *to be or not to be* foi supprimido pela difficuldade de o traduzir.

As obras preferidas são as tragedias historicas e os melodramas.

A comedia é quasi desconhecida.

Cada peça representa-se 25 vezes seguidas, recebendo o auctor cerca de 200$000 e outros duzentos pela impressão do seu trabalho. E depois fica sendo pertença dos actores. Estes são melhor pagos: Danniro teve 500 libras por 25 representações, Sadanu ganhou uma vez duas mil por vinte recitas.

Sada-Yacco foi a primeira actriz japoneza que representou com actores, é considerada uma grande artista, e embora em Lisboa muito a applaudissem... a verdade é que ninguem a entendeu nem mesmo os seus processos.

A origem do theatro

Nada de lhe procurar a origem nos canticos e dansas da antiguidade.

A' semelhança das tragedias gregas, as representações eram, a principio, instituições de caracter religioso. Aos actores populares consideravam-os como desclassificados sociaes.

O arco do proscenio d'um theatro japonez é oblongo, tem apenas cinco metros de altura e 23 na sua maior largura. A parte central do palco é construida de maneira que ao centro ha sempre uma secção circular que póde girar quando necessario.

Madame O-Kuni que iniciou os seus espectaculos em Kiotto, no seculo XII, viu-se obrigada a termina-los por ordem da auctoridade devido ás suas tendencias desmoralisadoras. Em Shogun a censura não foi tão rispida.

O enredo amoroso dos seus dramas divertiu alli muito o povo, ficando celebres nas chronicas da epocha. Mas o emprego de mulheres como actrizes deu logar a abusos, e foram prohibidas de figurar em scena.

Em Yeddo espalhou-se a moda dos actores serem todos rapazes de galharda presença. Tambem deu logar a tendencias immoraes.

Antes, porém, já o theatro de *marionettes* se generalisara no Japão.

O drama japonez tem passado por uma serie de vicissitudes.

A razão d'ordem material que se oppõe a que as japonezas entrem nas peças é porque ellas, tanto por herança como por educação, estão habituadas a andar com o peito contrahido, e a cabeça inclinada como o lyrio que emmurchece, e o seu andar torna-se desagradavel á vista, obrigando a voz a ser fraca. Além d'isso o drama japonez requer uma grande resistencia physica. Os principaes actores andam no palco em cada representação cerca de vinte a quarenta kilometros, ora uma mulher não resistiria a oito kilometros. E a causa está não só no vestuario que lhe difficulta o andar, mas tambem no habito que tem de caminhar nas pontas dos pés.

O theatro japonez chegou em 1868 ao ultimo gráo d'aviltamento exactamente nas vesperas da revolução.

Agora as mais eminentes personagens não se envergonham d'apparecer n'um theatro. E ante o proprio Mikado e a sua côrte por vezes os actores teem representado.

Actualmente nota-se um movimento que leva a crêr que se pensa a serio em o modificar no respeitante á parte litteraria, á educação dos actores, á construcção e administração, á hora dos espectaculos e arranjo da platéa.

E trata-se d'estabelecer uma eschola d'actrizes. Assim pôr-se-ha termo ao absurdo dos theatros separados hoje em dia, vendo-se nos dos homens os papeis femininos desempenhados por actores, e nos de mulher, as actrizes encarregarem-se dos papeis masculinos.

PORTUGAL DA SILVA.

Curiosidades do tempo

Congresso das raças

Sir Harry Johnston, na *Contemporary Review* apresenta uma interessante communicação sobre problemas raciaes no congresso das raças. Segundo elle poder-se-hiam dividir pela seguinte maneira os habitantes do globo: — O ramo Mongol-Amerindiano da raça amarella é o que maior numero attinge, pois póde-se calcular *grosso-modo* em 612 milhões de almas, (586 milhões de Mongoloides na Asia, 16 milhões de Amerindianos, e uns 10 milhões de Mongoloides Europeus.) Os brancos, ou Caucasicos, da Europa, Africa, Asia, Australia e da America, veem a seguir, e attingem uns 570 milhões Ha uns 300 milhões de tipos escuros intermedios, taes como os Mouros do Sul, os Tuaregs, os Tedas, os Egipcios, os Abissimos, os Somalis, o grosso dos habitantes Dravidios da India e de Ceylão, os Polinesios e os povos de Madagascar; e por fim ha uns 135 milhões aproximadamente de Negros e Negroides, (109 milhões em Africa, 24 milhões e meio nas Americas e 10 milhões e meio na Asia do Sul e Oceania).

Os 135 milhões de negros não são em modo algum uma quantidade desprezavel, e contam mais presentemente na politica do mundo, do que os 433 milhões de chinêzes.

O ramo Caucasico é principalmente dividido pela religião entre os 510 milhões de christãos brancos e os 64 milhões de Mohometanos brancos, os ultimos regidos por alguns 12 milhões de Turcos.

Sir Harry sustenta que a subdivisão Caucasica é superior ás outras variantes da raça no desenvolvimento cerebral e fisico. A raça Caucasica parece ter-se revelado a redemtora do mundo, a criadora das civilisações Palaeolitica Neolitica e de das mais antigas epocas da idade do metal. Sobre se a raça branca póde colonizar os tropicos, affirma Sir Harry que os

ZEPPELIN: — «Senhôr, os meus dirigiveis continuam a caír, mas ao menos teem sobre os aeroplanos a vantagem de ainda lhe não terem morto nenhum ministro!»

(Pasquino, Turim.)

brancos devem contentar-se com a colonização das regiões sub-tropicaes do globo. Os brancos estão em pé igual, senão superior, no aumento da população. Nas outras raças a mortalidade das crianças e recemnascidos é mais

TAFT, ANJO DA PAZ
Offerece uma corôa á Allemanha
(Kladderadatsch, Berlim.)

elevada. Sobre a mistura das raças entre si, assevera Sir Harry que ha uma costella negra nas populações immediatamente ao norte do Mediterraneo assim como na Irlanda, país de Galles e Escossia, e qualquer coisa dos Pelles-Vermelhas nos povos da Escossia e Irlanda, da Allemanha, do sul da Russia, Tartaria e Siberia. A asserção de que existe uma unica especie de homens no mundo, é provada pela completa fertilidade entre todos os typos de homem existentes.

Segundo Sir Harry ha perspectiva de grandes desenvolvimentos sociaes na Asia pelos crusamentos, especialmente na Siberia Russa. O tipo branco já se está misturando com Mongolios, Japonêses e Chinêses, produzindo gerações de boa apparencia, vigor fisico e vivacidade mental.

Sir Harry defende nobremente as aptidões das raças não brancas, principalmente da negra. Teem-lhe dado livros compostos por puros negros o profundo goso da melhor litteratura francêsa. Diz encontrarem-se de grau eminente nas suas respectivas vocações, compositores negros, musicos, actores, cirurgiões, dentistas, generaes; e acaba apresentando uma ousada proposta, — qual a de uma religião interracial.

Tem pouca simpatia pelas fés Hindu e Mahometana. Fala das tolas excrecencias que se foram juntando á de antes tão pura e transcendente religião Hindú, e das desproveitosas ruindades ditadas por Mahomet. Arrojadamente propõe uma religião commum inter-racial e acrescenta: — «Se ao menos agora podessemos concordar no estabelecimento de uma religião inter-racial, e esta fosse a mais simples, não — dogmatica forma do Christianismo — o Christianismo sem os credos que Christo não conheceu! Os principios Christãos que foram anotados nos autenticos Evangelhos e Epistolas ainda estão insuperados como regra de conducta, como base de etica pratica.

Nada teem que vêr com totemismos, Sabbaths, adoração de feliches, misticismos, observancias vexatorias, ladainhas, e discutiveis adjunções supersticiosas. Se pudessemos concordar em difinir e adoptar uma tal base e fazê-la a religião do estado em todos os paizes, com permissão para cada individuo ou communidade de acrescentar de motu proprio as elaborações de ritual necessarias a algumas individualidades, teriamos dado um grande passo para estabelecer uma irmandade entre

O KAISER KALEIDOSCOPICO GUILHERME:
«D'esta vêz espero que me tomem a serio!»
(Pasquino, Turim.)

os homens, uma irmandade que não precisa de significar necessariamente uma mistura de sangues, mas sim uma simpatia e interesses communs nó desenvolvimento da humanidade. Aplicando os principios Christãos, o homem

branco trataria as outras raças da humanidade com bondade e justiça, sem desdem ou asperas impaciencias; e elles por sua vez cooperariam com elle na tremenda lucta com as cegas e descaroaveis forças da natureza que sempre e a cada passo parecem ameaçar a propria existencia humana.» Assim estaria a etica estabelecida para inculcar o principio Christão, mas ter-se-ia ainda de combater o demonio da natureza reaccionaria; e para conquistar essa fé, a unica para que vale a pena viver e morrer, no proposito divino da nossa superior evolução, precisariamos de todo o auxilio que nos póde dár a Sciencia: — «Sempre será permittido a alguma brilhante inteligencia

SOB O PUNHO FERRADO

(Pasquino, Turim.)

adivinhar o que existe para além do nosso conhecimento, e proclamar a sua teoria; — talvez, sendo mais elevado do que os outros, possa entreluzir antes delles a Terra de Beulah ou os pincaros que cingem o Paraiso.

Mas que esses que mais longe vêem se não sintam autorizados a perseguir, crucificar, amolgar ou queimar aquelles outros dentre nós que conservam os olhos no chão para mais segurança de estarem no caminho direito».

E assim continua *Sir* Harry suggerindo que o congresso inter-racial que ora se reune em Londres defina uma base religiosa tal como o Christianismo da Christo, com a qual todas as raças civilisadas pudessem concordar. O Japão avançaria um enorme passo no concerto das nações se amanhã declarasse ser sua religião de Estado o Christianismo não-dogmatico.

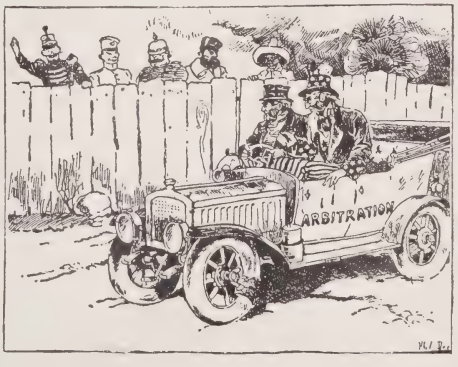
Como se forma um Camorrista

A Camorra é caracterisada como uma maçonaria popular tendo o crime por objecto. Dedicam-se principalmente os adeptos a explorar o povo, o que não impede a sociedade de ser muito popular. Da idade de tres annos começa a aprendizagem.

O CHANCELLER ALLEMÃO, AO EMBAIXADOR FRANCEZ: — «Estou certo que breve nos entenderemos!»

(Pasquino, Turim.)

Ensina-se a criança a pedir esmola e a roubar pequenos objectos, tais como lenços, etc. Em poucos annos estará madura para a prisão. E' então que terá de escolher entre a virtude e o

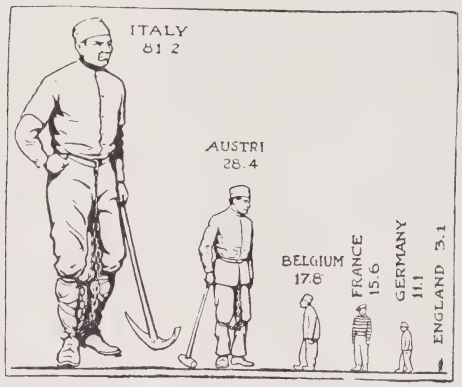


SAM: — «Pára lá, João, ha um camarada que tambem quer entrar!»

(Montreal Daily Witness.)

vicio. Se adopta a primeira, será explorada pela Camorra que pulula nas cadeias, ao passo que a opção pelo segundo significa filiação na sociedade, raros sendo os que assim se não decidem.

Mas para vir a ser Camorrista muitas provas lhe será preciso passar — provas de coragem, de destreza no uso da faca é de discreção absoluta. O candidato tem de passar por differentes graus. Primeiro é *garzone di mala vita*, posição muito inferior; mas logo que dê boa conta de si póde aspirar ao seguinte grau de *piccinto e sgarro*. Já lhe é dado então offerecer-se para matar alguem designado pela Camorra; caso não haja vingança em projecto é experimentado com uma especie de duello á faca com um membro da sociedade. Se é ferido,



CRIMINALIDADE DA EUROPA

tem direito a outro, e outro ainda; se fôr ferido em todos tres é para sempre excluido da Camorra; quando bem succedido já se aproxima da terra promettida. Não será verdadeiramente Camorrista emquanto não tiver provado bem o seu valor em muitos lances differentes. Este periodo durava d'antes de dois a oito annos; hoje é muito menor mas muito severo. O *piccinto* faz tudo o que o Camorrista lhe ordena e entrega-lhe o producto do seu «trabalho». Por fim, um assassinio bem levado a cabo faz-lhe conseguir o desejado titulo, e chega o grande dia em que a associação lhe entrega a sua carta de nobreza.

A cerimonia é imponente. Tem de jurar solemnemente diante dos mestres da ordem, sentados em volta duma mêsa, que sempre lhes será leal, que nunca diminuirá o seu odio ás auctoridades e á policia, e nunca em caso algum denunciará nenhum dos companheiros, os quaes amará acima de todos. Depois deste juramento, feito sobre facas em cruz, o aspirante é para todos os effeitos considerado um membro da sociedade, e gosa dos privilegios de Camorrista. As suas principaes virtudes serão d'ora avante a discreção e humildade. Sabe a que riscos se exporia se faltasse ao seu juramento; as regras e estatutos da Camorra, transmittidos oralmente de uma a outra geração fazem-lhe saber que a morte seria o seu castigo ao passo que um «bom comportamento» trar-lhe-ha promoção nas honras e nos ganhos, e quando os seus crimes tiverem chegado ao apogeu do prestigio Camorrista, será contado entre os «trinta e tres», almejado grupo de entre o qual se seleccionam os grandes chefes.

Vejamo-lo agora em Napoles, «trabalhando no seu officio». Magro, de bigode, olhar obliquo, chapeu á banda, anda farejando alguma aventura que o exalte na estima dos mestres, e lhe mereça um bello futuro nalguma colonia penitenciaria. Se consegue escapar á policia, a familia será criada á moda camorrista — pais, filhos, irmãos, irmãs, sobrinhos tudo promiscuamente amontoado num mesmo quarto. Nesta atmosfera condizente ensinará elle aos filhos o que elle antes aprendêra, pois o Camorrismo é um mal hereditario. Se fôr para a prisão, sabe com certeza que ali encontrará muitos amigos; se se conservar cá fóra tem a sua independencia assegurada.

Apesar de tudo não deixará de dár o dinheiro para o azeite da lampada da Virgem ou outros santos, pois é affeiçoado á sua religião.

No carcere ou em liberdade o Camorrista tem orgulho na sua posição. nas suas cicratrizes, nos seus crimes, e finalmente chega a uma honrada velhice (na Camorra), certo de que nunca lhe faltará coisa alguma e de que quando morrer a familia não ficará abandonada, desamparada.

O recente processo da Camorra em Viterbo chamou a attenção sobre a criminalidade na Italia. O numero dos assassinios annuaes é ali o mais elevado relativamente ao resto da Europa. Por milhão de habitantes contam-se effectivamente 81 assassinios em Italia, 28 na Austria, 17 na Belgica, 15 em França, 11 na Allemanha e 3 em Inglaterra. Em parte alguma está a vida de cada um tão exposta como na Italia, e não se póde deixar de ponderar que assim é em grande parte devido ao funesto desenvolvimento de sociedades de bandidos taes como a Camorra e a Magia.

Serões das senhôras

Chronica da moda

O mez de Setembro marca uma pequenina pausa em assumpto de modas.

Já nada ha a adeantar sobre as *toilettes* de verão; o outono avisinha-se com as suas nuvens pardacentas, mas cêdo é ainda para prevermos já todas as novidades e surpresas que o inverno nos prepara.

Os vestidos leves de cassa e de linho vão cedendo o logar ás *toilettes* um nada mais pesadas. Estas porém, nada variaram quanto á forma, apenas accessorios renovam com mais facilidade, e esses pequeninos nadas são o bastante para modernisar, e *refraichir* qualquer *toilette*. E já que fallámos em accessorios, para ahi volveremos hoje a nossa attenção. A graciosa moda dos *fichus* que em todas as estações mais ou menos reina, entrou agora com o mais proveitoso successo: os *fichus* Marie Antoinette, os *fichus* Lamballe, os *fichus* Manon, os *fichus* á Charlotte Corday, e finalmente os *fichus* á camponeza, offerecem uma grande variedade, como variados são tambem os tecidos para a sua confecção: uns da propria fazenda do vestido quando este seja leve, outros de musselina e tulle, outros de deliciosas rendas *point d'Angletterre*, e ainda outros de cassa e renda, dando todos elles uma *souplesse* e um particular encanto, como sendo uma das mais graciosas guarnições de um vestido, e que tem mais a seu favôr o ser adequado a todas as edades.

Os cintos e os jabots

Em dez vestidos de tecido leve, seis terão os cintos de velludo, dois serão guarnecidos de cintos de *taffetas*, de setim, e de musselina de seda, e os restantes, devido á sua forma *princesse*, serão desprovidos de cintos. Poderemos pois optar por qualquer das maneiras. Para os cintos de velludo, têm preferencia em geral as côres escuras: o preto, o asul côrvo, e o castanho dourado, formam um bello contraste com os tons claros dos vestidos de *etamine*, de *linon* ou de *voile*, brancos, ou crêmes. Alguns cintos são completamente lisos e outros um nada franzidos em volta da cintura; outros, a bem dizer não têm o nome de cinto, porque apenas se compõem de duas tiras de veludo que sahem de um nó ou laço, do mesmo veludo, sendo este colocado ao lado, á frente ou nas costas, podendo pois ter mais o nome de um enfeite, do que o de cinto, que em geral se faz para ajustar. Os cintos de *mousmés* têm uns laços direitos e entesados, como já se usaram no inverno, e dos quaes sahem umas pontas que cahem a direito, e sem terem enfeite algum; outros têm uma franja

nessas mesmas pontas, outros ainda umas borlas da côr da faixa.

Não ha nenhuma regra que prescreva formar o laço na cintura, ao lado direito ao esquerdo, á frente ou nas costas, mas estudando a linha da *toilette*, e a *silhouette* da mulher que a veste, facilmente se encontra a mais feliz disposição para o colocar. Para enfeitar os vestidos de forma Directorio com os seus largos *revers*, ou os de *fichus* Luiz XVI e Imperio, os laços são em geral colocados á frente; os cintos que combinam com os kimonos e que são formados com o laço de pontas direitas, são estes geralmente colocados a meio das costas. Se a *toilette* não tem qualquer cinto competente, raro é que não tenha um nó de veludo escuro, ou alguma passadeira de seda clara ou viva, que dê uma côr que é sempre um traço caracteristico da mais moderna elegancia.

Os *jabots* têm sempre o mesmo successo; os mais modernos são no entanto os virados sobre o lado esquerdo, formados de pregas, e de rendas. Outros de Cambraia e *Valenciennes*. Os *jabots* de tulle, guarnecidos de trez ou quatro pregas de cassa, são um mimo de simplicidade. A Cambraia, a musselina, e o tulle que formam a materia prima, nem sempre são do mesmo tom das rendas e das *guipures* com que são adornados. A côr marfim das rendas verdadeiras, combina deliciosamente com o branco do linho, e da Cambraia.

Os *jabots* de cambraia de linho, ou de tulle branco, enfeitados *Chantilly* preto são o «dernier cri» da moda; formam a combinação do branco e preto que tanta acceitação tem tido; serão talvez mais proprios para senhoras de meia edade do que para meninos novas; no entanto para estas ultimas combinarão lindamente com qualquer *tailleur* de linho branco ou côr de rosa.

As luvas

Noutro tempo, bem differentemente do que se vê hoje, era uma questão de maxima cortezia, e rigorosa praxe, conservar as luvas durante toda uma noute, quer em

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes juntar **SOMATOSE.**

reuniões ou no theatro. Hoje porém, algumas elegantes adoptaram a moda de descalçar as luvas após a entrada num salão ou numa sala de espectaculos. Esta moda talvez favoravel ás possuidôras de lindos braços, de niveas mãos e ricos anneis, parece não ter tido uma completa approvação, e posto que ellas se não usem com o rigôr d'outro tempo, não são comtudo dispensaveis: eis a unica differença.

A classica luva de pelica branca ou crême, é sempre a mais apropriada para as *toilettes* de noute, sem comtudo ser excluida a elegante luva de *Suéde:* para de dia é esta a mais indicada, tendo sempre preferencia as côres claras na gamma dos beiges, dos gris, e pau rosa; os tons *biscuits* são todavia os mais procurados: *biscuit* roseo ou, em contraposto, o *biscuit* amarelado.

A verdadeira luva de Saxe gosa da mais alta predilecção como merece já pela sua finura, já pelo delicioso perfume que d'ella se evola no contacto da mão.

Existe um velho preconceito de que as luvas de algodão ou de seda não são extremamente elegantes, e que nunca o serão qualquer que seja a perfeição do seu fabrico; comtudo insistiremos que têm a seu favôr o merito de serem baratas e lavaveis. A luva de fio de Escossia é sempre de bom gôsto quando o seu tecido é fino e unido, mas sem arrendados nem abertos de especie alguma.

Os veus

Estão-se usando muito os veus claros, brancos, crêmes ou Champagne; mesmo sobre um chapeu escuro se vê com facilidade um veu de largos desenhos brancos, principalmente quando possa ser de renda verdadeira. Algumas elegantes agradavam-se da moda de usar o veu sôlto e cahido em forma de mosqueteiro. Será talvez menos incommodo do que o veu junto á cara, mas conviremos que não são tão bonitos. Esses veus usados em forma de mosqueteiro tão geralmente uma especie de *écharpes,* de tulle e applicações de renda de Bruxellas, ou de tulle de seda bordado, com desenhos quer largos quer meudos.

Para viagens, e para o calôr nada ha de mais commodo e pratico do que os veus de tulle lavaveis, com ou sem applicações de rendas.

Para *toilette,* o veu, é claro, deve sempre ser da côr precisamente do chapeu, e d'esse artigo ha agora uma variedade infinita de côres e de desenhos finissimos, que vão admiravelmente bem ao parecer.

Damos em gravura dois modelos de blusas muito simples e verdadeiramente graciosas para a presente epoca de praias. Uma d'ellas é feita de musselina com salpicos de côr, tendo gola e canhões de renda, ou poderá tambem ser feita em linho com a gola e os canhões de renda de Irlanda. A outra blusa é feita de linho ou zephir, enfeitada de linho ás riscas, e o laço de veludo preto.

Damos tambem um modelo de chapeu, de palha tagal preto, sendo a fôrma muito elegante, e guarnecido de plumas em dois tons, branco e preto.

As modernas bolsas «Aumonière»

A moda das bolsas *aumonière* está no auge da elegancia. São na verdade tão graciosas, de tanta utilidade, tão exequiveis e pouco dispendiosas, que toda a mulher as póde possuir dando-se ao simples trabalho da sua confecção, e não só uma, como varias, afim de combinarem com differentes toilettes. De *broderie anglaise* para se usar com um simples vestido de linho ou cassa; de seda e renda para qualquer *toilette* de tarde; e ainda de panno ou seda preta para qualquer *tailleur* ligeiro.

Não são estas bolsas nada baratas para se comprarem, por isso tem a vantagem de uma grande economia quem as fizer.

De qualquer material pódem ser confeccionadas; a que a 1.ª gravura representa é feita com a escassa quantia de um metro de shantung, sobre o qual se applicam uns leves quadrados de renda, tendo finalmente uns grossos cordões de seda da mesma côr do shantung.

A 2.ª bolsa é ainda mais simples, consistindo apenas de *broderie Anglaise,* forrada de gaze asul ou côr de rosa palido, e fita e laços da mesma côr. Esta bolsa é muito propria para meninas muito novas.

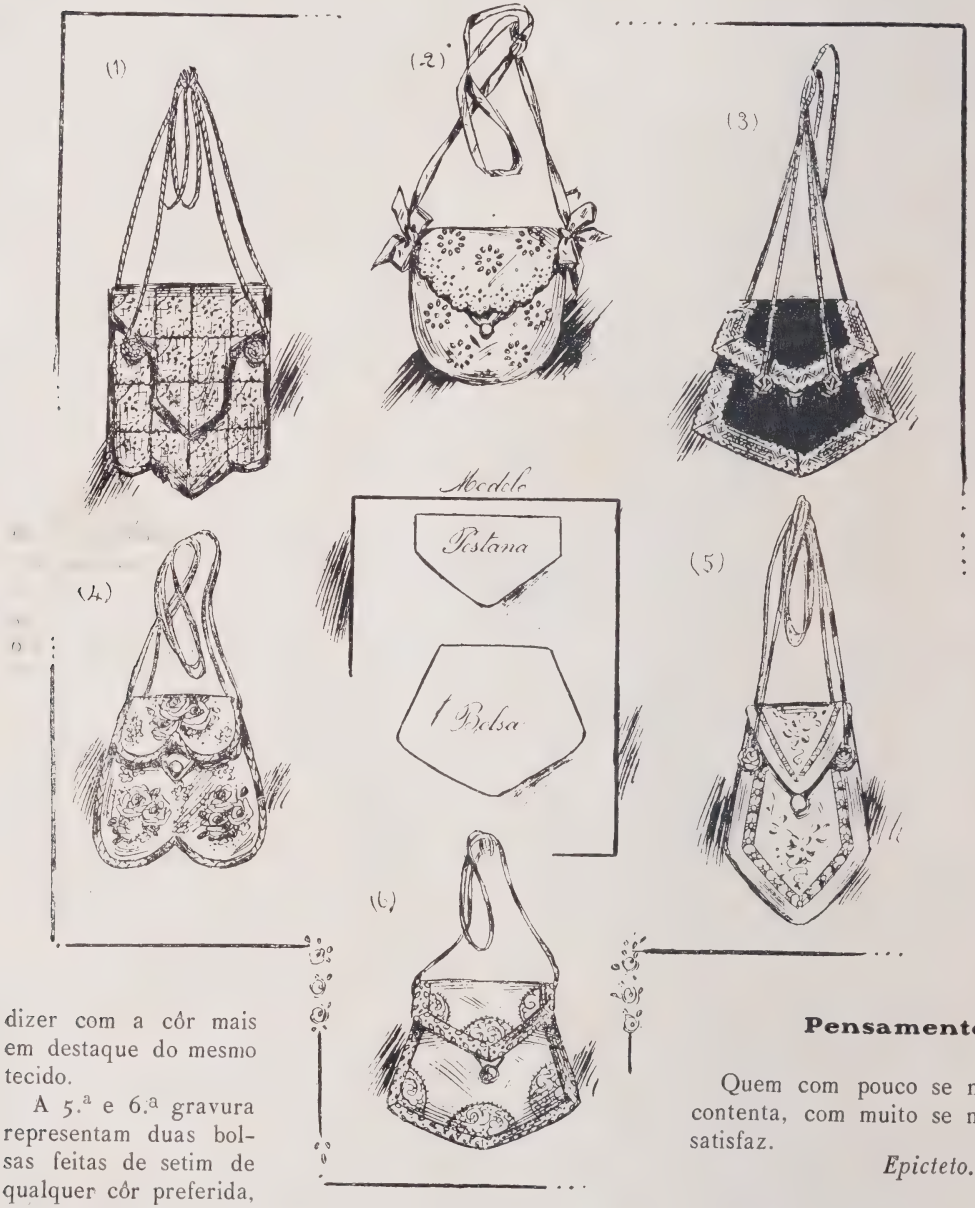
A 3.ª bolsa é de setim preto, com entremeios crêmes bordados a fios dourados,

afim de combinar com os cordões, que deverão ser tambem dourados.

A 4.ª é simplesmente feita de qualquer seda ou brocado, devendo os cordões combinar com a côr mais em destaque do mesmo tecido.

A 5.ª e 6.ª gravura representam duas bolsas feitas de setim de qualquer côr preferida, apenas guarnecidas de entremeios e medalhões de renda, sendo os cordões da côr das mesmas bolsas.

Finalmente, será este um entretenimento de poucas horas de trabalho, a que as nossas leitôras se poderão entegar, no intuito de ter esse objecto para seu proprio uso, ou na idéa de o offertarem como bonita lembrança, a qualquer pessôa amiga.



Pensamentos

Quem com pouco se não contenta, com muito se não satisfaz.

Epicteto.

Pessôas ha que têm tal horror á vida recolhida, que preferem gastar para se aborrecerem por fóra, a divertirem-se gratuitamente em casa.

C. Wagner.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim,
onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, ié qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

N.º 76 **SERÕES** OUTUBRO 1911

MUSEU D'ARTE — Leonardo da Vinci (1452-1519). Escola italiana — Beatriz d'Este

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - O. GLORIA, 5

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

UM VELHO PESCADOR
(Frontispicio) 242

OS BRAZÕES JAPONEZES
(1 vinheta, 6 illustrações e 42 brazões) por W. de Moraes 243

VOLUPTUOSO MILAGRE
(1 vinheta e 4 illustrações) por Aquilino Ribeiro 251

ARTE PORTUGUÈSA *(Illustrações)*
A salmeja — Silva Porto 258
Bailados espanhoes — Silva Porto 271
Retrato de M.me S. L. — Carlos Reis 292

OS VENDILHÕES AMBULANTES
(1 vinheta e 9 illustrações) de Rocha Martins 259

UMA COLLECÇÃO ORIGINAL
(1 vinheta e 3 illustrações) por Manuel de Macedo 265

EM TANGER
(8 illustrações) por Gil Eanes 272

O ALGARVE
(13 illustrações) por João Mascarenhas de Mello 277

O JORNAL DO MAR
(1 vinheta e 9 illustrações) por Alfredo Guimarães 293

RESENHA PORTUGUEZA
(5 illustrações) por Portugal da Silva 305

THEATROS
(2 illustrações) por Portugal da Silva 314

PELO MUNDO FORA 318

SERÕES DAS SENHORAS
(1 vinheta) 319

Serões

Historia ——
—— Sciencia
Romance ——
—— Arte
Actualidades —
—— etc. ——

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

N.° 76

OUTUBRO 1911

CARLOS REIS — Um velho pescador

Os brazões japonezes

Quem haja permanecido por alguns annos no Japão e relanceado, com espanto, com interesse, com amor, a gentilissima scena exotica, experimenta naturalmente o desejo de respigar detalhes, de fixar minucias. Dado á tarefa, é certo que, quanto mais busca a profundar o motivo que escolheu, tanto mais se convence da impossibilidade de comprehende-lo, de comprehender o Japão e o seu povo, de penetrar emfim o denso mysterio que o rodeia. No entretanto, de quando em quando, uma percepção fugidia das coisas lhe relampejará no espirito; bastante intensa, todavia, para o deliciar em surpresas. O investigador apaixona-se assim pelo seu thema, enthusiasma-se pelas ligeiras descobertas que realisa. Julga então, por um doce impulso de altruismo, poder transmittir a sua paixão, o seu enthusiasmo, a estranhos, a compatriotas distantes... o que raramente porém succederá. E assim nasce a ideia de escrever, de communicar pela imprensa a commoção sentida; vindo em breve a monographia, dada á luz em artigo de jornal ou em livro, a qual, na maioria dos casos, fará adormecer de tedio o leitor desprevenido...

Véem estas linhas a proposito do presente ligeiro artigo sobre a heraldica japoneza, sobre os brazões japonezes. O assumpto encantou-me, quando lhe dei toda a attenção que pude dar-lhe, revelando-me curiosas evoluções de mentalidade, estranhas caracteristicas de esthetica, de modo a pôrem em realce differenças de raça, de costumes, que tanto extremam da familia occidental o povo japonez. Conseguirei acaso despertar algum interesse em quem me ler?...

Na Europa, os brazões são ou foram os distinctivos dos nobres. Entre japonezes, referindo-me á época que corre, os brazões, os *mon*, são os distinctivos de toda a gente; mais rigorosamente: — são os distinctivos de todas as familias, — porque, como os appellidos entre nós e entre elles, o *mon* distingue as familias entre si, não os individuos; o *mon* é pois, de certo modo, um *appellido graphico*.

Quem já alguma vez passou por este imperio, deu fé, por certo, da figurinha graciosa, que destaca, em branco geralmente, sobre a veste superior *(haori)* do japonez e da japoneza; estampada, bordada ou tecida em tres ou cinco partes, isto é, sobre as duas mangas e sobre o alto das costas, e tambem, por vezes, sobre o peito, nos dois lados. Esta figurinha é o *mon*, o brazão de familia, usado por todos os individuos quando em trajo de luxo ou de cerimonia; claramente, os miseraveis, em cujos tristes andrajos o adorno iria mál, dispensam-no.

Da simples observação do *mon*, podemos já concluir que o japonez gosta de trazer comsigo e de patentear emblemas distinctivos, n'este caso os de familia. Outros exemplos véem corroborar a asserção; sem

já falor no uso e abuso de uniformes, adoptados em varias centenas de misteres, nota-se que os carpinteiros, os jardineiros, os jornaleiros e outros homens de tal labuta,

UMA' — YAKKO, NOTAVEL GHEISHA DE KOBE
(VISIVEL O MON SOBRE O PEITO)

geralmente dirigidos por um chefe, um *cabeça,* ou ao serviço de uma corporação, usam em regra, nos seus proverbiaes kimonos curtos, de algodão azul-ferrete, estampado o nome do chefe, do *cabeça,* ou da corporação que servem; isto em enormes caracteres brancos, sobre o peito e sobre as costas.

O amor dos japonezes pelo distinctivo, pelo symbolo caracteristico, deriva do feudalismo, que é a origem, por excellencia, das multiplices distincções sociaes; tambem o feudalismo creou, como é notorio, a heraldica europeia. Mas aqui, no Japão, deve ir buscar-se a explicação do facto ainda a tempos mais remotos, ás primeiras fundações do imperio japonez, quando os dirigentes das hostes conquistadoras se apresentaram como filhos dos deuses e como elles sagrados. Esta super-theocracia estabeleceu desde logo profundas divisões entre as classes servidoras, que eram de funcções hereditarias, e um complicadissimo cerimonial de etiqueta em exercicio; donde surgiu naturalmente a ideia de differençar por signaes, facilmente visiveis, os diversos funccionarios, ou, o qne era o mesmo, as diversas familias.

Sabe-se, com effeito, que, logo nos principios da constituição do imperio, os funccionarios encarregados do guarda-roupa imperial suspendiam, em frente das barracas que habitavam, a figura de um pepino; conhece-se igualmente que os portadores de armas marcavam as suas lanças e tambores com a figura de *tomoé,* symbolo oriental, em forma de virgula, de origem

DAMAS EM PASSEIO
(VISIVEL O MON NO HAORI DE UMA DELLAS)

remotissima. O pepino e o *tomoé,* foram pois os primeiros brazões que o Japão instituiu.

Com o desenvolvimento da civilisação e com o desdobramento dos encargos, o uso

dos brazões foi progredindo. Ignora-se quando elle foi adoptado como agora o conhecemos, como se ignoram muitas outras velhas coisas, introduzidas no Nippon antes da arte de escrever, registadas apenas pela Vôz da tradição. O primeiro documento que atesta o uso do *mon* no vestuario é um retrato do principe Unoyado, feito no nosso seculo VI.

Com o advento do regimen feudal, o emprego do *mon*, a principio apanagio do soberano e sua côrte, estendeu-se á classe militar; os grandes *daimyô* (senhores feudaes) possuiam geralmente tres *mon*, dois *mon* os *daimyô* de menos importancia, um simples *mon* os *samurai* (homens d'armas).

Em 1871, cessou o feudalismo; e então toda a gente se apropriou do uso do *mon*, perdendo até muito da sua importancia nobiliaria, passando a ser, principalmente, um mero adorno.

O *mon* applicava-se, não só nas vestes, mas sobre os armaduras, sobre os copos das espadas, sobre os estandartes de guerra, sobre as lanternas de papel, sobre as malas de viagem, sobre as baixellas de serviço e sobre muitos outros objectos. Ainda hoje, alem do emprego sobre o *haori*, e *mon* tem cabimento nas lanternas, nos chapéos de chuva, etc.

Poderia suppor-se que este curioso exotismo japonez deriva da China, de cuja velhissima civilização o Japão tanto aprendeu. Não é porém assim; o *mon* é de pura origem japoneza. Na China os graus hierarchicos distinguem-se pelos botões que encimam os chapeos dos mandarins, pelos colletes amarellos, pelos *plastrons* bordados sobre as vestes; mas nunca o *mon* adornou a manga da cabaia, como adorna a manga do kimono; figurinha graciosa, particularmente interessante sobre as sedas deliciosas do *fato da musumé*, fato que é a coisa mais gentilmente encantadora, mais esthetiçamente captivante, de tudo que a humanidade ainda inventou para vestir uma mulher!...

CARRO TRIUMPHAL DE SUMIYOSHI, PERTO DE OSAKA, ADORNADO COM O BRAZÃO IMPERIAL

Disse eu já que o *mon* é o distinctivo da familia. Herda-se de paes a filhos; a filha que casa, porém, deixa, em regra, o brazão de familia, para adoptar o do marido, ou o da mãe do marido, porque, dentro de uma

mesma familia, os brazões differem muitas vezes entre os sexos, escolhendo as mulheres motivos mais mimosos, mais em harmonia com a emotividade delicada do seu ser. Succede tambem que certos ramos da administração official, companhias commerciaes e outras empresas adoptam para si um *mon*, um symbolo distinctivo.

FAMILIA JAPONEZA (VISIVEL O MON NA MANGA DO HOMEM)

Entramos agora na parte mais interessante da materia, a parte descriptiva, graphica. Vão passar-nos pela vista alguns modelos da serie curiosissima de brazões, que se contam por milhares, usados pelos japonezes em épocas distantes e na época presente Em alguns *mon*, notaremos os motivos simples, inspirados directamente nas formas das flores, das aves, dos insectos, dos utensilios domesticos, dos caracteres chinezes, das figuras geometricas e de outros muitos objectos. Veremos noutros *mon* como os motivos simples se combinam, accusando assim antigas allianças de familias, ou como a phantasia japoneza se exerce em formas complicadas, n'uma profusão inimaginavel de estructuras. Por ultimo, não será a menor surpresa a technologia heraldica, adoptada.

A impressão resumida que colhemos de tudo isot, d'esta heraldica inconcebivel, contida na chimerica collecção de alguns milhares de figurinhas, é a das differenças radicaes de mentalidade, que cavam um abismo de discordancias entre o japonez e a nossa raça. Quem imaginou estes traços, quem concebeu estas curvas, quem deixou evolucionar o pincel n'estes caprichos, não

TEMPLO SHINTÔISTA DE SUMIYOSHI, PERTO DE OSAKA, ADORNADO COM O BRAZÃO IMPERIAL

pensa como nós, embebe-se de principios estheticos de civilisações remotas, que nada téem de commum com as civilisações onde o homem branco foi beber elementos para constituir a sua. Como, dos pequeninos incidentes, se podem tirar grandes conceitos, adquirimos por este modo um argumento a mais, que nos leva a esperar do povo japonez, no alastramento dos seus progressos, todas as surpresas inverosimeis; a nossa experiencia da vida não pode prevêr a futura maneira evolutiva d'este ramo tam exotico da arvore da grande familia humana.

O imperador do Japão adopta para si dois *mon*, o chysanthemo de dezeseis petalas (fig. 1) e a paulownia (fig. 2). O primeiro é o mais solemne, e data, parece, do anno de 1186; é elle que rebrilha, em oiro, sobre o fundo carmezim do estandarte imperial. Ninguem mais, alem da familia imperial, pode usar d'estes dois *mon*, ou mesmo reproduzil-os por qualquer frivolo motivo. No entretanto, como adorno dos varios estabelecimentos do Estado e de alguns templos shintôistas, estes brazões téem cabinento; nas notas do Banco do Japão e nas moedas de metal, tambem o chrysanthemo de dezeseis petalas figura.

Entre os brazões mais notaveis na historia japoneza, destacam-se os das duas poderosissimas familias Taira e Minamoto, tam vistos sobre os estandartes de guerra, durante as tremendas luctas em que se agitou o imperio, no nosso seculo XII. O *mon* dos Taira éra uma borboleta (fig 3); o dos Minamoto, tres flores de genciana sobre cinco folhas de bambú rasteiro (fig. 4).

O *mon* de Nanko, um famoso guerreiro do seculo XIV, considerado como o typo de inquebrantavel coragem e de lealdade ao soberano, era uma flor de chrysanthemo fluctuando sobre a agua (fig. 5).

CEGO DE MAÇAGEM VAGUEANDO PELA NOITE (VISIVEL O MON)

O padre Francisco Xavier desembarcava no Japão, em Kagoshima, no dia 15 de agosto de 1549; tendo em breve a surpresa carinhosa de se saber que o brazão do *daimyô* d'aquelles sitios era formado por uma cruz (fig. 6). Mas cedo o informaram de que o *mon* representava simplesmente a argola do freio de um cavallo, conforme o uso de então.

Deve suppor-se que cada *mon*, cada brazão, teve em principio a sua historia, esquecida, em geral, das novas gerações. A historia do brazão dos Tokugawa, celebre dynastia de *shôgun*, generalissimos (1603-1868), é porem, como algumas outras, memorada. Consta que, após uma batalha gloriosa, foi servido a Ieyasu um acepipe, sobre tres folhas de asaro; d'este incidente, tirou o primeiro shôgun o seu brazão (fig. 7).

Conta-me agora o meu criado que sua familia, em tempos idos, possuia fartos bens. O seu brazão éra constituido por espadas e

1

8

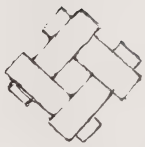
2

9

3

10

4


11

5

12

6

13

7

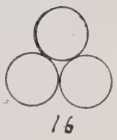
14

uma flor de oxalidea, dentro de um circulo (fig. 91). Perdida a fortuna, o pae supprimiu, por modestia, o circulo do brazão (fig. 8); isto sobre pretexto de que o circulo, como coisa redonda, suggeria a ideia mal cabida de uma moeda de metal.

Tres brazões que apresento (fig. 10, 11 e 12) tiram as suas formas das bordas dos antigos poços, ainda hoje muito vistos nas aldeias; aproveitando o motivo simples e complicando-o em phantasias.

Chegamos aos brazões inspirados em um remoto symbolo chinez, denominado *tomoé* (fig. 17, 18 e 19). Este symbolo servia para indicar o principio positivo ou negativo, nucleo de todos os phenomenos da vida, nucleo de todos os phenomenos materiaes, na metaphysica classica dos chinezes; e nota-se a curiosa coincidencia, ou antes, a meu vêr, o decidido proposito de ter o *tomoé* a forma de uma virgula, ou, melhor, a forma do embryão de todo o germen fecundado, animal ou vegetal. A curva do *tomoé*, profusamente reproduzida nas coisas que a natureza offerece aos nossos olhos (como por exemplo nos rebentos dos fetos e de outras plantas e nas petalas de certas flores), é, variada até ao infi-

15


16

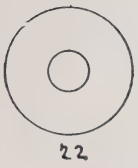
17

18

19

20

21


22

23

24

25

26

27

28

nito, um dos assumptos favoritos da arte ornamental n'este paiz.

Alguns brazões (fig. 20, 21, 28, 29 e 41) indicam que a sua origem emana das povoações do littoral, dadas á pesca, manejando o barco, familiarisadas com os rios e com o oceano. Outros (fig. 26 e 40), pelo contrario, derivam das povoações dos campos.

O brazão da fig. 31 traz-nos a inesperada informação de que os japonezes vão buscar— e talvez como elles mais ninguem — assumpto para a sua arte ornamental ao córte transversal de uma pera, onde, com effeito, as pevides e as nervuras offerecem uma disposição de interessante symetria; o pepino e outros fructos prestam-se a analogos motivos. O caso, pela novidade, merece talvez da nossa parte — homens occidentaes, tam arredados das harmonias do naturalismo ambiente, — horas de estudo; ponhamo-nos a cortar as peras e os pepinos, e a prescrutar, por desfastio, esses aspectos.

A fig. 35 representa outro famoso symbolo chinez, o *manji*, que já vem da India, onde tem a denominação de *swastica*. De grande importancia mystica no buddhismo, de grande emprego em assumptos decorativos, o *manji* significa «Gloria eterna».

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

Ao motivo do brazão da fig. 22, chamariamos nós, doutoramente, em memoria de ensossos principios de geometria, engulidos nos lyceus: — dois circulos concentricos. — Os japonezes dizem graciosamente: — *já no mé*, — olho de serpente.

Terminando a enumeração que poderia não ter fim, apresento o *mon* (fig. 42) adoptado pela empresa de uma curiosa exposição de artigos de exportação, realisada em Kobe ha poucos mezes. O *mon* tem a forma de um triangulo: de um ponto central, partem tres barcos de vela, separados entre si por linhas curvas, que figuram as ondas do oceano: allegoria á importancia do porto de Kobe, que é o primeiro, em movimento maritimo, do Japão.

Nomenclatura dos brazões

1. *Kiku no gomon* (o augusto brazão do chrysanthemo) — 2. *Kiri no gomon* (o augusto brazão da paulownia) — 3. *Uwahachô* (borboleta de azas erguidas) — 4. *Sasa-rindô* (bambú rasteiro e genciana). — 5. *Kiku-sui* (chrysanthemo e agua) — 6. *Hana Kutsuwa* (argola de freio de cavallo) — 7. *Maru mi nitsu aoi* (tres folhas de asaro dentro de um circulo) — 8. *Ken-katabani* (espadas e flor de oxalidea) — 9. *Maru ni ken-katabani* (espadas e flor de oxalidea dentro de um circulo) — 10. *Kadodachi oso izutsu* (borda de poço delgada, vista de esquina) — 11. — *Kasane izutsu* (borda de poço com entrelaçamentos). — 12, *Hanagata izutsu* (borda de poço enfeitada) — 13. *Mitsu ishi* (tres pedras). — 14. *Yotsu renseki* (quatro pedras reunidas) — 15. *Inazuma hishi* (raio em losango) — 16. *Mitsu hoshi* (tres estrellas) — 17. *Hidari hitotsu tomoé* (um *tomoé* esquerdo) — 18. *Mighi hitotsu tomoé* (um *tomoé* direito) — 19. — *Mighi mitsu tomoé* (tres *tomoé* direitos — 20. *Maru ni ho* (uma vela dentro de um circulo) — 21. *Kasumi ni ho* (uma vela em nevoeiro) — 22. *Já no mé* (olho de serpente) — 23. *Ito wa* (cordão em circulo) — 24. *Karigané* (pato bravo) — 25. *Musubi karigané* (patos bravos torcidos — 26. *Chigai kama* (foices cruzadas) — 27. *Osodaki tsuno* (chavelhos de veado unidos) — 28. *Mukai nami* (vagas defrontando-se) — 29. *Matsuda nami* (vagas como um campo de pinheiros) — 30. *Hishi yotsu mé* (quatro olhos em losango — 31. *Nashi no kiri kuchi* (córte transversal de um pera) — 32. *Mitsu uchiwa* (tres ventarolas) — 33. *Umé-tsuru* (flor de ameixieira e cegonha) — 34. *Mitsu usaghi* (tres coelhos) — 35. *Hidari manji* (*manji* esquerdo) — 36. *Maru ni oghi* (leque dentro de um circulo) — 37. *Mitsu wari kiku* (tres chrysanthemos partidos) — 38. *Maru ni hyôtan* (uma cabaça dentro de um circulo) — 39. *Fukurasu suzumé* (pardal tufado) — 40. *Yuki mochi sasa* (bambú rasteiro, carregado de neve) — 41. *Naka ni hitotsu hikari* (fateixa dentro de um circulo) — 42. Brazão da exposição de Kobe em 1911.

Kobe — Julho de 1911.

W. DE MORAES.

Voluptuoso milagre

Per manus antem apostolorum fiebant signa et prodigia multa in plebe.

(*Actos*, cap. V, v, 12.)

A' borda do mar de Genesareth, um bom pedaço antes de Tiberiade, vivia uma velha muita velha, que fôra noutros tempos a serva dum sacerdote. Era ali um sitio descampado onde não havia beira nem ramo d'oliveira. A curva fugidia do lago estendia-se para uma banda, para outra o deserto onde as quadrilhas da Samaria passavam a galope, acossadas pelos galileus. Fóra disto apenas um ou outro caçador de gazelas e os patriotas fugidos á colera romana transitavam por ali.

A boa mulher vivia numa cabana abandonada por leproso ou propheta ha tanto tempo que tinha já a forma adormecida e eterna das rochas á beira dos caminhos. Mirrada, aérea, quasi não a viam os ladrões da Samaria e é natural que a morte passasse por lá sem a vêr. Ao pé da casa, entre duas penhas, havia uma horta onde as couves emmagreciam. Mas eram uns tristes palmos de terra, sem a guarda religiosa duma palmeira nem a voluptuosa meditação dum poço. O sol e a geada, alternadamente, caiam lá e calcavam tudo como patas de cavalos. Nas tardes serenas subia do lago o rumor da faina, farrapos de vozes e toda a imovel melancolia do deserto palpitava.

Pelas visinhanças do Pentecostes e da Pascoa a velha espreitava da soleira da porta as nuvens de pó nas estradas distantes. Nessa epoca as caravanas atravessavam por ali, pesadas e imponentes de mil alforges de mercadores e de corcundas de camelos. Os pobres das aldeias saíam-lhes ao encontro e punham-se a marchar atraz da vaga farta, prodiga de vitualhas, com o faro na esmola expiatoria que os ricos iam largar a Jerusalem.

A velha de Tiberiade aproveitava a primeira caravana que passasse e lá ia na cauda, entre enxames das moscas, para a Cidade Santa. Oito dias e oito noites, á porta do Templo, a sua mão estendida gastava a beatitude talmudica dos barbaçudos armadores de Sidon e dos elegantes patricios de Damasco. Cheios do Santo dos Santos elles apanhavam a tunica para não roçar a

vaga immunda dos pedintes e era com nojo que lhes cuspiam o obolo. A turma enovelava-se, mordia-se para pilhar a excerada moeda romana. E era uma feroz batalha que se travava ante os olhos divertidos dos phariseus e dos legionarios, com grande ira dos vendilhões que expunham bugigangas de olaria nas escaleiras do Templo.

Ao fim das festas, quando as tendas de petiscos e de curiosidades levantavam, a velha subia a jornadas cautelosas o caminho da Galileia. Tinha as pernas moídas das refregas e o seu passo era indeciso e turtuoso, palpitantemente furtando ao palpite das quadrilhas a sua laboriosa colheita. Com ella e as migalhas colhidas no pateo dos ricos rabinos enganava o passadio e pagava o imposto aos cães dos romanos. Estes batiam-lhe á porta nos fins do outomno, quando as cabras começavam a parir. Capacetes ferozes de bronze escoltavam o pergaminho do censo. Mesmo ali no deserto Cesar não se esquecia della; ella porém só ás lançadas é que contava o tributo aos edis de Cesar.

Afóra o olho oficial ninguem dava tento nella, tam mofina de si e desprezivel das coisas, que só na terra não seria mais sosinha. Corria a fama de que na sua vista

havia as peçonhas perigosas que empecem o curso das horas afortunadas. Por este motivo se resguardavam della como de leproso e a corriam á pedra para longe do povoado.

as alegrias e dores selvagens que embalam a vida. Por uma passagem doce e subtil, como só ha nos sonhos, descera da vida de trabalho ao deusdará da indigencia. A sua

A velha como estava habituada ás maldades do mundo não sentia estes enxovalhos. A constancia com que se repetiam déra-lhe á alma esta inercia onde nada de fóra pode fazer mossêga. Mas na soledade repassava como um rozario todas avarezas que a vida tivéra com ella. Ella fôra um destes corações simples que passam do berço á cova inapercebidamente. Os annos deslisam silenciosamente sobre elles, empoeirando-os apenas como aos livros veneraveis da Lei na estante dos doutores. Depois só lhes resta a grande melancolia de errar no vazio immenso do passado.

A velha de Tiberiades nunca conhecera

historia podia illustrar para um levita a profunda parabola dos abandonos: morria sem ter tentado viver.

Ás vezes perguntava seu entrançado scismar:

— Porque não fui eu rapariga?

Mas a sua simplicidade não lhe sabia tornar resposta.

Seus olhos porem entráram um dia a debruçar-se sobre o misterio das energias creadoras. As aves, as arvores, as lagartas da horta lutavam até a atingir o apogeu insaciavel de viver. Era para esse ponto uma corrida delirante e sanguinaria. E bebiam até ás fezes a hora voluptuosa de seus destinos.

A vida era assim um ciclo fatal que algemava os seres mas de que elles eram sofregos e que elles aperfeiçoavam. E pareceu-lhe entam que é o homem que faz a vida, que faz os destinos, acima da ordem já estabelecida. E depois disto pensou suspirosamente:

— Ah! se eu podesse ser outra vez moça!

*
* *

Um dia ao anoitecer, caía o sol detraz dos montes, estava ella á porta desfiando seus cuidados. Dos horizontes religiosos de Capharnaúm uma nuvem avançava cheia de negros guerreiros e armas negras. Sobre Tiberiade o fumo das cosinhas adensava-se rescendente dos odôres embalsamados dos cedros e dos tamarindos. O lago e a estepe crusavam um olhar de infinita tristeza. O crepusculo trazia todas as melancolias da terra e soltava-as sobre a halucinação do deserto.

Estava pois a velha acocorada na soleira da porta quando um mendigo se chegou a ella e lhe pediu dormida. Vinha arrimado a um bordão, a sua barba e os seus cabelos ruços eram de nazareno porque escorriam abandonadamente em fio.

Repetiu o santo-homen a cantilena e ella, vendo-o tam mesquinho de suam abatida e uma doce cabeça de jumento, lhe concedeu pousada não obstante estar a almotolia na ultima gota e na arca não haver mais que meia tigela de farinha. Depois de cearem e renderem graças ao Senhor o pobre alapardou-se ao borralho e adormeceu. De madrugada, ainda a primeira gaivota não sulcára os ares, a velha acordou a umas pancadas que batiam no frontal.

— Santinha de Deus — disse o velho — aboletaste o mendigo e o mendigo quer deixar-te uma lembrança. Pede uma coisa que seja ella qual fôr te será concedida.

A mulher veio logo em fralda, estremunhada, e como a Galileia era a terra dos milagres acreditou de boa fé.

— Pede — tornou elle — que não pedirás em vão.

Ella sorriu um sorriso engelhado de cincoenta annos e respondeu:

— Quero, quero ser rapariga.

Ficou o homem muito despeitado por ella não ter escolhido a salvação ou um pelo da barba de Isaaís, mas palavra dada não volta atraz.

— Bem; mas para isso preciso de te cortar em bocadinhos, moer, moer até ficares em borra e pôr-te ao lume a coser.

Cheia de medo a mulher ficou perplexa. Uma grande força opunha-se nella ao gelado misterio da morte. O advento das felicidades estava para lá duma hora de não ser. Porque lhe custava pois transpôr a fonte das existencias?

— E' o pensamento proprio de teus desejos, mulher, a cadeia que te prende — proferiu em voz paternal o velho, que parecia ler a descoberto nos corações. — E' elle o creador e o immortal. Escolhe segunda vez.

Mas visto que a vida lhe fôra revelada ella queria exerce-la. A curiosidade de conduzir as energias creadoras inebriava-a. Ella afeiçoaria a vida na ancia de querer sorvendo até a derradeira gota a hora voluptuosa de seus destinos. Levou tempo mas decidiu-se por fim a mulher. Ah! mas estaria muito tempo feita em postas?

— O tempo que fôr mistér — respondeu o velho de má cara, penetrando a vereda nova de seu pensamento.

A duvida e a evidente má vontade do homem atemorisavam-na. Lembrou-se porém duma palavra de seu amo, o sacerdote, e isso deu-lhe alento. Costumava elle dizer ante o espectaculo degradante da Judeia e quando para engodar a sésta se debruçava sobre o livro das prophecias: o que tem de ser será; apenas se não realisam os sonhos em que não ha formosura. Ella como tinha uma alta ideia do amo e de seus sonhos afoitou-se a obedecer ás determinações do homem.

Pediu elle uma vasilha em que a havia de ferver. Ella era avisada, trouxe-lhe um pote grande, barrigudo, e bem firme das pernas, em que caberia um serrabulho de trinta Goliaths e onde nem com a fervura se perderia a areiasinha dum osso. Mas elle pediu coisa mais geitosa e maneavel.

Apresentou entam a mulher uma amphora, o unico vaso mais que havia de portas a dentro. O homem pôs-se a contempla-la: era esbelta como a torre de David e deli-

cada como uma palmeira nova. No bojo havia toda a doçura que teem as cisternas ao sequioso lance d'olhos dos peregrinos. As asas suspendiam o bocal ao alto, parecendo mãos a toucar uma fronte dum diadema; a curva era lenta, ampla, delirante e sumida como a linha das voluptuosidades. Toda ella dum talhe tam excelso, gargalo alto, fundo

PASTEL

estreito e asas tam voadeiras que o susto da velha voltou.

Mas o homem despoticamente questionou:

— Bem, em que ficamos?

E ella entregou-se para percorrer de novo aquella estrada, de que só agora apercebia, como do pino d'alla montanha, os soes, os beijos, as mandragoras e o tropel das tormentas embuscadas num tenue goso.

* * *

Principiou o bruxo a faze-la em migalhas. Como era quasi diafana os gritos não chegaram ao caminho nem o cheiro do sangue desviou os corvos do vôo alto. Á maneira que ia partindo ia deitando para a amphora, esguia como um candelabro, de asas na postura dos prophetas quando imploram o infinito. Ao cabo de minutos ella tinha perdido o sentimento e o homem poude acabar a tarefa em paz e hora boa. Depois pô-la ao lume e durante um dia e uma noite a amphora ferveu que a carne da velha era churra como dos gaviões de cem annos, Quando tudo se tornou numa massa virgem e rosada expô-la o velho ao sereno. Sobre a manhã, ao romper do sol dentre os cedros, começou a quebrar a amphora em redór, pedacinho a pedacinho com todas as cautelas. E logo que tirou todos os cacos disse para a columna de barro de veias de fogo:

— Vive!

O barro viveu. Estremecendo, cantando um grito de pasmo a principio, viu-se logo numa mulher muito linda e lembrou-se. Fôra uma triste velha muito velha e os milagres da Galileia haviam passado em sua casa. E, como tinha guardado todo o sagaz instinto de mulher, disse para o velho, emquanto bamboleando-se, se mirava:

— Bem desfigurada me vejo de verdade. Tambem não remoçaria o melhor oleiro deste mundo uma faiança antiga. Não fôras tu muito rico da graça de Deus que não obráras assim um prodigio a trôco dumas colheres de papas.

— E' porque teu coração estava triste.

— Consolaste-me, sou a tua serva.

— Não, nada em ti me seduz. Rende louvores ao Inefavel.

— Eu tenho fé. Tua serva, ou tua concubina, porque me não tomas contigo?

— Tu adoras em mim o poder oculto e não o homem. O homem morreu quando reconheci que a felicidade não está nos bens do deleite.

— Onde está entam?

— Onde se não busca.

— E onde é que se não busca?

— Na sciencia de saber ser infeliz.

Ella calou-se comprehendendo que na palavra do velho todos os destinos se egualavam e que as galas da formosura não lhe trariam mais dita que sua desamparada velhice. Depois seu entendimento previdente tornou:

— Não sei como hei de agradecer te...

— Inutil. As minhas mãos sam rotas a dar e a receber.

— Deixais-me então só, senhor?

O velho franziu um sorriso mau, em que havia quasi o desprezo das ilusões humanas:

— Tu o desejaste.

— O que ficava bem á velha não fica bem á moça. Que hei de eu fazer? Meu coração deseja mas não sabe desejar.

— Poseste-te á margem da vida por teu belo gosto. Querias amar, sofrer, sentir toda a amplidão da vida julgando que não tinhas amado nem sofrido e tua alma estalava a amar e a sofrer. Cumprias o teu fadario mas não estavas contente. A dita é o contentamento de nosso destino. E verás, tu vais invejar vivendo a velha que se morria invejando.

E como tivesse um olhar inconfundivelmente ironico para ella, que se julgava perfeita, nova e forte, a rapariga remirou-se minuciosamente dos pés á cabeça, as linhas veladas e os seios inquietos. E ao cabo do exame desatou a chorar em fonte:

Ai! a cintura della, meneando-se parecia um anel suspenso; o pescoço, em vez de suspender a cabeça, levantava-a para o ceo, tam alto como se quizesse arranca-la ou oferece-la de pasto aos abutres. As pernas. ah! as pernas que deviam correr os montes, eram tam delicadas que davam ideia de dois bambús encortados que só não caiam porque nenhum delles queria cair primeiro:

— Zombaste de mim! Com tuas malas-artes deixaste-me mais formas de amphora que estatura de rapariga!

Chorou, chorou por muito tempo lagrimas que eram uma orvalhada de perolas:

— Não me queres levar contigo e fizeste-me um corpo inutil. Que ha de ser de mim! Meus olhos sabem ver o passado mas não penetram no presente.

Tambem suspirava ella que o velho emva. Uma caravana surgiu na estrada cheia de pó e patas de dromedarios.

As lagrimas da rapariga não cessavam de correr como as melancolias olorosas das divindades. S. Pedro — que outro não era o velho de boa cabeça de jumento — embebedou-se com ellas. No fundo da sua alma

mandingueiro pareceu enternecer-se. Que fazer desta creatura tam perfeita e subtil que guardava a condição da velha de Tiberiade?

Em volta echoavam os gritos das gaivotas moirejando no lago. Como um velho general coruscante e orgulhoso o sol avançaatravessou então uma prece ligeira:

— Perdôa, ó Deus que da tua costela de inefavel graça eu arranque a Eva da graça humana.

E estendendo a mão, sorridente, no gesto de quem comete uma tolice linda, creou a dansarina.

(Paris, inverno 1909 — Desenhos, dansarinas por Manuel Jardim.)

AQUILINO RIBEIRO.

SILVA PORTO — A SALMEJA

Os vendilhões ambulantes

(Lisboa de manhã á noite)

LISBOA acorda todas as manhãs ao som d'um pregão garganteado:

— O' leite!...

E' quasi sempre uma varinita lépida que o solta, franganinha delicada, a despertar para vida a cidade e todos os outros vendedores ambulantes.

Ainda o sol vem longe já a gaiata saltou da cama, aferrada á idéa da obrigação. Não deixa por isso de se ataviar, de se mirar no espelhinho preso na parede branca do seu quarto, de vestir o chambresinho lavado que os seios rijos alteiam, de emolhar com graça as saias, atar á cabeça petulante o lenço garrido e, jungido o busto airoso no collete, pôr-se a correr os bairros n'um tilintar de medidas de folha e n'um rumor leve de tamanquinhas.

O' LEITE DE CABRA

Pelas madrugadas cinzentas d'inverno essas figuritas passam mais sumidas, amortecidos um pouco os movimentos, borrifados os cabellos como penugens d'aves orvalhadas mas agora, por estas manhãs de luz, parecem os arautos do labor cantando a vida no seu pregão alegre.

A'quella hora são sacudidas as miserias nos leitos pobres. Levantam-se os trabalhadores ainda derrancados, descem á rua a caminho das obras, sarapintados de tintas ou em gangas manchadas e pelas hospedarias dos bairros suspeitos, erguem-se tambem os parias, os sem profissão ou antes os da legião dos mil misteres: vendedores de lapis e reguas, de livrinhos de papel de cheiro, de brinquedos patuscos, trapeiros e ferros-velhos, os homens dos bolos, gente vinda de todos os naufragios para todas as aventuras e que acabando a lida á hora em que se fecham

baiucas e cafés vae bater ás portas dos esconsos para dormir e surge para a estafadeira ao pardejar das madrugadas.

Por entre esta serie de destroços é que a leiteirinha passa como uma aldeã entre

TOALHAS, PEUGAS E GUARDANAPOS

typos citadinos, ella que sendo do campo na cidade vive sem se dobrar a seus uzos, pequena rebelde d'avental garrido e tamanquinhas parecendo algumas mais vindas d'um baile de mascaras, do que idas para o trabalho cantarolando os seus bons dias ás ruas, ás casas e ás varandas onde os mangericos rescendem e os cravos são alarmes:

— O' leite!...

O padeiro vae despontar tambem de cabaz ao hombro ajoujado com o peso, as pernas canejas, marchando sempre masombo sem um pregão, a deixar vêr loiridões de codeas surdindo do farrapo que mal lhe cobre a carga.

A manhã vae romper e são estas sempre as figuras da madrugada lisboeta.

Vultositos encolhidos de creanças passam com uns saquiteis suspensos dos hombros n'aquelle dealbar. São os vendedores de jornaes. Pela manhã andam tão acabrunhados quanto mais tarde são vivos e alegres. Alguns roem a sua bucha da vespera; outros almoçam nas casas especiaes do chocolate e do pão baratos ali pelo Bairro Alto ou a esquina da Queimada. Depois, se ainda é cedo, anicham-se ás portas das redacções ou pelos portaes emquanto as machinas vão rodando a imprimir as milhares de cousas de que se compõe o jornal. Como a um signal dado, todos elles despertam, começam a faina, já estão magnificos para todo o dia; não ha chuva que os regele nem sol que os creste, não ha frio que os enteirice nem calor que os abata sem venderem aquelles montões de jornaes que apregoam em berros estridentes pelas ruas. As leiteirinhas com os seus arsitos graves são a graça; elles com as suas grenhas desordenadas, os seus olhos gaiatos, os seus gestos patuscos, são a travessura. Não correm voam como as noticias andam rapidas de bocca em bocca e mesmo na gal-

O' PESCADA DO ALTO

gada, batendo os pés descalços nos lagedos, vão apregoando para que os não esqueçam:

—*O Seculo, Noticias* e o *Mundo*...

Rente com elles, lentamente, passa a mulher da fava rica, chinelando, a panella á cabeça, atirando o seu pregão aos que teem d'almoçar cedo:

— Fava rica..

ESCOVAS, CORRENTES E PENTES

Aquillo ás vezes é apenas um guincho; a mulher lá segue no seu gyro, parando ás portas das freguezas para ás oito horas se sumir sem ninguem mais saber para onde se mette: é como se trabalhasse no mysterio a sua cosinha simplista, a sua tarraçada de molho e a viesse vender para ao mysterio regressar.

Os outros vendilhões assentam a essa hora arraiaes em roda dos mercados; uns para fazerem ali mesmo o negocio, alguns para angariarem os generos do seu commercio.

A inferneira começa por entre o descarreto das carnes vermelhas pingando sangueira, das hortaliças verdes e frescas que se acocorutam nas carroças com os nabos de tons marfinios, as cenouras ruivas emolhadas, das fructas nos cestos vindimos perfumadas e lindas na variedade dos seus tons. Emquanto os carrejões passam n'uma carreira gritando aos tropeços que lhes embargam o camínho, os vendilhões ambulantes, cegos e aleijados, magritos como mumias ou anafados como bacoros, gaiatetes ou velhotes cegarregam:

O' COUVE LOMBARDA

— Meias e peugas, Papel para escrever a dez reis o caderno... Olha as arrufadas e os bolos d'amor... — e pelo tempo dos marmellos é o berro rijo de que foram assados no forno e pela quadra das castanhas o pregão sabido, deante do cesto fumegante:

— O' castanhada bôô...â!

As varinas chegam lestas de gigas vasias para as suas mercas e

MERCA A MAÇÃ REINETA

veem tambem os vendedores de fructas e hortaliças; ellas com o aprumo de deusas condemnadas ás galés do trabalho por terem os lindos olhos peccadores das suas avós feito desgraças no mundo; elles, quasi sempre uns velhotes, que seguem o seu burrico lanzudo, esfaimado, d'ossos a furar a pelle sob os ceirões da carga.

Mulheronas gordalhudas de chinello no pé arrastam as gigas atulhadas de verduras; outras ainda com restos de belleza, magritas, pallidas mal podem com a sua canastra e vê-se que lançaram mão d'aquillo n'um recurso. São as vendedeiras de profissão, aquellas cujos dentes nasceram no negocio e as do acaso, as levadas ao mister pela fatalidade.

Umas podem com cargas que ajoujariam homens e chalaceam e riem debaixo d'ellas as testas em rugas grossas, as ancas roliças, seios fortes, d'ares bem plantados; as outras definham-se nos casibeques de chita, os peitos cahem-lhes, a alegria foge-lhes e teem o tom tristonho d'animaes derrancados.

A' medida que o sol vae sahindo os vendilhões espalham-se pelos seus bairros já percorridos, onde teem a freguezia: as peixeiras passam lestas com as gigas d'onde pendem extremidades de pescadas ou onde brilham sardinhas côr de prata, fresquissimas e apetitosas; ruivos d'olhos esbugalhados ou carapaus azulacros com o dorso serrilhado, toda a casta de pescaria do mar alto, com as lagostas pernudas e de torquezes rijas os linguados espalmados e os camarões saltitantes. Os pregões elevam-se

FRANGOS, FRANGOS

n'um côro variado. A varina é tão rija de voz como de pernas e se calcurria Lisboa para fazer o negocio não deixa jámais de o réclamar. Algumas cantarolam por gosto o grito sabido desde a meninice, quando, cabendo ainda debaixo d'um alqueire, já andavam de cesto á cabeça.

São os mais extranhos, os mais bizarros, os mais nascidos de phanthasias curiosas, esses pregões:

O' pescada d'alto... Viva e grande p'ra assar,... O' Viva da Costa... Cadellinhas p'ra arroz — e aquillo é atirado n'uma zoada retinida ou n'um berro, n'um clamor ou n'uma estridencia, rapida ou demoradamente.

QUEM QUER LEITE A PATACO O LITRO

Algumas conduzem á cabeça os cabazes de creação, gallinhas de bico aberto e crista murcha, patos misanthropos de bicos bivalvos e pescoços azues, franganitos que por vezes se atrevem a cantar buscando um ensaio d'asas debaixo da rede que os encurrala. Param pelas portas e conversam as varinitas, contam o dinheiro da venda e tambem os namoros que teem, o vendedor de jornaes que lhes pisca o olho e o moço de padeiro com quem dançaram o vira pelo S. João que lá vae.

Ao domingo na tristesa do apasiguamento, passam diante das casas tristonhas dos bairos pobres com o seu alguidar vidrado coagulado de tremoços ou com a latinha dos queijos brancos no braço apregoando-os e sorrindo.

Por este tempo quando o sol vivo escalda as fachadas e a luz destrambelha as pupillas fica-se de janellas fechadas e vem atravez d'ellas, n'uma vaguidão de melopea, como uma triste cantoria ribatejana, este pregão dolente:

— Vá lá cabaz de morangos!

Homens serrenhos cheirando a matto, andam nas sombras com os cabazitos suspensos e os morangos dentro d'elles rubramente se revelam no apagado da folhagem secca.

Mais para a tarde apparecem os mil e um negociantes de gulodices, o homem do torrão d'alicante com o seu barrete vermelho e o seu avental branco sobre a saliencia da pança; vendedeiras de pevides e fava torrada; o typico vendilhão d'alfeloa que caminha com a sua caixa a tiracollo, atirando um complicado pregão do seculo dezoito e seguido sempre pelos olhos cubiçosos das creanças. Por onde passa com a sua caixa se deixa por veses um rastro de contentamento e tambem faz chorar mas como um bom comerciante elle é indifferente ás lagrimas dos petises e continua imperturbavel cantando o seu pregão archaico:

— O' brinquinho *arfela jorgelim*, amendoa doce...

Destacado no meio de todos elles, está o cautelleiro o que mais grita durante o dia, o que arranja mais estratagemas para vender bem, desde o burrico ao chapeu alto, desde o Santo Antonio n'uma canna onde as cautellas se espetam até ao carneirinho coberto de *jogo* e os seus pregões são sempre originaes, são como o vosear do tentador accenando com notas de banco, tilintando libras, fasendo piruetas e atirando ao ar saccos de dinheiro:

— Amanhã, amanhã é que anda a roda. Olha o 1723... Foi rejeitado por um marreco... Quem quer libras! Quem quer libras!...

Será aquelle o negociante de felecidade de que fallava Daudet?! Estremece-se bem

no fundo da alma supersticiosa e elle no seu voseirão ou na sua toada, ironico, superior, neto, do demonio:

— Olhem que se arrependem...

Realmente arrependemo-nos sempre de lhes darmos ouvidos como os reitres e as donsellas do Silesia se penitenciavam toda a vida por terem escutado o diabo de fallas mansas e olhos meigos, dizer-lhes·

— Querem a felecidade?!...

No fim era como a cautella d'hoje: a mentira.

O pregão extrangeiro, o urro do aguadeiro, quasi se calou. E' já raro vel-o passar de barril ao hombro, desconfiado da garotada atrevida e clamando os seus Aú! Aú! O gallego tem agora outros misteres mais calados e mais trabalhosos. Mas ha uma classe entre elles que encanta as mulheres ahi por esses bairros lisboetas:

— Rendas! Rendas!...

Apparecem lindas cabecitas a espreitar, mãositas delicadas accenam-lhes e elle extasiado deante da brancura e da macieza da sua mercadoria, vae desembrulhando, deixando-a passar ao contacto suave dos dedos femeninos. De boina ao lado e saudoso da terra o seu mister não o diverte e as rendas que para as mulheres são delicias para elle são penas.

PEIXE DO ALTO E PEIXE MIUDO

Desde a tardinha e pela noite dentro, ás portas dos cafés e dos theatros, as vendedeiras de flôres menos gracis que as leiteirinhas, menos bellas que as varinas, offerecem os seus pobres ramos. São desclassificadas. Falta-lhes o mimo de saberem offerecer uma flôr sem terem o ar de vender um beijo e escasseia-lhes a garridice que seria precisa a quem lida com rosas, com cravos, com essas bellezas tão delicadas que só delicados dedos deviam tocar.

— Compre-me um raminho...

Passa-se adiante; ella lá fica com o cesto na mão onde vão desfallecendo as flôres que não conseguio impingir com os sorrisos. Por feitio é gaiata d'uma gaiatice quasi lubrica e as flôres vindas das suas mãos parecem murchas.

Cahe a noite; voltam os pregões dos vendedores de jornaes, a algazarra dos garotos nas suas carreiras enormes:

— Olha as *Novidades*, a *Capital*, o *Dia*...

Depois tudo amortece; apagam-se as luses nos theatros, nos restaurants, cessa o ruido. O escuro é vagamente esfurancado por um clarão movediço que se abaixa e se ergue; uma voz soturna, deixa na noite esta palavra:

Café é é é...

São os «*pyrilampos*» os vendedores ambulantes de café. Fogem com a manhã quando a leiteirinha acorda. Elle com o seu liquido negro é da noite, é do vicio, dá de beber na mesma chavena a assassinos foragidos e a policias friorentos; ella vendendo o leite, branco, é bem a vendedeira das alvoradas, a figurita enternecedora e gracil que nos faz acordar com o seu pregão: O' leite!...

ROCHA MARTINS.

Uma collecção original

SERÁ velha a balda de collecionar?

Estou em dizer que sim. Esgravatemos bem os escaninhos da cachimonia e surgir-nos-á que o avô Adão seria o primeiro colleccionista — elle ou Eva, e quem puder que resolva o dilêma — colleccionariam peccados, á falta de melhor; a não ser o *Inimigo,* visto que, aproveitando a pechincha, ministrada pelo advento a este futuro vale — de lagrimas dos dois juvenis espécimes, representantes dos reis da Creação, foi tratando de os enrascar, com bonitas palavras, num qualquer dialecto embrionario; ávido por lançar o gadanho — o velhacorio — aos primeiros exemplares da sua collecção de almas; e, pregando-lhes a péça de os privar, de uma vez para sempre, com a tal liçãozinha de pomologia, daquella sua tão commoda e barata vilegiatura nas geiras do aprazivel Eden.

Desde então para cá, palpita-me que o espirito de collecção, mais ou menos, não soffreria intermitencia: o instincto da posse, o individualismo, a vaidade de *achatar* o proximo com a propria superioridade, manifesta-se desde a infancia — a pirraça ao companheiro — revê-te nesta belleza, eu tenho e tu não tens, são as origens do espirito de collecção.

Tiveram-nas os Assyrios, os Medas e Chaldeus, reis e magnates, quando menos; tiveram-nas os Egypcios, os Gregos: e os Romanos deram largas á mania, em escala magna, com a ausencia de escrupulos em que eram vezeiros.

Houve-as em Bysancio, e tão chorudas, que, ao sonhar com aquelles pingues opulencias lambem os beiços os mais gulozos e audazes colleccionistas desta nossa éra, algo serodia.

Não deixaria de havê-las nas épocas mais ou menos obscuras da Edade-media, e senão, que o digam os nossos museus da actualidade.

Recrudesceu a tenêta durante a Renascença — pontifices, cardeaes, podestás, e *condottieri* deram o exemplo, e o collecionismo alcançou então proporções assombrozas. E colleccionavam bem, não haja duvida, souberam distinguir, não se prendiam com bugiarias. E' verdade que havia tanto por onde escolher! Era só estender a mão.

Quebrou, talvez, um tanto ou quanto, o enthusiasmo, durante as épocas immediatas, espertando, comtudo, a breve espaço, com a novidade das loiças, porcellanas, bronzes e outros artefactos asiaticos; adquirindo incremento, ahi pelos fins do seculo XVIII, com a corrente de embelêco pela classica antiguidade.

O movimento medievalista, que brotou com o romantismo, nos meados do seculo XIX, foi, todavia, o grande propulsor do colleccionismo, e este, desde essa época, adquiriu expansão portentosa, estendendo-se ás diversas classes sociaes, abrangendo especies por vezes extravagantes, e até estapafurdias, e dando azo a peripecias, ratônas, além do imaginavel.

Sim, porque, nisto de collecções, ha que distinguir.

A par do colleccionista sincero, enthusiasta, experiente, dispondo de conhecimentos solidos, e cujo fito é salvar do esquécimento as reliquias do passado, medra o incauto, pronto, sempre, a caír na rede, jogando com o medianeiro chatim o eterno jôgo do sapo e da dóninha; sem defêsa contra a falsificação, essa praga sempre crescente, que tanto mais se multiplica, á proporção que se vae difundindo o *snobismo* colleccionista — pois tudo se falsifica — existem verdadeiros centros de contrafacção de objectos de Arte, e se ainda não chegaram ao apuro dos seus congéneres de outras especies, e supposto não se animem por emquanto a arvorar taboleta, como aquella, tão celebre, que ia causando um ramo de estupôr a um nosso compatriota, mordido pela tarantula das viagens; em que se lia, em letras gordas e no idioma do país, que o nosso ingenuo ia atravessando «Fabrica de vinho do Porto», nem por isso se poupam a prodigios de audacia e de cynismo, e o mais curioso é que têm cumplices entre os proprios colleccionistas; e o que pagou por bom preço, verbi-gratia, um tento de jogo, de ha dois dias, enterrado e archaicamente corroído e oxidado, por uma moeda romana de alta raridade, engole a pilula, que remedio — mas se é ladino, não se dá por achado, e na primeira occasião impinge-a a um seu prezado collega, amigo do coração. Porque isto de colleccionistas, as mais das vezes, são uns *anjos* uns para os outros, e qualquer delles, tudo fará a um collega menos deixá-lo sósinho na propria collecção.

Sejamos justos, porém, esse producto curioso da humana especie tem seus contras, não ha duvida: é matreiro, avaro, egoista; prodigo e mani-rôto, comtudo, num dado momento e quando a febre de adquirir o colloca em frente de um qualquer achado, exemplar unico, ou tão raro, que o collega de sorte poderá lamber-se com outro egual.

Accumula no seu organismo os predicados da pêga, da toupeira, da rapoza e da formiga; faz coisas do arco da velha para se apoderar do diche, da preciosidade cubiçada, e não obstante, presta serviços, visto que ao labôr paciente, á dedicação desses mineiros da Arte, á propria avidez e ao desejo de não ver tresmalhar os seus thesouros devem os nossos museus essa opulentissima aglomeração de reliquias das eras transactas, documentos preciosos para a Historia do Trabalho; elucidação impagavel de mais de uma pagina obscura da *Historia da Humanidade*.

E dahi, não sejamos ingratos. Cumpre não esquécer que, ao esforço collectivo, ao genio investigador desses humanos furões sômos devedores, em grande parte, dessa punjantissima literatura consagrada aos assuntos que entram no dominio da Arte, e cuja bibliografia colossal nos assombra, pois representa hoje uma sciencia, e sciencia tão vasta, que a vida de qualquer macrobio mal chegaria para a assimilar.

E custa-lhes as passas do Algarve, a alguns — ha tal que tem apanhado a sua surra. De um, sabêmos nós, e era português, e portador de um titulo nobiliario, que percorria as regiões do país mais sertanejas, sentado á saloia, na sua azemola, de cobrejão alentejano, chapeu braguês, alforjes e tudo mais em afinação, arrostando com intemperies, á pesca de caqueirada que pudesse apanhar; tendo por lêma «um ovo por um real.»

Arredando de lado o *snob* da collecção, o que collecciona por *chic* e para ir com a moda, mais abundante nas classes a que coube fatia gorda lá das minas do Potosi, ha classes predestinadas, por assim dizer, no mundo colleccionista — abstraíndo dos archeologos, é claro, que occupam entre a falange posição culminante — nella avultam medicos, arquitétos, e gravadores — vão lá saber porquê —. Ha o collectôr eccletico, o topa a tudo, e, este, dantes, éra até o mais vulgar; hoje, comtudo, é mais geral restringirem-se a uma especie unica, e entre aquelles que especializam, ha entidades que se dedicam a colligir os objectos mais extravagantes e esquipaticos: existem collecções de botões; de caixas de rapé; de leques; de relogios; de sinetes; de brinquedos para crianças; de esporas; de estribos; de colheres; de candieiros; de cachimbos; de fivélas; de chaves e fechaduras; de bengalas; de bules — e uma desta ultima especie, por legado, acaba de enri-

quecer o nosso Museu de Bellas Artes — numa palavra, das coisas mais insolitas, e até grotescas, que o leitor possa imaginar.

E não se suppônha que a tarantula do colleccionismo haja ferrado a sua zaguncha exclusivamente em calcanhares europeus. O americano, o *yankee,* lá porque chegou tarde, não entrou no certame com pés de lan — olha quem! E' temivel, o papão, o pesadêlo dos seus collegas da Europa; onde apparece é de rapa-torrão, apanha tudo, é um entornar de dollars, que deixa os outros a chuchar no dedo.

O proprio asiatico é colleccionista acérrimo, quer o chinês quer o japonês, seu primo e amigo... de Peniche — se é que haverá uma Peniche nipponica — confesso-me um tanto falho em corografia antipoda — que demonio; uma pessôa, lá porque arranha a letra redonda, não pode saber de tudo, já se vê.

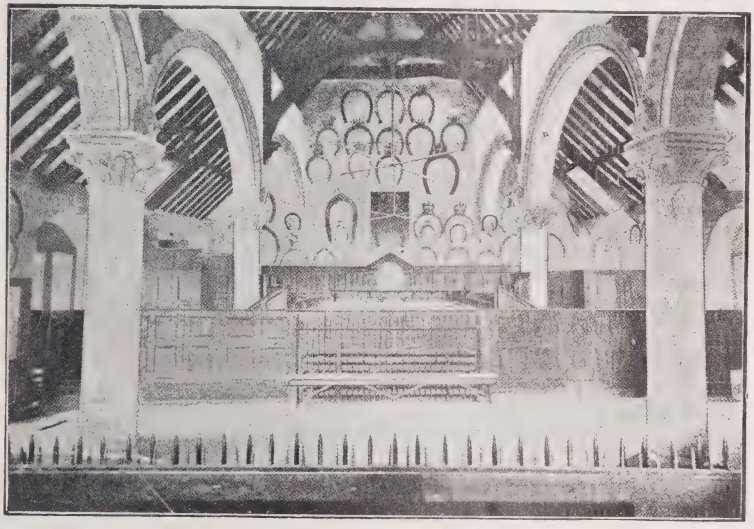
O chim, que menino! Em argucia, ronha e moral de gutaperca prega chimbalau ao seu collega dos *países dos barbaros* — e senão, vejam o tão celebre marquês Tzeng, com os olhitos de missanga, e aquella impassibilidade amaréla de gato de gêsso — não contente em ter metido os dedos pelos olhos ás mais graúdas ratas pelladas da diplomacia europeia, nem sequer poupou os colleccionistas e tratou de lhes bifar do lance, em Paris, mais de uma peça das mais raras e mais ricas — e algumas de cá fôram — das porcellanas do seu país. — E assobiem-lhe ás botas de solas de papel!

Um tanto mais atrazadito, o africano; ainda assim, lá temos o rei do Dahomé, que á falta de melhor, se entretem a colleccionar craneos, e creio que com sua tibia á mistura.

Os canacas da Oceania, mais praticos, seguindo á risca o axióma *utile-dulci,* colleccionam missionarios, assados e bem passadinhos, já se vê, e o museu é o proprio estomago.

Entre os exemplos de collecções parciaes, mais curiosas, citaremos a do fallecido gravador Jacquemart, um erudito em materias de Arte, e um artista de merito superior.

Para que lhe havia de dar, áquelle talentozissimo caturra? Imaginem. Pôs-se a colleccionar calçado, e arrebanhou uma collecção extraordinaria, da mais alta raridade, em que figura mais de um exemplar ido de Portugal, que, aqui para nós, tem sido uma mina para colleccionistas, por esse Mundo de Christo — valendo um milhão de francos, que os museus mais notaveis disputaram entre si, mas que a viuva, obedecendo ás ultimas vontades do defunto, cedeu ao seu país por metade da quantia, com a condição de ser nomeado conservador da collecção o proprio filho. Archivo precioso, impagavel para o estudo da indumentaria... e dos calos.



SALA NOBRE DO SOLAR DE OAKHUM

E já que falámos em botas e çapatos, que naturalmente sugerem pés, por afinidade zoologica — de pés a patas nem porisso haverá um salto... para que digamos: lembrêmo-nos de que já é tempo de

entrarmos na materia, occupando-nos do assunto de que reza o titulo desta noticia.

E, ora pois, vá de conto, como dizia o bom Filinto, de caturrissima memoria.

«Uma collecção original — E é, não ha duvida; e ainda por cima, colligida inconsciamente, por muitas mãos e por motivos alheios ao espirito colleccionador.

Uma collecção de ferraduras — nem mais nem menos. E ella ahi vae:

*

A umas cem milhas de Londres, na cidadéca de Oakhum, centro de varias industrias locaes, existe um velhissimo castélo, solar, couto ou honra, como diriamos nesta nossa bôa patria do *Port-Wine*, — reliquia quasi tão antiga como a Sé de Braga, pois data da invasão da Inglaterra por Guilherme o Conquistador; repositorio de uma notavel collecção de ferraduras, de todos os tamanhos e feitios, e a maioria reivendicando pergaminhos, que deixam de cara a uma banda mais de um fidalgo de pôlpa. Nem todas para serventia, advirta-se, mais de uma ha, que, pelo tamanho, calçaría o pesunho de qualquer caválo de marca, ante-deluviano, collega do mastodonte ou do mamuth, ou da equina almanjarra que o antecederia na escala dos inquilinos do Paraizo. E o motivo é simples, eram symbolicas, á falta de melhor termo; representavam um tributo.

ALGUNS DOS ESPECIMES MAIS NOTAVEIS

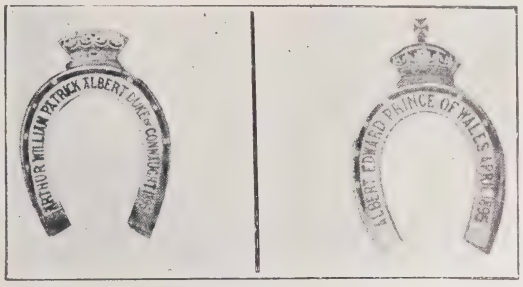
Uma tradição local — patarata deturpada, aliás, diluida por muitas gerações de comadres, e illustrativa do sempiterno rifão «quem conta um conto acrescenta um ponto» — reza que se deve á rainha Isabel, de virginal memoria, a instituição deste notavel museu de commodidade hippica. Pretende a baléla que, indo a faustoza soberana de jornada, a honrar com a sua regia presença o solar do seu lord thesoureiro, por motivos de anemia do porte-monnaie — ora vejam — perdera uma ferradura a sua hacanêa, e que, em commemoração do incidente, Isabel decretára que, toda e qualquer regia personagem ou nobre de alta categoria, que de caminho se visse na necessidade de poisar no dito castélo, ficaría dali em diante obrigado a contribuir com uma ferradura, na qualidade de tributo ao castelão. Dado o caso de que o visitante se negasse a submeter-se a semelhante formula de homenagem, o bailío da mansão, por força ou de vontade, arrancaria uma ferradura á sua azemola de jornada.

Ora, a historia e a tradição lendaria, ás vezes, são como as cunhadas, jogam as cristas por dá cá aquelia palha, e os documentos atestam que a costumeira data de éra muito mais remota, visto achar-se confirmado, que o uso de ferraduras foi introduzido em Inglaterra pelos Normandos, e que o proprio Conquistador trazia no seu séquito um Inspector-das-Ferraduras, um tal Henrique de *Ferrars*, cujo apelido, sem duvida, derivaria das funcções que exercia. Os *Ferrars*, senhores de Oakhum, disfrutavam, aliás, a regalia, desde tempos imémoros, de exigir uma ferradura de cada caválo montado por uma personagem de jerarquía, que transpusesse a ponte levadiça do seu castélo; tributo este que podia ser resgatado a trôco de uma quantia em bom dinheirinho.

Ora, como, naquelles tempos, algo pelintras, as moedas do Reino não andavam á mão de semear, nada mais provavel do que as nobres personagens preferirem ceder as ferraduras das proprias cavalgaduras a trôco de se remirem de tão oneroza imposição.

E o facto não deixa duvidas, pois que assim o atesta aquella abundantissima colheita de *souvenirs* dos distinctos viandantes, sistematicamente conservados, através das vicissitudes dos séculos, e exhibidos nas paredes do atrio e da *Hall*, vasto salão nobre do solar de Oakhum, para onde iam sendo transferidas, a pouco e pouco dos massiços portões do castélo, nos quaes eram pregadas no acto da contribuição.

Ainsigne e pudibunda Isabel contribuiria, tambem, é admissivel o facto, e dahi se originaria a lenda.



ESPÉCIMES OFFERECIDOS PELOS PRINCIPES DE GALLES MAIS RECENTES

As proporções gigantescas de alguns dos espécimes colgados pelas paredes explica-se pela circumstancia seguinte: uma inscrição legivel por cima de uma porta informa-nos de que, sempre que as contribuições eram em especie monetaria, a ferradura assumia dimensões proporcionaes á importancia do donativo, e que lhe insculpiam os nomes, titulos e timbres heraldicos do contribuinte.

A collecção tem,aliás, o merecimento de se achar completa, incluindo dadivas das pessoas reaes, até o reinado do bom rei Eduardo, fallecido recentemente; nunca soffreu depredações, excepto em um caso unico, e ainda assim mesmo, o exemplar descaminhado foi restituido mais tarde; a saber, um colegial, endiabrado, despregou uma ferradura, mas, talvez, como talísman propiciatorio, fundando-se nessa crendice popular, tão difundida por diversos países, que atribue ás ferraduras virtudes por ahi além; não se desfez della, e um bello dia, movido pelos remorsos de consciencia, accusou-se do latrocinio e procedeu á restituição. Era um individuo considerado, um clerigo occupando posição eminente na sua diocése.

A suppôrmos que a crendice que atribue influencia benefica ás ferraduras mereça credito, os castelãos de Oakham devem ter sido uma familia de felizardos; uma das condições do talísman de estrebaria, é o achar-se pendurado, sempre com a curva para baixo, que assim o preceituam engrimanços; ora os exemplares de Oakhum acham-se todos pendurados com a curva para cima, o que é mais pratico, e effectivamente, a estirpe dos *Ferrars* de Oakhum não consta que tenha sido das mais perseguidas pelas arrelias da sorte.

E ainda ha quem se ria de enguiços!

Ainda a proposito de collecções, ora digam, nunca lhes moveu espectação a seguinte incoherencia? Sendo tão meticulosos, tão methodicos e assiduos os colleccionistas em enthesourar reliquias do passado, aceitam, unanimes, no entanto, uma restricção convencional: a qualquer bugiganga, prima mais ou menos proxima, ou afastada, da Arte, impõem, como limite de antiguidade, um seculo, ou pouco menos, — muito mais que ao vinho velho — e assim é que o malfadado seculo XIX, coitadito, virá a representar, no que toca as *Artes menores*, como hoje se diz, uma lacuna na Historia das Artes sumptuarias, ou, mais exactamente, na Historia do Trabalho — sabêmos de cór e salteado como era o elmo de Boabdil; a liteira em que embalava a sua gôta o grande imperador Carlos V, de beata memoria; os cangirões mastodonticos, os *wieder-kommts*, em cujos abismos sanhudos burgraves apanhavam a sua touca — e *tutti quanti;* mas quem revelará á legitima curiosidade de nossos filhos e netos o feitio exacto do celebre chapeu *tromblon* de Napoleão III, por exemplo. Revidar-me-ão que as Sociedades de *Arte Decorativa*, por esses países mais avançados, têm constituido museus das especies respectivas; não ha duvida, e comtudo, são um tanto exclusivos semelhantes repositorios; apenas vão archivando espécimes selectos, os mais delles representando unicamente os progressos da Arte e da Arte applicada, desde esse periodo da sua regeneração, que incidiu com

meados do seculo XIX; e os restantes, referentes sempre á Arte antiga, contida nos limites do prazo que acima indicámos: quanta coisa, pois, não ficará por registar, dos periodos votados ao ostracismo?

Bem sabemos que o seculo XIX, decorrido o primeiro quartel, offerece um espectaculo pouco risonho, no tocante ás Artes menores; mas, em summa, talento, sempre o houve, e muita coisa se produziu que merecia ser registada; e, quer sim quer não, o mau, o mediocre, não deixam de pertencer á Historia, e de involver, por vezes, uma lição — mostram ao artifice o que é que deve evitar.

Sim, porque este ensino pela negativa representa, em Arte, um meio efficaz: o induzir o praticante a corregir uma forma erronea, não será uma judiciosissima consulta ás suas faculdades esthéticas?

Dizia-me um actor velho, e que não era nenhum tolo: «devo mais o que sei á pateada, e a um ou outro estenderete, do que aos encomios e aranzeis laudatorios, que para o mais que serviram foi para me soprar veleidades de pavão, e impedir-me de fazer, de vez em quando, o meu examezinho de consciencia».

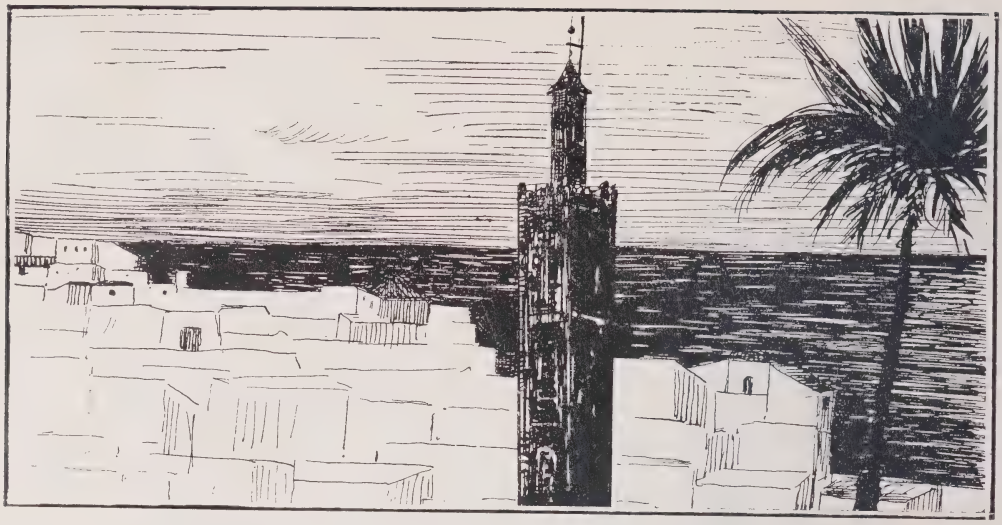
E tinha carradas de razão, aqui para nós.

Lembrou alguem, ha tempos, que não seria mau irmos pensando em remediar a manifesta imprevidencia, no que diz respeito aos nossos objectos sumptuarios, e irmos archivando documentos para elucidação das gérações porvindoiras — deu no vinte, quem quer que fôsse, e é certo que seria justo repartirmos um pouco o desvelo que nos têm merecido os museus do Passado, e torná-lo extensivo á creação de museus para o Futuro.

E assim pouparíamos a artistas e historiografos mais de um quebra-cabeça, lá nessas éras que o paé Saturno tem por'ora fechadas no seu armario.

MANUEL DE MACEDO.

SILVA PORTO — Bailados espanhoes



A TORRE DE EL-JAMOO-EL-KEBIR

EM TANGER

Boda Moura

A manhã seguinte o garôto acordava, mas para readormecêr em sonhos.

Furtêmos-lhe uma pagina do seu diario:

«Boda moura. Disfarcei-me em trajos de mulher, pois a porta da casa onde iamos penetrar era vedada ao sexo masculino, e fui.

Nunca na minha vida vi cousa mais deslumbrante.

Casa-se a filha do pachá. Tem quatorze annos, é linda. O noivo, rapaz novo, enviuvou da primeira mulher, mas vive ha nove annos com uma segunda, e é esta que prepara tudo para a recepção da noivasinha que, no entretanto, quatro dias antes de sêr levada da casa dos paes, diz adeus á sua vida de solteira com festêjos.

Pelas quatro da tarde, seguidos pelo Mombre, que nos deve indicar o caminho, sahimos de casa; a do pachá fica perto.

Trêz ou quatro *calles* estreitas e pedregosas, com as sabidas invasões de burros, *calles* estas de Tanger que cheiram a um azeite especial ou o sandalo, e estamos em casa do pachá.

Por entre columnas recobertas de azulêjos e sob arcos rendilhados atravessamos o *pateo,* onde um repuxo murmura frescura; o chão de marmore desapparece quasi totalmente sob tapêtes matisados de côres lindissimas; passamos pelas mouras que vêm

de fóra vêr e que não pertencem ás convidadas: phantasmas claros que os *haiks* disfarçam, encostados ás columnas e ao lambri de azulêjos que corre ao longo das paredes brancas; pelas convidadas cobertas de sêdas, gazes e pedrarias scintillando nas almofadas e sob o céu azul, escutando os segredos da agua crystallina; por servas nêgras com os minusculos moirinhos de kaftairs dourados. Deixamol'as, subimos á galeria. Está deserta. Entramos na primeira porta: columnas, arco rendilhado, as mêsmas parêdes brancas e os mêsmos azulêjos, tapêtes quentes de purpura, vêrde e ricos amarellos, almofadas muitas de brocados sumptuosos.

E sentamo-nos á moura, de pernas cruzadas, pelas almofadas de brocatél.

Nota dominante: mysterio, silencio.

Enganámos-nos, não estamos sós, na penumbra, lá no fundo distingue-se a custo (porque a luz é pouca) uma grande cama, sobre a qual tremúlam côres, sêdas, cabeças que são manchas luminosas, cintas de ouro e prata. Tudo diffuso, fundido em silencio e mysterio. Provavelmente por termos sido vistos, cae um véu que nunca mais se levanta e mais encobre esse canto onde, curiosos, os nossos olhares pousávam; por vêzes, dêdos que seguram, olhos nêgros que espreitam.

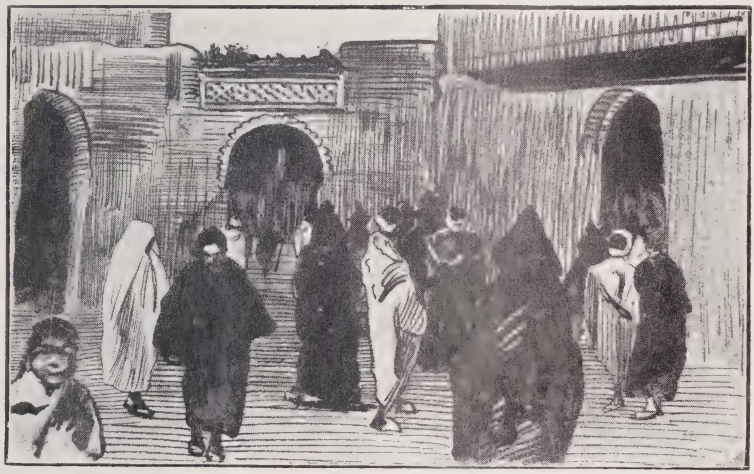
Silencio. Meia luz.

A pouco e pouco a sala foi-se enchendo. Cobrem-se as almofadas com mouras de brocado e joias, gazes vaporosas, sôpros de côr. E as nossas pallidas roupinhas encolhendo-se humildes entre a pompa reluzente.

Chêgam mouras pequeninas, identicas ás mães, ondulando de côres suaves e irradiando luz das joias e dos brocados. Conduze-as moura crescida para as almofadas; as babuchas tiram-se; ligeiras cruzam as pernas, e quedam-se em silencio.

Vêm as escravas nêgras com as creanças ao collo: mimosos moirinhos luzindo de opulencia, de grandes olhos e cabêllo pintado, geralmente ruivo; e nos braços d'ellas, braços nús do nêgro mais nêgro, cheios de pulseiras de prata, riem, e ellas riem com elles, e são a nota alegre n'aquella atmosphera de mysterio que pésa.

Entram prêtas pequeninas; testa muito saliente, bochêchas azues; mostram os dentes branquissimos, têem um olhar muito vivo, são deliciosas, encantadôras; largam as babuchas á porta, ligeiras, n'um ai cruzam as pernas e sorriem aos lindos moirinhos. Pompa e côr, côr que se não descreve, coada pela meia-luz.



AS TRES PORTAS

De nós ninguem faz caso, nem um só olhar merecemos, nem ao menos nos offerecem uma chavena d'esse chá fumegante que vão tomar, servido nas grandes bandejas que parecem de ouro lavrado: Toléram-nos apenas, e sabe Deus com que má vontade, pelas ricas almofadas de brocatél. Lembra-me que, ao entrar, o meu pé roçou ao de leve por umas minusculas babuchas, que á porta esperávam o dono pequenino; dentro da sala a mãe do moirinho vê o que se passa e, pousando em mim um olhar impregnado de odio e desprêzo, chama o peque-

no, que avista prestes a vir ao meu lado, para que fuja ao contacto funesto.

N'este momento apparece uma Europeia inglêza, seguida por serva nêgra que segura uma creança de burnú branco, cuja orla as mouras vinham beijar: era um santo, filho de santo, neto de santo e d'essa

ABRE-TE SESAMO!

inglêza que casára com um musulmano; e apesar de têr ficado Europeia como antes, vestida como a mais simples inglêza da velha Europa, as mouras acolhiam-n'a com todas as attenções devidas á mulher do santo (é-se santo por hereditariedade); pouco depois, era-lhe offerecida uma chavena de chá, que ella acceitava sorrindo, sentando-se, como ellas, entre as altivas filhas da Moirama, que a rodeiávam de respeito.

No entretanto a galeria enchia-se: de mais mouras, mais escravas e mais creanças, que se espalhavam pelas differentes salas (dando todas para a galeria e não communicando entre si) onde lhes era egualmente servido nas chicaras finissimas da China e do Japão, esse chá que fumegava sobre as grandes bandejas de ouro lavrado.

Passamos de sala em sala; por fim, como o espectaculo do pateo nos prendêsse mais, encostamo-nos á grade da galeria, muito entertidos com o que viamos em baixo (é preciso não se esquecêr o typo da casa arabe: o pateo sob o céu, para o qual se abrem os quartos da casa, incommunicaveis entre si, e a galeria identica ao pateo, emquanto á disposição dos quartos de cima):

Os phantasmas brancos girávam por entre as columnas, as mouras deslumbrantes tomávam chá pelas almofadas sobre os tapetes irisados, as nêgras acorriam com grandes castiçaes de prata, que collocavam sobre o chão n'um espaço livre, accendiam as velas de cêra, ateavam as brazas de uma bacia de metal amarello que luzia como ouro; emquanto em volta do lume um grupo de mouras pobres tocavam e cantavam, ao som de pandeiros e de curiosos instrumentos com fundo de pelle, que aqueciam ao calôr das brazas, batendo rhythmadamente; eram umas seis; uma dirigia, a principal de entre ellas, a santa de Tetuan, vinda de proposito com a sua luxuosa guitarra de madeira pre-

A PORTA DA KASBAH

ciosa e ricos embutidos de marfim. Prolongado, o canto oriental seguia plangente, repetindo-se indefinidamente, como os nossos fados.

Era tarde.

Fôram-se accendendo as luzes.

Por detraz de nós passam nêgras apres-

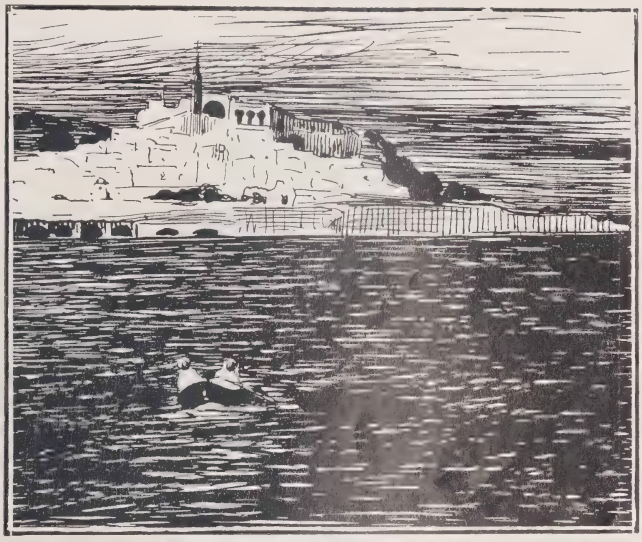
sadas, ondúlam gazes, ouve-se o ligeiro roçar das sêdas, brisas leves que se agitam em susurros.

De repente, sinto-me empurrado, e a voz impaciente da minha amiguinha Lolita grita-me;

— Mira!

Irrompia-se de todos os lados para a galeria.

As escravas lançávam-se n'uma subita actividade febril, ageis, auctoritarias, furando, levantando a voz para abrirem passagem, a multiplicarem luzes, avançando sempre n'uma azáfama doida, a espargirem perfume, erguendo alto nos braços de ébano as espheras de cobre, a distribuirem tochas a tôrto e a direito, circulando pressurosas e impacientes em incançavel lidar, como se algum grande acontecimento se estivésse preparando e o tempo faltasse para a sua consummação, cuja responsabilidade devia cahir sobre essa sua vivêza atordoadôra.



TANGER

RIFFENHO

E o extranho matisado das sylphides claras que em torno de nós esvoaçávam cada vez mais numerosas, em nuvens de gazes diaphanas, com um vivo faiscar de diamantes, rubís, saphiras, esmeraldas, prata, ouro, complicados brocados, juntando-se ao brilho das caras das nêgras, ao canto dolente da santa de Tetuan, ao aroma embriagante da flôr de laranja, estonteiáva-nos vagamente...

Mas Lolita volvia-me com insistencia:

— Mira, mira!

E vejo... que tudo resplandece, e que aquillo é um conto das mil e uma noutes!

Luz! Luz por todos os lados e de toda a parte irradiando! Que anda, que sóbe, que desce; que fulgúra de alto e refulge rasteira; que se refrange, se espalha, se reflecte em volta, loucamente, em tudo! Que scintilla phosphorescente, que faisca flammejante, que irrompe abrupta, ou dôcemente emerge de tudo: das pedrarias, dos brocados, dos metaes, das cabêças, dos cintos, dos pés das figuras fugidias, dos azulêjos, delirio de luz! Dardejando poderosa, dominando seductôra, invadindo magnificente, um mar de luz! Clarão phantastico que cresce sempre: move-se, retorce-se sobre nós, enrosca-se pela galeria dentro, comprime-se, dilata-se, ondeia: serpente monstro creada de raios innumeros: divina, louca de esplendôr feroz!

Por cima das nossas cabêças, mãos nêgras espargindo perfumes.

Insistente, rhythmado, o canto arabe, acompanhado do batuque oriental. Visão estonteiadôra que nos adormece em reinos de mysterio e sonho como em palacio encantado!

. . . . . .

Onde estamos?
Voltaremos a acordar?

. . . . . .

Ondulante, da serpente luminosa destacou-se um cortêjo: abrem-se alas perto da escadaria; uma nêgra colossal, vestida de branco, curvada sob o pêso de uma grande corcunda coberta por um véu branco, á frente das mouras resplandecentes, das escravas nêgras com as creanças, dos centenares de tochas accêsa, porque todos, da moura mais velha ao mais pequenino moirinho, seguravam uma vela accêsa, das nuvens de gazes, das espumas de côr, d'esse fremente scintillar de rubis, diamantes, esmeraldas, saphiras, brocados, metaes, seguida pela serpente monstro, n'uma effervescencia de côr e esplendôres, desce ao pateo.

ALTIVA FILHA DA MOIRAMA

E o pateo, com as columnas e as portas rendilhadas e os phantasmas brancos e as mouras que tocam e cantam ao pé do repuxo e os tapêtes côr de purpura e as parêdes cobertas de azulêjos, é invadido de luz.

. . . . . .

Os azulêjos fuzilam raios.

As mouras rompem todas em gritos de regosijo.

O perfume satura o ar.

. . . . . .

Estava consummada a ceremonia do dia: a noiva, transportada ás costas da prêta, devia abandonar o quarto onde até ahi dormira (essa mêsma sala onde primeiro haviamos penetrado, com a cama misteriosa ao fundo.)

Na sombra, mudos, immoveis, encostados á grade da galeria deserta, nós, humildes embriagados sonhando esse sonho das mil e uma noutes.»

GIL EANES.

FIM

LAGOS — ROCHEDOS DE EROSÃO

O Algarve

Aqui mesmo ao pé da porta ha um paiz maravilhoso, que a imaginação dos poetas reveste de lendas de mouras encantadas, paiz onde o céu é colorido de luzentes phantasias, a terra um oasis de verdura, as cidades brancas de neve e banhadas pelo mar em franjas de setim.

Esse paiz de fadas, essa terra maravilhosa, é o Algarve.

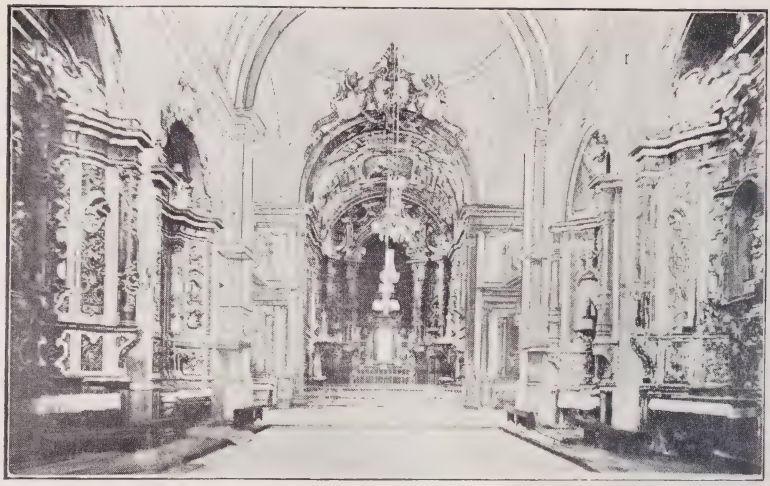
Vale a pena ir lá, contemplar a sua encantadora paizagem, os seus rubros poentes, as suas velhas mesquitas transformadas em templos christãos, as suas lindas mulheres enxertadas sobre odaliscas dos harems dos chefes mouros d'outr'ora.

Fica tão perto o Algarve! Aconselho-vos o passeio.

E' delicioso viajar. Mesmo d'uma paisagem monotona, d'uma cidade triste e nostalgica pode extorquir-se coloridos e risos. A difficuldade está em sabel-os sentir, e é por isso que muita gente, a maioria, se enfada longe da sua terra.

Ha, com effeito, até para organisações eleitas, momentos de horrivel melancolía em

terra extranha, mórmente quando vem a hora do crepusculo, em que o dia morre a despedir-se saudoso, e que em torno de nós sómente vêmos rostos desconhecidos.



TAVIRA — INTERIOR DA CAPELLA DO CARMO

Essa hora, que os francezes denominam *l'heure grise,* todos os viajantes a temem. São comtudo breves momentos de desalento, e logo os encantos surgem a destruir a nuvem.

Comtudo, o viajar não é para todos, e assim notámos ha annos, em Italia, que muitos portuguezes, de uma peregrinação que alli fôra, bocejavam ao fim de cinco ou seis dias de estada n'essa Roma de inesgotaveis regalos intellectuaes e artisticos para quem souber interroga-la e extrair d'ella conhecimentos.

Acompanhae-nos, pois, leitor, n'esta viagem ao Algarve, e façamos nós por extrair agradaveis impressões d'esse paiz onde o turiste de curtas vistas sómente encontrará muito calor, maus hoteis e toda a falta de commodidades a que está habituado o seu corpo, mais cuidado do que o seu espirito.

Transposto o Tejo n'uma formosa tarde estival, entramos na estação do Barreiro, onde o comboio silva impaciente; e, arrumadas as mallas, vamos jantar.

A paizagem que se desenrola aos olhos é viçosa e alegre; os terrenos uberes, cobertos de vinhedos e milheiraes, formam uma bella tapeçaria de verdura. Mas em breve o esmeraldino tapete cede o logar a essa inculta charneca do Alemtejo, toda revestida de um matto curto e desgracioso.

FARO — RIA E VISTA PARCIAL

Ao terminarmos o jantar, o sol, coberto

por uma nuvem transparente d'um azul de saphyra, vae occultar-se na linha do horisonte.

Pode olhar-se sem vertigem; parece um grande balão incendiado a tombar sobre a steppa alemtejana com a lentidão do páraquéda. Depois, a faixa purpurina, que lhe succede, vai desmaiando suavemente até fundir-se na tinta do céu, onde começam a despontar as estrellas como pontuações de oiro n'um pallio de azul-cobalto.

Estamos em plena charneca desoladora e triste, mar secco de outras éras.

uivos das féras, o piar sinistro dos abutres, e o rugir dos trovões, estremecem agora sob o silvo estridulo das locomotivas, e entram na orbita da civilisação.

A nudez da paysagem triste affasta o olhar de que o cerca, e o pensamento entrega-se ao devaneio.

Que linda noite! No azul limpido do céu a lua brilha immaculada, mysteriosa flôr japoneza com os seus olhos obliquos como doce filha de Confucio, tão pallida e tão mysteriosa, que a imaginação volve-se toda para esse Oriente de romance, a sonhar se-

SILVES — VISTA DO LADO OCCIDENTAL

Um ou outro pinheiro avista-se aqui e alêm, para logo dar logar á nudez da steppa.

E assim entramos na Serra de Monchique, espinha collossal que divide a Europa da Africa, pois o que para alêm fica, o Ghharb, em nada se assemelha a terra europeia.

Junto ao caminho que trilhamos, montanhas descarnadas, similhantes a esqueletos monstruosos de gigantes, mostram a ossatura collossal, deslavada pelas torrentes invernaes.

E todas estas elevadas montanhas, que durante tantos seculos ouviram apenas os

tins maviosos salpicados de pequeninas flôres exoticas como este céu estrellado, chrysanthemos de fórmas raras em jardins phantasticos de mandarins, onde deslisam suavemente, como brisas perfumadas, pequeninas japonezas de *biscuit*, de perfis tão finos e meigos como o d'essa Sada-Yako, entrevista ha annos n'um palco de theatro portuguez.

E n'esta felicidade, mixto de pantheismo e de sonho, adormecemos por algum tempo. Ao despertar encontramo-nos no Algarve, no reino do Algarve.

Vem despontando com todo o pudor a madrugada; n'essa alvura, os cimos das

montanhas distantes começam a desenhar uma linha de ouro, sinuosa e brilhante como as faiscas luminosas entre as nuvens em

PORTIMÃO — PRAIA DA ROCHA

noites de trovoada. Dissolvem-se as estrellas no brilho da manhã, começam a córar-se os rochedos e a luxuosa vegetação dos valles, e toda a natureza se mostra opulenta e risonha.

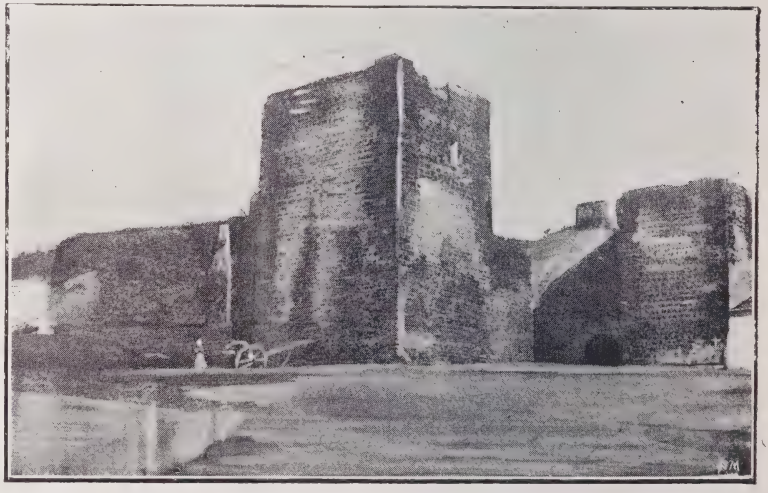
Montes, quintas, aldeias e cidades, habitações isoladas ou em colmeia, surgem de momento a momento n'este territorio tão povoado, onde é impossivel encontrar-se um hectare de solo sem cultura.

Por vezes avista-se o mar, brilhante como um peixe escamoso e collossal.

O torrão perto de Faro é avermelhado, ferruginoso, presente-se rico de humus e fertil; as hortas numerosas testemunham a abundancia de agua n'este abençoado paiz.

Formiga o lapis de impaciente, a querer anotar impressões que a paisagem suggere. Frequentemente os olhos desviam-se irritados com o espectaculo de pretensos *chalets* vermelhos ou azues, de supostos *cottages* inglezados, com que o burguez endinheirado d'estas regiões parece querer destruir o verdadeiro e justo sabor local, importando do Norte frio e agreste as construcções mal imitadas das suas habitações.

Em terra de sol tão ardente e torrencial, só a alvura das paredes, terraços e soteias é propria a suavisar a temperatura das casas pela reflexão dos raios solares.



SILVES — RUINAS DO CASTELLO

Foi a natureza prodiga em calcareo n'este paiz de fogo, mas o indigena, pintalgando de côres berrantes a sua habitação,

despreza esse thesouro com que a natureza proveio á sua necessidade, e commette um crime de lesa arte e de lesa hygiene.

O modernismo, despresando as tradições medievaes do velho Algarve mouresco e guerreiro, pretende enxertar n'elle um Algarve todo pedante, cheio de motivos insipidos e alambicados, de imitações ridiculas, sem côr local, imitativas do norte do paiz.

Mas a natureza revolta-se; os eloendros que ensanguentam a paisagem, as amendoeiras que a coroam de noivado, as figueiras, as palmeiras, as alfarrobeiras, as bananeiras e todas as plantas proximas da

de romance, mysteriosa como moira encantada; sem pensar que o caracter dos seus habitantes, romanesco, sonhador, exaltado, meio louco, brada contra a fleugma e placidez dos d'esse Norte, methodicos, regrados, de imaginação fria e pausada, medida a taximetro.

Mas volvamos a contemplar o lindo scenario que se desenrola a nossos olhos.

Ha em todo o precurso deliciosos motivos de paisagem para télas de pintor; salgueiros de Babylonia debruçam-se, ramalhudos, sobre cursos d'agua crystallina, onde mulheres do povo, de mangas arregaçadas, la-

PORTIMÃO — PRAIA DAS MESAS

proximidade dos tropicos, estão alli a attestar que o Algarve pouco ou mesmo nada tem de commum com as provincias do Norte.

As ruinas dos castellos mourescos, as egrejas, velhas mesquitas d'infieis, alguns solares arruinados, os restos das muralhas das cidades fortificadas, e essa natureza explendorosa, dizem-nos que ainda ha alguma cousa de verdade sob a *maquillage* d'este Algarve de hoje, que pretende arremedar a Europa civilisada, sem pensar que aquella Serra de Monchique o está separando d'ella e incorporando n'essa Africa

vam, mostrando braços trigueiros e robustos. Tufos de eloendros põem largas manchas rosadas no terreno, e o verde intenso das figueiras e das alfarrobeiras fazem-nos lamentar que não possuamos o pincel de Hobbema ou o de Ruysdaël.

Ao lado estende-se o Oceano magnifico, segredando mysterios e irradiando uma luz tão viva que os olhos cerram-se deslumbrados e tontos. Pequenas vélas brancas correm na azafama da farta colheita do peixe, que vem abastecer o povo, como filão de oiro d'essa grande mina liquifeita e mysteriosa.

O panorama é soberbo, a belleza fascinadora; nem o mais leve sussurro d'esse mar que Ossian cantou, nem uma vaga a perturbar a superficie chã do espelho luzente das aguas.

A' beira da terra, mesmo a debruçarem-se sobre o mar, vêem-se aldeias, campanarios, fortalezas arruinadas; e tudo o sol doira e matiza de fortes nuanças, como oleographias de tons vibrantes e cuidados.

E' difficil encontrar paisagem mais nobre e generosa do que esta terra e este mar, tão prodigos e remuneradores para com o cultivador que os explora, para com artista sedento do bello e para com o investigador avido de traços historicos. Cada bahia, cada angra, cada rochedo d'esta linha epileptica do littoral, são motivos gratos de estudo.

A' esquerda, ao norte, a cordilheira altiva das montanhas ergue-se até ás nuvens; n'essas montanhas vêm esbarrar as rajadas frias e asperas dos ventos da Europa, deixando o Algarve sómente exposto aos da Africa, quasi ao mesmo clima, mas sem as tempestades do *sirocco,* que na Africa são tão frequentes.

Sob esta magia do sol que incide sobre as varias tonalidades do verde, sobre a alvura dos muros caiados á mourisca, sobre o ouro das praias e sobre a toalha branca do mar, o espirito desanuvia-se, sorri e sente-se feliz. Comparando essas charnecas do Alemtejo e as melancolicas paisagens da Beira e do Douro cobertas de olivedos e pinhaes, com estes campos prenhes de seiva e colorido, o contraste é todo em abono do Algarve.

Apeamo-nos em Villa Real de Santo Antonio, ultima estação da via ferrea.

E' construcção primitiva do marquez de Pombal, sob a mesma planta da baixa de Lisboa; e com um grande prazer vêmos as nossas conhecidas ruas do Ouro, Augusta, da Prata e o Rocio com o seu obelisco terminado por uma esphera a substituir o sr. D. Pedro IV. O Aterro, em vez de perpendicular ás referidas ruas, é parallelo; e do outro lado do magnifico rio Guadiana, substitue Cacilhas a nobre e garrida cidade de Ayamonte, reclinada n'uma alta collina.

E' linda a villa, formoso o typo das mulheres raianas. D'uma janella que se abre, surge uma cabeça modêlo, rosto de alvo marfim, bastos cabellos negros, onde uma rosa vibra o seu colorido de sangue, e dois olhos acarvoados despedem uma chamma; outra rosa pica-lhe o seio sobre uma bluse alvadía.

E esta mulher, cujo olhar de reflexos apaixonados vai perder-se alêm, atravez do rio, n'essa Andaluzia de amores, onde talvez tem o coração, é um lindo romance que merecia demorado exame e leitura.

Sómente, leitor, não podemos ficar a olhal-a, porque não cumpririamos a tarefa da nossa viagem. Alêm d'isso são muitas as mulheres de Villa Real com este typo, e seriam longos em demasia taes exames.

Ao longe, para leste, avista-se a villa de Castro Marim com o seu antigo e amplo castello, de que foram senhores donatarios os condes d'esse titulo.

Vamos a caminho de Tavira, retrocedendo na nossa primeira viagem; costeamos o littoral, a paisagem vai-se desenrolando em successivas télas encantadoras de colorido, e, ao aproximarmo-nos da cidade, verificamos quão verdadeira é a descripção que dos seus arredores fazia um frade do seculo XVI: «que não ha ramalhete de diversas flores, nem panno de armar, por fresco que seja, que se lhe possa bem comparar.»

Tavira foi praça muito notavel durante a segunda dynastia do reino, devido á sua posição fronteiriça aos logares d'Africa, que n'essa época os nossos reis guerreavam.

N'esta cidade se estabeleceram então os Mellos, Commendadores de Cazevel, do ramo dos senhores de Olivença hoje duques do Cadaval; os Pessanhas, ramo bastardo dos almirantes-móres do reino, genovezes de origem, e cujo odio com os Mellos levou as duas familias a um encarniçado combate no seculo XVI; os Cunhas, ramo segundo da casa dos senhores de Pombeiro; os Viegas; os Corrêas; os celebres Cortereaes, que pelo seu fausto e valentia têm nome em evidencia na historia do reino; os Francas, genovezes, vindos com o almirante Manuel Pessanha, no reinado de D. Diniz; os Ichoas, navarrezes; os Carvalhaes, parentes do Condestavel D. Nuno, etc.

Na egreja de Santa Maria Maior, velha mesquita, está sepultado D. Paio Peres Corrêa, conquistador de Tavira e de quasi todo

o Algarve. Tambem é notavel alli a sepultura de seis cavalleiros e um mercador, assassinados traiçoeiramente pelos mouros, de cujo crime resultou, como vingança, D. Paio Peres conquistar Tavira.

dos. E' positivamente uma povoação marroquina, a do mais marroquino caracter que possue o Algarve. A alvura irrepreensivel das casas, terminadas por terraços ou soteias, de onde á tarde se contempla o poly-

MONCHIQUE

No alto da cidade está o antigo palacio chamado — *das galerias*, que foi dos Ichoas, depois dos Leaes da Gama, e mais tarde dos Mascarenhas, de Faro.

São muito dignos de reparo os conventos de S. Francisco, com a sua magnifica egreja, o de S. Bernardo, o da Graça, a velha egreja de S. Thiago, e a do Carmo.

De Tavira caminhamos para Faro, a joia do Algarve. A entrada é admiravel de pittoresco; á esquerda, esse mar de aluminio, sereno e brilhante como um espelho, e á direita montanhas distantes, de onde vêm até nós os figueiraes alinhados, os hortejos, as palmeiras que se perfilam no azul do céu e nos evocam regiões do Oriente.

Mas antes de Faro, um grande bloco de neve, Olhão, surge, a nossos olhos extasiachromismo do céu n'esses poentes sem egual, contrasta com a immundice que escorre continuamente nas regueiras das ruas.

E comtudo, a longevidade attingida pelos habitantes d'Olhão é assombrosa, devida talvez aos aromas iodados que se exhalam da beira-mar, e que purificam a viciada atmosphera. E esse aroma é tão intenso, tão caracteristico, que, respirado durante uns dias, marca um modus no nosso sentir, mixto de romantismo e de intensa sensualidade, que jámais nos esquecerá.

Ao fundo do Passeio, formosa avenida de Olhão, uma grande imagem do Cruxificado está a descoberto n'uma capella sempre illuminada por lampada de azeite. E é commovente vêr a todo o momento os transeuntes ajoelhar e orar deante da imagem.

Em terra alguma do Algarve se ama tão livremente como em Olhão. E' vulgar, de noite, encontrar os rapazes sentados em cadeiras, no meio das ruas, conversando para as janellas, com as suas namoradas, e ninguem n'elles attenta.

As serenatas são alli muito vulgares, mas, n'esse ponto, Faro leva-lhes a palma.

Sob esse céu immaculado, nas noites quentes de dulcissimo luar, a alma banha-se de goso a ouvir os sons dos violinos, das flautas, das guitarras, dos violões, que os farenses tocam com paixão e raro gosto musical.

O algarvio é um tanto como o napolitano, musico nato. O mais rude pastor da serra péga n'um harmonium e, ao fim de algum tempo de exercicio, extráe d'elle canções dolentes, d'um romantismo amoroso e bucolico.

E aos domingos, em todas as aldeias, n'um ápice se arrumam a um canto os bancos e cadeiras das casas, e as moças, enlaçadas pelos rapazes, pulam ao som das gaitas de feira, ou do harmonium, seu instrumento favorito.

São de mais alto romantismo as serenatas dos farenses; essas levam fito a certas janellas de denso gradeado, arremedo das gelosias e adufas mouriscas, atravez de cujas rótulas surgem rostos morenos de olhos ardentes, que vêm ouvir as serenatas dos moços enamorados.

Não são sómente as miragens orientaes da paisagem, que no Algarve surpreendem o viajante, mas tambem o traje, os costumes, a população.

Uma grande colonia judaica assentou arraiaes em Faro, desde tempos remotos, e a cada passo notamos o furor commercial dos judeus, a belleza das suas mulheres, o mysterio da synagoga, de onde sae a toada plangente dos seus ritos.

Com surpreza deparamos tambem com o traje levantino de varias mulheres farenses, o celebre *bioco* encobrindo-lhes o rosto, como é uso em todos os paizes musulmanos.

E todo este encanto dos olhos só porque transpuzémos a Serra de Monchique!

Por vezes a identificação do nosso estado d'alma com o que em nós dominaria se estivessemos em Marrocos ou em Argel, é tal, que nenhum espanto sentiriamos ao vêr entrar pela cidade uma caravana de longos e pensativos dromedarios, conduzindo mercadorias para os commerciantes judeus.

Faro foi tomada aos mouros por D. Affonso III, sendo alcaide d'ella *Aloandro,* e almoxarife *Aben Barrau,* que a tinham pelo Miramolim de Marrocos.

A Sé é um sumptuoso edificio, outr'ora mesquita de mouros. S. Pedro e o Carmo são tambem bellos templos. Pela riqueza dos edificios, belleza das ruas e praças, Faro é a moderna joia do Algarve.

Aqui tudo nos falla dos Mascarenhas; é a grande familia da região. As suas hortas e capellas, as vistosas campas da Sé, as ruinas das suas habitações, a tradicção que no povo ficou da sua riqueza, da sua vida principesca, dos seus feitos na terra e no mar, das valentias collossaes do Manuelinho de Faro, o celebre capitão-mór, cujas forças gigantescas tiveram nomeada em todo o Portugal e Hespanha, não havendo farense que não conte uma façanha, por vezes fabulosa, do seu tradiccional grande homem, tornam esta familia a mais celebre da cidade.

Outra das nobres familias que aqui residiram, se bem que o seu primitivo solar pareça ter sido em Loulé, foi a dos Barretos, alcaides móres da cidade, mais tarde condes de Val de Reis. Tambem floresceram as familias dos Sousas Pousados; Dorias, genovezes; Arraes de Mendonça; Britos; Figueiredos, alliados aos Mascarenhas; Sarreas; Palermos, sicilianos; Caminhas, etc.

Subir a uma soteia de Faro, n'uma tarde serena de outomno, á hora em que o disco vermelho do sol vai afundar-se no horisonte em chammas, é um dos maiores gosos para uma alma de poeta e de artista.

O scenario é maravilhoso. A nossos pés estende-se a alvura da casaria, e o setim do mar sulcado de vélas brancas, como cysnes fluctuando, vai perder-se no infinito; no terreno alambreado desenham-se as filas interminaveis de figueiras, as amendoeiras, as alfarrobeiras, erguendo-se acima de tudo as cupulas frondosas das palmeiras, e ao longe, a perfilarem-se no horisonte, em linha nervosa e irrequieta, os cumes das montanhas de Monchique.

Para as bandas do poente, o brazeiro do céu esmorece pouco a pouco e produz um espectaculo phantastico; abrem-se as nu-

vens n'um diluvio de côres: os azues, os oiros, os escarlates, as purpuras, os carmins, os topasios, magias de colorido intenso ou suave, dão-nos a impressão de uma grande téla onde o pintor, atacado de sublime loucura, nos descerrasse um retalho do scenario d'Alêm.

Este amalgama de côres começa no tom do azul ferrete e vai morrer no amarello desmaiado do limão, passando por todos os tons que vêmos n'um prisma de crystal banhado de luz, ou melhor ainda, por todos os tons que uma concha de madreperola reflecte quando batida do sol.

Depois, vão esmorecendo as côres, avultam sombras, morre a luz, morre a vida; as montanhas avistam-se ainda emergindo da penumbra, os cumes altivos flammejam debilmente sob as ultimas reverberações do sol. Um derradeiro clarão, e a noite envolve-as tambem no seu manto escuro. Começam a desenhar-se as estrellas como pontuações de oiro na abobada sombria do céu, a brisa mais fresca vem sacudir o morno torpôr do corpo indolente e esmorecido. Alguns passeantes avistam-se na rosacea das ruas, e os seus vultos movendo-se cadenciados e silenciosos no escuro da noite, suggerem a impressão de orientaes espairecendo nos jardins mysteriosos de algum pachá feliz e sensual.

Um poente assim é uma agonia, dá vontade de morrer, de diluirmo-nos em côr, em luz, na brisa que passa, no ligeiro sussurro das coisas, de partir para o Alêm, entoando um hymno de liberdade e de fuga d'esta terra de soffrimentos e dôres, onde o ideal tomba ceifado pela grosseria da vida. Um tal espectaculo suggere ancias de um adeus suprêmo, não da morte tragica e funerea em que Tristam e Isolda procuram o nada, mas d'uma morte libertadora, em que o Alêm se nos revele realisador das promessas de infinito goso espiritual que um tal scenario nos faz antever.

A posse d'este formoso Algarve foi em todos os tempos apetecida pelos povos navegadores, que d'elle se enamoraram ao conhecer-lhe as excellencias do clima, a exhuberancia da vegetação, a riqueza do solo privilegiado, a multiplicidade dos seus portos e a abundancia dos seus perfumados fructos e das suas pescarias.

FERRAGUDO — CASTELLO DE ARADE

Cuneus, Turdetanos, Celtas (?), Phenicios, Tyrios, Gregos, Romanos, Godos e Arabes, aqui vieram successivamente apossar-se d'esta estreita faixa de terreno, e trazer os progressos da sua civilisação. Mas, se de

todos estes povos os algarvios tomaram um pouco dos caracteres, foi principalmente o ultimo que n'elles vinculou a sua feição moral e physica.

Compreende-se bem o amor do árabe a este torrão maravilhoso. Ardente de temperamento, pelo torrido clima que o vio nascer, desgostava-o a paisagem arida, o infinito areal que o forçava á melancolia e ao tédio. Sensual e imaginativo, tinha de suffocar os sentidos e a imaginação no repasto frugal e minguado que a natureza lhe offertára.

Um dia, confiado nas promessas do Alcorão e incapaz de conter-se por mais tempo na barbacan imposta forçadamente á sua ambição, transpol-a de um salto e invadiu o occidente, onde sonhava a paisagem verde e generosa, o céu azul, os poentes vermelhos e a alvura das mulheres, que o faziam delirar de desejos; e talando, retouçando todo o norte d'Africa, veio brandir o curvo alfange ás portas das Hespanhas.

Nada o podia deter; do outro lado do estreio via os laranjaes em flor, cujo perfume o entontecia, as roseiras e os eloendros a engrinaldarem as beiras dos jardins, as mulheres alvas e buliçosas que lhe sorriam e acenavam dos balcões dos palacios e castellos, seduzidas pela sua audacia e pelo ardor dos seus olhos negros vibrantes de desejo. O estreito foi transposto, as massas godas destroçadas, e o mouro estabeleceu-se no solar do christão fugitivo, bebendo soffregamente a luz, os perfumes, o amor.

Os godos fugiam acossados, retalhados pela cimitarra agarena, deixando juncado dos seus mais valentes guerreiros o ensanguentado trilho que seguiam, e trocavam os dourados salões dos palacios faustosos pelas grutas friorentas e núas das Asturias selvagens.

E ao entardecer d'esses dias amargurados, que viam a sua miseria e o adulterio forçado ou voluntario das suas mulheres, scismavam melancolicos nas grandezas do passado, nos magnificos castellos a cujas torres de menagem, tão altivas e rendilhadas, a essa mesma hora do poente subia o muezzin a bradar «Allah, Allah, Allah», erguendo impiedosamente os olhos acarvoados de cão-infiel para esse céu christão, azul e puro como a doutrina de Jesus.

N'essa raiva concentrada e anciosa por expandir-se como alterosa vaga contida por robusto dique, o godo procurou silenciosamente refazer-se, devorando o odio e a amargura que lhe transbordavam do coração. Habituou-se á caverna dura e gélida, endureceu os musculos no frio, no violento exercicio da equitação, na justa, na escaramuça com o mouro que mais de perto o aggredia. Vencendo em pequenos encontros, iniciou sortidas audaciosas, foi descendo a montanha, tomando aldeias, villas e cidades, e em breve offereceu ao seu inimigo um inimigo digno de combatel-o.

O arabe não cria o que os seus olhos diariamente viam; vencido, julgava-se ainda vencedor, e em vez de brandir o alfange, escutava no harem os languidos harpejos da guitarra e do banjo tocados por mãos delicadas de favoritas; nem concebia que o rude godo das Asturias viesse um dia expulsal-o d'este eden, d'esta terra a que tanto queria e que ha cinco seculos habitava, de sob este céu de setim, d'este mar de lapis-lazzuli, das suas mesquitas de marmore e granito, d'essa orgulhosa Silves, a mais forte cidade do emporio mouresco das Hespanhas.

Mas a realidade impoz-se, e n'um grande impeto de egoismo e defeza, o agareno saiu a brandir o alfange e a cimitarra. Comtudo o seu braço, habituado agora a enlaçar corpos graciosos de mulher, não sustenta como outr'ora o peso da luta. O seu valor não é já senão uma sombra das façanhas obradas nas margens do Chryssus, e o mouro abandona o campo da batalha, pondo o ultimo alento na defeza do portal do seu serralho, onde tomba acutilado pelas rudes espadas dos soldados da montanha, ou foge perseguido, mas tendo primeiro mergulhado com furia o curvo alfange nas rijas entranhas do christão.

Do alto dos montes, da amplidão dos mares, contempla uma derradeira vez as brancas cidades que brilham sob os raios ensanguentados do poente, e vê, chorando, o seu Eldorado, o seu poderio, os seus sonhos, desapparecerem como esse sol que agonisa.

Sobre os seus altivos castellos desfraldam-se agora as bandeiras de Portugal e de Hespanha, e nas mesquitas onde durante

cinco seculos inteiros se ouviram os canticos de Allah, echoam os hymnos a Jesus.

Mas, se o mouro partiu, a sua obra ficou, o seu sangue ficou, a sua recordação ficou. Sete seculos são passados, e ainda admiramos os seus castellos, as suas fontes de elevados coruchéos, as suas gelosías mysteriosas, os rostos bronzeados da sua raça, e o ardor e romantismo do seu caracter a perpetuarem-se n'este Al-Ghharb, onde constantemente as lendas guerreiras ou amorosas e os cantares dolentes celebram as victorias, os amores, a derrota, o exilio do mouro.

Quem souber percorrer Silves n'uma noite estrellada, de luar suavissimo, e fizer reviver o passado, recordando a civilisação que ahi se desenvolveu desde o seculo VIII até ao seculo XIII, os homens notaveis que a Chelb moura produziu, e cujos nomes chegaram até nós, como Abdelmalecus Ben Abdalla e Ahmad Abulkassemus, delicados poetas; Ebn Athala e Mohamad Gabel, sabios e letrados, e outros não menos illustres; quem fôr ao *Pulo*, ou Pêgo de Aben-Afan, onde este rei de Silves se afogou ao fugir do Alcaçar, quando perseguido pelos guerreiros christãos; quem subir ás muralhas do immenso castello e estender o olhar pela immensidade da paisagem montanhosa que os mouros encheram de vida, de risos, de amor, de flores, de perfumes, e que agora jaz morta e núa, terá um pouco a compreensão do poderio d'elles n'este Algarve, e do pesar que sentiriam abandonando para sempre este torrão ardente e verdejante, banhado de fulvo sol e de dulcissimo luar, esta *Chenchir* a que um dos seus poetas chamava, com tanta verdade, um ninho de flores.

A Silves de hoje é apenas uma leve recordação da antiga capital dos reis mouros, a mais opulenta cidade de toda a Hespanha islamita, sendo dez vezes mais rica e forte do que a Lisboa de então. Dentro dos muros tinha quatro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como uma vasta cidade estendida pelo *Rovale;* a maior estava no monte e tinha o nome de *Almedina,* outra protegia o rio Arade, outra o rio Odelouca; outra, a *Couraça,* tinha quatro torres, uma das quaes se denominava *Alvierana.* Abaixo da primeira porta era o castello, a que chamavam *Alcay,* e havia ainda a grande torre de *Rovale.* Das quatro fortificações só restam hoje as ruinas do castello e da cidadella, e essas, ainda tão grandes e imponentes, que não as conhecemos maiores no paiz.

FARO — EGREJA DO CARMO

A todo o momento, em Silves, se desenterram recordações de mouros, de que as mais vulgares são moedas, e por vezes em tão grande numero que têm feito a fortuna dos seus achadores. Um vaso de barro cheio d'ellas foi encontrado ha annos, e diziam de um lado, em arabe:

Deus é nosso Senhor,
Mahomet seu apostolo,
Mahadi nosso Soberano

e no reverso:

Não ha mais que um Deus,
Senhor de todas as coisas,
Em quem só está todo o poder.

Diz-se que todos os castellos mouriscos do Algarve se communicavam por arterias subterraneas, que tem leguas de extensão, e pelas quaes fugiam quando vencidos. Assim, o castello de Silves ligar-se-ia com o do Alferce, este com o de Monchique, e successivamente.

São dignas de vêr-se as *matamorras*, grandes celleiros subterraneos onde guardavam incorruptiveis os mantimentos. Entre as varias cisternas que serviram para deposito d'aguas pluviaes, a unica que em Silves hoje se pode visitar, é enorme, e formada por quatro ordens de columnas, tendo cinco naves, que sustentam uma admiravel abobada petrificada de tal modo, assim como o sólo, que são impenetraveis por qualquer instrumento.

O rio Arade, tão mingoado d'aguas presentemente, permittiu outr'ora que junto á cidade chegassem as naus e galés dos cruzados vindos do Escalda, e as de D. Sancho I, seus conquistadores.

A Sé, grande edificio gothico construido de um grés especial de tons avermelhados, cujas bellezas artisticas os barbaros remendos e rabocos muitas vezes encobrem, é digna de estudo. Ha alli antiquissimos sarcophagos de bispos, capellas vinculadas e brazonadas, lapides sepulchraes com velhos emblemas heraldicos, que nos põem em evidencia as familias Simões, Rego, Gramaxo, Silva (Vagos), Viegas, Cabral, Moniz, Sarrea, Taborda, Arrochella e outras; e avultando entre todas as lapides, nota-se a de El-Rei D. João II, que alli jazeu quatro annos, apoz a sua morte em Alvor.

Villa Nova de Portimão é uma linda villa, situada perto da foz do rio Arade. Graciosa e mollemente reclinada na encosta do monte, vem descendo até ao rio, onde por vezes navios de consideravel lote acostam ao caes. Portimão orgulha-se com o seu *Palacio*, grande e pesado edificio particular; com o seu antigo collegio de jesuitas, hoje tribunal; e com as ruinas do velho convento dos franciscanos, construido em grande parte á custa de Simão Corrêa, Conde de Lydes, em Italia, capitão de Azamor e aio da infanta D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manoel. O brazão d'este fidalgo ainda se ergue sobre a porta da egreja do convento, e é uma bella peça artistica de talhe manuelino ennegrecida pelos annos.

A entrada do rio era defendida por dois pequenos castellos, de um dos quaes, de Arade, hoje propriedade e vivenda do sr. dr. Coelho de Carvalho, a vista é soberba e deslumbrante. N'esse verdadeiro retalho da *Riviera* o mar espalha-se a perder de vista, offuscado aqui e além pelos rolos de fumo dos vapores que o sulcam; o rio é uma fita de aluminio brilhante, que vae perder-se tortuosa entre as montanhas; e na frente, Portimão reclina-se coquette, toda a sorrir sob o brilho fulvo do sol, ou arde, ao esmorecer do dia, n'essas apotheoses de luz em que o Algarve não encontra rival.

A praia da Rocha é o grande réclame que todos os portimonenses fazem ao forasteiro. Para elles, é a Rocha superior a Biarritz, a Ostende, a todas as praias do mundo; e tal suggestão em nós incutem, que só depois de vermos as outras praias algarvias, confessamos a nós mesmo que a Rocha é uma optima praia, mas que todo o Algarve da beira mar é uma optima praia.

As familias principaes, que tiveram solar n'esta villa, foram: Corrêa, dos de Saboya, Simões, Zarco, Encerrabodes, Sovereira, Sarrea, Valarinho, genoveza, Lemos de Faria, etc.

Partindo de Villa Nova sob uma impressão de frescura, de riso, de bem estar, trilhamos o caminho de Lagos, todo elle um jardim de verdura, e onde as figueiras attingem o seu maximo de pompa e grandeza.

O aspecto da cidade é soberbo; das praças e do alto das muralhas, a grande bahia assombra e deslumbra. Não ha bahia maior no mundo; a agua chã, na transparencia do seu verde glauco, mascara deliciosamente a profundidade do abysmo; risonha e prateada quando á noite desponta no horisonte, como grande hostia, a lua cheia, tem na sua immensidade um aspecto infer-

nal, quando a tempestade lhe revolve o seio e accidenta a superficie em ondas alterosas e amplos lençoes de espuma.

Vista da bahia, a cidade reclina-se pesadamente ao fundo, negrejam as extensas e largas muralhas, os baluartes, o castello e as fortalezas, alveja a casaria muito caiada á moda agarena, erguem-se as torres das egrejas, as ruinas dos velhos conventos e as do desmantelado palacio dos governadores; destaca-se o brilho dos figueiraes alinhados em filas pararellas, desenhando infinitos traços de verde na riqueza do solo fertil e vermelho.

o ambar e a violeta diluidas predominam no horisonte, e sob o manto do crepusculo só se devisam a alvura da casaria e a negrura dos murados.

Em noites de tormenta é sinistra a cidade, os baluartes parecem phantasmas, o mar sussura, despedaçando as vagas de encontro aos rochedos.

Quem n'essas noites se aventura a sair pelas ruas, encontra Lagos solitaria; as portas fecharam-se, as luzes trémulas e mortiças parecem tocheiros funebres. O aspecto do mar é horrivel; os vagalhões phosphorecentes de um brilho infernal, curvam-se,

E O MOURO ABANDONA O CAMPO DA BATALHA . . .

E quando o sol morre nos outomniços poentes tão deslumbrantes de colorido, então a cidade, contemplada n'essa ardente moldura polychroma, enche-nos a imaginação de lendas orientaes, de contos medievos, de assaltos e combates, em que os guerreiros da cruz conquistavam e incendiavam as cidades dos crentes do Islam.

Esmorece a chamma com a visinhança da noite, desenham-se as côres mais definidas,

gemem, desdobram-se em extensos lençoes de espuma; outros que em meio da sua doida correria encontram as Pedras da Barra, não podendo esmagal-as, esmagam-se de encontro a ellas, atiram-se ás nuvens, tombem em flocos de espuma, e, reconstituindo-se, vêm em cachões esboroar-se aos pés das ruinas do antigo palacio dos capitães-móres generaes.

Ao longe não se vê um pharol: apenas o

espaço infinito illuminado tragicamente pelo phosphorecer das vagas gigantescas; e no espirito prepassa um fremito de pavor perante a grandiosidade do quadro.

E' a mais antiga das terras do Algarve, pois que a sua fundação attribue-se ao rei Brigo, que governou as Hespanhas muitos seculos antes do nascimento de Christo. Do seu porto sairam as primeiras caravellas que foram a descobrir terras de Africa além do Cabo Nam, a sulcar os tenebrosos mares nunca d'antes navegados.

O templo principal de Lagos era Santa Maria Maior da Graças, situado n'um alto da cidade, junto á Porta da Villa, que abria

SILVES — RUINAS DO CASTELO MOURISCO

sobre o Rocio da Trindade, vasto campo a que n'uma noite os lacobrigenses arrancaram as arvores, para que El-Rei D. Sebastião alli se divertisse com a sua cavallaria. Ao chegar este rei ao Cabo de S. Vicente, para ir ao desastre d'Alcacer, sairam-lhe n'uma infinidade de barcos os lacobrigenses vestidos á mourisca, e em grande grita, como fazem os mouros quando guerream, cercaram o navio e aprisionaram o rei, brincadeira que elle achou do melhor gosto.

Tanto os moradores de Lagos amaram este soberano bellicoso e romanesco como elles, que apoz a sua morte entaiparam a porta chamada da Gafaria, por ser aquella por onde D. Sebastião sempre passava.

No referido templo de Santa Maria Maior tinham capellas com jazigos, ou simples lapides sepulchraes, os Costas, alcaides-móres da cidade, os Corrêas, de Joanne Mendes, os Rebellos, alfaqueques-móres de Portugal, os Freitas, os Jacques, commendadores de Bouças, aragonezes, os Liotes, inglezes, os Valarinhos, genovezes, os Villalobos etc.; mas a mais elevada personalidade que alli teve sepultura foi o celebre infante D. Henrique, fallecido em Sagres, e em Santa Maria Maior depositado durante um anno, até á sua trasladação para a Batalha.

Esse templo que fôra destruido pelo terramoto e começado a reedificar, foi depois arrasado de vez pelas mãos dos homens, arrancados das sepulturas os ossos de tantos varões illustres e de tantas donas dignas de veneração, e lançados ao carneiro do esquecimento, á mistura com as ossadas dos nullos e dos criminosos (!)

S. Sebastião é templo digno de vêr-se, amplo e elevado como poucos os do Algarve. No adro da egreja existe uma antiga lapide do seculo XVI. com a seguinte curiosa inscripção:

ESTE LOGAR PEQUENO COUBE EM SORTE,
DEPOIS DE DAR AO MUNDO DESPEDIDA,
A PERO JACQUES CORRÊA E SU CONSORTE.
O CORPO ESTÁ AQUI, QUE O PÔZ A MORTE,
A ALMA ESTÁ ONDE A PÔZ A VIDA.

E' cheio de alta philosophia o pensamento que transpira dos dois ultimos versos, e os homens deviam attentar n'elles, mesmo os que destruiram o templo de Santa Maria Maior das Graças, para com os marmores fazerem a especie de mosaico que cobre o chão da praça onde aos

domingos a philarmonica toca valsas e polkas (!)

Quem vai a Lagos tem de ir á Luz, vêr a estancia balnear que os lacobrigenses querem tambem que seja a melhor do Algarve. Se a Rocha se tornou o *rendez-vous* estival dos algarvios, pelas commodidades que offerece, pelo luxo que alli reina, e sobretudo pelo réclame que os habitantes de Portimão lhe fazem, a Luz, pobre de arte, pobre de luxo, e menos dotada de réclame, leva-lhe a palma em pittoresco, em bellezas naturaes.

Nos dias de bonança é um retalho da Côte d'Azur; a agua faisca sob os jorros do sol caido a prumo sobre o seu espelho ligeiramente movediço, e ao fim da tarde apresenta tonalidades de azul tão puro e transparente, como o das oleographias bem untadas de verniz.

Esta praia não é, como a da Rocha, cercada de rochedos que impedem aos olhos o aspecto dos campos, e só lhes permittem o do mar. Da praia da Luz, além do mar que vai da Piedade ao Cabo, avista-se o Ramalhete e o Valverde, todo esse valle que é um jardim de verdura, as collinas que o ladeiam, todas cobertas de casaes, a povoação e o extenso littoral. E isso porque a praia está no mesmo plano do valle.

Infelizmente, esta região ardente e toda africana vai perdendo a côr local com a casaria pintalgada de côres burlescas, oscillando entre o vermelhão e o azul (!) Aos algarvios de barlavento o leite de cal desperta horror, e pertendem suggerir ao viajante que elle se encontra n'uma nevoenta paisagem da Mancha cheia de *cottages* e *villas*. Chamam elles a isto, como a muitas outras cousas, *o progresso*.

Ah, mas ninguem vai ao Algarve vêr os burguezes e a sua obra; a natureza, o povo, e os monumentos do passado bastam, e n'essas tres riquezas ha pasto bastante para o extasi do artista e do intellectual.

Monchique é chamada a Cintra do Algarve. A sua serranía cheia de pittoresco, cortada de menanciaes d'agua crystallina, de florestas de castanheiros, de pomares de larangeiras, de hortas ricas de fructos, offerece nas suas sombras mysteriosas a frescura que nos recusa o littoral sob o diluvio do sol ardente.

Do alto da Foia, todo o Algarve está a nossos pés, o mar infinito, os valles e collinas verdejantes, e a serrania immensa semeada de casaes, regada de filetes d'agua

SILVES — SÉ

argentea, povoada de azenhas que quebram o silencio no ranger aspero da sua labuta. Sente-se a vertigem dos grandes espaços e compreende-se a sensação dos aeroplanos.

E agora, leitor, se para encetares a tua viagem ainda me perguntas que taes são os hoteis algarvios, dir-te-ei que melhor farás não saindo da porta da Havaneza, porque és indigno de viajar.

João Mascarenhas de Mello.

CARLOS REIS — Retrato de M.me S. L.

O jornal do mar

I

Quando se abandonam os campos abrigados com a capa saragoceira da montanha e cobertos do largo chapeu estrelado do firmamento — manhã fresca, manhã humida, em agosto, entra-se nas terras planas de areal, abrangem-se ao longe todas as barreiras do horisonte—é o mar que se levanta e as areias que ainda repoisam; e logo se vêm, em redôr, incharcadas do nevoeiro, as pastas do musgo glauco e aveludado que magestosamente cobrem as grandes, negras e teimosas penedias de toda uma praia deserta e enorme... Na sua frente todo o camponez sensivel se descobre e cala, maravilhado!... Ondas sem fim, embalando ou abraçando-se, vêm subindo, com vagar... Multiplica-se logo o sussurro dessas ondas com o impeto bravio de outras ondas distantes, que cedo vêm. E então, dentro de toda a sua sinceridade e impulso, o camponez deixa cair todo o pesado guarda-sol de cana, ergue o busto, com cerimonia, e fazendo tres vezes o seu chapeu ao vento, exclama, comovidamente:

— Senhor mar, senhoras aguas... para que vivam!...

* * *

Mas antes, na gaiola curta de uma *terceira* do baixo-Minho, o pasmado, trigueiro e pacato pedaço de homem que é o lavradôr da região, disfruta com curiosidade, atravez cada postigo quadrado, os imensos milhos que a

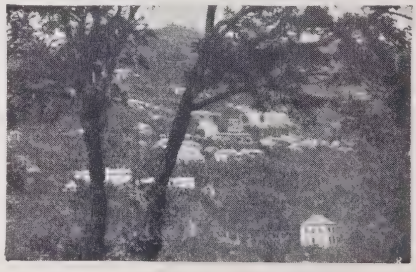
sua alfaia não sachou, o pé da horta, estranho, que aguas estranhas reverdeceram, e os exercitos provocadores da montanha coroada de pinheiral — emquanto ao lado, enganando-lhe o bicho do ouvido, o moço, que só vê

dos campos o colorido alegre e as linhas futivas, ensaia ao harmonium, numa ternura divertida, o saltadinho engraçado do *verdegaio*.

Nas prateleiras quasi rentes ao této, ou contra as barrigas ou no chão, en-

tre as saias, aconchegam-se as sacas de chita, anafadas e pintadas, onde o bragal cheiroso de fresco se acama, para uns quinze dias de ocio, no mar. As mulheres ventrudas, adornadas de claro e esmaltadas, nas duas faces, do trigueiro e encarnado envernizados das maçãs de dependura, prantam-se obedientemente ao lado dos maridos, os quaes vigiam — mal seguros — a entrada, de acaso, de algum padre d'aldeia, avantajado, ou de qualquer sujeito que *fale bem*, falando muito. Então o comboio corre fogo na facilidade das ribanceiras, entre campos. Como levantadas com pavor, as arvores parecem voar, crespas e rodando vertiginosamente. E emquanto, aos homens, o guarda-sol de canna se lhes imobilisa sob as duas mãos coladas e pesadas, com o fumo dum cigarro ao vento, divertidissimos; as mulheres, todas lustrosas e muito erguidas nos seus logares, voltam-se ás arvores que correm, ás latadas frescas que se despenteiam, e veem girar na corôa dos montes, velozes e em estrela, os moinhos de vento que semelham, atravez um alto veu de neblina, as grandes arvores de fogo, giratorias, do arraial noturno do *S. Torquato*.

Entre o rancho dessas *terceiras*, sentado e quasi arrepiado, por vezes uns motivos ribeirinhos, de harmonium, distraem e fazem amar as arvores, por toda essa monotonia do comboio andando e andando. Repetem se lá fóra, por minutos sem conta e animando o *cliché* quadrado da janela, os matagaes trepando pelas colinas, as casas de senhorio na meia encosta, as mêdas anaias e as eiras de lage clara, os rios e as avenidas de choupos, os milheiraes barbados de amarelo, espraiando-se entre as altas cerejeiras tufadas de verde e os carvalhaes felizes de sombra, os pontilhões e as verduras de cada leira cavada e orvalhada. Uma grande e extensa scenografia alegre, quasi percetivel de perfumes, mas egual, decora por todas as direções. Subito, porem, divisa-se, lá muito distante, uma barra extasiada de mar! Os dedos nodosos apontam-na, contentes, atirando o cigarro!... — *Ceus!*... E nes-



ses logares do longe, alastrando de manso entre a verdura de outros campos, e talvez de outros soutos, a longinqua superficie placida e extensa semelha uma longa *echarpe* azul que tivessem estendido, para seccar, sobre

a barba dura dos tojos, na distancia, e para o qual o povo agora ri e canta!

Ai!... ólaré, ólari, ólaré...
ai, ólari, ólaré, ólará!...

Rindo, mais alegres, e como o povo que se aperta e acumula aos postigões quadrados de lenço agitado ao vento, os harmoniuns quasi jingam e saracuteam uma *verde-cana* folgasã! Velhas da róca e da monda, tiradas ao abismo dos seus *padre-nossos* abstratos, alegram-se e ainda meneiam duas ondas no riscadinho da saia branco e roxo.

— *Ai!... o mar, o mar, Senhora do Sameiro!...*

Tentação de agua, aquela, que por amôr do seu movimento e novidade muitas sacas de miação se voltavam de boca para baixo, soltar nas abas caseiras que as enxeram!

E assim retomam o geito da dança, num palmeado vivo e certo:

Ai!... ólaré, meu amôr, ólaré!...
ai, ólaré, meu amôr, anda cá!...

* * *

Horas depois, ainda em viagem, já os campos, as construções e as encostas deferiam, muito outras e pobres.

Tinha ficado lá distante a anafada céga de *Vila Nova,* de cuja voz e aspeto eu proprio tenho imensas saudades.

— *Cinco reisinhos á céguinha, que o não póde gánhar... Lembre-se da céguinha... Que o não póde gánhar!...*

E a terra e o arvoredo, parecendo tomados por uma doença de esgotamento e sêdes, já não tinha a graça adejante, a fartura decorativa e cheia de murmurio que álem do *Ave,* das varzeas á montanha, por toda a parte se mostravam corpolentas e sorrindo.

Nas estações, mesmo, saindo á portinhola, que era feito da *mulher das pêras,* ou do *pote da agua* ou dos *cigarros fortes,* para pedreiros d'aldeia? A's lages do passeio da *gare* surgia apenas aquele chefe gordo do *bonnet* de pála, com os filhos agarrados ás pernas e tão conhecido no Minho pelo seu bigode castanho assombreando-lhe, como um rebuço, a

saliencia carnuda do beiço. Em cima, na frente das janelas da agua furtada, corria uma videira de quatro metros de largo, toda mordida e queimada do mildiu. Medravam cravos vermelhos, nos potes gordos, sobre as telhas assoalhadas. As galinhas picavam cá em baixo, entre os passageiros para embarcar. E o mais eram aquelas trez campainhadas, todas lentas, como de egreja; a bandeirola vermelha, empertigada, militarmente, no punho de galão; a entrega do *Primeiro de Janeiro,* e um recado para dar «lá adeante», quando o comboio passasse, ás «senhoras» de Gondifélos.

Pinheiraes curtos de tronco e dum

verde pobre, nessas pequenas aldeias de Entre-Douro e Minho, ficavam nas terras chãs como que á mão de semear, logo adeante de umas leiras de milho. A farta milharia do campo de ábeira *Lima* e *Ave* tornar-se-ia exagerada, sob a poeira do sol ardente, posta junto daqueles milhos de folhas estreitas e duma sazão retardada, que pareciam ter encruado na terra pobre que lhes não dava sustento. O proprio boi filosofo sofria mingua, entre esses pastos gafados. A luz, todavia, era a mesma! O canto do sol, immortal, que, muito cedo, despertava lá em cima os galos da ribeira do *Cavado*, abria-se ali tambem, em largo vôo de côres e tão prodigo como a semente que se espalha da mão á terra, para que a terra fecunde e se alegre!

Para a grande alma feminina e ingenua dessa paisagem liricamente alegre e risonha, era o sol, em verdade, como que a origem do sonho e o espelho feiticeiro de todas as atrações, amorios e fantasias. Ele, como o ponto de rosa em que se fixa e se deslumbra a sede enorme, originaria e quasi religiosa de descobrir e possuir, exalta e prende, com paixão, o vale sem fim do meu logar natal, nessa maravilha de graça e gosto e sonho como, sob a beleza da sua quasi côr de estrela maior, os ramos e os rios com ele vivem e ao seu olhar como que se engrinaldam e cantam.

Sem a flôr raiada do sol, a um tempo indiferente e amavel, como poderia a terra, em cada um elemento vegetal e arvoreo, adornar-se de tal modo que parecesse cuidada e enrequecida e vestida por mãos estranhas das suas proprias mãos fantasiosas e leves?!

Com ele todas as côres se descobrem; são mais profundas e aveludadas as sombras, e o proprio ar parece elevado da terra e posto em vôo, em circulo de dança aerea, em ronda desprendida e voluptuosa e facil.

Com ele — eu o vi — tudo a si proprio parecia desejar-se, namorar-se.

* * *

Voando sempre, mais agudo pela garganta de entre os muros (sobre os quaes se debruçavam cachos rosados e indolentes de malva-rosa e rosas encarnadas de silva), o grito da machina, acelerando o comboio e batendo-lhe doidamente as ferragens, ia anunciando o desdobramento das estações e quasi o *terminus* da viagem. Com as mãos nas prateleiras dos sacos e dos baús de lata doirada, um ou outro camponez deitava os olhos ao que era seu, emquanto outros, debruçados á janela, se deliciavam, com o cabelo ao vento, dessa aragem que as latadas pareciam promover, levantando e ondeando a sua espessa folhagem verde, de agosto. A cortar, longamente, pelos estreitos e soturnos rasgões de montanha, logo a deante a perspetiva se descerrava, como automaticamente, num baldio largo e dum relvedo curto, com largas pastas amarelas alastrando. E então, na espinha das encostas os moinhos de vento, em lindos e claros grupos, doidejavam mais e mais alegres, a declinarem e a rodar. Bois pachorentos, com a moleira caida nos olhos, entre os milhos, faziam as suas voltas de promessa, ao redor da nóra. Novos pomares, cheios de sombra e de frutos, pendendo, provocadores, reviam-se no seu

gosto de conservar e amadurecer. Passavam, rentes, os caminhos de novas aldeias. E um novo silvo e alvoroço novo, enfebrecendo essa ingenua ventura de *chegar,* como que creavam no movimento fugitivo e amplo do comboio um largo vôo de aguia, tão largo e livre que a fantasia dos homens se alçava e, no embalo da mar-

Bitesgas de bairro poveiro, mal distintas pelo chapelão derrubado dos telhados que declinavam, e pela mesquinhez do corte de arruádo, onde o sol mal pode entrar; claraboias de tôpo em forma de mêda, que os globos de vidro, abrazileirados, inflamavam de côres; os fustes sombrios dos templos, erguidos em duas torres de velha

cha, como que se desprendia, num grande vento!

— *Eh!... Alem! Vê!...*

— *A Senhora da Lapa!*

— *S. José! Lá adeante!...*

E a Povoa de Varzim — terra plana, aberta ás portas do mar — toda a movimentar-se em frente, pela sugestão do comboio que avançava para ela, surgia-nos branca e a rodar e a voar, como um bando de borboletas que vae alçar-se, lento e claro, para as nuvens!...

secura e sujidade catolicas; e, ao longe, o Mar, azul e largo como uma seda desdobrada — tal era a fita de *cine* que passava alegre e ondeante, empoada do sol, barrada de calarias novas, e avermelhada, aqui e alem, nos telhados de estreia, muito frescos!

Logo a uma dobra de muro se descobria, alta ao fundo da linha, a estação de via-ferrea. Lá, enchendo o espaço enssombrado de sob a *marquise,* e entre as altas columnas verdes,

uma multidão de promiscuo voltava-se e como que vinha caminhando para nós. A cada momento a *gare* parecia alargar-se, e crescer, e aproximar-se mais e sempre; e de repente, sobre os estalos seccos e duros das ferragens, a machina avançou, correndo todo o seu peso e a sua sombra; uma fuga subita de vapor, silvava, curvilinia; declamava a corneta estridente da estação, e a locomotiva, estacando, fez contra si todo o peso enorme da carga, num ultimo esforço violento.

— *Povoa!...*

A'tivaram-se entre o movimento desconcertado, na *gare,* cem mãos de maritimos — de banheiros e pescadores — crescendo e parecendo multiplicarem-se contra as janelas, e pelos degraus das carruagens.

— *João Caneta!*

— *Banheiros. Os Tambucos!...*

— *Manoel da Hora!*

— *Vem a banhos?*

— *Os Moucos, meu brazileiro!*

E com as cestas de verga, os baús e as sacas anafadas de chita de ramagens brancas e vermelhas, homens de suissas e mulheres de cachenez e cordões de oiro, todos largavam em massa a plantaforma da estação, saindo e caminhando, entre os gritos das descargas e dos poveiros.

* * *

De tal modo viaja, do campo ao mar, o cavador, meu irmão.

II

Pela madrugada, ainda quando um véu de neblina fechava e guardava

para si toda a grande orla verde do mar, ficava-me esquecido ao peitoril da minha janela de hotel a ver, dali para cima, a ladeira de casario mourisco que subia, pictoresca e provincianamente, desde a *Praça do Almada* até ao largo aldeão das *Dôres*...

Sobre a velharia das telhas passaros vadios, aquela hora, assobiavam e voavam, em boa-vida de madrugada. Um mestre-alfaiate dava á machina, pressurosamente, na esquina fronteira, para os seus cinco filhos miudos. Chamava o sino á *missa do dia*, numa torre qualquer... E a vida, em mangas de camisa e com um cigarro a entreter ou, melhor, a dilatar os ocios, não se podia dizer — não, senhor — que me corresse lá muito mal.

Ao cair das cinco, chocalhando e dobrando a esquina, vinha diariamente um rebanho poeirento de cabras, chegado de S. Pedro de Rates. A voz

triste e serrana e longa de uma rapariga, apregoava, lentamente... Então Lisboa recordava-me, madrugadora e doce, cheia de melancolicos pregões populares; e sentia, sob a posse de toda a minha fraqueza de indolente e contemplativo, essa melancolia desagradavel do breve regresso, sempre tão despotica para com os meus desejos de vagabundo e ocioso.

A' luz tenue, levemente azulada, do amanhecer de preguiça, os olhos divagavam bem por sobre aquelas telheiras provincianas, todas pintadas na verdura scenografica dos musgos e por vezes na sequidão aspera dos liquens secos e antigos. Como o éco longinquo e sucessivo de uma batalha gigante — erguendo-se e ressuando em fortes, bruscas e profundas descargas — a voz do mar vinha até ali, jà prevista e impotente, a alargar mais e mais o horisonte abstrato da minha moleza pecadora... Voltava, então, a pensar no regresso... Era como deixar desprender-se-me dos braços uma explendida mulher, se acaso eu a tivesse... E, para me distrair, dispunha-me logo a observar a cabreira da esquina e o seu rebanho branco e castanho, a essa altura já todo alastrado pela rua pequena, como numa sésta improvisada e assaz justificada.

*
* *

Nas fisionomias mitologicas das cabras encontrei, por enumeras vezes, expressões de serenidade e de indiferença e de abstração, que nunca assim vi completas nos tipos humanos. As suas peras compridas e agudas, (como se um *mestre* de penteadôr as tivesse tratado), suspendiam-se orgulhosamente, á guize, numa atitude carateristica e insinuante. Valia a pena disfrutar essa impertinencia de caraterisação, emquanto os galos cantavam alto e havia ainda neblinas ondulantes e azues e frescas, na manhã a desnudar-se .. Mas como que todo o tipo mefistofelico se transformava, quando, com uma graça atraente, eu encontrava, e me demorava vendo e atendendo, os olhos humidos, verdes, quasi maternaes, com que as cabras disfrutavam as coisas mortas e velhas da rua morta, silenciosa...

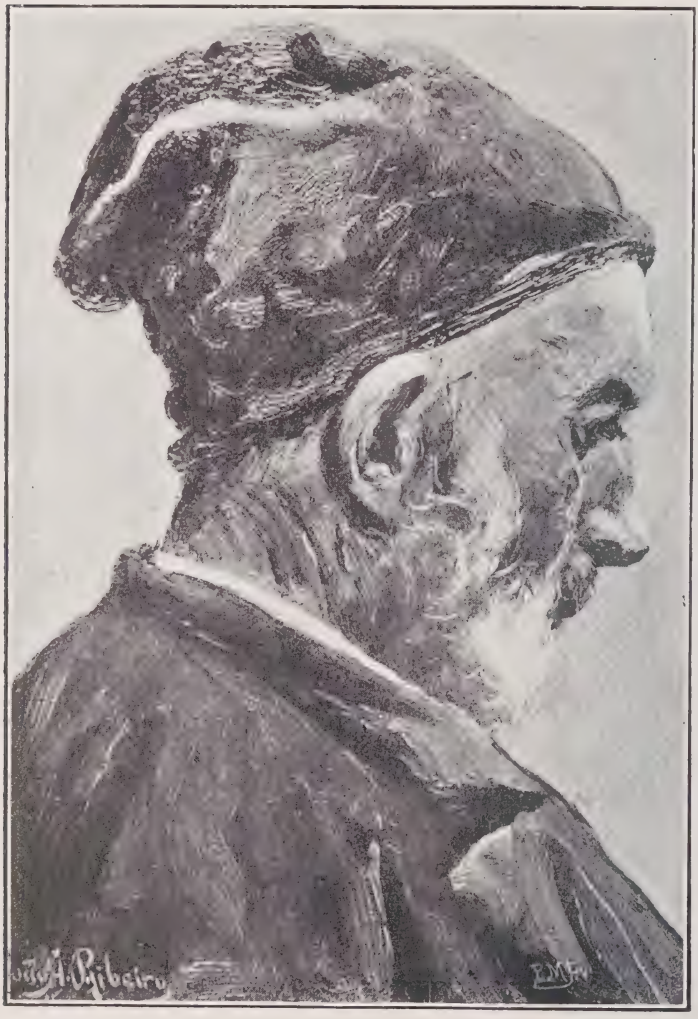
A infinita doçura dos seus olhos chama-nos interessantemente!... Como que neles se encontra, de tão serenos e meigos, a graça de uma flôr que a alguem esquecera na indiferença da sua estrada longa e monotona... E não passam menos levemente pelos objetos que um reflexo de ave num espelho de aguas quietas... Sómente a um brado rude da cabreira franzina e côr de vitela — muito clára e loira e suja — ou ao éco subito do chocalho, agitado e badalado pela impertinencia barbara das moscas, essas cabeças se intimidavam e nos olhos fundos passava, imprevistamente, como que um obscuro relampago de temor infantil.

Os olhos dos animaes são amaveis.

Ainda alguem hade dizer-me os pensamentos fortes, novos e pacientes, que em tão barbara força de natureza, em tão primitiva força combustiva e timida, a um só tempo recordam a ação formidavel e exterior das guerras e o sorriso afavel e pitoresco das creanças, ingenuamente quietas entre as areias, separando os muluscos...

Na côr aguada dos olhos claros e

femininos, misteriosamente, a um tempo se definem e nos encantam os sentimentos que produzem a melancolia, vindos do peso de pensamentos recônditos e puros; e a dureza que promove a aversão, coalhada numa fixidade, de melancolia e de amolecimento, idealmente místicos; e ao contrario, em vulgares horas, lhe acelerava as forças, ampliava a imagem, quasi congestivo de atitudes, — a esse impulso alguem hade irmanar — na floresta dos ventos, dos sentimentos, dos gestos e das expressões — entre a força barbara dos animaes e certa rudeza nobre dos elementos, uma comum maneira de ser, egual de valores, gemea de possibilidade...



Algumas vezes certa cabra castanho-escuro, em cujos olhos e caraterisação mitica se observava uma firmeza e estranheza singulares, erguia com forma ousada a escura cabeça solida e modelada de fauno, empregando duramente, para mim, os grandes olhos escuros de espanto!...

Não conheço — nem ninguem conhecerá, ao certo — beleza de olhos mais perfeitos, modelo animal mais completo, ousadia de expressão mais original. Como fixos por uma força tenaz e intencionada, paravam numa observação longa, curiosa, quasi metodisada... As aves, ás vezes, distraiam-n'a... E como pensando, e como satisdez temivel e decidida, terrivelmente quieta...

Porque neles tudo lereis, como eu o lia...

E a essa bravura misteriosa que ao mar dava dias tão plenos de tranquili-

feita, começava depois a concentrar-se todo o seu sentido imperfeito e fatigado; duramente os olhos se lhe cerravam, como com sono; e absorvendo-se de novo, de novo retomava a sua posição de quietitude, de bondade e como de paz...

*
* *

Nos beiraes os passaros continuavam voando de cá para lá, divertidos. Um fulgôr rosado, do sol ainda distante, refletia-se já no imenso *abat-jour* de porcelana que era o espaço lavado e azul e alegre. Outros sinos cantavam, lá a distancia.... Os musgos dos telhados pareciam lavados, de tanta frescura. Já me sentia viver no rumor da manhã levantada e viva. E para lá, para longe, continuamente roncos potentes do mar na fragua, como sugestionados de colera, cantavam o seu hino de amôr á Força, precipitando-se e atroando por toda a vila, immensamente rudes!...

III

Na grande alea da Avenida da praia, logo de manhã, passavam para um e outro lado os tipos curiosos das mulheres do povo — embiocando os chales as do campo, e as do mar a saia grossa e côr de pinhão, de saragoça.

Como a fumarada de um incendio, a nevoa crescia ainda sobre o mar, visivelmente ás ondas. Caminhando, com o bater duro e constante dos tamancos ouvia-se o urro triste e longo das «cornetas» marinhas, supradas pelos rapazes russos e fortes, filhos de pescadores. Entre a serenidade e a frescura da hora, namorando quem melhor

as sentia, crusavam tambem pelas ruas os grupos de poveiras, de saia negra entufadando-se-lhes na cinta e as pernas vigorosamente desnudadas até acima do joelho, a carregarem maços de redes negras, ensarilhados de *ráscas* e todos vertendo agua salgada do mar, do serviço da pesca de sardinha, acabado momentos antes.

Lá deante, ao sul, regressando, divisavam-se tenuemente, entre as nevoas, os pannos suspensos das lanchas «devotas». Como que voltavam ao ritimo de uma orquestra oculta, serenamente vogantes e embriadas da frescura dulcissima dos ventos e das nevoas. Umas seguindo as outras, cruzavam no longe difuso e cinzento; e para cá, em todo o espaço de aguas que dois braços amplos imaginariam abranger, tudo tambem silenciosamente se empoava até aos nossos olhos, numa solidão que endolecia e nos tornava abstratos...

Tumultuosos volumes de onda, quebrando e cuspindo espumas, faziam de cortinuo o côro estranho que chegava, monotonamente, do rez da praia, a chorar...

E então, para traz de nós e nos retalhos da vila, ainda adormecidos, um sino pequeno e lamuriento «picava» á missa... Quem fosse ouvil-a, pelas bemditas almas!... Padres grossos do Minho, a banhos para a batota e para as mulheres, corriam desde manhã cedo á capela do *Passeio Alegre,* apressurados pela «corôa» do officio; e na capela, cuja sineta uma velha tangia por detraz da portada, logo se enfrunhava uma concorrencia incrivel, apertada, suja, immensa. Era um mar estranho de cabeças acinzentadas, de olhos suspensos, de mãos erguidas, petrificado e mystico, como se fosse num grande quadro votivo.

* * *

Vinde vel-os — vinde ver os poveiros do casaco com remendos soltos, grandes contas de osso pendendo do pescoço, o peito nu, as mãos quietas no barrete, que erguem para as luzes os olhos cançados de medirem as linhas dagua, para o oriente das aguas! Olhae, olhae!... Erguem-se as mãos sobre as contas: — *Senhor do ceu, pelo descanço eterno!...* Resam, anciosamente... Um murmurio religioso e ancioso encaminha todas as almas — como todas as ondas, no mar errante, se encapelam umas sobre as outras.

— *Pelos do mar!... Bemditas almas! S. José de Riba-mar!...*

Soluçam; e como as aguas cançadas, depois que uma onda quebrou, as vozes de resa como que arfam, que estremecem — anciando vida melhor, um sonho ainda mais infantil!...

Vinde vel-os — vinde ver que se engelham e cançam e sonham!... Mãos centenarias, já agora pesadas, já inuteis, levaram redes, todavia, crearam filhos e arrancaram ás cordas duras e fortes das lanchas!... Vede-as: gretadas e empedrenidas, parece que se quebraram, as mãos vermelhas; que se tornaram estranhas aos proprios corpos que as possuem... Sob o arco da egreja, entanto, o sol descobre, e os velhos clamam, comovidamente:

— *Que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome...*

Ouvem-se choros soturnos... As aves cantam no beiral da capela.

— . . . *venha a nós o vosso reino* . . .

E a campainha agita-se, o povo curva-se, ondula como uma nova onda que toma embalo para depois subir e rugir. — *Santos, santos, santos!* . . .; e as cabeças que de novo se erguem, quasi todas eguaes, parecem cobertas, barradas, da cinza triste de uma lareira morta . . .

— *Que estaes no ceu, santificado* . . .

Vinde vel-os — vinde ver as faces engelhadas, embiocadas de preto, das viuvas; os olhos que se envidraçaram do choro, mortificados. Vinde ver as velhas do povo, gente que lutou e estreou, moças que foram de outro tempo — agora desfiguradas, de cabelo aspero recortado na fronte, boca rude e ensopada de cuspo, os pés descalços, a camisa do peito arremendada.

— *S. José de Riba-mar!* . . . *Senhor do ceu* . . . *Os barcos, S. José, os barcos!* . . .

E, na infinita miseria e infinita tristeza, olhae a raça nomada a empalidecer, a minguar, a recolher-se em si mesma, como o ultimo fogo de um sol, sobre a barreira do mar! . . .

*
* *

Como um murmurio noturno dagua, na maré baza, de todas essas almas uma oração melancolica se ergue, longa e inquietamente, a todo o momento cortada por um soluço ou uma exclamação, indefiniveis de tortura.

Nos rosarios do peito, sujos entre os cabellos crespos e asperos, toda uma *signa* fala; todo um destino, tão tormentoso como infantil, se contraria e afervora e combate! . . .

— *Pelos do mar!* . . .

E velhos angulosos, de pescoço fino, as mãos contra o peito, olhar e alma dispersos por uma infinita região de sonho, fixam abstratamente o espaço, as luzes tremulas do altar, a propria religiosidade das figuras curvadas de em volta — como se fosse num fundo escuro e quieto dos ex-votos piedosos! . . .

Mais enternecidas, outras figuras do lado, embiocadas na saia negra de viuvas, sobem os olhos todos numa angustia e enclinam melancholicamente a cabeça, com as mãos e o rosario postos na face, para uma suplica maior, entre choros e extasis . . .

— *Mortos no mar, que é deles?* . . .

Ha uma chama de espanto, de pavor e de morte e recolhimento, em cada um dos lumes tremulos do altar . . . Toques subitos, frios e tristes, de campainha, curvam e derrubam, até ao chão, velhas e venerandas cabeças de tristeza e saudade e miseria . . . Um fragor de vagas como que se levanta, rude e incerto como a um vento, dentro dessa capela espetral onde todos os rogos se atropelam e como tentam subir, mortificados! . . .

— *Senhora da Lapa!* . . .

— *Que estaes no ceu, santificado* . . .

— *S. José de Riba-mar!* . . .

— *Senhora da Boa Viagem* . . .

— . . . *que estaes no ceu, santificado!* . . .

Mortos da agua . . . cadaveres frios na agua . . . braços perdidos pelo infinito da agua aflita . . .

Estão no mar, santificados . . .

* * *

Mas o povo volta de novo á rua!

Luzem ao sol aberto, de mil côres, os remendos vivos dos casacos, das saias e das calças enfoladas e rotas. A camisa de estopa abre em duas badanas no peito, onde os cabelos vegetam, crespos e como, cobertos de poeira, os tojos secos do monte.

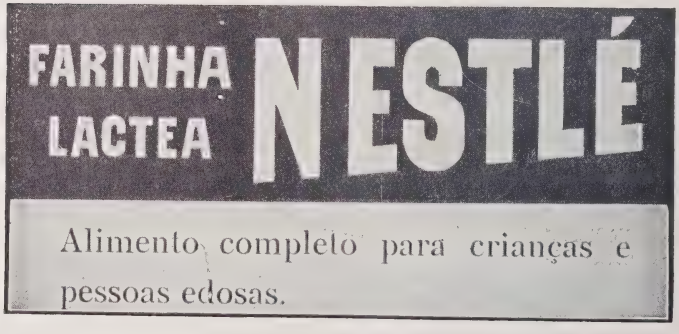
Tipos grossos e cortados de verrugas, numa caraterisação excessiva de comicos, ferram os dentes no cachimbo, olham os ares e logo inclinam a cabeça parda para o barrete aberto nas duas mãos pesadas.

Viva onda ruidosa e facil, volta como se fosse num dia de festa. Esquecidos de todas as suas lastimas, heis que se apartam para todas as direcções, caminhando: os homens a fumarem e abstratamente fitando o longe; as mulheres seguindo a casa, embiocadas e com uma das mãos em *capela* sobre os olhos, numa revista interesseira ás aguas do oceano, agora limpas da nevoa e encaminhando algumas velas, sob a luz do sol!...

O' lobos dagua, quanto é belo!

(Continúa.)

ALFREDO GUIMARÃES.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Manuel d'Arriaga

Por 121 votos elegeu a Assembléa Nacional Constituinte, para exercer o logar de primeiro magistrado da nação, o sr. dr. Manuel d'Arriaga.

Dos republicanos antigos é elle o unico que resta em evidencia.

Enthusiasta pelo bem, democrata sincero, coherente em todos os actos da sua vida,

A' SAHIDA DO PARLAMENTO

não se lhe encontra a minima macula, e o seu caracter constitue ouro de verdadeira lei.

Professor d'inglez no lyceu, foi exonerado em 1881, diz-se que em obediencia a uma vingança politica, e d'ahi por diante continuou exercendo o seu mister de advogado com toda a proficiencia e real talento.

Eleito deputado, a sua voz calorosa e sympathica, a sua enorme eloquencia, só patrocinou as causas justas e populares, não com intuitos especulativos — porque sempre os desconheceu — mas porque a sua bondade o impelliu para as classes desfavorecidas.

Tem o verdadeiro culto pela familia, e o horror absoluto pela mentira.

O logar que actualmente occupa não podia ser dado a um cidadão mais distincto.

Consequente, logico, intelligentissimo, conciliador, como deu mostras por occasião dos tumultos dos estudantes na Universidade de Coimbra, onde, como reitor interino, conseguiu com palavras de paz acalmar os animos, Manuel d'Arriaga só pelo muito amor ao seu paiz é que se decidiu a acceitar o elevado cargo que tudo indicava lhe devia ser confiado.

O seu desejo, porém, sería que o deixassem tranquillo, visto que a sua maior satisfação realisara-se já: a implantação da republica em Portugal.

Mas todos os homens de bem, todos os honestos, todos os amantes do seu paiz devem vangloriar-se de ver que o poder cahiu n'umas mãos impollutas e que o hão-de restituir com toda a sua dignidade e livre de qualquer mancha.

E é o maior elogio que se póde fazer a este homem!

Alberto Braga

Ha cousas que não se explicam!

Como é que a morte d'este primoroso contista, d'este dramaturgo de valor, d'este *causeur* insubstituivel, passou tão despercebida?

Nos jornaes aconteceu o mesmo, porque o seu fallecimento, os poucos que o noticiaram, foi feito em meia duzia de linhas, seccas, sem colorido, como, embora os melhores nomes do jornalismo estejam actualmente afastados da imprensa periodica, se alli não houvesse ainda meia duzia d'homens que tinham restricta obrigação de não esquecer Alberto Braga.

Nunca lhe perdoaram, eu bem o sei, o elle ser um coherente, um homem de sala, o saber vestir, o ter as unhas sempre limpas, a gravata bem posta, o collarinho e os punhos d'uma alvura impeccavel.

Não quiz a seu lado estabelecer *coteries*, entendeu que tinha direito a tomar parte no banquete da vida, sem recorrer a contumelias, sem dobrar a medulla.

No *Hotel Alliance* contou-me um dia:

— Do Rio de Janeiro mandaram-me perguntar se queria escrever para o *Jornal do Commercio* umas chronicas semanaes. E que estabelecesse o preço. Fixei cem mil réis por mez. A resposta dizia: «Mas v. provavelmente ignora que o Ramalho e o Eça não pedem semelhante quantia?.» Ao que retorqui: «Como ignorava que o Ramalho e o Eça nunca tinham pedido esse dinheiro, se quizerem a minha collaboração onde disse cem mil réis mensaes leiam: *cento e vinte*.»

Uma *boutade* de bom gosto e que afinal deu resultado, sobre tudo para o periodico, onde ainda hoje são lembradas as chronicas de *Diogo Matheus*.

Escrevendo lindamente em francez, o *Soleil*, o *Gaulois*, o *Temps* estamparam alli diversos artigos sobre politica e litteratura, que denotam o seu excellente criterio.

Como jornalista encontro-o em Lisboa no *Jornal do Commercio*, *Novidades* e *Occidente*; como escriptor conheço os *Contos da minha lavra*, *Contos da aldeia*, *Novos contos*, *Contos escolhidos* e os *Confidentes*.

No theatro, onde pretendeu triumphar, não foi feliz devido a uma camarilha que, assaltando o *gallinheiro*, protestava, não contra o seu trabalho, mas — e escrevo-o aqui para ficar registado — por elle ser um *dandy*, alheio a cenaculos de má lingua, não frequentador de cafés, não arroteando o caminho para estabelecer relações, mas esperando que ellas fossem ao seu encontro.

O drama a *Irmã* é o mais completo de todos os seus trabalhos n'esse genero, a *Estrada de Damasco* teve um successo d'estima, o *Estatuario* causou escandalo e tanto mais que a empreza de D. Maria foi obrigada a representa-lo depois de o ter recusado, conformando-se com o parecer da Academia das Sciencias.

A maneira como os artistas interpretaram essa peça é tudo quanto ha de mais censuravel, produzindo-se conflictos na platéa, e foi um erro do auctor, porque depois de ter obtido o beneplacito d'aquella corporação, ficava n'um magnifico terreno declarando que elle é que não consentia que o seu drama fosse ahi interpretado.

Devo mencionar na sua obra litteraria o *Busto*, um *lever de rideau* encantador, que Lucinda Simões e Christiano de Sousa representaram na Rua dos Condes, e as traducções da *Francillon* e do *Homem do Dia*.

Por fim Alberto Braga tornou-se misanthropo, e a melancholia deu-lhe para querer ao mar como se quer ás vezes a uma mulher...

E n'uma d'estas tardes, quando o sol desapparecia, sentado n'uma cadeira junto a uma janella que deitava para uma das praias do norte, quando o crepusculo principiava a invadir tudo em volta, o seu olhar esmoreceu, as feições distenderam-se, as mãos penderam-lhe, e a cabeça descansou no rebordo da cadeira, sempre fitando as ondas alterosas que vinham n'um doce murmurar quebrar-se na margem com toda a serenidade, como se buscassem respeitar o somno d'aquelle... que nunca mais as veria, que nunca mais as ouviria...

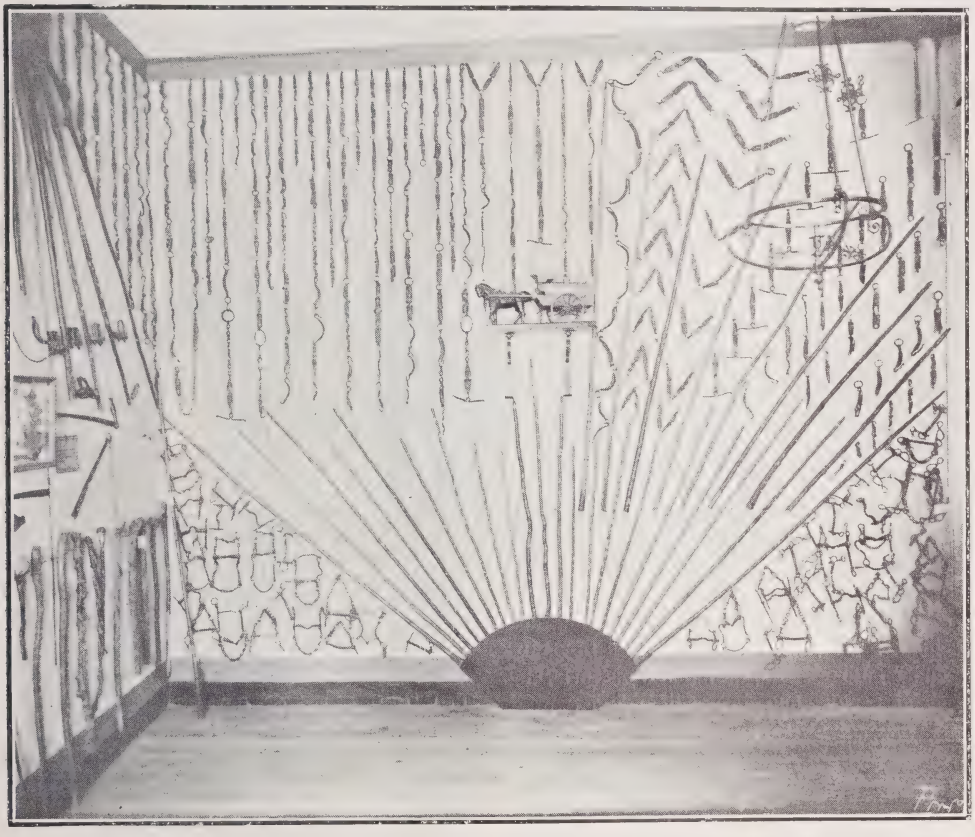
Protecção aos animaes

A Sociedade Protectora dos Animaes, fundada em 1876 por um verdadeiro benemerito, o conselheiro José Silvestre Ribeiro, expoz nas suas salas uma collecção d'instrumentos de tortura com que os carroceiros, boeiros e cocheiros atormentam aquelles que os ajudam a ganhar a vida.

Bem sei que alguns espiritos alçam os hombros ou riem desdenhosamente vendo que ha homens que se occupam com os maus tratos que se infligem aos animaes, quando por ahi ha tanta miseria e as creanças se entregam a uma vadiagem immoralissima.

Mas é aperfeiçoando-se os costumes em tudo e por tudo que se chega á perfectibilidade relativa.

Provavelmente os que acima mencionei, acham ridicula esta determinação administrativa... Eu não a considero assim. O passaro que abandona a liberdade dos campos para viver nas cidades modernas, encontra alli a subsistencia sem duvida, mas, a mór parte das vezes, falta-lhe os materiaes indispensaveis para formar a sua pequena casa aerea. Não acha esses tenros raminhos que servem para construir o ninho, e o



INSTRUMENTOS DE TORTURA

Para os que o não entendem assim deixem dizer-lhes que em Bruxellas deu-se ha pouco um espectaculo original. Nas arvores dos parques e dos *boulevards* viam-se homens pendurando ninhos nos ramos mais altos, obedecendo a um modelo confortavel, destinados aos pardaes, rouxinoes e outras aves que dão vida e alegria na atmosphera da velha cidade brabantina.

musgo natural que produzem certas arvores, e onde os filhos encontrarão um quente abrigo.

Não é justo que a auctoridade municipal se substitua á natureza, dando a esses hospedes alados o que elles d'outra fórma não teriam?

O municipio votou com esse fim 17.000 francos, sendo 4.000 para a compra de ni-

nhos e o resto para o pessoal empregado no serviço.

E' uma quantia que obrigaria muitos, se o caso se desse em Portugal, a levarem as mãos á cabeça, horrorisados, perguntando se n'este paiz se endoudecera de todo.

E se 17.000 francos representa algo, não lhes parece que as avesinhas dão, em troca, muito mais de 17.000 francos d'animação e d'alegria?

Logo... os municipes é que ficam sendo os devedores...

Seriam as cidades sempre sombrias e tristes se aos seus jardins os passaros não levassem o imprevisto do seu vôo e o concerto dos seus trinados. E já que é preciso respeita-los nos campos, pela sua utilidade, devem ser protegidos nos grandes centros, porque nos dão um pouco do superfluo: a illusão da natureza, do espaço e da liberdade...

Um freio á oratoria

Na Russia, para evitar a prolixidade dos oradores, emprega-se um meio muito engenhoso e que devia ser adoptado por todos os parlamentos e assembléas onde os palradores abundam.

Quando um deputado sobe á tribuna, ante elle accende-se uma lampada que despede uma luz vermelha. Decorridos dez minutos a luz apaga-se e o orador tem que se calar... O mesmo dá que esteja ainda no exordio!... Aprende á sua custa a libertar o pensamento de bugigangas d'oratoria, a ser preciso, e a não desperdiçar um tempo que é precioso, visto pertencer á nação... e não a elle!

Este processo original, no intuito d'oppôr um dique ás ondas de verborrhea dos politicos, encanta todos os que teem horror á eloquencia que, dizia Alphonse Karr, é a culpada das tolices do parlamentarismo... E queria que se queimasse publicamente a tribuna, e não cessava de protestar contra

«esta tola invenção que exige um longo habito da palavra ante milhares de pessoas e obsta a que os homens que entendem d'uma especialidade a discutam, para entregar todas as questões áquelles que ignoram tudo... mas são oradores.»

Assim vemos os periodos succederem-se aos periodos... e após os seus discursos, resumindo-os, não se aproveita nada.

A vida é rapida. Atravessamo-la n'um movimento desenfreado. Tudo, hoje, se faz precipitadamente... Porque é que a eloquencia parlamentar ha-de proseguir lenta, diffusa e prolixa?... Que se fale muito tempo dizendo-se cousas uteis, vá!... Mas é caso raro... O vulgar é cada qual inclinar-se não para quem sabe mais, mas para o que fala inutilmente, com mais força e por mais tempo. Pois é tempo já de desanimar a eloquencia.

Applicada aos nossos oradores parlamentares, aos nossos advogados, aos nossos conferentes, a luz moderadora dos discursos enormes sería uma maravilha. E se fossemos ajuizados, tratavamos de pô-la em pratica.

Satyros baratos

Recebo uma carta — a lettra é feminina, — chamando a minha attenção para a fórma como os Tenorios das ruas se dirigem ás senhoras que passam, sós, vendo-se forçadas a ouvir as palavras mais grosseiras d'um repugnante reportorio.

E perguntam-me se não haverá um remedio, já que quem devia reprimir o abuso não o faz.

Creio que é muito simples: formar uma pequena policia particular, composta de tres ou quatro individuos, com bom ouvido e uma bengala rija, os quaes actuariam, no momento proprio, como se fossem paes, maridos, irmãos ou simplesmente transeuntes indignados.

Não seriam precisos muitos dias para tudo entrar nos devidos eixos.

Outro meio: applicar multas elevadas e publicar nos jornaes os nomes dos sujeitos que infringem as regras da delicadeza, da boa educação, do respeito e da galanteria que se deve a uma senhora, e que essa praga social mostra desconhecer.

«Grèves»

Apenas uma conclue, surge logo outra, em Lisboa, nos arredores, nas provincias.

Falando do assumpto não o considerarei sob o pequeno ponto de vista se soffrem ou não soffrem os que andam a pé, se um

operario commetteu ou não commetteu uma falta, se o patrão tinha ou não tinha direito para o despedir, correlativo ao direito que o operario tinha e tem sempre para abandonar aquelle a quem serve. Todos esses interesses são sem duvida muito respeitaveis, mas acham-se á superficie da terra e precisa-se elevar o seu estudo a maior altura.

As associações de classe aggremiadas pelo socialismo travaram com o capital luctas que outr'ora não eram possiveis, e o resultado são as *grèves*. Os operarios combatem, e o capital, que não é uma unidade, porque ha muitos capitaes da mesma indole que fazem competencia, é ao mesmo tempo atacado por dois pontos primaciaes: os que embaratecem o genero no mercado e os trabalhadores que, pedindo augmento de salario e diminuição d'horas de trabalho, encarecem a producção.

OS «GRÉVISTAS» NA MOITA

E d'aqui sahe a maior gravidade dos actuaes conflictos.

Crearam-se as industrias quando a mão d'obra era muito barata, e obtiveram-se excellentes lucros.

Mas a avidez do ganho acenou aos capitaes para estabelecerem outras do mesmo genero, e a competencia levou a baixar o preço no mercado até ao limite maximo que ao pequeno capital era permittido. E este vê-se obrigado a succumbir por falta de meios para resistir, e se a liberdade do trabalho, proclamada pela revolução, matou a officina, que foi absorvida pela fabrica, esta lucta do socialismo tragará mais cedo ou mais tarde a fabrica isolada e fraca, empolgada por um poderoso syndicato, o *trust* dos grandes capitaes, a companhia anonyma...

As companhias opulentas e as sociedades operarias estabeleceram uma guerra que ha de occupar parte d'este seculo.

Guerra implacavel e tenaz, e tanto mais quanto se perderam os principios que regulavam antigamente as relações entre patrões e operarios, entre amos e creados, e quanto mais se esquece que somos todos irmãos.

Esses conflictos resolvem-se sempre pelo que mais póde, como nas batalhas pelas armas.

E o que vence, dá a lei ao outro, assim como Brenno a impoz aos romanos. Ai do vencido! Como é natural, quasi sempre a solução não é justa. Pobres dos operarios se é o capital que os domina! Pobres dos industriaes quando o operario póde mais do que elles e impõe a sua vontade!

E' o que as *grèves* são acima de tudo, o que convem estudar e remediar, principalmente se uma nação quer viver e os homens

não se convertem em lobos para os seus semelhantes.

Entretanto no Caramujo praticou-se um odioso attentado: lançaram fogo a varias fabricas de cortiça, sendo os prejuizos orçados em quantia superior a 500 contos.

Se se chegar á prova dolorosa que o incendio se deve á malevolencia, precisa-se proceder com energia.

Esperemos antes que não se desse uma acção criminosa, adquirindo-se a certeza que o mau destino foi o unico culpado. .'.

As angelicas

No mez em que entramos ellas perfumarão o ambiente, enfeitando com a sua presença os salões, porque são flôres delicadissimas, e muito queridas das mulheres.

A historia antiga confere ás angelicas um caracter oriental, dando-lhes a Persia como berço, dizendo-nos logo a fabula que a tibia atmosphera d'aquella civilisação fastosa agitou o seu sonho e nymphas tão puras como a côr branca com que apparecem revestidas, foram os arautos da sua fama.

A historia da litteratura tambem as cita, bastando recordar as *Odes* d'Horacio.

Plinio e Strabão pormenorisaram os seus caracteres botanicos.

Os livros santos mencionam-as quando, ao referirem-se á Magdalena e á sua conversão, diz S. Marcos:

—*Venit mulier habens alabastrum unguenti vardi.*

Os poetas symbolisam-n'as como a innocencia da alma d'uma mulher, e Victor Hugo escreveu a seu respeito magnificos versos.

As raparigas devem preferi-las para se adornarem, porque, agradecidas á distincção, realçam-lhes os rostos, contribuindo para augmentar a moldura esplendida da belleza da mocidade.

São ás vezes as confidentes intimas das mulheres, inteiram-se d'occultas sympathias e percebem o *tic-tac* de certas pulsações; são o premio da constancia, symbolos de eterno carinho. Quando as folhas murcham e as petalas amarellecem, guardam-se cuidadosamente n'uma gaveta e n'ellas reside a vida das recordações, entre os maços de cartas d'amor, fitas e laços de *cotillon*, que constituem um mundo, um convincente archivo d'illusões, de memorias, de felicidades que para sempre voaram, como para sempre tambem desappareceu a côr branca das angelicas, phtysicas enrugadas pela acção do tempo.

Querendo absorver a attenção geral, não desejando ter competidoras nem soffrer rivalidades, deixam nascer as rosas, os cravos, os amores-perfeitos brilhando com os seus placidos tons, e quando nos jardins não ha flôres e as folhas das arvores se preparam para a sua despedida, servindo de tapete para os melancholicos passeios do outono, as angelicas surgem sós, triumphantes, impondo a sua soberania e ostentando com arrogancia a sua alva *toilette* e o seu aroma penetrante.

Escolheram o branco, porque d'essa côr era a tunica dos sacerdotes da antiga Lei, branca a das Vestaes, brancos os flocos de neve, as pelles do arminho, o véo que envolve as noivas, a flôr de laranjeira...

De branco se vestem as meninas para receberem a primeira communhão, branca é a mortalha da joven que, na primavera da vida, paga o tributo á morte.

E as angelicas como que se formaram com a esteira que em sua volta deixou Venus ao sahir d'agua, coroando-se d'ondas e rodeando-se d'espuma...

O jogo

Carolina Otero esteve em Lisboa ha annos — e então ainda não era ella celebre pela sua belleza — e ao falar-lhe uma noite no Theatro Avenida, a conversação declinou para o jogo, e como sabía que era enthusiasta da roleta perguntei-lhe:

—Quando vae a uma d'essas casas, tem ganho ou perdido?

Respondeu-me:

— No jogo, meu caro senhor, perde-se sempre...

Experto crede... Devemos acreditar nas pessoas que teem experiencia... Calcúlo que muitos jogadores inveterados dizem o mesmo que ella, quando fóra do raio d'attracção da mesa do jogo.

Acerquem-nos do tapete verde... e mudam logo d'opinião. E' porque julgam poder ganhar?... Qual! teem a certeza de ganhar...

Vous qui venez ici, mettez bas l'espérance

dizia Musset falando da casa de Bade... Não ha alma onde esteja mais fortemente aparafusada a esperança que na alma do jogador. Todas as noites a julga anniquilada... para renascer mais viril na manhã seguinte....

Essas campanhas levantadas em nome da moral e da virtude o que conseguiram?... O jogo extinguiu-se?...

Não.

Continuou clandestinamente.

Aquelles que entendem que se lhe deve dar toda a liberdade argumentam:

— Não impedirão que se jogue. E fazem mal em se interessar pelo jogador, porque elle não é interessante. Joga para ganhar, creiam, e mesmo não tem essa necessidade para se tentar... Não se supprime uma paixão, dissimula-se, para rebentar com maior violencia.

E accrescentam com razão:

—Que significa a hypocrisia que consiste em prohibir o jogo em certas praias, em fingir que não existe em Lisboa, permittindo-o em feiras nos arredores de Lisboa, como Barreiro e Setubal, e nas thermas, o que chega a ser escandaloso?...

Eis o que opinam os partidarios do monopolio e da exploração dos jogos. E allegam que a melhor fórma de o moralisar sería obter d'elle lucros para obras sociaes, d'assistencia, d'hygiene...

Em verdade tem um certo bom senso. Mas o que temo é que se responda que o jogo é immoral e que o Estado, pelo menos, deve simular que é virtuoso.

A falsificação dos generos

Vae reunir-se em Stockolmo um congresso que interessa a todo o mundo, porque tem por fim estudar a falsificação dos productos alimenticios.

No que se reuniu ha dois annos demonstrou-se que quasi todos os comestiveis constituem falsificações mais ou menos perigosas, e estas fraudes effectuam-se nas cidades, porque alli o consumo é maior.

Como as despesas dos negociantes nos generos alimenticios são grandes e como a competencia é cada vez maior, os commerciantes recorrem a esse meio, e é para agradecer que nas compras não entrem substancias prejudiciaes.

O INCENDIO NO CARAMUJO

Todos sabem as combinações a que se presta o vinho; a primeira e a mais innocente é addicionar-lhe agua, mas como assim perde a côr, para o avermelhar os vendedores servem-se de pau campeche.

Ao leite chamam-lhe *alimento completo*, e ás vezes é mais que completo, porque, além da agua, juntam-lhe miolos de vacca ou de vitella.

E quanto a chouriços e paios? A carne

de cão, além de ser saborosa, misturada com a do porco tem a faculta de se conservar fresca durante muito tempo.

Acontece o mesmo com o assucar, a pimenta, a manteiga, o chocolate, e quanto a conservas... teem a palavra os Estados-Unidos.

Encontra-se na rua um amigo e diz-se-lhe:

— Você está gordo.

— E' porque como agora muito e bem.

O infeliz não sabe que nem o leite é leite, nem o café é café. Não ha mais que rir dos que ao pão chamam pão e ao vinho vinho, embora nem um nem outro tenham cousa que se pareça.

E se algum dia se sentirem envenenados, ou a comida não lhes assentar bem, se julgam que, recorrendo ao medico, este os póde salvar, enganam-se redondamente porque se expõem a que o remedio receitado seja tambem uma falsificação.

Se assim escrevo, é porque no ultimo congresso se estudaram as adulterações dos productos pharmaceuticos.

Felizes os tempos em que os que se dedicavam á exploração do proximo tinham um pouco, um nada mais, de consciencia, e só se atreviam a vender gato por lebre.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Pedro Alvares Cabral

A Sociedade de Geographia de Lisboa prestou ao celebre navegante portuguez uma homenagem, indo inaugurar em Santarem, na egreja de Nossa Senhora da Graça, a capella onde repousam os restos de Cabral.

Foi D. Manuel, o *Venturoso*, que fez equipar em 1500 uma frota, confiando o commando a Pedro Alvares, indo com este Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho, e para evitar a costa d'Africa, os ventos e correntes contrarias, emprehendeu pela primeira vez o navegar em pleno mar, até que chegou a uma latitude cerca do cabo da Boa-Esperança; mas as correntes levaram-o para 17° da latitude sul, a uma terra que suppoz ser uma ilha e a que chamou *Vera Cruz;* era o Brasil, de que tomou posse em nome do seu soberano. Depois de ter mandado um navio a Portugal, participando a descoberta (que a Hespanha não contestou, embora os hespanhoes já tivessem visitado parte do litoral), Cabral fez-se á vela para leste, deparando-se-lhe terriveis tempestades, que afundaram quatro navios, conseguindo por fim dobrar o Cabo da Boa-Esperança, e alcançar a India. Em Calecut,

de principio, foi bem recebido, mas a pouca diplomacia deu logar a um movimento popular, sendo assassinados cincoenta portuguezes.

Depois de se vingar dos mouros de Calecut, Cabral continuou a exploração da costa de Malabar, encheu os seus navios de ricos carregamentos, e voltou para a Europa em 1501, tocando em Sofala. Como a Vasco da Gama, concedeu-se-lhe o *dom* em recompensa dos seus serviços. E desde então até 1526, anno em que falleceu, a historia estendeu um opaco véo sobre a sua vida.

A capella gothica onde estão os seus restos tem uma lapide em marmore preto, com lettras douradas, lendo-se alli:

A restauração d'esta capella de S. João Baptista, onde repousam os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, foi feita, em parte, com o producto d'uma subscripção popular d'iniciativa do dr. Alberto de Carvalho, aberta no Brasil pelo Jornal do Commercio *do Rio de Janeiro e completada a expensas da Sociedade de Geographia de Lisboa, que acceitou o encargo de a mandar restaurar, ficando concluida e sendo inaugurada em 7 de setembro de 1911.*

O ruido das cidades

Sentado ha dias a uma mesa do *Royal*, sem querer, ouvi a conversação d'um estranjeiro com um compatriota, e certifiquei-me que ha interesse em escutar as observações que elles fazem acerca dos paizes que atravessam. Não pretendo que sejam sempre justas, mas a mór parte das vezes deviam ser attendidas.

O facto do individuo se encontrar n'um outro meio, dá em resultado que o seu espirito critico aguça-se naturalmente. Vicios da nossa organisação social, inconveniencias dos nossos costumes a que o habito nos torna insensiveis impressionam-o tanto mais vivamente quanto não está costumado a ve-los. E da sua apreciação pode-se tirar proveito util.

— E' claro, — era a continuação d'um dialogo a que de principio não ligara attenção — que não espera que lhe transmitta todas as sensações que tenho recebido... Lisboa é uma cidade bonita... não ha duvida... Mas não ha bella sem senão... A perfeição não existe... Ha muito barulho... Visitei varias capitaes da Europa e bastantes cidades do Novo-Mundo. Em nenhuma vi ruas tão tumultuosas como aqui... Nova-York padeceu do mesmo mal, mas pozemos-lhe um bridão. Fundámos uma liga que tem por fim acabar com todos os ruidos excessivos, regulamentando o uso das businas, sereias, campainhas dos electricos, dos automoveis, e prohibiu-se o uso do chicote... Ah! os chicotes!... Não se ouve outra cousa em certas ruas de Lisboa... Os carroceiros e os cocheiros abusam... Nunca vi bater nos cavallos com tanta malvadez. E os pobres!... Ainda hontem, sentei-me á mesa d'um café, ao pé da estação do caminho de ferro, e vinte creaturas mais ou menos esfarrapadas vieram pedir-me esmola. Na America não se consentiria que um honrado cidadão que toma o seu *cocktail* fosse assim incommodado... O que eu admiro é que os senhores possam viver n'este perpetuo *charivari*... Com certeza teem duas cousas que a nós nos faltam: nervos bem retemperados e uma paciencia a toda a prova...

PORTUGAL DA SILVA.

"Merlim e Veviana"

Foi o grande acontecimento do theatro ao ar livre — indevidamente chamado, como disse aqui, *theatro da Natureza* — no Passeio da Estrella, a estreia da sr.ª D. Cacilda de Castro, que apresentou uma peça em 1 acto, denominada *Merlim e Veviana*, e que vincou bem a sua vocação para este genero tão difficil e que acena tão seductoramente.

Disse vocação. Como é que se deve definir esta palavra?

Segundo eu, é uma sobreexcitação que concentra o pensamento humano n'um só ponto. A sua tyrannia póde ser fecunda, a não ser que se converta em *idéa fixa*, conduzindo por esse facto á loucura.

Mas um physiologista allemão affirma que é a exaltação das faculdades simias e da sêde d'imitação que reside em todo o ser, augmentando-lhe ainda a satisfação da sua vaidade por se transformar em diversas personagens, cujo nivel social ou moral o eleva acima da sua pessoa...

A este cynismo desprovido de cortezia gallante era facil responder, mas afastar-me-hia muito do fim que me propuz, e só desejo referir-me ao *Merlim e Veviana*.

A auctora, que de ha muito se evidenciara em varias producções poeticas, é uma senhora intelligentissima, tendo o seu bello espirito magnificamente orientado na leitura dos melhores auctores, e soube aos seus versos, ditos por artistas intelligentes, transmittir toda a transparencia da sua alma, versos sonoros como um clarim em campo de batalha, e que brilhavam mais que os focos electricos que dominavam o theatro,

D. CACILDA DE CASTRO

e os ramos das arvores como que escutavam embevecidos, movendo, por vezes, discretamente as suas folhas em signal de approvação.

Porque não se trata d'um acto em verso como tantos que por ahi apparecem durante

o anno, mas d'um trabalho consciencioso, sentido, onde se encontram fragmentos de coração, e quem sabe se a dôr, acobertada em rimas, quasi todas ricas, um verdadeiro thesouro, mas sobre o qual não se deve contar com dinheiro...

E se querem certificar-se do que acima digo, leiam:

Em cada arvore um deus que nos estende os braços;
abertas mãos em ramos sobre os nossos passos...

A idéa é linda, e em nada inferior a esta:

E' sempre novo o coração
quando sente e caminha e segue o pensamento!

E' *Merlim e Veviana* um hymno ao amor, que vence tudo e que afinal é o unico senhor que domina, embora o seculo de positivismo em que nos debatemos, e assim como Marcellino Mesquita escreveu na *Leonor Telles*

Elle ha tanta mulher...

assim a sr.ª D. Cacilda interroga:

Porque é que um só olhar, um só unicamente,
nos endoida e perturba e traz em sobresalto?...

Nenhum dos dois dramaturgos responde, e creio mesmo que o leitor ficaria perplexo sem se poder decidir, ou pelo menos, nunca as opiniões seriam mais contradictorias.

Formosos estes versos:

Que um grande amor divino, absoluto, profundo
é uma lagrima de Deus
que faz rir o mundo!

Não me é licito delongar em citações e tanto mais que a peça é posta este mez á venda n'uma elegante edição da casa *Cernadas & C.ª*, mas embora com abuso, transcreverei ainda a entrada de *Merlim*, que é um perfeito encanto:

O' vozes da floresta, eis que vos surprehendo!...
Vozes das cousas
que bem sabeis falar...
como eu vos comprehendo!
Verdes folhas inquietas,
lubricas amantes,
só vós sabeis beijar...
Entrelaçados ramos,
lascivos, sensuaes,
que bem que vos amaes!
Fremitos d'amor,
por todo o bosque em flôr,
enlanguescidos ais...
d'arvores voluptuosas,
que bem sabeis sentir!
Enamorados echos,
sombras mysteriosas,
o que deixaes ouvir...
o que sabeis dizer...
Tudo aqui vive e sente
e ama eternamente!

Da sr.ª D. Cacilda de Castro, com o seu vigoroso talento, que ama a vida com uma especie de mysticismo, tem muito a esperar a arte, que ella tanto respeita.

E assim como odeia a mentira e a lisonja, permitta-me que lhe diga que não se atormente com o demonio da perfeição, que bastas vezes tem estiolado creaturas de valor, mas que buscando a perfectibilidade, desalentam afinal.

E ha muito a esperar d'esta joven escriptora de rosto insinuante e olhos cheios d'harmonia.

S. Carlos

Tudo leva a crer que abrirá as suas portas em dezembro, e são os emprezarios do Theatro Real de Madrid que se abalançam a essa tentativa.

Contam elles com bons elementos, e a direcção artistica foi confiada a um distincto cantor, o barytono Mauricio Bensaude.

Com relação á adjudicação levantaram-se ultimamente algumas difficuldades, e não se sabe ainda se se conseguirá debella-las por completo.

Nacional

E' um problema de difficil solução o aventar qualquer cousa sobre esta casa.

Com uma companhia desmantelada, com um publico bastante arredio, ninguem sabe responder á pergunta:

—*O que será a futura epocha no theatro de Garrett?*

Republica

Abre as suas portas a 1 de novembro, passando uma revista ao seu reportorio, tendo em carteira varios originaes, devendo representar-se uma peça ingleza, traducção

d'Eduardo de Noronha, o *Marchand de bonheur*, interpretada por Angela Pinto e Brazão, e as novidades mais attrahentes do estrangeiro.

Annuncia uma estreia, a da sr.ª D. Angela Espinosa.

Gymnasio

O conceituado theatro, dirigido por Valle, volta á sua antiga phase — e é o unico que explora esse genero — a comedia comica, burlesca, a farça, tendo constituido com esse fim um elenco muito homogeneo, garantia segura das excellentes noites que alli se devem passar.

Ouvir-se-ha na estreia a *Mulher do Commissario*, o *Rato Azul* e *Mensageiro da paz*, uma comedia dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, *charge* ao feminismo, outra de Julio de Menezes, a engraçadissima comedia de Veber, *A «cocotte»*, uma peça originalissima cheia de *trouvailles* para a festa de Telmo, etc.

Trindade

A futura epocha começará cerca do final d'outubro, com o regresso da companhia, que tem á sua frente uma verdadeira estrella d'operetta — Palmyra Bastos.

E não é ousado dize-lo, tanto mais que no Rio de Janeiro e S. Paulo a illustre actriz-cantora tem sido alvo das mais estrepitosas ovações, d'essas que se registam, tão poucas vezes se apresentam.

O FINAL DO 1.º ACTO DE «PEÇO A PALAVRA»

Palmyra deixa a operetta para voltar á comedia em 1912-1913.

Avenida

Abriu com a *Flôr do Tojo*, operetta do sr. Campos Rodrigues, tendo como director de scena José Ricardo, que com Luiz Galhardo se constituiram em sociedade, buscando todas as maneiras de fazer uma epocha brilhante.

A competencia de José Ricardo é bem conhecida e elle é dos que não descansam e sabe do *métier*.

Apollo

Dirigido por Eduardo Schwalbach e com o *Chico das Pégas*, original d'este conhecido escriptor, com musica de Filippe Duarte, inaugurou a temporada, seguindo-se uma peça de Jacintho Benavente, o notavel dramaturgo hespanhol, buscando enfileirar no seu reportorio os nomes de varios escriptores portuguezes.

Variedades

Estabelecido na praça dos Restauradores, tem actualmente em scena uma revista, *Peço a palavra,* original dos srs. João Bastos e Alvaro Cabral.

Escripta no intuito d'agradar ás platéas populares, é claro que por vezes explora a nota pesada, e como a revista, n'um periodo não muito remoto, receberá o golpe de misericordia, não vale a pena censurar o genero, senão em si, ao menos pelo prejuizo que causa, estragando tanto rapaz de talento que se estreiara litterariamente no theatro.

Mas *Peço a palavra* tem muita graça, está bem vestida e é desempenhada razoavelmente.

Coliseo dos Recreios

Continúa em grande successo a companhia italiana, sobresahindo entre as operettas cantadas, o *Vendedor de Passaros*, que tem uma musica deliciosa, sendo de notar a afinação dos côros.

Animatographos

Chiado Terrasse e **Salão da Trindade** batem o *record* em *films* da maior actualidade, e o publico com a sua presença anima as emprezas a procurarem a maneira d'apresentar programmas variados e que consequem attrahir concorrencia.

PORTUGAL DA SILVA.

Comprimidos Bayer de Aspirina

O MELHOR REMEDIO CONTRA:

Influenza, constipações,
nevralgias, dores de cabeça, e de dentes, etc.

Curiosidades do tempo

Pela paz

Na revista internacional «Les documents du progrès» trata o sr. L. Bollack da solução do problema pacifista. Começa o autôr por constatar o caracter pacifista dos nossos tempos, e a evolução da opinião a esse respeito. Esta, de pacifica que era ha uns annos, transformou-se successivamente em «pacifista» e «pacifera»; depois de têr sentimentalmente detestado a guerra, a humanidade venerou a noção da paz, para hoje a cultivar tanto nos homens mais humildes como nas mais elevadas esferas dirigentes: não é já para a consciência, mas para o bom-senso que se apela. Os «paciferos» negam a utilidade de invocar principios abstractos; já não falam de justiça; afirmam que o problema está bem mais «terra a terra» do que se julga. Estudando as relações economicas entre as nações, provam que a guerra não pode existir pela excelente razão de que o vencedôr perderia com ela tanto ou mais do que o vencido.

Apertados no nosso planeta, em lucta com as condições naturaes, perante bem positivos males impostos pelo meio, devemos eliminar todos os obstaculos ficticios. Entre esses, qual maior que a servidão militar e as despesas do armamento? Todos os homens comeriam a fartar se o estado guerreiro tivesse acabado ha quarenta annos. A opinião publica, mais penetrante e sensata, começa a perceber que a guerra é mais que um crime, — que é uma idiotice.

Para apressar o advento de uma era melhor, é preciso suprimir o proprio pensamento da guerra. Em primeiro logar pela educação, pela propaganda e esclarecimento do problema; em segundo pela diminuição successiva dos armamentos; pela federação politica dos Estados; finalmente, pelos tratados de arbitragem.

Por emquanto, o que se torna mais necessário é pensar na organização da «sancção», da «força» que imponha a paz aos Estados irrequietos que não se conformem com as decisões arbitraes. Falta o «policia» que pela força faça cumprir a decisão do juiz. O sr. Bollack propõe uma combinação ou uma lei de «boycottage» universal, para defeza do principio da arbitragem em si. Sabêmos que a vida de uma nação depende absolutamente das outras nações, e que as relações economicas internacionaes são hoje de tal forma extensas e intimas, que uma delas não poderia suportar o isolamento. Se pois em cada país se estabelecesse uma lei de «boycottage» proibindo as communicações com qualquer nação que recusasse recorrer á arbitragem sob proposta de uma outra, é certo que a nação isolada não poderia resistir a esse isolamento económico e moral, e que portanto se não atreveria a colocar-se nessa situação intoleravel. Os habitantes do país recalcitrante seriam os primeiros a manifestar-se por uma mais justa concepção dos seus interesses. Sob essa ameaça de revolução, o mais autoritario dos chefes de Estado se veria forçado a cedêr á invencivel pressão da opinião publica.

Trata-se pois de uma verdadeira liga dos neutros, certamente eficacissima, pois conhecem-se os efeitos das «boycotages» commerciaes restrictas, feitas por particulares, de que temos exemplos na dos Chinêses contra os Japonêses e os Americanos, na dos Turcos contra os Austriacos, etc.

Que vos parece a idéa?

Serões das senhôras

A mulher japonêsa

Todo o viajante que vae até ao Japão, nota certamente com enthusiasmo a forma como a mulher é activa e laboriosa n'aquelle pais.

N'outro tempo, as classes superiores e medianas levavam uma existencia limitada só ao íntimo das suas casas, e só a classe operaria trabalhava fóra; agora porém, toda a mulher desde a Imperatriz á mais pobre aldeã tem avançado no caminho do progresso e da prosperidade da sua patria.

A Imperatriz do Japão é a principal emprehendedôra de todas as obras de filantropia. Sendo uma das mulheres mais intelligentes do Japão, o seu coração é magnanimo, e exerce a caridade sem limites. As duas obras que mais prendem a sua sympathia e interesse são a Sociedade da Cruz Vermelha, e a educação das raparigas pobres. Habilmente secundada por todas as damas da Casa Imperial e da aristocracia, ella tem promovido filantropicas sociedades em todas as principaes cidades, tendo só a Sociedade da Cruz Vermelha perto de cincoenta mil membros espalhados por differentes partes do paiz.

E' em grande parte devido á Imperatriz que se tem fundado varios collegios para raparigas, e ao presente, todas as creanças, seja qual fôr a sua posição social, são obrigadas a frequentar a escola, dos seis annos em deante. Dado este desenvolvimento pedagogico, este facto contribuirá certamente para os altos designios daquella nação. Depois de terem frequentado a escola, a maioria das raparigas japonêzas procuram uma profissão ou officio, concorrendo a varias universidades, outras entrando em sociedades, para que d'algum meio possam adquirir a sua independencia.

Por esta forma são doutôras, jornalistas, professoras e explicadôras, directôras de varias empresas commerciaes, telegrafistas, e até revisôras de caminhos de ferro. De facto, têm seguido gradualmente a maioria das profissões que até aqui eram só da capacidade do homem, exercendo-as com o mais completo exito.

A vida domestica da mulher japonêza tem-se modificado grandemente, entrando nos habitos mais modernos da civilisação, pondo-se ao contacto da cultura da mulher europêa, e dando um resultado benefico para ambas. Varias alterações se têm produzido nas suas casas; a luz electrica e o gaz tem augmentado de anno a anno, e as machinas de costura já vão sendo vulgares. As vidraças já são empregadas nas janellas em vez do papel, e tanto as casas como as mobilias já se vão modificando em conformidade com os costumes do Occidente.

As japonezas mais ricas têm geralmente duas residencias uma ao lado da outra; uma puramente japonêza onde vivem segundo os costumes nativos, e a outra em estylo europeu. Nesta ultima as creanças usam sentarem-se em cadeiras, comem carne com a faca e o garfo, e fallam o inglês.

As simples comidas japonezas estão sendo supplementadas com pão, carne, batatas, leite fresco e condensado, manteiga, alem de varios productos extrangeiros que estão sendo largamente consumidos.

Até aqui, era a mulher que preparava toda a especie de alimento, mas agora que a maior parte d'elles podem ser adquiridos

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE.**

devidamente preparados, têm substituido esse trabalho por outras occupações.

As mulheres da classe operaria teem a seu cargo uma grande parte da industria do paiz, tanto como o homem. Grande numero d'ellas trabalham nas fabricas empregando-se tambem uma grande parte nos trabalhos agricolas.

São ellas que semeiam e ceifam nos campos da plantação do arroz, assim como cuidam das plantações do chá, e da industria da seda, a qual é uma das mais importantes no Japão, cujo encargo é completamente destinado a ellas, observando os casulos e os bichos de seda, assim como tecendo a propria seda nas mais delicadas estructuras, que tanto causam a nossa admiração.

A camponeza difficilmente se distingue do marido; usa o mesmo fato de algodão azul, calças, e o cabello atado em nó como o d'elle, emquanto que as suas cabeças são protegidas da força do sol, por grosseiros chapeus de palha, assim como tambem, as protegem das grandes nortadas, envolvendo-as em largos capuzes azues.

A mulher Japoneza é em todas as classes uma excellente esposa e mãe, uma explendida dona de casa, sempre jovial e delicada. Nas classes superiores, a mulher embora frequente a sociedade mais do que antigamente, não deixa por isso de empregar parte do seu tempo nos deveres domesticos e conservar ainda os antigos costumes de esmerada cortezia e de delicadeza. Uma das suas occupações diarias é fazer visitas, as quaes são cumpridas por meio das mais intrincadas etiquetas.

As raparigas nobres, são habituadas de creanças a saber arranjar e dispôr as flôres, a servir o chá, acompanhando com gestos, segundo as regras do seu uso.

A pouco e pouco porêm, teem-se deshabituado dos seus costumes nativos, entrando nos costumes europeus, rejeitando até os seus lindos vestuarios para os substituir por toilettes de Paris e Londres.

Em varias cidades têm-se formado grandes clubs para senhôras, e varios jornaes trazendo assumptos interessantes para o feminismo, têm diariamente uma grande circulação.

Ha porem um ponto na vida da mulher japonêsa, deveras triste e insufficiente com relação á sua posição legal, e que a têm arrastado muitas vezes á miseria. Toda a sua vida é sujeita a uma constante escravidão. Quando nova obedece ao seu pae; quando casada, ao seu marido; a viuva é obrigada a obedecer ao seu primogenito.

Nunca lhe é dado ser attendida nas suas opiniões, e é sempre posta de lado, em qualquer circumstancia,

Nunca lhe é permittido queixar-se do seu marido, nem critica-lo por qualquer acto, sob pena de lhe ser requerido por isto o divorcio com a maxima facilidade.

Por esta mesma rasão muitas mulheres japonêzas estão agora rejeitando o casamento dedicando-se com enthusiasmo a qualquer profissão que lhes possa assegurar uma independencia.

Todavia homens de certa superioridade, estão tratando da situação, e é de toda a probalidade que em curto espaço de tempo, as leis serão grandemente alteradas. Esse facto assegurará então, a mais completa e elevada posição que póde ambicionar a mulher japonêza.

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, é qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usageres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL

SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente.»*

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda Ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

N.° 77
NOVEMBRO 1911

SERÕES

JOSÉ MALHÔA — A velha fiando

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - R. GLORIA, 5

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Diccionário Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portuguêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquizas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionário Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionário verdadeiramente **prático,** isto é, um diccionário em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna solicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquizas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portuguêsa
Locuções latinas e estrangeiras
Historia e geographia

O Texto apresenta o mais copiôso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionário d'esta natureza, abrangendo a **lingua,** as **letras,** as **sciencias,** as **artes,** acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos, antónymos, proverbios** e **locuções proverbiaes,**

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões

Historia —— Sciencia
Romance —— Arte
Actualidades — etc. ——

Magazine Mensal Illustrado

Propriedade da
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres e artistas portugueses e brasileiros.

Assignatura annual, 2$200 réis
Semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

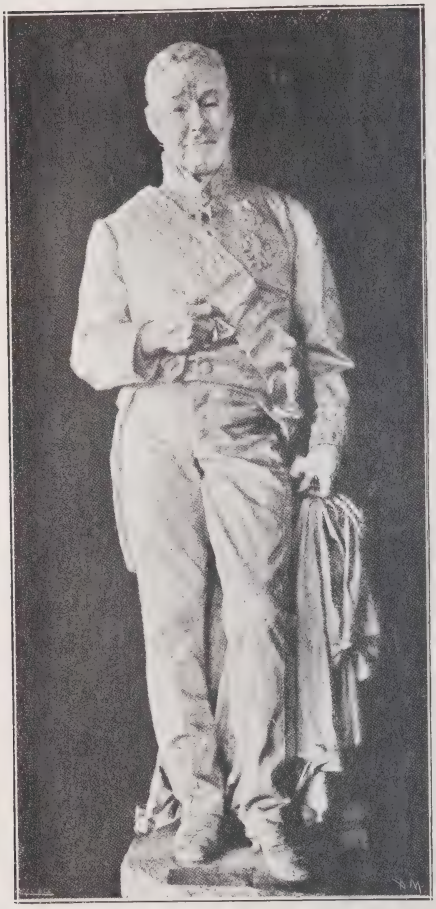
Attenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier.** Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 77

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

NOVEMBRO 1911



SOARES DOS REIS — Estatua do conde ferreira

O castelo de Penela

Um eu um dia, com um tempo propicio, um sol de oiro e uma sã alegria, de Coimbra a Penela.

Por entre pinheiraes e marginando os altos montes que precedem a serra da Louzã, coroados ao alto por diadêmas de negra pedra, como ruinas de palacios de encantadas moiras, de prehistoricos castelos... — foram-se os meus olhos consolando na paisagem severa e risonha, — até á hora crepuscular e silenciosa em que vi, recortado no poente, sobre um fundo de pura claridade, erguido alto, numa velha e inocente ameaça, — o castelo de Penela.

Aquela noite assim dormida perto do Passado, das velhas ruinas que falavam de mortas façanhas, e viveram com lendarios tempos, — fez despertar em mim os meus velhos, adormecidos avós, rudes besteiros, intemeratos homens de armas, que me deixaram o amor á terra, a crença na Raça e o apaziguado, domado espirito guerreiro.

De manhã cedo logo, despida a pezada armadura que um sonho saudoso me lançara sobre os largos hombros, — na luz media dum ceu brumoso, com alvoroço, eu fui, como para revêr velhos logares de nunca esquecidos feitos, gloriosa herança imperecivel, — até ao castelo agora franco, sem fossos nem ferradas portas.

A PORTA DA TRAIÇÃO

Para construí-lo, uniu-se a Natureza aos Homens. Foi ela quem ergueu sobre o vale, no desespero vulcanico duma arremetida até ao ceu, o morro enorme sobre o vale profundo, como um rochedo, talhando-o depois á feição de ciclopicas muralhas, no talhe desigual e grandioso, harmonioso sempre.

Depois, já cansada, deixou que as rudes calosas mãos ajuntassem as pedras, erguessem as mais torres e muralhas, naquele

PORTA DO CASTELO

afan guerreiro que o perigo proximo e a incursão eminente reforçava.

vista dominadôra, sob o ceu mais proximo. Parei sob o arco gotico da porta isolada na rudez do conjunto.

As formas goticas envolvem como auréolas.

E logo subi e deparei, sob o ceu, com a paisagem extensa e profunda.

Eram ao longe, esfumados na bruma que o sol ia varrendo, a serra da Louzã, o Caramulo, o Bussaco. E o olhar cinge até muito longe a paisagem mascula e rude, duma selvatica doçura, em que por vêzes um bando de pinheiros mansos, silhuetados no azul, põe um gesto suave extasiádo.

No fundo, do lado do nascente, o vale, os pequenos montes que por sua vez o formam, a terra vermelha semeada de oliveiras, e ao cimo, á nossa esquerda, o *Pão Alvo*, rochedo enorme que espera o esforço titanico dum Atlante para suster a escalada ameaçadora das hostes incansaveis.

Quazi toda a Torre, que ora chamam *Forte,* é um rochedo monstro, erguido tam alto que, do cimo, bem podia o alcaide de Penela lançar impunemente os mais atrevidos desafios aos inimigos raivosos e impo-

TORRE DO RELOGIO

Subí á velha torre de menagem, tôsca e alta, num anceio de altura, antegosando a

tentes, acampados nos montes em redór.

Talvez contemporaneo dos Romanos, foi

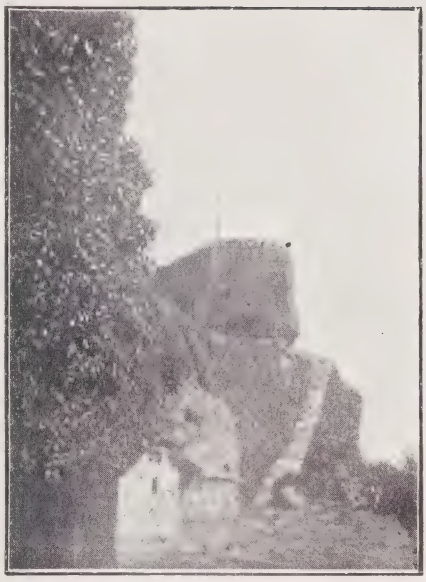
reedificado por D. Sizenando, Senhor de Coimbra. Era dos sarracênos quando o bando do Infante Afonso, numa noite calada, o escalou de surprêsa, e fez, como em Santarem, mortos os seus defensores estremunhados, erguer sobre as ameias o seu pendão victorioso. E ainda infante, Afonso Henriques, *filho do Conde Dom Enrrique e da RReinha Dona Tarreya*, fez *carta de doaçom e de firmidom aos Homeens de Penella*, deu e outorgou a todos os que lá morassem a posse do castelo tomado aos sarracênos.

Varias vezes o tomaram de novo e destruiram estes.

E o rei Lavrador considerou-o ainda *bem notavel e attendivel*.

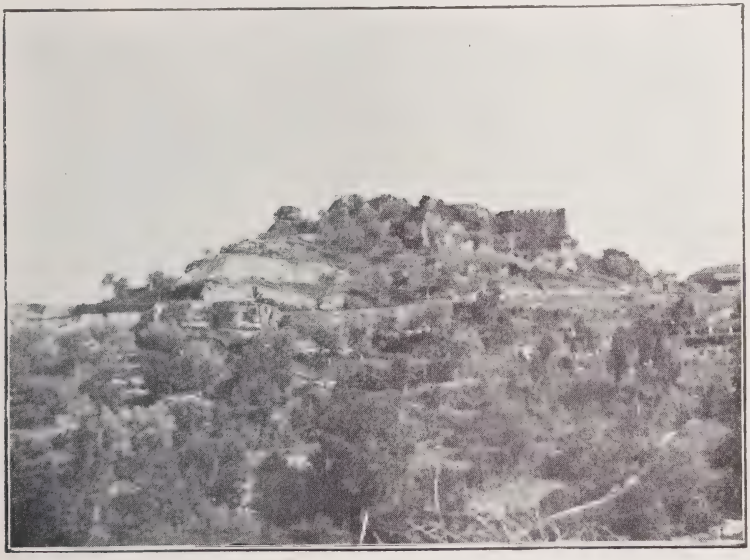
Sobre as suas ameias fez o povo tremular o pendão do mestre de Aviz, depois de o tomar ao conde de Vianna, primo de Leonor Telles, — o qual tinha voz por Castela.

Alem dos foraes, que lhe foram dados por Afonso Henriques, Sancho I e D. Manoel, — sendo interessante de vêr-se o primeiro, — poucos mais documentos clareiam a historia dos tempos mais antigos do re-



O FORTE

Só a porta da Traição nos deixa, pelo nome, supôr uma ignominia.



O CASTELO — LADO NORTE

moto castelo. E ele, por si, é mudo tambem. Nem uma inscripção nos seus muros.

Mas não deixou a fantasia do Povo de adorná-lo, de o cingir com uma corôa de

lendas. Ao lado da Torre do relogio, reconstruida depois do terremoto de 1755, está de pé uma alta muralha, dum arruinado belo. Ao meio desta ha uma pedra quadrada, mais clara, destacando.

E a lenda diz, como a das *arcas de Montemór,* que sob aquela pedra está um tesoiro ou um flagélo.

E as mouras encantadas? Em volta, junto das fontes, nas velhas cisternas, sobre os regatos, — é vê-las, penteando os cabelos de oiro na noite pagã de S. João.

E junto do *Taboleiro,* em frente a uma paisagem que lembra o Penedo da Meditação, e encantaria Santo Antero, — nas duas grandes cavérnas sobre que assenta o *Pão Alvo,* já se abrigaram fantasmas, cavaleiros errantes, almas penadas, ou pelo menos ladrões.

Nota. — Ao Ex.mo Sr. Dr. Victorino Peres se deve a carinhosa reconstrucção das torres e muralhas arruinadas. Não é descabido patentear-lhe aqui a gratidão que lhe devem todos quantos amam os restos do nosso passado, herança bela tam desbaratada por vandalos de espirito estreito e grosseiro egoismo.

Penela, Setembro — (Fotografias do amador Ex.mo Sr. A. Rebello).

Augusto Casimiro.

A VILA DE PENELA

Canto de Amôr no Mar

A tarde é o teu berço de criança...
A dar-te rendas fez-se o Mar de espuma
E o Ceu como um docel tecido em bruma
Prende-se em cima ao arco da Aliança.

Vê com que geito o vento te balança
E de aragens salinas te perfuma...
Conta-me agora as máguas uma a uma
Como se eu fôra tua Mãe, descança...

Não vês...? o nosso barco mal balouça...
Deita-te, e vamos para o largo á vela
Onde ninguem nos veja, nem nos ouça;

Conta as viagens na mágua da tardinha.
Oh! Mar, arrenda a espuma, tem cautella!
Oh! Vento embala-me esta criancinha!

Jaime Cortezão.

ANGRA DO HEROISMO — PASSEIO DUQUE DA TERCEIRA

Expulsão dos jesuitas da cidade de Angra, ilha Terceira, em 1760

QUEM não tenha conhecimento das ordens terminantes e repetidas do conde de Oeiras, que depois foi marquez de Pombal, para que a expulsão ou embarque dos jesuitas, em toda a parte e sempre, fosse feita de noite, por evitar escandalo, poderia, ainda ha algum tempo, duvidar se a expulsão dos jesuitas da cidade de Angra, na ilha Terceira, se effectuara de dia ou de noite, pelas razões seguintes:

1.ª Não haver qualquer noticia de algum documento que prove ter-se feito de noite o embarque dos jesuitas de Angra, caso que já se não dá, por exemplo, com o embarque dos jesuitas da villa, hoje cidade, da Horta, na ilha do Fayal, donde os jesuitas foram levados para bordo da nau *Nossa Senhora da Natividade, sendo das duas para as tres horas depois da meia noite* do primeiro de agosto de 1760, pois que a esse respeito temos o seguinte *auto de entrega*, publicado em 1878 no *Archivo dos Açores* (t. 1, pag. 388 e 389):

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil setecentos e sessenta annos, sendo das duas para as tres horas depois da meia noite no dia primeiro de agosto do dito anno, na portaria do Collegio de S. Francisco Xavier d'esta mesma villa *(da Horta)*, aonde residiam os padres da Companhia denominada de *Jesus;* ahi estando o capitão-mór Thomaz Francisco Brum da Silveira Porraz Taveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e o juiz ordinario Antonio Soares de Evora, capitão mandante nesta mesma villa, em cumpri-

mento das regias determinações de El-Rei Fidelissimo Nosso Senhor, que Deus guarde, fizeram entrega dos padres que na casa se achavam ao M.mo e ex.mo conde de São Vicente Manuel Carlos da Cunha, a saber: o padre Antonio de Andrade, reitor, quarto voto; o padre Joaquim José, quarto voto; o padre Domingos Antunes, quarto voto; o padre André Rebello, quarto voto; o padre Diogo Alvares, procurador, quarto voto; o padre Manuel Mourão, quarto voto; o padre José de Paiva, mestre de latim, terceiro voto; o padre Luiz de Paiva, prefeito dos estudos, terceiro voto; o Irmão Lobato, dispenseiro; o Irmão José da Cruz, procurador da ilha do Pico; o Irmão Luiz Ferreira, sacristão; o qual se deu d'elles entregue, e fez conduzir com toda a solemnidade a bordo da nau *Nossa Senhora da Natividade*, commandada por João da Costa de Brito, tudo na fórma das ordens de Sua Magestade, e por assim passar na verdade mandaram se fizesse este auto por mim Escrivão para todos no mesmo assignarem, de que para constar o fiz, e fica uma copia deste na mão do dito capitão-mór. — Elias Antonio de Sousa, proprietario tabellião publico de notas, escrivão do judicial e almotaçaria, o escrevi. — O 2.º capitão de mar e guerra, conde de São Vicente, Manuel Carlos da Cunha. — Capitão-mór, Thomaz Francisco Brum da Silveira Porraz Taveira. — O juiz ordinario, Antonio Soares de Evora.»

2.ª Affirmar a tradição constante que o embarque em Angra se fizera de dia, revestindo o supposto facto de minuciosos pormenores e circumstancias taes que pareciam dar-lhe tal ou qual verosimilhança.

3.ª Declarar solemnemente o auctor dos *Annaes da ilha Terceira* (t. II, pag. 286, nota), Ferreira Drummond, que as noticias d'este successo *(a expulsão e embarque dos jesuitas de dia)* lhe foram «transmittidas por algumas pessoas antigas e com mais discernimento pelo padre prégador fr. Antonio da Annunciada, octogenario, que vivia no seu convento da villa da Praia pelos annos de 1816, e tinha aprendido com os jesuitas.»

II

Hoje, porém, em face dos preciosos documentos, ainda ineditos, que pertencem ao illustre terceirense e publicista. sr. Augusto Ribeiro, não resta a minima duvida de que tanto a expulsão dos jesuitas do collegio de Angra, como o seu embarque na mesma nau *Nossa Senhora da Natividade*, que, na volta do Fayal, aportara a Angra em 6 do dito mez de agosto, se fizeram effectivamente de noite.

O primeiro dos documentos, a que acabo de me referir, é como se segue:

IGREJA DO COLLEGIO

MEMORIA

OFFICIO DO DESEMBARGADOR CORREGEDOR DAS ILHAS DOS AÇORES, HENRIQUE HENRIQUES QUARESMA DE ALMEIDA

«Na manhã do dia 6 do corrente agosto recebi a de V. Ex.ª com a *Collecção dos breves pontificios e leis regias,* por mão do conde de São Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Silveira, a cumprimento da qual se está fazendo o traslado da dita *Collecção* no livro do registo da Camara, para depois de findo e conferido se guardar o proprio livro da *Collecção* no cofre de tres chaves, na fórma que Sua Magestade me ordena.

«Na noite do dito dia 6 do corrente fui avisado, e o provedor da Fazenda meu companheiro, pelo dito conde, a ordem de Sua Magestade para com elle irmos assistir ao bloqueio, que na noite do dito dia se fez nesta cidade aos regulares denominados da Companhia de Jesus, a que assistimos, deixando-os seguros e incommunicaveis, tanto por força do militar bloqueio, como pelas sentinellas que se puzeram e ficaram á vista dos cubiculos, onde se mandaram recolher, precedendo primeiro registo nos cubiculos e mais casas onde se presumia estar alguma cousa que fizesse contra os ditos regulares.

«Nesta mesma noite fiz pôr promptos os meus officiaes, e n'ella partiram a fazer sequestros em todos os bens que possuiam os ditos regulares, o que com effeito assim se executou, por o dito conde de São Vicente e o sargento-mór governador do castello de São João Baptista d'esta cidade assim m'o ordenar da parte de Sua Magestade.

«Na noite de 7 do corrente fui tambem convocado, e pessoalmente assisti á conducção e embarque dos referidos regulares, que do caes d'esta cidade foram conduzidos á nau de guerra, que vem commandando João da Costa de Brito, tudo na fórma das ordens de Sua Magestade, com que o dito conde de S. Vicente vinha munido, e carta regia, que tem o sargento-mór commandante do castello, que em tudo se cumpriu.

«O mesmo sargento-mór commandante me ordenou e a meu companheiro provedor da Fazenda fizessemos o inventario dos bens que existiam no Collegio dos ditos padres, a que satisfizemos, dando-lhe principio no dia 8 do corrente.

«E, para com maior presteza se findar, dividimos o emprego, ficando-me tocando á minha parte a egreja do dito Collegio, alfaias sagradas e mais bens a ella inherentes, e a segunda parte dos bens do Collegio a meu companheiro.

«E de facto já a egreja está entregue ao bispo diocesano d'esta cidade, para o qual Collegio mandou o deão da Sé, que assignou termo no inventario de como a recebeu por ordem do bispo com todos os bens a ella pertencentes e descriptos no proprio inventario, que fiz dar com os sequestros ao sargento-mór commandante do castello para de tudo dar conta a Sua Magestade e no Juizo da Inconfidencia, e deixei ficar o traslado para segurança e procedimentos necessarios.

«Todo o referido ponho na presença de V. Ex.ª, que se servirá expô-lo na Real de Sua Magestade para me ordenar o que fôr servido. — Deus guarde a V. Ex.ª por muitos annos. — Angra, 10 de agosto de 1760 — O desembargador corregedor das ilhas dos Açores, *Henrique Henriques Quaresma de Almeida.*»

O outro documento é a resposta que deu o bispo de Angra, em 11 de agosto de 1760, ás cartas regias de 4 e 5 do mez de julho antecedente, sobre a expulsão dos jesuitas dos Açores, resposta que, a meu vêr, não merece ser aqui transcripta. O que ella patenteia claramente é a triste situação do bispo.

Curvado ou, antes, agachado no seu mesquinho paço, perante o vulto aterrador do ministro omnipotente, e segurando com mão tremula os regios pergaminhos, o bispo lê, assustado, as ordens do conde de Oeiras, a quem, tambem a tremêr, responde: — que tomou as providencias necessarias para que «nem pela interrupção de um só dia» cessassem as praticas do culto nas egrejas dos jesuitas; — que deputou logo o deão e provisor do bispado, dr. Manuel dos Santos Rolim, para assistir ao inventario que se fazia, pelas auctoridades competentes, das alfaias e bens pertencentes á egreja dos jesuitas de Angra, e que pelo mesmo inventario de tudo tomasse posse, persuadindo-o tambem a que fixasse a sua residencia no Collegio, para melhor attender, com os precisos subalternos, á conservação do edificio,

aceio e guarda da egreja; — finalmente, que mandou ordens semelhantes para Horta e Ponta Delgada.

Termina o bispo a sua lenga-lenga por esta ridicula genuflexão:

«A Sagrada Pessoa de Vossa Magestade guarde e prospere o Ceo com as benignas e santas affluencias, que os seus fieis vassallos lhe desejamos, pelo que a nossa felicidade tanto se interessa na conservação de tão preciosa vida.»

Não é preciso pôr mais na carta.

ALBERTO TELLES.

Arte portuguêsa

SILVA PORTO — CAMINHO DA FONTE VELHA (PAÇO DO LUMIAR)

Os amores do Grão-Duque

QUANDO a Condessa entrou vinha visivelmente agitada; o Conde encarou-a fixamente; ella, encontrando esse olhar, comprehendeu que a noticia que ia ouvir era desastrosa.

— Não quer? perguntou em voz baixa.

— Não, não quer, replicou o Conde.

No grande silencio que se seguiu, ficou-se pasmado olhando para o jardim e para as grandes florestas incultas que podiam formar uma tão boa propriedade se houvesse dinheiro para as cultivar.

— Parece-te que estava a serio? perguntou a Condessa anciosamente, passados alguns minutos.

— Muito a serio.

— Mostraste-lhe bem todas as vantagens?

— Parece-me que sim, pelo menos fiz-lhe todas as diligencias. Nos tempos que vão correndo os paes não teem grande influencia no espirito dos seus filhos; temos de lhes supplicar. Suppliquei Gilda. Disse-lhe parte do que seria para nós um casamento tão brilhante.

— Isso em nada a influiria.

— E' verdade, nada influiu; resultados d'uma educação ingleza.

A Condessa levantou-se e veiu sentar-se junto de seu marido tomando-lhe as mãos entre as suas. Não eram nenhuns velhos; sentiam-se mesmo bastante novos para terem ainda ambições ardentes e soffrerem cruelmente ao vêl-as mallogradas.

— Ernesto, parece-me que tu, no teu intimo, dás-lhe razão?

— Quando eramos novos, disse elle empallidecendo, as raparigas não se preoccupavam com o passado dos seus noivos. O escandalo passou ha tanto tempo. Não vejo razão nenhuma para que o Grão-Duque não seja um bom marido para Gilda, lá por causa de uma leviandade que passou. Não será popular, mas ninguem nega que é um valente official.

— Lembra-te que Gilda tem nas veias sangue real, e é muito orgulhosa, disse a Condessa suspirando.

— Parece-me, exclamou o Conde com petulancia, que estás a favor d'ella.

Uma sombra passando por deante da janella que dava para o terraço obscureceu o quarto e logo em seguida entrou uma rapariga.

Gilda von Irmingen não era uma belleza nem se considerava como tal. A' primeira vista dava logo a impressão de uma soberba saude physica e moral. N'este momento a sua airosa e elegante figura estava vestida com uma blusa branca, um cinto de couro rodeava-lhe a delgada cintura, e a saia muito curta mostrava que acabava de andar em bicycleta. Os cabellos castanhos claros deixavam a descoberto a testa formosa e pura; os olhos acinzentados eram francos e confiantes. Sentou-se a um canto da secretária de seu pae, atirou para o lado o chapeu de palha, e começou a descalçar as luvas.

— Então, meus queridos, continuem, bem sei que falavam de mim.

— Gilda, disse a mãe querendo ser severa, não aprecias devidamente a honra que te faz o Grão-Duque.

— Não é nada d'isso, disse Gilda simplesmente. O Grão-Duque não devia pedir

a mão de nenhuma rapariga séria. Se tivesse todos os attractivos, em vez de ser o que é, um homem de meia edade, feio e rabugento, eu não poderia casar com elle. E no fundo do seu coração nem um nem outro desejam esse casamento.

A Condessa acariciou a mão de sua filha.

— Pensa em todo o bem que tal casamento traria, suggeriu docemente. Estás anceando para reformar o mundo, pensa no que poderias fazer se fosses a Grã-Duqueza reinante.

— Minha mãe, nunca se edificou um bom edificio sobre maus alicerces,

— No meu tempo as raparigas deixavam esses cuidados aos seus paes.

— Sim, e que pessimos resultados isso devia dar! Não, mãesinha, deixa que cada um seja infeliz a seu modo, e que não tenham os seus desgostos arranjados de antemão por uma outra pessoa.

— Um bom antidoto para a infelicidade é o poder alliviar a infelicidade dos outros, murmurou a Condessa como que falando sósinha.

— Esse homem deve amar-te, Gilda, aliás não escolheria uma joia n'um cofre tão pobre, disse o pae de repente.

A rapariga riu-se alegremente.

— Póde ter a certeza, meu pae, que elle só veio cá depois de ter procurado em vão algures. A nossa familia é a unica, em Ravenstein, que tem sangue real. O Duque já teria casado ha muito tempo se não fosse o não poder encontrar mulher.

O Conde e a Condessa entreolharam-se. Era inutil appellar para a vaidade d'esta rapariga, os seus olhos eram mais prescrutadores que os d'elles; nem um nem outro queria falar-lhe no que, para elles, era o ponto principal da questão, a sua falta de meios e a sua ambição.

— Se em vez do Grão-Duque fosse o seu irmão Victor, então sim, dir-lhe-ia fazendo uma mesura: Com todo o gosto, meu caro senhor! porque é dez annos mais novo e mil vezes menos feio do que seu irmão. Mas Eberhardt! E' tão sensaborão! Quasi que me não dirigiu a palavra durante todo o tempo que dançou comigo no baile do paço.

— Provavelmente porque pensava muito, replicou o pae com um sorriso triste. Agora, Gilda, procura na tua educação moderna um conselho para teus paes. O Grão-Duque vem ahi ámanhã, incognito, acompanhado só pelo seu amigo o Barão Helso; o motivo apparente é a caça, mas o verdadeiro é o que acabas de ouvir. Que havemos de fazer?

— Ora essa, meu pae, póde vir á vontade; que importa que eu queira ou não casar com elle?

O Conde fixou a sua secretária e começou a desenhar destraidamente sobre uma folha de papel.

Far-lhe-hei comprehender claramente que és tu que recusas casar, porque, infelizmente, os paes já não pódem impôr a obediencia aos seus filhos.

Gilda levantou-se de salto, brilhavam-lhe os limpidos olhos. Approximou-se rapidamente de seu pae:

— Conde von Irmingem, diga-me; se podesse, obrigava-me a casar com o Grão-Duque Eberhardt? exclamou. — Não responde? Bem sabe que o não faria! Tanto meu pae como minha mãe acham a nossa linhagem muito pura para ser assim manchada, embora a mancha se esconda debaixo de regios arminhos! Mas teem medo e querem atirar a responsabilidade sobre uma rapariga! Pois façam-n'o embora, as minhas costas são bastante largas para lhe supportar o peso. E voltando-se, fugiu para o terraço a envolver-se nas folhas que o outomno fazia cair e a banhar-se nos pallidos raios do sol poente.

Os paes olharam um para o outro. Essa creança não realisava, não podia realisar o que era o peso d'uma pobreza de nobres. Tão nova ainda, era natural que só pensasse em si.

E era a sua unica filha!

Eberhardt, Grão-Duque de Ravenstaein, era um homem baixo e de fraca figura, de rosto enrugado, olhos cançados e encovados, cabellos e bigode prematuramente grisalhos. Na apparencia, frio e reservado, o que o tornava pouco popular nos seus estados. A sua fealdade era realçada ainda pela lividez de uma cicatriz na fonte esquerda, um legado que lhe ficara da desmedida coragem com que se batera na batalha de Eldergan.

Ao inclinar-se para beijar a mão de Lady Gilda na sala do velho castello de Irmingen, tinha um ar resignado e triste.

Um gigante loiro que estava atraz d'elle,

e que era o Barão Helso, olhava com desprezo e sobr'olho carregado para essa rapariga que, apezar de pobre tinha a ousadia e a impertinencia de regeitar a mão de seu amo. Gilda estava encantadora com um vestido côr de rosa e perolas nas ondas dos seus cabellos loiros, pondo todos á vontade com o seu alegre sangue frio.

— O tempo está esplendido e as florestas regorgitam de veados; vae fazer uma boa caçada, Alteza.

Eberhardt encarou-a de frente e disse:

— A caça é-me indifferente, Fraülein, já que não posso realisar o desejo do meu coração.

— Deus lh'o conceda, Alteza, qualquer que elle seja, replicou logo.

— Só a Fraülein m'o póde conceder.

— Quer Vossa Alteza alludir ao casamento tão lisongeiro para mim de que o Conselheiro falou a meu pae?!

O Grão-Duque curvou-se.

— Não imaginei que o seu coração estivesse envolvido n'esse assumpto, disse com malicia.

O Grão-Duque animou-se e um subito clarão illuminou-lhe o cançado olhar dando uma certa belleza áquelle rosto banal.

— Se eu lhe affirmasse que sim? Isso fal-a-hia reconsiderar na decisão, Fraülein?

A Condessa affastou o Barão Helso com o pretexto de lhe mostrar um quadro. Gilda atravessou vagarosamente a sala indo encostar-se a uma janella circular que dava para o terraço, onde o sol poente dardejava os seus ultimos raios nos vidros, realçando os brazões que attestavam a antiga e nobre linhagem dos Irmingens. O Grão-Duque acompanhou-a e ella voltando-se de subito disse-lhe com um gesto meigo:

— N'um casamento deve haver dois corações e o meu coração não lhe pertence.

O sol irradiava sobre os seus cabellos louros, doirando-os como que coroando-a de ante-mão. Divirtia-a o papel que desempenhava e a sua educação ingleza habilitava-a a poder apreciar o extraordinario da sua posição e da crise que a sua vida atravessava. Nenhum sentimento para o homem que estava ao seu lado vinha perturbar o seu socego de espirito. Sentia-se senhora da situação. Começar a vida regeitando a mão d'um soberano reinante era dar um exemplo de desinteresse da mulher moderna.

N'UM CASAMENTO DEVE HAVER DOIS CORAÇÕES E O MEU NÃO LHE PERTENCE

Evidentemente, Eberhardt assim o pensava tambem, e olhava para ella com admiração.

— Eu é que sou d'uma estranha ousadia, disse o Duque humilde, estou tão cercado de cortezãos que me esqueço do pouco que valho.

O rosto expressivo de Gilda ruborisou-se.

— Espero que me não julgue tão mesquinha que me deixe levar pelas apparencias; comtudo confesso que tenho um ideal muito elevado. E' um capricho tolo, talvez, mas resolvi que casaria com um heroe ou morreria solteira.

O Grão-Duque fitou aquelle rosto franco e pela primeira vez olhou para ella com a indulgencia com que um velho olharia para uma creança e disse com bondade:

— O que entende por um heroe, Fraülein?

— Um homem com uma honra sem mancha, disse abaixando os olhos, que seja superior; que se sacrifique sem esperar louvores ou recompensa.

Houve uma pausa durante a qual Eberhardt pareceu levar e acceitar em silencio um profundo golpe, mas quando tornou a falar fel-o com meiguice e só nos olhos se lhe lia a dôr que sentira.

— Pensou já alguma vez, senhora, que talvez não reconheça o seu heroe quando o encontrar?

— Ora essa! disse Gilda, rindo; então os heroes são assim tão vulgares que não haverá nenhuma differença entre elles e os outros homens?

— Não é isso, mas parece-me...— fez uma pausa e o seu olhar resignado estendeu-se sobre a floresta que o outomno tingia; havia na sua voz uma nota triste quando concluiu dizendo: Parece-me que um homem que fosse capaz de fazer o que diz seria o ultimo a falar n'isso.

Dizendo isto curvou-se adeante d'ella com a sua fria cortezia germanica e foi ter com a condessa que procurava entreter o Barão Helso, o qual estava bastante aborrecido da vida n'um velho castello da provincia.

Mais tarde, quando o Grão-Duque se achou só nos seus aposentos com o amigo, depois de contemplar por largo tempo as figuras embutidas n'uma velha secretária de pau santo, voltou-se e disse abruptamente:

— Helso, ella sabe; disseram-lh'o, disseram-lhe tudo!

— Deus do céu! exclamou Helso que estava accendendo com grande prazer um enorme charuto. O que vae ser de nós agora que as raparigas ousam criticar a moralidade dos actos dos seus soberanos mesmo na cara d'elle?

— Tocou n'isso muito delicadamente dizendo apenas que só casaria com um homem com uma honra sem mancha.

— Ora, não conheço nenhum no paiz, rosnou Helso. Valha-nos Deus, que exigencias teem agora as raparigas! E' monstruoso!

Fumou por algum tempo em silencio e depois disse: Calculo que quer dizer que ella sabe parte da verdade?

Eberhardt fez um signal affirmativo.

Helso movia-se impaciente na cadeira com os olhos fitos no vulto triste e resignado do Grão-Duque. Levantou-se por fim e approximando-se d'elle tocou-lhe no hombro com um gesto amoravel e terno que fazia lembrar a meiguice d'um elephante.

— Amigo, está deveras apaixonado?

— Deveras.

— A sua felicidade depende do amor d'essa mulher?

— Conhece-me, Helso, e sabe se sou susceptivel de impressões passageiras, comprehende que sentindo com todo o coração, como sinto agora, se me será facil mudar, esquecer.

— Sendo assim, respondeu Helso sacudindo gravemente a cinza do seu charuto, sendo assim, com sua licença, Alteza, ella saberá tudo.

Houve um momento de hesitação — apenas um momento — depois Eberhardt endireitou-se, poz de parte a familiaridade com que falára até então, e respondeu com a entonação de quem ordena a um inferior.

— Com minha licença *nunca!* Barão Helso.

Dizendo isto entrou precipitadamente no seu quarto de dormir fechando a porta com gesto resoluto como quem se refugia contra a tentação.

Helso sentou-se e continuou a fumar.

— Um passeio na floresta de Sauffringen é esplendido, sr. Barão, disse Gilda, mas hoje com um tempo tão incerto! Olhe para aquellas nuvens negras ali no horisonte!

— O vento está norte, Fraülein.

— Sim, mas o barometro?

— N'esta quadra o vento norte e um barometro que desce annunciam o melhor tempo possivel. Sou propheta do tempo; comtudo não quero insistir porque é um passeio bastante fatigante para uma senhora.

Gilda fez ouvir um risinho orgulhoso; e depois d'isto nada a deteria.

Os olhos do Barão Helso brilhavam maliciosamente debaixo das palpebras.

Partiram para esse longo passeio que lhes tomaria todo o dia. Gilda, vestindo um simples amazona á ingleza e um chapeu de

feltro com uma aza de faizão, montava airosa o seu cavallo com o olhar alegre da mocidade que é inexperiente e confiante em si propria.

Caminhavam como de costume, Gilda adeante com o Barão e o pae atraz com o Grão-Duque. Chegando a um descampado, Helso convidou a rapariga para um galope. Quando pararam os outros já se não viam.

— Não faz mal, disse o Barão, vamos pelo caminho mais comprido e iremos apanhal-os na estrada de Auscwitz; conheço muito bem este sitio.

— Eu não o conheço nada, disse Gilda, está fóra dos meus passeios habituaes. Nunca sáio das nossas propriedades. Isto é lindissimo, vamos andando.

Entravam n'um pinhal. O sol dardejava os seus raios sobre elles com aquelle calor intenso que ás vezes se sente antes d'um temporal. O vento norte abatera e a tempestade subia, ameaçadora, do oriente. Como caminhavam para o occidente, Gilda não reparava n'isso, toda entregue ao prazer que sentia em contemplar a soberba paisagem.

— Imagine, viver apenas a uma legua disto e não o conhecer! exclamou.

— Estamos muitas vezes perto de coisas admiraveis sem as conhecermos, disse Helso.

E Gilda, muito grave, respondeu:

— E' muito verdade o que diz.

Sem saber porquê occorreu-lhe á lembrança o rosto grave e cicatrizado, os olhos tristes do homem que tanto a amava. N'estes tres dias que elle tinha passado no castello reconhecera n'elle um homem bem differente d'aquelle que imaginava. Uma ou duas vezes já lhe tinha passado pela mente a ideia que se teria enganado a seu respeito mas, era impossivel.

(Continúa.)

As notas de banco roubadas

Não havia sombras, sequer, de misterio quanto á identidade do individuo que, sósinho e sem cumplices, roubara o Banco Nacional nº 13, no valor de 109.937 dollars em notas e meia duzia de dollars em estampilhas.

Era o Dolan, especialista em arrombar cofres de segurança, apezar da pouca edade, e efectuara uma limpeza radical.

Nem pairava o minimo vislumbre de misterio com respeito ao seu paradeiro. Achava-se trancafiado e seguro num calaboiço, na Estação corrécional, pois fôra capturado um pouco menos de doze horas depois de haver sido descoberto o roubo.

Dolan não offerecera resistencia de especie alguma aos agentes, no acto de ser filado, como tambem não tentava negar, quando foi interrogado pelo detectivo Mallory. Bem sabia que lhe tinham deitado a mão nos devidos termos e mais que legalmente, e que não havia argumentos possiveis, e por consequencia, confessou com assomos de orgulho, como quem se acha conscio de ter feito obra limpa.

Decorreram uns cinco dias depois da captura do meliante, antes de que o caso fôsse submetido ao criterio do celebre professor von Dusen — o tão eximio e reputado *detectivo amador*, que é como se dissessemos o Sherlock-Holmes americano — mas de carne e osso, no presente caso, e não um producto da imaginativa de qualquer emulo *yankee* de Sir Arthur Conan Doyle.

O problêma era, pois, do teor seguinte:

O Dolan, passaro bisnau, apesar dos poucos annos, pois ainda não trintava, era um sujeito que metia serio respeito á policia.

Tinha um cadastro mais que notavel, visto haver sido precoce. Aquelle golpe de mão ao banco devia de ser a sua ultima façanha, e em seguida retirar-se-ia, para gozar os seus rendimentos. Tencionava levar comsigo a mulher, sumir-se, muito á calada, a coberto das barbas crescidas, de uma coarctada de ausencia, ahi para qualquer logar escuso e muito arredado do seu antigo centro de acção. E contudo, a mutabilidade dos acontecimentos, no humano viver, é assunto de um rifão bem conhecido.

Ao passo que o roubo, na essencia, fôra um bico de obra da maxima proficiencia artistica, e em absoluta concordancia com um plano, elaborado nos minimos pormenores com mêses de antecipação, caíra num erro, unico, é certo, mas da maior gravidade. E fôra o ter deixado por descuido a lata em que trouxera a nitro-glicerina no proprio logar da acção. E este acto de inadevertencia dera azo a seguirem-lhe a trilha.

O Dolan e a consorte occupavam três cubiculos numa pobre casa de hospedes. Desde o momento em que a policia se achou de posse dos sinaes da pessoa que comprara o explosivo, os agentes adquiriram confiança no bom exito, pois conheciam o seu homem. Assim, pois, quatro detectivos saga-

zes traziam de olho a mesquinha casa de hospedes. Nem o Dolan nem a mulher ali se achavam quando ali chegaram os agentes, mas, dadas as condições em que encontraram os quartos, perceberam que os inquilinos tencionavam regressar e, nessa conformidade, occuparam os respectivos postos, confiando em ser bem sucedidos.

Sem sombras de suspeita, pois lhe não ocorria o erro palmar que praticara, o meliante voltou cerca das Avé-Marias e galgou de um pulo os cinco degraus da porta da casa de hospedes. Quis o acaso que olhasse para trás, de subito, e pescasse uma cara a esconder-se, á pressa, por detrás de um pilar de um predio, ali ao lado. A luz electrica, porém, lançava para ali um forte clarão, e Dolan conheceu o detectivo Downey, um dos habeis satelites do tão profícuo e experiente Mallory. o mais fino detectivo do corpo policial de Nova-York. O finorio do Dolan nem estremeceu nem se deu por achado; parou um instante, embrulhou um cigarrinho, a matutar no caso.

E se elle, em vez de entrar, fôsse andando, muito socegado da sua vida, por ali abaixo, dobrasse a esquina e, pernas para que te quero?

Mas, no mesmo instante, eis que lobriga outra cara, na direcção da contemplada fuga. Era o detectivo Blanton, um latagão com lume no olho.

O Dolan, a amolar o caso, fumou ametade do cigarro, a olhar, como um parvuo, em frente de si

Sabia de uma porta trazeira abrindo para um passadiço. Quem lhe dizia a si se os detectivos se haveriam esquecido de a guardar? Atirou fora a ponta do cigarro, entrou no predio, muito senhor de si, e fechou a porta. Galgou num pulo a loja, extensa e pouco limpa, que acompanhava o edificio em todo o comprimento, e abriu de repelão a porta trazeira. Recuou, de golpe, — lá fora outro detectivo, aquelle melro do Cunningham!

Eis lhe acode uma inspiração!

O telhado! O predio tinha quatro andares. Enfiou, como uma séta, escada acima, e ia já a meio caminho do ultimo, mas estacou. Lá de cima, feriu-lhe o olfacto a baforada de um pessimo charuto, e em seguida o trilhar compassado de umas botas pesadas. Outro detectivo! Com o coração mais pequeno que uma ervilha, desceu em pés de lan por ali abaixo, abriu a porta do seu coio com a chave do trinco e entrou.

Fechou-se por dentro e sentou-se, a analisar a situação. A respeito de escapúla, nem esperanças! Achava-se bloqueado por todos os lados e o virem deitar-lhe a unha era apenas uma questão de tempo. E agora, calculava elle, só estavam á espera do regresso da esposa. Podia brigar pela propria liberdade, já se vê — dar cabo de um, de dois, talvez, dos agentes que estavam á sua espera. Semelhante alvitre, contudo, apenas serviria para lhe grangear a propria morte. Se tentasse fugir, esquivando a qualquer dos policias, render-lhe-ia isso um ou dois tiros nas costas. E dahi, o morticinio repugnava á alma artistica de Dolan. De nada lhe aproveitaria. Mas poderia elle avisar a Isabel — sua esposa? Receava que ella viesse caír na ratoeira, conforme lhe havia acontecido a si, e ella não tinha nada que vêr com o negocio.

Depois, com receio de que regressasse a mulher, mudou-se, de golpe, no temor de que ella o não fizesse. E lembrou-lhe, de repente, que lhe era indispensavel falar-lhe. A policia não podia inclui-la no roubo, de modo nenhum; poderiam tê-la debaixo de prisão, por uns tempos, mas depois, teriam que a soltar, visto a sua innocencia daquelle crime especial estar absolutamente fora de questão. Mas se a filassem antes de que ella regressasse, a pobre da rapariga achar-se-ia sem recursos: e era isso uma contingencia com que Dolan não se podia conformar. Existia uma centelha de ternura, de humanidade, naquelle bronzeo coração, e para si, lá no calaboiço, seria um refrigerio o lembrar-se de que ella se achava ao abrigo de necessidades. Aparecesse ella, quanto antes, e dir-lhe ia onde é que o dinheiro...

Durante dez minutos ponderou o caso sob todas as fases possivel. Participar-lhe numa carta onde é que arrecadára o pé de meia? Nada disso. Iria parar ás mãos da policia; a coisa era inevitavel. Em cifra? Nunca lhe chegaria ás mãos. E como havia de ser? Como? como?

E elle, a todo o instante, á espera de um clamôr, á porta, significando que a policia estava com elle a contas. Bem sabiam elles

que o tinham á mão de semear. Qualquer expediente para que apelasse tinha de ser rapido.

Tomou o fôlego, e pôs-se a embrulhar outro cigarro. Com a delgada mortalha em uma das mãos e na outra a bolsa do tabaco, surgiu-lhe uma inspiração.

Deixaram-n'o em paz, sósinho, para ali, coisa de uma hora. Até que por fim o seu ouvido sagaz apreendeu o palmilhar subtil de uns pés, na loja, e em seguida um trupitar, imperativo, na porta. A policia, manifestamente, havia-se receado de prolongar a espectativa. O Dolan estava encostado a uma máquina de costura, quando ouviu a chamada. Por instincto, levou a mão ao revolver, depois pô-lo de parte e encaminhou-se para a porta.

— Quem é? preguntou.

— Abra a porta, Dolan, foi a resposta.

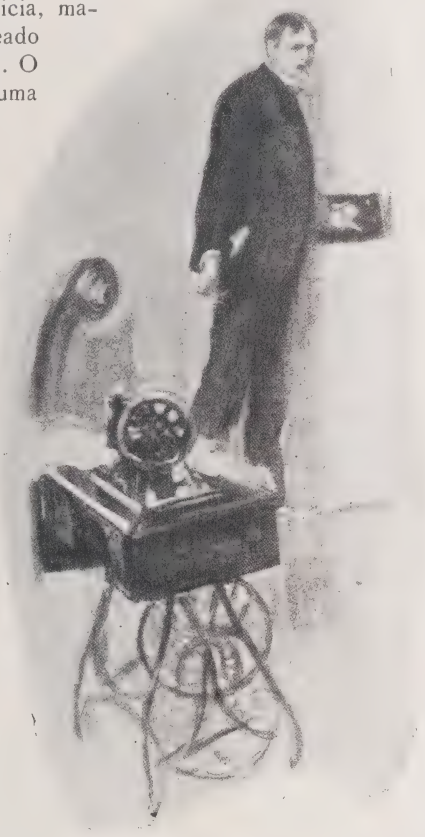
— E' você, Downey? perguntou Dolan.

— Sou. E olhe lá não se espéte, amigo. Sômos três. cá fora, e o Cunningham está no passadiço, á coca das suas janélas. Tem as saídas cortadas.

Por um instante, por um instante apenas, Dolan vacilou. Não era porque se arrependesse, nem porque lhe metesse mêdo a cadeia — era a pena de ser filado. Havia urdido o seu plano, de tão diverso modo, — e que magua não iria sentir a rapariga, coitada! Finalmente, com uma rapida olhadéla, desfechada á máquina de costura, abriu a porta. Três revolvers apontados á cara, com uma unanimidade traduzindo a primôr a opinião da policia a respeito do individuo. Dolan ergueu, rapido, as mãos acima da cabeça.

— Holá — abaixo as armas, expostulou. Não sou nenhum doido. A minha pistola está ali, em cima da cama.

O detectivo Downey, mediante investigação pessoal, corroborou a declaração, e abaixaram-se os revolvers.



É VOCE, DOWNEY? REPERGUNTOU DOLAN

— O chefe precisa de você, declarou o agente. E' a respeito da tal chalaça do Banco Nacional.

— Pronto! respondeu Dolan, muito socegado, e ergueu as mãos para receber os anjinhos.

— Olhe lá, Dolan; você poupava-nos um trabalhão se nos dissesse onde encaixou o dinheiro.

— Lá isso poupava — foi a resposta ambigua.

O detectivo Downey olhou para elle e percebeu. Foi chamado lá do passadiço o Cunningham. Este e Downey ficaram no aposento, e outros dois agentes carregaram com o Dolan. No decurso natural dos acontecimentos, compareceu o preso perante o detectivo Mallory, na Estação central da policia. Conheciam-se de perto, profissionalmente.

O Dolan fez a sua franca declaração, desde o inicio do plano até á propria realização do crime. O detectivo, repimpado na poltrona, e com os pés assentes na secretária, a escutar. Até que, por fim, inclinou-se para o reu.

— E onde pára o dinheiro? indagou.

Dolan estabeleceu uma pausa, sufficiente para embrulhar o competente cigarrinho.

— Isso é comigo; respondeu prazenteiro.

— Eu, se fôsse a você, declarava-o, insistiu o detectivo. Já se deixa vêr que havemos de dar com elle, mas poupava-nos trabalho.

— Aposto um chapeu novo, em como não são capazes de o encontrar, replicou o Dolan; e um clarão de ufanía a luzir-lhe nos olhos. — E eu, extra-oficialmente, aqui, de homem para homem, aposto um chapeu novo em como não são vocês que lhe põe o dedo em cima.

— Isso, veremos — atacou o detectivo.

Varou com a vista o preso. Este, contudo, revidou-lhe a olhadéla, sem pestanejar.

— Safar-se-ia com elle a sua mulher?

A pregunta participou ao Dolan que a mulher não fôra capturada.

— Não, respondeu elle.

— Está no seu coio?

— O Downey e o Cunningham lá andam ambos a barafustar — foi a resposta. — Dir-lhe-ão o que encontraram.

Prolongou-se o silencio, uns minutos, agente e preso de olhos pregados um no outro. Sempre que um ladrão se nega a pés juntos a responder a preguntas, torna-se um sujeito dificil de manejar.

Havia o «terceiro grau», é certo, mas o Dolan era homem para se rir disso; a especie de homem de quem, todo e qualquer alvitre, além de tormentos fisicos, jámais conseguiria sacar qualquer resposta que elle não quisesse dar.

O detectivo Mallory estava mais do que sciente daquella teimosia, caracteristica da indole do criminoso.

— O caso resume-se no seguinte, expôs o Dolan finalmente. Roubei o banco, safei-me com o dinheiro, e elle, agora, está onde os senhores nunca serão capazes de dar com elle. Fi-lo sósinho, e resigno-me a engulir a pilula. Ninguem me ajudou. Minha mulher, — e sei que os agentes estavam á sua espera antes de me deitar a unha, — minha mulher, repito, não tem nada que vêr com o negocio, e pode prová-lo. E com isto, tenho dito tudo. E contentem-se, que não me sacam mais nada.

O detectivo Mallory piscou os olhos.

— Você vae declarar-me onde é que pára o dinheiro — refunfunhou — quando não... quando não, empenhar-me-ei para que apanhe...

— Vinte annos é o limite absoluto — atalhou o Donald, muito placido, — conto apanhar vinte annos, e é o peór que me póde arranjar.

O detectivo olhou para elle, carrancudo.

— E dahi, — proseguiu o Dolan — não me acharei sósinho, lá para onde os senhores tencionam pregar com este seu criado. Conto por lá com mais de um amigo. Eu proprio já lá estive. Por signal que um dos carcereiros é um barra a jogar o *bridge*. Nem sei quem lhe leve as lampas.

Conforme se dá com um rôr de individuos, que se vêem levados á parede, o detectivo tentava aplacar a propria indignação vibrando invectivas ao preso, ameaças, promessas; dando-lhe mel pelos beiços, descompondo-o. Trabalho perdido. Dolan não dava sinal de si. Até que por fim o levaram por ali fora e atruzaram com elle no calaboiço.

Dali a minutos compareceram Downey e Cunningham. Uma olhadéla revelou ao chefe que o não podiam elucidar, quanto ao paradeiro da quantia roubada.

— Vocês têm qualquer desconfiança do sitio onde pára? indagou o chefe.

— Não, senhor chefe; mas tenho uma ideia mais que assente do sitio onde elle não está, retorquiu Downey, arreliado. Não se acha lá no coio. Não nos ficou uma polegada de espaço por esquadrinhar, nem um só objecto que não desmanchassemos em bocadinhos. Ali, nem raça; escondê-lo-ia antes de o filarmos.

— Bem, levem a gente de que precisarem e não arredem pé de lá, — fôram estas as instrucções do chefe Mallory. — A proposito, um de vocês que traga á minha presença a mulher do Dolan. Estou convencido de que não meteu mão na empreitada, mas talvez saiba qualquer coisa, e eu cá, sei puxar pela lingua ás mulheres.

O detectivo Mallory apregoava o predicado, como se fôra uma prenda de que devesse ufanar-se.

— Agora, o que nos resta fazer, é apanhar á unha o dinheiro. Fica a meu cuidado o conservar incomunicavel o patife do Dolan.

— Que elle sempre haverá probabilidades, sugeriu Downey, de um espertalhão como o Dolan se ter valido de uma carta

em cifra, ou de qualquer observação indirecta, afim de a informar de onde pára a quantia, dado que ella o não saiba, e temos que ter cautela com isso.

— Tem-se cautela, declarou Mallory com enfase. Ao Dolan, por enquanto, não se lhe consentirá o falar seja com quem fôr, nem mesmo com o proprio advogado. Pode vir a fraquejar, mais tarde.

Foi, porém, correndo dia atrás de dia, e o Dolan sem dar sinaes de fraquejar. A mulher, neste comenos, fôra capturada, e submetida ao «terceiro grau.»

Concluida a referida prova, o detectivo Mallory convencera-se de que era inteiramente alheia ao roubo, e de que não tinha a minima ideia quanto ao paradeiro da quantia.

Dolan requisitou meia duzia de vezes licença para lhe falar ou escrever. E de cada vez recebeu negativa peremptoria.

Jornalistas, com inspiração ou sem ella, tinham buscado o dinheiro baldadamente; e a policia andava na investigação dos factos e gestos de Dolan, desde o momento da aparição deste nos degraus do predio onde residia.

Esperavam, por este meio, alcançar indicios de onde elle escondera o dinheiro, visto que a ideia de elle estar escondido no coio fôra posta de banda. O Dolan restringia-se a não abrir bôca.

Até que, finalmente, um dia, o Hutchinson, reporter, procedeu a uma busca minuciosissima no coio do Dolan, pela quarta vez, e depois dirigiu-se á Estação policial, para conferenciar com Mallory. Emquanto elle ali estava, compareceram o presidente e dois directores do banco victimado. Estavam arreliadissimos.

— Haverá quaesquer vestigios do dinheiro? indagou o presidente.

— Ainda não, respondeu Mallory.

— Ouça lá, não poderiamos conferenciar com o Dolan, uns minutos?

— Quando nós não conseguimos sacar-lhe coisa nenhuma, que vão lá fazer os senhores? replicou o detectivo. E dahi, isso em nada pode prejudicar. Venham comigo.

O Dolan não deu mostras de lhe agradar sobremaneira a visita. Assomou ás grades do calaboiço e pôs-se á espreita. Apenas quando lhe apresentaram o presidente do banco, pareceram interessá-lo os visitantes. O interesse assumiu a fórma de um riso de mofa.

O presidente trazia qualquer coisa importante na ideia, percebia-se, e procurava o melhor modo de a expressar. Falou baixo uma ou duas vezes com os companheiros, e o Dolan, curioso, a observá-lo. Até que por fim se voltou para o prêso.

— O senhor admite haver roubado o banco? preguntou.

— Nem é preciso negá-lo, replicou Dolan.

— Muito bem; e o presidente hesitou um instante. O conselho dirigente reuniu, esta manhan, e falando em seu nome, desejo comunicar-lhe alguma coisa. Se acaso nos informar do paradeiro da quantia, farêmos a diligencia, depois de a rehavermos á mão, por lhe reduzir a pêna a metade do tempo. Por outras palavras, o senhor não deu trabalho á policia, segundo me consta, confessou o crime, e tudo isto, juntamente com a restituição da quantia, ser-lhe-á levado em conta, proferida a sentença. O maximo da pêna, ponhâmos que sejam vinte annos, conseguiremos reduzir-lha a dez, se recuperarmos o dinheiro.

O detectivo Mallory não parecia estar muito convicto. Avaliava, ao que parecia, a futilidade do prometimento, mas nem palavra. A proposta sempre pode vir a dar em resultado qulquer solução, como ponto de partida.

— Não me cheira: declarou Dolan, finalmente. Estou com vinte e sete annos. Vêm a perdoar-me, para ahi dois, por bom comportamento — e venho a apanhar, efectivamente, dezoito. Ao cabo desse prazo de tempo apanho-me á solta com cento e nove mil dollars, e fico rico para em quanto viver e podendo retirar-me do oficio, aos quarenta e cinco annos. Por outras palavras, em quanto estiver de gaiola, é como se estivesse a trabalhar, com um salario redondinho a valer, — coisa que merece bem a pena. — Não haverá muito individuo apto a retirar-se aos quarenta e cinco annos.

O presidente avaliou devidamente o que havia de veridico naquella declaração. Era o ponto de vista de um homem, para quem a prisão nem por isso involve uns terrores por ahi além, — de um homem resignado a

permanecer em clausura, pelo espaço de dezoito ou vinte annos, por certas considerações. Voltou-se para os dois directores e puseram-se a cochichar todos três.

— Mas vou dizer-lhe o que tenciono fazer — disse o Dolan, após uma pausa. — Se os senhores assentarem em me arranjar só dois annos, por exemplo, prontifico-mo a restituir-lhes metade da quantia.

Produziu-se um silencio. O detectivo Mallory pôs-se a passear pelo corredor, fora do alcance da vista do prêso, e chamou á puridade o presidente, com um aceno de cabeça.

— Annuam á proposta; insinuou. E' possivel que elle ceda.

— Mas se não ha possibilidade em se conseguir?... Que acha?

— Não, com certeza, respondeu o detectivo; mas digam-lhe que sim. Apanhem-lhe o dinheiro, se puderem, que nós, ao depois, mais por aqui mais por acolá, têmo-lo na unha.

O presidente ficou-se a olhar para elle, pasmado, vagamente indignado com a deslealdade do alvitre; mas venceu a cobiça.

Voltou a acercar-se do postigo gradeado.

— Concordamos, senhor Dolan, declarou, de chofre. — Estabelecer-se-lhe-á uma sentença de dois annos, a troco do dinheiro.

— O Dolan esboçou uma risadinha.

— Está dito — respondeu elle.

— Se me dessem uma sentença de dois annos, e se um advogado de nome arranjar as coisas de modo que o caso não possa ficar sujeito a revisão, declaro-lhes aonde podem ir buscar a metade.

— Já se vê, contudo, que tem de no-lo declarar primeiramente; replicou o outro.

— O Dolan pôs-se a rir á escancara. Era uma risadinha socarrôna, insinuante, acusadora, como se dissessemos, informando o presidente do banco de que o contemplado ludibrio estava desmascarado. O presidente entupiu, por instantes, vermelho como um pimentão.

— Nada feito, declarou o Dolan, e sumiu-se na penumbra do calaboiço, como se o caso deixasse de o interessar em absoluto.

— Mas — mas — é que nós precisamos do dinheiro, desde já! gaguejou o presidente. A quantia é avultada, e causou-nos grave transtorno.

— Muito bem — respondeu o Dolan, como que por demais. — Quanto mais de pressa eu apanhar os dois annos mais depressa a apanham tambem.

— Mas como se poderá... assentar?...

— Isso é lá com os senhores.

E disse. O presidente e os dois directores do banco fôram por ali fóra, a arder com a decepção. O presidente demorou-se um bom pedaço, no gabinete do chefe Mallory, para desabafar.

— De acordo que foi um acto brilhante por parte da policia, a captura do Dolan, declarou causticamente; mas para nós não nos aproveitou em coisa nenhuma. O que eu sei, em conclusão, é que ficámos sem uns cento e nove mil dollars.

— Palpita-me que assim será, assentiu o detectivo; a não ser que os venham a encontrar.

— Pois sim — mas por que é que o senhor os não encontra?...

O detectivo Mallory teve que desistir do assumto.

Que faria o Dolan do dinheiro? preguntava ao professor von Dusen o Hutchinson, reporter. O insigne homem de sciencia e logico inexcedivel estava refestelado, com a cabeça encostada a uma almofada e a entortar os olhos para o vacuo.

— Não se acha no predio. Tudo indica que o escondeu em outro sitio.

— E a mulher do Dolan? indagou o professor, naquella sua voz perpetuamente irritada. Parece-me concludente o ella ignorar de todo onde se acha a quantia.

— Foi submetida ao terceiro grau, expôs o reporter — e se o soubesse tê-lo-ia declarado.

— E ella residirá ainda no predio?

— Não, senhor. está em casa de uma irman. — E os aposentos dos conjuges estão fechados e trancados — quem tem a chave é o Mallory. Elle tem procedido com o maximo cuidado. Não se tem consentido ao Dolan o falar ou escrever á mulher, com receio de que elle lhe declarasse onde escondeu o dinheiro; nem lhe permitiram o communicar com quem quer que fôsse, inclusivé o advogado. Elle viu-se com o presidente do banco e com dois directores, mas é natural que lhes não desse recado algum para a mulher.

O professor, sem dar palavra. Para ali esteve cinco, dez, vinte minutos, com os dedos compridos, esmagriçados, juntos ponta com ponta, a envesgar os olhos, pasmados, para o tecto. E o reporter, paciente, á espera.

— Com certeza, — reatou finalmente o professor, — cento e nove mil dollars, ainda mesmo em notas grandes, fariam um masso de imenso volume, e muito dificil de esconder, num aposento que tem sido esquadrinhado de fio a pavio. Podemos supôr, portanto, que não se acha ali. Que é que os detectivos souberam com respeito aos actos do Dolan, desde que este praticou o roubo até o momento em que o prenderam?

— Coisa nenhuma, respondeu o reporter, nada absolutamente. Dir-se-ia haver-se sumido pelo chão abaixo, por uns tempos. E esse intervalo aproveitá-lo-ia elle para sumir o dinheiro. Urdira optimamente o seu plano.

— Haveria probabilidades, certamente, mediante as simples regras da logica, em não nos mexermos daqui, e fixarmos terminantemente o paradeiro da quantia, mas levaria muito tempo. Principiariamos pela ideia, por exemplo, de que tencionava fugir. As respostas a estes quesitos, até um certo ponto poder-nos-iam esclarecer, quanto ao sitio provavel onde se encontra o dinheiro, pois lembremo-nos de que se deveria achar onde estivesse accessivel, em caso de fuga. O processo, não obstante, seria morosissimo. O melhor, talvez, seria levar o proprio Dolan a confessá-lo.

— Sería, se elle o confessasse, concordou o reporter; elle, porém, é mudo a ponto de exasperar, assim que se menciona o dinheiro.

DOLAN NÃO DEU MOSTRAS DE LHE AGRADAR SOBREMANEIRA A VISITA

— Naturalmente, observou o sabio. Mas pouco importa. Não tenho duvidas quanto ao elle informar-me a semelhante respeito.

Nessa conformidade, o reporter e o pro-

fessor fôram procurar o chefe Mallory. Encontraram-no engolfado em funda abstracção. Ergueu os olhos para os intrusos, com alivio, por assim dizer. Sabia intuitivamente do que se tratava.

— Se fôr capaz de desencantar onde elle encaixou o tal dinheiro, senhor professor, eu... eu... em summa, o senhor pode lá!

O professor envesgou a vista para os olhos do agente, pensativo, e os cantos da rectilinea bôca descaíram-lhe com expressão reprobativa.

— Prefigura-se-me que terá havido, talvez, um excesso de cautela, chefe Mallory, declarou. Não ponho duvida em que o Dolan não deixará de me informar de onde se acha a quantia. A mulher, segundo me parece, encontra-se absolutamente falta de recursos?

— E' certo, foi a resposta. Está ás sôpas da irman.

— E elle tem-se farto de pedir que lhe consintam escrever-lhe ou falar-lhe?

— Tem, duzias de vezes.

— Bem, ora suponhâmos que o deixam falar com ella? sugeriu o professor.

— Ora essa! Morrendo por isso está elle, resmungou o detectivo. Se chega a falar com ella, estou certo de que, deste ou daquelle modo, por palavras, gestos ou olhadélas, não deixará de a informar de onde se encontra o dinheiro. Actualmente, contudo, sei que ella o ignora de todo.

— Pois bem, se elle a informar, não nos informará a nós, tambem? preguntou o professor com certa impaciencia. Se acaso o Dolan se empenha em dar a conhecer o paradeiro da quantia á mulher, por que é que o não deixam falar com ella? Elle que lhe dê a informação desejada. E ouso afirmar que, se ella fôr bastante sagaz para interpretar uma palavra emitida com referencia ao assunto em questão, eu, por mim, não o serei muito menos.

O detectivo pôs-se a pensar no caso.

Estava farto de conhecer aquelle ginja do nosso sabichão da cabeçorra desconforme; e sabia, alias, dos assombrosos resultados atingidos pelos métodos, divergindo em absoluto daquelles de que se valia a policia. No presente caso, todavia, duvidava, francamente.

— Faça o seguinte, continuou o professor. Mande vir aqui a mulher, e deixe-a passar pelo calaboiço do Dolan e falar-lhe, de modo que elle saiba que é ella; depois, deixe-a manter com elle conversação, mas sem que elle lhe ponha a vista em cima. Trate de se intender com um taquigrafo, sem que nenhum delles esteja sciente; que vá assentando a quanto elles disserem, *ipsis-verbis*. Passe-me para a mão uma copia da palestra, e veja se entretem a mulher, um pedaço, afim de que eu tenha tempo de estudar o caso um tanto ou quanto. No caso de elle lhe dar uma deixa, descobrir-lhe-ei o dinheiro.

Não resumbrava o minimo vestigio de pessoalidade no tom rabujento do ginja. Dir-se-ia meramente uma exposição de factos

O chefe Mallory, de olhos postos na cara chupada do logico, vacilava entre a duvida e a espectativa, até que por fim consentiu na experiencia.

Mandou vir a mulher, que acudiu pressurosa, collocou um taquígrapho no calaboiço contiguo ao do Dolan, e a mulher foi levada através do corredor. Quando parou em frente do calaboiço do Dolan, este estremeceu, e investiu para ella soltando uma exclamação. Depois levaram-n'a um pouco fóra do alcance da vista do marido.

Com o rosto comprimido de encontro aos varões do postigo, Dolan espipava os olhos para o chefe Mallory e para o reporter. E nos olhos lia-se-lhe uma expressão de terrivel ferocidade.

— Que destino tencionam dar-lhe? preguntou.

— Dolan, Dolan! clamava a joven.

— E's tu, Isabel? preguntou elle por sua vez.

— Disseram-me que querias falar comigo, expôs ella.

E arfava, ferinamente, tentando sacudir as mãos que a continham fóra do alcance da vista do esposo.

— Que trica é essa, Mallory? preguntou o prêso.

— Você não disse que desejava falar com ella? replicou Mallory. Pois ahi a tem, fale. O que não pode é vê-la.

— Ah! Elle é isso, hein! rosnou Dolan. Para que fôi, então, que a trouxe aqui? Vem debaixo de prisão?

— Dolan, Dolan, interpôs a voz da mu-

lher. Não me deixam chegar ao alcance de nos vêrmos.

Produziu-se instantaneo silencio. O reporter, oprimido pelo sentimento de que estava presenceando, a seu pezar, uma tragedia familial, foi indo, em bicos de pés, para o ponto para onde se desviara o professor, fora do alcance dos olhos afuruadores do Dolan. O professor, a conjugar as pontas dos dedos, e dali a nada, o detectivo a vir ter com elles.

— Isabel, voltou Dolan a chamar.

Era um murmurio, quasi.

— Não digas palavra, Dolan, offegava a joven. O Cunningham e o Blanton têm-me agarrada; os outros estão de ouvido á escuta.

— Não desejo dizer-te seja o que fôr, respondeu o Dolan com todo o socego.

— O que eu queria era vêr-te. Quero saber se vaes indo sem novidade. Ainda lá estás em casa?

— Não, fui para casa de minha irman; foi a resposta. Estou sem dinheiro, não posso ficar vivendo lá na casa.

— Vão pregar comigo por ahi além, não sei se sabes?

— Sei; e havia como que um soluço na voz. Assim o não soubesse!

— E que apanho o limite — vinte annos?

— Tambem sei.

— Podes ir-te remediando? indagou Dolan. Poderás fazer qualquer coisa da tua parte? insistiu elle, solicito.

— Farei a diligencia, foi a resposta. Ai, Dolan, Dolan, para que havias tu?...

— Mau, deixemos isso, atalhou elle impaciente. Não remedeia nada o estar a carpir coisas passadas. Não foi isto que eu projectei, minha filha, mas é assim mesmo, e tenho que aguentar. Tenciono alcançar a atenuação dos dois annos, por bom comportamento, e depois...

Havia no tom da voz uma ameaça, que não passou despercebida aos que o escutavam.

— Dezoito annos, — ouviu elle lamuriar a Isabel.

Por instantes, os labios de Dolan comprimiram-se, rigidos, e naquelles instantes lastimava elle uma coisa, — lastimava não ter morto o Blanton ou o Cunningham, antes do que submeter-se á prisão. Sacudiu a ira com esforço.

— Não sei se jámais me consentirão que te veja, — disse com desespero, — emquanto eu me negar a declarar-lhes onde é que pára o dinheiro; e sei que nunca me permitirão que te escreva, com medo de que eu te diga onde o escondi. E, portanto, percebo que será esta a despedida. Custa-me, a valer, rica filha!

Ouviu-a chorar e arremeteu contra a grade, furibundo. Passou-lhe de repente. Não devia esquecer que ella se achava sem recursos, e o dinheiro... aquella imensa riqueza!...

— Uma coisa ha que tens que fazer por minha causa, Isabelinha, disse elle, já mais socegado. Lá essa obra da choradeira não adianta mesmo nada. Vê se espertas e espera — espera por mim. Dezoito annos não é nenhuma eternidade; ambos estamos novos, e... Mas deixemos isso. O que eu queria era que fôsses lá ao coio e — sabes — o meu casacão côr de castanha, de inverno?

— Bem sei. O velho? perguntou ella.

— Tal qual, respondeu elle. Faz um frio dos diabos, nesta cafúa. E tu, assim que elles te soltarem, vae lá a casa e vê se coses ao casacão aquella farpa grande, por baixo da manga direita, e se m'o mandas. E' o ultimo favôr que te peço, provavelmente, até daqui a muito tempo, e por isso, vê se m'o fazes, ainda esta tarde.

— Pois sim, sim, respondeu ella, lacrimoza.

— O rasgão é na folha interior da manga direita, e não te esqueças de o coser, — insistiu o Dolan. — Quando eu fôr chamado ao tribunal, é possivel que tenha occasião de te vêr, e, então...

Pôs-se de pé o professor e espreguiçou-se um quasi nada.

— Eis tudo que nos é necessario, chefe Mallory — declarou. — Conserve-a debaixo de prisão, até eu lhe dizer que a soltem.

O Mallory fez um aceno ao Cunningham e ao Blanton, e lá foram carregando com a mulher, num berreiro. O reporter estremeceu algum tanto e Dolan, sem perceber o que se estava dando, atirou-se ás grades do postigo, tal qual uma féra na gaiola.

— Gabo-lhe a esperteza, amigo; rosnou assim que bispou o chefe Mallory. — Pensava, talvês, que eu lhe ia dizer onde estava

o dinheiro? Isso, nicles — e perca a esperança de o vir a saber — nem daqui a um milhar de annos.

Acompanhado pelo professor e o reporter o detectivo voltou para o seu gabinete: Iam calados, todos três, mas o chefe, de vez em quando, tentava ler nos olhos do professor.

— E agora, senhor Hutchinson, já sabemos onde pára o dinheiro, declarou o professor, muito socegado da sua vida. — Vá alguem, imediatamente, á morada do prêso, e traga o casacão a que elle se referiu. Estou persuadido de que o segredo se relaciona com o casacão.

— Mas se dois dos meus agentes já revistaram o tal casacão? protestou o chefe.

— Isso não quer dizer coisa nenhuma; refilou o sabichão.

O reporter abalou sem replicar.

Dali a meia hora, ei-lo de volta com o casacão. Era um traste vulgar, com bastante uso, e a precisar de concerto, não só na folha interior da manga, senão que ainda por outros sitios. O professor, quando o viu, abanou a cabeça, abruptamente, como se fôsse, á justa, aquillo que esperava.

— O dinheiro não pode ahi estar, ia apostar a cabeça! declarou o chefe Mallory, peremptoriamente. — Nem cabia ahi.

A Máquina pensante vibrou-lhe uma olhadela, em que havia um toque de compaixão.

— Bem sabemos; replicou elle; que o dinheiro não se acha no casacão. Mas não lhe ocorre que é mais que possivel a existencia de um papel, em que o Dolan tenha escrito onde é o esconderijo? Não lhe ocorre o elle ter pedido com tanto empenho este sobretudo, — que é tão inferior ao que agora usa — com o fim obvio de atraír sobre elle a atenção da mulher? Não vê que foi o unico objecto definido a que elle se referiu, sabendo que havia todas as probabilidades em não lhe consentirem o tornar a vê-la, Deus sabe até quando?

Assim, pois, o casacão, costura por costura, foi absolutamente desmanchado. Cada peça, a seu turno, submetida a exame minuciosissimo. Mas sem resultado, O chefe Mallory, francamente, declarou ser méro trabalho perdido, e quando a prenda se achou reduzida a retalhos de fazenda e de fôrro, propendia a alardear triunfo. O professor cada vez mais meditabundo.

— A coisa far-se-ia com mais antecipação, — cogitava o sabio, e naquello zimborio, que lhe supria a testa, principiou a delinear-se uma pauta de rugas.

— Ah! senhor Hutchinson, tenha a bondade de ir ao tal coio, revolva as gavetas da máquina de costura, ou o açafate respectivo, e hade encontrar um novêlo de fio côr de castanha. Queira trazer-m'o.

— Como é que o senhor sabe que existe ali um novêlo dessa côr? indagou o detectivo.

— Sei-o porque o nosso amigo reporter m'o vae trazer; revidou o professor. — Sei-o pelas mais rudimentares regras da logica.

O reporter meteu por ali fora.

Dali a meia hora estava de volta com o novêlo da côr indicada.

Os dedos lividos do professor von Dusen aferraram-n'o com ancia, e os seus olhos vesgos, aguados puseram-se a examiná-lo. Uma porção da linha havia sido gasta, o novêlo achava-se reduzido a metade. O nosso sabio notou, contudo, — e nos olhos a luzir-lhe o triunfo — que o rotulo em ambas extremidades do carrilho estava ainda no seu logar.

— E agora chefe Mallory — disse elle — vou demonstrar-lhe que, no caso do Dolan, a policia se está vendo a braços com um homem muito além de ladrão vulgar de estabelecimentos bancarios. Olhe para isto!

Raspou a canivete os rotulos de papel e espreitou pelo buraco do carrilho. Por instantes, leu-se-lhe na fisionomia o maximo espanto e extrema decepção. Dopois, pôs o carrilho em cima da mêsa, e envesgou para elle os olhos, em silencio absoluto.

— Deve de estar aqui — disse por fim. — Forçosamente! Alias, por que é que elle?... Pois ja se vê! — Com dêdos velozes pôs-se o desdobrar a linha. Vara atrás de vara a desenrolar-se-lhe na mão, até que finalmente, na camada dôr de castanha, despontou uma tira branca. Acto continuo, a Máquina pensante ostentava na mão uma folhinha de papel, dêlgadinha como uma mortalha de cigarro. Fôra enrolada no carrilho e o fio dobado por cima, tão liso e tão egual, que era impossivel o perceber que tinha sido desdobado.

O detectivo e o reporter, pendurados por cima do hombro do sabio, a observarem a manobra, no auge da curiosidade. — Desdobrou-se a mortalha do cigarro — apresentava um dizer escrito a lapis. O professor fôi-o decifrando, de vagar.

— «47, rua de Causeway, rez-do passeio — decima lage, contando da esquina — nordeste.

E ali se achou o dinheiro — 109,437 dollars. O predio achava-so devoluto, e muito perto de um caes, donde largaria dentro em breve um vapôr singrando para a Europa. Com meia hora de antecipação, Dolan encontraria facilidade em recobrar a quantia, e isto sem despertar de modo algum as suspeitas de quem quer que o andasse vigiando. Visto que uma loja de bebidas, contigua, abria para um saguão, nas trazeiras, e uma janéla escangalhada lhe proporcionava facil acesso ao seu thesouro.

— O raciocinio do Dolan era o seguinte; opinava o professor — ainda quando lhe não permitissem o tornar a ver a mulher, esta não deixaria de se servir do carrilho, e com o andar do tempo viria a encontrar a direcção, afim de topar com o dinheiro. Além disso, opinava que a policia nunca viria a suspeitar de que um carrilho encerrava o segredo de que ella andava em busca, tanto tempo havia.

A sua conversa com a mulher, tivera por fim unico atraír-lhe a atenção para qualquer coisa que a levasse a fazer uso da linha côr de castanha. Apenas lhe ocorreu o casacão. E eis quanto se deu, na minha opinião.

O Dolan recebeu, sucumbido, a triste surpreza, quando lhe deram a noticia de se haver encontrado o dinheiro. Mas nem por isso o abandonou um certo estoicismo filosofico. Olhou, espantado, para o chefe Mallory, ouvindo a historia com absoluta incrudelidade, e afinal, voltou-lhe as costas e foi-se sentar na enxerga.

— Lavre lá dois tentos, chefe Mallory — nunca o julguei capaz de lhe dar volta. E caso é que lhe fico a dever um chapeu.

Versão do inglês por Manuel de Macedo.

Segundo S. Matheus

Pintado e repintado, n'essa idade,
Na do limite, no dizer d'agora,
Deixa a hedionda mulher, que te devora,
E te expõe aos motejos da cidade.

Eu não te digo que te mettas frade,
Que uma vida nas sombras apavóra,
Mas, como o rei de Thule, deita fóra
O pando cangirão da mocidade.

Não lês senão romances, mas tambem
Devêras lêr um pouco os Evangelhos,
Que nos conduzem suavemente ao bem.

No mundo ninguem segue os bons conselhos;
Mas, ouve o que diz Christo: «Não convem
Deitar o vinho novo em ôdres velhos.»

João Penha.

A esquadra inglêsa! Não evoca, essa estonteante acumulação de couraças e canhões, a historia, o imperio, a força, o orgulho da Inglaterra?

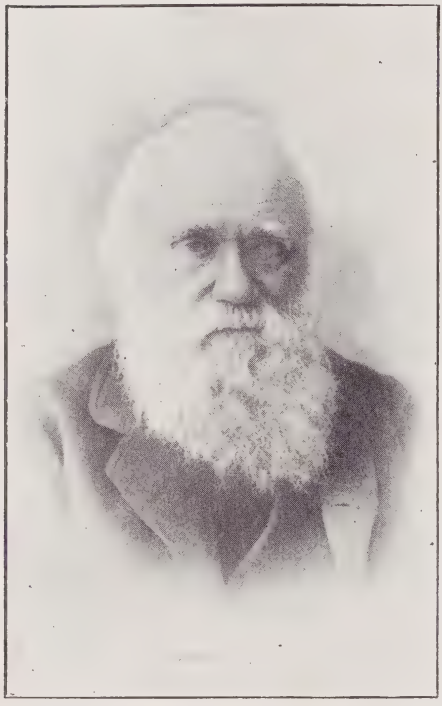
As grandes potencias mundiaes

I — A Inglaterra moderna

A importancia do seu conhecimento para Portugal — Um monstro

Portugal é inconscientemente arrastado por uma civilisação que desconhece. Tendo colaborado para a sua formação pelas suas descobertas e conquistas ultramarinas, viveu comtudo sempre dela afastado. Quando na Renascença se esboçou, uma infiltração do espirito europeu, o jesuita pressuroso precipitou-se a detê-la, cadeverisando a patria viva mas estafada, que, balbuciando os seus primeiros vagidos produzia — Camões e Albuquerque. A Revolução francêsa, ao estalar, — solavanco enorme que convulsionou o mundo — veiu despertar a nação adormecida quando as bayonetas napoleonicas espicaçaram o seu corpo inerte. Então do novo universo que se lhe deparou aos olhos estremunhados da sua catalepsia secular, só apreendeu o aspecto externo, importou formulas apenas; continuou a desprezar o espirito. A vida recrudesceu, com ella a imitação inconsciente. Portugal veiu desembocar na crise original e formidanda do seu viver contemporaneo. Procurar assimilar o espirito da civilisação moderna é tentativa que se deve impôr a todos. Para isso o conhecer na sua vida propria — intima e profunda — as grandes potencias que formam e dirigem essa civilisação é para Portugal necessidade impreterivel. Dêmos nós o exemplo, procurando rapidamente esboçar o caracter nacional dessas fortes individualidades, em face das quaes — nós portuguêses — não passamos de creanças com pretenções a homens.

A Inglaterra domina a civilisação moderna, colaborou intensamente para ela com homens, ideias e factos. O seu conhecimento portanto impõe-se em primeiro logar. E



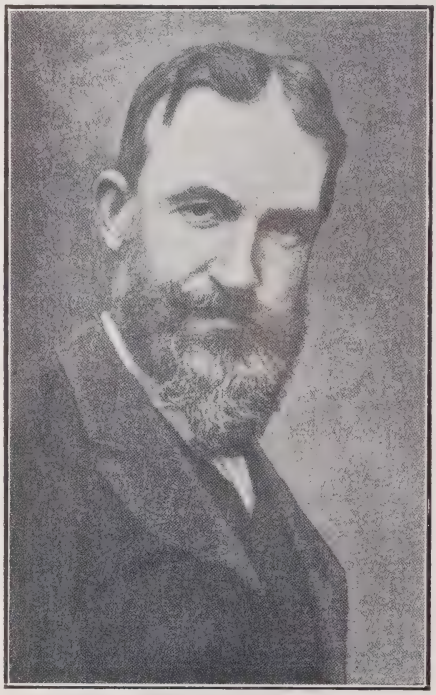
DARWIN

Uma das maiores e das mais bellas figuras de sabio do seculo dezanove; a sua explicação dos fenomenos da vida traduz as caracteristicas essenciaes do genio inglês: a selecção natural, a concorrencia vital, a lucta pela existencia.

desde logo, ao lançarmos um olhar para um planisferio observando o imperio inglês e lembrando-nos como se formou, como se desenvolveu e como agora se nos apresenta, encontramos nele qualquer cousa de estranho, de original, de incoherente, de contradictorio, de antagonico, de monstruoso... Monstruoso! — eis o verdadeiro termo que o define. E' portanto dum monstro que vamos tratar.

O aspecto do monstro

Um monstro pois! tal é a Inglaterra. O seu imperio é tudo quanto ha de mais estranho. E' o maior de que reza a historia e que existe no mundo. E' maior do que foram os imperios orientaes, do que foi o imperio de Alexandre, dos romanos, de Carlos Magno, dos Incas, dos Azteques, de Carlos Quinto e o de Napoleão; é maior do que o imperio da China, que o da Russia. Dos 144.110:600 kilometros quadrados que mede a superficie emersa da Terra 29.734:000 são ingleses; o mar todo é seu. Dos 1:500 milhões de homens que povôam o globo 400 milhões são ingleses. De 794 milhões de pessoas que falam as linguas indo-euro-



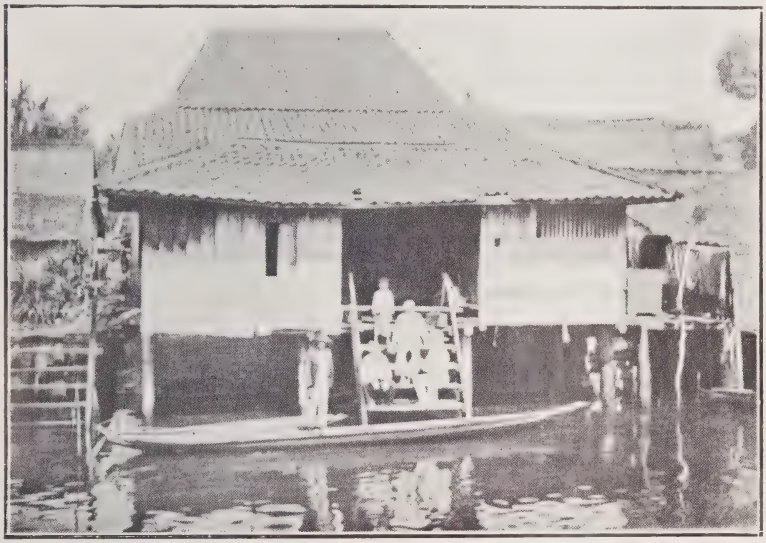
SHAW

O critico corrosivo de todos os valôres moraes da Inglaterra contemporânea: a propriedade, a familia, o casamento, o patriotismo, a religião, a moral corrente.

pêas, 124 milhões falam inglês. Sendo o maior imperio que tem existido, é o menos consistente. Disperso em todas as partes do globo, apresenta uma diversidade espantosa de educação, de climas, de tradições, de leis, de costumes, de religiões, de governos.

O seu pavilhão côr de sangue é saudado pelos povos os mais diversos: europeus, asiaticos, malaios, australianos, polinesios, arabes, pretos, vermelhos... Sendo o menos consistente é o que mais extraordinario, intenso, variado e constante dominio tem exercido em todos os pontos do mundo. Economicamente impera. O seu commercio é de 1.762:520 milhões de libras — é um colosso; nenhum se lhe compara; 11:517 navios mercantes, propriedades suas, trazem-lhe de toda a parte as materias primas e os alimentos de que necessita. Em poder industrial nação alguma o eguala. E' o banqueiro universal. Intelectualmente domina. Os seus grandes homens, as suas ideias, as suas descobertas e invenções honram a humanidade. Deu-nos Shakespeare, Cromwell, Bacon, Newton, Stuart Mill, Peel, Locke, Cobden, Wilberforce, Nelson, Disraeli, Watt, Byron, Darwin, Hobbes, Wellington, Harvey, os Browning, Ruskin, Adam Smith, Newman, Stephenson, George Eliot, Milton, Gladstone, Thomson, Faraday, Dickens, Hume, Carlyle, Jenner, os Pitt...; deu-nos: o parlamentarismo, a machina a vapor, a lei da gravitação, o radicalismo politico, a lei de Malthus, o aço, o imperialismo, o potassio e o sodio, o capitalismo, a locomotiva, a lei da selecção natural, o sport, o industrialismo, o conhecimento da circulação do sangue, o movimento operario, o neo-catholicismo, o livre cambio, o pragmatismo, a lei de Greasham, o macadam, a sociedade protectora dos animaes, etc., etc.

Tanta riqueza, tanto poder, tanta superioridade assenta numa massa enorme faminta, embrutecida, agitada, contradictoria, violenta, resignada. Em Londres, na Irlanda, todos os dias morre gente por não ter que comer, arruinada pelo alcool, pela tuberculose, pela sifilis; na India a fome ceifa milhares de creaturas. Entretanto, *lords*, cervejeiros, *snobs*, milionarios emfim, abarrotando de tudo, suicidam-se fartos de gosar. Um capitalismo forte, empreendedor, vê irromper movimentos operarios formidaveis em face dos quaes tremem os alicerces da sociedade. Povo mais accentuadamente guerreiro jámais se viu e é no seu seio que mais violentamente brotam correntes pacifistas. Povo mais utilitarista existiu alguma vez? e comtudo continuos movimentos religiosos teem porventura irrompido em qualquer parte como em Inglaterra? Uma filantropia profunda e sincera — pulsando em corações cheios de amor — encontra-se ao lado do mais sordido egoismo, da mais vil ancia de dinheiro. A grosseria mais animal ergue-se junto da mais distincta delicadeza.



A Biblia transformou no seculo XVI o caracter da Inglaterra. Nos cantos mais longiquos do Universo, o inglês assenta para o dominio efectivo a espingarda, para o dominio comercial os panos de Manchester, para o dominio espiritual a Biblia. Que haverá de mais curioso que este armazem de religião estabelecido entre povos primitivos, lá nos confins da terra?

A mulher mais divinamente bella e mais requintadamente pura acha-se ao pé da mais disforme e abjecta prostituta.

Viu-se lá nunca um imperio assim! A' testa de todo este poder, expressão mais completa de tanta força, de tanto contraste, concentração de milhares de concentrações está Londres: um mundo. Tem mais população do que Portugal, tem 19 vezes a de Lisboa, mais catholicos do que Roma, mais judeus do que a Palestina, mais escoceses do que Aberdeen, mais galêses do que Cardiff, mais irlandeses do que Belfast. E' o primeiro porto, é a primeira cidade do universo.

E este monstro enorme, estranho, granbaro introduzindo-lhe uma onda de sangue juvenil, uma plasticidade primitiva, espontanea, profunda. E' nesta fase do seu evoluir — mil e tantos annos depois dos primeiros alvores da Grecia, quatro seculos depois do apogeu imperial de Roma e do nascimento de Christo, cento e tantos annos depois do invasor barbaro, que os anglo-saxões — uns povos barbaros — lançaram os alicerces da Inglaterra. Tinham vindo assentar a sua individualidade animalmente livre de germanicos nordícos sobre a massa celta da população, sonhadora e ingenua. Dominaram-na, como senhores fortes, e passaram o tempo a combater os normandos que

Casas de mineiros: ou, o que é, o que tende a sêr a organização do operariado inglês

dioso, unido num brado unisono e potente — arranco d'alma em que todo elle vibra — saúda a sua grande patria, a grande Inglaterra.

A historia do monstro

Como se formou este corpo colossal, original e estranho, contradictorio e antagonico. Como se formou o monstro?

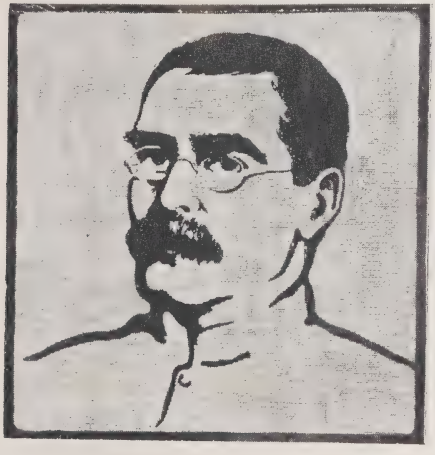
Como todos os monstros, a Inglaterra começou por ser um ponto minimo e insignificante. Uma vasta e forte civilisação envolvia-a. E comtudo ela — que não era nada — passou a dominá-la; tornou-se tudo. O que era essa civilisação? Essa civilisação iniciou-a a Grecia com a noção do homem livre, se bem que escravo da cidade, espalhou-a Roma conquistando um imperio, desenvolveu-a o christianismo libertando o homem da cidade e descobrindo-lhe um mundo novo — a alma; retemperou-a o barcontinuamente assolavam as costas da ilha.

Foi tarde — no seculo XI — que Guilherme, duque da Normandia, já precedido por varias missões christãs, vencendo em Hastings as tropas anglo-saxonicas, introduziu o genio continental. Destes quatro elementos — celta, anglo-saxão, christão e francês — unidos pela situação insular do territorio, ia sair o inglês.

Organisada pelo genio poderoso do Conquistador emquanto a Europa se anarquisava pelo feudalismo, depois proclamando pela voz da sua nobreza aliada ao povo a Magna Carta, restringente do poder real e preparadora do primeiro Parlamento do mundo, — justamente quando no continente se esboçava o absolutismo, — a Inglaterra foi-se unificando. Os seus elementos combinavam-se, adquiriam uma forte tensão, iam irromper. A França seria o escoadouro. E' o destino do futuro monstro que vae ser posto em

jogo. A Inglaterra irá sair da sua ilha, abandonar o seu isolamento, alastrar-se para o continente, compartilhar da vida historica delle? Não! a França, invadida, reagiu — patria que se manifesta, que quer ser livre; — a Inglaterra teve de refluir para os seus limites insulares. E essa forte actividade, que se expandia, condensou-se: os seus elementos variados, heterogenios, violentos, chocaram-se, penetraram-se. Surge a guerra das duas Rosas, n'ella uma classe — a velha nobreza da Magna Carta — extermina-se, outra vem substituí-la: é a *gentry* rural da lã e do trigo — riqueza da Inglaterra que morria.

A nação passa a transformar-se em commercial e industrial. Um movimento proprio vago, de que Wiclef fôra o iniciador, ruge surdamente no sub-solo inglês; insurge-se contra Roma, — a mundana catholica —, insurge-se contra a corrupção da epoca. O continente vai fornecer os elementos productores da explosão; a Renascença e a Reforma. O primeiro desenvolve um forte naturalismo desregrado: é Henrique VIII, o sensual, o autoritario que se aproveita da adversão existente contra a Egreja romana



KIPLING

E' o poeta glorificador do imperialismo, da força brutal da Inglaterra moderna

para a separar da inglesa; é Isabel, a pagã, a sceptica, a egoista, que vê a *Invencivel Armada* ser desfeita a seus pés e que assiste ao primeiro desabrochar da expansão inglêsa; é Shakespeare, o genio, cinzelador da alma inglesa de então — agitada e esplendida, grosseira e delicada; é Bacon, o theorico do methodo experimental. O se-

LLOYD GEORGE

Encarna na politica o aspecto moderno do puritanismo, essa doutrina, essa vida, que produziu a Inglaterra metodica, colonisadôra e grande radical, não conformista, democrata com tendencias religiosas, partidario da paz defensor da temperança, Lloyd apresentou o celebre orçamento socialista que traduz uma das suas mais fortes aspirações: a confiscação gradual da propriedade individual em proveito das corporações municipaes e dos concelhos locais.

gundo desperta o movimento vago que borbotava no seio da Inglaterra e torna-o a forte corrente religiosa e democratica, a que se chamou puritanismo — condensação de toda uma actividade secular que a Inglaterra tinha ido creando nas entranhas do seu ser e que lhe fôra negado expandir nas terras cheias de sol da França. Um rei procura oppor-se á corrente — a sua cabeça rola sobre o cadafalso. O naturalismo da

Renascença, que se opunha, é abafado, a leitura de Shakespeare é proibida. Cromwell surge, severo e grave, presentindo a futura grandeza expansiva, lança com a conquista da Jamaica, com o Acto da navegação, com a guerra contra a Hollanda, as bases sobre que ha de assentar o poderio do monstro. A celta, a catholica Irlanda revolta-se: é esmagada sem piedade. Outro rei volta a afrontar os sentimentos da nação: não é morto, é expulso.

O equilibrio então restabelece-se. A crise finda. O habitante da Inglaterra deixa de ser celta, anglo-saxão ou francês: passa a ser inglez. Milton canta-lhe a sua alma mistica, energicamente sentimental; Locke formula as idéas que, transplantadas para a França, irão constituir em parte a poderosa alavanca com que se havia de levar a cabo a maior revolução dos tempos modernos.

A esta crise seguiu-se um grande abatimento. A passagem do seu caracter agricola para industrial e commercial modificou completamente a velha organisação. Grandes prados tinham vindo substituir as pequenas propriedades de outrora. Os campos foram se despovoando, as cidades desenvolvendo-se. Aparecêra o operariado. A Inglaterra começava assim a ter de viver á custa da agricultura estrangeira. A *gentry* ambiciosa — senhora do poder — aproveitou-se das novas circunstancias e transformou-se em oligarquia. Dividida em dois partidos politicos, intrincheirou-se em estreitas circumscrições eleitoraes e apossou-se do Parlamento. O puritanismo victorioso decaiu na hipocrisia. Os costumes tornaram-se grosseiros. A criminilidade aumentava continuamente. A literatura acompanhou a materialidade do tempo artificialisando-se. Comtudo na sciencia apparecem nomes gloriosos como os de Newton, Halley, que annunciam já a ilustre pleiade do fim do seculo.

Nesta tranquilidade interna em que jazia, gosando da victoria que tivera, a Inglaterra adquiria novas forças para novas expansões. E' a guerra da successão de Hespanha, é o tratado de Methuen, é a tomada de Gibraltar, são as victorias de Marlborough, é a reunião da Escossia, é o tratado de Utrecht. No meiado do seculo o methodismo e o industrialismo são os elementos novos que lhe veem multiplicar as suas energias. O primeiro acorda o movimento religioso adormecido, o segundo acelera as necessidades de expansão. A Inglaterra, com a Biblia em punho, lança-se com vigor á conquista do mundo. O que lhe succederá agora? De novo o seu destino está em jogo.

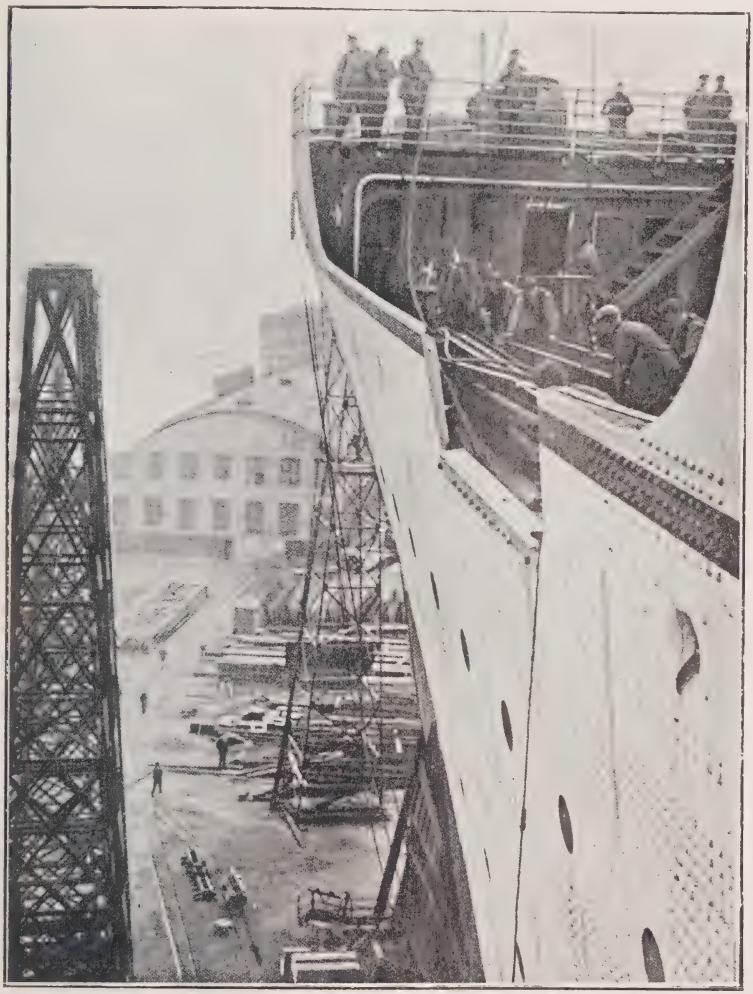
A' voz de Pitt — ministro patriota á maneira antiga — a Inglaterra lança-se numa nova guerra dos *cem annos,* mas agora não é o seu territorio que ella ambiciona á França: são as suas colonias. A luta dá-se: mas desta vez a França é vencida. O Canadá e a India passam a ser ingleses. São mercados novos que se criam. A producção industrial aumenta. Descobertas mecanicas veem acelerar extraordinariamente a sua actividade já immensa. O regime da grande manufactura urbana aparece com todos os seus caracteres: concentração de capitaes, divisão do trabalho, separação entre o patrão e o operario, fusão em um só ser do homem e da maquina. A miseria ergue-se formidavel. A *gentry* agarrada aos grandes prados da Inglaterra rural e ás suas estreitas circumscrições eleitoraes, cambalêa. Influenciado por todo este renascimento apparecem os prenuncios dessa grande revolução moral, intelectual, artistica, religiosa, que se chamou o romantismo. Então estala a Revolução francesa, que favorece os fermentos da liberdade existentes no seio da nação inglesa, que ameaça matá-la á fome fechando-lhe os portos europeus e pondo em risco as suas colonias. A Inglaterra assusta-se, dá força á oligarquia que encontra no segundo Pitt, o forte campeão da sua defeza. Uma luta formidavel vae travar-se: Napoleão encontra na sua frente um inimigo invencivel. As derrotas que lhe infligem Nelson e Wellington obscurecem o sol de Austerlitz: são Abukir, Trafalgar, são as linhas de Torres Vedras, é finalmente Waterloo — golpe de morte. O triumfo foi completo; a expansão enorme, novas colonias vieram juntar-se ás já existentes: o Cabo, Malta, a Ascenção, Mauricia, Seychelles, Ceylão, e a posse da Australia, em que já a Inglaterra se estabelecêra havia pouco, foi-lhe reconhecida.

Entretanto uma nova crise estalou. O estado social da Inglaterra era incompativel com as novas necessidades que appareciam.

A carestia da vida, pelo forte proteccionismo que tinha sido imposto, o defeituoso sistema eleitoral não podiam subsistir. Com o apoio do operariado formou-se o partido radical. Tumultos formidaveis deram-se. A oligarquia teve de transigir.

A data de 1832 abre uma era nova para a Inglaterra: uma lei eleitoral permite o acesso do Parlamento aos grandes industriais. D'ora ávante um novo movimento democratico vai acompanhar o forte movimento imperialista cada vez mais dominador e agora profundamente intensificado com o livre cambismo. O operariado organisa-se nas suas *Trade unions*, obtem o voto eleitoral, torna-se pouco a pouco uma força poderosa; intrincheirando-se nos seus sindicatos, vai-se preparar para entrar no Parlamento. Os partidos politicos passam a representar as correntes dominantes da nação. E são essas correntes que lançam a Inglaterra á conquista do mundo. Primeiro é a Asia que recebe uma invasão de Biblias e de productos industriais; a rainha Victoria é proclamada espectaculosamente imperatriz das Indias. A Russia ameaça a expansão do monstro, a Russia é afastada. Depois, na Africa, a França ameaça tambem a sua expansão: a França submete-se. O Transvaal encontra-se de permeio entre o Cabo e o Egypto, e o Transvaal é conquistado.

A Inglaterra alcançava o seu apogeu. Uma literatura, conciliando o aspecto idealista, naturalista e social, acompanhara-o superiormente. Grandes nomes firmam-na, Tennyson, Browning, Rossetti, Morris, etc. Na philosophia apparece, Stuart, Mill, Green, Carlyle, Spencer. Na sciencia Darwin Huxley, Lyell, Tyndall, Faraday, Kelvin...



Um monstro marinho em terra. Esta gravura dá bem idea da altura vertiginosa dos grandes paquetes. Trata-se do *Olympic*, que ha pouco abalroou com um couraçado, o *Hawk*, tambem inglès.

Comtudo obstaculos enormes irrompem A Australia, o Canadá e o Cabo tinham-se tornado quasi republicas, apenas ligadas á mãe patria por um governador inglês, e separadas por interesses economicos opostos. Nações novas — a Allemanha, os Estados-Unidos — erguiam-se poderosas entrando na conquista do mundo e no emtanto ella — a Inglaterra — continuava a produzir, a crear, a lutar. O seu imperialismo acirra-se, a sua diplomacia impõe-se. Aparecem-lhes perigos enormes a atender, nas suas entranhas rúge o operariado e o monstro perseguido procura uma saida ás dificuldadesque o envolvem. E' uma nova crise que estala, maior do que todas aquelas que explodiram no seu seio, é a epoca moderna que aparece indecisa, problematica, ameaçadora.

A competição entre os dois imperios do Norte tem a sua representação pitoresca na rivalidade das carreiras para a America. Eis um colosso dos inglêses, entrando na doca em Liverpool. Ao ultimo lance destes responderam os allemães lançando á carreira o futuro *Europa*, ieviatão de 60.000 ton. (V. os *Serões*, n.º 72).

A alma do monstro

Assim nasceu, assim se formou, assim se desenvolveu a Inglaterra moderna. Qual foi a causa propulsora de tudo isto? Quem fez a Inglaterra? O inglês. E o que é o inglês? O producto de varios factores. A raça, a historia, o clima. Já conhecemos os dois primeiros, falta-nos fazer uma idea do terceiro e combiná-los para podermos tirar a sua resultante.

O clima torna a Inglaterra de todos os paizes do norte, um paiz áparte. O ar humido, pesado — até irrespiravel por vezes; o sol empaledecido pela nevoa, a obscuridade que em certas ocasiões abranda a luz do dia, impõe ao organismo amolecido o dilema: luta ou morre. O inglês preferiu lutar, primeiro tentou alargar o seu territorio nebuloso até aos campos fulgurantes da França; depois, repelido, refluiu sobre si mesmo e começou a crear-se. Converteu-se. Surgiu o puritanismo. O inglês vencêra. Os *animal spirits* são contidos e enfreados por uma disciplina forte. A raça aparece entre as nações civilisadas a primeira pela força fisica, pelo peso do corpo e sobretudo pela vontade. Vontade poderosa, dominadora, enorme! Condição da sua existencia. Exercitado o seu vigor, o inglês acabou por querer pelo prazer de querer, passou a amar o esforço pelo esforço. A natureza externa foi pois para elle uma escola de iniciativa que lhe serviu de modelo para as suas *schools*, para as suas *universities*, para os seus *sports*, quando a riqueza tornava desnecessario o trabalho. Entretanto o allemão metafisico pensava aprofundando o Sêr; o francês, racionalista, abstraia despresando os factos.

Assim, com o previlegio d'uma vontade potente e em contacto com uma natureza viva, o inglês domina. Os requintes da sensibilidade meridional não o seduzem. A sua sensibilidade é concentrada, é obtusa, é

lenta; comtudo, quando irrompe, é terrivel — é um vulcão que a neve cobre. Despresa as formas, as percepções são pouco delicadas, pouco vivas; só os sentidos vitaes adquirem uma grande energia. Do que resulta uma inferioridade notavel, racional e esthetica, inferioridade racional que faz com que o inglês produza por vezes trabalho inutil, que faz com que a sua acção se desperdice: é um touro que marra sem saber por vezes em quê; inferioridade esthetica que faz com que na Inglaterra não haja uma pintura, uma musica, uma escultura, apesar de se poderem mencionar grandes pintores, musicos e escultores. O belo torna-se um instrumento de emoção util, subordina-se á moral. Assim um utilitarismo feroz campeia, uma preocupação de dinheiro obseca a maioria — não é o dinheiro força, poder, dominio? «*Make money, my son; honestly if you can... but make money*»! (1) aconselhava, uma mãe escocesa ao filho que seguia viagem.

Este materialismo coexiste com uma profundo idealismo. A luta contra as circumstancias adversas do mundo externo uniu os inglêses numa estreita solidariedade: creou o ideal moral da raça. Nas corporações, na familia, a oppressão de parte a parte não existe, o respeito mutuo predomina. Toda a autoridade é acatada religiosamente. Deus, a lei, a mulher, o *home*, são objectos do mais sincero culto. Em face dêles desaparece toda a grosseria, toda a brutalidade e o inglês que não nos soube dar uma arte, soube dar-nos a melhor poesia do mundo, porque é a forma de expressão que mais convinha a sua concentração psicologica, ao seu feitio espontaneo, primitivo, infantil.

O estado actual do monstro, os seus problemas

Esta grande e gloriosa Inglaterra chegou finalmente, nos nossos dias, á mais colossal e grave crise que jámais a sua existencia registou. O monstro impelido pela corrente enorme da sua produção não pode mais parar. E comtudo concorrentes poderosos atacam a sua industria, ameaçam o seu comercio, conquistam imperios que se chocam com o d'ella, que procuram desconjuntá-lo por uma atração superior. Primeiro os Estados Unidos — um filho seu, — nação nova, cheia de vida, rica em hulha, em minas metaliferas, productos em que ele o monstro, fora senhor supremo; detiveram nas Americas o seu comercio, ameaçaram-no nas proprias colonias, passaram a atacá-lo na Europa, na metropole até. A Allemanha, logo depois, constituido o seu imperio, desenvolve a sua metalurgia, a industria do carvão, a dos tecidos, cria productos chimicos — e entra em concorrencia victoriosa com a industria da Inglaterra.

O caricaturista alemão pinta um facto culminante no progresso da corrente democratica da Inglaterra moderna. A camara dos lords tinha o direito de veto sobre a legislação da camara dos communs, usando d'elle constantemente para impedir a promulgação de toda a reforma revolucionaria. O actual governo, appoiado na opinião publica, acaba de obrigar a propria camara dos lords a approvar o projecto de lei que que restringe o direito de veto.

O monstro, em face do perigo, procurara encerrar-se em si, fortificar o seu imperio por meio duma forte muralha de direitos alfandegarios. Evitara todo o auxilio es-

(1) *Arranja dinheiro meu filho; honradamente se poder ser... mas arranja dinheiro.*

trangeiro — é o *splendid isolement*. Irrealisavel sonho: as colonias teem interesses que não querem sacrificar á mãe patria. O monstro, então, abandona o orgulho de se conservar forte e isolado no meio do seu imperio, e forma uma das mais poderosas ligações internacionais que jámais existiram: a aliança com o Japão, a *entente* com a França, com a Russia, que visa indirectamente o aniquilamento da Allemanha — a sua poderosa rival. Ele que sempre saiu vencedor dos inimigos que se opunham á sua expansão mundial, ira tambem agora desfazer-se deste ou encontrará finalmente um adversario invencivel? Tal é o formidavel problema economico-politico que se apresenta.

Por outro lado a sua velha organisação social e parlamentar é violentamente atacada por um operariado forte e organisado que quebrou a unidade antiga dos dois partidos politicos — herança do passado, e ameaça derrubar os proprios alicerces da sociedade. E n'este caso não será o monstro a esfacelar-se em nações autonomas? Ou então conseguirá ele fazer o que democracia alguma ainda conseguiu — organisar-se plenamente? E' um novo problema que surge tão importante como o primeiro e cuja solução se impõe com uma urgencia maxima.

Mas a sua fraquesa moderna, toda esta crise em que o monstro se debate não será afinal proveniente da inferioridade do seu espirito em face das exigencias do tempo?

As novas nações suas concorrentes começaram a adquirir a forte vontade emprehendedora, que fizera a sua grandesa, e aliavam-na á razão propria disciplinada scientificamente. A Inglaterra se quer dominar ainda, se quer viver não terá de modificar a sua alma. Conseguil-o-ha?

Este novo problema surge ameaçador e tão imperioso, que o proprio instincto vital da raça levanta-se energicamente. O povo que não quiz morrer quando a natureza externa o ameaçou de morte, sente de novo essa ameaça que o seu instincto lhe formula apresentando-lhe agora a propria alma como o inimigo a combater. Uma literatura original e poderosa — representada pelos vultos ilustres de Wells, Meredith e Shaw — ataca violentamente o espirito inglês, o seu desdem pela inteligencia, a sua incapacidade critica, a sua docilidade em face das mentiras convencionaes, a sua rotina. Um forte movimento religioso afasta-se da severidade, da independencia, do prosaismo protestante e aproxima-se da exterioridade, do autoritarismo, da poesia católica.

Sairá o monstro victorioso de mais esta crise e continuará a fornecer ao mundo ideias, acções, invenções, descobertas e *homens* tão grandes, tão notaveis, tão originais como os que tem fornecido até agora?

Outubro de 1911.

REIS MACHADO.

O jornal do mar

(Continuação)

IV

Pela manhã muito cêdo — antes que a praia encha de frequentadores — ha sempre este periodo alegre para o banho das creanças que são «envergonhadas» ou medrosas, o qual é, das horas chamadas «da areia», a mais original e divertidamente agradavel.

São breves horas passadas num vôo largo de vida, sem *snobs* e sem *madamas* do baixo Minho, descobrindo as nuvens brancas do alto, que parecem correr a enxugar as cambraias humidas e rotas pelo orvalho da noite, e adormecendo um pouco ao marulho da agua, pelas ondas que vão e voltam, muito indolentes, da areia para as rochas e das rochas, mais anciosas, até ao nosso logar.

E', em frente de nós, uma primavera de côr, de orvalho e de luz!...

E lá pelo corte esfumado e longiquo da barra vêm-se ás vezes, no amanhecer, formidaveis paquetes de trafego, com os cascos negros deslisando na agua, e espreguiçando ao vento, tanto quanto a atemosfera o permite, a bandeira negra e longa do fumo da chaminé... Outras vezes são perfeitas caudas flutuantes de fusélas côr de cinza claro, que vêm, numa troça ardente e solta e elastica, passar e arquejar, num vôo, sobre as ondas mais proximas do areal; ou, então, garvosos grupos de lanchas que ao norte demandam a praia, com a colheita matutina da sardinha. E entre tudo isto o ar fresco, quasi languido, tudo harmonisa e reveste de graça. Todo o mar, a esta hora, não è menos azul do que o ceu.

Entretanto a gaiatada brinca e chora e rabuja, abrindo doidos leques de espuma quando tenta fugir ás mãos vermelhaças e pesadas dos pescadores avisados, os quaes mergulham na agua meio corpo do seu vestido de branquêta felpuda e clara.

De cada lado nos surgem bébés rosados e gordos como leitões que, erguidos sobre as ondas e contra o peito dos banheiros, choram, mal deixam escorrer do nariz a agua salgada (agitando aflictamente todo o corpo cheio de roscas), e clamam, anciosos, pela «mamã», pela «Rosa», pelo pae ou

quaesquer outra das pessoas que distinguem, para que acudam áquele *perigo* cheio de prantos.

Simultaneamente, alguns outros vêm subindo o areal, já envoltos no lençol turco, mas gritando sempre, rabujando sempre, como para uma vingança de que se faz mistér. E a mim encanta-me esse ar aflito e grave dos paes que se levantam e que a um só tempo pretende repreender e socegar os petizes enrolados no feltro, sendo severos e carinhosos na sua tremura de voz toda singular: — *Menino!... Vá... Calou. Já não ha mais... Então, seu feio... Vae á mamã...* Porèm, o mimo do garoto aumenta, e então o choro redobrava, os pesitos gordos sacodem-se, cheios de maldade, pela abertura do feltro branco e comprido.

Ah! mas os mais interessantes ainda são os que, ao colo da creada, junto á lôna da barraca, recolhem com frio de ave desnudam-se ao vento fresco da hora; os braços formam-se com uma carne rosada e tão fresca que parece de flôres; e no peito, esboçando um vigôr de formas que só vinte annos poderão criar, fixar, os dois peitos engordam com um raro carinho de beleza feminina.

E' por isso que o mar mais canta, doido de enthusiasmo; e que esta hora nos parece mais ampla e mais livre, em toda a sua frescura.

Agora, quando todo o horisonte e todas as aguas se vêm iluminadas numa côr de azul diáfano, semelhante ao esmalte fresco de certos cristaes refratados pelo sol, com uma graça adoravel alguns bébés batem palmadas frouxas na tona anilada da agua flexuosa e quasi languida; e outros mais, para além de onde as ondas partem, vêm correndo e gritando, num momento estirados sobre o leito baloiçado das

os pés sapudos e côr de cravo, fazendo um bico de *Amôr* de procelana e destilando, com receio, um fio de baba timido, comprido e todo azul! Doiradas como marmelos, as suas cabeças cobertas duma leve penugem vagas a amançarem, e dum só golpe estendidos, ou rojados pelo areal. Da primeira luz do sol — linda e reflétida nesse plano alegre e revolto da maré — os seus corpos, todos molhados e trigeiros, iluminam-se, ao acaso, de

frescos tons de rosa e azul. São como largatos, inquietos e voiando, os aneis de espuma que se alijeiram e enroscam em torno dos seus corpos elegantes de éfebos. E' assim que ás vezes os vagas os surpreendem e os batem, nesse

quasi que ninguem passa. Ha em tudo um silencio e repouso deliciosos. Emfim: pode uma vez sonhar-se em plena rua e ainda á luz do sol, sem receio de que o sonho se interrompa de uma janela que se abre ou por alguma

floco de neve espanejando e correndo, quando, todas anciosas, tentam voar até ao cimo agudo das rochas e, inevitavelmente, se abatem sobre si mesmas — levantando em redor uma flora exotica de espumas.

V

Houve novena nas *Dôres,* ao fim deste dia, ha pouco mais de uma hora.

Sabem o que são novenas?

Eu sei e digo que gosto. Digo-o sem pejo e sem temôr de me contradizêr nas minhas razões anti-catolicas.

Gosto, pois; e na provincia procuro-as.

*

* *

Fui hoje ás *Dôres,* quasi ao fim da tarde, e só. Pelas ruas que nesta vila ficam para o lado norte, ao fim da tarde pessoa que de acaso faça o cruzeiro do ar livre.

As ruas sós e cheias de sol, em terras estranhas, são de uma romantica felicidade. Eu, pelo menos sinto-o; e goso nas horas em que por elas vou muito vagarosamente... Fazem-nos bem esses logares tranquilos, onde, sobretudo, nós temos a doce ilusão de parecermos a todos mais ou menos *estrangeiros.*

De todas as janelas cerradas; da côr alvadia dos predios pobres, embrexados entre os palacetes abrazileirados da gente pomposa; de todo este ar de sonho e abstração que dá alma e atitude ás proprias folhas que a ventania, com a poeira, espalha; de tudo vem, sem duvida, um socego enternecedôr que nos conforta de muito atrito todo em sangue na nossa alma, de muita melancholia ganha das bondades e amisades mal retribuidas; emfim, de todos os nossos desgostos...

Fui vagarosamente, como quem vae

para se curar a si proprio ou para augmentar a sugestão do seu mal.

Mas *mal* de quê?

Nem eu sabia...

Gente que fazia renda e removia as agulhas da sua meia, sentava-se tranquilamente pelas portadas. Para ali já não se encontram albergues sujos de pescadores; vive, canta e trabalha, mais limpa e airosa, a familia operaria, que na provincia é rasoavel sob todos os pontos de vista moral, politico, educativo e domestico, porque é bondosa e interessante. Chega-se, mesmo, a ter-se-lhe amisade. Todavia as pessoas que se encontram são sempre poucas; e dessas o maior numero é o das mulheres que costuram dentro das suas alcovas pequenas, com muitos santos pelas paredes, duas jarras de vidro em frente do toucador envernisado, a machina da costura, o leito domestico, de catre alto, com ampla e fôfa coberta de renda de algodão, e á janela, correndo para o poleiro ou para o bebedouro, ao acaso, um pintaroxo traquina dentro da gaiola de arame muito antiga.

Por longos bêcos, por travessas alvadias que tinham na barra da janela o pote de serpão, caminhando sempre — quando cheguei lá acima, ao adro, entravam varias mulheres do povo, e entre essas algumas poveiras velhas, com a saia de saragoça sobre os cabelos recortados na fronte.

As aves cantavam cá fóra, ao sol, pelas mimosas de folha em renda. E lá dentro cantava-se... Vozes de mulheres, quasi infantis, entoavam melancolicamente um cantico, acompanhadas pela voz de um orgão suave...

Senti-me bem, nesse momento!...

Nunca assim tinha ouvido cantar, na minha vida! Parei, então, a escutar... O largo estava deserto e uma melancolia enorme, obra estranha desta natureza de tortura em que me sinto preso, começou a envolver e a modificar a preocupação de me distrair, de ver, tão necessaria naquelas horas.

Não, eu nunca tinha ouvido cantar assim!...

Como se fosse uma evocação de velhos tempos e dos sentimentos passados, um estado dalma (pleno e perfeito e sujestionavel), vivia puro, completo, dentro daquela musica. De que me falava? Que sujestão trazia? Nenhuma... ou antes, uma grande e profunda sujestão, força convulsa que revolvia mil coisas sepultas e obscuras e comoventes, dentro da minha alma, mas ás quaes era impossivel dar nome, palpar-lhes as fórmas, destrinça-las, reconhece-las. Coisas tristes, abandonadas e profundas, que, creio bem, formam essa especie de vala escura e esquecida para onde vae rolando cada uma das pedras dos nossos desgostos, no produto amargo das penas cumpridas e dos ideais irrealisados, neste mundo...

Afinal... tudo saudade!...

* * *

Cantava-se alto e longa e melancolicamente.

Na paz adormecedora do fim da tarde, a que não era estranho o sussurro longinquo das violencias e resonancias do mar, as arvores e a luz concentravam-se, com olhos de muita saudade, impressos na côr avermelhada daquele ultimo sol poente, que se espreguiçava e ia desmaiando... Do musgo negro das velhas pedras uma expressão de

pobreza e de dominio amargo, feria e commovia, a meio daquela paz quasi de sonho... O canto feminino e dorido da novena continuava... E o sol levantava mais, enfraquecia a seu desejo, como alguem que arrumasse a sua tenda ao fim de um arraial que foi alegre e se despovoára...

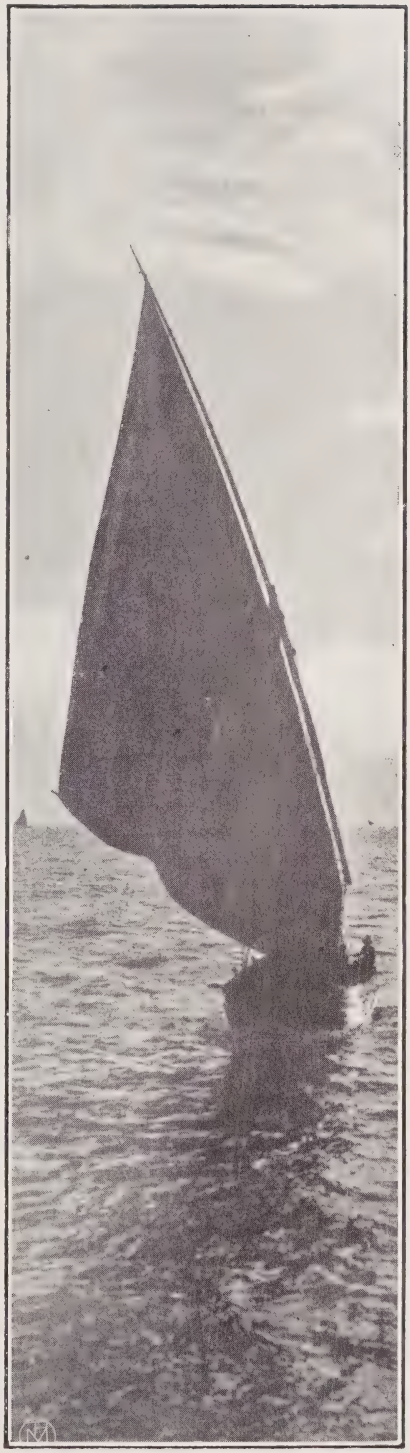
Vim descendo, a pouco e pouco, a ladeira. Pelo caminho, já a distancia, ainda se ouvia o côro de enlevação, que tanto bem me fizera. O gaz verde foi-se accendendo a espaços, com essa côr de melancolia e de barraca de miseria, nas feiras, que tão profundas impressões de pena suscita. E eu entrei, contrariado, entre o rumor contundente da Baixa populosa.

VI

Ao domingo o poveiro anda na rua (pela sua terra) como os brazileiros num arraial: lentamente e gosando.

Pelas ruas todas — da *Lapa* e das *Dôres* ao mar — hei-lo que passa e que fuma, todo tranquilo, não tendo maior sensação do que a certeza de que o ar circula e o sol cobre os telhados... Veste de fresco e *de composto:* sapatos pedrezes de trança, boina hespanhola aos gomos verdes e brancos, casaco e calças de saragoça castanho claro, camisola de baetão nègro, e dispensa as meias nos pés inchados das aguas salgadas com que de dia a dia moureja.

Não se dirá, no entanto, que entre esses poveiros e o cavadôr dos campos de Entre Douro e Minho existe uma extraordinaria diferença de tipo rustico. Hoje, que os vestuarios, como os cruzamentos de raças e de classes, já não repugnam á grey dos maritimos,



se substituissemos, ao poveiro, a boina, a camisola e os sapatos de trança, por um largo chapeu de pasta, uma camisa de linho da terra e as chinelas grossas de bezerro branco de Guimarães, teriamos os dois tipos absolutamente irmanados, mesmo no córte das suissas, na auzencia de bigode e um pouco, mesmo, no desmaneiro do modo como se vestem.

A mulher poveira, porém, um pouco menos.

As saias arrofegadas da sua visinha lavradeira da Maia, é certo, ela as possue. No restante, porém, o seu tipo é mais caracteristico do que o do homem; porque os casacos da poveira são sempre escuros e todos fechados e grossos; o seu lenço aperta-se ao redor do pescoço de um modo differente do de todos os tipos de lavradeira, e a sua saia é, em geral, do mesmo ou de um mais pesado baetão que as camisolas do seu marido, de seu pae e dos seus irmãos.

*
* *

Caminhando fleugmaticamente pela rua — alto e troncudo como uma figura modelada em solido bronze — o poveiro tem a expressão de um individuo que gosa, conscientemente, uma regalia de absoluto e orgulhoso direito.

A's vezes, com um filho miudo pela mão — de gorra vermelha e camisola pedrez — esse homem alto sugere, num *boulevard*, um touriste inglez apertando nos dedos, comicamente, uma figura liliputiana. O pequeno — coitado!... — bamboleia a barriga, atropela os pesitos côr de pão de centeio, faz a bocca em bico e os olhos meigos. O poveiro, porém, da superioridade do seu tipo arrebanha, ás largas passadas, a figura chorinca do filho; e fuma, olha, impõe-se, como um animal nomada e estranho que a momentos tem zelos de confundir-se ou, melhor, de se tornar inferior entre os demais.

Porque o poveiro tem o orgulho da sua coragem e da sua independencia. Ganha o pão pelo arrisco da sua vida; faz a sua aprendizagem pelo esforço proprio; a arte das suas velas e das suas redes foi ele que a creou; conclue, assim, que nada deve ás outras classes, quer material, quer politicamente, e, desse modo, ergue-se, orgulha-se, caminha resoluta e fortemente, sentindo-se, atravez toda a vida social, superior a todos e superior ao proprio amôr da vida.

*
* *

Neste café onde escrevo e onde (diga-se de passagem) duas malditas bolas de bilhar me aturdem, vibradas pela cavalgadura de um brazileiro prospero e pingado de berloques, estou a vêr passarem, alem da portada que me fica fronteira — neste domingo fresco de setembro — uma serie de poveiros que aqui na sua terra, repito, caminham tão lentamente como um brazileiro e *as primas* no S. João de Braga.

Tipos de bronze luzente (mordendo o osso do cachimbo com uma fleugma admiravel), o mento e o labio superior ficaram-lhes cinzentos da barbeadela, como se fosse na pintura e arranjo de uma figura de terra-cóta.

Nos grupos que passam vae o marido á frente, de mãos nos bolços, fumando e arrastando os chinelos, indiferentemente. Atraz, a passo miudo

e com as mãos como metidas contra o estomago, vão as mulheres, a trez e trez, cobertas pela cabeça com a saia negra de vinte prégas. E assim atraz de um grupo passa outro grupo, em procissão, não só pela manhã, mas toda a manhã e toda a tarde, até que á noite recolhem mais cedo, para cedo caminharem para o mar, na segunda feira, ao lusco-fusco, entre as nevoas.

Faz sol, agora. Um sol viçoso, alegre, que não é quente nem frio, mas sómente alegre, muito doirado e muito perfeito. O maldito brazileiro meteu a bola vermelha ao bilhar, e atira-se ás trez como que a murro. Num outro café, ali em frente, um tipo esguio, hespanhol e vestido de flanela branca, marca levianamente ao piano um trecho da *Tosca*, e logo da *Verbena de la Paloma* e já, mais vertiginosamente, uma valsa solta, de musica leve e fresca, cheia do ar azul e da beleza do sol, que parece dançada, num jar-

dim de vivenda estival, pelas rosas e pelos silfos. Passam meninas inquietas, do seu banho regalado, desfrizadas e de vestidos azues e soltos. E emquanto o piano dá os primeiros compassos a uma dama hespanhola, num trecho des-

Porque eles são o orvalho e a côr!

E logo atravez os duros e estilisados gradeamentos do jardim, coleando para todos os lados, eles tem a graça e a originalidade de um vestido de chita, garrido, a estriar. Côres, muitas côres

envolto, sensual e original, digno dos terraços arabes de Sevilha, deixo as sugestões de volupia e de flores escarlates que essa musica me provoca e fecho esta epistola domingueira e inconsequente no mesmo instante em que mais um poveiro, vestido a rigor e seguido das classicas trez mulheres de escuro, passa e sopra para os outros, indiferentemente, o fumo cinzento do seu cachimbo curto.

VII

A' beira-mar os jardins são mais belos e mais atraentes, pela rasão de serem mais raros. Eles vivem a sua fres cura e colorido alegre, estranho entre a planicie forte e arida dos areaes enormes, como certas creanças saudaveis e vestidas de garrido a meio de outras e muitas creanças que a doença e a tristeza tornaram simpaticas mas inertes...

por toda a parte — nas flôres de ervilha, nas dálias, e nas rosas — que são as ultimas. E então, ao fundo, dos alecrins e dos ramos dos limoeiros para cima, alçam-se logo as escadas de lioz, todas recurvas e suaves e polidas — ás duas margens do predio — como se fossem recurtadas em borracha e nunca pés humanos se tivessem trepado e sacudido...

De uma das colunas solidas onde embruxa o gradeamento ornamental do portão, pende — *indicativamente* — o cadeado da campainha barulhenta que os burgueses, por um acaso feliz, adotaram do uso senhorial e conventual. Mas quem não teme agitar, com mais vigôr, essas correntes suspensas, na duvida de que todas as janelas instantaneamente se abram e em cada uma surja a interrogação de uma cabeça, preguntando o que se deseja? Quem o não duvida?... E' verdade

que todos tentamos tocar o menos ruidosamente possivel; e é verdade, tambem, que todos tocamos com algum temor... Quem será que nos aparece?...

Em seguida um homem vem, hortelão musculoso, de tamacos, as mangas e as calças arregaçadas, crespos e a tufarem-lhe no peito (pela abertura da camisa) uns cabelos selvagens e aridos como a carqueja, e na mão, pendendo, aquelle enorme chapeu amarello, que os sóes cortiram como se fosse de bezerro.

— Salve-o Deus, senhor. Um creado de vossa senhoria...

Irto e retezando as cadeias, o esperado cão de Castro Laboreiro arremette, abrindo os dentes de agulhas de marfim num fucimho comprido e aspero, de lobo. O portão bate de novo. E logo se coleia por uma *avenida*, rente ao muro trepado pelas roseiras que já vão perdendo todas as pequeninas flôres amarelas de «Marechala». Por sobre as pedras do muro, em linha geometrica, corre ao longe um mar azul de aguarela, com algumas velas brancas e como de *yacht* levantadas e correndo no sentido de ajudarem o leme a fender as pequenas ondas que arqueiam na sua frente, vindas do sul. E seguem-se, então — dentro da frescura das folhas — os quarteirões desenhados em *coração* no debrum do buxo quadriculado; os bancos pintados de verde, porque passou a vassoura de junco e onde, teimosamente, uma ou outra folha amarela e secca descança a mandria; e dum lado e do outro, sempre o mais inexperado e originalmente possivel, tufam-se aqui e ali maciços de flôr de hervilha, em rosa e branco, sobre a terra sachada e regada.

Ao fundo desses garridos, singelos e elegantes jardins do estio, da discrição das janelas corridas e ermé-ticas até ao *bris-bris* italiano de renda creme, tudo expressa e fixa um môrno sentido de conforto, de solidez e de meiguice!... Lá dentro quem viverá?!... Oh!... nos acolchoados e comodos *divans* das salas de leitura — ecleticamente simples e modernos — visionam-se fortes mulheres de pele morena e doce, á meia luz de uma janela que impede a torreira do sol alaranjado, vestidas pela graça explendida dos linhos encruados e frescos. Mas das plantas do terraço á louza negra

dos telhados, a luz do meio dia tudo incendeia e paralisa, como numa iminente e tragica insolação de elementos. E, nessa quietitude, canta, entretanto, argentinamente — ao friso de uma portada — um canario iludido. O estri-

dulo da ave doirada, devaneadôr e contente, como que todo o espaço impregna de uma alegria salutar, atractiva e, sobre tudo, despreocupada. «Cantem as aves de oiro, que toda a vida é um estio e um jardim cada um dos aspectos» — poderia ser esta a legenda sintética de uma grande obra critica acerca da nossa existencia afétiva. Nas aves, com efeito, uma ideal independencia resalta e se impõe — tão notavel, essa, que usa dizer-se, e bem, que pelo vôo e pelo canto das aves se sentiram as primeiras inquietações da vontade humana.

*
* *

Nesses logares de ábeira-mar, ante os pavilhões alçados e de uma grande nobreza exotica, as rosas são um mimo entre o verde aspero das folhas de silva; os cata-sões erguem, por sobre todos os maciços fôfos de verdura, a sua flôr em *pão de ló,* recortada e pesada; e os jardins, na hora quieta, clarificam-se lindamente, pelo sol, como vistos atravez um cristal.

E então, no logar onde os caramanchões se estofam numa vegetação acamada e afofada até ser rasteira de verde, ao centro do tanque glauco e ondeado pelo jãto da agua, em arco, dois meninos de barro cosido travam do braço, resguardam-se do sol e urinam presenteiramente para a bacia debruada de flôres.

Oh!... que pecado incivil... tão digno de uma egloga!

Mimi, a esposa de sete annos sente-se feliz com aquele *Zéca* da mesma edade que troça das flores e do alinhamento do jardim fidalgo, urinando para o meio da taça do tanque, na impossibilidade de urinar para o meio de tudo e talvez para a cara brazileira e trigueira dos proprietarios.

E ali se enleia os dois, sorrindo e troçando entre o segredo das folhas que encobrem e que se empoálham de sol.

Sómente, ás vezes, as damas passam e surpreendem-nos. O mesmo sorriso e a mesma tranquilidade, irreverentes, ficam vivendo e troçando em face das senhoras que então param, sem maus pensamentos... E *Mimi* ainda lhe trava e braço e ergue o chapeu de zinco, pintado: e *Zéca,* com os calçotes arregaçados e os suspensorios lançados ao hombro, continua repuxando em arco para o meio do tanque, a principio com vergonha, depois com ousadia e certa covinha de mofa picando-lhe a bochecha gorda.

Mas, dispersando pelo jardim, outros encantos de côr prendem os olhos, em toda a parte. O mar, ao longe, continua correndo naquela mesma linha que o muro alto geometricamente traça e sustenta. Passam, ás vezes, ondas alegres de gaivotas, num requebro de corpo todo indolente e harmonico. E para um lado erguem-se minusculas canas da China, todas arvorecidas de multiplices e pequeninas folhas côr de lacre; lá adeante — meiga entre a verdura espontada e humida — dispõe-se um quarteirão portuguez de *boas-noites,* tinto de vinho e branco; lá aparece, mais alem, um molho galante de *canas indicas,* cuja flor amarela e sardáda de fogo daria uma bela estilisação de capital igipcio; e as *resêdas* amarelo doente, que ficam bem quando apertadas no decote de um corpete; e os *amôres-perfeitos,* entretidos á sombra, de que as raparigas da minha

terra tanto gostam; e as heras a treparem por todos os troncos, que ha quem diga que são «palavras»; e os vasos semeados, os *mangericos* de flôr azul, as *dálias* vermelhas e despenteadas, as *begonias* em côr de prata e

E areias seccas e ardentes e perturbantes, começam a espraiar-se desde onde os muros vedam esse pomar de sonho e graça que são os jardins.

De cada lado, mordendo o olhar,

fosco, as *sécias* vestidas de roxo e a murta triste e sem perfume — tudo floresce ao sol!

A'beira-mar os jardins são mais belos, pela razão de serem mais raros...

ora vive o oceano quasi quiéto e onde a luz do sol como que reflete cristaes; ora a monotonia das areias caminhando em leguas e leguas de praia arida, das quaes se exala um calôr de forno, pesado e abafado, que entorpece...

E' como que o perigo de todo o solo em combustão interna — sequioso, asfixiante e insaciavel.

Para os retalhos alvaiados do burgo, ao longe, faiscam sobre o vermelho dos telhados largos e derrubados, os globos azues e doirados das claraboias, ao gosto arabe. Copas verdes de laranjeiras, sobre alguns muros caiados, mostram ainda ao sol os fructos quentes. O ar é de fogo. E na esteira do oceano -- aguarelada e quasi dormente — algumas velas viajam e ganham, ao longe, sob a atmosfera congestiva e cinzenta, o seu pão torturado de cada dia.

(Conclue no proximo numero.)

ALFREDO GUIMARÃES.

Nilo Peçanha

Lisboa teve a honra de receber a visita do dr. Nilo Peçanha, uma alta individualidade da politica brasileira, e que exerceu no seu paiz o subido cargo de presidente da Republica.

Muito insinuante, intelligentissimo, abrangendo os acontecimentos n'um rapido relance, possuindo uma vastissima collecção de conhecimentos, de tal maneira os assimila, Nilo Peçanha não teve em Portugal — e registo-o com pesar — o agasalhamento a que as suas qualidades, o seu talento, o seu enorme tino administrativo tinham direito.

Personalidades d'esta ordem devem sempre ser acolhidas com o maior affecto, a todas as classes se impõe a obrigação de receber esses hospedes com a maxima cordialidade, levando a recordar a phrase do Imperador da Allemanha indicando o explorador Nansen:

— Nunca esqueçam, meus filhos, que acabam de ver um homem!

Associação Protectora das Creanças

Entre as boas instituições que a philantropia creou entre nós, deve-se contar a Associação Protectora das Creanças, que, contando 27 annos d'existencia, infelizmente, não é tão conhecida como tinha direito, tantas são as provas que n'esse longo periodo deu d'altruismo e generosidade.

PESSOAL DA LEGAÇÃO DO BRASIL

Da esq. para a dir: Dr. Oscar Teffé, Nilo Peçanha, Arthur Teixeira de Macedo, Belford Ramos, Diogo Teixeira de Macedo e Joaquim Clington.

Protege-se alli a infancia ministrando-lhe o ensino sem fins politicos, alimentam-a segundo as forças do seu cofre, e sendo tudo devido á iniciativa particular — bemdita seja ella! — visto que o Estado só paga ao professorado.

São 84 creaturas, de tenra edade, que recebem a instrucção, e nunca os governos viram ante si, importunando-os, as direcções d'aquella sociedade modelar, que teem uma enorme fé, uma grande coragem, não as atemorizando obstaculos.

Varios bemfeitores, solemnisando uma data afflictiva ou de jubilo, em varios dias do anno costumam melhorar o jantar dos protegidos da associação, como aconteceu a 23 de setembro, em memoria do nascimento d'uma neta d'um dos membros dos corpos gerentes.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DAS CREANÇAS — JANTAR DE FESTA

Que todos os que podem não se esqueçam d'esta benemerita sociedade, e não ficaria tranquillo se não deixasse aqui os nomes da commissão executiva, que com tanto desinteresse e abnegação tem trabalhado por essa sua filha dilecta e são os srs.:

Pires Branco, presidente; Estevão Ribeiro da Silva, vice-presidente; Facco Valentim, thesoureiro; Moreira d'Almeida, secretario; e vogaes Francisco Jorge Bello, Victor Lopes e José Antonio dos Santos.

O couraçado «Liberté»

Quando a adoravel rapariga do campo de Sédan vae procurar o seu soldado, morto na batalha, conta Zola que ella e a companheira pararam attonitas em frente d'uma casinha onde, por entre as portas e as janellas, se viam soldados rindo... E estavam mortos! A realidade, compartilhando com a phantasia, fez com que um navio, ao approximar-se em Toulon d'um bote do *Liberté*, onde se viam na amurada naufragos que riam de goso ao considerarem-se salvos, — como riem do barco phantastico que imaginou Poë, — notou com espanto que eram cadaveres...

Vulgarmente não costumo occupar-me dos successos estranjeiros, a não ser quando os posso relacionar com os do meu paiz, mas um amigo que veiu de Toulon contou-me factos tão extraordinarios e que não vi relatados na imprensa, que sería pena não os deixar aqui archivados.

Dou-lhe a palavra:

«Imagine que em minha volta, no bote, á mercê das ondas embravecidas, não havia mais que allucinados, que viam cousas extraordinarias no céo e nas nuvens. Um d'elles suppunha estar no theatro, assistindo a um baile, e arremessava beijos para as bailarinas. Porque inexplicavel mysterio tomam as nuvens, n'estes casos, a fórma de mulheres? Eu mesmo, embora a segurança do meu juizo, via distinctamente no céo uma formosa mulher a estender-me os braços. Os allucinados soffreram crises terriveis. Sete morreram loucos... Nove succumbiram

ao frio... Quando uma lancha se dirigia a toda a velocidade para bordo do *Liberté*, um dos tripulantes, embora a distancia a que ella se encontrava, abriu os braços como para a estreitar, e, na sua alegria de doudo, atirou-se de cabeça ao mar...»

— Ah! os mortos! exclamava um dia o dr. Arantes Pedroso! Passar os dias a ver morrer gente!...

Os que conseguiram chegar a terra, vinham em lastimoso estado d'espirito e de corpo. Só um negro, que quiz ser o ultimo a sahir do navio, se conservava tranquillo, como se desse um passeio pelo mar socegadissimo, e pavoneava se satisfeito e orgulhoso porque lhe deram umas botas de polimento.

E ria-se, mostrando os dentes. Era um monte de carvão sobre a recordação da catastrophe rindo, sempre a rir...

CARRO DA IMPRENSA NACIONAL

O anniversario da Republica

Para solemnisar o primeiro anniversario da proclamação da Republica em Portugal, annunciaram-se grandes festejos em Lisboa, e após o nomear-se uma commissão para pôr em execução o programma viu-se que era irrealisavel, porque só o cortejo historico demandaria cem contos de réis, e assim, se as ambições eram legitimas... os recursos é que falleciam bastante.

Não sendo uma só mão a dirigir, o resultado foi que o brilhantismo não correspondeu á espectativa, acontecendo o mesmo que já aqui deixei consignado: cada qual procedeu da maneira que entendeu, e na mór parte das ruas levantaram-se galhardetes, grinaldas de flôres de papel, tudo sem arte, demonstrando bem o atrazo em que nos encontramos.

A falta de gosto como que assentou arraiaes, e em vez de concentrar os festejos em duas ou tres ruas, na Avenida, em chamar alguem que soubesse imprimir-lhe um cunho artistico, remunerando se esse trabalho generosamente, é claro, a derivação deu logar a muitas ornamentações para se não aproveitar nada onde predominasse a esthetica.

As illuminações não produziram o resultado que se esperava porque abundando as côres vermelha e verde, que são absorventes, milhares de luzes que deviam dar um enorme clarão apresentavam apenas pallidos reflexos.

Houve parada sendo as tropas ruidosamente victoriadas, distinguindo-se na marcha caçadores 5, assim como a marinha, que o povo adora, e alguns dos carros que acompanhavam o cortejo civico tinham o seu tanto de grandioso pela idéa.

O da Casa Pia era formado sobre um *châssis* d'automovel, erguendo-se ao centro a figura da Caridade sob a bandeira nacional, vendo-se no plano baixo o busto da Republica, instrumentos d'ensino, es-

phera, esquadro, e o mocho — o symbolo da sciencia.

Representava o do Commercio uma galera sulcando as ondas, com os emblemas do commercio. Na pôpa as divisas das Associações Commercial de Lisboa e dos Lojistas, cahindo dos seus rebordos colchas de seda de côr diversa, flôres, e ao centro, sobre fardos, caixas, fazendas e latas, sente n'um pedestal, constituido pelos *clichés* typographicos cylindricos, em baixo uma panoplia formada pelo cabeçalho de varios jornaes diarios, rematados por uma grande paleta. Machinas photographicas, caixas, rolos e outros instrumentos, completavam a artistica ornamentação. Um docel erguia-se sustentado por quatro lanças com fitas pendentes. O carro era tirado por tres parelhas, e acompanhado por seis figuras com trajes á epocha de Guttenberg.

CARRO DO GREMIO LUSITANO

O do Gremio Lusitano era todo azul e ouro, tendo ao centro um obelisco sobre o qual se via o globo terrestre.

Tambem era curioso o dos Correios, todo formado d'apparelhos telegraphicos e postaes.

Ouvi algumas pessoas dizerem que o programma executado era d'uma monotonia desesperante. Parada, illuminações, fogos d'artificio, cortejos, na verdade não teem nada de novo.

Mas o que é que se poderia fazer para entreter o regosijo publico? Não é talvez muito facil d'achar.

sentada a figura do commercio, tendo junto de si a Republica, que empunhava a bandeira nacional. Dentro da galera seis pagens empunhando os remos, e na parte baixa do carro os escudos das duas associações e as datas: 5-x-910 e 5-x-911.

No carro da Imprensa Nacional via-se atraz o escudo da imprensa; no primeiro plano, figurava um prélo antigo de madeira, no segundo a estatueta de Guttemberg, as-

E essa minha convicção guardo-a já ha annos. A ultima vez que estive em Paris, foi nas vesperas do 14 de julho, e encontrei alli um d'esses homens que censuravam a Republica por lhe faltar imaginação e engenho.

— Como transformaria o programma da festa nacional? respondeu-me. Muito simplesmente! Primeiro... está a escutar-me?

— Dou-lhe toda a attenção.

— Primeiro...

— Já ouvi.

— Na parada, como é natural, não mexo; é um espectaculo que tem em si uma grande lição... toda civismo. Sorri?

— Não faça caso... Continue.

— No respeitante ao cortejo não tenho nada a dizer.

— E provavelmente nem ás illuminações?

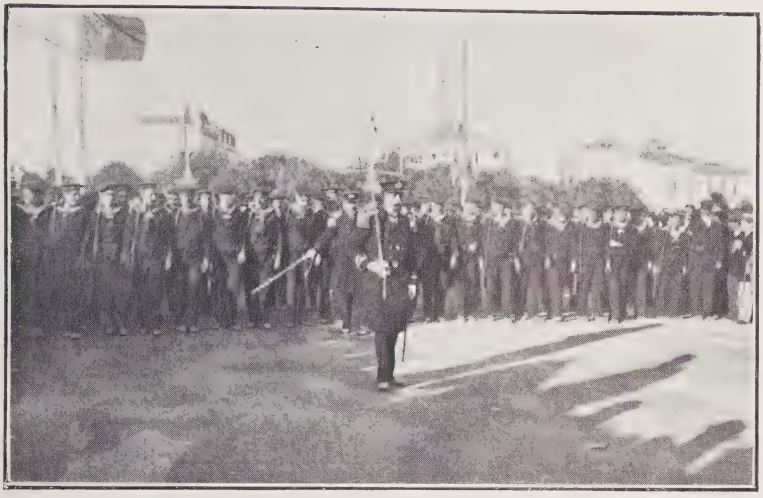
— O fogo d'artificio tambem o admitto...

— Muito bem. Ahi estão os pratos de resistencia. E então temos?...

— Temos... Espere homem... dê-me tempo para reflectir... Temos... Em primeiro logar ponha... Não! d'isto não gósto... Talvez se podesse... Na verdade, não lhe posso apresentar o meu programma sem mais nem menos... Olhe, venha ter commigo...

— No proximo 14 de julho!

— Exactamente... Mas, como o meu caro amigo vê, as festas da Republica são indiscutivelmente muito banaes...



PARADA — A MARINHA

Os crimes da paixão

Quasi que poderia dizer que é assumpto obrigado d'estas chronicas, e o mais notavel é que os mezes sangrentos, que costumavam ser quando a Primavera retoma o seu poderio, passaram para o outono, a epocha mais calma e cheia de melancholia, como indica o amarellecer das folhas, que me dão a idéa dos phthysicos a despedirem-se da vida.

Estes dramas vão-se reproduzindo como se no lar já se não podessem abrigar as felicidades tranquillas, como se não houvesse remedio para as decepções amargas, para as feridas da alma, ou mesmo para as simples incompatibilidades.

O caso d'Alverca — gente rude — e o da travessa do Fala Só — creaturas com outro jús d'instrucção — onde o marido mata a mulher, onde o marido mata a esposa e o amante, mostram apenas que os auctores assassinaram por mau instincto, apaixonados do romance sentimental, e o seu exemplo dá logar a epidemias d'homicidios, a contagios de carnificina.

E' a loucura do crime que traz a loucura do odio e a loucura do amor.

Cerebros mal equilibrados são invadidos de repente pela raiva furiosa.

Os olhos veem vermelho e a mão levanta-se para ferir.

Depois d'executarem o acto, voltam a si, na distensão dos nervos, e apresentam o espectaculo do estupor onde os engolpha o assassinio que praticaram.

Comprehendem a inutilidade da sua vingança idiota, teem horror pelo sangue derramado. E eil-os presos pelo remorso antes que a policia os capture.

Alguns, porém, não os attinge semelhante fraqueza. O fanatismo continúa acompanhando-os. Arrostam com soberbia os interrogatorios do juiz, e ante o jury que se enternece, appellam para os *grandes sentimentos* que os impulsionaram.

E assim se estabeleceu uma nova regra em materia de criminologia. Na nossa pro-

pensão para a piedade, pena e dó, a raça latina absolve hoje muitas vezes os crimes denominados d'amor.

Não ha, pois, motivo para admirar que elles se multipliquem.

As theorias em voga impellem para a absolvição, escudando-se na loucura. E põe-se em actividade o estado mental, a clemencia da anthropologia, e, quando assim se procede, estamos na antiguidade. Não nos illudamos, nada de cegueira em olhos limpidos.

A culpa é nossa e podemos renegar o sangue?

Assim falam os ideologos que negam o livre arbitrio. Por muitos exemplos tem-se visto que a sua doutrina póde ter uma influencia deploravel nos espiritos desequilibrados. O que se precisa é que cada um se

CARRO DO COMMERCIO

é porque o escravo das suas paixões deve o crime ao seu temperamento, praticando esse acto devido a uma causa que não podia dominar.

Ha uma doutrina que nega todo o livre-arbitrio. E' a de Lombroso e a da eschola italiana. Por ella, o temperamento é que faz o crime. Este depende menos do moral, que da physiologia e da historia natural. E' um producto do atavismo.

Somos da raça de Cain. No combate pela vida, na lucta das paixões, retrocedemos, mantenha fiel ás velhas tradições do dever e não admittir excepção á lei moral. O *não matarás* do monte Sinai conserva-se como um principio supremo. E aos que o não cumprissem, eu sou de parecer que se devia applicar a pena de Talião.

Um excesso de piedade pelos criminosos acarretar-nos-hia a peor das barbaries.

Os humanitarios teem conseguido suavisar os rigores do castigo.

O indulto e o hospital dos alienados estão na ordem do dia.

E como nos crimes d'amor só se attende aos soffrimentos moraes que elles produzem e encontram-se circumstancias attenuantes que libertam monstros do castigo humano... os resultados veem-se nitidamente.

Os bustos da Republica

Esta resenha com que busco acompanhar os principaes acontecimentos do mez — e se muitos dos que me leem não soubessem como sou refractario á vaidade e a elogios, não a escreveria — o que nem sempre é tão facil como se imagina, visto que ha assumptos de que me não occupo, politicos e religiosos, não ficaria completa se me não referisse ao concurso para a esculptura, em marmore, do busto official da Republica.

Os premios eram tres, e os auctores os srs. Francisco dos Santos, José Simões d'Almeida, sobrinho, e Julio Vaz Junior.

Reproduzo os modelos que foram premiados segundo a ordem porque enfileiro os nomes acima.

Portuguezes e bavaros

Os que falam e escrevem do caracter discolo e exaltado do nosso povo, ou conhecem-o pouco ou em nada o conhecem. O portuguez, quando não encontra de comer, emigra... para morrer de fome. Se não obtem trabalho, porque não ha ou não lh'o querem dar, pede esmola pelas ruas. Se se augmenta o preço da carne, suppríme-a... e resigna-se. Se lhe levantam o aluguer da casa, passa para outra mais barata, e nenhum se mostra descontente com a sua sorte. Se encarecem os generos de primeira necessidade, convence o estomago que precisa contentar-se com o pouco que se lhe ministra. Ninguem protesta nem ninguem se aparta d'aquella docilidade que caracterisa o typo dos governados.

Não se nega a pagar o que lhe é exigido, e comtudo quantas vezes lhe teem chamado discolo e exaltado!

Em contraste a este quadro, deixem que lhes apresente o quadro d'um Estado allemão, — a Baviera.

Alli, no principio d'este mez, elevaram o preço da cerveja, e os bavaros, que são apaixonados d'esse dourado e saboroso liquido, a melhor maneira que encontraram para se oppor ao accordo dos fabricantes foi declararem-se em *grève*. E desde então não a bebem... nenhum d'elles entra n'uma cervejaria. O seu protesto, embora pacifico, é constante, tenaz. Dignamente, como convém aos bons bebedores, affeiçoaram-se á agua, e passeam e procuram em infantis distracções o esquecimento ás suas desditas. E assim, sem um grito, sem alvo-

BUSTO DA REPUBLICA — 1.º PREMIO

rotos, nem *meetings*, nem discursos trovejantes, nem barricadas, nem revoluções, conseguiram já que diminuissem dez réis em cada copo.

Mas como os bavaros não gostam que lhes cerceiem as liberdades, manteem-se firmes na sua attitude e não desistem emquanto o *bock* não chegar ao preço antigo.

Entretanto, o protesto, silencioso, continúa de pé, e em todo o Estado allemão segue esta lucta pertinaz entre fornecedores e consumidores.

Em Portugal nunca se chegaria a este

resultado. Se aqui mais uma vez tivesse subido o preço da cerveja, continuariamos bebendo-a como antes, e pagando-a pelo novo custo. Basta ver o que occorreu com o tabaco, que augmentando de preço e diminuindo de qualidade... augmentaram os fumadores;

BUSTO DA REPUBLICA — 2.º PREMIO

se olharmos a carne, embora cada qual tenha que renunciar ás 68 grammas que lhe correspondem, decorrido um mez o conflicto está resolvido a favor dos marchantes. E n'essas occasiões annunciam-se *meetings*, publicam se manifestos, ouvem-se gritos de ameaça, nomeam-se commissões para estudar a maneira d'*harmonisar os interesses de todos*, e depois dos discursos, e em seguida ás manifestações de cada *protestante*, todos vão ao talho pagar o que se lhes exige pela carne, sorridentes, satisfeitos, porque estão convencidos que ganharam uma batalha...

Romaria da saudade

A unica romaria de Lisboa, é a que se realisa no mez de novembro, no dia consagrado ao culto da morte, em que a cidade vae ajoelhar no campo santo. E' o tempo de rezar pelos finados, tempo melancholico da Natureza, com dias temperados e serenos, com um exercito de milhares d'arvores que recortam o céo pardacento e dos ennegrecidos troncos sobe até aos cimos calvos a velha canção d'inverno que tirita de frio. A Natureza turva-se e prepara-se para o seu enorme somno, e a formosa capital, violacea pelo frio alvorecer do outono, e ainda convulsa pelo quente anoitecer do estio, principia o inverno descobrindo-se ao pé dos sepulcros...

Ha-os para todos os gostos. Uns grandes, majestosos, solemnes, como castellos feudaes; outros, pequenos, leves, alegres, como casinhas de verão. Alguns são tão elegantes e cuidados, que, vistos de relance, semelham palacios promptos para receber os convidados a um grande baile; outros tão mo-

BUSTO DA REPUBLICA — 3.º PREMIO

destos e escondidos sob a espessura da flora silvestre, que parecem dizer que alli não ha absolutamente nada... Uns e outros com corôas seccas, com flôres recem-recortadas, com estatuas marmoreas, com medalhões symbolicos, com lampadas que alumiam a

tristeza da apaixonada recordação. Encontram-se os de grandes musicos, como Cyriaco de Cardoso; de grandes escriptores, como Latino Coelho; de grandes jornalistas, como Antonio Rodrigues Sampaio, todos manchados pelo carcomido dos annos. Alguns vejo-os juntos d'eucalyptos que choram com o soluço das folhas seccas, outros teem flôres escaldantes que alegram a vista e o coração.

Deparam-se epitaphios pomposos, com inscripções modestas, com um nome e uma data, alguns com horriveis sarcasmos. N'um lê-se:

Querido esposo... Espero-te!... 12 d'abril de 1842.

E um pouco mais abaixo:

Querida esposa... Aqui estou!... 14 d'agosto de 1893.

Tambem os ha, mudos, terrivelmente mudos, com o mutismo do que se ignora!...

Todos os annos não esqueço o dia de finados e se não tivesse outros motivos para o recordar, bastava-me este facto occorrido na aba d'uma montanha, de que fui testemunha, tanto conheci esses desgraçados.

Elle excitou a namorada para se suicidarem juntos. *Ella* morreu do ferimento. E *elle* salvou-se para contar o caso.

Chamava-se Rosa e era a de todas aquellas cercanias. Rosto sadio, bella entre as mais bonitas, loura, e com uns frescos quinze abris.

Não queria morrer, não explicava essa necessidade d'ir tão nova para o além... E escreveu á mãe:

«... Creio que poderiamos evitar a morte. Mas *elle* diz que é necessario morrer, porque a vizinhança inteirou-se e ri-se de mim, e assim morro com *elle*... Dê o meu vestido preto á Henriqueta; os meus brincos d'ouro á Maria; a boneca grande a minha irmã Alice. Adeus, e perdoe-me...»

E *elle*, que lhe acertou no coração com uma bala, não soube attingir o seu!...

Quem segue no caminho de ferro, n'uma volta da estrada, levantando os olhos, surge-lhe subitamente o cemiterio com os seus jazigos brancos, semelhando a alegre casaria n'um alto. Aquelle desviado recanto é humido e fresco, e o sol estende-se á vontade, abrilhantando as plantas que se enlaçam na não cohibida liberdade do campo; e quando passam e repassam os comboios na sua velocidade, lançando fumo e silvos, os passageiros, fatigados da lucta da vida, fitam sem angustia o socegado asylo com a sua alvura de longe impeccavel, e as arvores que os saudam em compassados movimentos...

Alli está Rosa... Alli *vive* morta!... As raparigas dos arredores vão visita-la aos domingos; marchetam-lhe o coval com violetas, e rosas, rosas, muitas rosas; falam com ella... dão-lhe os bons dias... perguntam-lhe como está... se dorme bem!...

Ha quinze dias, ao passar no rapido por aquelle lindo logar da morte, vi ainda as raparigas, surpresas pelo ruido, correrem para longe, como bando d'assustadiças pombas, occultando-se com as arvores...

Não tendo medo de cadaveres, atemoriza-os o comboio, que symbolisa a vida, o progresso...

Fecundidade

Quem quer demonstrar muito não prova grande cousa, e applicando-se formulas juridicas completas á massa dos individuos, chega-se apenas a alinhar algarismos que nada representam.

A hereditariedade e o atavismo, essas duas doutrinas gemeas, teem talvez mais que os outros *casos* da nossa pobre humanidade, fornecido materia para compactas e solemnes estatisticas, e agora é quem procurará nos ascendentes dos maniacos, dos criminosos, dos politicos ou dos homens de genio as influencias que poderam determinar essas propensões...

Zola consagrou o seu robusto talento a estudar, ás vezes d'uma maneira um pouco facticia e arbitraria, a degenerescencia social d'uma familia nascida d'um alcoolico e d'uma louca. Agrupou um lote d'individuos diversamente attingidos pelo mal hereditario e em quem se revelavam todas as fórmas da hysteria.

E' uma paciente e solida construcção feita d'observação e de these preconcebida. Mas agora mandam-me um folheto contra o alcoolismo, onde leio o artigo d'um sabio allemão que refaz a historia d'uma velha bebeda, que viveu de 1740 até aos primeiros annos do ultimo seculo. Ha aqui já a apreciar a longevidade e assim o alcool não usurpa a sua reputação de *conservar*.

Mas ella procreou, e em que proporções! A sua descendencia não comprehende menos de 843 individuos, o que leva a suppôr que teve bastantes filhos, robustos, capazes de darem vida a outras creaturas.

Ora d'esses 843 rebentos, acompanharam-se 706 nas suas diversas carreiras, ou antes na sua maneira de viver, e descobriu-se que 142 exerceram a mendicidade, 76 foram criminosos, 81 mulheres entregaram-se á prostituição, emfim, 106 eram filhos illegitimos.

Creio que a este trabalho falta o seu tanto de seriedade.

Passemos sobre os 86 criminosos (de que sete eram assassinos). E' muito para uma familia, embora composta de 843 pessoas, porque dá um malfeitor sobre 10 individuos, um assassinio por cem. A proporção sería para rejubilar se respeitasse á população.

A mendicidade póde ainda proceder do alcoolismo. A preguiça, a incapacidade de trabalhar, a insubmissão, causadas pelo gosto da bebida, ou alguma tara physica, são capazes de levar o homem á vadiagem, mas o resto?

Sobre essas 81 prostitutas que foram o ornamento d'essa familia, quantas adoptaram esse genero de vida por degenerescencia ou embriaguez? Não houve tambem o desejo d'uma vida na apparencia mais livre e mais brilhante, ou as aventuras imprevistas que levam a rapariga do campo para a galanteria, ou simplesmente o exemplo das mães ou das irmãs mais velhas?

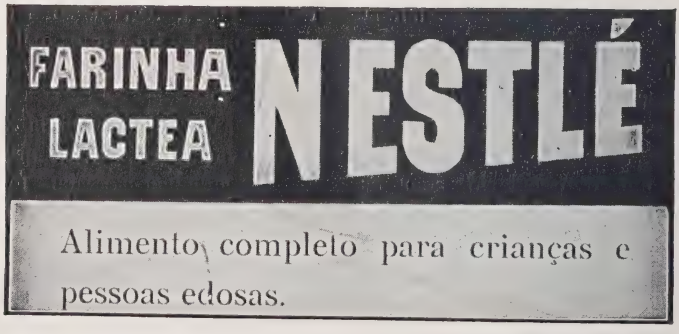
E quanto aos filhos naturaes que teem elles que ver com a fatal hereditariedade? E' nas familias d'alcoolicos que se fabricam os *filhos do amor*? Sería melhor saber se elles eram rachiticos, escrophulosos ou tocados pela tuberculose que sobresaltar-se se nasceram legitimos ou illegitimos.

Emfim, tudo isto reunido — mesmo com os filhos naturaes que com certeza symbolisam o vicio — fazem o total de 405 individuos sobre 843. De 438 nada se diz, seja porque não os observaram, quer porque viveram normalmente. Estamos, pois, muito longe da terrivel fatalidade dos Rougon-Macquart. E' verdade que nos encontramos na vida e não no romance, e a vida prova muito menos porque tambem imagina menos.

Em todo o caso eis uma ebria que arremessou para o mundo, pelo menos, cinco gerações.

De poucos amadores d'agua se poderá dizer o mesmo.

PORTUGAL DA SILVA.



Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

VAZ — Partida de vasco da gama

Gymnasio

E' o verdadeiro theatro da comedia, o unico no genero que existe entre nós, e por esses espectaculos o publico tem enorme predilecção.

Comprehende-se, porque a maioria quer despreoccupar o cerebro e assim os ditos d'espirito, as situações comicas, os enredos interessantes teem sempre primazia aos dramas por mais pungentes ou mais bem observados que sejam.

E para um auctor ver que uma platéa se estorce com riso, é d'uma alegria communicativa e fica assim compensado de todas as semsaborias que uma peça lhe acarreta até ao momento em que sobe á scena, tendo ainda por epilogo as observações dos que se dizem criticos que não justificam o seu parecer, censurando tantas vezes com uma ignorancia que não irrita, porque ella é tão palpavel que só os rudes a não distinguem desde logo.

Quando eu publicar o meu livro *Memorias d'um jornalista,* trinta annos de vida d'imprensa, onde ha affirmações, sarcasmos, ironias, anecdotas, onde se marca a ferro candente vaidades e prosapias, não occultando nomes, e fazendo justiça áquelles que a merecem, não se olhando homens, não se distinguindo partidos, onde se hão-de dar lições d'honestidade e de cortezia, ver-se-ha bem que a imprensa, ella que podia ser tudo, não soube ou não pôde cumprir a missão que lhe incumbia.

Os *Direitos da Mulher,* original dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, é uma *charge* ao feminismo, por vezes um tanto carregada, mas preenchendo por completo o fim dos auctores — fazer rir. E' d'aquellas peças que penalisam o espectador por não ter seguimento, não porque o enredo não ficasse esgotado, mas porque tinham margem para se escrever scenas cheias de *verve.*

No desempenho notarei Maria Augusta, que tem um papel certo e para onde convergem todas as sympathias; Ambrosina de Medeiros, uma elegante mulher e que na personagem da esculptora foi gracil e intelligente; Laura Hirsch, a medica, com a comprehensão nitida do que dizia; Augusto Machado, que é o aperitivo da comedia tão justo vem o seu commentario, coadjuvando estes artistas na medida das suas forças Albertina, Sophia d'Oliveira e Herminia Silva.

Seguiu-se a *Cocotte,* de Pierre Veber, um dos collaboradores dos *Vinte Dias á Sombra,* que não me é licito analysar, mas que foi recebida por toda a imprensa n'um côro elogioso tantas são as situações imprevistas, porque tem um bom acto d'apresentação, o 2.º d'um comico irresistivel, não lhe affrouxando o interesse no 3.º, e o ultimo como factura, chegando á farça, é dos melhores

que se tem visto em theatro pela maneira d'urdir os fios da trama.

Ensaia-se actualmente n'este theatro o *Thalassa* e *Aguentar e cara alegre.*

Apollo

Eduardo Schwalbach, inaugurando o theatro de que é director, escolheu uma peça sua, o *Chico das Pégas,* uma successão de scenas onde ha de tudo: comedia, drama, operetta, revista, mas tudo cozinhado com a sua habilidade habitual, condimentado cuidadosamente.

Se me impozessem o dever de dizer aqui que é um dos melhores trabalhos do illustre escriptor com certeza não subscreveria esse proposito, mas á generalidade do publico, que não attende a subtilezas, e não comprehende arte, a operetta agradou, sendo os auctores, — e n'estes incluo o nome do maestro Filippe Duarte — interpretes e scenographos acclamados com bastante enthusiasmo.

E como a acção passa por transes rapidos, é claro que essa variedade distrahe, e chega-se ao final com a sufficiente vontade d'applaudir.

O desempenho é muito harmonico, e se as vozes dos artistas não são um portento, esforçaram-se todos em dar relevo ao *Chico das Pégas,* sobresahindo Amelia Pereira, Nascimento Fernandes, Alegrim — inda que este parece-me deslocado n'aquelle meio — Ilda Ferreira, e entre as principiantes ha a distinguir Sara Medeiros, que é um elemento a aproveitar.

Avenida

Ha dois annos representou-se n'este theatro a *Flôr do Tojo,* do sr. Campos Monteiro, operetta que tanto no Porto como em varias cidades do Brasil tem sempre obtido exito.

A protogonista então foi confiada a Amelia Lopicolo, e é hoje substituida por Adriana Noronha, que começa agora e se não alcançou o applauso incondicional deve-se aos reclamos espaventosos que appareceram nos jornaes, e todos sabem que o elogio sem peso, conta nem medida é contraproducente.

Escusado será falar de José Ricardo, que é sempre um grande artista, e accrescentarei que a musica de Nicolino Milano é adoravel e cheia d'harmonia.

As *Botas de Napoleão,* do sr. Sousa Rocha, que não foram bem recebidas no Porto nem no Rio, tiveram em Lisboa a mesma sorte.

Trindade

Explorou uma revista, *Ventas de Patrulha,* e que conseguiu attingir 40 recitas, o que ninguem diria, tal foi a maneira violenta como a ouviram na primeira noite.

Mas, após uns córtes, rectificações, intercalamento de scenas, lá singrou com vento mais ou menos favoravel.

A epocha d'inverno abre com os *Amores de Principe,* onde reapparece Palmyra Bastos.

Rua dos Condes

Tem em scena uma revista, *Vá p'la esquerda,* que não foi bem acolhida.

Comprehende-se.

O publico principia a saciar-se do genero, de tal maneira elle se degradou, e assim não vem longe o periodo em que se poderá considerar como completamente morto... e nas condições em que actualmente estava não se perde nada...

Coliseo dos Recreios

Inaugurou a temporada com uma companhia equestre e de variedades, tendo alguns numeros sensacionaes e que bastante agradaram, tanto mais que foram escolhidos com cuidado pelo seu emprezario, sr. Antonio Santos.

Os espectaculos são em duas sessões por noite e os resultados correspondem a essa nova tentativa.

Animatographos

Continuam sendo os predilectos do publico — **Chiado Terrasse** e **Salão da Trindade,** onde o publico vê desfilar todos os assumptos mais palpitantes da actualidade.

* * *

Na Allemanha, o publico nunca applaude emquanto o panno está em cima ou não finda a execução d'um trecho musical.

Foi uma reforma que, a pouco e pouco,

se tornou em habito, tanto em theatros como em concertos. Alguns maestros mesmo, para o conseguirem, recorreram a meios rigorosamente militares. Cita-se até um *kapellmeister* que, depois de ter prohibido os applausos, entre as diversas partes d'uma symphonia, recomeçou cada uma todas as vezes que os espectadores applaudiam apenas ella terminada.

Na verdade estes processos com difficuldade se admittiriam em Portugal, mesmo n'um quartel. Mas, deve-se confessar que sería conveniente conseguir, não direi a suppressão definitiva de todos os applausos no decorrer d'uma peça, mas pelo menos um pouco mais de criterio na escolha do momento em que o devem fazer.

Tem-se visto que os effeitos mais notaveis dos nossos actores são prejudicados por palmas intempestivas. Quantas vezes á ultima palavra d'uma scena que se devia destacar, a um effeito de voz tão estudado, veem ruidosos applausos que bastam para o destruir, e como é impossivel repetir a scena, a peça diminue de valor.

Se não se tratasse para os espectadores mais que o de ceder a um impulso irresistivel! Mas toda a gente sabe que o que o nosso publico procura primeiro que tudo é fazer-se notar por uma enorme comprehensão. Ficaria humilhado se, antes do final da phrase, não adivinhasse a idéa do auctor, se não mostrasse que percebe com extraordinaria facilidade.

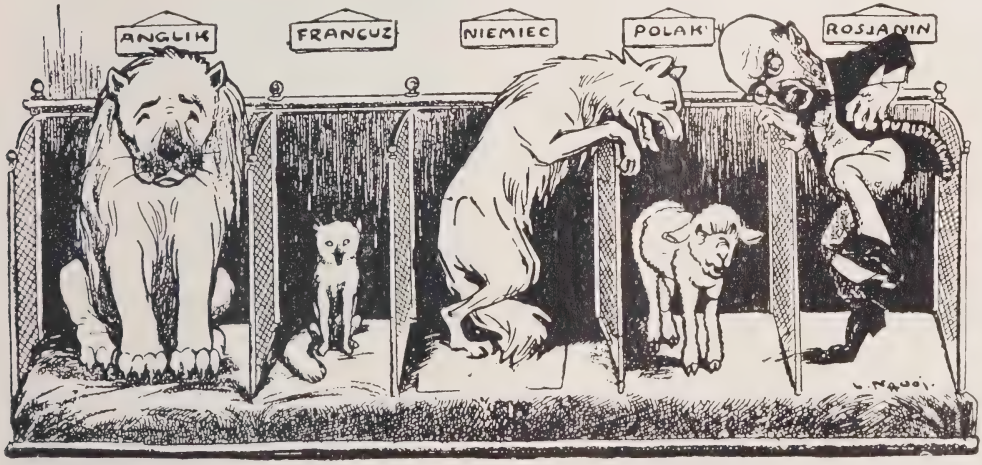
Em attenção áquelles que escrevem para o theatro, admittamos, para sempre, que o nosso publico é d'uma intelligencia superior, que antevê tudo o que se passa no palco, mas dispensemo-lo de o testemunhar mutilando o pensamento do auctor.

PORTUGAL DA SILVA.

Curiosidades do tempo

O Trabalho e a guerra

O mais interessante facto no assumpto da guerra, — assumpto em que temos tentado especialmente interessar os nossos leitôres — foi ultimamente a proclamação de Bebel ao congresso socialista de Iena. Em França, os anti-militaristas preconizaram a declaração de greve geral como cheque-mate dos trabalhadôres á declaração de guerra. Bebel critica o projecto como impraticável. Uma grande guerra produziria tão inconcebiveis miserias, que «as massas não descutiriam a greve geral, porque se limitariam a pedir trabalho e pão». A propria guerra traria a paralização da industria, que é o fim dos sindicalistas. Bebel diz, com muita razão, que uma guerra faria perigar a existencia da estructura social de hoje. «Milhões de trabalhadôres seriam arrancados ás suas familias, que ficariam sem têr com que vivêr, e centenas ou milhares de pequenos fabricantes estourariam por falta de meios de continuar nos seus negocios. Os fundos e acções soffreriam uma quebra formidável, de que tivemos ha bem pouco uma pequena amostra, e pela qual dezenas de centenares de familias em confortaveis circumstancias



O JARDIM ZOOLOGICO INTERNACIONAL: — Uma projectada conferencia da Paz em Londres
(Os animaes teem os letreiros: *Inglaterra, França, Allemanha, Polonia, Russia*)

(Mucha, Varsovia.)

se veriam reduzidas a pedir esmola. O enorme commercio de exportação com todo o mundo extrangeiro ficaria interrompido; innumeraveis fabricas e emprezas industriaes parariam; a importação de alimentos cessaria completamente, os preços attingiriam uma altura fabulosa, e tudo significaria uma fome geral».

O PROTESTO SOCIALISTA: — «Resolvido que sem nosso consentimento se não fará fogo do lado da Allemanha».

(*Kladderadatsch*, Berlim.)

Bebel calcula que cada dia de mobilisação custaria á Alemanha para cima de 9:000 contos de réis, e á França não menos. Mas a guerra traria a mobilisação tambem na Austria, Russia, Inglaterra e Belgica, e tudo isso daria um total de uns 45:000 contos por dia, para decidir se a Alemanha, que tem só 9 % do comercio marroquino, cujo total não passa de 23:000 contos por anno, deve insistir em têr uma posição privilegiada em Marrocos, o que a Inglaterra não pretende, apezar de lhe dizerem respeito 39 % do tráfico. Estas despezas de guerra, deve notar-se, são só os desembolsos immediatos, não incluem as immensas perdas indirectas devidas á paralização dos negocios e a outras consequencias da guerra. Segundo o livro do coronel Boucher «La France victorieuse dans la guerre de demain», a França poderia pôr 1.400:000 homens em primeira linha, opondo 20 corpos aos 23 corpos allemães que atravessariam a fronteira dez dias depois da declaração de guerra. A Russia despacharia em 25 dias 27 corpos de exercito para a fronteira, e 10 dias mais tarde 13 ontros corpos russos estariam no territorio allemão. A guerra de 70 não passaria de um brinco de crianças em comparação com a que a França e Allemanha arriscariam por causa da questão de Marrocos.

Eis a nova orientação dos pacifistas: não é por considerações teoricas ou sentimentaes, mas pela propria organisação dos interesses que a guerra acabará.

Vida na Sciencia e na Industria

O enigma da Esfinge

O professor Jorge A. Reisener, da Universidade de Harward, (Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos) pretende têr enfim conseguido resolvèr o problema da Esfinge, até hoje envôlto em tão denso mistério.

Que representa ela? A cabeça de Cefrem, o rei que fez construir a segunda das grandes piramides, no corpo de um leão deitado. O seu simbolismo líga-se á idéa familiar entre Assirios e Egipcios de juntarem a cabeça de um potentado ao corpo do mais temido dos animaes, para representar a protecção que um grande rei dá ao seu pôvo e o terrôr que inspira aos seus inimigos.

Quanto ao bloco em que é talhado, foi, segundo o professôr Reisener, um pedaço de rocha não aproveitavel para construcções e posto a nu pelo aproveitamento das pedreiras aos lados delle, com o fim de obter material para a construção das duas pirâmides maiores.

Assim o mostra o diagrama da nossa segunda figura. O bloco que ficou entre as duas excavações foi então transformado pelos trabalhadôres numa Esfinge colossal com a cabeça de Cefrem.

Ter-se-ia dado este facto uns 2:850 annos antes de Christo, ou sejam 1:000 annos mais cêdo do que até hoje se julgou.

«Ao tempo em que se esculpiu a Esfinge, diz o professor Reisener, o terreno não estava em maneira nenhuma consagrado e a escolha do logar para a collosal imagem do Rei foi simplesmente devida ao facto de se não ter podido aproveitar o bloco por não ser proprio para a pirâmide.»

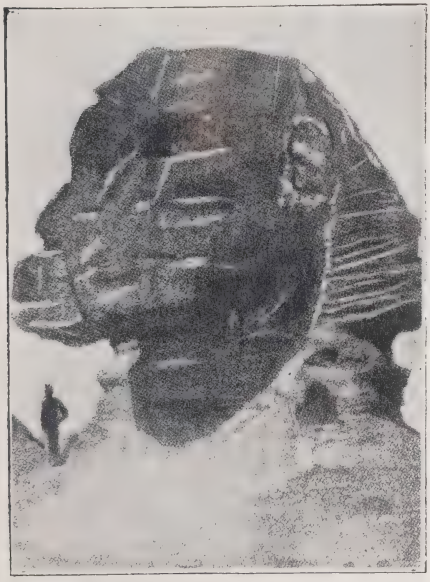
Assim ficam abaladas as teorias que ha perto de 5:000 annos se teem amontoado sobre a especial significação da posição da Esfinge. Que olhava para o sol nascente, — que olhava as piramides

— que quando se punha o sol a sombra d'ella se alongava sobre as patas estendidas, eram tudo dados para homens e mulheres se convencerem que havia aqui poderosas evidencias de misticismo e simbolismo envolvidas na sabedoria dos Egipcios. Afinal aparece-nos o professor Reisener demonstrando que a posição da Esfinge foi simplesmente determinada pela qualidade da rocha, e que se a pedreira fôra homogenia não haveria provavelmente Esfinge alguma para preoccupar, espantar cincoenta seculos de humanidade.

Por outro lado, faz notar que se os trabalhadores egipcios, que eram bons conhecedores do material proprio, tivessem decidido que outro qualquer ponto da facha rochosa não se prestava, então poderia outro Faraó ter construido a Esfinge; mas neste caso Cefrem teria achado ao concluir a sua piramide que aquelle tosco pedaço de rocha desfeava o templo do valle que havia construido.

Do templo do valle ao da piramide, Cefrem construiu uma vereda lageada. Depois, quando tudo estava feito (podemos suppô-lo com o professor Reisener) ou Cefrem ou algum dos seus conselheiros tiveram uma idéa luminosa: «Porque não transformar este bloco monstruoso numa Esfinge?

O resultado seria colossal, e o colossal, o monstruoso fallaram sempre ao espirito egipcio. O necessitar o trabalho milhares de escravos, não era o minimo obstaculo, porque a monarchia egipcia estava no seu auge e tinha direito de vida e de morte sobre centenas de milhares de escravos. Um papiro do tempo diz como um caso de trabalhos publicos ordinarios que 3:300 homens foram empregados durante 6 meses a trezerem um unico bloco de pedra a uma distancia de 300 milhas para formar parte do templo.

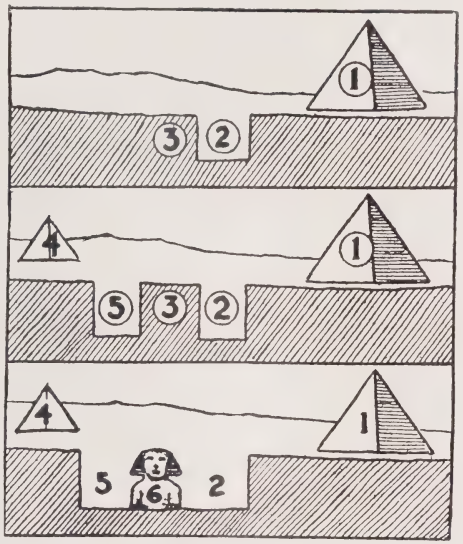


A CABEÇA DA ESPHINGE: — Que significa ela?

Com o trabalho humano tão barato — proporcionalmente mais barato do que a dinamite hoje em dia — não é para admirar que o informe rochedo fosse convertido n'um impressionante monumento de Cefrem. Talvez fosse elle o primeiro rei egipcio que assim usasse juntar o seu proprio retrato ao corpo d'um leão, mas seus successores assim usaram, tanto que os archeologos concordaram em que era a Esfinge o retrato de algum rei.

Mas a opinião que mais se espalhára era que a Esfinge era pelo menos 1:000 annos posterior a Cefrem.

Se este pensou que a Esfinge preservaria a sua memoria incolume atravez dos seculos, enganou-se, pois só depois de milhares de annos é que o monstro foi identificado com o seu fundador pelos dados que o professor Reisener encontrou nos estatutos de Micerino, o construtor da 3.ª piramide, que talvez fosse neto de Cheops que construiu a primeira.



A CHAVE DO ENIGMA DA ESFINGE

1 — Primeira pirâmide, construida por Cheops.
2 — Pedreira de que foi tirado o material para a construcção da pirâmide de Cheops.
3 — Bloco de rocha improprio a sêr aproveitado para construcção.
4 — Segunda pirâmide, construida por Cefren, successôr de Cheops.
5 — Pedreira de que foi tirado o material para a pirâmide de Cefren.
6 — O bloco improprio para construcção, esculpido em cabeça de Cefren com corpo de leão.

Para se compreender a significação da Esfinge é necessario o conhecimento do uso das piramides, e foi d'ahi que partiu o professor Reisener para aclarar o misterio da Esfinge. Fallando dellas diz: «As piramides eram simplesmente os tumulos dos reis, e comquanto fossem maiores e mais esplendidos do que quaesquer outros que tivessem construido os seus antecessores, estes tumulos foram construidos sob os mesmos principios que os outros tumulos egipcios.

Teem uma camara subterranea na qual o corpo é murado e protegido da corrupção ou espoliação, emquanto em cima um monte de pedra, alvenaria ou tijolo marca o tumulo, e serve de logar onde os vivos possam comunicar com o espirito do morto por meio de offerendas e palavras magicas que assegurarão ao espirito do morto o pão quotidiano e a protecção do mal.

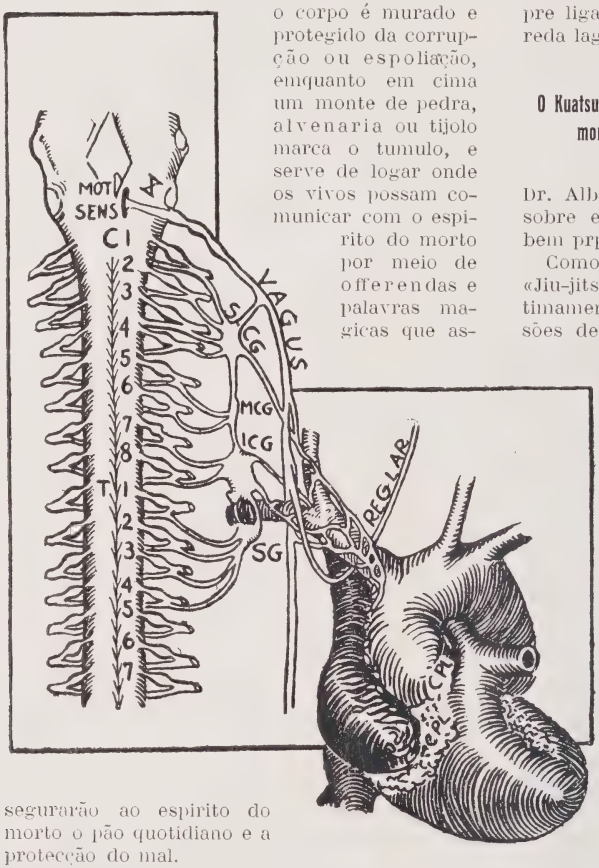


DIAGRAMMA MOSTRANDO A CONEXÃO ENTRE A ESPINHA E O CORAÇÃO.

Uma crença essencial da região egipcia é a de uma outra vida depois da morte, e que de qualquer maneira desconhecida a personalidade do morto continua depois da morte com as mesmas necessidades, o mesmo receio dos maus espiritos, os mesmos trabalhos e os mesmos prazeres que quando no mundo.

Em todos os tumulos se collocava comida e bebida e era um dever dos parentes dos mortos renovar essas provisões. Os reis e grandes homens estabeleciam fundos para prover ás suas necessidades depois de mortos.

Para esses fundos, concediam-se propriedades a certos individuos tornados assim sacerdotes funerarios, que eram encarregados de levar comida e bebida diaria aos tumulos dos fundadores.

Assim é que cada piramide não só continha uma camara mortuaria para o rei, mas tambem tinha na encosta mais perto do valle uma capella para a apresentação das afferendas e a exucução dos ritos proprios.

As piramides, com os seus templos, elevavam-se a grande altura num planalto de rochedos, e por conveniencia ou outras quaesquer razões que nos são desconhecidas, havia uma segunda capella em baixo á beira do valle, sempre ligada com o templo superior por uma vereda lageada.»

O Kuatsu, arte de chamar mortos á vida

E' em alguns casos possivel resuscitar um morto: eis um facto extraordinario em que talvêz poucos acreditem. As recentes e interessantissimas investigações do Dr. Alberto Abrams derramam consideravel luz sobre este fenómeno que participa da magía e bem prpprio é a excitar a imaginação.

Como se sabe, o «Kuatsu» é o complemento do «Jiu-jitsu», o jogo de luta japonès tão falado ultimamente e que tão interessantes tornou as sessões de Raku no Coliseu dos Recreios. Ora, o «Jiu-jitsu», sabe-se tambem, tem golpes perigosos, golpes fataes; algumas vèzes é, não o simples desmaio, mas mesmo a morte que sobrevem a certos lances. D'ahi a recommendação de que aos desafios mais sérios deve assistir um perito em «Kuatsu». O «Kuatsu» é a arte de chamar á vida as victimas dos lances perigosos do «Jiu-jitsu», servindo tambem para soccorrèr os afogados, os atacados de insolação, os desmaiados por qualquer causa.

METODO DE CONCUSSÃO PARA RESTAURAR O FUNCIONAMENTO DO CORAÇÃO.

Achilles só era vulneravel no calcanhar mas

nós, simples mortaes, descendentes de mortaes, não temos as prerogativas do filho de Thetis e somos infelizmente vulneraveis por todo o corpo, mais especialmente em certos pontos. «Jiu-jitsu» quer dizer quebra de musculos. E' uma maneira scientifica de combatèr, que diligenceia pòr fóra de combate o oponente sem grande esforço, por cheques nos pontos fracos, por concussão de partes vitaes e extraordinariamente sensiveis da anatomia humana.

Uma pancada relativamente forte dada com a mão debaixo do extremo da barba, nas fontes, por detráz da orêlha, na base do cerebro ou no lado do pescoço sobre a veia jugular — póde em qualquer dos casos fazer parar a acção do coração e assim produzir a inconsciencia se não a morte. Uma pancada forte na base da espinha pode aleijar para toda a vida. O effeito paralizador da pancada no plexo solar é bem conhecido de todos os pugilistas, mas um verdadeiro jiu-jitsuista nunca dá uma pancada no plexo solar com a mão fechada; bate com a ponta dos dedos, na convicção de que a pancada assim penetra mais profundamente do que o poderia fazer á mão fechada.

O jiu-jitsuista tem uma serie de outras pancadas que dominam mas não são perigosas.

Esta breve digressão sobre os golpes do «Jiu-jitsu» com as suas por vezes tão serias consequencias era necessaria para claramente se compreendèr o «Kuatsu», ou maneira mecanica de refazèr a vida aparentemente perdida. A concussão de um ponto vital produz a inconsciencia; a concussão de outro ponto rapidamente reanima.

O coração mostra mais vida do que qualquer outra parte do còrpo. E' conhecido o caso do tubarão. Kuliabko conseguiu bem perceptiveis contracções no coração dum coelho cinco dias passados sobre a morte do animal; e a mesma autoridade scientifica restaurou completamente a acção do coração de uma criança vinte e quatro horas depois de ella estar morta aparentemente de pneumonia.

Apesar desta grande vitalidade, é comtudo o coração um orgão muito sensivel. O Dr. Abrams assevera que exercendo uma pressão firme sobre qualquer dos pontos vitaes que os jiu-jitsuistas procuram, notou «que na maioria dos casos havia uma inibição reflexa do coração durante o periodo da pressão». Quer isto dizèr em linguagem simples que a acção do coração foi afrouxada; e é de vèr que se a pressão fosse maior, como seria no caso de uma pancada forte, podia têr o coração parado completamente. Os pontos vitaes são aquelles que communicam com diversos nervos que se prendem com o «vagus» (veja-se o diagrama da nossa gravura) nervo inibitório que vae ao coração. Uma vèz tocados esses nervos, paralisam, por intermedio do «vagus», o coração. Nota o dr. Abrams que a irritação da mucosa do estomago é igualmente inibitória do coração, o que explica os casos da morte subita causados por indigestão.

Devemos lembrar que uma irritação periferica que é levada por nervos «centripetos» a um centro nervoso, reflectindo-se depois ao longo de um nervo «centrifugo» produz uma contracção «involuntária» num musculo. E' a isto que se chama um «reflexo». Ora, ha reflexos do coração, e além do nervo «vagus» que enfraquece, que inibe a acção do coração, ha outros que a acceleram, que a excitam: o «jiu-jitsu» estimula a acção dos primeiros, o «kuatsu» a dos segundos. E' interessante notar que segundo o Dr. Abrams a dose de um sexagesimo de um grão de atropina, paralizando os extremos motôres do «vagus», suprime por um intervalo de uma a três horas o reflexo do coração, de maneira que o jiu-jitsuista que tomasse atropina e assim adormecesse a sua sensibilidade cardiaca, teria enorme vantagem sobre um antagonista que tal não fizesse.

Depois de cuidadosas experiencias o Dr. Abrams concluiu que é a concussão da setima vertebra cervical, (vèr a illustração) que melhor estimula a contração cardiaca. Declara tèl-a praticado a uma paciente que estava moribunda com uma pneumonia.

«Durante o decurso da sua doença, diz elle, empregaram-se os estimulantes cardiacos usuaes. Mas repentinamente durante a noite tornou-se extremamente cianotica (duma lividez azulada denotando grande enfraquecimento na circulação) e sem pulso, e determinou-se fazer a concussão á setima vertebra cervical para acordar por assim dizer, o enervado coração. Applicaram-se as superficies palmares (inferiores) dos dedos á setima verterba cervical e deram-se com os punhos cerrados sobre as superficies dorsaes (costas) dos dedos uma serie de seccas e vigorosas pancadas. Este methodo de concussão continuou-se durante uns dez minutos, com intervalos de descanso. Pouco depois de principiar a concussão, tornou-se menos evidente a cianose e o pulso perceptivel durante a noite. De duas em duas horas se continuou a operação, e d'ahi em diante a menores intervalos até que ficou estabelecida a convalescença. Era evidente a todos os circumstantes que depois de cada sessão de tratamento pela concussão havia immediata evanescencia da cianose e o pulso tornava-se mais forte e menos frequente».

No exemplo acima prova-se que o «kuatsu» foi admiravelmente efficaz para trazer de novo á vida um doente quasi morto. Tambem se emprega com extraordinarios resultados para resuscitar os afogados e os que apresentam morte apparente.

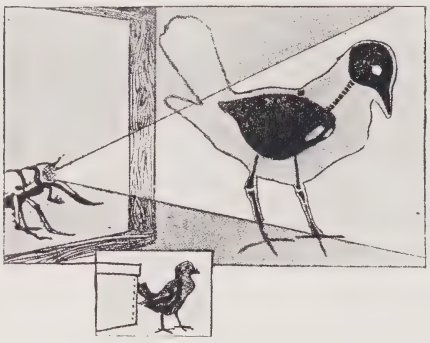
As maravilhas da visão

«Oh pudessemos nós vernos a nós proprios, assim como os outros nos vèem a nós!»

A visão do homem é muito limitada e a maioria das pessoas não faz ideia de quanto são limitadas a esse respeito, nem podem apreciar a microscopica, macroscopica ou telescopica visão de outras creturas. Por exemplo, estão vendo os seus filhos mas não teem a minima idea de como as creanças os vèem a elles.

Damos uma gravura do Dr. Otto Birnleim de

S. Petersburgo que se tem dedicado a interessantes observações da visão nos animaes e insectos, para provar que differentes se affiguram as mes-



EXPERIENCIAS DO DR. BIRNLEIM

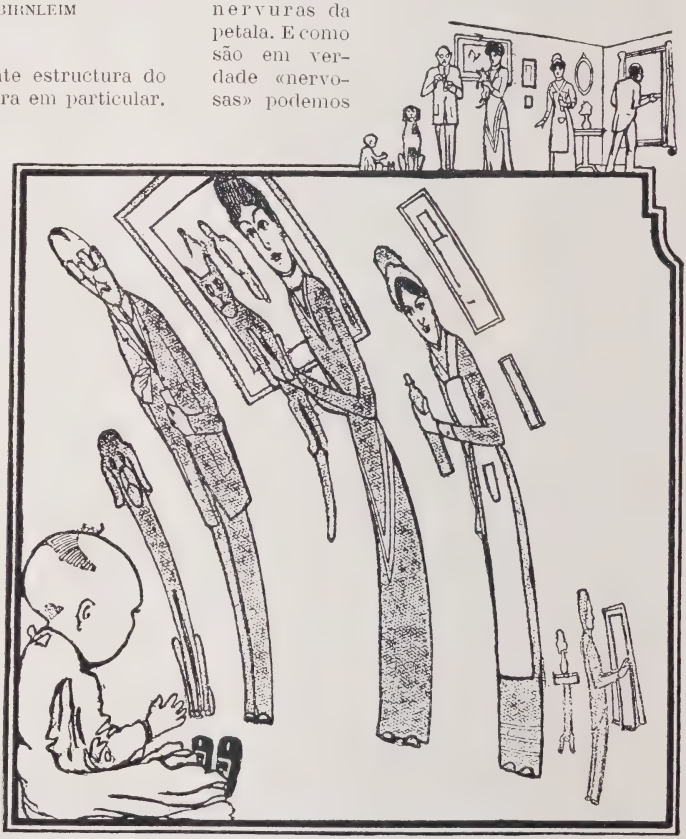
mas coisas conforme a diferente estructura do apparelho visual de cada creatura em particular.

Podemos ver uma montanha, o que um insecto nunca póde, mas um insecto por sua vez vê coisas que nós não vemos. Uma formiga dansando num raio de sol, póde não estar realmente dansando, mas sim evitando atomos de pó invisiveis para nós, mas para ella grandes como bollas de croquet. Para um tão pequenino insecto o raio de sol parecerá cheio de rapidos meteoros e pavorosos monstros — germens que fluctuam no ar — e muitas outras coisas. Seria um mundo extraordinario. Alem de serem as coisas muito differentes de como nós as vemos, os insectos veem côres que nós não vemos, e a sua visão microscopica dá ás coisas uma forma differente do que as que se apresentam a nós.

Do mesmo modo que não podem ver os grandes aspectos da Natureza tambem não podem aprehender as vibrações mais lentas do extremo inferior do espectro. Não é provavel por exemplo que possam ver o vermelho. Um jardim de rosas, diz o professor Birnleim, apparece provavelmente branco de neve aos pulgões e aranhas, emquanto a flôr da malva-rosa com as côres da faxa ultra violeta, que nós não podemos ver mas que elles vêem, lhes dará combinações de côr que nem podemos calcular. Tambem se considera provavel que aos insectos nocturnos o jardim appareça illuminado em lindos e variados tons.

Está na verdade provado que as flôres possuem certa quantidade de radio-actividade, — como aliás a maioria das substancias. E um dos seus effeitos diz o sabio, é guiar os insectos nocturnos.

O aspecto de um tal jardim illuminado por tintas e côres inimaginaveis nos pareceria a fantastica paisagem de um conto de fadas. Do mesmo modo a faculdade microscopica tornaria um tal jardim ainda mais fantastico. Um inseto entrando n'uma rosa por exemplo, pareceria entrar n'um largo e abobadado aposento em volta do qual umas linhas recortadas e ornatos seriam as delicadas fibras das petalas. Por detraz, linhas de luz oscilante, que seriam as nervuras da petala. E como são em verdade «nervosas» podemos supper que teem mais radio-actividade do que o seu envolucro, e parecerão portanto mais brilhantes aos olhos do insecto.



COMO, SEGUNDO O DR. BIRNLEIM, UMA CRIANÇA VÊ
Em cima, a scena qual nós a vemos

Recentes experiencias demonstraram ainda que os insectos tem provavelmente dois ou tres outros sentidos que nem podemos nomear. Como estes complicam a apparencia das cousas não nos é possivel imaginar. Sabemos todavia o sufficiente para calcular quão curiosa será a visão que tem o insecto das coisas do mundo.

Uma descoberta tambem muito curiosa é a faculdade do insecto de ver em casos em que nós não vemos. O Dr. Birnleim experimentando certas baratas, traças e borboletas chegou á conclusão que possuem vista do raio X. Por outras palavras, teem os olhos sensiveis ás vibrações ultra-violetas que nos não podemos ver.

Quando um raio de luz passa através de um espectroscopio (um prisma de vidro que tem o poder de separar as partes componentes do raio) vemos sete côres differentes e as suas modificações, principiando no vermelho e acabando em violeta (é o que se chama o espectro). Cada cor é produzida por uma differente escala de vibrações que fere a retina. Mas abaixo do vermelho ha vibrações, chamadas infra-vermelhas, que vibram demasiado lentas, e acima do violêta outras vibrando demasiado rapidas para o olho humano as apreender: chamam-se ultra-violetas. Nas ultimas estão os raios X e outros possuindo notaveis qualidades. Quando intensificamos os raios X de maneira que os olhos os possam sentir, podemos ver através de tudo, — digamos de um corpo humano — que possam atravessar os raios, do mesmo modo que podemos ver através d'um vidro porque os raios de luz podem passar através delle.

O Dr. Birnleim assegura que as suas experiencias lhe provaram que os insectos normalmente são sensiveis aos raios ultra-violetas.

Tomou uma caixa de madeira com faces da grossura de duas polegadas. Metteu-lhe dentro um besouro, animal que tem muito medo do pintaroxo. Fechou a caixa por todos os lados, deixando-lhe apenas uma pequena abertura atraz que cobriu com vidro. A caixa estava hermeticamente fechada, de maneira alguma o besouro podia ver para fóra. Depois collocou um pintaroxo do lado de fora. Immediatamente principiou o besouro a correr para um e outro lado mostrando que sabia estar ali o seu inimigo. Repetiu a experiencia varias vezes, sempre com o mesmo resultado. Não parecia haver maneira do besouro aperceber o seu inimigo senão pela vista. Depois dirigiu uma corrente de raios X para dentro da caixa, através da madeira.

O insecto mostrou claramente que era sensivel ás vibrações.

Se assim é, que fantamagoria deve a vida apresentar a estes insectos! O besouro dentro da caixa teria visto claramente o passaro através da madeira, mas não como nós o vemos, senão como um esqueleto com um nebuloso contorno de carne e pennas. Isto assim deve ser, diz o Dr. Birnleim, porque, dada a vista dos raios X, todo o objecto através do qual elles passam apparece transparente. O besouro d'esta especie veria uma parada não como uma massa de alegres uniformes e homens em marcha — mas como uma procissão de esqueletos com botões metalicos fluctuando sobre elles

Estas opiniões do Dr. Birnleim são curiosas e suggestivas; o professor porèm é muito mais um naturalista do que um optico e a sua descrição do raio X por exemplo, confunde um tanto o que o optico compreende e habitualmente descreve por este nome com uma especie de radiação completamente differente — isto é, os constituintes ultra-violetas da luz. Literalmente, estes raios ultra-violetas, sendo desconhecidos aos nossos sentidos, podem ser descriptos como uma especie de raios X; e não ha duvida que os insectos vêem por meio destes raios «côres» de que não fazemos idea. Por outro lado, se os besouros são sensiveis aos raios de Roentgen, como parece que prova o Dr. Birnleim, não se segue que vejam os homens (ou passaros) como «arvores andantes» por assim dizer. Se um pintaroxo é uma fonte de raios X (o que é possivel, mas não provado e mesmo improvavel) então a sua proximidade do besouro occasiona provavelmente apenas uma vaga sensação de desconforto, tal como experimentariamos das radiações dum corpo quente invisivel para nós. Tambem nos parece um pouco exaggerado o desenho do Dr. Birnleim sobre a visão da creança.

Evolução e Revolução

Uma nova maravilha, um novo facto revolucionario. A população parisiense pode admirar em Montreuil duas árvores dignas dessa admiração. Uma é um pecegueiro que dá amendoas; a outra uma amendoeira que dá pêcegos. Não é, hão-de concordar, coisa que se esteja a vèr todos dias. Os senhôres não acreditam? Pois vão vêr: lá estão essas duas maravilhas botânicas, obra dos professôres Armand Gauthier e Henri Poincaré, que propositadamente fizeram este reciproco enxerto para experiências sobre a evolução. Descrevendo essas suas experiências e os resultados á Academia das Sciencias, os professores pretendem têr refutado em parte as teorias darwinianas sobre a evolução. A natureza não produz a variação das especies po evolução lenta e gradual: mas sim procede por saltos, por bruscas revoluções.

As variações das especies, dizem, dependem em grande parte do enxerto acidental ou intencional, e apresentam as suas duas árvores como provas do seu assèrto.

O jejum, remedio para todos os males

O jejum é para um ja celebre autôr inglès, Upton Sinclair, o segredo da juventude eterna, da saude perfeita e permanente. Pelo conhecimento d'esse segredo nada trocaria no mundo. E' a valvula de segurança da natureza, diz elle, uma protecção automatica contra a doença. Não pretende estar á prova de toda e qualquer doença virulenta: basta o sentir-se immune contra as infecções communs e os males crónicos. Espera continuar na sua idéa de jejuar ao menor indicio de qualquer sintoma, uma dôr

de cabeça ou uma constipação, um sentimento de depressão ou a lingua suja, ou uma ferida num dedo que se não cura rapidamente. Nesta ordem de ideas escreveu o seu livro sobre a cura pelo jejum. Os effeitos do método de Sinclair são explicados da seguinte maneira: O alimento superfluo produz fermentações, enchendo o corpo de uma quantidade de materias toxicas superiôr á que podem eliminar os orgãos competentes. O resultado é o sobrecarregamento desses orgãos e dos vasos sanguineos, — e de ahi as dôres de cabeça, reumatismos, arterioscleroses, paralisias, apoplexias, mal de Bright, cirroses, etc. E prejudicando o sangue e abaixando a vitalidade, o mesmo facto prepara o sistema para as infecções, — constipação, pneumonia, tuberculose, febres. Mal o jejum começa e foi vencida a primeira sensação de fome, as secreções cessam, e todo o sistema assimiladôr, que tanto tira da energia corporal, fica livre e descansa. O organismo enceta então uma limpeza geral, que pode sêr ajudada por um clister e um banho diário, e sobretudo pela ingestão de muita agua. A lingua torna-se suja, desagradaveis o hálito e a transpiração, e isto continua até que as substancias toxicas tenham sido eliminadas. Então começa a lingua a limpar e a regressar a fome.

A perda de peso durante o jejum é geralmente de meio kilo por dia. E' consumida primeiro a gordura, depois o tecido muscular. A verdadeira fome só principia quando o corpo tenha quasi sido reduzido ao esqueleto e ás visceras. O autôr do método diz têr encontrado em numero consideravel quem tenha jejuado por 40 ou 50 dias.

Estranho caso, este tratamento cura tanto a magrêza como a obesidade. Os que pesavam de mais não voltam ao antigo peso; os magros podem ganhar quasi meio kilo por dia durante um mês. Ha um perigo a recear no jejum, é o receio. Ninguem deve começar o tratamento sem estar convencido de que é conveniente fazê-lo; se possivel, deverá têr comsigo alguem que já tenha feito a experiencia, e nenhum parente aprehensivo que lhe note atemorizado que o pulso está abaixo de 40, e que o coração pode parar durante a noite.

Um medico, Dr. Robinson, saiu a combater Sinclair, dizendo não havêr experiencia bastante larga e minuciosa para fundamentar a generalidade e o tom positivo em que Sinclair annuncia os seus resultados. Por outro lado, diz não havêr na idea tanta originalidade como Sinclair e os seus discipulos crêem, pois ella tem já surgido varias vèzes na historia da therapeutica. Teem apparecido de tempos a tempos entusiastas que julgam o jejum remedio de todos os males, e alguns medicos recommendam o jejum aos pacientes quando as condições permittam o seu emprego.

Podêr-se-ia, pois, dizêr, segundô o Dr. Robinson, que o que nas ideas de Sinclair ha de bom é velho, e que o que nellas ha de novo é exagerado ou não suficientemente provado.

A guerra nos ares

A guerra e os rumôres de guerra enchem os ares; enchem os ares em todas as accepções da frase: os ares inferiôres e os ares superiores, — em projecto, pelo menos. Surgem as fantasias realizaveis de novas tacticas e novas armas: e o publico sonha na grande revolução que destes novos modos de combater ha-de advir para a questão da guerra. O paroxismo pavoroso da sua fúria, ou a sua morte, finalmente, esmagada sob o peso da propria plethora formidável?

Chegam-nos da America noticias sobre a futura guerra aérea. O aeroplano achou um hábil caçadôr, o almirante Twining, com o seu canhão para atirar tiros a 3 milhas de distancia na vertical. As experiencias deram, segundo nos dizem, o melhor resultado. Para pôr um balão ou aeroplano fóra de combate e matar instantaneamente os seus pilotos basta fazer explodir uma pequena granada ao pé delle. O canhão Twining póde sêr manejado por um só homem se fôr necessario (o allemão, até hoje o melhor, exige seis).

Os problemas de recúo e de pontaria são para esta especie de armas os mais árduos de resolvêr, e ha enorme dificuldade em fixar a posição do cano e resistir ao recúo do canhão apontando para cima. Difícil é tambem o determinar nestas circumstancias as trajectorias. E' algo de parecido com o tiro aos pássaros.

Sobre o perigo de o aeroplano atirar bombas para um navio, o almirante Twining explica que isso é extremamente improvavel, a não sêr que o aeroplano se chegue a uma distancia muito pequena, o que é difícil para elle. O navio pode atirar ao aeroplano muitissimo antes que este esteja em condições de podêr atacar o navio.

«Se se pudesse colocar um canhão num aeroplano, este estaria em quasi egualdade de circumstancias com o navio, mas ainda se não resolveu esse problema». Um canhão para podêr prestar para alguma cousa precisa de têr um peso com que hade sêr muito difícil poder carregar um aeroplano.

Deitar de um aeroplano uma bomba sobre um couraçado é tão difícil como, estando nós num comboio em marcha, deixar cair uma laranja num ponto determinado da linha. Para conseguir esta habilidade, seria necessario largar a laranja uns poucos de segundos antes de chegar a esse ponto porque a laranja cái animada na queda da velocidade horisontal do caminho de ferro. Além disso, como o peso que pode suportar o aeroplano é muito limitado, só muito poucas bombas poderá trazêr, emquanto o navio possue uma quantidade considerabilissima de munições.

O novo canhão pode disparar em qualquer posição do cano. A posição vertical é evidentemente perigosa, porque a granada se não explodisse cairia no ponto de partida. O ângulo de tiro vai de 50 a 75 graus. Nas experiencias fez-se fogo com diferentes ângulos. Usaram-se granadas descarregadas. A espolêta é tão sensivel que as granadas rebentariam pelo menor contacto

com o aeroplano, mesmo roçando numa das asas. O exame do canhão provou que passára sem avaria a primeira série de experiencias. A seguir fizeram-se novas experiencias com variados àngulos de tiro. O canhão poderá fazèr fogo com a velocidade de 12 tiros por minuto.

As lanternetas são carregadas com altos explosivos; rebentando espalham uma carga de

CANHÃO TWINING CONTRA AEROPLANOS

chumbo que se dispersa segundo um cóne que é quasi certo compreedèr o aeroplano, se a pontaria fôr um pouco cuidadosa. Para se podèr seguir a trajectoria ha indicadòres de fumo para de dia, e rastros luminosos á noite.

Agora o reverso da medalha. Dizem os apologistas do aeroplano que este poderá deixar caír de um altura inatingivel pelo menos uns 100 kilos de alto explosivo, e assim destruir caminhos de ferro, pontes, navios, cidades; além disso deve notar-se que tudo que sobe aos ares terá de descèr, attingindo o solo com velocidade consideravel. Ora, as granadas ou os seus fragmentos serão sempre um perigo ao caírem. Quem em terra atirar a um aeroplano tem pois de pensar bem primeiro.

O menor tempo em que até agora se tem conseguido determinar, com o auxilio dos mais aperfeiçoados instrumentos, a altura a que está o aeroplano (para regulação das alças) tem sido de 8 minutos: neste intervalo o aeroplano pode já tèr variado bastante de distancia. Dahi uma grande dificuldade para a questão do tiro.

Em França ha hoje mais de mil aviadòres destinados ao serviço militar. Ha tambem nesse país cincoenta escolas de aviação, dez das quaes de 1.ª classe, que podem aprontar aviadòres com uma semana de aprendizagem e traino, em caso de necessidade. Com as facilidades actuaes de construcção podem fabricar-se vinte aeroplanos por dia se necessario fôr; e como estes se podem deslocar facilmente em fardo compacto, a questão do transporte não é dificuldade de maior. Um antigo celeiro dá facil esconderijo para pôr os aeroplanos perto do campo de acção. As pessoas proximas podem estar de tudo ignorantes no momento em que a frota aérea se revela, levando comsigo a destruição.

Nisto reside o grande podèr, geralmente mal apreciado, do aeroplano: o efeito moral que produz nas comunidades ameaçadas. E' esse um consideravel valòr para radicar a idéa da conveniência da paz.

A preservação pessoal é uma lei racinal da naturèza; e o receio pela completa destruição da nossa familia e bens não é sentimento que se deixe facilmente vencèr pelo apèlo ao patriotismo. O crime de suscitar uma guerra em tais condições poderia muito bem levantar um violento protesto e uma insurreição geral contra os governantes que imprudentemente a isso se abalançassem.

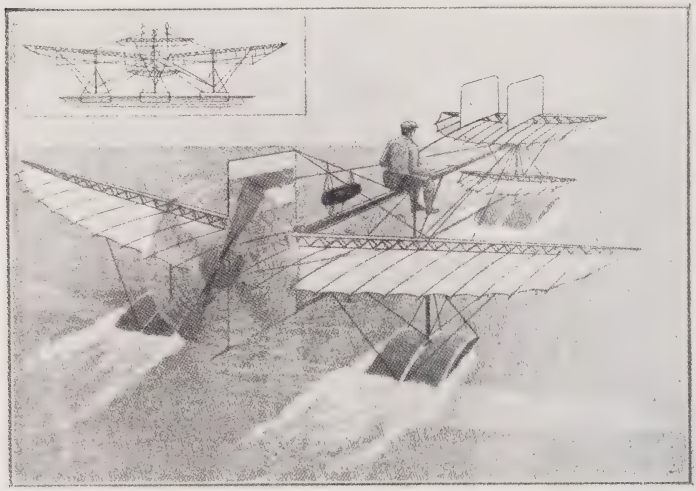
O barco voadôr

Para exercer um logar importante na marinha de guerra, é preciso ao aeroplano o podèr pousar na agua e levantar d'ella o vòo, porque nem sempre será conveniente o faze-lo do tombadilho ou do castello de um navio, como mostrámos no nosso numero de abril (pag. 313). Está descoberto um barco que tão bem se move num como noutro elemento.

O hidro-aeroplano Fabre, como lhe chamam, é um aeroplano provido de boias de maneira a abaixar-se, aguentar-se sobre a agua, navegar e levantar-se aos ares quando se queira. E' composto de um caixilho vertical análogo ao corpo d'uma bicicleta, ao qual estão ligados: atrás a principal superficie elevadora com o motòr no seu extremo; na frente os lemes verticaes e horisontaes, e no centro o assento do pilòto. De baixo ligam-se três flutuadores: um á frente do caixilho, e dois debaixo da superficie elevadòra, a metade da distancia do centro aos extremos.

São hidroplanos, e cada um forma a base de um outro flutuadôr. A disposição garante a estabilidade longitudinal e transversal, e faz com que os flutuadôres da rectaguarda se não movam na agua já agitada pelo dianteiro. Os flutuadôres oferecem pouca resistencia ao ar no vôo; e para absorvêr os choques, a sua superficie inferiôr é flexivel, de madeira delgada que actua como a pele d'um tambôr. Desta forma o caixilho e o aparelho são protegidos como os carros são protegidos pelas molas dos solavancos numa má estrada.

A forma afilada do fundo dos flutuadôres permite-lhes passar sobre as algas e quaesquer corpos flutuantes, e roçar pelos rochedos sem perigo, mesmo andando rapidamente. Nenhum barco



O HIDROPLANO FABRE

automóvel tem tanta facilidade de evolução em paragens de pouco fundo e perigosas, como este hidroplano impelido por um motôr de ar. Pode mesmo continuar andando se não houver agua. Não succederia mal se o hidroplano pousasse numa planicie: os flutuadôres são para isso bastante sólidos. O aparelho pode partir da terra ou do mar indiferentemente. As asas podem dobrar-se, o que aumenta a semelhança com as aves. Para o aeroplano maritimo esta faculdade é mais importante que para o aeroplano terrestre, porque quando o aeroplano chega a um porto em que precisa de se demorar, se não colhêsse o pano das asas podia havêr avarias com o vento. As velas são feitas de um pano conhecido pelo nome de «simili-sêda», usado nos barcos de regata, e podem envergar-se e desenvergar-se facilmente.

O hidroplano Fabre atingiu já a velocidade de 34 milhas por hora no mar. Na primeira experiencia começou por se levantar a 2 metros da superficie e voou uns 500 metros nesse nivel, subindo depois a 3 metros e meio, altura em que voou mais tempo. Numa experiencia mais recente atingiu a altura de 18 metros, em que voou um percurso de perto de 4 milhas. Desde então teem-se feito muitos percursos no ar e na agua com excelente resultado.

Um cão que fala

Teem-se extraordinariamente interessado os circulos scientificos allemães com uma maravilhosa celebridade animal: nem mais nem menos que um cão falante. Chama-se Dom o prodigio. A principio o publico abanou scepticamente a cabeça julgando tratar-se de uma mistificação, ou, quando muito, de uma illusão. Mas hão houve remedio senão render-se quando viu os mais distinctos homens de sciencia estudarem o curioso animal, fazerem metódicas investigações sobre as suas capacidades. Como vulgarmente acontece, os mais affirmativos negadores converteram-se em exagerados generalisadôres do facto, dizendo ter o caso antecedentes historicos desde ha quasi dois mil annos. Plinio, o famoso naturalista romano, e mais recentemente o filólogo Perty, haviam já feito referencia ao facto de os cães poderem imitar a linguagem de seus donos. Mesmo entre os contemporâneos caninos de Dom elle encontraria rivaes: nada menos de uns vinte ou trinta, e mesmo um gato, que segundo as affirmações escritas da sua dona, seria capaz de pronunciar frases inteiras e até de cantar canções populares.

Estas affirmações são tão pouco verdadeiras como eram infundadas as negações do principio. O caso de Dom, segundo a opinião do dr. Alfredo Gradenwitze, que pessoalmente investigon o fenómeno, é não só autântico, mas unico. Outros cães haverá capazes de imitar palavras, á maneira do papagaio, mecanicamente, sém lhes ligar significação. Mas Dom «fala», e é o unico animal até hoje que provadamente o fèz. As suas falas exprimem tendencias intimas que visam á communicação com o dono e outras pessôas, manifestando a sua affeição ou pedindo a satisfação de qualquer desejo. Já quando muito novo dava mostras de excepcional inteligencia, sendo contados numerosos e notaveis factos acontecidos nos seus primeiros annos. Nunca teve educação especial senão o treno usual para a caça.

Tanto a linguagem como as suas outras faculdades excepcionaes se desenvolveram espontaneamente e sem qualquer incitamento exteriôr.

Tudo n'elle é espontaneo e proprio: quando satisfeito fala por sua livre iniciativa, mas se houver a menor causa de aborrecimento já não pronuncia uma palavra e cousa alguma o levará a exhibir as suas capacidades. Aos seis mèzes, bem mais cêdo que qualquer criança, revelou o seu talento extrordinario pronunciando a sua primeira palavra articulada: estava junto á mesa, com olhares suplicantes para o dono. E perguntando-lhe este se queria alguma cousa, respondeu repetindo a ultima palavra da pergunta («haben», têr.) Desde esse momento tornou-se objecto das attenções mais assiduas, mas raras vêzes se executou uma educação propositada. Porisso o cão offerece a extraordinaria apparencia de uma forte individualidade, fazendo tudo por seu arbitrio, sem nenhuma impulsão externa perceptivel. Sempre foram notavelmente independentes as suas maneiras. Em casa do dono em Theerhutte, no meio das tapadas reaes, levava uma vida de perfeita liberdade, exceptuando os seus deveres «profissionaes» de cão «setter». Todos os dias partia só para um passeio matutino, passeando gravemente pela matta e fazendo por vezes uma visita a algum dos amigos do seu dono. Abria a porta afastando o ferrolho como qualquer alma christã, entrava, deitava-se confortavelmente junto ao fogão, e, se bem humorado, tinha uma pequena palestra com as pessôas da casa.

Quando encontrava na rua crianças que iam para a escola pedia-lhes para tomar parte no seu lanche com as palavras «hunger» (fome) ou «kuchen haben» (quer bôlo). Conta-se que uma vez, dando com uma velha de uma aldeia visinha que ia para o mercado, pausadamente se lhe dirigiu pronunciando as palavras: «Don fome; quer bôlo.» A velhota de tal forma se assustou que largou o seu cabaz e deu ás de vila diogo firmamente convicta de que o cão tinha demonio íncubo.

E' curiôso que Don fala aos extranhos com a mesma facilidade que ao seu senhôr. Porisso quando o Dr. Pfungst, conhecido especialista de psicologia animal, e o Dr. Vosseler, directôr dos jardins zoologicos de Hamburgo, desejaram submetter Don a experiencias scientificas, não tiveram a menor difficuldade para o fazêr pronunciar todas as palavras do seu repertorio. Os records fonograficos que se executaram nessa occasião provaram de sobejo a identidade da linguagem de Don com a fala humana. Ha decerto pequenas differenças de estructura da larige, mas que não destroem de maneira alguma a clarèza das palavras. O Dr. Vosseler fez a proposito de Dom uma conferencia sobre o problema da linguagem nos animaes em geral, e nos cães em particular, problema que foi tratado scientificamente. Chamou a attenção sobre o facto de certas aves (papagaios, corvos, etc.) possuirem uma notavel aptidão para imitar a fala humana, apesar da completa differença entre a nossa laringe e a delles. Nos mamiferos essa habilidade é uma absoluta excepção, apesar de a sua laringe se assemelhar muito mais á do homem. De facto, a conformação da laringe canina é a muitos respeitos mais favoravel do que a do homem. Don é portanto um prodigio, e o primeiro caso de um cão que não só pronuncia palavras como lhes attribue significação e as faz servir intencionalmente para satisfação das suas necessidades. E' mais ou menos conversadôr, conforme as circunstancias. Com bom tempo fala mais facilmente do que com mau. Mas é visivel que o exercicio da linguagem envolve um grande esforço e muita fadiga para o animal.

Don é um bello cão, castanho, forte, de olhos intelligentes.

Quando o Dr. Vosseller acabou a sua conferencia, começou a representação que todos os assistentes esperavam com anciedade. Um prato com carne — a tudo que é bôa comida chama o cão «bôlo» — lhe foi apresentado. Primeiro perguntaram-lhe o seu nome, ao que distinctamente

DON, O CÃO FALANTE

respondeu: «Don». A segunda pergunta foi: «Que é que sente?» A isto respondeu: «hunger» (fome), demorada a segunda sílaba mais do que a primeira, e com distincta articulação do «r». Sendo-lhe perguntado depois: «quer alguma cousa?» muito vivamente replicou: «haben, haben», palavra que, como muitos homens, elle apparentemente prefere a todas as outras. Apresentando-se-lhe a carne, espontaneamente pronunciou a palavra «Kuchen», e com perfeita clarèza na pronuncia do «K» e do «ch». A certas perguntas replicava «Ja» (sim) e «Nein» (não). A sua mais recente acquisição, de que parece particularmente orgulhoso, é a palavra trisilabica «Haberland», nome da noiva do seu dono. Apesar de o vocabulario de Don compreendêr só nove palavras, não o devemos considerar muito desfavoravelmente, em comparação com as 150 dos australianos e as 200 que as pessôas de mais elementar educação se pretende vulgarmente usarem, mesmo nos mais civilizados paises.

Serões das senhôras

Chronica da moda

Para uma épocha de transição, isto é, para quando apenas mal se entreveem ainda as primeiras innovações da nova estação que começa, é sempre o pratico *tailleur* que mais prende a nossa attenção, e ao qual recorremos na falta de uma *toilette* mais caracterizada pelos ultimos requintes da moda. Para esse genero de vestuario continua invariavel a predilecção pelos tecidos como a sarja lisa ou de riscas, o panno, e ainda o setim e o velludo, que parecem mantêr-se na primasia que tiveram o inverno passado.

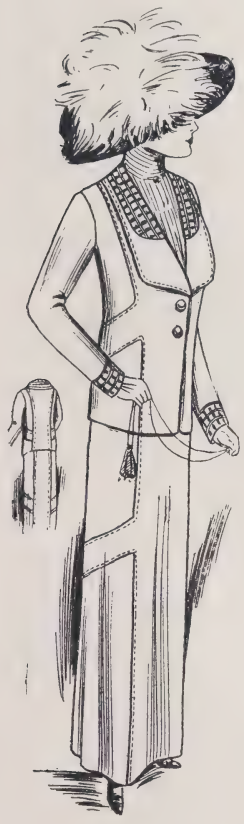
O *tailleur* requer como sempre um corte irrepreensivel, e quanto mais sóbrio fôr de enfeites mais accentuada será a sua distincção. As saias, neste principio de estação, apparecem, pouco mais ou menos, com a mesma largura que teem tido até aqui. Um bom corte, a solidez do tecido e a simplicidade de fórma são ainda as unicas qualidades necessarias para uma saia verdadeiramente pratica

O feitio de uma saia é ponto que muita attenção requer da sua possuidôra; nem todas as formas conveem a todas as estaturas, e o mesmo succede com os tecidos; só a forma lisa, os pannos inteiros e as riscas ao alto podem favorecer a mulher de baixa estatura, ao passo que as formas complicadas, os pannos cortados e as riscas diagonaes ou atravessadas conveem ás mulheres altas.

Cada estação nova, renova a forma das blusas. As blusas differentes da côr da saia estão completamente fóra da moda. Em todo o caso são admissiveis quando haja harmonia de tons entre a saia e a blusa, ou quando esta ultima tenha algum enfeite da côr da saia. A forma *kimono* permanecerá ainda por largo tempo, e as blusas *voilées* são presentemente muito apreciadas.

Nos vestidos de grande *toilette* a fantasia dos *voilages* cresce a ponto de serem estes duplicados e triplicados, conseguindo os mais bellos effeitos de transparencia e côres pela superposição de tecidos: temos, por exemplo, uma túnica de musselina de seda rosa pálido, posta sobre uma túnica de musselina de seda azul celeste; uma túnica *gris*, outra *mauve* sobre azul muito pálido,

e finalmente uma túnica azul pálido sobre outra *mauve;* estes conjunctos de tons, que á primeira vista parecerão a mais atordoadôra das modas, consegue, pela combinação inteligente, o effeito mais dôce e deslumbrante possivel.



As simples *écharpes* de musselina de sêda ou de crêpe da China, estão a pouco e pouco cedendo o logar a lindos manteletes, que já tanto successo fizeram no tempo das nossas avós, e que hoje novamente se vão introduzindo como um elegante adorno nas *toilettes* das senhoras de meia edade. *Nil sub sole novi*, diz o Ecclesiastes: Nada ha novo sob o sol, carissimas leitoras!

Os vestidos escuros são sempre os mais adequados para as senhoras cuja edade passe dos cincoenta, e justamente agora está para ellas em grande moda o uso dos vestidos de setim preto.

Toda a senhora de uma certa edade deveria evitar seguir cegamente a moda, mas somente usar o que convém á sua figura, á sua silhuêta, e ao seu parecer; não ha inconveniente em que ella use os mesmos vestidos e os mesmos chapeus das mais novas, mas estes devem sempre differir na côr e nos enfeites: é esta a verdadeira maneira de se saber vestir.

As *toilettes* para de tarde são sempre sobre o curto, mas para de noute já se vêem os vestidos compridos e de cauda, não decerto com as longas e rodadas caudas de outros tempos, mas de caudas estreitas, diferindo apenas na forma: umas quadradas, outras sobre redondo, outras formando bico.

Como enfeites estão muito em voga as franjas de froco de sêda, e tambem de contas, que guarnecem as túnicas e mesmo as saias. São no entanto as franjas de sêda as preferidas.

Os veludos terão este anno maior preeminencia ainda que no inverno passado, sendo as *toilettes* mais elegantes todas desse tecido; igualmente favorecida é a belbotina ou veludilho. Sobresáem os grandes casacos de veludo preto. Resurgem, finalmente, as pelissas á 1830, que, ao que parece, terão muitas partidarias.

Lenços de fantasia

Estão entrando novamente em moda os pequeninos lenços de côr, que apparecem

cem uma variedade tão imprevista que se tornam graciosos a ponto de attrairem a attenção e aplicação do bom-gôsto. Não são

A alegria de vêr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

como os antigos lenços de côr, azues, rosa ou lilaz: são uns lencinhos de cambraia fina, com uma minuscula cercadura de côr, sendo a lettra bordada no mesmo tom. As côres mais em voga são o verde Imperio, o acastanhado, o azul *royal* ou azul faiança, o lilaz e o amarello roseo. Alguns são metade brancos, tendo a outra metade umas largas riscas em diagonal, nas côres que indicámos; outros são brancos a meio, e apenas coloridos aos quatro cantos. Para os lenços todos brancos os bordados da Madeira são os que estão mais em voga, como sendo dos mais bonitos, e tambem os de finas rendas: Valenciannas verdadeiras, a fina renda de bilro, etc. Estes lencinhos são uma mera fantasia, e quasi microscopicos, para que as senhoras os mettam na palma da sua luva.

Leques para «soirées»

Os leques, que ordinariamente acompanham uma *toilette* de *soirée*, são quasi sempre de dimensões regulares.

Os modelos antigos, sobretudo o estilo Luiz XVI, são os que mais se usam. Alguns são lindos, em tons grisalhos, *vieil argent* e preto. Leves contornos de lantejoilas prateadas ornam os desenhos, e as varetas são de marfim, com frisos pretos.

Este modelo além de bonito é apropriado a todas as idades. Tem-se tentado rejuvenescer o classico leque de plumas de avestrz, introduzindo varias imitações de maior ou menor fantasia. O leque *chiffon* é a novidade mais recente, e profetiza-se-lhe um grande successo para o proximo inverno. São ainda os reflexos da moda dos *voilages* que inspiraram certamente esta nova invenção. As varetas são de madrepérola e o leque é formado em cada vareta, por uma especie de fôlha estreita, feita de seda furta-côres, guarnecida de uma minuscula renda dourada, e recoberta de uma segunda fôlha de gaze furta-côr tambem, igualmente ornada de renda. No conjuncto o effeito é o mais maravilhôso possivel.

Vocações e predilecções de pessôas reaes

Reis, rainhas, principes e princezas, têm todos a sua especial vocação em materia de arte, á qual se entregam pelas horas disponiveis do dia, como qualquer outra gente.

E' interessante observar-se as varias aptidões e propensões das regias personagens de varios paizes.

Em pintura são em grande numero. Mencionaremos como um dos melhores, ha alguns annos atraz, o fallecido rei D. Carlos, que era sem duvida um grande artista, cujos quadros foram varias vezes louvados nas mais notaveis exposições de differentes paizes.

Hoje, talvez, é o principe Eugenio da Suecia, irmão do actual rei, o decano dos pintôres reaes da Europa.

E sua alteza um artista de profissão, cujos quadros são assignados com o pseudonymo de «E. Oscarson», o sobrenome do seu defuncto pae, o rei Oscar. Estudou em Paris durante muitos annos vivendo no bairro latino, e dando lições de pintura como qualquer artista de inferior classe. As suas telas têm sido expostas nas maiores galerias de Londres, Paris e Berlim, e á custa do seu pincel adquire todos os annos uma somma importante.

A Duqueza d'Argyll, a Rainha Guilhermina da Hollanda, a ex-rainha D. Amelia, e a Rainha de Hespanha serão talvez em seguida as maiores artistas nessa arte. Differem nas suas predilecções; as paisagens são as pinturas favoritas da Duqueza d'Argyll e da ex-rainha D. Amelia; passaros e flôres as da Rainha Eugenia; as gravuras são preferidas pela Rainha Guilhermina.

A esculptura é tambem uma das artes que mais attractivos conta entre personalidades reaes especialmente entre o elemento feminino.

Como das melhores artistas citaremos a Condessa Gleichen, prima da defuncta Rainha Victoria de Inglaterra, cujos trabalhos têm apparecido por mais de uma vez na exposição de Londres. A par da Condessa Gleichen estará sem duvida a Rainha Margarida de Italia, cujos bellos trabalhos em marmore e bronze lhe tem feito grangear renome de artista. Algumas das suas obras adornam varios palacios em Roma, destacando-se d'entre ellas, uma bella esculptura da Virgem colocada no mesmo logar em que o Rei Humberto foi morto.

Em seguida citaremos novamente a Du-

queza d'Argyll que alem de pintôra é tambem uma notavel esculptôra. Foi ella a autôra e executôra das estatuas de sua mãe a Rainha Victoria, existentes na grande praça de Calcuttá, e na fachada de Kesington Palace em Londres.

A Rainha de Inglaterra e a princeza real da Suecia são semelhantes na sua predilecção pela leitura e trabalhos de costura; os bordados executados pelas suas delicadas mãos, são verdadeiros mimos de perfeição e bom gosto, Quanto á leitura, certo é ver a Rainha Mary ou a princeza real da Suecia com um livro na mão, nas horas disponiveis do dia.

A fotografia tem tambem habeis amadôras, entre ellas a Rainha Alexandra e as suas tres filhas, especialmente as princezas Victoria e Maud. Mão ha muito tempo foi publicado em Londres um album de bellas fotographias tiradas pela Rainha Alexandra, em que se revelava toda a sua grande destreza nessa arte. Mas mais enthusiasta é ainda a princeza Victoria, a qual possue lindos albuns cheios de bellas fotografias tiradas por ella propria em varias epocas, não só em casa como fóra; paisagenns e retratos são os seus melhores trabalhos. Quanto á Rainha Maud da Noruega é uma artista de tal forma que as suas fotografias poderiam competir com as dos melhores fotografos.

Colleccionar estampilhas tem sido ha muito tempo uma das predilecções do Rei Jorge de Inglaterra, que possue uma collecção riquissima avaliada em dez mil libras o minimo, na qual figuram estampilhas de uma grande raridade.

O rei de Italia Victor Manuel é tambem um colleccionador de estampilhas, mas a sua grande predilecção são no entanto as moedas antigas, possuindo uma collecção conhecida e considerada como incomparavel. Tem escripto varios livros e folhetos sobre numismastica, e o seu museu de moedas em Italia tem sido a attração dos mais apaixonados colleccionadôres.

Entre os maiores devotos da musica citaremos como principaes o Rei da Suecia, o Imperador da Allemanha, a Imperatriz da Russia, a princeza de Battenberg, e a princeza Maria Victoria de Schleswig-Holstein. De todos elles é no entanto o Rei da Suecia o maior artista, em qualquer instrumento, seguindo-se-lhe a princeza de Battenberg.

No canto é uma verdadeira artista a princeza Maria Victoria, que sendo o principal ornamento da Sociedade Coral de Windsor tem tido nos seus concertos occasiões de se fazer admirar em publico pela sua linda voz.

O Kaiser é considerado como um bello compositôr assim como a princeza de Battenberg; quanto á princeza da Russia, a essa cabem os louvôres de uma notavel pianista.

O principe Karageorgevitch, da Servia, é um admiravel artifice em trabalhos de metal, gravadôr e encadernadôr de livros. Alguns dos seus desenhos, e proprios trabalhos, têm ganho os maiores louvôres dos arbitros nas melhores exposições da Europa. A expensas suas existe um atelier em Paris, frequentado todos os annos pelo mundo artistico, no intuito de conhecer para seu proprio interesse as ultimas composições da sua capacidade e espirito em trabalhos de couro, gravura e metal. Um grande rendimento ganho por suas proprias mãos, e pelo seu talento, são a bella consequencia da sua particular destreza e vocação, mostrada desde tenra edade.

Um dos gôstos predilectos do fallecido Rei Eduardo VII era colleccionar bengalas de todas as formas e modelos, principalmente quando estas eram de um feitio original, ou tinham alguma ligação com qualquer facto historico ou litterario.

Ninguem possuia uma tão celebre collecção desse artigo, e para a conseguir, gastou por vezes bastante dinheiro.

Fazer enxovaes para creanças pobres, eis uma das predilecções da Duqueza de Connaught e de sua unica filha a princeza Alexandra de Teck; á mesma obra se dedicam tambem a actual Rainha de Inglaterra, e sua filha a princeza Maria Victoria, consagrando todas as semanas algumas horas do dia a esses caridosos trabalhos.

Viajar foi sempre a grande predilecção da princeza Patricia de Connaught e da princeza imperial da Allemanha. Qualquer destas princezas tem viajado uma grande parte do mundo; as suas viagens porem não são apenas por paises extrangeiros, mas ambas percorrem varios pontos do seu proprio paiz, vendo e observando por campos

e cidades, e viajando sempre incognitas para se esquivarem ás formalidades Tudo quanto ha de maior merito quer na Gan-Bretanha, quer na Allemanha, tem sido visitado por estas celebres viajantes, e nunca as suas fisionomias se mostram tão sorridentes, como quando andam nas suas bellas excursões.

Mulheres arquitectas e decoradôras

A America é o país onde as mulheres mais invadem as profissões que são vulgarmente desempenhadas por homens. No comercio o seu numero é considerabilissimo. Nas occupações de dactilografia e estenografia entram por 90 por cento; mais de mil mulheres são medicas; um dos maiores jornaes do Oeste é dirigido por uma mulher. Entre todas estas profissões que exigem anos de estudo e uma preparação trabalhosa e dificil, o mister de decoradôra está naturalmente indicado como trabalho adquado ás qualidades femininas. Em Nova-York, Chicago, Boston, São Francisco, as mulheres decoradôras gozam da melhor conceituação. Na maioria das habitações, sobretudo nas de campo, a estetica americana é admirável, um mimo de confôrto, de ordem, de simplicidade. A construcção de muitas é dirigida por mulheres. Não é decerto em competência tecnica que elas sobrepujam os seus concorrentes masculinos; igualam-nos porém e excedem-nos pelo bom gosto. A maioria das vêzes são mulheres ilustradas a que súbitos revezes de fortuna (tão vulgares na America) obrigam a recorrêr a essa profissão: mobilar as casas alheias com o gôsto que desenvolveram e educaram no arranjo das que um dia foram suas.

As arquitectas que maior celebridade alcançaram na America foram Mrs. Candace Wheeler e sua filha Miss Dora Keith. Foram as precursôras nessa carreira onde o gôsto feminino se aliava nelas a uma habilidade comercial que lhes fez conseguir uma bôa fortuna; foram tambem as fundadôras de uma fábrica donde saíram os materiaes como elas desejavam, obedecendo aos seus planos e aos seus principios de estetica do mobiliario.

As duas jovens mais interessantes que actualmente exercem essa profissão em Nova-York são Miss Barrows e Miss Whitridge. Apenas são chamadas para mobilar qualquer habitação, começam por uma conferencia com o seu cliente em que assentam as ideas e intenções que este tem no assumpto. Em seguida compõem, reunem, harmonizam todos os modelos e desenhos de móveis, tapetes, pinturas, etc., e apresentam ao frèguêz o seu plano, que é imediatamente executado se mereceu aprovação.

O mobiliário é depois executado sob a sua direcção, as tapeçarias tecidas expressamente, os biombos, os panos de mesa, as molduras, os quebra-luzes, os reposteiros, tudo emfim feito sob as suas ordens, para que se conserve, nos minimos pormenores, a harmonia completa do desenho, a correcção geral dos aposentos.

As suas principais fontes de inspiração são a arte japonêsa e o estilo colonial americano. Miss Barrows sustenta que é a adaptação e não a imitação da naturêza que faz a excelência japonêsa em materia de decoração. Numa secção dos seus *ateliers* teem Misses Barrows e Whitridge uma colecção, ou melhor um museu de desenhos japonêses que lhes servem de guias e inspiradôres nos seus planos de decoração. Segundo a opinião de Miss Barrows, as qualidades necessárias para um efeito seguro e completo são o sentimento da forma e da côr na sua justa adaptação; ao primeiro golpe de vista os olhos devem repousar, pela harmonia das linhas e das côres.

Na casa Barrows e Whitridge uma das associadas vela pelas instalações *in loco*, outra dirige as fabrícas e assiste á execução dos planos.

E a propósito de artes decorativas, digamos que em Lisbôa, com os elementos de que dispõem o Museu das Janelas Verdes e outros estabelecimentos do Estado, sem já falar dos subsidios dos particulares, se poderia constituir um importante museu de formas de mobiliário, que facilmente se completaria até onde fosse necessário para o ensino. Ha entre nós quem pense que a nossa industria do mobiliário poderia um dia vir a sêr considerada de exportação. Urge, pois, pensar nella.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não retcem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, tè qualquer pancada.
Excorição, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

(Marca registada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, ulagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

a gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e suficiente

Cada experiencia é uma cura

Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usagres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Usae a* LINDACUTIS *e evitareis o contagio de muitas doenças

Blenol – Lindacutis – Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

Da linda ignez os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

N.º 78 SERÕES DEZEMBRO 1911

COLUMBANO — Santo Antonio

LIVRARIA FERREIRA, Editora — Rua Aurea, 182 a 188 — Lisboa

Proprietaria e editora: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Antonio Sergio de Sousa — **Séde da redacção e administração:** Livraria Ferreira, Rua Aurea, 132 a 138 — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

Pag.

ARTE PORTUGUÊSA

(Frontispicio) 402

A UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE E A CELEBRAÇAO SCIENTIFICA DE DARWIN

(1 vinheta e 16 illustrações) por Silva Telles 403

O TURISMO EM PORTUGAL

(1 vinheta e 18 illustrações) por Antonio Arroyo 426

S. FREI GIL

(1 vinheta e 1 illustração) por Fidelino de Figueiredo 443

O JORNAL DO MAR

(2 vinheta e 8 illustrações) por Alfredo Guimarães 450

AS CASAS NA AMERICA

(1 vinheta e 2 illustrações) por Alfredo Mesquita 464

RESENHA PORTUGUEZA

(8 illustrações) por Portugal da Silva 470

THEATROS

Por Portugal da Silva 478

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenares de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia.** Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prasos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

N.º 78

DEZEMBRO 1911

COLUMBANO — Christo crucificado

ESPLANADA DO TRINITY COLLEGE

A Universidade de Cambridge e a celebração scientifica de Darwin

I

Cambridge: primeiras impressões

Cheguei a Cambridge dias depois da *Gay-Week*, semana destinada, no fim de cada anno escolar, ás festas promovidas pela juventude universitaria. Saraus literarios, concertos, regatas, sessões scientificas e artisticas, récitas, *matches* de *foot-ball* e *cricket*, constituem os diferentes numeros do programa dos ultimos sete dias da vida academica, ao encerrarem-se os trabalhos da Universidade. Durante a *Gay-Week*, os *graduates*, antigos alunos, e os *undergraduates*, actuaes estudantes, reunem-se nos *Colleges* e nas outras dependencias da Universidade, em festa intima, como excelentes camaradas, os primeiros, saudosos da sua mocidade turbulenta, revendo os loga-

res onde deixaram pedaços da sua alma, os segundos, em plena juventude descuidosa, gosando a vida a flux, alegremente.

Ao entrar em Cambridge, tive a impressão de uma cidade fatigada procedendo á sua *toilette* depois de alguns dias de labôr insano. Nas lojas, nas ruas, em toda a parte, surgiam novamente, após um curto periodo de agitação episodica, as mesmas tendencias da ordem, do método, as mesmas manifestações da vontade organizada que constituem a grande força do povo britanico. A mocidade escolar despedira-se até o proximo anno academico: fizera precipitadamente as suas malas, para se espalhar por todos os condados da Gran-Bretanha, despovoando os *Colleges*, onde deviam ser hospedados os delegados dos governos estrangeiros e os representantes das Academias e Escolas Superiores de todo o mundo culto. Depois de uma semana de vida intensa de arte, literatura, sciencia, *sport*, a consagração mundial de Darwin. A's festas academicas, movimentadas e alegres, como são as da mocidade vigorosa e reflectida das universidades britanicas, seguia-se a celebração scientifica do celebre naturalista, do antigo *undergraduate* de Cambridge, do irrequieto *pupil* do *Christ's College*, que tendo sido uma das maiores figuras intelectuaes do 19.º seculo, foi tambem um dos genios mais equilibrados, mais moralmente notaveis que a historia da Sciencia regista.

Cambridge recebia os hospedes que chegavam dos centros de alta cultura e universitarios de todas as partes do mundo. A cidade tomava uma fisionomia cosmopolita, tão elevado era o numero dos delegados estrangeiros que percorriam as suas ruas. A população, irreprehensivelmente cortês, voltára á labuta quotidiana ; os estrangeiros não a desviavam do seu caminho ; as festas projectadas não a perturbavam nas suas ocupações ordinarias. Ponderada nas suas manifestações, grave no seu porte, tinha para os seus hospedes um semblante de respeito e de amabilidade placida. Os estrangeiros, vindos de todos os pontos civilizados do globo, cada um delles sendo alguem no seu país, eram os mensageiros da homenagem prestada á patria britanica, e tanto bastava para que a população da cidade, consciente da alta significação das festas scientificas dedicadas á memoria de Darwin, recebesse inteligentemente, civilizadamente, essas centenas de professores e homens de sciencia, sem de leve os contundir como se fôssem sêres exoticos.

Ha proximamente oito seculos a cidade de *Grentebrige*, cercada por um immenso pantano, era uma povoação atravessada por uma estrada de construcção romana que punha em comunicação os condados orientaes e do centro com a cidade de Londres. No meio de uma vasta planicie, de fraca ondulação, ladeada pelo rio Granta e defendida por um castelo, foi um dos pontos da Gran-Bretanha onde a influencia normanda se fez particularmente sentir. Ao lado de uma arquitectura ainda mais antiga, como a da igreja de S. Benedicto, observa-se ainda hoje a influencia dos *Nordsmen* nas igrejas do Santo Sepulchro, S. Pedro e S. Giles. Todas as invasões étnicas imprimiram ás formas decorativas dos templos de Cambridge alguma réstea da sua personalidade. E todos esses retalhos de tradições diversas são pelos inglêses conservados com um respeito religioso. E' porque em cada um delles ha que lêr um trecho da historia, e nenhum povo no mundo escreve a sua com mais verdade e mais seguramente documentada do que o inglês.

Durante os ultimos seculos da Edade Média Grentebrige passou a ser conhecida por *Cantbrigge*, mais tarde por *Cammbrege*, até que no 16.º seculo as alterações da lingua e da pronuncia crearam *Cam-bridge*. De então data o nome de Cam dado ao rio, que era conhecido por Granta nos primeiros tempos da civilização britanica. Foi a situação especial da cidade, entre os rebeldes do norte e os conquistadores do sul e leste, que lhe creou uma notavel importancia politica e estrategica influindo em quasi todas as crises da nacionalidade inglêsa. A pouco e pouco os pantanos que a cercavam foram transformados em vastos campos de cultura e de pastagem, a paisagem embelesou-se progressivamente com o crescer opulento de magnificas arvores, as aguas tranquilas do Cam foram drenadas em proveito da arte, da jardinagem e da agricultura, e os parques dos *Colleges* de Cambridge, os numerosos canaes que os retalham, a extraordinaria vegetação que os sombreia, fizeram

UMA SALA DE ESTUDANTES

deste trecho do condado uma verdadeira maravilha de bom gosto. Percorrendo-o, tem-se logo a impressão de um centro solidamente culto. Em cada nesga dos seus parques, em cada fragmento do rio, nas suas sinuosidades, nos recantos dos canaes abraçando as paredes medievaes de alguns *Colleges*, palpitam as tendencias deste povo. Ha reflexão, ha serenidade, uma tranquilidade immensa a proteger os que trabalham e por toda a parte o culto da natureza, o amor da arte, a tornar o homem superior, a elevá-lo na consciencia universal.

Graças á Universidade, Cambridge apresenta uma fisionomia alegre, que não é frequente observar-se na Inglaterra. Velha de oito seculos, a Universidade imprimiu á população, por uma sugestão facilmente comprehensivel, alguma coisa de juventude permanente, de vivacidade levemente movimentada, muito diferente da sobriedade de gestos que distingue os inglêses, — ar prasenteiro indispensavel a quem pertence lidar com gente moça, sorriso quasi permanente que os academicos não dispensam aos que vivem dos seus sentimentos, dos seus folguedos e da sua bolsa.

VELHO PATEO NO CORPUS COLLEGE

Foi assim, talvês, que Cambridge, como Oxford, teria desbastado muito da sua frieza tradicional, tornando-se communicativa, mas sem adquirir a *bavardage* aborrecida das cidades universitarias meridionaes. Os que por temperamento e habitos de reflexão se sentem perturbados no seu intimo quando cercados pelo polifonismo dos homens do sul, n'esta cidade de meios-tons, suficientemente alegre sem ser ruidosa, encontram uma atmosfera social calma, que nem lhes entorpece os nervos, nem os agita em sacudidelas convulsivas.

Quem percorre as suas ruas, os seus parques e mercados não observa inglêses de uma só peça, rigidos, de traços fisionomicos rectilineos, como no *Lombard Street* ou no *Trafalgar Square*. Pelo contrario, homens e mulheres são naturalmente afaveis, reservadamente communicativos, sem nos importunarem, sem ferirem a reserva que todo o bom observador guarda quando indaga como sente e como se move a população de uma cidade. Nas livrarias, por exemplo, que são numerosas, a solicitude que vem ao nosso encontro não é fatigante. Nenhum empregado se permitirá a ousadia de elogiar um livro recente para que o adquiramos, ninguem pretende fazer negocio á custa da boa fé ou da ignorancia do visitante. E' porque se supõe que quem entra numa livraria sabe o que ha de escolher, tem uma vontade autonoma, é senhor absoluto da sua pessoa.

E é particularmente interessante este modo de ser das livrarias de Cambridge. A' força de viverem com profissionaes, professores e estudantes com tendencias de espirito muito diversas e preferencias scientificas as mais variadas, os livreiros, num relance, conhecem o estrangeiro, adivinham a especialidade que cultiva ou a sciencia a que se dedica.

A sinceridade e a honestidade comercial desta boa gente de Cambridge revelam-se principalmente nos mercados. E' são tudo quanto vendem; percebe-se que res-

peitam a sua dignidade profissional e nas suas transáções ha nobreza e afabilidade. Em toda a parte a mesma impressão de reserva e bonhomia, de tranquilidade e delicadeza reflectida. As floristas teem a graça e a candura das raparigas da Normandia; não as ha mais belas em todo o mundo; sabem vender como duquezas, sem forçarem a elegancia natural que as caracterisa: tipos nordicos da mais alta correcção, uma ou outra revelando traços das gentes do sul.

A PONTE DO QUEEN'S COLLEGE

Cambridge vive pela sua Universidade. A sua historia é em grande parte, a historia dos *Colleges* e cada um destes traduz um gesto, uma aspiração, um conflicto, no evoluir gradual da sociedade britanica. No polimorfismo extranho da sua arquitectura, que vem do mais velho gótico até o estilo sóbrio da arte contemporanea, revela-se, inteiro, o espirito inglês, como se fôra desduzido de uma formula matematica. Os acrescentamentos feitos de trechos novos aos exemplares da arte antiga, o crescer dos edificios em épocas diversas e condições artisticas diferentes, a perfeita harmonia do que é velho com o que é novo, traduzem um sentimento de justas proporções, a preferencia pelas modificações lentas sem deformações irritantes no conjuncto, a estabilidade relativa em cada transformação, a solidez da vontade provocando alterações successivas sem destruir a tradição. Desde a arquitectura monumental, como no *Christs'College*, até á construção campestre e semirustica, como no *Sydney Sussex* e no *Magdalene College*, desde a figuração gótica até ao estilo contemporaneo, que variedade de aspectos, que multiplicidade de linhas estructuraes, que se não chocam nem nos férem a vista!

E' nesses dezenove *Colleges* que vivem

os quatro mil estudantes e algumas centenas de professores de diveraas categorias da Universidade de Cambridge. Examinando detidamente esses immensos edificios, colhe-se em flagrante a *essencia* do espirito britanico. Ha um *quid* de ordem e de método nas modificações arquitectonicas por elles sofridas; são uma manifestação palpavel da evolução lenta e segura, regular e sistematica da energia britanica. A influencia da Universidade foi crescendo paralelamente com o espirito de iniciativa em todos os campos da actividade e com o respeito pela obra realizada, sem solução de continuidade entre os estados da alma colectiva nas diversas fases da vida nacional. Dir-se-hia que em cada uma das instituições academicas ha fragmentos dispersos das altas personalidades que passaram pela Universidade, — a dureza fisionomica de Cromwel, a tranquilidade inalteravel de Darwin, a sagacidade critica de Macaulay, a hipervisão quasi divina de Newton.

A celebração scientifica de Darwin conservára muitos estudantes em Cambridge, na maior parte da categoria dos *Advanced students*. No *Sydney Sussex College*, onde estive hospedado, conheci alguns. Na vespera da minha chegada, haviam-se retirado de Cambridge mais de tres mil rapazes; os seus quartos tinham sido cedidos aos professores e delegados estrangeiros. Pois bem. Que irreprehensivel ordem em todos os *Colleges!* Nem o mais leve sinal de desalinho!

Com perto de quatro mil estudantes, em parte alguma se colhe em flagrante o ar abandonado, a desordem caracteristica dos centros universitarios latinos. Logo pela manhã e durante a primeira metade do dia, é a vida do trabalho intenso, o labor quotidiano meticuloso, a atenção polarizada na preléção que se ouve, na experienci aque se observa. E' a educação britanica a revelar-se em tudo: juventude respeitadora e livre, ponderada nas suas impulsões, inteligente nas suas atitudes, toda ella dominada por um patriotismo superior, toda ella gravitando em volta de uma idéa, — a maior grandeza do imperio britanico. Não revela exibicionismos de comediantes, não ha gestos superfluos nem jogos malabares de palavras. E, no entanto, são numerosas as associações onde os *undergraduates* falam, teem sociedades literarias onde discorrem sobre arte e literatura, sociedades scientificas e filosoficas onde discutem, revistas scientificas onde publicam os seus trabalhos. E' nestas reuniões, como nas da Universidade de Oxford e de Londres, que se fazem os mais notaveis oradores da Gran-Bretanha, é d'ellas que surgem os grandes politicos, os primeiros economistas, os maiores poetas, toda a intelectualidade superior, que é a guarda avançada da moderna civilização europêa. E' porque toda a vida universitaria, em Cambridge, é uma lição permanente: educa-se a vontade, cultiva-se a inteligencia, cria-se o habito da tolerancia e respeito pela opinião alheia, apreciam-se serenamente todas as opiniões, todas as doutrinas com a maior largueza de vistas. Ao lado do naturalista ateu o teólogo preso á sua crença, debaixo do mesmo tecto o filósofo para quem o mundo é uma impressão subjectiva e o quimico que sente a materia real. Todas as hipotheses, todas as afirmações, rajadas de arte, sofismas da logica pura, induções da sciencia experimental, tudo e todos teem onde expandir-se, porque a educação inglêsa, creando a personalidade livre, o homem consciente da sua força, dá a todos o livre direito á discussão e não permite a ninguem que duvide da sinceridade alheia.

II

No Sydney Sussex College: a hospitalidade britanica

Meia hora depois de ser recebido no *Sydney Sussex College*, supuz-me um velho amigo dos *professors*, *readers* e *lecturers* que vieram ao meu encontro. O *steward* indicou-me os aposentos que ia ocupar e que na vespera deixára devolutos um estudante de fisica: uma sala-bibliotéca, um quarto de cama, uma dispensa e uma casa de banho. São estas as divisões que pertencem a cada estudante. Em Cambridge não se conhecem boémios, no sentido latino da palavra; os que vivem nos *Colleges*, e são quasi todos que frequentam a Universidade, pertencem ao numero das pessoas civilizadas. Na sala-bibliotéca o estudante recebe os seus amigos, lê os seus jornaes, faz a sua correspondencia e estuda. Pelas

CLUB DE ESTUDANTES DE NEW CARLTON

paredes, sobre os moveis, retratos de condiscipulos, de pessoas de familia, quadros representando *matches* de *cricket* e de outros triunfos em *sport*. Nenhum objecto superfluo, uma sobriedade elegante, espirito de ordem na disposição de todas as peças. Correndo a vista pelas estantes, notei com alegre surpreza que o estudante a quem ellas pertencem é sem duvida um moço superiormente culto: uma estante reservada para as

VENCEDORES DE UMA REGATA

obras sobre as sciencias fisicas e naturaes, e outras onde encontro os melhores novelistas inglêses, alguns dos seus poetas, os principaes historiadores e os mais notaveis filósofos. Aqui, acolá, estatuetas, bustos, uma ou outra agua-forte em miniatura, e num canto da sala um piano.

A dispensa é indispensavel ao estudante. Este tem o seu logar no *dining-room* com os professores, mas é nos aposentos que elle se banqueteia com frequencia. A baixela é modesta, mas completa. Nas suas recepções e *five ó clock teas* na bibliotéca, pretexto para conversações sobre arte, literatura ou sciencia, a dispensa funciona como restaurante e com mais ou menos abundancia conforme a bolsa do locatario. Vê-se que nos *Colleges* o estudante tem *duas vidas*, a da comunidade, disciplinada, respeitadora da tradição, fiel aos costumes, em contacto com os professores e sob a vigilancia do *tutor*, e a vida autonoma, livre, frente a frente só com camaradas. O estudante concilia d'este modo, dentro de determinados limites, a sua liberdade individual com as obrigações da colectividade a que pertence. E não se suponha que nesta parcela da autonomia que elle cede em favor da vida colectiva, no encontro, durante o dia e a cada momento, com os *lecturers*, *readers* e *professors* que habitam egualmente os *Colleges*, vae manifesto um sentimento de submissão ou de velhaca ipocrisia. Pelo contrario, mestres e discipulos são excelentes colegas; bem definidas as suas zonas de acção pelo respeito mutuo que uns a outros se devem, não ha choque possivel entre elles. Nem os primeiros interveem na vida individual dos segundos, nem estes se molestam com a disciplina a que os obriga a vida colectiva. Sabem deste modo ter uma personalidade propria, ser homens conscientes da sua energia, dentro de uma sociedade policiada e culta.

Ha *Colleges* em que vivem centenas de estudantes, como no *Christ's* e no *Pembroke*, ao lado de dezenas de *proctors*, *pro-proctors*, *readers*, *university lecturers*. E' uma multidão de homens de edades diversas, aptidões as mais variadas, ocupações muito diferentes, todos cumprindo os seus deveres sem conflictos, sem as pequenas miserias que borbulham constantemente nos centros escolares de outros paizes. A educação social, em todos estes homens de categorias tão estranhas, é perfeita, é completa. Constituem uma verdadeira comunidade de sêres pensantes, sem arestas agudas a ferirem os que estão ao seu lado, numa correcção admiravel. São creaturas que sabem ouvir, sabem reflectir; não se agitam como maniacos nem se beliscam como actrizes. E' que

toda esta gente culta tem um fim, tem um programa de vida, método em todos os trabalhos, friesa nos movimentos, cordura nas resoluções, sabe o que quer e para onde caminha. As suas horas estão tomadas; ninguem se perde em cavaqueiras banaes; desconhece-se a maledicencia profissional, o *matar o tempo* das creaturas inferiores.

E no entanto, que immenso contraste com a vida conventual dos paizes católicos! Cada *College* é um centro de estudos, uma sociedade de alta cultura e de pessoas bem educadas. Sob o mesmo tecto, católicos, luteranos, calvinistas, protestantes. Eu sei?! As idéas de um padre não irritam o antropólogo, o quimico vive a paredes meias com o jurisconsulto, o cirurgião escuta atentamente o historiador, e todos, á porfia, conduzem a educação moral e intelectual dos estudantes á sua guarda sem desalentos doentíos nem palavras superfluas.

Cada *College* tem a sua historia e cada um delles conserva, na galeria dos seus antigos *fellows*, alguns dos nomes que mais o honraram. No *Caius College*, por exemplo, o retrato de Harvey; no *Trinity*, os de Newton, Thackeray, Macaulay, Lord Bacon, Tennyson, Maxwell e Lord Byron; no *Christ's*, o de Darwin; no *Sydney Sussex*, o de Cromwell; no *Pembroke*, o de Pitt. Conservam-se ainda transmitindo de geração a geração, as anedótas, as atitudes, os episodios mais interessantes da vida academica de todas estas grandes figuras. Durante a sua passagem pela Universidade, foram todos elles, como os restantes *undergraduates* do seu tempo, rapazes cheios de vigor, disciplinados com os seus mestres, cheios de iniciativa, audazes em todos os intentos, persistentes no querer, de personalidade autonoma. A Universidade não lhes curvou a espinha: tornou-a mais rija; não lhes fechou

EMMANUEL COLLEGE

as janelas do seu espirito: abriu-as de par em par; não lhes definhou o caracter: ventilou-o, pô-lo sádio.

Deve-se a Lady Sydney a creação do *Sydney Sussex College*. Foi no 16.º seculo, durante o reinado de Elisabeth e no periodo do seu maior fulgor como rainha e como mulher. Dois nobres eram a esse tempo os favoritos de Elisabeth, o conde de Leicester e o conde de Sussex ou Lord Fitzwalter, esposo de Lady Sydney. Esta, repelida pela rainha dissoluta e orgulhosa a quem pedia numa celebre carta «*nor increase my just and perpetual grief with your heavy displeasure,*» despresada pelo marido e pela côrte, entregou-se, no isolamento que guardara, á missão de melhorar, por novas edificações, a vida academica de Cambridge. De todos os *Colleges* da Universidade, o *Sydney Sussex* é o que se envolve, na sua origem, numa penumbra de poesia, que o espirito sentimental dos inglêses não pode esquecer. E tão encantadora na sua amargura e tão piedosa no seu infortunio nos aparece Lady Sydney, tão submissa ella se coloca aos pés da rainha que lhe roubara o amôr do marido, que em todos os fragmentos mais antigos do *College*, na suave melancolia dos seus parques, em cada recanto do velho edificio, como que deslisa, num sopro, a alma da mulher traída, procurando repouso á sua immensa dôr.

Foi no *Sydney Sussex* que viveu Cromwell, espirito sombrio, que, mesmo em estudante, não poderia ter apreciado essa figura angelica de mulher. Se a creação do *College* é devida a uma crise moral, a uma victima da rainha inglêsa que mais apaixonadamente soube amar, a celebridade veiu-lhe do ditador terrivel, cujo retrato — uma maravilha de arte — se vê na grande sala do edificio. Foi no *Sydney Sussex* que Cromwell, quando *undergraduate*, se revelou o espirito frio, de energia reflectida, de vontade inabalavel. As tradições dispersas do *College* não lhe dão uma juventude indisciplinada e buliçosa como a de Darwin, romantica e sismadora como a de Tennyson ou inquieta e ironica como a de Tackeray. E' uma figura apagada no meio da mocidade alegre desse tempo, mas é já um politico, um fanatico da idéa, que mais tarde ha de realizar, sob a forma de uma revolução creadora, mas cruel nos seus processos, vingativa, cheia de odios.

Não sei descrever o *Sydney Sussex College*. Desde o 16.º até ao presente, sucessivos accrescentamentos alteraram quasi inteiramente o seu aspecto primitivo. A sua arquitectura é polimorfa, desde o estilo-Renascença até o tipo campestre peculiar á Inglaterra. Examinando as suas diferentes faces, umas vezes afigura-se-nos uma prisão, outras um castelo medieval, aqui, acolá, uma habitação rural, claustros de conventos, fragmentos de fortalezas, estructura complicada, desagradavel ao espirito simetrico de um meridional. Apesar de toda esta complexidade de formas, de torreões, galerias, claustros, arcarias, naves, uma impressão surge immediatamente: a de conforto em todas essas edificações. Dezenas de homens vivem sob o mesmo tecto sem se acotovelarem; cada um forma o seu *home* particular; os *lecturers* teem as suas salas; os *readers*, os seus gabinetes; os que ensinam, os compartimentos onde lêem, conversam, fumam, sem serem importunados pelos estudantes, e estes distribuem-se de modo a não terem, pesando-lhes em cima, constantemente, o olhar vigilante dos *tutors*.

E' nos jardins e parques que todos se encontram. E é observar então a camaradagem afectuosa entre os mestres e discipulos: jogam o *tennis*, remam, correm, exercitando-se em todas as formas dos jogos atléticos. O *magister*, o catedratico carrancudo e de sobr'olho encrespado, é um animal desconhecido nos *Colleges* de Cambridge. Como todos estes homens sabem o que querem e o que lhes pertence fazer, a sinceridade da sua conducta resalta a cada momento. Os *readers* e *lecturers*, principiantes no professorado e por isso mais novos em edade, são os explicadores, os mestres mais intimos dos estudantes; são tambem os seus educadores, corrigindo-lhes os excessos da juventude, orientando-os scientificamente, animando-os nos seus intentos e com elles partilhando os seus triunfos. Conheci alguns desses *lecturers:* rapazes cheios de vida, alegres, entusiastas nos trabalhos que emprehendiam e estimando o seu *College* como se fôra a sua propria casa.

Quando, meia hora depois da minha chegada, desci ao salão principal do *College*,

A TORRE DO SAINT JOHN COLLEGE

comprehendi immediatamente o que é a hospitalidade britanica: não se é em parte alguma mais rasoavelmente amavel nem mais gentilmente cortês com os hospedes. Ninguem nos incomóda com excessos de atenções nem nos importuna com delicadezas artificiaes. Foi-me por isso sobremodo agradavel a visita que fiz a todo o *College*, na companhia dos professores Watts e Fearnsides, ambos geólogos, e Mr. Neville, da Royal Society de Londres, antigo *fellow* do *Sydney Sussex*. Percorrendo as salas de estudo, os gabinetes de trabalho, a livraria, os compartimentos vagos dos alunos, os parques, tudo emfim, os meus cicerones, como se fossemos amigos de velha data e numa camaradagem intima de colegas, iam-me dando os esclarecimentos que lhes pedia sobre os assuntos relativos á vida nos *Colleges*, ao ensino universitario, á historia academica de Cambridge, e com uma franqueza admiravel, sem se fatigarem, não deixavam um pormenor por elucidar, uma lacuna que não apontassem. um defeito no ensino ao qual se não referissem, não ocultando coisa alguma, chamando constantemente a minha atenção para este ou aquele ponto do meu largo questionario. E tudo isto tão despretenciosamente, tão sinceramente, com uma tal quantidade de dados e informações, que logo no primeiro dia em que tomei conhecimento com a Universidade de Cambridge cheguei a ter a impressão de que era um seu amigo de longa data,

No mesmo *dining-room* juntam-se, ás horas das refeições, os professores e estudantes. Sentam-se á meza em seguida a uma breve oração do *Master*. E' então que mais particularmente se nos revela a afabilidade britanica. Ninguem sabe ouvir melhor que um inglês bem educado; o seu hospede é sempre a pessoa para a qual convergem todas as suas atenções. Tem sempre maneiras diversas de lhe ser agradavel, e a conversação deslisa, sem banalidades e sem asperezas, sobre os assuntos que vão sussessivamente surgindo, num bom humor encantador, continuando no *smoking-room*, onde as magazines, as revistas literarias e scientificas e os grandes jornaes diarios oferecem immediatamente témas novos para uma palestra ainda mais interessante. Depois, sem que ninguem se preocupe com o que entre nós se chama *fazer sala*, cada um dispõe da sua liberdade o mais amplamente possivel, ficam uns a ler, outros tocam, alguns dirigem-se aos parques.

Durante os dias em que estive hospedado no *Sydney Sussex College* os jardins eram meus, os parques pertenciam-me, a livraria estava a meu dispôr, no *smoking-room* fazia a minha correspondencia, os empregados estavam ás minhas ordens, e tudo isto sem que pessoa alguma tivesse intervindo com oferecimentos nem fizesse estendal de delicadezas. Entrava e saía quando me era preciso e de tal modo me habituei a esta liberdade de acção que cheguei, quasi, a supôr-me um *lecturer* ou *reader* do *College*. E por isso tambem, quando da celebração scientifica de Darwin, que me levára a Cambridge, se cumpria o ultimo numero do programa, não foi sem uma réstea de saudade que me despedi do *Sydney Sussex College*.

III

A vida universitaria em Cambridge

De todas as universidades das Ilhas Britanicas só as de Cambridge e Oxford teem o internato nos *Colleges*. A sua organização é por esta circunstancia inteiramente diversa da das restantes e por isso tambem a sua vida academica apresenta um caracter especial e inconfundivel.

Quem conhece os centros universitarios da Europa central e nunca se tenha demorado a observar o que se passa em Cambridge e em Oxford supõe o internato uma clausura conventual, sob a ferula do director e olhar carregado de quaesquer prefeitos. No entanto, os que as examinaram de perto, que apreciaram a maneira britanica de entender o internato no ensino superior, com moços de vinte annos, comprehendem o valor dessa organisação e reconhecem que ella só é possivel e proveitosa em Inglaterra, com o caracter inglês e com o modo de ser especial da sociedade britanica. Nos paizes latinos, por exemplo, com a insubmissão peculiar á sua juventude, com a falta de disciplina social que a distingue, o internato tornar-se-hia anarquico, e mestres e alunos constituiriam uma comunidade dissoluta ou fradesca. Mas

em Inglaterra, onde a educação civica é alguma coisa de real, onde a feição individualista não se opõe a uma intensa vida de cooperação social, o internato deixa de ser uma clausura conventual para ser um centro de educação moral e de alta cultura. Todos cumprem as suas obrigações, ha unidade de fim, sem que pessoa alguma abdique da sua personalidade nem se curve a ídolos ou a tiranos. Mestres e discipulos constituem uma sociedade organizada, mas cada um é livre de ser homem, o que importa dizer que, dentro de uma comunidade disciplinada a que pertencem, as energias individuaes manifestam-se sob formas diversas e na mais ampla liberdade.

PONTE DO TRINITY COLLEGE

Isto dá-nos a explicação da vida universitaria em Cambridge. A horas certas, até á uma hora da tarde, os deveres escolares, a frequencia nos laboratorios, sob a direcção de um numeroso corpo docente. E'-se madrugador em Cambridge. Das sete da manhã á uma da tarde um labor constante: a mocidade está atenta; os mestres ensinam e educam e os rapazes aprendem e instruem-se. São sinceros os primeiros e sinceros são tambem os segundos. Desconhece-se o tipo manhoso do cabula caspento e com os bolsos recheiados de cartas de empenho: é exemplar da fauna academica ignorado em Cambridge. Quando uma *avis rara* semelhante deslisa pelas salas de estudo, a expulsão vem ao seu encontro em beneficio da igiene escolar: *he is a rabbit, a good-for-notking fellow.*

Cumpridos os deveres escolares, a mocidade expande-se completa, liberrima, cheia de iniciativas, como pessoas profundamente civilizadas. E é examinar então os seus clubs, as suas associações, os seus centros, que elles enchem com a sua alegria, com a sua vivacidade. Estabelecem-se deste modo

as preferencias do espirito, definem-se as tendencias, especializam-se as aptidões. Nesse convivio, a que concorrem por vezes os *readers* e *lecturers* mais novos, habituam-se a falar, exprimindo precisamente as suas idéas e sem divagações inuteis, a ouvir, a pensar no que se lhes diz, a reflectir com segurança, a formar uma opinião propria, a ser logicos. Os maiores oradores da Gran-Bretanha, — e em parte alguma os ha mais notaveis na correcção da frase e na delicadeza da linguagem, — sairam dessas associações literarias e scientificas creadas pelos estudantes de Cambridge e Oxford.

A Universidade tem desoito *colleges* para rapazes e dois, — o *Girton* e o *Newnham*, — para meninas, e os estudantes dividem-se em diversas classes ou categorias: os *Poll men*, que procuram nos estudos universitarios uma cultura geral superior e são em regra filhos de pessoas com fortuna; os *honour men*, ou alunos ordinarios, são os que se preparam para uma carreira e seguem os trabalhos escolares com regularidade e dedicação; os *advanced students*, que veem completar o seu tirocinio escolar iniciado em outra universidade; os *research students*, que pretendem o grau universitario e dedicam-se, com uma melhor preparação scientifica, a investigações especiaes em qualquer ramo da sciencia; os *affiliated students*, transferidos das universidades coloniaes, em geral da India, e os *foreign students*, que podem, apesar de estrangeiros, pertencer a qualquer das anteriores categorias. As do sexo feminino, numa proporção de 10 %, são em regra *honour students*, com eguaes obrigações e frequentando cursos eguaes aos dos universitarios do sexo masculino. Dos *poll men* sáem os lords; cultivam em particular o *sport* e as suas associações preferidas são literarias e de ginastica e educação fisica; os *honour*, *advanced* e *research students* constituem os numerosos clubs e associações de literatura, arte, sciencia e filosofia. Os clubs do *sport* são frequentados por quasi todos os alunos da Universidade.

PONTE DOS SUSPIROS NO SAINT JOHN COLLEGE

Uma grande parte do dia é gasta nesses centros. Musicos notaveis teem saído do *Cambridge University Musical Society;* actores eminentes do *Amateur Dramatic Club;* oficiaes do exercito distinctissimos do *University Volunteers*, e nas associações scientificas, literarias e artisticas não poucas vezes se ventilam questões que servem depois de téses para trabalhos de alto valor premiados pela Universidade. Mas de todos os centros creados pelos estudantes, o de maior renome é a *Union Society*, onde, semanalmente, em sessões especiaes destinadas a apreciar as questões politicas e sociaes, realizam-se debates com as mesmas regras adoptadas pela *Camara dos Communs*. Os futuros oradores do parlamento britanico trenam-se deste modo admiravelmente, estudando a fundo as questões da actualidade, como se fôssem politicos consumados. A *Union Society* é por isso considerada como *the nursery of future statesmen and diplomatists*. A essas discussões, em que tomam parte os estudantes de mais valor e os *un-*

dergraduates que se dedicam em particular aos assuntos economicos, politicos e juridicos, assiste uma immensa maioria dos universitarios. E' inutil acrescentar que as discussões primam pela correcção, pelo vigor dialectico e pela documentação abundante. São tradicionaes em Cambridge e em Oxford os discursos memoraveis proferidos por alguns dos seus *undergraduates* que mais tarde se distinguiram como estadistas. De Balfour se diz que conservou sempre a dialectica cerrada que o tornou temivel em Oxford.

Esta vida intensa dos estudantes de Cambridge, as variadissimas associações de que são socios e que frequentam com assiduidade e onde moços de vinte annos se habituam a respeitar as opiniões alheias para que respeitem as suas, a correcção admiravel desses centros que são ao mesmo tempo escolas de educação social, de saber estar, o contacto a todo o instante entre categorias de alunos com cultura diversa e tendencias intelectuaes muito diferentes, criam na juventude academica um espirito associativo, um patriotismo solido, uma alma colectiva, que é uma das grandes forças da sociedade britanica. As associações e os clubs não são em Cambridge logares de discordia, de maledicencia e de politica infima. Basta examinar as suas salas de estudo, as bibliotécas, as salas de conferencias e de conversação. Colhe-se num relance, em flagrante, a superioridade, a distinção e a alta cultura dos seus socios; é uma juventude que sabe respeitar-se, serena, reflectida, de alegria franca, de compostura nobre.

A *Cambridge Review* é um modelo de revista de estudantes. Nella estreiaram-se notaveis prosadores, um grande numero de poetas, muitos dos actuaes literatos e dramaturgos da Inglaterra. E a par della, esfusiantes de graça, umas após outras, de vida efemera, magazines de ocasião, semanarios de critica, onde a ironia britanica se revela em pleno vigor da juventude, beliscando sem ofender, com caricaturas admiraveis dos actores, dos musicos, dos atlétas e de todos quantos se destacam por qualquer circunstancia no meio universitario.

Esta vida especial dos estudantes de Cambridge, buliçosa e culta, alegre e ponderada conforme as ocasiões, explica-nos o entusiasmo dos *graduates*, dos antigos alunos, correndo de todos os pontos da Gran-Bretanha para assistirem ás festas da *Gay-week*. E' porque o universitario de Cambridge, mesmo depois de tomado o grau, conserva, mediante uma fraca mensalidade, todos os direitos antigos: é *fellow* do seu *College*, é consultado sobre as reformas do ensino e, mais do que tudo, é a elle que se devem os extraordinarios resultados da *extensão universitaria*. Os habitos associativos creados em Cambridge acompanham-no durante toda a vida; em qualquer parte do mundo, em qualquer canto de terra, o *graduate* tem a sua alma presa á *universitas-mater;* ao seu serviço põe a sua energia individual e a sua bolsa.

SALA DE UM CLUB

Esclarece-se deste modo um fenomeno muito frequente entre os inglêses: é a mocidade de espirito que velhos de setenta annos e mais conservam na Gran-Bretanha. Quando de Londres seguia para Cambridge, tive por companheiro de viagem um cavalheiro já edoso. Era um antigo *fellow* do *Sydney Sussex;* no mesmo *College* tinha um filho, e nunca faltava á *Gay-week*. Durante esta semana, dizia-me elle, remoçava-se para o anno inteiro, infiltrava-se de uma juventude sã, mergulhando na immensa alegria e na indescritivel vivacidade que trasbordam pela cidade de Cambridge. Eis porque os *graduates* qualificam a Universidade de «*land of eternal youth*», onde os velhos se misturam com os moços, a tradição com o progresso, os novos métodos com os antigos costumes, sem que dessa junção resultem conflitos entre os *Colleges* e a Universidade.

São os *proctors*, — antigos *procuratores*, — os encarregados da policia academica. Teem por dever percorrer a cidade, acompanhados de dois *beadls*, que os estudantes qualificam de *bull-dogs*. E' outra tradição, que os rapazes respeitam, visto ser rarissima a intervenção dessas autoridades. A disciplina colegial é suficiente, basta o *tutor* e, mais do que quaesquer regulamentos, os bons exemplos dos *readers* e *lecturers*. Segundo a expressão inglêsa, muito corrente, a disciplina é «*tactfully administered.*» Mas não ha caciques, nem influentes eleitoraes, nem cartas de empenho, que possam evitar uma expulsão, quando seja merecida. A' maxima liberdade academica acompanha uma correspondente responsabilidade pelos actos praticados. Não ha excepções para ninguem, seja qual fôr a categoria a que o estudante pertença. O proprio Eduardo VII, quando principe de Galles e *fellow* do *Trinity College*, numa escapadela, incognito, que pretendeu fazer até Londres, foi preso e guardado por dois creados que a rainha Victoria mandou de *Buckingham Palace*.

As proprias revoltas academicas, muito excepcionaes, são absolutamente diferentes das das universidades do Continente. Motivadas em regra quando os estudantes se julgam prejudicados nos seus direitos tradicionaes, nunca se manifestam com efeitos destruidores. O processo infantil de partir carteiras, como se estas fossem responsaveis pelos nossos infortumios, só esporadicamente é seguido pelos revoltosos. Estes adotam resoluções mais práticas e mais expeditas. Um dia, qualquer disposição do senado universitario ordenava que as alunas pudessem passar o *tripos examination* nas salas reservadas aos rapazes. Era a *egualdade latina* importada pelo *chancellor* da Universidade. Pois bem: os estudantes, fortes com a tradição que manda separar os sexos, resolveram não permitir que se realizassem os exames. Não invadiram as salas, não faltaram ao respeito ao *chancellor* nem ao *vice-chancellor*, mas cantaram e tocaram. E ouviu-se então um côro extraordinario de tres mil vozes desafinadas, com acompanhamento de quatrocentos tambores de lata. Um horror! Os examinadores fugiram aterrados, as raparigas riam doidamente, e quando o triunfo estava obtido, alguns dos mais ousados treparam ás janelas, onde prenderam muitas peças de páno, nas quaes se lia: *nada de meninas na nossa casa! para Newnham, para Girton, que é o seu logar!*

Quem examinar esta mocidade forte, consciente dos seus direitos, respeitadora da tradição, profundamente progressiva, superiormente culta, preparando-se moral, intelectual e fisicamente durante o periodo da vida em que o caracter se define, as aptidões se manifestam, comprehende a immensa energia do povo britanico, impulsionado e dirigido por uma camada social admiravelmente trenada para a luta, com as suas forças bem equilibradas e a vontade fortemente organisada. E' na educação e não nas qualidades da raça que está o segredo da supremacia mundial da Gran-Bretanha.

IV

A celebração scientifica de Darwin

Não me surprehendeu o êxito completo da celebração scientifica de Darwin. Nenhum país do mundo poderia realizar uma consagração desta natureza com mais elevação e maior requinte de alta cultura. Se pretendesse avaliar o grau da civilização britanica, bastava, para della fazer um juizo seguro, um exame minucioso do que foi essa celebração. Tratava-se de uma festa

KING'S COLLEGE E A CLARE-BRIDGE

nacional, a glorificação da memoria de um sabio da Gran-Bretanha, de um homem que batêra rudemente nos preconceitos e nas crenças do publico, que revelára o mais encantador desdem por todos quantos o haviam atacado. Sobre elle choveram ironias profundas; a massa immensa dos ignorantes crivára-o de sátiras, de caricaturas. E de todo esse amontoado de injurias, saira para a immortalidade, tranquilo, consciente do seu triunfo, o naturalista genial, cuja memoria é hoje venerada por toda a humanidade culta.

A recepção dos delegados nacionaes e estrangeiros pelo *Chancellor* da Universidade, Lord Rayleigh, no Museu Fitzwilliam, revestiu-se de uma imponencia, de uma majestade, que só em Inglaterra, pelo seu enraizado amor á tradição, seria possivel. As vastas salas do museu, pela multiplicidade dos trajos academicos, alguns de reminiscencias medievaes, pelo extraordinario luxo das damas da alta sociedade que tinham sido convidadas e pelo ceremonial usado nessa festa, deram-me a ilusão de um quadro antigo, e pela minha frente correram, em evocações do passado, como retabulos historicos, alguns dos fragmentos mais notaveis da vida opulenta dos antigos reis da Inglaterra. A Universidade, velha de oito seculos, respeitadora de todas as tradições herdadas desde o findar da Edade Média, mas tão progressiva e tão moderna no seu saber como as universidades de Berlim, Paris, Vienna ou Munich, afigurou-se-me por instantes composta dos Benedictinos de St. Radegund de Henrique I, frades de S. Giles, franciscanos de Henrique III, de personagens das epocas atormentadas de Henrique IV e Elisabeth. Mas, na frente de todos os *professors, lecturers* e *readers,* caminhava, gravemente teatral, o grande fisico que é Lord Rayleigh e, a seguir, toda a brilhante pleiade dos naturalistas, quimicos, filósofos, ju-

PONTE DO TRINITY COLLEGE

risconsultos e historiadores que são a gloria da Universidade de Cambridge. Cumpria-se o velho ceremonial, faziam-se reviver, como relampagos, os historicos cortejos e os costumes dos tempos passados, mas surgia, triunfante, respeitada, consciente da sua força e do seu valor, a universidade moderna, uma das mais notaveis da Gran-Bretanha.

A esta festa, de um puro sabor arcaico, seguiu-se, no *Senate House*, a entrega das credenciaes de todos os delegados estrangeiros e nacionaes. A' medida que um dos secretarios, o Professor Clarke, os ia chamando, desfilavam na frente do *Lord Chancellor* os representantes dos Estados Unidos, Austria-Hungria, Belgica, Dinamarca, Egito, França, Allemanha, Grecia, Hollanda, Italia, Japão, Noruega, Portugal, Russia, Hespanha, Suecia, Suissa, Ilhas Britanicas e Colonias. Foram centenas de professores e academicos, vindos de quasi todos os centros de alta cultura, que se curvaram perante a Universidade de Cambridge, representada por Lord Rayleigh. O publico, que enchia o vasto salão, aplaudia os delegados dessas nacionalidades, mas os seus aplausos eram sublinhados quando o nome que se ouvia pertencia a alguma das superiores individualidades da sciencia e da filosofia. Esse publico que observava o desfilar de tantos nomes, conhecia a categoria intelectual de filósofos como Arrhenius e Herard Höffding, de naturalistas como Loeb, Osborn, Van Beneden, Edmond Perrier, Metchnikoff, Richard Hertwig, Hugo de Vries, R. Chodat, Archibald Geikie e muitos outros de egual envergadura. Haviam-se reunido em Cambridge muitas das figuras da alta aristocracia do talento; professores dos mais ilustres tinham-se dado *rendez-vous* na Universidade onde Darwin começou os seus

ESPECTADORES DE UMA REGATA

estudos. Pois bem: os convidados da Universidade, quando esses grandes mestres da sciencia se levantavam, manifestavam-se de modo a revelar qual o respeito, qual a veneração, que esses homens superiores lhes mereciam. Observei com particular atenção uma base segura á filosofia moderna, a toda essa renovação social cujos sinaes descobrimos a cada momento.

Conferidos os graus, falou sobre Darwin o mais competente e o mais respeitavel dos geólogos inglêses, sir Archibald Geikies, con-

POLO-CLUB

este sinal da ilustração da sociedade britanica. Dias depois, na Royal Society, em Londres, na mais extraordinaria festa scientifica que tenho assistido e presidida por Archibald Geikies, pude verificar que não me tinha enganado na apreciação que fizera do grau de cultura do alto mundo inglês.

No dia seguinte, tambem no *Senate House,* e depois de um ceremonial que em Portugal poucos saberão avaliar, conferiram-se graus de doutor a alguns dos professores mais celebres e vultos notaveis da Inglaterra e do estrangeiro. Sobre esses sabios, glorificados pelo seu valor intelectual e pelo seu trabalho, desciam os olhares atentos e comovidos da multidão immensa que enchia a vasta sala. Os novos doutores de Cambridge eram principalmente naturalistas, todos educados na escola scientifica de Darwin, todos seus discipulos, inspirados pelo seu genio, tendo contribuido para a obra maravilhosa do saber átual, creando temporaneo e amigo do celebre naturalista. Nem um discurso mais, nem mais uma palavra: falára o Presidente da *Royal Society,* homem de sciencia como poucos, representante da primeira sociedade scientifica das Ilhas Britanicas e uma das primeiras do mundo. A ninguem mais era licito apreciar as obras de Darwin como geólogo. Nessa reunião de gente culta a banalidade não podia ser admitida: falára quem devia, de direito, e ninguem mais!

Se as festas scientificas da celebração de Darwin revestiram uma grandeza que os inglêses sabem imprimir como nenhum outro povo ás consagrações de caracter academico, as recepções dos diferentes *Colleges* acentuaram no meu espirito o juizo que fazia da hospitalidade britanica, notavel pela sua distinção, pela sinceridade e afabilidade maximas. A do *Christ's College,* onde viveu Darwin, foi uma verdadeira romaria, movida pela saudade do grande sabio, que soube

ser tambem um caracter de eleição. Estava exposta aos visitantes a sua vida inteira: correspondencia intima, ataques sofridos, desalentos passageiros, amarguras, triunfos; de tudo se encontravam sinaes nesse pequeno museu preparado nos aposentos que pertenceram ao eminente naturalista. Conservei-me algumas horas a observar atentamente os que entravam, e foi-me facil reconhecer como todos se interessavam pelos pormenores da vida movimentada desse homem celebre. As damas do alto mundo, da primeira aristocracia britanica, as senhoras mais opulentas do Reino-Unido não faziam exposição de *toilettes*, não *pousavam* como se estivessem em presença de um pintor ou de um *kodak;* não as preocupavam naquelle momento os brilhantes que traziam e as sedas que arrastavam; nem a mais leve sombra de mundanismo, nem o mais insignificante vestigio de galantaria. Estavam todos, senhoras e homens, possuidos do maior respeito, numa atenção maxima, num interesse sincero, comprehendendo o que valêra o antigo discipulo do *Christ'College*.

Lá fóra, no parque, — e que parque encantador e que maravilha de bom gosto! — um grupo de octogenarios, alguns muito velhos: os companheiros, os amigos de Darwin. Tinham vindo de varios pontos da Inglaterra: sir Joseph Hooker, de 93 annos, que animára Darwin nos seus poucos momentos de desalento; sir Archibald Geikie, o presidente da *Royal Society*; sir Clements Markham, o antigo presidente da *Geographical Society*, de Londres, e alguns mais que cercavam uma velhinha entrevada, sentada numa cadeira de rodas, a esposa de Huxley, geógrafo e naturalista notabilissimo, e que viéra representar o seu marido, doente muito longe de Cambridge. Como todos se curvavam perante a simpatica velhinha!... E sobre a fresca relva do parque, pelas alamedas fóra, toda uma multidão immensa, movendo-se sem se acotovelar, formando quadros de rara elegancia, de uma distinção maxima. Como é béla a civilização, quando é real!

No *Pembroke College*, um dos maiores e mais monumentaes de Cambridge, uma festa nocturna de uma opulencia extranha. Ahi sim, os salões encheram-se completamente. Viam-se milhões em joias; lindas raparigas *flirtavam* com um desembaraço encantador; *lecturers* e *readers*, sem a presença incommoda dos discipulos, amavam loucamente; velhos professores, sentados ao lado das *misses* do seu tempo, seguiam com a vista, saudosos do passado, os colegas cheios de mocidade que seguravam com elegancia as suas capas de *doctors*. E toda essa gente que gosava a vida, toda ella cortês sem afétação, alegre sem turbulencia, sabendo estar, sabendo conservar-se distinta nas suas atitudes, quando passava pelos retratos de Pitt, de Spenser e Gray, mostrava conhecer, como pessoas solidamente instruidas, qual o valor do politico notavel e dos dois poetas que haviam sido *pupils* no *Pembroke*. E' que a alta sociedade britanica sabe conciliar a elegancia futil, o requinte da moda, a maneira *smart*, com uma cultura séria, que se revela

O TENNIS

a cada momento, e uma primorosa educação, que a torna verdadeiramente superior.

Nessa tarde assistira ao banquete no *New Examination Hall* e ouvira Balfour falando de Darwin e da sua obra scientifica, antes de Arrhenius, o eminente sabio suéco. Era o chefe do partido conservador do imperio britanico, um estadista de nome, combatente de todos os dias, quem iniciára os discursos sobre a influencia mundial do zoólogo ilustre que revolucionára a sciencia. O seu discurso, sem logares-comuns nem palavras superfluas, mostrou-me que em Inglaterra os politicos de valor, os condutores de homens, possuem uma larga preparação scientifica que lhes facilita o estudo das questões em que teem de intervir. E' essa educação solida, metódicamente feita, posta ao serviço de um espirito reflétido, que lhes dá uma grande superioridade na sociedade. Balfour exprimiu-se singelamente, consciente do que dizia, absolutamente conhecedor do assunto. E assim devia ser. Os que o ouviam constituiam uma platéa exigente; entre elles encontravam-se alguns dos mais notaveis naturalistas do mundo e o estadista discursava antes do celebre filósofo Arrhenius,— circunstancias estas que o ex-primeiro ministro não poderia despresar. Mas o antigo *undergraduate* de Oxford poude revelar ao mundo inteiro, — porque do mundo inteiro eram os representantes que ahi estavam, — que a educação inglêsa, sob os seus variados aspectos, sabe adextrar intelectualmente os homens da camada superior do paiz, da qual sáem os seus parlamentares, os publicistas, os literatos, os artistas, todos quantos preparam a opinião publica em Inglaterra.

As festas, em Cambridge, acabaram por um *Garden-party* oferecido pela familia Darwin no *Trinity College*. Mas o atractivo deste numero do programa consistiu principalmente na exposição das credenciaes dos delegados e felicitações enviadas pelas universidades e sociedades scientificas do estrangeiro á Universidade de Cambridge. Eram trabalhos notabilissimos de tipografia e gravura, pergaminhos de alto valor, objétos de arte, saudações em latim, com a fórma tradicional usada em casos analogos, das diferentes academias. Todos estes documentos indicavam relações de cordialidade e de homenagem scientifica entre os organismos sociaes cultos do mundo, eram indicios seguros de uma associação de interesses de espirito para a conquista da verdade e da paz, sinaes de fraternidade internacional creada pela civilização, pelo pensamento scientifico e filosofico, em oposição com as rivalidades dos povos nascidas do interesse.

Esta exposição simples, de aparencia modesta, sem discursos nem géstos teatraes, foi uma manifestação intelectual de uma notavel significação. A alta cultura mundial, independente da alta finança, extranha ás ambições politicas, inimiga da guerra, como que se reunia toda, num côro de saudações, a prestar homenagem á memoria de um homem, que foi unico e simplesmente um *homem de sciencia* e, como tal, fez mais, pela verdade e pela justiça, do que todos os politicos da terra.

Horas depois, a caminho de Londres, fiquei-me a sismar sobre a seriedade com que a Universidade de Cambridge celebrára Darwin,... mas faltava ainda a festa na *Royal Society*, a primeira sociedade scientifica das Ilhas Britanicas.

No alto da escadaria principal do palacio, Snr. Archibald Geikie esperava os seus convidados. Nessa noite, a *Royal Society* recebia nas suas salas tudo quanto de mais ilustre se conhece na Gran-Bretanha: era a verdadeira camada superior do pensamento britanico, os nomes da mais alta envergadura intelectual em quasi todos os ramos do saber. Mas a recepção era especialmente destinada aos estrangeiros, aos que tinham ido a Cambridge. Ella oferecia aos seus convidados a festa mais béla e mais extraordinaria que se póde imaginar: uma exposição dos mais notaveis trabalhos dos sabios e investigadores inglêses em astronomia, meteorologia, fisica, quimica, mineralogia, geologia e outras sciencias fisico-naturaes. Era a sciencia na sua significação superior, observações e experiencias das mais dificeis e transcendentes, de uma technica admiravel, aparelhos delicadissimos, curvas representativas de certos fenomenos tomados com um rigor e uma precisão notabilissimos, exemplares de produtos naturaes de uma raridade extrema. Um deslumbramento! E é a palavra, e nenhuma outra me acóde agora para exprimir o meu entusiasmo ao percorrer as cinco salas da

Royal Society, completamente cheias de uma sociedade verdadeiramente distinta, absolutamente culta. Junto de cada mesa, de cada aparelho, ao observar os resultados das experiencias que se realisaram, ao ouvir as explicações dos que as tinham feito, viam-se senhoras em grande numero, muito atentas, muito interessadas em saber, perguntando pormenores, sem interjeições infantis, revelando no que diziam e perguntavam que toda essa sciencia pura e aplicada, essa obra intelectual do mais alto valor, não lhes era extranha. Toda essa sociedade elegante, riquissima, compunha-se de pessoas inteligentes, e na aparente frivolidade desse grande mundo revelava-se a cada momento uma educação solida, habitos de reflexão, todo um conjunto de qualidades que dão ao homem como á mulher uma verdadeira superioridade.

Foi sob essa impressão que no dia seguinte deixei Londres. Durante uma semana eu tivera uma vida espiritual intensa; o meu espirito sofrêra uma influencia benefica dentro de uma atmosfera de luz. A' medida que a bruma do norte se ia apagando lentamente e o ceu já limpo deixava filtrar a luz e o calor do sol, uma vaga nostalgia de um mundo melhor envolvia todo o meu sêr. E foi com uma immensa saudade que volvi os olhos para essa terra, onde o ceu é sem brilho, mas onde a obra do pensamento é mais franca, mais limpida e mais sincera!

SILVA TELLES.

BUSSACO — PORTAS DE COIMBRA

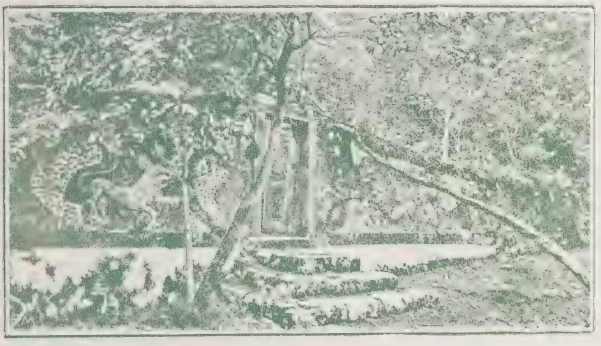
O Turismo em Portugal

NINGUEM pode hoje pôr em duvida o valor do nosso paiz no campo da industria do *Turismo*. Graças á sua excepcional situação geographica, á doçura do clima e á belleza e variedade da sua paisagem, Portugal acha-se desde logo, nesse campo, destinado á mais vantajosa exploração. A taes factos, já de si capitaes, reunem-se porem muitos outros que veem enriquecer por forma notavel esse especial valor, elevando-o á expressão porventura maxima entre os varios paizes conhecidos. A estructura e natureza do solo, as correntes maritimas que banham as suas extensas costas a sul e a poente, e a exposição geral dos terrenos em amphitheatro voltados ao sol e ao mar, criam-lhe outras tantas vantagens que se transformam em riquezas incomparaveis.

Portugal está, por um lado, collocado na ponta extrema occidental da velha Europa, em que tocam, ou poderiam tocar, todas as grandes linhas de navegação para as terras

africanas, asiaticas e americanas. E, climatericamente, elle dir se-ia ahi posto como região temperada e encantada, necessaria ao viajante para se habituar á transição rapida de temperaturas oppostas. Por outro lado, desde as mais altas das suas montanhas onde gelam as quedas d'agua, até á zona baixa do littoral do sul em que o clima é superiormente mediterranico, elle possue a mais rica e differenciada serie de estações de saude, de repouso, de inverno e de verão, uma infinidade de thermas e de praias encantadoras, além de uma successão de rios, de facto interessantissimos pela variedade de seus aspectos e regimes.

Como todo e qualquer paiz, Portugal tem ainda as suas cousas proprias, especiaes, a differenciá-lo e a imprimir-lhe caracter — particularidades geologicas, botanicas, zoologicas, ethnographicas, artisticas e outras ainda que lhe completam a phisionomia e que devemos aproveitar e desenvolver com o maior cuidado.



BUSSACO — PATEO DO BISPO

Elle reune pois tudo quanto, na politica e na industria do *Turismo*, se procura obter e fecundar para atrair o publico, cançado da uniformidade artificiosa e incaracteristica da alta civilisação cosmopolita. Todos nós, os portuguezes, deveriamos pois compenetrar-nos d'essa consoladora noção e, cada qual na sua especialidade, prestar o mais sincero concurso á geral valorisação d'essa riqueza patria, estudando os varios casos, commentando-os, corrigindo os defeitos, apontando os melhoramentos a introduzir, aproveitando iniciativas e provocando boas vontades, interesses elevados, respeito pela obra alheia e todos os actos de civismo que definem o organismo de uma verdadeira nação.

E' certo que a politica larga e bem organisada de *Turismo*, porque seja de excepcional complexidade, não se formula de um jacto; ella envolve innumeros factos de ordem economica, educativa, artistica e industrial, reclama um altruismo inilludivel na sua propaganda multiforme, e uma serenidade e clareza de vistas que só por elevada comprehensão dos laços sociaes se adquirem. E tudo isto, como digo, não vem de um jacto. Mas não queiramos que assim se faça, á pressa; e, pelo contrario, venha cada um, a seu tempo, sem as conhecidas e improficuas precipitações nacionaes, prestar á obra commum o subsidio a que civicamente fôr obrigado.

Este *magazine*, comprehendendo a funcção social a que se destinou, abre nas suas columnas uma secção especial dedicada ao *Turismo em Portugal*, relacionada com os assumptos de que trata e a sua indole propria. Dada porem uma tal missão educadôra, esta secção não poderá deixar de apresentar por vezes os varios casos sob aspecto critico, porque taes são as exigencias da propria obra do Turismo e assim as definimos no programma mais acima exposto. Apontaremos o erro actual para evitar os erros futuros. Os artigos succeder-se-hão na mais completa independencia uns dos outros, constituindo todavia, cada um d'elles, uma pequena monographia completa. E começamos por um dos mais maravilhosos sitios de villegiatura do paiz — *O Bussaco* — porque de facto elle é notavel por muitos titulos: valor proprio, significação social, maneira como foi encarado e mal tratado por nós, importancia especial que adquire no campo do *Turismo;* e ainda porque, graças a todas essas circunstancias, elle dá, com intensidade e perfeita lucidez, a nota do nosso rudimentar modo de sentir e pensar acerca de um grande numero de assumptos e das riquezas que possuimos.

I

O Bussaco

Durante uns cincoenta kilometros, marchando a direito da costa occidental para o interior das terras, uma rampa muito suave leva-nos dos areaes de entre Aveiro e Figueira ás faldas do Bussaco. Subimos não da Serra da Estrella a vaidosa altitude de 2:000 metros.

Para o viajante hodierno, que vem ao Bussaco trazido pelas linhas ferreas do littoral, de Lisboa, Figueira e Porto ou, pela linha da Beira Alta, desde o planalto do Douro em terras de Espanha, esse contraste passa tão rapidamente que mal se vê. O que o viajante quer é chegar a Luzo e ás suas thermas, ou ao proprio Bussaco para

A MATTA

chega a duzentos metros, através da zona de alluviões modernas e de terrenos calcareos que caracterisam o nosso paiz em toda a baixa do littoral a sul do Porto. Choupos, vimieiros, salgueiros e outras arvores mais ou menos aparentadas bebem sofregamente as abundantes aguas d'esses campos, imprimindo á paisagem uma nota de ternura que se casa bem com a luminosidade levemente doirada e as irisações da sua atmosphera humida e jovial. Contrastando violentamente com esse idylio das terras baixas, ergue-se porem abrupta e rude a serra do Bussaco, num resalto de trezentos metros, guarda avançada da zona primitiva que de ahi se estende a todo o norte do paiz e, para sul, até ao Tejo, subindo continua, mas irregularmente, até attingir num ponto unico se embrenhar nas sombras profundas da sua cerca. E, defrontando de repente com uma poderosa e variada vegetação, nem lhe passa pela mente o que, em tempos antigos, formava a antecamara da religiosa matta. Mas para quem viaja a pé, ou a cavallo, ou para aquelle que procura as mais fortes commoções estheticas no seio da natureza, o monte surge sempre com o mesmo vigor, rudeza e altivez impressionantes. Di-lo em termos verdadeiramente sentidos o Conde de Hoffmansegg, botanico que por cá andou nos primeiros annos do seculo XIX, e que ainda logrou ver esses sitios e o humilde convento dos carmelitas descalços em toda a sua pureza. Traduzo as suas palavras, que já se encontram transcriptas no *Guia Historico do Viajante no Bussaco,* pelo sr. dr. Simões de

Castro, e que ainda no anno findo, e a proposito da Batalha do Bussaco, reli num *magazine* francez.

«Tinham-me muitas vezes elogiado o convento do Bussaco, que se ergue no topo de uma montanha, a tres leguas (1) de Coimbra, citando-me as bellas quintas que ahi se encontram e chamando a minha attenção sobretudo para as plantas cryptogamicas que eu contava ir lá achar. Os monges que habitam o convento são carmelitas da ordem dos *Marianos*. Alem da regra geral da ordem, observam praticas especiaes severissimas. Nenhum individuo pode entrar no convento sem licença do geral da Ordem.

. . . . . .

«O caminho, até á aldeia da Pampilhosa, distante duas leguas de Coimbra, é bastante plano; mas logo depois começa a subir e achamo-nos num valle profundo, cercado de rochedos a annunciar a proximidade das altas montanhas a que vamos dar e onde apenas alguns soutos de castanheiros interrompem num que outro ponto o escalvado das encostas. De quando em quando vêem-se cruzes, signal de que o convento está proximo, e poucos momentos depois achamo-nos á porta do muro da cêrca, que nos apparece circumdada de imagens da morte — craneos, ossadas, representados por meio de pedras brancas e pretas incrustadas. Batemos. Vem um frade leigo e entramos.

«O visitante, preparado por este aspecto sinistro, fica de novo surprehendido encontrando-se de repente á sombra de vetustas carvalheiras. Uma espessa floresta envolve o convento; bellas arvores ensombram os atalhos que serpeiam em todas as direcções, levando-nos ora a uma capella, ou a um cruzeiro, ora a santuarios occultos entre a folhagem; musgo espesso e sempre verde tapeta o chão e os troncos das arvores; pequenos riachos rebentam da rocha para logo se perderem por entre as moitas; e por toda a parte cyprestes magestosos, seculares, agrupados pitorescamente, pinheiros de altissimo porte e carvalhos ancestraes coroados de heras, se fundem na floresta sagrada... Esta morada solitaria, o convento votado ao silencio, o habito estranho dos monges, enchem-nos a alma de um terror involuntario. Esquecidos do mundo e pelo mundo, os habitantes d'essa mansão passeiam á sombra dos cyprestes, observando um silencio religioso. Dir-se-ia que a religião erguêra ahi o seu throno magestoso e formidavel.

VIA DOLOROSA

. . . . . .

«A regra da vida desses frades é muito dura. Varias horas do dia e da noite são consagradas á oração e ao canto coral; elles nunca comem carne e só podem falar de quinze em quinze dias, á tarde, quando passeiam. O unico que se não submette a esta regra é o prior, ou *padre hospedeiro*,

(1) As leguas de que aqui se trata são do tempo da *legua da Povoa* e outras *leguas grandes* que havia d'antes.

por obrigação que tem de receber os visitantes e de conversar com elles. Devo dizer que se desforrou amplamente comnosco do silencio que á força observára durante muito tempo, desde a ultima visita; falou continuamente. E vamos lá que tinha desculpa...»

Esta impressão profunda e tremenda mantem-se hoje, apesar de ha já muitos annos por lá não andarem os frades e dos desacatos que ahi se cometteram após a sua expulsão, em 1834.

Para Junqueiro, «o Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na natureza. E' por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paizagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.»

UMA AVENIDA DO BUSSACO

No seu *Guia Historico do Viajante no Bussaco,* o sr. dr. Simões de Castro explica-nos longamente as origens da maravilhosa estancia e cita innumeras paginas de poetas e prosadores que a matta sem duvida commovera por forma estranha, embora elles encerrassem essa commoção em formulas de uma pavorosa e convencional banalidade. Mas as notas fundamentaes da paizagem lá se encontram e revelam atravez de uma floresta de palavras de caracter bem diverso do da formosa matta.

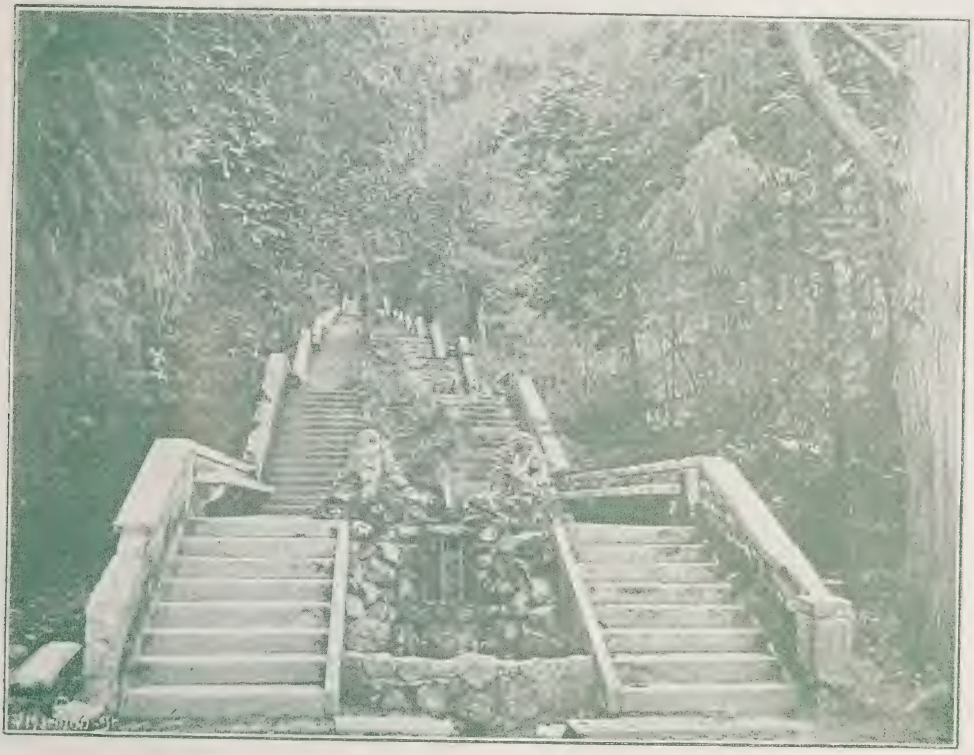
Esta não é muito vasta. Sessenta a setenta hectares apenas, comprehendendo o viveiro. O fundo é formado por carvalhos, e embora os *cupressus* mais nos impressionem a vista, são elles sem duvida que manteem a nota de robustez continua que unifica e envolve todo o arvoredo.

O Bussaco foi um *deserto* onde os frades poderam viver, ou nos erimiterios espalhados por differentes pontos, ou em silencio constante no cenobio central. Começou a construir-se em 1628 e passados quasi dois annos iniciava-se a vida regular cenobitica. Escolhido o local pelo seu isolamento, belleza da paizagem, abundancia de florestas, aguas e terras de cultura, o prelado da communidade enriquecia-o todos os annos com a plantação de grande numero de arvores; e em 1643 o papa Urbano VII, numa bulla que ainda lá está ás *Portas de Coimbra,* gravada numa lapide, lançava a ex-

cumunhão maior sobre quem violasse a clausura, afim de destroçar os arvoredos. A matta foi murada na extensão de uns quatro kilometros, abriram-se caminhos, edificaram-se ermidas, capellas e fontes. O mosteiro, situado quasi ao centro da cerca, era extremamente modesto, acanhado até; pobres as cantarias; as portas, os moveis, os tectos, todos forrados de cortiça. As outras edificações, como ainda hoje se pode observar, obedeciam geralmente a um estylo decorativo proprio, o dos *embrechados*, que as nossas gravuras representam em varios casos. A estes pertencem as imagens de morte, citadas pelo Hoffmansegg.

Além de *deserto*, o Bussaco foi tambem durante muito tempo considerado logar de *desterro*. Desde 1760 a 1777, por ordem regia, lá permaneceram em clausura dois dos *Meninos de Palhavã*, D. José, que era inquisidor geral desde 1758, e D. Antonio, não lhes valendo o facto de terem sido reconhecidos por D. João V á hora da morte e confirmados dez annos depois pelo real mano. Além d'estes, lá estiveram desterrados varios outros illustres prelados, um bispo de Pinhel e outro de Bragança, um arcebispo de Braga, um cardeal patriarcha e até alguns padres penitenciados do Santo Officio.

Estes desterros foram geralmente motivados por casos politicos; e se por vezes eram os liberaes para lá mandados pelos absolutistas, como succedeu com Galvão Palma, Prior de Monsaraz, em 1828, outras vezes houve em que succedia o contrario, nesse periodo tão instavel que vái de 1820 a 1834. Os carmelitas descalços continuavam porém monotonamente a sua vida de sempre, contemplando, não falando e construindo sempre no mesmo estylo, como se as agitações do mundo, o que de facto succedia, não conseguissem invadir a sua cêrca vedada ao publico.



A FONTE FRIA

Segundo nos diz o dr. Costa Simões, no seu estudo sobre *A Serra do Bussaco (Instituto,* maio 1855), «a ultima obra que ahi fizeram os religiosos foi a reedificação da portaria da mata, em 1831, naquelle gosto singular de quinaes toscos e grosseiros embrechados, que se vê ter guiado toda a construcção do convento e ermidas; e tinham em construcção a fonte de Santa Thereza.»

O convento do Bussaco, assim como os outros conventos de frades do paiz, ficou deshabitado por obra e graça do celebre decreto do *Mata-frades*, e creio que quasi de todo abandonado nos vinte annos que se seguiram a 1834, Em 1855, ainda no *Instituto*, J. M. de Abreu revolta-se contra o estado em que mosteiro e matta se achavam ao tempo. E conta que um creado do antigo prior, ao qual a cêrca ficára confiada, vendia então madeiras para fazer dinheiro e para estender sua lavoura nos terrenos desafrontados d'arvores; não limpava as ruas, não replantava, nem cuidava das arvores.

O CALVARIO

«O governo, accrescenta, mandou para o Bussaco seis veteranos, que aqui vimos pacificamente entretidos nos lavôres e trabalhos de costura e de meia...»

Estes novos cenobitas, pelo que se vê, contrastavam violentamente, nos seus habitos e modos de trajar, com os anteriores; de facto os carmelitas descalços não careciam de fazer meia para seu uso proprio. Não admira, pois, que o eloquente e romantico Abreu se revoltasse contra a incoherencia decorativa que procedia de um tal abuso. Troveja sobretudo quando se refere á destruição de que iam sendo victimas os edificios e a floresta. Chama vandalos aos que aniquilam essa obra de seculos (sic), e depois de citar o magestoso cedro, o soberbo carvalho e o annoso sobreiro, accrescenta: «quando, no volver dos tempos, da *Cruz Alta* até o emblema se perder, o uavegante junto ás praias do Oceano, e o viajante avistando de longe essas santas ruinas, se curvará reverente ante ellas, e amaldiçoará a memoria da geração ignara e barbara, que

assim deixará perder aquelle venerando monomento, tão rico de singulares dons da natureza e tão cheio das mais piedosas e sublimes recordações, dos mais ternos e caros affectos d'alma!»

Independentemente da fórma e dos erros de concordancia, estas palavras traduzem a mesma commoção a que nos referimos, de profunda religiosidade em plena natureza.

Mais tarde, em 1883, um pagão, Emygdio Navarro, nos seus *Quatro dias na Serra da Estrella*, revela ainda uma vez esse estado d'alma. Por nova transformação vamos ver passar a religiosa estancia. Tinham desapparecido os veteranos que faziam meia; uma nova sociedade invade o mosteiro. E vale a pena citar algumas das palavras que esse inte-

SANTO ANTÃO

A CRUZ ALTA

ressante exemplar de politico consagrou ao Bussaco para deixar registado este novo aspecto. Citarei entrecortando.

«Vive ali numa convivencia intima, quasi patriarchal. A' bocca da noite reunem-se as familias num grande *salão de baile*, ornamentado de cortiça, e dança-se animadamente ao som de um piano, com grande escandalo do Francisco». E logo adiante:

«Ao Francisco se deve em parte a conservação do Bussaco. Era um servidor dos frades. Elles foram-se e elle ficou, cuidando sempre da egreja. Quando os conventos e respectivas cêrcas se venderam ao desbarato alguns individuos da Mealhada e Coimbra entenderam que o Bussaco era bom campo de exploração. Os *cupressus*, os carvalhos e os pinheiros seculares haviam de dar magnifico taboado! Metteram-se de gôrra com o governador civil, que lhes pôz tudo a caminho do barbaro intento. Quando tal soube, o Francisco partiu de carreira, deixando a matta e a sua querida egreja, e foi procurar o pae dos srs. Serpas, e lavado em lagrimas deu-lhe parte do maléfico plano. O sr. Manuel de Serpa correu a Lisboa, e o Bussaco foi salvo, escapando á devastação geral. Por tal diligencia merece o Francisco as honras de benemerito.

«Mas o Francisco não perdeu o antigo

feitio. A invasão da matta pelos melhoramentos e tambem pelas desenvolturas da época, escandalisa-o. Sae de noite da sua tóca e, quando todos dormem, o Francisco percorre a matta, inspecciona as modificações que nella se vão introduzindo, examina as construcções novas que se levantam, e murmura longas apostrophes de reprovação e anathema! Elle até amaldiçôa as arvores novas, de ramaria franjada e variada, que vieram repovoar a matta! Para elle o Bussaco só devia ter carvalhos e cedros.

«Pobre Francisco! E' por isso, para não vêr a invasão, que o fere no intimo d'alma, para não assistir ás profanações da clausura, que elle só dá o seu passeio a horas mortas. Os padres do claustro sáem então das suas cellas para acompanharem o seu velho servidor nas suas digressões solitarias, e os gritos do *corujão*, que se faz ouvir pelo mais adiantado da noite, reflectem o soluçar d'esses espectros, congregados nos sitios mais sombrios da matta, ao abraçarem-se ao velho Francisco num grande chôro lamentoso!»

Certamente já morreu o *pobre Francisco*. Mas está-me a dar vontade de averiguar se elle não seria o mesmo *creado do antigo prior* que, em 1855, vendia as arvores por sua conta e que, forçado a não as vender para si, desde que o Bussaco passou para a administração geral das mattas nacionaes, quizesse mais tarde evitar que os outros as vendessem! Ou então, como de 1834 a 1883 vão 49 annos bem contados, quem nos assegura que o *benemerito* houvesse sido um servidor dos frades?... Navarro, completando-lhe o retrato, diz que elle mentia quando contava as peripecias da batalha do Bussaco a que assistira de longe, ao abrigo da matta, sendo que ao tempo tinha já quinze annos de edade.

FONTE DE SANTO ELIAS

A reunião de tantos modos de sentir semelhantes e concordantes dá-nos a idéa de que, após um momento em que se obliterára a noção do valor da matta, do convento e outras edificações, essa noção havia finalmente penetrado no animo de todos, mas de uma fórma definitiva, salvando-se para sempre o Bussaco de *vandalismos* identicos aos dos primeiros vinte annos do regime liberal.

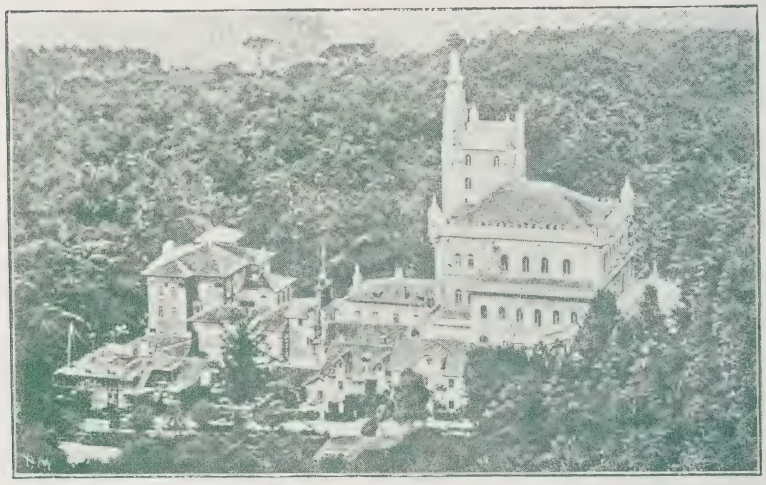
ENTRADA DO CONVENTO

Os frades, esses inegavelmente conheciam bem o valor da sua matta. Frei João Baptista, de Silves, sivicultor e mais tarde missionario em Moçambique, onde falleceu em 1643, plantou por suas mãos, durante treze annos, grande quantidade de arvores e arbustos. Di-lo o *Agiologio Lusitano* que nos dá a lista das principaes quarenta especies da matta do Bussaco, entre as quaes, além de muitas arvores vulgares, se encontram algumas especies exoticas e uma serie de outras verdadeiramente raras, como folhados, murtas, lentiscos, medronheiros, buxos, etc. O *Guia do Bussaco*, d'onde extráio, mostra ainda como a administração geral das mattas nacionaes tem enriquecido consideravelmente o primitivo grupo, já pela creação de um viveiro, já desde muito tempo com a plantação systematica de variadissimas arvores exoticas.

Para este fim, a administração viu-se porém forçada a construir algumas casas junto do convento. Navarro, no livro que d'elle citei, condemna o estylo d'essas edificações. «O convento, por aquelle lado, (o dos taes casas) já está soffrivelmente mascarado e mascarado á moderna!» Assim o diz em 1883.

Como se explica, pois, a obra que elle ahi realisou quando ministro, entre 1886 e

1889, contra todo esse modo de sentir, contra as indicações do proprio pessoal das mattas que, com o côrte de arvores para abertura de estradas e avenidas, ia vêr desapparecer para sempre alguns exemplares soberbos e rarissimos da flora exotica, e contra o previdente Urbano VII, que condemnava a excommunhão maior quem destroçasse o arvoredo sagrado?!... Singular caso é esse de teimosia e como que de allucinação, num homem intelligente, mas violento e destituido de educação artistica, que produziu o córte da matta e ainda a mais lamentavel construcção — a do Palace-Hotel pseudo-manuelino!



MATTA E HOTEL

Reinava então em Portugal uma epidemia de arte chamada manuelina. Estava-se no tempo das *vaccas gordas*, havia dinheiro barato e pensou-se atabalhoadamente em *nacionalisar* a mão de obra indigena. Foram-se para isso aos monumentos e á ourivesaria quinhentista, copiaram-lhe os elementos componentes e transportaram-nos para cima de todo e qualquer organismo estructural, sem se inquietarem com os anachronismos que perpetravam, nem com as incoherencias estylisticas resultantes do choque de espiritos antagonicos gerados por esses anachronismos. Restaurou-se, completou-se e inventou-se manuelinamente; e, nesse movimento, foram envolvidos artistas de valor.

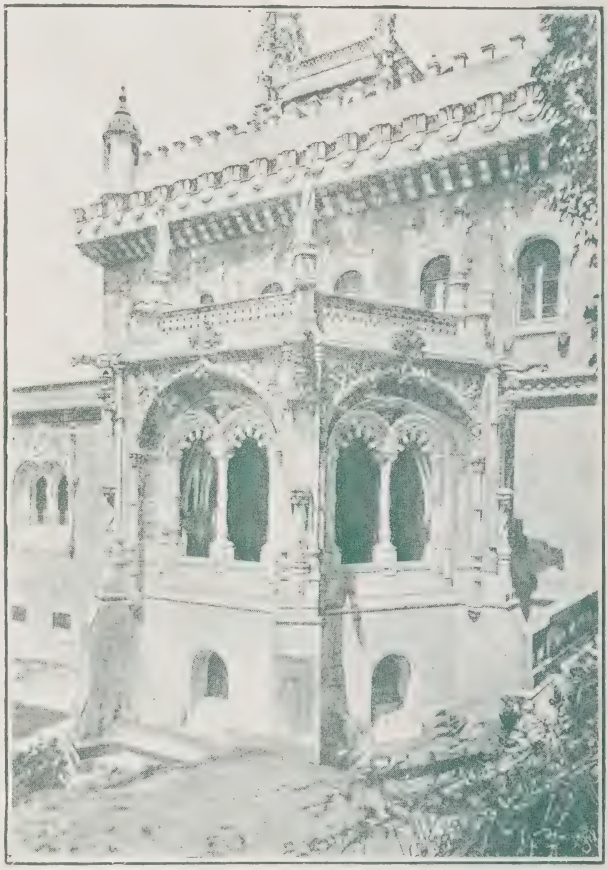
Dizem que o Hotel do Bussaco fora feito segundo o plano de um palacio, porque era inicialmente destinado a habitação de villegiatura da falecida rainha Senhora D. Maria Pia. Creio que tal foi a concepção inicial, concepção que em parte se manteve até ha pouco tempo na decoração geral do edificio. Essa decoração, inspirada nas paginas da nossa historia heroica, não é de facto muito aparentada com os azeites e vinagres de uma estalagem, por mais moderna que seja a instalação dos seus varios serviços. Navarro professava uma grande admiração pela desventurada princeza, e tão grande que até se esqueceu do respeito que devia a si mesmo e das palavras que publicára. O ministro, porém, cahia quasi na mesma occasião em que morria o rei e D. Maria Pia passava a ser a rainha viuva. E vieram as *vaccas magras* e correram com tudo isso. Pensou-se pois na adaptação do edificio palaciano a um hotel de villegiatura rica; mas elle estava tão avançado na sua construcção que não foi possivel alterá-lo. A adaptação fez-se comtudo, resultando d'ahi, incontestavelmente, uma aprazivel estancia de recreio... para pouca gente, porque o edificio não dava para mais.

Ora, como palacio regio que era primitivamente, o edificio carecia de um vasto terrado em roda, que o desafrontasse de quaesquer obstaculos, e de largas vias de accesso, por onde transitassem facilmente os coches e as tropas da guarnição. Cortou-se, pois, no coração da matta, um largo espaço que comportasse palacio e terrado; abriram-se estradas amplas, traçadas com boa geometria e nenhum imprevisto pittoresco. E as arvores sagradas e os rarissimos exemplares exoticos que se encontravam nas

PALACE-HOTEL

linhas do traçado foram abatidos. Não lhes valeram as iras do Francisco, nem a bulla papal.

Para o palacio escolheu-se então o estylo manuelino, entregando-se a sua construcção a um scenographo de reconhecido valor, que produziu um espectaculoso exemplar de scenographia architectoral. A obra saiu brilhante, rica de aspecto e de decorações, como um agregado de todos os elementos e typos estructuraes de varias epocas, eriçada de angulos salientes, de cornijas, de gargulas, pontas, guaritas, corucheus, baldaquinos e outros resaltos em altura e em planta, especie de agrupamento pyramidal cuja exagerada elevação se não comprehende porque não tem destino algum.



FLOREIRA DO GRANDE HOTEL

E' um caso de *scenographia* pseudo-manuelina a ajuntar a varios outros de *confeitaria* similar que appareceram na mesma epoca. Nem ao menos se respeitou o sentimento caracteristico e inilludivel de toda a nossa architectura, mas principalmente da manuelina, o da *horizontalidade*, que Diogo Mousinho foi o primeiro a sentir, na Batalha. E tambem se esqueceram do caracter nobre e solido, que tanto impressiona, dos edificios da epoca de D. Manoel e D. João III, — Jeronymos, Palacio Carreira, de Vianna do Castello, e outros até de recente construcção, mas pertencentes ao estylo d'essa epoca. A completa-lo tem ainda o hotel do Bussaco um *minarete*, provavelmente tambem manuelino, d'onde se pode contemplar a copa densa e aveludada do arvoredo e, pela voz de um *muezin* culinario, annunciar a hora dos repastos e o *plat du jour*.

Oh! humildade christianissima do velho mosteiro, como te encolheste envergonhada por detrás do soberbo palacio pagão, das suas galas, da sua espectaculosa magnificencia! Quem ousará ainda lançar, para os embrechados ingenuos e rusticos do teu triplice portal, os olhos deslumbrados pelos festões, arcaturas, vitraes, brazões e todo o luxo sensual da ornamentação palaciana?!... E não achas muito melhor o desterro a que agora ahi podemos aspirar, do que o que proporcionaste aos de Palhavã, apesar da sua regia estirpe?

O palacio ou Hotel devia ter sido construido, por exemplo, ás *Portas de Coimbra*. O local prestava-se perfeitamente para isso. Não ficava prejudicada a matta, porque esse local é bastante espaçoso; e dava-se ao novo edificio uma exposição magnifica, de norte e

poente, um panorama vasto e variado como poucos. Mas, sobretudo, mantinham-se intactos o mosteiro e a matta!...

Effectivamente o aspecto d'esse sitio é de per si mesmo atrahente e dispõe bem para a visita da cerca. Tem caracter, sombras, arvoredo, fontes. Depois, d'essa altura, as collinas descem em resaltos successivos até ao mar, que, nos dias claros, de lá se avista ao longe; a paisagem anima-se com as manchas claras dos casaes e das aldeias que se destacam sobre o fundo de vegetação, atravez dos mil incidentes de um terreno fortemente torturado. Collocado ahi, o edificio era varrido dos ventos de terra e do mar e os seus habitantes tinham sempre á mão o refugio da matta, contra a violencia da estação calmosa. D'esta forma indubitavelmente se enriquecia a estancia quanto ás condições climaticas.

A COPA DO ARVOREDO

A'S PORTAS DE COIMBRA

Mas o Estado não devia attender apenas a isso. A estação do Bussaco completa-se com as Aguas do Luzo e com a proximidade da região coimbrã. Num systema previdente de villegiatura, haveria pois que attender a todas essas circunstancias.

Deve notar-se em primeiro logar que as *Aguas do Luzo* são applicadas no tratamento do *vicio arthritico*. E quem aponta esse mal, recorda desde logo todas as consequencias doentias da vida sedentaria dos intellectuaes e da vida dissipada das gentes abastadas, ou ricas. *Coimbra* é um centro de villegiatura excepcional para nós, já pela grande e caracteristica belleza da terra e da região envolvente, já pelo valor artistico dos monumentos e dos thezouros ahi accumulados. Esses tres pontos, Bussaco, Luzo e Coimbra, constituem pois uma entidade de villegiatura que carece de especial estudo na forma de ser explorada e, portanto, na de ser attendida pelo Estado. Tendo além d'isso facil accesso pelas linhas ferreas do paiz, quer

se venha do norte, de leste, ou do sul, esse centro de attracção está collocado, como poucos, em condições de poder ter uma situação futura da maior prosperidade.

Dada porem a rapidez e as commodidades com que hoje se viaja, achado o automovel que, em minutos apenas, leva o *turiste* de um desses pontos a qualquer dos outros, mais se impõe a relacionação intelligente dos tres sitios num plano de exploração de turismo bem organisado.

E já que o edificio manuelino lá está e que as *vaccas magras* parece não quererem abandonar-nos, tratemos de o vêr o menos possivel e sómente como exemplo a evitar para futuro. Entretanto alguma gente se sente perfeitamente alojada ahi, porque o Hotel é excelente e a matta tão rica que, apezar do que perdeu, é sempre a maravilhosa matta do Bussaco.

A ESTRADA DE ACCESSO

Mas é certo que o seu caracter de maneira alguma se conjuga com o estylo do Hotel. Os frades sentiram-no bem quando a organisaram e d'ella cuidavam. Quizeram-na bem christã, bem penetrada do mais accentuado espirito dos Evangelhos. Ella é até uma das raras instituições em que não conseguiu entrar a pompa catholica, tão antagonica com o sentir evangelico. Junqueiro, como não podia deixar de succeder, viu justo quando suppõe vivendo ali o Santo por excelencia — aquelle São Francisco de Assis, tão raramente simples e humilde que Rubens, ao pintá-lo na hora extrema, consentiu por essa só vez em banir do quadro a pompa que parecia ser a propria essencia do seu genio magnificente.

Como porem alliar a indigencia e a simplicidade do *Poverello* com a estonteante e complexa riqueza natural espalhada a jorros por toda a matta sagrada? . .

Os homens realisaram duas vezes egual prodigio, na architectura gothica e na musica sacra. Na primeira, a floresta estructural é dominada pelo sentimento da ogiva, do arco quebrado em prece, em contraposição com o arco pleno, sem incidentes que o rompam, da architectura romana e da italiana, sua herdeira; ao passo que aquelle nos traduzia a aspiração inevitavelmente multiforme e dispersiva das almas mysticas, este contem em si o espirito unitario, centralista e irreductivel do dominio mundial que dos Cesares passára aos Papas. Por isso tambem, na musica sacra, a expressão esthetica só attinge a maxima grandeza e complexidade quando se transporta, do centro disciplinar e unitario romano, para a fantasia livre dos mysticos allemães, dos protestantes. E é um musico humilde e pobre, que não chegou a ter consciencia exacta do seu excepcional valor e durante muitos annos permaneceu desconhecido, João Sebastião Bach, que nos dá essa expressão suprema. E' elle, a sua altissima musica que sempre evoco, acima de quaesquer outras sugestões artisticas, e muito longe d'ellas, quando consigo achar-me dentro da maravilhosa matta. A maior afinidade espiritual existe para mim entre uma tal musica e o massiço infinitamente movediço, denso, profundo e apparentemente cahotico d'esse arvoredo animado de uma vida propria e rara.

Refiro-me naturalmente ás composições religiosas em que Bach nos faz ouvir as vozes, o coro, a orchestra e os grandes orgãos, na mais rica e inspirada das polyphonias. Os altos cedros e os pinheiros ancestraes, sobre o fundo harmonioso das carvalheiras seculares, erguem-se como feixes polypistilos de indefinidas columnatas gothicas e como, na atmosphera sonora dos templos, se elevam os themas mysticos das Paixões, das Cantatas e da grande Missa composta para a Capella real da Saxonia. Sobem a prumo e, lá no alto, encurvam-se e encontram-se em arcos quebrados, cruzam-se de multiplas maneiras e em todas as direcções. Mil incidentes se fundem no reticulado d'essas linhas, d'essa trama, formando abobada, como as oscilações caprichosas dos ornatos musicaes, recordando passagens anteriores e ligando se ás seguintes, vão preencher as lacunas do tecido sonoro. E nesses templos e nessa musica encontramos a mesma melancolia ingenua dominante em toda a matta e a humildade evangelica que a fecundou, penetrando-a intimamente, como tambem já succedêra nas velhas artes medievaes. Mas a constancia d'essas duas notas, manifestando-se no infinito cruzamento sempre movediço, diverso e inesperado de troncos e ramarias, á luz coada do sol que os illumina de maneiras sempre novas, a pujança da vegetação, a solidez estructural do massiço de verdura e a solemnidade eterna e placida dos caules, que nada perturba porque são os sustentaculos de todo o edificio e os seus motivos fundamentaes, a ausencia de anarchia no

PORTA DA MATTA

meio da liberdade absoluta d'esse cahos parasidiaco que contem em si todos os rythmos e todas as cadencias, tudo isso — seivas, aromas acres e fortes, plastica, côr e luz, vozes do vento e vozes da floresta, musgos veludosos e verdejantes, riachos esquivos e ruidos apagados da fecundação incessante, tudo me parece brotar da mesma fonte, da vibração da mesma alma, da expansão da mesma força que gerou e inspirou os mestres constructores das grandes cathedraes e o mestre de Eisenach, imperturbavel e nunca egualado.

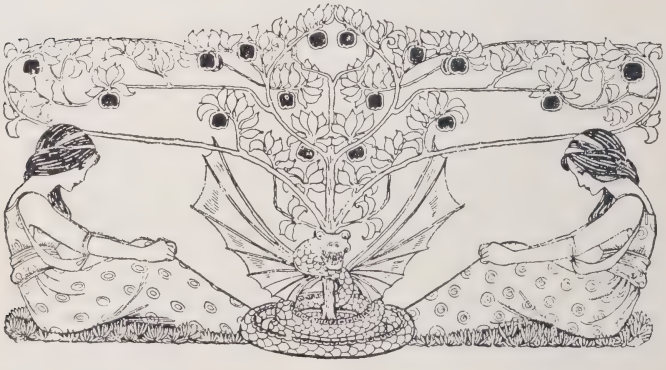
Os frades construiram o seu convento e mais edificios no estylo architectonico do tempo, reduzindo-o porem á maxima simplicidade estructural e imprimindo-lhe caracter apenas pela decoração que lhe applicaram e que de todo transmudou o sentido inicial d'esse estylo. A imagem da morte presente por toda a parte leva-os a desprezar e não a ambicionar as grandezas do mundo. Mas, nessas almas mysticas, parece produzir-se então um estranho caso de aspiração inconsciente ao mais profundo gozo naturalista, um enorme esforço tenaz e constante para viver a vida no seio do mais deslumbrante paraizo terreal. E assim, em plena região aspera e dura, vedando-a aos olhos curiosos e invejosos do mundo, criaram elles a maravilhosa matta que de continuo enriqueciam e se diria a expressão esthetica de um sonho eternamente idealisante e portanto eternamente novo.

Durante dois seculos possuimos inteira e intacta essa mansão de silencio e meditação. Não podemos dar cabo da matta e sempre a poderemos refazer. O velho convento, onde as sardaniscas andavam á vontade por toda a parte, esse destruimo-lo, *porque não prestava*. E' lamentavel, mas devemos confessar o nosso atrazo mental, o rudimentar estado de espirito de uma nação que não sabe defender e conservar as cousas raras que possue, por estupidez e vaidade incorrigiveis.

Mas este exemplo de uma cousa que só nós temos não é unico Muitos outros existem por todo o paiz, que é preciso defender contra a imbecilidade indigena, se quizermos que nos respeitem e estimem como nação, e se quizermos *fazer fortuna*, aproveitando os recursos de que, em materia de villegiatura, dispomos á farta. E sirva-nos de exemplo typico o caso do Bussaco, cuja complexidade abrange porventura a maioria dos aspectos que estes assumptos entre nós podem tomar.

Outubro de 1911.

ANTONIO ARROYO.



S. Frei Gil

S. Frei Gil, como figura representativa da Edade Media — A lenda de S. Frei Gil, um modo de a interpretar — A lenda na litteratura.

A vida desta curiosa figura, tal como os agiologios a reproduzem, é um intimo embréchado de elementos lendarios e elementos historicos e estes em tão pequena proporção que se tornam insufficientes para traçar com verdade a historia da sua vida. Mas não é esse o ponto de vista por que o queremos relancear neste artigo; só queremos mostrar que a sua vida — no seu conjuncto hybrido de veridico e phantastico — é talvez das figuras intellectuaes da edade media portuguêsa, a mais representativa, a que melhor traduz e expressa o estado dos espiritos da sua epoca.

As referencias mais extensas e com intenções de historia, que existem sobre o frade dominicano, são a extensa biographia inserta por Frei Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos,* e a da *Historia de Santarem Edificada* pelo Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Segundo esses auctores, Frei Gil teria nascido por 1190 — outros tambem sem fundamento positivo affirmam que em 1185 — nas cercanias de Vouzella, na Beira Alta, sendo-lhe dado por nome de familia, Gil Rodrigues de Valladares. Foi seu pae um conselheiro de D. Sancho I, alcaide-mór do castello de Coimbra, muito bem apparentado. Em Coimbra Gil estudou na aula, já então notavel, do mosteiro de Santa Cruz, evidenciando-se por uma precoce vivacidade de intelligencia. D. Sancho, bem cedo, o investiu simultaneamente, em varios cargos ecclesiasticos, nas conezias de Braga, Coimbra e Guarda, e nos priorados de Santarem e Coruche. Vendo-se prospero de bens e considerações, entregou-se a uma vida licenciosa; mas conhecendo as suas aptidões, deliberou partir para Paris, formar-se em medicina e continuar a dissipação e o desregramento de Portugal A caminho por Espanha deparou-se-lhe Satanaz que lhe exaltou o poder maximo de uma outra sciencia, só para iniciados, a magia, perante a qual a medicina era impotente. Feito o pacto, Gil vae ás aulas infernaes dos arredores de Toledo, e ahi aprende o poder occulto, pelo qual se arma vigorosamente para successivos triumphos, e segue para Paris. Ahi frequenta medicina, glorioso pelo seu saber e poder, feliz pela desatinada vida que levava. Então accorda o remorso, e a consciencia jámais socega. Perseguem-no visões. Dalgumas vezes é um cavalleiro de lança em riste, que o exhorta

a mudar de vida; chegam-lhe os terrores. E algum tempo depois, queimando os livros do saber maldito, sae de Paris, atravessa Espanha e professa em Valencia na ordem dos dominicanos. Começou logo uma vida de contemplação religiosa, ajudando humildemente os outros frades no carreto da pedra e nos trabalhos mais arduos das obras de reparação do convento. A' noite passava longas horas na leitura dos livros sagrados, tornando-se tão erudito e profundo nos estudos sacros como o fôra na sciencia da medicina. Martirisava as carnes vigorosas, e outr'ora vibrantes de crispações voluptuosas, com uma cinta de ferro, fechada com um cadeado, cuja chave lançou fóra, sumindo-a, perdendo-a para sempre. Tendo professado, regressou a Portugal, indo internar-se no convento dos dominicanos de Santarem. Mas o pacto com o diabo subsistia, pertencia-lhe a sua alma agora tão torturada de remorsos e tão anciosa de pureza, acurando-se em zelar por conseguir a perfeição immaculada, meditando sómente no Bem eterno da Graça e na Verdade eterna de Deus. Arrastava a sua pungente melancolia pelos corredores e pela cêrca do convento, como um condemnado eterno tornando-se o objecto de admiração da tranquilla confraria, quando recorreu com toda a uncção, com a mais ardente fé á Virgem, como querendo enviar-lhe uma alma que já não era sua, a estorcer-se-lhe aos pés, a lacerar-se de dôr, attenuando-lhe a sua tortura no goso havido da mesma tortura...

Perante a sua vista empanada de lagrimas desfilavam phantasmas e monstros a rir, a gargalhar. Viu então descer, cair do alto da capella um pergaminho, emquanto as suas visões se desvaneciam; era o traslado do pacto infernal. Era livre finalmente, a sua alma pertencia-lhe de novo, podia com alcance devotar-se á sua purificação infinita, porque, logo que se dissolvesse a incestuosa alliança com o corpo, ella iria, solta e limpida, para a mansão das bemaventuranças eternas. Recomeçou, cobrou enthusiasmo e renovou-se o seu amor pelo estudo, voltando ainda a Paris, onde se doutorou em theologia e alcançando elevadas situações na clerezia. O seu nome popularisou-se e a fama de santidade foi alastrando, porque guardára ainda podêr soberano, obrando milagres; fôra-se a magia, mas recebêra em si scentelha de poder divino. Fez curas miraculosas. Voltando a Portugal, numerosos foram os milagres, extasis e maravilhas que o exaltaram como o mais virtuoso dos dominicanos, o verdadeiro eleito de Deus. Todavia os seus biographos — ainda sem se fundamentarem em bases seguras — attribuem-lhe o desempenho duma bem ingrata missão; teria sido elle quem teria intimado a D. Sancho II, seu antigo protector, a deposição determinada por Innocencio II. Falleceu em 1265.

Eu creio que esta biographia interessante, assim sob esta fórma, como integra narrativa transmittida pelos agiologicos, expressa com relevo notavel a psychologia typica da edade média. O conflicto, ainda disfarçado numa alliança extravagante, entre a religião e a sciencia, a anciedade de possuir a verdade, que, após decepções, se lança no delirio do sobrenatural, a vaidade, a volubilidade, tudo é medieval.

Mas que tinha de particular o espirito da edade média? Póde dizer-se que os seus traços differenciaes eram a espontaneidade e a ingenuidade. A espontaneidade era essa força impulsiva e irreflectida, que, sendo uma grande energia moral, fazia essa continua volubilidade instavel, essa variedade do viver social. A' classe nobre o feudalismo, que se traduzia no abuso do maximo poder e da minima responsabilidade, mais avivou esse forte sentimento da livre personalidade, esse anceio de encher a vida plenamente, esse delirio de acção, de individualidade. A ingenuidade é a ausencia de espirito critico, a prompta credulidade nas apparencias externas, a infantil acceitação dos dados immediatos dos sentidos, reduzindo o conhecimento á variedade das sensações, ainda que contradictorias. Na mente de um homem da edade média era muito attenuada a necessidade superior, de harmonia, de coherencia, de nexo, de causalidade. O milagre, manifestação isolada, sem antecedentes, era acceito sem reluctancia. O homem vivia numa continua espectativa de surpreza, de percalço, que a interferencia divina pudesse fazer ao seu saber adquirido.

O juizo de Deus, nos duellos, o que é

senão o aguardar confiado pela intervenção divina, que virá dirimir o pleito?

A sua concepção da vida é que ella é um duello continuo entre Deus e Satanaz, ambos com vista a alliciarem-no, o primeiro pelo milagre demonstrativo do seu poder, o segundo pela tentação seductora de poderes magicos e prazeres ineffaveis. O merito da conducta christã estava no facto de traduzir uma opção, visto ser livre a escolha, e ser essa a pedra de toque para a avaliação das almas.

Esta convicção de liberdade podia conduzir ao maximo crime e á maxima virtude, ao banditismo e ao mysticismo, e os dois extremos nunca época nenhuma os possuiu mais nitidos que a edade-media.

A sua imaginação é essencialmente concreta, pictorica, e leva-os ao materialismo grosseiro de conceberem a alma como um sêr corporeo, e de a representarem, ardendo nas chammas do Purgatorio.

Os homens da idade-media eram portanto incapazes da analyse philosophica, e a sua concepção geral da vida é uma synthese artistica, em que a apparencia phenomenista é o elemento em que pára o conhecimento, que, assim, não se chega a systematisar nas suas fórmas superiores, faltos como elles eram de capacidade de abstrahir. A sua sciencia mesma tem elementos maravilhosos; a alchimia procura a pedra philosophal, cujo contacto validará os corpos, a astrologia predirá os destinos dos homens. Para elles a verdade era o que a religião affirmava e o que elles viam, dominios nem sempre conciliaveis, mas que a sua intelligencia illogica harmonisava por completo. A sua historia fixava naturalmente os factos para os quaes iam as suas preferencias, e essas eram as que mais patentes mostravam a presença do milagre, da intervenção divina, do temor religioso. Era a agiographia, contando a vida dos santos, uma ininterrupta sequencia de milagres. E quando faziam o que, por extensão, póde chamar-se historia universal, faziam preceder o assumpto dum quadro geral, que marcava as origens divinas da especie humana e os progressos da religião. Este alargamento de quadro foi até a principal novidade da historiographia medieva. A introducção das notas fóra do texto, foi tambem para considerar, no dominio da composição da obra.

S. FREI GIL

A sua arte mistura-se intimamente á vida, póde dizer-se que ella é a realisação voluntaria do seu pantiestheticismo, a affirmar-lhe um geral derramamento de belleza por toda a vida social. A religião mesma toma, pelo apparato liturgico, pelo cerimonial confuso numa lingua ignorada, uma feição de arte e de mysterio que appoiava essa concepção. Aos templos trabalhados, á luz penumbrosa dos vitraes coloridos, ao som da musica, toda de hymnarios compungidos, de crença de esperança, de certeza num futuro bem-estar, a multidão buscava um recanto de infinito, de incomprehendido. E onde ha mysterio, ha arte, ha poesia. Foi dos templos que saíu o theatro. As cerimonias sacras eram mesmo representações da historia sacra, successivamente interpoladas, abraçando confusamente os generos que posteriormente se differenciariam para uma vida independente, a tragedia e a comedia.

A poesia medieval é impessoal e uniforme, e duma maneira tão evidente, que a lingua em que estão escriptas, é o principal traço distinctivo das varias litteraturas nacionaes. Quando Brunetiére applicou á litteratura a doutrina evolutiva, e buscou uma continuidade de transformações de generos, foi na edade média, que collocou a phase homogenea.

Portanto, não havia critica litteraria, visto que critica presuppõe uma certa artificialisação da litteratura da parte de um grupo que escolhe o caminho julgado melhor ou se deixa orientar por um mentor que lhe fixa a esthese a elaborar. E isto implica uma consciencia, uma posse de si mesmo, que só a Renascença trouxe. O que houve na idade média foi a poetica; na phase da decadencia chegou-se a codificar a metrica, mas isso apenas traduz longevidade. Mas a grande dispersão, a grande variedade confusa que apontamos como um dos caracteres fundamentaes da edade média, tornando impossivel a existencia de um ideal social, superior e consciente, determina tambem que em arte não haja gosto fixo, de harmonia com a ethica acceite. Pelo contrario, o gosto é vario para as classes; nas suas origens, o theatro era ecclesiastico, o romance aristocratico e a poesia popular. O fim da arte é a emoção livre, sem prejuizos de gosto nem de moralidade. Esta liberdade e a lucta das classes fazem que a satyra tome um azedume particularmente duro e se torne o instrumento de vingança popular, disfarçada pela cobardia. Os bôbos são o exagero supremo deste sentimento. São os intermediarios, para a vingança, ardilosamente encoberta em terceiros, cuja impunidade é por todos reconhecida. Tornam-se uma instituição e um poder.

Essa poesia não tem forma, nem composição, procura emocionar pelo proprio thema, sempre uma idéa rudimentar.

A'parte as preferencias das classes pelo genero mais adequado — do que já se falou — essa litteratura era geralmente comprehendida e sentida, escripta como era em linguagem vulgar, homogeneo como era o estylo de então, uniformes como eram os espiritos dos auctores.

Ainda então se não tinham accentuado grandes differenças psychologicas nas classes, se exceptuarmos o clero. Havia, pois, um contacto intimo entre os auctores e o povo.

Por influencia do christianismo, que dignificára a virgindade, e do feudalismo, que estreitára os laços de familia, a mulher attinge um poderio moral e uma respeitabilidade até então desconhecidas. E a poesia idealisa a formosura e o amor. Lyrismo e epopêa são as duas formas, que coexistem: a primeira é a expressão do sensualismo dessa pujante vida physica; a segunda da objectividade ingenua e do estado de guerra permanente.

Ora o estudo minucioso da narração agiologica da vida de S. Frei Gil mostra-nos como elle reflectiu esse modo de ser moral, nalguns dos seus primaciaes aspectos, sobretudo no dualismo do mysticismo e da curiosidade especulativa, dualismo que era a primeira Renascença, a da fundação das Universidades.

A concepção medieva da alma, ou mais propriamente a solução platonica do problema psychologico, a cada passo se manifesta na narrativa dos seus arroubos mysticos.

Uma manhã, indo visitar os doentes duma enfermaria, abeirou-se dum, a quem consolou, invocando o nome de Jesus. Logo o enfermo socegou e S. Frei Gil, meditando em «como é formoso e que riqueza encerra esse nome», e repetindo-o muitas vezes ficou hirto e imovel, como se a alma se lhe tivesse evolado — como se evolou, voando livremente, no sentir dos biographos. Os frades incredulos procuravam chamá-lo a si, maltrataram-no mesmo, mas sem apoio, secco e hirto permanecia sem o sopro divino da alma, num enlevado arrebatamento.

O mesmo succedeu em Leiria, onde pedira guarida a uma senhora nobre; sentou-se á beira do catre e ficou sem alento, indifferente á geral consternação, até alta noite.

Ha manifestações maiores de crença no dualismo espiritualista?

Santo Anselmo, discutindo os universaes, um seculo antes da epoca de S. Frei Gil, propunha a solução realista, que era um appendice do platonismo, segundo a qual as proprias idéas geraes designavam, eram ellas mesmas objectos reaes.

O que ha de capital na historia de S. Frei Gil? Não é por certo a existencia e a frequencia dos seus arroubos mysticos, que é um caso bem repetido nas agiographias, resultante duma crença exaltada, a que a psychologia neo-platonica da edade média dava uma interpretação philosophica, uma confirmação por meio do seu dualismo. O que ha de typico é o seu pacto com o diabo, para alcançar um poder sobrenatural; é esse o elemento lendario, estranho á agiographia, e que lhe dá um interesse especial. E o thema é o do magico — chamado ás vezes do Fausto, por influencia allemã — thema universal e já muitas vezes tratado na litteratura culta.

Tambem nos apparece esse thema combinado com um outro tambem universal, o de D. João, ou do aventureiro de amores. Suppõe-se mesmo que os dois themas tivessem uma origem commum, mas nada o prova com segurança. Tambem na vida do santo português apparecem os dois themas em convergencia, a libertinagem da vida de Paris e a magia. Contribuiu para a theoria allemã da origem commum a convergencia repetida das duas lendas nos auctores que as elaboraram em obra d'arte, taes como Grabbe, Lenau, Heynze, que produziram o episodio de Margarida. Mas essas ligações intimas, que tão repetidas vezes apparecem, são effeito da forma porque os auctores trataram os themas. Tirso de Molina iniciou essa alliança; em Calderon a convergencia é maior. S. Cypriano em Calderon, Fausto em Goethe, são o mesmo thema. O ponto de contacto está no meio de que se serve o heroe: no thema do aventureiro amoroso, o poder magico tem por fim possuir uma mulher desejada; noutras tem por fim conseguir todos os gozos da carne e do espirito. Pretendeu-se tambem que essa lenda do magico, que, pactuado com o diabo, obra prodigios, tivesse uma origem agiographica, mas isso não é defensavel, pois as investigações conduzem os folcloristas até muito antes do christianismo. O christianismo apenas simplificou o numero dos entes sobrenaturaes, tutores e protectores dos homens, dos quaes vinha o poder para o pactuante, reduziu-os a um só Satanaz. Depois o povo, presenceando ou conhecendo a vida de alguns homens superiores, que se apartavam do commum, incluiu-os na serie dos magicos pactuados com o diabo. Na edade-media Virgilio foi considerado um magico capaz de remoçar velhos; de Dante dizia-se que elle fôra em pessoa aos infernos; os alchimistas eram os primeiros apontados. Sempre houve excentricos, para alimentar a imaginação popular e para personalisarem os themas lendarios. Fausto, o verdadeiro Fausto allemão, cuja vida real se conseguiu reconstituir á força de investigações pacientes, foi um excentrico; por isso a lenda encabeçou nelle. Não será o nosso S. Frei Gil um caso semelhante? Tudo nos leva a crer; a epoca, a curiosidade inventiva que teriam despertado as suas viagens, a sua vida meditativa e triste, como aguilhoado de remorsos, a sua sciencia, algumas curas que surprehendessem, talvez o seu typo physico e particularidades moraes, que desconhecemos, todos esses factos fizeram delle o individuo mais adequado para personificar os themas lendarios, que a imaginação muito concreta e sensorial do povo não póde conceber sem objecto a que se appliquem, com localisação, sem chronologia. E' justamente o que distingue o conto e a lenda: o conto não é localisado, nem individualisado, ao passo que a lenda é uma e outra coisa e tem, ainda, certo caracter historico. Raramente o conto dá motivo para litteratura superior á infantil; quasi sempre a lenda póde comportar um alto sentido humano, que os escriptores de genio sabem aproveitar.

E' um estudo ainda por encetar em Portugal, a lenda na litteratura, isto é, o da idealisação de themas anonymos, populares. E comprehende-se que assim succeda, visto como estão atrazados os estudos folcloricos, e mais atrazados ainda os da historia litteraria; e esse trabalho requer competencia em ambas as especialidades. Por elle, a litteratura popular saberia quantos motivos tem offerecido á litteratura culta, traçaria a evolução ascendente desses themas, reconheceria mesmo que alterações frequentes desses motivos eram reacções da litteratura, em virtude de se popularisarem alguns motivos depois de tratados. E a critica litteraria mediria melhor a individualidade dos auctores, limitando successivamente a sua originalidade num circulo cada vez mais coercitivo. Afinal este trabalho é um capitulo

dess'outro importante ramo da critica litteraria: a critica de fontes.

Na nossa litteratura ha frequentes casos. O thema da descida ao inferno — por influencia dantesca — surge-nos logo nalgumas composições do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. O da prophecia anunciadora personificam-no o Alfageme de Santarem e Nun'Alvares, apparecendo sob forma narrativa na *Chronica do Condestabre* e sob forma dramatica na peça de Garrett, que nenhuns recursos soube tirar. O messianismo foi personificado em D. Sebastião, dando azo a isso as circunstancias especiaes do seu nascimento, a maneira anormal da sua vida, a sua exaltação religiosa, a sua morte mysteriosa e as tristes consequencias dellas. Mas neste apparece embrechado um outro thema, o do regresso inesperado dalguma personagem. Este ultimo regresso inesperado, devia ter sido muito popular na epoca das viagens, pois que muitos casos taes se davam na vida das familias. Sobre um delles, compoz Gil Vicente a sua farça da India, em 1519.

Oliveira Martins e os que o seguiram pretenderam ver no sebastianismo uma feição caracteristica e typica exclusiva da psychologia do povo português. Não me parece defensavel esse modo de ver. Rapidamente se percebe que esse sebastianismo é apenas a forma nacional, a forma que a nossa historia deu ao messianismo. Sempre que um povo atrazado e incapaz de, pelo seu esforço e iniciativa, avançar e progredir, teve consciencia do seu estado, appellou para uma personagem superior, teve esperança em alguem, ou em algum poder. Foi devido a um estado de espirito de fervente messianismo que na antiga Judéa appareceram os messias; á mesma causa fôram devidos os falsos reis, que se disseram D. Sebastião.

Tambem em França succedeu caso identico em outra epoca. Ora o que é commum, não distingue, portanto o messianismo não caracterisa o nosso caracter nacional.

A alliança dos dois themas, o regresso e a vinda do Messias, acima referida, é devida á repetição do primeiro na vida familiar do tempo das navegações. Garrett tratou-o superiormente no *Frei Luiz de Sousa*.

O thema de D. João encontrou só muito tarde atmosphera moral para poder tornar-se motivo litterario, só no romantismo e no realismo do seculo passado, tomando em Portugal uma forma quasi desconhecida nas outras litteraturas, exceptuando *Man and Superman*, de B. Shaw; depois da forma impulsiva, sincéra e autobiographica de Garrett, tornou-se cynico e escarnecido com o sr. Guerra Junqueiro.

Alvaro do Carvalhal — o esquecido escriptor, que recentemente relembrei — (1) ainda no seu conto *J. Moreno*, exprime, sob uma forma pessoal, posto que sem innovação notavel, a alliança atrás referida, — D. João e o Fausto. Mas não extráe nenhum effeito desse encontro.

O thema do magico, logo encabeçado no seculo XIII em S. Frei Gil, toma uma forma integra de narrativa nos agiologios, o que contribuiu para solidarisar definitivamente o santo e a lenda; Frei Luiz de Sousa é o primeiro que lhe concede carinhos de artista, mas sómente estylisticos. No seculo XVIII publicou-se um poema descriptivo anonymo, *Egidea*, que se attribue a Frei José do Espirito Santo Monte; só no seculo XIX se viu a riqueza de recursos litterarios que continha esse thema. Foi Garrett quem primeiro o utilisou na *D. Branca*, porém muito secundariamente, como personagem episodica, na qualidade de physico da filha de D. Affonso III e faltando á fidelidade para com a lenda, visto que esta é sempre, como já dissémos, localisada, individualisada, datada e até com certo caracter historico, portanto com dados precisos, que é necessario respeitar. Elle mesmo o confessa, evidenciando a riqueza da lenda:

«O que eu fiz na *D. Branca*, é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece alli senão episodicamente; e é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro. Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da natureza que descobriu até penetrar no mundo invisivel — a sêde de oiro, de prazer e de poder que o perseguia e o fez cahir nas

(1) V. *Serões*, de junho de 1911.

garras do espirito maligno — o fastio e a saciedade que o desencantaram depois, — o seu arrependimento emfim, e a regeneração de sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprezo da van sciencia humana — então essas variadas phases de uma existencia tam extraordinaria, tam poetica, devem mostrar-se como ainda não fôram vistas, porque ainda não olhou para ellas ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.» Garrett suggeriu sómente, nunca emprehendeu a obra.

Em 1891, Eça de Queiroz, cuja tendencia para o phantastico tão cedo se manifestou, trabalhava na *Vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil,* e o que foi a sua interpretação artistica ver-se-ha brevemente pelos fragmentos, a sairem do prélo. Em 1905, o sr. Theophilo Braga publicava o seu poema, *S. Frei Gil* — lenda faustiana da Primeira Renascença. Tem uma significação symbolica essa obra; Gil, buscando as formas superiores da vida, attinge gradativamente o Amor, a Sciencia e o Poder, mas de todas vae descrendo, regressando por fim ao Amor, mas o ideal, sem esperança, o amor sympathia universal, que conduz á cooperação, á solidariedade e confraternisação humana.

Finalmente o sr. Corrêa de Oliveira, em 1910, publica as suas *Tentações de S. Frei Gil.*

Mas sobre todas as interpretações paira ainda a de Goethe, porque juntou á profunda comprehensão philosophica uma inspiração lyrica, que raro se repetem num parallelo tão perfeito. Mephistopheles é o negativismo permanente, Fausto a permanente busca do ideal; ambos se equilibram ou doseiam, e, nas varias formas da sua coexistencia, são a vida.

Wie alles sich zum Ganzen webt,
Eins in dem andern wirkt und lebt!

Novembro de 1911.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

O jornal do mar

(Conclusão)

VIII

A's grandes rochas dentadas, negras do musgo e dos moluscos, que estacaram um dia á beira-mar, fitando o longe, trépa, atira-se todo, violento e contente, o povo despreoccupado do campo.

Lá em cima — cabelo e lenço descobertos e ruflando ao vento — as rudes figuras, dispostas contra a luz, tomam relevos duros de estatua, paciente e sentimentalmente olhando o longe... olhando com moleza contemplativa!... quiétas e meditativas em frente do enorme esquecimento daguas que desde as rochas se desdobra até ao infinito cinzento da barra, difuso pelos vapores caniculares da tarde quieta e ardente!...

Porque no mar, como no campo, nós, os do norte, somos contemplativos — e por esse mesmo motivo, religiosos!...

Foi um deus enamorado da musica das arvores e do mar, dos movimentos indolentes das folhas e das ondas, da passagem tranquila do Sol e da Lua, quem — na continua viagem do sangue herdado, que tudo adquire e tudo propaga — nos deu a todos este vago perfil de extasis que enternecidamente se volta para o infinito das serras e das ondas, tornando a muitos imigrantes por gosto de soffrimento, ou embarcadiços pela sêde nata e insoffrida de desconhecido. . E mais ainda.. Nessa estranha absorvencia de ternura, da qual resulta, a cada momento, o desdobrar-se mais e mais todo o fundo ideologico, indolente e comovente da alma primitiva do povo maritimo e serrano, produziu-se a consequencia megalomana que refrata a poesia das côres e das musicas, das imagens e dos ornatos, da grandeza e da crença, tudo por aspiração e sonho, alimentado na mesma circumstancia infantíl do sentimento religioso.

Nas rochas, assim, o povo descobre, extaticamente, as ultimas linhas de agua; e escuta, e sonha!...

Vem desse encanto mais contaminante que um ácido, o desejo e a quasi paixão que o popular do campo dedica ao oceano, por cujo agrado an-

ceia, em cada estio, voltar a vêl-o, para novos sonhos: — *O' mar das lagrimas, dos ventos!...*

Todavia, se a cada um deles fosse reproduzida esta verdade, certo que um grande riso incredulo se havia de produzir. E, no entanto, é absolutamente verdadeiro. O povo volta ao mar porque é com o mar que melhor se «abre» e se encontra, e porque lá deixa longas inquietações nervosas, arrastando comsigo mundos mais tranquilos de sonho e de enternecida contemplação, nas lembranças que lhe restarem.

Porque a tristeza da raça, sabei vós, é uma enorme necessidade de sonho!...

A sonhar, a levantar e a arfar o seio forte, para o infinito correntio das aguas verdes que parece que vão subindo e desapparecendo, se immobilisa e esquece e espiritualmente se desdobra, a mulher amorosa do lar serrano!...

Lembranças de alguem morto no mar?...

Esperança?...

Não — apenas a nebulosa intima do seu modo de ser meigo e religioso, esquecidamente embrionarios.

Uma saudade esquecida!...

* * *

Lá no alto das rochas o povo esquecesse a tarde toda!...

(De Columbano.)

A' sua volta — luzindo, cantando e gritando — areias, ondas e creanças vivem sob a hora de fogo em que o sol levanta o vôo mais alto das suas

largas azas doiradas! O marulho das ondas, a desdobrar continuamente, enerva, tão violento elle é, e constante e musicalmente egual.. Todavia o povo sonha — quieto sobre o promontorio das rochas; fixo e enternecido, nos olhos, para o longe sempre silencioso e cinzento... O sol continúa declamando e voando, gloriosamente! Dir-se-ha cantar, então, a viagem gloriosa dos Argonautas no mar azul e correntio da Atica. Lá adeante, onde as barracas derrubam os seus grandes toldos (como, contra o sol, altos e largos chapeus de lona), os vestidos de fostão propagam uma grande nota crua e incommoda, semelhante ao caleado mordente de um muro do campo,

sobre o qual se suspendessem, como as sombrinhas vermelhas da praia, largas arvores incendiadas pela combustão violenta do sol.

E o povo, todavia, sonha!... A's vezes levanta-se, e atravessa com modos de creança, sobre os altos dentes negros das rochas. Então o seu cabello, como os seus lenços vermelhos, levanta-se e espaneja ao vento!... Alguns, ainda quietos, sonham... O mar, no longe batido do sol, fixa numa patina de prata, que prende, que attrae e que extasia!...

* * *

E a tarde continua desdobrando e apagando-se...

No longe, para Aver-o-Mar, um formigueiro de creanças vestidas de azul e cobertas de duros chapeus de palha do campo, correm todas das areias para as ondas, como um bando de passaros batidos a polvora que agora vae levantar vôo, em curvas longas, a cortar sobre o oceano. E' uma créche a banhos. Sobre o areal, lá mais além, poveiras de lenço contra a luz concertam rêdes, aninhando-se em frente da imensa teia de aranha que alastraram, negra do tinto e do mar. Por fim, o ultimo recorte desse golpe de vista enorme, depois de todo o rastro monotono das

areias, são as mêdas do sargaço, anafadas e redondas como as *basilicas* de uma procissão, suspensas a meio da praia e, erguendo-se do fundo, entre uma longa linha de casario claro, a torre sêca e aguda de uma egreja, apartando despoticamente, ao centro de todo o horisonte, as casas pobres para o arredor averdiscado, e as lanchas da praia para as aguas bravas do oceano.

*
* *

Lá em frente, ao longe, onde os nossos olhos se perdem, a linha do mar continua fôsca, cinzenta e esquecida...

Extasis, religioso!...

Sobre a traiçoeira posição das rochas, com as raizes submersas a meio do mar, no logar da «barra», batem e arqueam e precipitam-se ondas e espumas sem fim, caminhando de lá com o impeto, a decisão e a raiva dum tropel audacioso de cavallos selvagens, até ao plano ardente das areias da praia.

No longe, porém, tudo é timido e socegado e harmonioso, como se as aguas lá vivessem sob a sugestão de uma musica eolia, chegada e dispersa no vento!... Do corpo corajoso do mar, atirado de seio duro e nu contra o dique bronzeado das rochas, produzem-se continuos reflexos de prata, aureolando os grandes cabellos crespos e espessos e dramaticos, em que se inflamam as espumas!...

...E o povo sóbe e pára e desce, no abismo das rochas dentadas e perigosas, levando ao vento as roupas vermelhas — bello efeito cromografico na tarde de oiro!...

(De Souza Pinto.)

IX

Dois velhos grados, com fisionomia de meninos, sentavam-se hoje, ao fim da tarde, na bancada enorme do *Paredão,* e àcêrca de pescas e de vida caseira filosofavam os dois, tranquillamente — um arrancando fumo ao cachimbo, a pisar com o dedo o fogo que o vento lhe desejava levar; o outro, todo vestido de saragoça azul e de carapuça preta a tufar-se-lhe no alto em barrete de dormir, erguendo sobre os olhos as duas mãos, em pala, para vêr as lanchas da pescada, que começavam a entrar.

Perto dos dois me sentei, que o

vento era brando: e vim a saber que o poveiro do cachimbo, moreno e com a boina preta queimada do sol, se chamava «*ti Tonio*»; e o outro, o mais velhinho e miudo dos olhos, de contas azues de rezar no peito, se chamava, curiosamente, «*pae Zé*».

Ali estive interessado, escutando aquela algaravia dos dois pescadores *reformados,* que é uma pronuncia imbaraçada, produzida pelo nariz e pela garganta rouca, em dois sons simultaneos, em silvos de flauta e fundos e asperos tons menores. Tentar reproduzir isso que ouvi seria trabalhar em vão. Aquilo é deles, lá para eles e, já agora, com eles. Se assim não fosse, de que nos poderia servir? Perdia-se a *côr,* digamos, que as proprias figuras pitorescas lhe associam; e dava apenas, o que com eles, se póde dizer, é bello, uma gramofonia singular, mas sem duvida alguma muito incompleta.

Ver e ouvir não são vicios, nem peccados. E assim, a pouco e pouco vieram as lanchas subindo o mar, e foi entardecendo, mais e mais, a cada momento.

Ao longe, para os lados de terra, num momento já destacante, a *moda* resfolegava as pennas de ave branca, caminhando na direcção da *Avenida,* atravez o jardim do *Passeio Alegre.* Abriram-se no espaço, todo azul, de *fresco* grego, as grandes nuvens doiradas e quentes e esparsas, que semelhavam aguias reaes num vôo heroico. As flores, no jardim que terminava cêrca de nós, ameigavam-se, nesse esboçado claro-escuro do anoitecer. E as velas, dentro do oceano, vinham subindo mais; erguiam-se esbeltas como as lanças guerreiras, num cumprimento decorativo e altivo, e, aos poucos, avançando no mar todo oiro dos reflexos impressivos do entardecer, como seguiam anciosas para a praia da algaria e dos altos rugidos de vaga, onde as esperavam as mãos pobres da sua gente e as areias humidas do seu repoiso.

Ancioso sobre as pedras, o mais velho dos pescadores olhava o longe, á procura entre as lanchas que entravam.

Cá de mais distante, ainda olhando para onde os deixára, aquele velho erguido sobre as pedras, interrogador, trazia á volta da sua andaina azul-escuro como que um nimbo de oiro, belo e novo. Sugeria-me, no arqueado academico do braço que lhe levava a mão pesada até aos olhos, uma figura modelada e tratada, prova a fogo num bronze duro e admiravel e eterno. A sua carapuça tufado dava-lhe um caracter extremo de rusticidade e valor. E as proprias lages de em volta, todas já negras da contra-luz destacante e como procurada num arranjo de quadro, pareciam erguel-o — simbolo rude e antigo e forte — num pedrestal colosso e imenso, de barras, ante a audacia do mar.

*
* *

E o oceano, entretanto, a cada instante transmudava de côr.

A's velas altas, que iam descer-se na arriba, projectava-se-lhes uma sombra azul-fundo e nobre, na deanteira do capêlo. A' casca das lanchas penduravam-se as redes soltas e vergadas. Como sombras altas e inquietas, a marugia luctava ao sopé das vergas. Do outro lado, lá para a fornalha

enorme do sul, onde o poente tomava uma côr vibrante de bronze em rubro, imensas lanchas, pressurosas, vinham correndo na sombra aveludada da sua esteira. Uma estrelinha inquieta luzia no azul ingenuo do alto. E já, entre as vagas impetuosas da ribeira, as cargas prateadas rolavam dos cestos da companha para a areia puida e humida, como se fossem as barras que, dum mergulho violento e fundo, as cada momente se abre e cerra, e de novo se desdobra e se agita. E então alguns vultos curvavam-se, para mercarem; outros, como em romagem, seguiam vendo; outros, ainda, vindo a descer, cortavam por entre as lanchas que lá em cima repoisavam. O ruido de uma feira de camponezes revivia nas vozes e nos gestos comediograficos dessa praça alegre e algariada de vestuarios.

(De João Vaz.)

mãos de saque houvessem arrancado ao thesouro occulto e maravilhoso do mar.

Meia cidade, como uma vaga tambem, subia e descia na ladeira da praia, até á qual as ondas fluxuosas tentavam voar e esbracejar.

A essas figuras agitadas e vivas o sol, de longe, iluminava-as de fogo, quasi vermelhas. Erguia-se na sua frente a cauda violenta das vagas, como um leque de plumas brancas que a

Abrindo alas no mercado, as lanchas que haviam chegado, rodando sobre os toros de pinheiro iam trepando, arrancadas, como sob aço, pelo costado recurvo e forte dos pescadores. Esse grito violento e clamorante de *E' la riba!...*, mais agudo e esforçado quanto mais o colosso negro da lancha se alçava pela subida lenta da praia, soava de todos os lados, congestionado e rude, como uma afirmação

extrema de guerra. Era tão delirante, tão acceso e rubro como a febre, esse movimento de barcos, de pescadores e de feirantes, aquecido e lustrado da ultima restia do sol abrazando a distancia. E já então outras velas partiam, erguendo a grande aza triangular, como que a um vento novo e agil, voltadas para o sul!...

De todas as lanchas que iam partindo, as legendas expressavam sempre ou a devoção a uma imagem, intencionalmente fixada, ou um grito enorme, quasi afflictivo, de alma dramatica.

Arqueando nas vagas, e lesta como umas azas de gaivota, seguia na frente, toda amarella, a *Devoção a Jesus;* logo atraz, erguendo e desembaraçando as vélas, principiava a bater os remos nagua verde a lancha *Martyr S. Sebastião*, tinta de lacre; mais atraz ainda, mas como disputando o golpe alto das ondas, seguiam outras: a *S. José de Ribamar,* a *Senhor S. Bento,* a *S. Torquato orae por nós, Senhora da Apparecida* e *Deus vá comvosco!* Todas procuravam desapparecer, correndo atraz do sol, que havia partido. E crescendo com ancia nas vagas, arqueando e correndo quando as vagas arqueavam e corriam á aventura, pareciam partir sorrindo, de vélas tomando o vento, por amor e por destino!...

Desde esse momento e aos primeiros tons de um luar que em breve sería esplendoroso, argenteo, amplo, magnifico... a ribeira das lanchas começou a despovoar-se, envolta já naquele silencio e luz nocturnas que lhes dão a grandeza e o encanto de um grande quadro lendario...

As ondas, entretanto, como azas que se abrissem a momentos, ia ruflando e subindo!...

X

Primeiro ouviu-se uma successão de estampidos violentos, chocando-se no ar como granadas; depois todo o ar assustado se refez e limpou... Continuaram luzindo e sorrindo os astros, e o mar, impetuoso, continuou a fazer-se escutar, entre os arrancos consecutivos da maré.

— Ah!... exclamaram, abrindo em flôr, uns labios bonitos.

Era a primeira grinalda luminosa da noite do arraial, aflurando ociosamente na escuridão em flôres de lilaz e prata... Breve, porém, a negrura ambiente regressou e como que se recolheu comsigo propria...

Bradava o mar, sem descanso. Era um sabbado, vespera da *Senhora das Dôres.*

A' beira-mar, naquela noite, immensas pessoas, em grupos aqui e além, vieram gosar o espectaculo dos reflexos dos fogos no oceano. Por qualquer parte se encontrava um rapaz indolente, todo estendido na areia e com a cabeça encostada na aba da sua noiva. O ar era de rosas, aromatico e fresco; e as etrellas, no alto, semelhavam divertir-se e dialogarem..

De momento a momento, as aguas pareciam, ao longe, que se esclareciam, que se animavam e vicejavam, illuminadas sob o cacho de glicinea dos fogos! Depois voltava a soturnidade, a desillusão, a melancholia... Eram todas as aguas sepultas, donde nos vinha como que um rosaivo de choro suffocado e escondido...

Verde e trepando o espaço, como um largato, um fogo ousado e estreito pareceu colear por meia abobada, colado, inofensivamente, aos astros. Tre-

pou e abriu!... Era um farrapo de crepelisse côr de lacre, vivissimo e fresco, arrepiando-se em leque e logo arqueando num grande cacho mole e vivo! Na sua cauda extensa floriam todas as côres orgulhosas do pavão incomparavel de Juno! Floriam as flôres, por sua graça! E descendo, fumegando sobre o esplendor das aguas — a todos os momentos tintas como um grande

oceano de rosas — cada uma petala se fecha, cada uma côr se apaga e parece emudecer!...

Voltou a noite!...

Um formidavel bramido de onda produziu na praia um echo estranho e longo, como se fosse um protesto... Sentiu-se a renda sensual das espumas, abandonando a cauda indolente pelo areal... E, num momento — pela claridade que morrera, pelo fogo que gravou subitas e animadas sugestões — o espaço pareceu mais escuro e mais curto, e o oceano de maior perigo e mais proximo.

Morosa corria a noite, e os astros descobriam de novo!...

Era como quem gosa o espetaculo de um sonho, deitado sobre plumas. Com as mãos presas e ardentemente sefreadas por outras mãos — como o cordeame que se distende nos mastaréos — ao longo da areia a noite era voluptuosa, á maneira do rithmo das vagas e do aroma preguiçoso e atrahente das flôres!...

E então, original e curvilinea, uma nova serpe de fogo tentou a conquista de um astro, de surpreza!... Mas eis que abre, impotente, a meio do caminho, toda azul de turqueza, mineral e diademada de prata!... No mar, ao longe, uma onda avança, toda azulada e crespa de oiros como num conto fantastico. Envolvendo, perdeu-se no escuro infinito... Vinham junto á terra as ultimas lagrimas desfeitas. E de novo, absorvendo tudo, a noite repousou e petrificou como um immenso bloco de ardozia.

Na aragem branda da hora inesquecivel chegavam do longe, aos farrapos como de entre as labaredas de oiro de uma queimada distante, os ecos violentos e esparsos e incertos de uma musica d'aldeia. Lá em cima, no arraial que se não via, deveriam os festões de murta guiar os lumes de côres de mastro a mastro, numa decoração e attitude elegantes; pares, bailando, for-

mariam o floco vivo da festa; e ao redor dos palanques, fumando e bamboleando a cabeça, com somno, os marujos velhos poriam os olhos da sua saudade nos lumes alegres que esvoaçavam por toda a parte, acima dos homens, como borboletas vermelhas.

Mas abre-se de novo, ante o oceano, um chorão vistoso, côr de laranja e ornamental, que deixa rolarem sobre si mesmo todos os grandes flocos doirados! E logo se transfigura e amolece, colado ao corpo que o erguera como um longo e doirado vestido de baile!

Cinge-se de fumo e brilhos como uma enorme flôr aerea sobre que caíssem orvalhos e se projetassem os primeiros reflexos do sol! Ele é mil vezes imprevisto e como o sol da meia noite! O seu veu de fumo, de tão leve, ondula no espaço entre as pratas luminosas, como por sobre os hombros rosados de uma noiva! Canta a gloria por uma garganta de cristal! E ruidos fundos e enormes vêm de gerar-se, estranhamente, da graça estival da sua natureza quente, mas quasi diafana. Sob ele, por um momento, tudo resulta doirado e esmaltado e florido! De si, imprevistos relampagos de prata dardejam flexas na escuridão distante, sob as nuvens azues. Subito, porem, começou morrendo, desnastrou-se-lhe o grande colar de diamantes doces e tristes, rolando esperguiçadamente... Como que uma canção de silfos ficou interrompida, pelo espaço... E breve, como um panno de teatro, a escuridão caíu de novo, profunda, sobre todas as coisas...

Então, tristemente, um arrepio de vento penetrou os ombros claros que iam cobrir-se, para partirem, estremecendo-lhes todo o tecido delicado, como se fosse já por um inverno, ao desabrigo...

Pela voz bravia do mar — impetuosa e rouca dentro de uma escuridão e distancia mais tristes — conjugava-se o esforço dos braços torcidos sob o peso soberano de uma cadeia enorme e a raiva de uma alma anciosa de luta, com sedes de vingança a desmontarem-lhe todo o movimento da tragedia estranha da sua vida.

Rumores de ondas, perdidas, sussurravam por além, como um éco dos ventos entre colinas...

Tinham os astros perdido todo o riso, com uma indolencia de creanças que cedo adormecem...

Tudo parecia ter adormecido, em redor...

Mas então — ainda esbelta, como uma planta que de subito se desprende — uma nova haste de fogo trepou, riscou um alto vôo ancioso, como para ficar suspensa, ornamentalmente, da cupula

preciosa do grande espaço estrelado. Mas heis que de repente se alcança!... Como uma fantasia infantil, perde a coragem do vôo ingenuo, arqueia na impressão moribunda de uma vertigem, solta de novo um vôo curto, como para amparar-se, e vae, por fim, desilludida, abrir por sobre as aguas enormes do grande mar clamorante!. .

Mil rosas de sangue, muito vivas, iluminaram então, como a um fa-

Um éco de fogo, solto no vento, repercutiu, desdobrou, como de colina em colina. . .

E a noite, perfeita, vestiu-se de um escuro mais maguado. .

XI

Poucos nataes — contaram-me — que não ha viuvas e orfãos ouvindo as missas pelas capellas, e o areal cheio

cho rubra, o espaço das aguas em revolta. Cristas de onda, galopando ardentes, rugiam e precipitavam-se como ondas de sangue na deanteira de um exercito a toda a carga. O espaço daguas, ao longe, reflectia-se sangrento como ao effeito inédito de um *sol* retardado!... Sob as ondas — já envoltas na côr azul da noite — vinha-se abandonando a ultima prata do grande bouquet por quem todas as côres, por longo espaço, se sentiram animadas.

de gente vestida de negro e triste, chorando para a increpação das ondas, entre o nevoeiro...

Na escura tragedia desses quadros de viuvez e orfandade desremediadas ha, engrandecendo-os, um grande sonho de angustias e de religião, uma crença anciosa e terrivel. Os mortos venhem todos ao mar, ouvem, veem tudo e a todos escutam... Vibração estranha!... Os vivos, por isso, soluçam na praia ventosa, como se real-

mente esse dia fosse, entre o temporal, o dia de mortos e vivos se falarem...

Todavia, as viuvas, com as creanças chorando e arrepelando-lhes as saias negras, diz-se que falam aos mortos, entrecortando as suas exclamações com as résas e o chôro convulso de um desespero supremo. Não ha paciencia que destrince nem ouvidos que suportem o clamôr inverosimil desse tumulto de vozes enumerando nomes de pessoas e de embarcações, amôr de filhos e meiguices de familia. A par, o vento e os aguaceiros, por aridos invernos, vergastam as faces transfiguradas numa caricatura convulsa de dôr e levantam, enxurrando, os pannos escuros daquelas figuras sacudidas de tragedia. O areal, pelos nataes, fixa o aspecto horrivel dos grandes desesperos humanos.

*
* *

Do mesmo modo, ao dia de hoje — que está uma parda e exquisita paisajem de nevos, a qual o sol, ha pouco, não teve forças de conquistar, rompendo — chamou-lhe aqui uma rapariga do povo, pouco menos que chorando: um dia de falar com mortos...

Como um diamante riscando um vidro, esta fráse aspera e subita riscou na minha alma desagradavelmente...

Pela suggestão, estas coisas minimas adquirem para mim o ar frio, a expressão triste e suspeita de quem os está esperando...

Sinto que o tempo é duma cruel e lenta conttnuidade...

Todavia os mortos não voltarão... Sómente as nevoas enchem a sua longa e todo o espaço, mal deixando distinguir, dos vultos, uma sombra difusa que abstratamente passa e como, por misterio, se dilue na nevoa errante...

*
* *

Mas naquela noite — conta-se — as luzes ardem a sua grande flamula amarella e triste... Aos cantos da casa, negras massas de sombra parecem ter alma e olhos fundos que tudo veem... O vento zune, aspero, pelas ruélas do bairro...

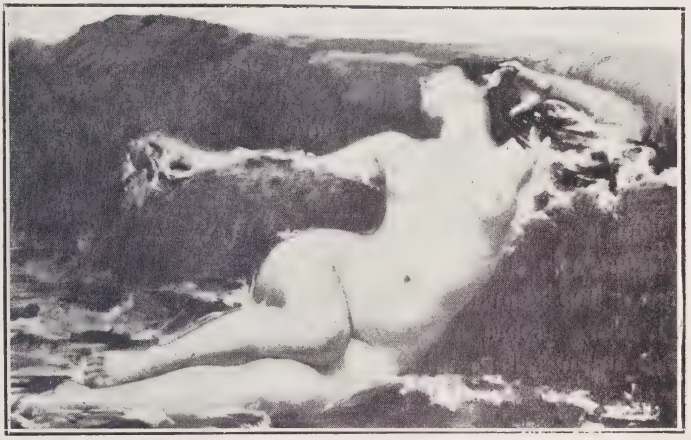
Ao redor da mesa — ingenuos num riso desprendido que provoca as lagrimas — os filhos disputam entre si os briquedos pobres de um apparelho de mar, e riem ás vezes, depois de um curto silencio curioso, do modo como o mar declama e assobia lá fóra, em desafio com as vagas ululantes da costa marinha. Estendidos por sobre a mesa nua, dão movimento ingenuo ás lanchas tôscas de cortiça que um incombativel instinto de marujos lhes inspirára obrar. Depois, lutam entre si esse egoismo infantil da posse, que é o mais nato dos sentimentos humanos. Entretanto, o mais novo, gordo e quasi adormecido, suga compassada e fatigadamente no seio pesado da mãe...

E triste, quasi agoirento, o vento clama mais... e sempre!...

No desasocego da noite enorme e funda o frio então infilttrasse agudamente pelas frestas da portada ou por sob os calços ruidos da telhavã do coberto.

Para essa mãe não faltam crépes, nem silencio, nem miseria, nem o mugido e rugido de um vento increpante que desmede a dôr e por vezes a torna como um sonho longiquo, esvoaçado e

distanciado, onde a abstracção e a quietitude reproduzem as imagens, as expressões, os idilios, os beijos e a alegria passadas, pela saudade!... O mar, ao longe, fala dos mortos... Rola-lhe do seio aos braços, adormecido, o filho gordo e pesado como as suas lagrimas e os seus pensamentos de miseria e dôr. E emquanto a neve cáe, amontoando na soleira curtada portada, outros pequenitos alheios, que não são seus filhos, mas que o são do Mar (como os de todos), param lá fora contando a melancolia ancestral dos *santos reis* que se guiaram por *uma bôa estrella*...



XII

Meia lua de oiro sobre o mar, encrostada a meio de um grande espaço azul e fôsca, como se ainda o sol, de longe, a distinguisse e reflectisse.

No oceano crescem as ondas para a maré cheia, revoltas e esbracejando sobre as penedias.

Fluctua, ondula, cresce e passa, uma aragem ingenua...

O gaz, averdissado, inflama-se...

Mareia, como elastica, uma multidão rumorosa...

O azul do ceu torna-se fundo o estrelado...

Ouve-se o mar...

Trindades!...

*
* *

No fundo porco de um tasco, á luz incerta e amarela e mole de uma candeia, cantam poveiros: — *Que é d'encantar!*...

Um ruivo forte e sardento recosta-se numa cadeira de pinho, de boina á nuca, e desgarra...

Frige-se pescado; figuras debruçadas sobre uma banca, bebem; e o ruivo, tonto do vinho, canta violentamente.

E' noite cá fora...

Entre o tumulto e a algazarra da viola do ruivo, um velho lobo do mar encosta-se e rumina... Aperta-se-lhe ao canto da bocca o cachimbo curto e pesado, e a sua mascara engelha-se com esforço. Nos olhos miudos, azues-escuros, descobre-se-lhe toda a indolencia do vicio, e quasi abstração e estranhesa...

O ruivo canta; e a sua voz desordenada enche o fundo porco do tasco, á luz incerta e fumarenta de uma candeia de petroleo...

*
* *

No escuro, a um canto da capela e sob a luz fria do acitilene, corre e raspa nos pregos uma *roda de fortuna*...

Pouca gente...

A lua espalha no mar, ao longe, uma poeira de prata, que, entre as aguas escuras de todo o oceano, é como que o caminho esmaltado para uma ilha de chimera...

Um petiz anemico agita a *roda da fortuna* com um dedo... Logo outra mão a impele mais... E a roda desata a correr, aspera e veloz; faz-se um todo de anciedade entre as figuras que se ajustam ao redôr...

— Branco!...

Um velho pescadôr, tremendo, de jaqueta ao ombro e olhos piscos, sorri de beiça cahida para os vidros azues e foscos que se encastelam na *roda*... A' luz fria e triste, espanejada ao vento, todas as figuras tomaram uma expressão indolente, meditativas...

Ouve-se, lá para o outro lado, para o fundo da rua — das barracas despetaculo de feira, inflamadas á luz macabra dos archotes vermelhos — um ruido intempestivo de musicas.

Todavia, no canto escuro e sobre os vidros azues, o acitilene amortece e a *roda* está quasi deserta...

— Branco!...

— Outra vez...

E o marujo parte, os pés raspando na areia, suspensa do hombro a jaqueta escura e os olhos amortecidos, pesados de somno...

— Pouca sorte... pouca sorte...

*
* *

Pela postada de um café, sobre uma onda de cabeças que se erguem e apertam para verem, passa, academica e fastidiosa, a voz solida de uma cantora...

Acima daquela vaga humana — negra vaga suspensa — brilham lá dentro os cristaes de um lustre e a vaidade indiferente dos espelhos.

Rivi Pagliccio
sul tuo amore infranto!

. . . . . .

E do outro lado da rua estreita, encostados e com os joelhos quebrando, alguns poveiros dormem ..

*
* *

Anda a lua sobre o mar, como uma vigia de fronteiras.

O seu olhar, lucido e firme, distingue, de polo a polo, as praias todas do mar.

Dez horas. E quasi todas as aguas se refletem de prata.

Como camponios, um grupo de novos e solidos pescadores vae, avenida fora, a cantar ao som de um harmonium, á desgarrada.

Na maré cheia o mar ressôa.

Ergue-se a moda gallega do harmonium, um tudo nada melancolico...

E o gaz amarelo continua iluminando a avenida quasi deserta...

*
* *

No bairro dos pescadores, para o sul, tudo repoisa e dorme...

Bate o luar vitrado sobre as telhas escuras e na face branca do andar rasteiro, e como que tudo adelgaça e torna leve...

A poesia da noite esperguiça as grandes azas de sonho por sobre todo o bairro...

*

* *

E eu ouvi contar ao luar de prata!...

Voz rouca, triste voz anciosa, ouvi-a gemer e bramir, nas guitarras e pelo mar...

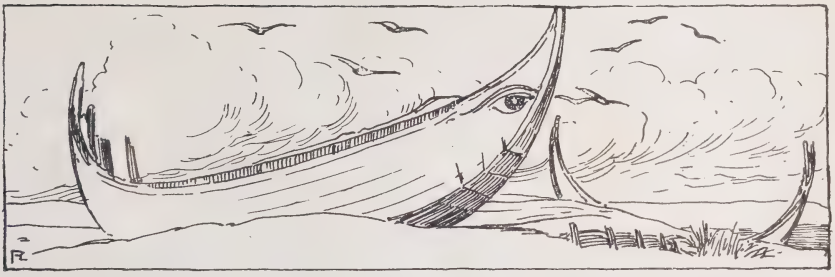
E como que de tudo um lamento se escutava e nos esmorecia, partindo...

*

* *

No relogio das *Dôres* bateram então, pesadas no bronze, as duas horas...

ALFREDO GUIMARÃES.



FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

As casas na America

A casa de negocio

São de tres generos inteiramente diversos as casas na America: as casas de negocio, as casas de vivenda e as casas de associação. O lar, o escriptorio, o club. E a cada um d'estes fins corresponde um systema distincto de construcção.

A casa de negocio é o edificio monstro, de portentosa altura, «que esfuraca as nuvens» — *sky-scrapers* — assombro do europeu. Ferro. pedra e cimento; maravilhas de geometria e calculo, prodigios de equilibrio, phantasias de arrojo, audacioso desafio a violencias titanicas.

Agrupam-se estas casas no coração das cidades, e formam bairros proprios, exclusivos, onde só se ouve o palpitar, e onde só se vê o arfar da vida estrenua do tráfico. E' o campo demarcado para o combate dos dollars. Durante a lucta, acêsa com o romper do dia, talvez Babel, talvez, alguma idéa dê do que é um d'estes bairros. Depois, á hora da trégua, que chega com o caír da tarde, um manto de tristesa, de tréva e de silencio, espalha-se e desdobra-se, envolvendo tudo, como um nevoeiro de necropole.

Na California, á entrada da bahia de S. Francisco, ha uma ilha, chamada Ilha das Phócas, que cada uma d'estas casas me recorda, e, cada um d'estes bairros, um archipelago de semelhantes ilhas. E' um penhasco informe, elevado e negro, orlado de uma espuma turva, que parece fluctuar nas aguas do Pacifico. Montões, multidões, legiões de phócas accommettem-no e assaltam-no, conquistam-no de atropello, invadem-no e povoam-no como um baluarte de piratas. Da base aos pincaros, e de lado a lado, por socalcos e escarpas, inteiramente o cobrem; e é aquelle incessante movimento do barbatanear em que as phocas vivem, desdobrado assim por numerosas camadas, que, aos olhos de quem de longe olha, dá a illusão de que o penhasco oscilla, se baloiça, boia...

São outros tantos penhascos semelhantes esses *buildings* que, vistos da Torre do *World,* se estamos em New-York, como que fluctuam sobre as aguas do Hudson; ou se da Torre do *Auditorium* os avistamos, estando-se em Chicago, se diria boiarem nas aguas do Michigan. Das ruas sóbe, e invade-os, á semelhança das phócas do Pacifico, a multidão especuladora do commercio e da industria; e é o bulicio confuso, o acotovelar e o galgar d'essa gente inquieta e ávida, por aquellas casas acima, em numerosas, compactas camadas sobrepostas, atravez das amplas vidraças por onde lá entra a luz do dia a jorros, e se entrevê, de fóra, a lufa-lufa dos armazens e escriptorios, que dá tambem a illusão de que o proprio edificio oscilla, se baloiça, boia...

Vi, em New-York, levantar uma d'essas casas. Vi-a levantar desde os fundamentos, d'um montão de sucatas e sarrafos, d'outros predios arrasados, onde um formigueiro de trapeiras, italianas e gregas, vinha, pelo

amanhecer, remexer e vasculhar. Vi montar, installar os guindástes a vapôr, que serviriam para remover o material de construcção das zorras que o transportassem para o logar exacto em que seria assente.

Vi depois chegar, dia a dia, e á medida que ia sendo preciso colloca-lo no seu devido logar, todo esse material: primeiramente, os formidaveis blócos de granito que desappareciam no abysmo das escavações onde iriam formar-se os alicerces, ao mesmo tempo que poderosas bombas aspiravam, a sôrvos de rhinoceronte, a agua que rompia em jactos e golfadas das camadas reconditas do sólo.

UMA CASA MONSTRO EM BALTIMORE

Seguidamente, os tremendos cunhaes de ferro, que poderiam crêr-se provenientes das proprias forjas de Vulcano, e que desciam, e cahiam a prumo no ponto exacto que o architecto lhes marcára, sem o desvio de um millimetro. Poucos dias depois eram as poderosas vigas de aço que vinham adaptar-se, ajustar-se, aparafusar-se, ferrar os dentes nos encaixes dos cunhaes e columnas, e formavam a base do primeiro pavimento. E não ha precisão maior no delicado aparafusamento das peças, mais que perfeitas, de um relogio suisso, fabricado no cantão de Berne, que a precisão com que um d'aquelles energicos parafusos convictamente se enroscava na pórca respectiva.

Ao mesmo tempo que dois cunhaes se achavam devidamente postados á necessaria distancia, assim como se acham postados, e distanciados, nos extremos de cada blóco de rua americana dois guardas da policia — verdadeiros pilares da segurança publica — eis que um pelotão de pedreiros mettia mãos á obra da primeira parede mestra a levantar; e quando, firmado o ultimo pilar, e ajustada a ultima viga do primeiro pavimento, eu via os serralheiros que trepavam e se dispunham a erguer, sobre aquelle pavimento um outro pavimento, já de baixo rompia, e vinha para o ar, a ultima parede mestra.

A' medida que a casa assim crescia de andares, todo um systema de canalisação semelhante a um complicado systema de arterias, galgava por paredes, deslisava por travejamentos, esgueirava-se por intersticios, achatava-se com sobrados, aconchegava-se com tabiques, entrelaçava-se em columnas, fugía por chaminés, numa infinidade de tubos de todas as grossuras: uns resguardando os fios conductores da luz

electrica, os fios de telefones, os fios de campainhas; outros canalisando o gaz para os casos de faltar a luz electrica, o vapor para o aquecimento dos quartos, a agua quente e a agua fria para os lavatorios, para os water-closets, para os

UM GRUPO DE «SKY-SCRAPERS» DE NOVA-YORK

filtros; outros para a correspondencia pneumatica.

De onde em onde, os sobrados escancaravam-se em fendas que eram outros tantos precipicios, como em successivas ribanceiras, de andar para andar; e por esses alçapões começavam a passar num movimento constante de vae-vem, os cabos dos ascensores; dos ascensores para passageiros, dos ascensores para bagagens, dos ascensores para mercadorias . .

Saio de New-York. E quando volto a New-York. tendo-me demorado três mezes, e torno a passar por aquella mesma rua, está a casa prompta, já não me é possivel atinar logo com ella, tão semelhante ella é com as que lhe ficam pegadas e as que lhe ficam defronte. Reconheço-a, porém. Já uma nervosa multidão de gente de negocios, uma viva ancia de offerta e de procura, uma offegante agitação de compras e de vendas, invade o edificio ou escorre d'elle, pelas suas muitas e amplas portas abertas de par em par, como um crescer e baixar de desordenadas ondas, um turbilhão de pressas e de interesses, outro Niagara de ambições e anceios. . .

Já esse mesmo ruido inquietante, em nenhuma outra parte ouvido, do barulhar que revólve cada bairro de negocios em cidade americana, como um fervôr de pulmão cavernoso que se ausculta — já esse mesmo ruido se abafa na atmosfera dos immensos corredores que seccionam, por centenas e centenas de escriptorios, cada pavimento da tremenda móle concluida. E' um ruido que nenhuma onomatopéa póde aproximar, tão singular, tão inexpressivel é elle. Ruido em que se mistura o constante gemer dos gonsos de milhares de portas, o intermittente telintar de milhares de campainhas, o abrir e fechar, a safanões, das grades dos ascensores, o ferir dos tacões chapeados de uma multidão que pousa fortemente o pé no chão do asfalto, o tenir dos dollars sobre as chapas metallicas dos guichets de transacção; o sussurro de mil succintos dialogos, travados a espaços, na marcha dos que vão e vêm, sóbem e descem, entram e sáem, chegam e abalam, como enxame de abelhas á roda do cortiço, zumbindo esse zumbido que resulta do vocabulo *business* indefinidamente repetido: *Business, business, business, business*...

O ascensor, como ave monstruosa de rapina, deita-me as garras, abocanha-me, arrebata-me e desfere o vôo.

Para onde?

Até onde?

Até quando?

Fecho os olhos, e a sensação é, a um tempo, a do deleite das grandes altitudes e a do perigo de espantosas quédas, Ha o quer que seja de aventura em balão e de ascensão alpina. suggestão de despenhadeiro e de violenta pressão atmospherica, desejo de subir mais, receio de subir tanto, affliçao e goso, terrôr do abysmo e anceio de immensidade!

Subito, páro. Mas onde páro? Não sei. Já talvez nas nuvens, já sobre o pincaro de inacessivel montanha, talvez... A quantos mil metros? A quantos dias? A que distancia no espaço, e a que distancia no tempo?

Abro então os olhos, e atrevo-me a olhar. Avanço um pé, e sinto firme o passo. Illusão risonha. Realidade singular! Estou sobre um telhado. E acima da minha cabeça erguem-se outras casas, outros andares, outros telhados. Estendo o pescoço, olho para baixo, e avisto no fundo, lá bem no fundo, lá muito no fundo, toda uma engraçadissima cidade minuscula como seriam, talvez, as de Liliput, e toda uma adequada população de miudinha gente a girar nas ruasinhas estreitas, a sahir e a apear-se de pequeninos carros, a procurar a sombra de arvores do tamanho de mangericos, nos squares das proporções de canteiros; e a remexer-se muito sobre as dócasinhas e os caes, á borda de um rio pouco mais largo que uma regueira de horta, com toda uma pittoresca azafama de cargas e descargas, de embarques e desembarques, todo o movimento de um porto apropriado á entrada e saida diaria de algumas centenas de vapores com corda de relogio, como aquelles que navegam nos lagos dos nossos parques...

Torres de egrejas, chaminés de fabricas, observatorios e minaretes, agulhas de pára-raios, tudo quanto procura attingir as maiores alturas, partindo do mesmo nivel de um solo de cidade — tudo isso ficava para baixo, lá bem para baixo, lá muito para baixo...

Uma ponte lançada sobre o rio, atravessada por umas poucas de linhas ferreas, e por baixo da qual passavam, á minha vista,

os navios de mais alta mastreação, parecia uma ponte de jardim...

E eu experimentei então, e assim, as duas estranhas, incomparaveis sensações da cidade americana, tendo a casa de negocios como bom ponto de vista: a sensação de quem olha de baixo para cima, e a sensação de quem olha de cima para baixo.

Olhando de baixo para cima, o europeu sente-se tacanho, esmorecido, esmagado. Onde tem elle monumento que valha algum d'estes predios? Que pagina bella de historia lhe conta, porventura, arrojo sequer parecido ao do architecto que o fez? Que epopéa de cem batalhas pode erguer a tão alto o esforço humano como a lucta que vae travada entre as quatro paredes d'uma d'estas casas? Que memoria de audazes antepassados vale, na historia de uma nação, o credito de um d'estes homens de negocio nas praças de todo o mundo?

O que é Colombo comparado com Edison?

O que é Napoleão ao lado de Rooesvelt?...

Mas quando a gente sóbe ao vigessimo segundo ou ao vigessimo quinto andar de uma d'estas casas, e de lá olha para baixo, e cá em baixo avista a lucta e a labuta de um povo que parece não ter outro ideal que não seja o dollar, nem outra tradição que não seja o dollar, nem outra gloria que não seja o dollar — a gente invóca a saudade de tudo quanto, nas nossas velhas terras da Europa nos fala á alma sempre propensa a acarinhar lendas e historias de heróes e de aventureiros, e ahi encontra, então, sobre o cocuruto de uma d'essas casas de vinte andares, uma consoladora, inexplicavel poesia...

ALFREDO MESQUITA.

Paixão duma nóra

Gemendo e desandando,
O' triste nóra,
Cheia de mágua,
Tirando agua
Para regar...
Mas de repente
Solta um gemido,
Dá-lhe a modos que uma pontada
Aqui dum lado que é doente
E fica assim parada
A scismar... a scismar...

E na horta
O regadôr aborrecido
Põe-se a ralhar...

E os milhos curvam-se a chorar...

E pensa... e pensa...
E depois anda um 'stantinho
Devagarinho...
Mas a pontada
Talvez uma paixão immensa
Não a deixa desandar.
E fica outra vez parada
A scismar... a scismar...

Mas nisto lembra-se dos milhos
E do regadôr
E de tudo isto que é a Vida...
Solta então cheia de amôr,
Cheia de mágua,
Uma queixa enternecida;
Deita as «pennas» á agua
E põe-se a desandar.

E na horta o regadôr
Já assobia
Ao vêr agua p'ra regar.

E os milhos
Erguem os olhitos
Avidamente
Pequenitos
Razos d'agua
Por sobre as aguas a nadar...

Mas de repente
Solta um gemido...
Dá-lhe a modos que uma pontada
Aqui dum lado que é doente
E fica outra vez parada
A scismar... a scismar...

E quem junto ao rio passa,
Sem mesmo q'rêr,
Pensa, pensa
Na dôr immensa
Que a trespassa
E a faz desfallecêr:

O' nóra que tendes penas
E «pennas» p'ra desandar
Deitae as «pennas» á agua
Que é preciso trabalhar.

E a nóra pensa... pensa...
Mas nisto lembra-se dos milhos
E do regadôr
E de tudo isto que é a Vida.
Solta então cheia de amôr,
Cheia de mágua,
Uma queixa enternecida:
Deita as «pennas» á agua
E põe-se a desandar...

Marques da Cruz.

Naufragio do «S. Rafael»

O cruzador *S. Rafael*, quando a 20 do mez findo se dirigia para Leixões, devido ao muito mar e ao vento, viu-se forçado a desviar-se do seu rumo, e á entrada de Villa do Conde, pelas 5 da manhã, encalhou, dando em resultado o barco ficar completamente perdido.

O *S. Rafael* fôra lançado á agua ha treze annos e construido na França, era todo em aço e deslocava 1:838 toneladas.

O seu comprimento era de 75 metros, com 10,80 de boca interna e immersão á prôa e á ré de 4,35.

Compunha-se a força da machina de 3:000 cavallos, contava duas helices e a velocidade maxima era de 15 milhas á hora.

A sua defesa estava em 6 peças de Schneider-Canet, 8 Hotchins, todas de tiro rapido, 2 Nordenfelt e um tubo lança-torpedos.

A noticia d'esta desgraça causou profunda consternação, um tanto alliviada ao saber-se que apenas occorrera uma morte, e d'ahi, com a nossa habitual falta de criterio, começaram de todos os lados a surgir alvitres afim de se comprar um barco que substituisse aquelle.

Individuos que ninguem conhece arrogam-se o direito d'apresentar proposições, entrando pela bolsa alheia, impondo subscripções, que se desconte aos funccionarios um dia de ordenado durante um anno, que se lance uma contribuição aos senhorios por cada uma das janellas que os seus predios teem, emfim, tantas cabeças quantas sentenças, e afinal para que?

O resultado traduzir-se-hia apenas n'uns magros contos de réis, porque a mór parte esquivam-se aos respectivos pagamentos, e decorrido algum tempo não ha nenhum navio comprado, mas apenas subscriptores sacrificados — sempre os mesmos — os que cumpriram integralmente aquillo porque se responsabilisaram.

A respeito de subscripções poder-lhes-hia contar factos extraordinarios, como se desviam quantias contra vontade dos que concorreram, mas temendo ferir a nota politica, de que sempre me afasto, remetto-me áquelle prudente silencio... que tão apreciado é.

Silva Pinto

No mundo litterario regista-se a morte d'este polemista, que atravessou a vida, indispondo-se com todos, e devido ao seu espirito atrabiliario, á sua constante preoccupação de ferir, converteu-se n'um azedo, quando não tinha razão de o ser.

Educado severamente pelo pae, não se conformou com essa maneira, e eil-o libertando-se d'essas peias, partindo para o Brasil, onde esteve pouco tempo — o seu agradecimento áquelle paiz não foi dos mais generosos — e regressando a Portugal entrou na vida jornalistica, destacando-se pela facilidade com que traçava um commentario rapido.

As suas aggressões, porém, chegaram a tal ponto que levantou uma onda d'odio no Porto, e voltando a Lisboa, passou por numerosos jornaes, n'alguns como um meteoro, de tal maneira se tornava incompativel.

Mas, sobre tudo, no primeiro dia em que a administração d'um periodico luctava com

qualquer difficuldade financeira, elle, que fôra o mais expedito em pedir a sua admissão, era tambem quem mais velozmente desapparecia.

Viu-se como procedeu com o *Nacional*, de Marianno Pina.

Herdando uma boa fortuna, dissipou-a, e o outro resto entregou-a para uma exploração que não deu bons resultados, e d'ahi os seus queixumes intoleraveis, como se os mais fossem os culpados da falta de tino de cada um.

Em attenção ao seu passado litterario, — d'onde se apura apenas que escreveu em portuguez são, porque a sua obra não terá n'um proximo futuro admiradores — deram-lhe o logar de director da casa de correcção, e foi a muitas instancias que uma parte da imprensa não se revoltou contra essa nomeação, — e agora pode-se escrever, visto que em nada o prejudico: onde não teve nenhum rasgo d'iniciativa larga, — devido a pedidos que se entendeu acolher.

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO. — D. HELENA ROQUE GAMEIRO

Emfim, Silva Pinto, pouco grato ás finezas que recebeu, chegando a querer mal a quem o attendia, porque considerava esses sempre inferiores ao seu merito, e humilhava-o a protecção que solicitara, morreu pobre, muito pobre mesmo, e — cruel irrisão da sorte! — quando quasi na agonia, os jornaes diarios da capital subscreveram com 140$000 réis para lhe attenuar os soffrimentos.

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
A IDA PARA A MISSA (COSTUMES ANTIGOS)

Não lhe serviu esse dinheiro para nada... mas ao menos a agencia funeraria foi completamente paga.

Porque uma das mais caracteristicas hypocrisias da nossa epocha é... abandonar os vivos e cuidar dos mortos...

Chrysanthemos

O Jardim Zoologico expoz uma collecção de chrysanthemos, que são hoje flôres universaes, e a sua diversidade e as suas surpresas como que se concertam com as da moda, não sei em que paraiso. No mesmo instante em que ás sedas, ás rendas, ás joias, aos penteados, se dá a respectiva ordem de surgirem, no tempo e no espaço, por uma boca mysteriosa, e tão docil como a das mais formosas mulheres, simultaneamente, em to-

dos os paizes, sob todas as latitudes, ellas obedecem á imposição sagrada.

São as nobres flôres dos mezes das brumas, as fadas graves do outono, parecendo que uma palavra magica lhes immobilisou as dansas e as attitudes. Mal se olham, aquelle que as estudou, vê com satisfação que ellas continuaram a evolucionar para o seu ideal incerto, activa e conscienciosamente. Remontando um instante á sua humilde origem, comparem-n'as na actualidade com esse innumero e prodigioso delirio de petalas, esses discos e esses globos de cobre avermelhado, com essas espheras de prata velha, esses trophéos d'alabastro e d'amethista, que parecem querer esgotar até aos ultimos enigmas o mundo das fórmas outonaes e dos tons que o inverno confia ao seio das florestas adormecidas, e é então que se admiram esses generos imprevistos e essas especies insolitas. Assim, ha a maravilhosa familia das estrellas: planas, brilhantes, diaphanas, compactas e carnudas vias lacteas e constellações da terra que correspondem ás do azul.

Em orgulhosos pennachos, esperam os diamantes do orvalho e para envergonharem os nossos sonhos, o prodigioso poema das cabelleiras irreaes: cabelleiras sabias, precisas e meticulosas, loucas e milagrentas, raios de lua mesclados, sarças de ouro e turbilhões de chammas, anneis de raparigas risonhas, de nymphas perseguidas, de bacchantes apaixonadas, de sereias desmaiadas, de virgens frias, creanças a brincarem, a quem anjos, mães, faunos, amantes, acariciaram com as suas mãos calmas, mysteriosas ou tremulas.

Eis porque eu gósto do chrysanthemo: é porque sigo a sua evolução com uma curiosidade fraternal. Entre as plantas domesticas, é ella a mais submissa, a mais malleavel. E as suas flôres como que estão impregnadas do pensamento e da vontade do homem...

A entrega das credenciaes

No palacio de Belem teem ultimamente os ministros dos paizes estranjeiros feito entrega das suas credenciaes ao presidente da republica, seguindo-se as cerimonias do estylo.

Assim, o sr. barão Kulm de Kuhnenfeld, em nome do imperador d'Austria, sir Hardinge, pelo rei Jorge V, e o sr. marquez de Villalobar, pelo rei de Hespanha, foram recebidos pelo sr. dr. Manuel d'Arriaga, sendo os discursos proferidos de parte a parte no tom mais amigavel possivel.

Sir Arthur Henry Hardinge foi nomeado em 1894 consul geral na Africa oriental allemã, e em 1895 commissario na Africa oriental ingleza.

Ministro na Persia, em 1902, acompanhou o *schah* na sua visita á Gran-Bretanha, e, no anno seguinte, o vice-rei da India, n'uma excursão pelo golpho Persico. Tomou parte

A GUARDA D'HONRA
NA ENTREGA DAS CREDENCIAES

na conferencia do trafico d'armas, e em 1910 nomearam-o plenipotenciario do seu paiz na conferencia de Bruxellas sobre fronteiras entre a Uganda e o Congo, sendo representante do seu paiz, em 1911, nas exposições de Roma e Turim.

E' gran-cruz de S. Miguel e S. Jorge, gran-official da Ordem do Banho, tem as medalhas militares d'Uganda, durante a revolução dos arabes, do Jubileu de 1887 e da coroação de 1902.

Os presentes do Natal

Pode-se affirmar d'estes presentes o que José Prudhomme dizia n'um banquete:

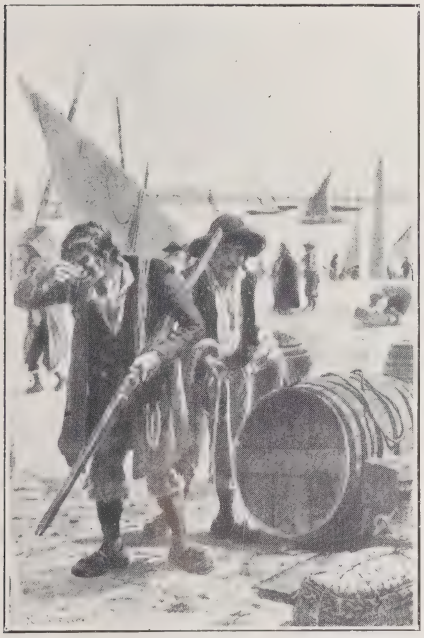
— O uso do jantar provém da mais alta antiguidade.

Um dos meus amigos assegura que foi uma invenção da mulher.

E accrescenta:

— Uma invenção diabolica.

Se os romanos não teem raptado as sabinas — os raptos tambem se originam na



EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
OS MARIOLAS (COSTUMES ANTIGOS)

mais alta antiguidade é provavel que os presentes pelo Natal estivessem ainda no limbo.

Este costume só existia entre os sabinos. E quando os romanos fizeram o que a ninguem é licito ignorar, as sabinas levaram-o nas suas tunicas desacolchetadas. Como os presentes, por mais simples que sejam, sustentam a amizade, e os romanos testemunhavam, da maneira mais expressiva, a sua affeição pelas sabinas, acharam encantador mante-los... e d'ahi se enraizou a moda! E após Roma, todo o mundo acompanhou a novidade.

De principio foi biblico: eram modestos, residia tudo no sentimento. Offereciam-se fructos, flôres, plantas. A's vezes uma tamara envolta n'uma folha d'ouro. Tudo isto tinha uma significação de que me vão dispensar as explicações, porque as encontrarão em qualquer encyclopedia.

O visco tem uma acção benefica. Não lhes exporei os motivos. Porque se lhes fosse a explicar o porquê e o como das mysteriosas influencias das cousas, nem um numero dos *Serões* chegaria.

Talvez escreva um dia a historia dos amuletos e dos talismans.

No presente contento-me em affirmar aqui, segundo tradições millenarias, a virtude secreta de certos presentes. Se o visco, repito, não traz a felicidade, traz pelo menos a esperança d'essa dita.

E' já alguma cousa. Offereçam, pois, essa planta da familia das loranthaceas áquelles a quem estimam. Preserva-los-hão das doenças nervosas, afastarão os espiritos maus; ponham-n'a n'um berço, e não terão a re-

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
A REZA DO TERÇO (COSTUMES ANTIGOS)

ceiar convulsões para o *bébé* que dorme n'esse ninho. Envolvam esse ramo n'uma fita encarnada, a côr que é o emblema da força e do exito, e ahi teem um presente simples e delicado.

Querem fazer as cousas mais á grande?

procurem um escaravelho. As necropoles egypcias estão cheias. Não ha nada mais celebre nem mais efficaz. Offereçam-n'o engastado n'um annel, em brincos, n'um alfinete de gravata ou de chapéo. Nada livra melhor dos maleficios e da terrivel má sorte.

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO. — SALOIA ANTIGA

O coral nas orelhas ou em berloque, segundo os gaulezes, garantia d'accidentes e de ferimentos. Excellente para os militares e os que andam muito em caminho de ferro.

Mas o que mais se preconiza é o elephante talhado n'uma sardonica.

Essa joia deve ser de materia branca e não em marfim, porque este acarreta desgraças violentas, assim como a opala.

O elephante como amuleto tem uma virtude incomparavel.

As flôres, — exceptuando a tulipa e a esteva, que não dão felicidade — o coral, são presentes de sorte; mas nós queremos tambem que aquelles que damos no-la transmittam e, ás vezes, de seguida. Não digo que seja o melhor dos sentimentos humanos, mas emfim...

Encontrar-se-hão, pois, embaraçados os espiritos cheios de calculo e d'interesse, para offerecer um presente em harmonia com o gosto da pessoa a quem se queira agradar! Olhae as mãos das mulheres, e verão o que as tenta.

Em primeiro logar, todas gostam de joias, pulseiras, anneis, berloques. Evitem apenas o ferro esmaltado a ouro e as pedras fataes.

Desconfiae tambem das turquezas — a pedra extraordinaria que muitas vezes não ama quem a usa, e morre, e vinga-se, — e assim deem antes o rubi, a esmeralda, o brilhante, sobre tudo o primeiro, e não abusem das perolas. Ha algumas que sympathisam ou não sympathisam com certas naturezas, descoram, entristecem e vingam-se tambem.

Offereçam joias.

Para as mãos com dedos afilados escolham anneis artisticos, rendas antigas, sedas raras. As flôres podem contentar com um espirituoso cumprimento.

Para as de dedos grossos, cousas praticas: um objecto d'ouro, que conservará sempre o seu valor pelo peso, um movel, uma pelle.

Podem, até, se o vosso gráo d'intimidade o permittir, pagar a conta da modista. E como os dedos grossos sabem contar, a importancia não será por ahi além.

Aos dedos conicos, offerecei não importa o que d'agradavel, util ou inutil. Não teem predilecção: são os dedos das creanças.

Os mais difficeis de contentar são os dedos espatulados, aquelles que teem a unha como que esmagada. Essas pessoas gostam do movimento: offereçam-lhes um automovel, um coupé, um balão dirigivel, ou uma viagem ao estranjeiro.

A exposição Roque Gameiro

Um verdadeiro acontecimento — e pode-se mesmo dizer que o unico do mez — a abertura da exposição d'aguarellas d'um artista tão distincto como Roque Gameiro, e que allia á despretensão um merito absoluto, o que ainda maior valor lhe dá.

Com o seu talento d'observador, a sua precisão em passar á tela o que vê como ninguem, põe em todos os seus trabalhos uma enorme honestidade, sabendo dar os tons exactos dos seus longos estudos.

No seu *atelier* veem-se tambem aguarellas de suas filhas as sr.as D. Rachel e D. Helena.

E em todas as que estão expostas — nas

do mestre e das discipulas — é para admirar o colorido, o traço, a perspectiva, a mão firme que tracejou, o cuidado que tudo revela.

Roque Gameiro podia ser o verdadeiro artista popular, se essa camada estivesse perfeitamente educada. Quem tanto sabe fixar-lhe os costumes, merecia o agradecimento por tão bem as interpretar.

Entremeiadas com esta resenha encontrarão os leitores algumas das aguarellas mais typicas, embora a escolha não fosse facil, tantas deviam ser as que tinham direito a ficarem aqui signaladas.

Outro crime

Não se conseguirá nunca acabar o estudo do coração humano e os maiores psychologos perderão sempre o seu latim. Ha dias, na Avenida, deu-se outro crime apaixonado, e como se tornaram tão vulgares quasi se não lhes presta attenção de maior. Comtudo, cada um d'elles, resalta por alguma particularidade. Teem todos a mesma origem, que é vulgarmente o ciume, e o mesmo fim, — o assassinio; os estados d'alma e os processos é que variam ao infinito. Esse crime constitue, parece-me, um caso completamente especial.

Trata-se d'um rapaz que matou a amante porque suspeitav que ella lhe não era fiel. A aventura não tem em si na a de extraordinario, mas o que a torna singular, são as condições em que os dois se encontraram. Elle notara-a um dia na rua e, sem hesitação, abordara-a. Ella respondeu-lhe e, de seguida, contara-lhe a sua historia, que era casada.

Elle, então, achara muito lisonjeiro desviar uma mulher casada dos seus deveres e offerecera-lhe o seu coração. Mas, uma vez, o mancebo notou que a sua companheira não se portava na rua com o decoro devido. Correspondia sem rebuço aos olhares ardentes que lhe lançavam. E o ciume invadiu-o... e matou-a. Provavelmente teria evitado essa loucura, se pensasse que fôra justamente na rua e nas mesmas condições que conhecera essa mulher e se ella possuisse os sentimentos de fidelidade que lhe exigia, teria principiado por o repellir a primeira vez que a abordara...

O descanso semanal

Contaram-me hontem uma historia extravagante e que desejo trasladar para este *magazine*, e tanto mais que estando ha tres annos em execução a lei do descanso semanal, as diversas classes que ella affecta cada vez se mostram mais descontentes.

Ora ha para ahi um pequeno café que tem uma clientela discreta, e onde a dona do estabelecimento se mostra sempre contente, mas no ultimo sabbado a sua catadura era terrivel.

Interrogado o moço que serve, respondeu:

— E' por causa do descanso semanal. Hontem apresentou-se aqui uma commissão de vigilancia para ver como se cumpre a lei. Ora a sexta-feira é o meu dia de descanso, mas desde segunda até quinta eu fui fóra ver um irmão que está doente, e como não trabalhei quatro dias, julguei que cumprira bem o meu descanso hebdomadario.

Um dos da commissão perguntou-me:

— Você não se chama Antonio? N'esse caso hoje, para si, não é dia de trabalho!

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO. — UM INTERIOR

Expliquei-lhe o que se passara.

— E' o mesmo. O seu dia de descanso é a sexta-feira. Com isso é que se deve contar. Daremos parte da infracção.

E de seguida dirigiram-se para a cozinha.

Interrogada a rapariga que lá estava, respondeu que fazia o café para os freguezes.

— Mas n'esse caso deve descansar um dia por semana.

— Não me fatiga nada. Não leva meia hora.

— Meia hora ou um dia é a mesma cousa. D'ora avante descansará uma vez por semana, ou damos parte.

EXPOSIÇÃO ROQUE GAMEIRO
TANQUE NA QUINTA DO CONVENTO DO CARMO
(COLLARES)

A commissão, que tanta consciencia e perspicacia revelou, viu tambem junto do balcão uma rapariga dos seus quinze annos.

— E' minha sobrinha, apressou-se a dizer a patroa. Adoptei-a...

— Provavelmente ajuda-a nos trabalhos do café. E paga-lhe?

— Pago... volveu a tia com um certo embaraço, sem lhe pagar. Attendo ás suas necessidades.

— E' um pagamento. E deve descansar tambem semanalmente.

— Oh! senhores! volveu a pobre commerciante indignada, conheço os meus deveres, e tenho a experiencia da vida. Não mandarei minha sobrinha passear sosinha por essas ruas, sob o pretexto de lhe dar um dia de descanso. Tem de ficar aqui sob as minhas vistas.

E a commissão dictou este *ukase:*

— Póde ficar no café. Mas, todas as terças-feiras, não deve em nenhum caso, e sob nenhum pretexto, ir para o balcão. Assente-se n'uma cadeira, a qualquer mesa, onde lhe aprouver, menos estar ao balcão. Ou... será multada.

Todas as terças-feiras a pobre rapariga é vista sentada a uma das mesas, a fazer *crochet*, aborrecendo-se a mais não poder. E' o seu dia de descanso.

E durante tanto tempo os nossos legisladores, reunidos n'um velho pardieiro, discutiram demoradamente os artigos d'esta lei...

Desejos do Natal

Seja-me licito deixar aqui as apreciações de varios homens acerca dos seus desejos sobre o que quereriam que o Natal fosse, isto é, expressando os seus votos pelo futuro anno.

Apontarei apenas os que me parecem mais contundentes. Tentei fazer o mesmo com os nossos homens de mais valor, mas nas dez respostas que me enviaram sobresahia tanto a nota politica ou pessoal, que desisti do meu intento.

Diz o general Galliffet:

«No paiz em que eu habitarei proximamente, no outro mundo, desejo:

Uma republica presidida por um Roosevelt;

Um generalissimo como Oyama;

Um almirante como Togo;

Um ministro das finanças tão habil e prudente como Poincaré;

E para a capital d'esse paiz um prefeito de policia tal como Léprine.

Desejo além d'isso o livre exercicio de todos os cultos religiosos, devendo os seus ministros ser alheios á politica.

Desejo que n'essa republica todos os ho-

mens que, tendo vinte a sessenta annos, não se entreguem a nenhum trabalho util á sua gloria, ou á prosperidade do paiz, sejam classificados como doentes ou condemnados a levar para alem das fronteiras o seu pouco merito.

Desejo, emfim, ser n'essa republica um cidadão util.»

O compositor Jules Massenet:

«Um pensador escreveu: — Ha ainda milagres, ha ainda boa gente. — Esperemos ter a felicidade d'encontrar tudo isso no proximo anno.»

O pintor Roll:

«Mais luz nas paletas;
Mais bondade nos corações;
Mais sol na vida.»

De Marcella Tinayre:

«O que desejo? Aos outros: que a vida — ajudada pela vontade — realise o desejo secreto que, inconscientemente, formarem no coração. Para mim: saber amar tudo o que amo, melhor, sempre e mais.»

O abbade Klein:

«Possam os nossos amigos da direita acclimatarem-se ao espirito do progresso, os nossos amigos da esquerda ao respeito das verdades immudaveis, e todo o mundo comprehender que Jesus, dizendo que vinha augmentar a vida, condemna a paixão de destruir e a d'immobilisar!»

O critico Emilio Faguet:

«Desejo morrer antes que se realise tudo o que prevejo para o meu estupido paiz.»

O litterato Paul Hervieu:

«Desejava saber porque é que a humanidade está na terra! Porque se o unico fim fosse ulteriormente recompensar ou castigar as virtudes e os vicios d'este mundo, reflictam: a fundação da vida foi má para os maus. Ha alguma outra cousa que me escapa.»

Do administrador da Comédie-Française, Jules Lemaître:

«Se os meus compatriotas não podem amar-se uns aos outros, ao menos que se conservem tranquillos!»

D'Emilio Boutroux:

«Diz-se que a humanidade é como que um só homem que subsiste sempre e aprende continuamente; desejo a esse homem velho, que conserve as qualidades da sua mocidade.»

De Romain Rolland:

«Aprende a gosar tanto da felicidade que principia como a lamentas quando ella acaba...»

De Franck Puaux:

«Que os politicos se tornem politicos e os livres-pensadores pensadores-livres!

Morram os anathemas d'homens contra homens, de Egreja para Egreja, de povo contra povo!»

Uma nova exposição

No corrente mez a photographia Fernandes vae expôr uma serie de trabalhos que constituirá um grande acontecimento artistico.

Nas suas magnificas salas apresentar-se-hão quadros enormes, como o do presidente da republica, o dr. Manuel d'Arriaga, e outras personalidades, assim como paizagens, retratos d'individualidades em artes, nas letras, no jornalismo, uma collecção completa d'actores e d'actrizes, emfim, uma exhibição como nunca se viu n'este genero, tão avultada como perfeita.

A maneira como são alli executados os trabalhos, o estudo cada vez mais aperfeiçoado com que se acompanham os progressos d'esta arte no estranjeiro, tudo faz com que o sr. J. Fernandes seja um dos mais desvelados cultores de Daguerre, de Niepce, de Talbot, e os seus trabalhos os mais perfeitos que se apresentam por ahi.

PORTUGAL DA SILVA.

A fraqueza do corpo, debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE**.

Vianna da Motta

No Theatro da Republica o famoso pianista Vianna da Motta deu cinco concertos, que foram uma perfeita manifestação d'arte, e o illustre discipulo de Liszt, transmittiu a obra do glorioso musico ante um publico enthusiasmado, executando os melhores trechos do seu professor.

Vianna da Motta, quando tinha 16 annos, e terminara os seus estudos no Conservatorio Scharwenka, pediu a Franz Liszt para o ouvir, e elle dirigiu-lhe palavras d'elogio e d'incitamento.

Uma occasião executou com tanto brilhantismo uma sonata composição sua, que, em plena aula, Liszt abraçou-o commovido.

E inda outra vez deu este aos seus discipulos, em numero de trinta, a execução da aria de Bach, e decorridos poucos dias, foi Vianna da Motta o unico que a executou correctamente.

Umas horas de pura arte que esse portuguez notavel, que tanto tem honrado o nosso paiz no estranjeiro, nos transmittiu, e pelas quaes todos lhe devem ser gratos.

S. Carlos

A empreza Calleja e Boceta emprega todos os seus esforços para apresentar um magnifico elenco, e assim tem já contractado um nucleo d'artistas notaveis, como Rosina Storchio e o tenor Macnez, figurando mais os seguintes nomes:

Sopranos: Alexina, Crestani, Mazzoleni, Gagliardi, Crehnet, Esguembre e Pepita Sanz.

Meios-sopranos: Hotkomka, Buisen e Blasco.

Tenores: Del Ry, Zenowieff Famados, Viñas e Metam.

Barytonos: Challis, Quercia, Ancona, Hernandez, Baneos, Rossato e Riera.

1.ª bailarina: Horn.

Director de orchestra: Giovani Jienetti.

Nacional

O antigo theatro de D. Maria parece que se libertou do mau olhado que lhe tinham lançado e abriu a epocha com uma peça interessante, *20:000 Dollars,* de Jean Armstrong, traduzida do francez d'Yves Mirande e Henri Géroule, e que lhe deram o titulo *Le Mysterieux Jemmy.*

Muito superior ao *Raffles,* mas inferior ao *Arsène Lupin,* de Francis Croisset e Maurice Leblanc, *20:000 Dollars* é captivante, e tem chamado publico áquella casa de espectaculos, elle que desertara por completo ha tanto tempo d'alli.

E a curiosidade que excita o deslisar d'aquelles episodios tão empolgantes é tal, que se lhe relevam algumas scenas um tanto longas, e perdoa-se-lhe, o que a nossa raça não comprehende, essa promiscuidade de

ladrões e de homens de bem, de ministros e *escrocs*, de meninas romanticas apaixonadas e vindo a casar com gatunos, d'*habitués* das prisões tornarem-se administradores de estabelecimentos bancarios...

Posso sem favor citar no desempenho Ignacio, que demonstrou muito estudo; Carlos Santos n'um dos seus papeis mais felizes; Luiz Pinto e Augusto de Mello.

As outras personagens são secundarias, não merecendo menção em especial.

Republica

A primeira novidade theatral que o Republica apresentou foi o *Homem fatal (Le marchand de bonheur)*, de Henry Kistemaeckers, o auctor do *Instincto*, uma peça extraordinaria e de subido interesse, e que o nosso publico ainda desconhece, embora haja por ahi duas traducções, e do lindissimo *lever de rideau Dent pour dent*.

O *Homem fatal* não tende a apresentar nenhuma these, a resolver qualquer problema, d'onde se desenvolva uma philosophia subtil, e as personagens que o auctor pretende serem excepcionaes, não nos dão esse significado.

Encontra-se, evidentemente, o seu tanto de novidade n'esse trabalho, mas o que me parece, é que elle não cala no animo do espectador, que chega, por vezes, a não comprehender bem o intuito do auctor, semelhando *fantoches* esses a que busca dar-lhes o seu tanto de movimento, d'alma, de coração.

Depara-se com muito artificio, o pessimismo mesclado com o optimismo, o romanesco, o realismo, de maneira que a idéa a que Kistemaeckers obedeceu escapa-nos, constitue uma nebulosa, o que é o principal defeito.

Alphonse Daudet, dizia muitas vezes que desejaria ser um *marchand de bonheur*.

E affirmava que todos possuem a força necessaria para serem felizes, mas a mór parte das vezes não a sabem empregar.

O resumo do *Homem fatal* cifra-se em que, querendo-se fazer o bem, pode-se ser conduzido a fazer o mal, e se se conseguisse crear a felicidade, sería apenas para o proprio, e não para os alheios.

Os typos do *Homem fatal* não são dos que mais se adequam aos nossos artistas. Ha alli muito parisianismo, que elles desconhecem em absoluto, e a que não se adaptam com facilidade.

Citarei, porém, depois d'attender ao reparo acima, Adelina Abranches, a quem coube o papel da infeliz Lantelme, morta desastradamente no Rheno, e Chaby.

Quanto aos papeis de Ferreira da Silva e de Brazão, estão trocados, e se a distribuição fosse como entendo, a peça teria tido muito mais realce.

Gymnasio

O *Thalassa*, uma farça aproposito, dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, padece d'um defeito: assumpto muito fraco para se espalhar em tres actos.

Foi o contrario da peça dos mesmos senhores: *Direitos da Mulher*, onde elles tinham margem para se espargirem.

Os typos do *Thalassa* estão bem observados. Ha espirito, situações comicas, e denota-se que os srs. Cohen e Barbosa teem qualidades de dramaturgo.

Noto, comtudo, que os auctores não quizeram accentuar nenhum dos papeis, de maneira que não ha destaques, constituindo apenas um desempenho muito homogeneo.

Trindade

Vae seguindo com o seu antigo reportorio, onde é estrella — e escreve-se com toda a sinceridade — Palmyra Bastos, a nossa inconfundivel artista d'operetta, talento luminar da scena portugueza, e que tão apreciada é pelos espectadores, não só como actriz, mas tambem pelas suas primorosas e austeras qualidades de mulher.

Apollo

Não mudou ainda de cartaz, porque o *Chico das Pégas* tem tido tão bom acolhimento do publico que sería um erro cortar-lhe a carreira.

Entretanto a empreza tem em ensaio varias peças, como os *Pimentas, Pobre Valbuena, Feira de Vaidades* e Eduardo Schwalbach está concluindo a revista do anno.

Avenida

Com a vinda da companhia Galhardo, está passando em revista o reportorio que deu no Brasil, e onde avultam as operettas viennenses, sendo a principal interprete Cremilda d'Oliveira.

Rua dos Condes

Agradou a revista *Fandango & Maxixe*, dos srs. Penha Coutinho e Celestino da Silva, e embora os ditos sejam demasiadamente frescos, o 1.º acto é bem feito, e o 2.º. depois dos respectivos córtes, deve ficar muito acceitavel.

O scenario é bonito e os fatos luxuosos.

Coliseo dos Recreios

O sr. commendador Antonio Santos resolveu dar um só espectaculo todas as noites com a companhia de circo que alli está funccionando, por meios preços, constituindo noites apraziveis e por quantia diminuta.

Animatographos

E' difficil escolher.

Se se olha para a **Trindade** veem-se annunciadas fitas sensacionaes, se é o cartaz do **Chiado Terrasse** que se lê, o programma é tentador.

O unico remedio é ser assiduo frequentador dos dois cinematographos.

PORTUGAL DA SILVA.

AVISO

A publicação dos SERÕES é interrompida neste número. Aos nossos assignantes que acaso hajam pago importancias relativas a mêses futuros, rogamos o obsequio de as reclamarem á Administração.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME XIII

(2.ª SÉRIE)

ALGARVE (O) — Por João Mascarenhas de Mello 277

ARTE PORTUGUEZA — (Illustrações): A Salmeja, Silva Porto 258

Bailados Espanhoes, Silva Porto 271

Caminho da Fonte Velha (Paço do Lumiar), Silva Porto . 331

Christo crucificado, Columbano — (Frontispicio) 402

Conduzindo o Gado (Ribatejo), Silva Porto 196

Estatua do Conde Ferreira, Soares dos Reis — (Frontispicio) 322

Feira no Minho, Silva Porto 139

Na Arribana, Silva Porto 187

Partida de Vasco da Gama, Vaz 381

Pôr do Sol, Carlos Reis 15

Retrato de Silva Porto, Velloso Salgado 135

Retrato de Madame S. L., Carlos Reis .. 292

Retrato da Mãe do Auctor, Carlos Reis 36

ASTRONOMIA DAS SENHORAS — Por Affonso de Castilho. 25

BRAZÕES JAPONEZES (OS) — Por W. de Moraes 243

CABEÇA DE MOISÉS — (Frontispicio) .. 2

CÃES (OS) — Por Victor Ribeiro 37

CANTO DO AMOR NO MAR — Versos por Jayme Cortezão 327

CARLOS REIS — Retrato a crayon do Dr. B. 82

CASAS NA AMERICA (AS) — Por Alfredo Mesquita 464

CATADUPA ARDENTE (A) — Por Frank Laville 213

CASTELLO DE PENELLA (O) — Por Augusto Casimiro 323

COISA MÁ — Por M. C. 17

COLLECÇÃO ORIGINAL (UMA) — Por Manoel de Macedo ... 265

CONCURSO HIPPICO DE MAIO (O) — — Por F. de L. 43

CHOLERA NA MADEIRA (A) 3

CHRONICA DA MODA 77

CREDITO, ALAVANCA DA AGRICULTURA (O) — Por R. F. Mayer 48

D. JOÃO I — Por Damião Peres 93

EM TANGER — Por Gil Eanes 272

ESTRATAGEMA DE ROSA (O) 115

EXPULSÃO DOS JESUITAS DA CIDADE DE ANGRA — Por Alberto Telles 328

FLORENÇA A AMOROSA — Por Justino Montalvão, 83 e .. 163

GRANDES POTENCIAS MUNDIAES (AS) — Por Reis Machado 349

INFINITO (O) — Por Leonardo Coimbra . 14

JANAGHIDANIKWANNON—Por Wenceslau de Moraes..... 29

JORNAL DO MAR (O) —Por Alfredo Guimarães, 293, 359 e.... 450

MOLEIROS (OS)— Por Alfredo Guimarães 173

NOITE DE PANDEGA—Adaptada do inglés por Manoel de Macedo 53

NOTAS DE BANCO ROUBADAS (AS) —Por Manoel de Macedo 337

NOSSO INIMIGO (O): O ALFERES— Por José Francez 205

ONDE EDUCAR AS NOSSAS FILHAS?—Por Agostinho de Campos 102

PELO MUNDO FORA 74, 150, 233, 318 e.. 385

PORTO (O)—Por Henrique Marques Junior..... 179

RESENHA PORTUGUEZA—Por Portugal da Silva, 63, 141, 223, 305, 371 e..... 470

RETRATO DE MADAME VIGEE— (Frontespicio) 162

S. FREI GIL—Por Fidelino de Figueiredo 443

SEGUNDO S. MATHEUS—Versos por João Penha 348

SERÕES DAS SENHORAS, 157, 237, 319 e 396

THEATRO DA NATUREZA (O)—Por Victor Ribeiro 190

THEATROS—Por Portugal da Silva, 71, 147, 230, 314, 382 e. 478

TURISMO EM PORTUGAL (O)—Por Antonio Arroyo..... 426

UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE E A CELEBRAÇÃO SCIENTIFICA DE DARWIN (A)—Por Silva Telles 403

UM DIA EM S. JULIÃO DA BARRA —Por Maximiliano de Azevedo, 125 e..... 197

UMA CAÇADA NOCTURNA 136

VELHO PESCADOR (Um) — (Frontispicio) 242

VENDILHÕES AMBULANTES (OS)— De Rocha Martins... 259

VISÃO DE JESUS— Versos por Augusto Casimiro 188

VOLUPTUOSO MILAGRE — Por Aquilino Ribeiro..... 251

Expediente

Aos nossos assignantes dos **"Serões"** que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envío pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine **"Serões"**.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Ultimas publicações da Livraria Ferreira

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Antonio Sergio — *Notas sobre Anthero de Quental*, 1 vol. br.	700
Conan Doyle — *Aventuras do Brigadeiro Gérard*, 2 vol. illustrados, cada	200
José de Figueiredo — *O pintor Nuno Gonçalves*, 1 esplendido volume, muito illustrado, impresso em papel superior, br.	1$500
Antonio Sergio — *Rimas*, 1 vol. br.	500
Fernão Mendes Pinto — *Peregrinação*, edição cuidadosamente revista, completa, em 4 vol., cada vol. enc. 700, br.	500
Conde de Monsaraz — *Obras*, 2 vol. br.	1$200
André Brun — *Dez contos em papel*, 1 vol. br.	600
Jayme de Séguier — *Diccionario Pratico Illustrado*, 1 vol. de 1:755 paginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina com ferros especiaes	3$000

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida pauta com toda attenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** *e sempre o tem á mão.*

(Marca registada) **DERMOL** **O remedio das familias**

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas,* etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira,* a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel.

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cancros, pequenas queimaduras,* etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes,
Virus de serpes, té qualquer pancada.
Excoriação, ou golpe, ou callo molle:
Põe-se **DERMOL** *e ficam logo em nada.*

gente que se presa deve ter um vidro de DERMOL sempre á mão

em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o DERMOL quasi sempre é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

LINDACUTIS

(Marca registada)

O melhor leite antephelico e o melhor cosmetico para o toucador

Lindacutis é um leite virginal, glycoboratado, *antiseptico,* de effeitos beneficamente admiraveis e constantes sobre todas as manifestações morbidas da epiderme.

A **Lindacutis** conserva, realça e augmenta a belleza porque só ella amacia a epiderme, tira as manchas, evita as rugas e cura todas as erupções, caspa, eczemas, brotoeja, fogagem, coceiras, e até evita o contagio de muitas doenças que se transmittem pelo rosto e pelas mãos.

A **Lindacutis** faz cicatrizar rapidamente as ulceras ou feridas chronicas e cura a inflammação ou irritação dos dartros ulcerados e das eczemas.

Applicada depois de fazer a barba preserva de todas as doenças que se podem transmittir pelas navalhas.

Fogagem, caspa, eczemas, brotoeja;
Qualquer que seja a inflammação da cutis:
Usageres, fridas, crostas, assamentos
Taes soffrimentos cura a **LINDACUTIS.**

Usae a **LINDACUTIS** *e evitareis o contagio de muitas doenças*

BLENOL

(Marca registada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradavel para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blenol.**

Unico remedio n'este genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injecções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor e sem provocar estreitamentos nem orchites.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrheias* e *prostatites,* recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrheia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc.

Soffreis dos rins, do utero, das urinas,
Doenças mofinas, mal de tanta gente?
— «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll,
«Usae **BLENOL,** *interna e externamente»*

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO

Ver instrucções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instrucções e attestados.

Da linda Igneç os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENOL;** *e os seus tormentos*
De antigas dôres logo se curaram.

Blenol - Lindacutis - Dermol

Especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00617 7386